UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE DE RIBEIRÃO PRETO

LUCAS VICENTINI

O desenvolvimento da participação esportiva de praticantes faixas pretas de jiu-jítsu não competidores

Ribeirão Preto

2021

LUCAS VICENTINI

O desenvolvimento da participação esportiva de praticantes faixas pretas de jiu-jítsu não competidores

Versão Corrigida

Dissertação apresentada à Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de mestre em Ciências, Programa de Pós-Graduação Educação Física e Esporte.

Área de Concentração: Atividade Física e Esporte.

Orientador: Prof. Dr. Renato Francisco Rodrigues Marques

Ribeirão Preto
2021

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Vicentini, Lucas.
O desenvolvimento da participação esportiva de praticantes faixas pretas de jiu-jítsu não competidores. Ribeirão Preto, 2021.
308 p. : il. + 1 CD

Dissertação de Mestrado, programa de Pós Graduação da Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, 2021. Área de concentração: Atividade Física e Esporte.
Versão corrigida

1 Participação esportiva. 2. Desempenho esportivo.
3. Desenvolvimento pessoal. 4. Transição de carreira. 5. Jiu-jítsu.
I. Marques, Renato Francisco Rodrigues de, orient. II. Título.

Nome: VICENTINI, Lucas.
Título: O desenvolvimento da participação esportiva de praticantes faixas pretas de jiu-jítsu não competidores.

Dissertação apresentada à Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____
Instituição: _____
Julgamento: _____

Prof. Dr. _____
Instituição: _____
Julgamento: _____

Prof. Dr. _____
Instituição: _____
Julgamento: _____

Ao jiu-jítsu.

Uma pequena contribuição se comparada a tudo que devo ao jiu-jítsu.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar gostaria de agradecer aos meus pais, Dejanir e Rosana, que sempre me ofereceram suporte emocional, social e financeiro, apoiando minhas escolhas e sempre enfatizando a importância da dedicação ao trabalho e ao estudo.

À minha namorada Bárbara, por seu companheirismo, apoio, carinho e compreensão nos momentos mais cruciais da minha vida acadêmica, profissional e pessoal.

Aos professores e professoras que me inspiraram durante toda minha vida, sou grato por cada ensinamento, em especial, aos professores de educação física que me influenciaram inicialmente na escolha do curso, Gustavo, Ivo, Emanuel e a professora Roseane, que me apoiou bem no início da minha carreira profissional.

Aos professores de jiu-jítsu que frequentemente me refiro como “mestres”, principais responsáveis por toda minha paixão pela arte suave, Flávio, Jean, Willian e Bruna.

Aos amigos que fiz no jiu-jítsu e aqueles que apresentei ao jiu-jítsu, por compartilharem desta experiência ímpar. Em especial, aos queridos alunos Augusto e Maurício, que me acompanharam durante todo o processo de mestrado e foram uma fonte de inspiração.

A todos os irmãos que a vida me presenteou em forma de amizade. Em especial, aos meus sócios Bruno, Mateus, Walmir Romário e João Vitor, pela paciência nos momentos que precisei dar mais atenção às demandas do mestrado.

Aos parceiros de USP e de GEPESPE, por contribuírem de forma inestimável, não só com minha formação acadêmica e com a presente pesquisa, mas também para minha formação como pessoa.

Ao Iuri Salim de Souza, com quem tive o prazer de dividir esta jornada, pela parceria durante toda a pesquisa, de sua estruturação, perpassando pela análise dos dados, às incontáveis horas investidas em revisões, arguições e debates acalorados. Minha mais sincera gratidão.

Aos Professores Doutores Paulo Cesar Montagner, Márcio Pereira Morato e Ricardo João Sonoda Nunes, pelo aceite em avaliar este trabalho e oferecer suas valiosas contribuições.

Ao meu orientador, Professor Doutor Renato Francisco Rodrigues Marques, por todo apoio recebido nas esferas acadêmica, profissional e pessoal, por ter me ensinado a fazer pesquisa e me orientado nos últimos oito anos ao longo de todo minha passagem pela universidade. Jamais me esquecerei dos valores aprendidos.

“O que diferencia os grandes homens dos comuns não é a perfeição, mas a capacidade de realizar grandes feitos apesar de suas fraquezas”

(GUIMARÃES DA SILVA, 2016, p. 153).

VICENTINI, Lucas. **O desenvolvimento da participação esportiva de praticantes faixas pretas de jiu-jítsu não competidores.** 2021. 309f. Dissertação (Mestrado em Educação Física e Esporte) – Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 2021.

RESUMO

O jiu-jítsu tem passado por um aumento considerável no número de seus praticantes ao longo das últimas décadas e a maioria dos envolvidos não participa de competições formais. São pertinentes investigações sobre a formação esportiva de indivíduos considerados bem-sucedidos no esporte a partir de uma definição de sucesso esportivo mais ampla. Tomou-se como premissa que aqueles que conquistaram a faixa preta de jiu-jítsu experimentaram uma formação esportiva bem-sucedida, fazendo com que a participação esportiva de indivíduos "não competidores" seja passível de investigação. Este estudo teve como objetivo "investigar o desenvolvimento da participação esportiva de praticantes não competidores de jiu-jítsu, graduados faixa preta, moradores da região de Ribeirão Preto/SP, a partir da perspectiva dos próprios participantes". Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com seis praticantes de jiu-jítsu, graduados faixa preta, ativos, moradores da região de Ribeirão Preto, homens e que nunca participaram de competições oficiais nesta modalidade esportiva. Como instrumento de análise dados utilizou-se a Análise Temática Reflexiva. Como principais resultados, têm-se a iniciação e especialização tardias no jiu-jítsu, a influência de experiências prévias ao jiu-jítsu, do sistema de graduação, do contexto em que estas práticas se desenvolveram e dos agentes sociais envolvidos. O contexto descrito remete-se ao esporte de lazer, marcado pelo seu caráter heterogêneo. Os participantes relatam que os objetivos dos praticantes adultos em uma aula de jiu-jítsu giram em torno de três eixos que frequentemente podem alterar-se e combinar-se: a) praticar; b) ensinar; e, c) competir. Cada um destes objetivos se relaciona a um tipo de investimento, pelos quais os participantes passaram no decorrer de sua experiencia: o investimento na faixa preta, na carreira de professor e na carreira competitiva. Conclui-se que desenvolvimento da participação esportiva destes participantes se deu de forma não linear, individual e sofreu influência de um conjunto de variáveis dinâmicas no nível contextual, relacional e pessoal.

Palavras-chave: Participação esportiva. Desempenho esportivo. Desenvolvimento pessoal. Transição de carreira. Jiu-jítsu.

VICENTINI, Lucas. **The development of sports participation by non-competing black belt jiu-jitsu practitioners.** 2021. 309f. Dissertação (Mestrado em Educação Física e Esporte) – Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 2021.

ABSTRACT

Jiu-jitsu has gone through a considerable increase in the number of its practitioners over the last decades and most of those involved do not participate in formal competitions. Investigations into the sports training of individuals considered successful in sport are pertinent from a broader definition of sports success. It was assumed that those who conquered the jiu-jitsu black belt have experienced successful sports training, making the sports participation of "non-competitors" susceptible to investigation. This study aimed to "investigate the development of sports participation of non-competitive jiu-jitsu practitioners, black belt graduates, residents of the region of Ribeirão Preto / SP, from the perspective of the participants themselves. Semi-structured interviews were conducted with six jiu-jitsu practitioners, black belt graduates, active, residents of the region of Ribeirão Preto, men who had never participated in official competitions in this sport. As an instrument of analysis data was used the Reflexive Thematic Analysis. The main results are the late initiation and specialization in jiu-jitsu, the influence of previous experiences to jiu-jitsu, the system of graduation, the context in which these practices were developed, and the social agents involved. The context described refers to leisure sport, marked by its heterogeneous character. The participants report that the objectives of adult practitioners in a jiu-jitsu class revolve around three axes that can often change and combine: a) practice; b) teach; and, c) compete. Each of these objectives is related to a type of investment, which the participants have passed through during their experience: the investment in the black belt, in the coach career, and in the competitive career. It is concluded that the development of sports participation of these participants took place in a non-linear, individual way and was influenced by a set of dynamic variables at the contextual, relational and personal level.

Keywords: Sports participation. Sports performance. Personal development. Career transition. Jiu jitsu.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Diferença entre as cores das faixas no jiu-jítsu e judô. 38
Figura 2 – Sistema de graduação da IBJJF: Idades mínimas e ordem de faixas. 39
Figura 3 – Estágios da participação esportiva da infância a adolescência 47
Figura 4 – Estágios da participação esportiva da infância a adolescência considerando os anos de recreação e o abandono esportivo 50
Figura 5 – O modelo de desenvolvimento da participação esportiva (DMSP) 52
Figura 6 – O modelo de desenvolvimento da participação esportiva (DMSP) considerando as diferenças contextuais entre suas etapas e o abandono esportivo definitivo 54
Figura 7 – As fases de envolvimento esportivo em relação às graduações no jiu-jitsu: generalizações e particularidades nas trajetórias dos atletas 61
Figura 8 – Quadro de Desenvolvimento de Valores Pessoais (PAF) 64
Figura 9 – Matriz das Atividades Esportivas 69
Figura 10 – O Modelo de Transição de Carreira Atlética (ACTM) 79
Figura 11 – O Modelo de Desenvolvimento das Transições Enfrentadas pelos Atletas 82
Figura 12 – O desenvolvimento da participação esportiva de Renato 103
Figura 13 – O desenvolvimento da participação esportiva de Renato no jiu-jítsu 104
Figura 14 – Mudanças de cidade de Renato 111
Figura 15 – Mudanças de professores, de equipes e os motivos das interrupções de Renato no jiu-jítsu 112
Figura 16 – O desenvolvimento da participação esportiva de Iuri no judô 118
Figura 17 – O desenvolvimento da participação esportiva de Iuri 122
Figura 18 – O desenvolvimento da participação esportiva de Iuri no jiu-jítsu 123
Figura 19 – Mudanças de cidade de Iuri 130
Figura 20 – Mudanças de professores e o motivo da interrupção de Iuri no jiu-jítsu 131
Figura 21 – O desenvolvimento da participação esportiva de Fabrício 139
Figura 22 – O desenvolvimento da participação esportiva de Fabrício no jiu-jítsu 140
Figura 23 – A mudança da zona rural para o perímetro urbano vivida pelo participante 3 147
Figura 24 – Mudanças de professores e os motivos das interrupções de Fabrício no jiu-jítsu 148
Figura 25 – O desenvolvimento da participação esportiva de Murilo 155
Figura 26 – O desenvolvimento da participação esportiva de Murilo no jiu-jítsu 156
Figura 27 – Mudanças de cidade de Murilo 164

Figura 28 – Mudanças de professores, de equipe e o motivo da interrupção de Murilo no jiu-jítsu 164
Figura 29 – O desenvolvimento da participação esportiva de Guilherme 171
Figura 30 – O desenvolvimento da participação esportiva de Guilherme no jiu-jítsu 172
Figura 31 – Mudanças de cidade de Guilherme 182
Figura 32 – Mudanças de professores, de equipes e os motivos das interrupções de Guilherme no jiu-jítsu 182
Figura 33 – O desenvolvimento da participação esportiva de Christiano no judô 186
Figura 34 – O desenvolvimento da participação esportiva de Christiano 190
Figura 35 – O desenvolvimento da participação esportiva de Christiano no jiu-jítsu 191
Figura 36 – Mudanças de cidade de Christiano 202
Figura 37 – Mudanças de professores, de equipes e o motivo da interrupção de Christiano no jiu-jítsu 203
Figura 38– A especialização no jiu-jítsu por parte dos participantes especializados no judô 222
Figura 39 – O desenvolvimento da participação esportiva de Renato, Iuri e Fabrício no jiu-jítsu 232
Figura 40 – O desenvolvimento da participação esportiva de Murilo, Guilherme e Christiano no jiu-jítsu 233
Figura 41 – Quadro de desenvolvimento da participação esportiva dos atletas de jiu-jítsu de elite e faixas pretas não competidores investigados 235
Figura 42 – O desenvolvimento da participação esportiva dos participantes estudados: as graduações no jiu-jítsu e os estágios da participação esportiva 255
Figura 43 – Locais de desenvolvimento dos participantes 258
Figura 44 – Objetivos dos praticantes de jiu-jítsu (adultos) 284

LISTA DE QUADROS E TABELA

Quadro 1 – Golpes proibidos segundo o livro de regras da IBJJF 41

Quadro 2 – Diferenças entre Jogo Deliberado e Prática Deliberada 47

Quadro 3 – Sete postulados sobre atividades esportivas na juventude que levam à participação continuada e à elite competitiva. 55

Quadro 4 – Tipos de aprendizagem e exemplos de atividades esportivas 68

Quadro 5 – Caracterização dos participantes 88

Quadro 6 – Mapa temático 96

Quadro 7 – Experiências esportivas dos participantes antes do jiu-jítsu 217

Quadro 8 – Idades aproximadas da iniciação e especialização no jiu-jítsu dos atletas de elite e dos faixas pretas não competidores 223

Quadro 9 – Participação em competições de jiu-jítsu 224

Quadro 10 – As transições normativas vivenciadas pelos participantes 239

Quadro 11 – As transições não normativas vivenciadas pelos participantes 244

Tabela 1 – Anos de prática em cada faixa: da iniciação no jiu-jítsu à conquista da faixa preta 253

LISTA DE SIGLAS

3P's	P*articipation, Personal development and Performance* (Participação Esportiva, Desempenho Esportivo e Desenvolvimento pessoal).
4C's	Competência, Confiança, Conexão e Caráter.
ACTM	*Athletic Career Transtition Model* (Modelo de Transição da Carreira Atlética)
CBJJ	Confederação Brasileira de Jiu-jítsu.
DMSP	*Developmental Model of Sport Participation* (Modelo de Desenvolvimento da Participação Esportiva).
IBJJF	*Internation Brazilian Jiu-Jitsu Federation* (Federação Internacional de Jiu-jítsu Brasileiro).
L/AM/MEC	Lutas, artes marciais e/ou modalidades esportivas de combate.
MMA	*Mixed Martial Arts* (Artes Marciais Mistas).
PAF	*Personal Assets Framework* (Quadro de Desenvolvimento de Valores Pessoais).
PYD	*Positive Youth Development* (Desenvolvimento Positivo na Juventude).

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 28

2 A APRESENTAÇÃO DO CAMPO DO JIU-JÍTSU BRASILEIRO 33

3 REFERENCIAL TEÓRICO 43

3.1 O MODELO DE DESENVOLVIMENTO DA PARTICIPAÇÃO ESPORTIVA (DMSP) 44

3.2 O QUADRO DE DESENVOLVIMENTO DE VALORES PESSOAIS (PAF) 62

3.3 O MODELO DE TRANSIÇÃO DE CARREIRA ATLÉTICA (ACTM), AS PERSPECTIVAS DE PESSOA INTEGRAL E DE DUPLA CARREIRA 75

4 MATERIAL E MÉTODOS 85

4.1 DELINEAMENTO DE PESQUISA 85

4.2 PARTICIPANTES 86

4.3 PRODUÇÃO DE DADOS 88

4.4 ANÁLISE TEMÁTICA REFLEXIVA 91

5 RESULTADOS 97

5.1 RENATO: O TÉCNICO EM TELECOMUNICAÇÕES QUE TAMBÉM MINISTRA AULAS DE JIU-JÍTSU EM SUA PRÓPRIA EQUIPE 98

5.1.1 Estágios da participação esportiva de Renato 98

5.1.2 Contexto de desenvolvimento esportivo e pessoal de Renato 104

5.2 IURI: O *PERSONAL TRAINER* QUE TAMBÉM É PROFESSOR DE JIU-JÍTSU 112

5.2.1 Estágios da participação esportiva de Iuri 112

5.2.2 Contexto de desenvolvimento esportivo e pessoal de Iuri 123

5.3 FABRÍCIO: O SEGURANÇA APOSENTADO QUE SE TORNOU PROFESSOR DE JIU-JÍTSU 131

5.3.1 Estágios da participação esportiva de Fabrício 131

5.3.2 Contexto de desenvolvimento esportivo e pessoal de Fabrício 140

5.4 MURILO: O PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR QUE ATUOU COMO INSTRUTOR DE JIU-JÍTSU DA FAIXA AZUL À MARROM 148

5.4.1 Estágios da participação esportiva de Murilo 148

5.4.2 Contexto de desenvolvimento esportivo e pessoal de Murilo 156

5.5 GUILHERME: O ANALISTA DE SISTEMAS FAIXA PRETA DE JIU-JÍTSU HÁ NOVE ANOS 165

5.5.1 Estágios da participação esportiva de Guilherme 165
5.5.2 Contexto de desenvolvimento esportivo e pessoal de Guilherme 172
5.6 CHRISTIANO: O EMPRESÁRIO FAIXA PRETA DE JIU-JÍTSU QUE NUNCA PARTICIPOU DE COMPETIÇÕES DE JIU-JÍTSU, NEM MESMO EM NÍVEL LOCAL 183
5.6.1 Estágios da participação esportiva de Christiano 183
5.6.2 Contexto de desenvolvimento esportivo e pessoal de Christiano 191
6 DISCUSSÃO 204
6.1 ESTÁGIOS DA PARTICIPAÇÃO ESPORTIVA 204
6.1.1 Experimentação além do jiu-jítsu 205
6.1.2 Especialização, investimento e manutenção da prática no jiu-jítsu 218
6.1.3 As transições entre os estágios da participação esportiva e o processo de graduação no jiu-jítsu 236
6.2 CONTEXTO DE DESENVOLVIMENTO ESPORTIVO E PESSOAL 256
6.2.1 Cenários de desenvolvimento 256
6.2.2 Qualidade dos relacionamentos 264
6.2.3 Os sentidos do treinamento e da competição 278
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS 287
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 293
APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA 305
ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO 307

APRESENTAÇÃO

Pelo que me recordo da minha infância, sempre fui uma criança muito ativa, nascido e criado em Brodowski, uma cidade do interior do Estado de São Paulo, a vinte minutos de Ribeirão Preto, hoje com cerca de 25 mil habitantes. Minhas primeiras experiências esportivas se deram na rua da minha casa e no entorno do bairro, o que perdurou por anos. Essas experiências variavam das mais rudimentares brincadeiras como subir em árvores, brincadeiras de rua, como soltar pipa e pique-esconde – valendo dar volta no quarteirão, e até atividades mais estruturadas como os diversos jogos com bola e as partidas de *bets* que movimentavam a vizinhança.

Mais tarde, já na escola, vivenciei experiências diversificadas e plurais na Educação Física, mas também tive experiências menos ricas, o que não me impediu que, nesse ponto, começasse a aflorar uma admiração pela profissão que escolheria anos mais tarde.

Porém, o que marcou foram as primeiras experiências esportivas sistematizadas, com treinador, time, uniforme e tudo mais. O futebol e o basquetebol foram as práticas sistematizadas que se destacaram em minha infância e adolescência, respectivamente, mas também recordo que experimentei treinos de natação e futebol americano por um curto período.

Como para a maioria das crianças no Brasil – pelo menos as crianças de cerca de dez anos atrás – o futebol sempre teve papel central na cultura esportiva em minha volta. Apesar de não acompanharem os jogos na televisão ou sequer ter um time do coração a quem torcer, meus pais sempre estiveram presentes incentivando o envolvimento com uma prática esportiva. Um dia pedi para que me matriculassem na escolinha de futebol do Brodowski-FC, onde jogavam meus amigos de escola. Na mesma semana já estava treinando, depois de algum tempo já estava até entrando em campo alguns minutos por jogo.

Lembro que em meu primeiro treino eu já fiz minha maior proeza no futebol. Meu pai nunca vai me deixar esquecer, eu quase marquei um gol, e de cabeça, mas eu corri para a comemoração mesmo assim, não fazia ideia do que significava “impedido”. Meus pais me apoiavam muito, ainda que sem o mesmo fanatismo dos pais de meus colegas, estavam em todos os treinos, me levavam para jogar em outras cidades, mesmo que eu fosse entrar nos três minutos finais do jogo, e por não serem nem um pouco afeitos ao futebol, tive certa dificuldade em me adequar a aquele ambiente. Com um saldo de quase dois gols, sempre na posição de lateral esquerdo desde que me recordo, perdi o interesse pelo futebol gradativamente e deixei os treinos.

Já na adolescência, meus amigos me chamaram para treinar basquetebol em um clube da cidade, gostei muito desde o primeiro dia, simplesmente por ser algo novo e diferente do futebol. Depois de algum tempo o treino mudou para o ginásio de esportes municipal, muito próximo da minha casa. Todo meu círculo de amizade estava participando de treinamentos de basquetebol naquela época, o que me incentivou muito. No basquetebol eu não cheguei a participar de competições oficiais, simplesmente porque não tinha o volume de treino suficiente para pleitear uma vaga no time que representava a cidade nos jogos regionais. Depois de um ou dois anos interrompi minha participação nos treinamentos formais e as maiores quantidades de horas acumuladas no basquetebol foram vividas de forma recreativa, pois continuei jogando deliberadamente, neste mesmo lugar e com estes mesmos amigos até os dias atuais, embora em uma frequência muito menor em comparação a adolescência.

Eis que em determinado ponto da minha adolescência estava me sentindo fraco e feio, o que fez com que despertasse o interesse em mudar de aparência através do treinamento, algo bem comum. Eu já sabia o que era preciso, desde pequeno sempre li todos os livros e almanaques que pertenciam ao meu pai e dentre eles eu já havia estudado os princípios básicos do treinamento de hipertrofia. Aos quatorze anos eu me matriculei pela primeira vez em uma academia e comecei a fazer musculação. Nesta academia vivi muitas histórias, fiz novas amizades e este foi um período fundamental para o desenvolvimento de minha personalidade e do gosto que tenho pela minha profissão. Foi lá também onde fiz amizade com o Diego, a primeira pessoa que eu conheci que falava de artes marciais milenares, golpes mortais, movimento acrobáticos, e que de fato praticava jiu-jítsu e muay thai. Ele sempre contava das suas lutas com muita paixão e não demorou muito para que eu fosse conhecer o treino para tentar ver com meus próprios olhos. Aos quinze anos eu comecei a treinar jiu-jítsu, imediatamente senti que aquele era um caminho a ser percorrido, foi inexplicável.

Meu primeiro instrutor de jiu-jítsu foi o professor Flávio Araújo, a quem eu e meus colegas de treino carinhosamente só chamávamos de Flavião, devido a sua força. Enquanto eu era apenas um adolescente descobrindo um mundo novo, nosso instrutor era uma inspiração, faixa marrom de jiu-jítsu, parecia imbatível nas competições que presenciei e havia sido a pessoa responsável por consolidar o jiu-jítsu em Brodowski.

Mais tarde passei a treinar também com o professor Jean Pupin, que era o instrutor faixa roxa que começou a ministrar treinos em outros horários na academia. No jiu-jítsu eu me percebi como parte de um time e parte de uma família ao mesmo tempo, o que jamais havia sentido nos esportes coletivos. As confraternizações eram frequentes, ao contrário do que poderia se imaginar, o ambiente em torno do jiu-jítsu era pautado no respeito e na disciplina.

Tive a oportunidade de criar fortes laços de amizade, e de fato eu pude lidar com diferentes tipos de pessoas, o que contribuiu para meu desenvolvimento pessoal.

O jiu-jítsu era diferente do futebol, basquetebol ou tudo que eu havia experimentado antes. Em pouco tempo de prática já havia entrado de cabeça nesse mundo, algo compreensível pela minha idade, e aos dezessete anos eu estava treinando, além do jiu-jítsu, o muay thai com o professor Jonatas Alemão, e artes marciais mistas (MMA[1]) com o professor Medeiros. No MMA cheguei a lutar em um evento amador da região, o Valiant FC, conquistando medalha de bronze na categoria, com uma vitória por pontos e uma derrota por finalização. Não consigo descrever em palavras o que se sente quando se está em um octógono, por muito pouco eu não me apaixono por isto.

Mas para o alívio de minha mãe eu desisti de continuar investindo no MMA e decidi me dedicar mais aos estudos. Neste período eu precisei conciliar trabalho, estudo e treinos, que principalmente aqueles mais extenuantes, tão logo passaram a ter menos prioridade. Quando deixei o MMA e o muay thai, eu tive a oportunidade de me dedicar mais ao jiu-jítsu, permanecendo ativo como competidor em algumas dezenas de eventos regionais, o que foi diminuindo conforme a transição entre o ensino médio e o superior se aproximava. Minha relação com os estudos havia mudado significativamente quando terminei minha formação escolar e passei a estudar em profundidade meu tema de interesse central naquele momento, a Educação Física.

Gosto de lembrar que fui desestimulado na escola por amigos e professores, pois ao que parece, eu era capaz de ser admitido em uma carreira mais promissora do que Educação Física. Não é segredo que a Educação Física é estigmatizada. Aos dezessete anos, concluindo o ensino médio, perdi o prazo de inscrição do ENEM, pois estava mais preocupado em treinar. Depois de “ouvir o bicho” de muita gente, descobri que existia curso de Educação Física no campus de Ribeirão Preto na Universidade de São Paulo, e que seria possível prestar o vestibular da FUVEST. Para orgulho dos meus pais, me tornei aluno da Universidade de São Paulo (USP), especificamente da Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto (EEFERP).

A partir do ano de 2013, na universidade pude ter a certeza de que era isso que de fato eu queria, a Educação Física. Tive a sorte de encontrar tantos professores incríveis pesquisando assuntos diversos de extrema pertinência, dentre eles o meu orientador, o Prof. Dr. Renato Francisco Rodrigues Marques, quem me convidou para começar a participar das reuniões do

---

[1] Traduzido do inglês: *Mixed Martial Arts.*

Grupo de Estudos e Pesquisa em Aspectos Socioculturais e Pedagógicos do Esporte (GEPESPE-RP). Sob sua orientação fui bolsista do Programa de Tutoria Científico Acadêmica em 2013 e do Programa Ensinar com Pesquisa em 2014, ambos financiados pela Pró-Reitoria de Graduação da Universidade de São Paulo. Foi através de seus incentivos que comecei a estudar os aspectos socioculturais e pedagógicos da carreira esportiva de atletas.

Apesar de ter reduzido drasticamente minha frequência nos treinos de jiu-jítsu quando adentrei no ensino superior, permaneci ligado a esta modalidade esportiva e de fato comecei a ministrar aulas como instrutor na academia do professor Flavião em Brodowski, após ser graduado faixa roxa. Atuar como instrutor me encheu de questionamentos passíveis de serem investigados pela linha de pesquisa na qual eu estava inserido.

Foi através da pesquisa de iniciação científica realizada entre 2014 e 2015, intitulada "Investigação sobre a formação esportiva de atletas de alto rendimento de jiu-jítsu: aspectos socioculturais e pedagógicos" que iniciamos o estudo na área. Pela primeira vez eu me coloquei no papel de entrevistador, pesquisador do jiu-jítsu, entrando em contato com alguns dos atletas de maior destaque da região, muitos dos quais eu já conhecia e admirava. A experiência em si rendeu bons frutos, eu que era novo no campo do jiu-jítsu, morador de Brodowski, pude estabelecer contato com o cenário ribeirão-pretano desta modalidade esportiva. Esta pesquisa me permitiu identificar particularidades na formação esportiva dos atletas estudados e novos questionamentos começaram a surgir ao entorno das discussões promovidas.

No ano de 2015 tive a experiência de apresentar e publicar parte dos resultados desta pesquisa no formato de resumo em três eventos científicos. As experiências foram enriquecedoras por completo. Aos vinte anos, aluno do terceiro ano de graduação, eu enfrentava o medo de falar em público em grande estilo, sem mencionar a satisfação em viajar para outras cidades na companhia dos amigos da EEFERP e do GEPESPE-RP. No VI Congresso Internacional de Pedagogia do Esporte na Universidade Estadual de Maringá (UEM) em Maringá, apresentei o trabalho "Critérios de mudança de faixa no jiu-jítsu brasileiro: vivências de atletas de alto rendimento". No IX Congresso Internacional de Educação Física e Motricidade Humana na Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP) em Rio Claro, apresentei o trabalho "Motivos de abandono da prática por praticantes de jiu-jítsu brasileiro: ponto de vista dos instrutores de modalidade". Por fim, em Ribeirão Preto, na USP, participei do Simpósio Internacional de Iniciação Cientifica e Tecnológica da USP, com a apresentação do trabalho que levava o mesmo título do projeto de pesquisa: "Investigação sobre a formação esportiva de atletas de alto rendimento de jiu-jitsu brasileiro: aspectos socioculturais e pedagógicos".

Em dezembro de 2016 fui graduado Bacharel em Educação Física, tendo a felicidade de apresentar a pesquisa de iniciação científica, a qual me dediquei no decorrer do curso, como trabalho de conclusão. Acertadamente, tomei a decisão de não concorrer à vaga de mestrado imediatamente após concluir a graduação. No ano de 2017, enfim pude começar a me colocar no mundo do trabalho como profissional de Educação Física com o objetivo claro de tornar-se um *personal trainer* e professor de jiu-jítsu. Inspirado pela profissional que tutelou meu primeiro ano de formado, Roseane Thomazella, iniciei uma Especialização em Treinamento Funcional na Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP).

Estando certo de que adiar o início do mestrado foi determinante para que eu pudesse enxergar com maior clareza novas oportunidades de atuação na área, tive muitas reuniões com dois grandes amigos que conheci na EEFERP: Walmir Romário e o meu conterrâneo, Mateus Figueiredo. Convictos de que as consultorias de treinamento online cresciam vertiginosamente nos últimos anos, tornando-se uma tendência, criamos nossa própria consultoria chamada "Movimento - Treinamento Personalizado" e começamos a produzir conteúdo para atrair potenciais alunos *online*.

Embora a ideia da consultoria online tivesse potencial, carecíamos de ferramentas ágeis para atender uma demanda crescente por treinos. Eu mesmo demorava horas para prescrever e formatar adequadamente um treino usando o *Microsoft Word* ou *Excel*, o que tornava o trabalho muito pouco rentável. Foi aí que surgiu o interesse de criar o nosso próprio aplicativo. Esse projeto não passaria de uma ideia se não fosse por Bruno Fernandes, amigo de escola dos tempos de ensino médio que havia se formado em Sistemas de Informação e já estava entusiasmado em criar uma ferramenta que potencializasse o trabalho dos *personal trainers*. Desta união nasceu o projeto do aplicativo que dividiu espaço com minha carreira acadêmica.

Em 2018, eu e Mateus Figueiredo concluímos nossa Especialização em Treinamento Funcional. Nossos trabalhos de conclusão de curso foram realizados sob a orientação do Prof. Me. Clodoaldo José Dechechi e tiveram como objetivos, justamente, propor baterias de avaliação física passíveis de serem administradas a distância, otimizando os serviços de *personal trainer online*.

De forma concomitante a esta nova empreitada, mantive o contato com o GEPESPE-RP em 2017, enquanto escrevia dois artigos sobre o jiu-jítsu com o Prof. Dr. Renato e me preparava para concorrer à vaga de mestrado. À medida em que o estudo da obra do sociólogo francês Pierre Bourdieu se intensificava em nosso grupo, passei a refletir sobre qual seria a questão central e a sustentação teórica por trás da minha nova pesquisa. É inegável que as leituras e discussões conduzidas neste período contribuíram para minha formação – acadêmica e pessoal

– tornando meu olhar sobre as relações sociais mais claro, tanto dentro como fora do esporte. No entanto, eu me aproveitei desta experiência para concluir que não queria trabalhar com este referencial teórico e que o caminho a ser tomado no meu mestrado deveria partir da obra do autor canadense PhD. Jean Côté, com o qual eu já tinha maior familiaridade.

Comecei a notar que precisava estudar aqueles que, assim como eu, não tinham pretensões de alcançar o alto rendimento competitivo e que ainda sim almejavam a tão sonhada faixa preta de jiu-jítsu, então definidos como "praticantes recreativos". Desta inquietação surgiu a questão: como se deu a trajetória esportiva de praticantes recreativos de jiu-jítsu, graduados na faixa preta, moradores da região de Ribeirão Preto? Por observar que aqueles que não buscavam o alto rendimento são a maioria em comparação ao grupo estudado anteriormente, tive certeza de que este projeto teria potencial de oferecer não só contribuições pertinentes para minha atuação profissional, como para o estudo da formação esportiva, ao qual eu já vinha me dedicando desde o primeiro ano de graduação.

Foi nesse período que conheci o Iuri Salim de Souza, aquele que viria se tornar o meu grande parceiro durante o mestrado. Iuri, que era goleiro, queria estudar os goleiros da seleção brasileira de futebol, enquanto eu queria entender sobre a carreira esportiva dos faixas pretas de jiu-jítsu recreativos. Quando ambos estávamos convictos de que nosso referencial central deveria ser a obra de Côté, marcamos de conversar com o professor Renato. Tenho quase certeza de que estava chovendo naquela tarde em que nos sentamos na cantina da EEFERP após a reunião do GEPESPE-RP. Este foi um dos momentos em que tive a certeza de que havia escolhido a pessoa com o perfil mais adequado para me orientar. Embora os estudos do professor e de grande parte de seus alunos estivessem cada vez mais relacionados à Sociologia do Esporte, especialmente com base no trabalho de Pierre Bourdieu, ele nos deixou livres para tomar a decisão de trabalhar com outro autor, mas a única condição que nos foi dada era a de que deveríamos nos aprofundar verdadeiramente em sua obra: "vocês têm que ler até o rascunho que o Côté escreveu no guardanapo", ele dizia. Foi o que procuramos fazer a partir daí, construir uma base teórica sólida, mantendo a tradição de nosso grupo.

Nos anos de 2017 e 2018 tive a satisfação de participar do III, IV e V Simpósio Nacional de Lutas, Artes Marciais e Modalidades de Combate, em São Paulo (III e V) e no Rio de Janeiro (IV). Na edição de número três, eu apresentei o resumo "A carreira profissional no jiu-jítsu brasileiro: A perspectiva de atletas de alto rendimento que atuam como professores", ainda fruto da minha pesquisa de iniciação científica, conquistando a premiação de melhor trabalho. Na quinta edição do simpósio apresentei o projeto que deu origem à presente pesquisa de mestrado "Investigação sobre a trajetória esportiva de praticantes recreativos faixas pretas de jiu-jitsu" e

pela primeira vez recebi *feedback* externo ao GEPESPE-RP. Nesta edição conquistei a "Formação Profissional em Ciência das Artes Marciais", certificado conferido somente àqueles que participaram de três edições do evento. Os trabalhos apresentados nestas ocasiões foram publicados sob forma de resumos em 2018, no livro organizado pelo professor Leandro Paiva, intitulado "A ciência aplicada às artes marciais: volume 2", momento de muita alegria, sobretudo para meus pais que puderam ver o nome de seu único filho estampado naquelas páginas.

Em janeiro de 2018 iniciei meu mestrado no programa de pós-graduação da Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto, sob orientação do Prof. Dr. Renato, na linha pesquisa "Aspectos pedagógicos e socioculturais do esporte". Durante o primeiro ano do curso, tive a oportunidade de reviver o contato em sala de aula com aqueles professores que já haviam marcado a minha história na graduação. Na disciplina Fundamentos Teóricos da Educação Física e Esporte, os Profs. Drs. Enrico Puggina e Renato Marques conduziram reflexões que serviriam de alicerce para marcar o início de nossa formação como mestres, independente da linha de pesquisa escolhida.

Ainda no primeiro semestre da pós-graduação na EEFERP, tive a oportunidade de participar da disciplina Metodologia do Ensino Superior, ministrada pelos Profs. Drs. Hugo Tourinho Filho, Myrian Nunomura e Rafael Pombo Menezes, que foram bem-sucedidos em contextualizar a atuação do docente no que concerne a cada um dos três pilares da universidade: ensino, pesquisa e extensão. No ano seguinte eu teria a oportunidade de colocar em prática parte deste aprendizado.

Também participei da disciplina Estatística Aplicada à Educação Física e Esporte, ministrada pelos Profs. Drs. Dalmo Machado e Mateus Gomes. Apesar de já estar claro que meu projeto não demandaria tratamento estatístico, meu orientador e demais colegas mais experientes me indicaram que a disciplina poderia ser de grande proveito no decorrer de minha carreira acadêmica. Eles estavam certos. Tive a satisfação de colaborar como coautor em trabalhos quantitativos de alguns colegas do GEPESPE-SP. O primeiro foi: "O efeito do local de nascimento como fator de influência para o alto rendimento em atletas da superliga de voleibol: cenários masculino e feminino" apresentado por Iuri no VI Congresso Latino-Americano de Estudos Socioculturais do Esporte em 2018, que teve como primeiro autor meu amigo Mateus Figueiredo. O segundo foi: "O efeito da idade relativa sobre a formação de goleiros de futebol no Brasil: cenários das elites masculina e feminina", capitaneado pelo Iuri e publicado em 2020 no *Journal of Physical Education*. Por fim, fui convidado pelo Prof. Dr. Renato a colaborar com os colegas Guilherme Coelho e Giulia Maquiaveli na análise estatística

de seus trabalhos de iniciação científica sobre dupla carreira no futsal masculino e feminino. Como produto desta parceria, no ano de 2020 o artigo que tem o Guilherme como seu primeiro autor "*Dual career in Brazil: analysis on men elite futsal players' schooling level*", foi aceito para a publicação na revista espanhola *Cultura, Ciencia y Deporte*.

Durante o primeiro ano do mestrado, o Prof. Dr. Renato também havia me convidado para colaborar com a escrita de um artigo sobre a formação esportiva de atletas de elite do futsal feminino. O artigo teve suas discussões embasadas no referencial teórico de Côté, aos moldes do que eu já havia feito com os atletas de jiu-jítsu. O trabalho era fruto da pesquisa de iniciação científica de minha veterana na EEFERP, Rafaela Bevilaqua Mascarin, e intitulou-se "*Brazilian women elite futsal players? career development: diversified experiences and late sport specialization*", publicado na revista Motriz, em 2019.

No segundo semestre de 2018 cursei duas disciplinas, uma interna e outra externa ao programa de pós-graduação da EEFERP. A disciplina Metodologia da Pesquisa Científica foi ministrada na EEFERP pelos Prof. Dr. Marcelo Papoti e Cristiano Barreira, representando, com equilíbrio e a complementaridade, as duas linhas de pesquisa que compõem nosso programa de pós-graduação. Enquanto estudava o referencial teórico da disciplina, sobretudo os textos de Thomas Kuhn e Karl Popper, refletia com maior vigor sobre os métodos a serem empregados em minha própria pesquisa. Neste período, eu e Iuri nos concentramos em estudar os textos das PhD. Virginia Braun e Victoria Clarke sobre o método denominado "Análise Temática Reflexiva".

A disciplina externa "Tópicos Especiais em Modalidades Esportivas", escolhida sob recomendação do Prof. Dr. Renato, acontecia na Faculdade de Educação Física (FEF) na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), em Campinas e era ministrada pelos Prof. Dr. Paulo César Montagner e Alcides José Scaglia. Ao longo de quinze sextas-feiras viajei para Campinas na companhia de Iuri e à medida que realizávamos nossas primeiras entrevistas, a etapa de familiarização com os dados começava quando as reproduzíamos no aparelho de multimídia do carro durante o caminho.

Em suas aulas, que eram frequentadas por alunos de pós-graduação de diferentes níveis, os professores conduziam discussões de extrema pertinência para nossos estudos, além de fornecer espaço para que cada aluno apresentasse seu trabalho enquanto outros dois ou três ficavam responsáveis por realizar uma arguição. Esta foi uma experiência enriquecedora para nossa formação como mestres e pela segunda vez minha pesquisa pôde receber *feedback* externo de um grupo extremamente qualificado de pessoas. Ao final da disciplina convidei o professor Paulo César para compor a minha banca, mais uma decisão acertada.

No GEPESPE-RP, o segundo semestre de 2018 foi movimentado pelo: “VI Congresso Latino-Americano de Estudos Socioculturais do Esporte”, evento vinculado à *Asociación Latinoamericana de Estudios Socioculturales del Deporte* (ALESDE), que aconteceu entre os dias quatro e seis de setembro, sediado na EEFERP, organizado e presidido pelo Prof. Dr. Renato. Os trabalhos da comissão organizadora, formada por professores, funcionários e alunos de pós-graduação e graduação, iniciaram-se nos meses que antecederam o evento, e na ocasião eu tive a honra de compor a Comissão Editorial ao lado de professores doutores e colegas do GEPESPE-RP que já eram mestres. Nossa responsabilidade era de receber os trabalhos no sistema, fazer a triagem inicial das normas e alocar o trabalho aos pareceristas. Quando o Prof. Dr. Renato me confiou o trabalho de editor estávamos cientes de que este seria um trabalho árduo que se estenderia por meses, de antes até depois do evento em si. Neste período minha pesquisa ficou parada, mas eu tive a oportunidade de crescer muito em outros aspectos.

O congresso foi um sucesso, contando com a presença de 353 participantes, representantes de treze países, contando com os pesquisadores convidados. Foram apresentados 171 trabalhos, entre resumos e artigos completos, posteriormente publicados em duas edições do *The Journal of the Latin American Sociocultural Studies of Sport* (V. 9, N. 3 e 4). Além de editor, eu também tive a oportunidade de ser parecerista no eixo temático: “Participação e formação esportiva”, atuar como mediador de apresentações e debates, ser autor de trabalhos e de ajudar a recepcionar participantes e convidados nos dias do evento. Foi uma experiência de enorme valor para minha formação como mestre e eu jamais devo me esquecer de todo aquele aprendizado.

Na ocasião, além do trabalho supracitado sobre o efeito do local de nascimento entre os atletas da superliga de voleibol, publiquei na companhia de Walmir, Mateus e de meu amigo Prof. Me. Alex Eugênio Altrão de Morais, mestre em Economia Aplicada pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), o artigo intitulado “Aceitação e perspectivas dos potenciais consumidores do serviço de *personal trainer* no Estado de São Paulo”. O trabalho, apresentado por Walmir, foi fruto de um estudo de mercado que havíamos conduzido em paralelo às nossas pesquisas naquele ano.

No ano de 2018 os artigos que havia escrito sobre o jiu-jítsu foram aprovados e posteriormente publicados. O primeiro derivou da minha pesquisa de iniciação cientifica e intitulou-se: “Formação esportiva no jiu-jítsu: generalizações e particularidades na perspectiva de atletas brasileiros de elite”, publicado na Revista Brasileira de Educação Física e Esporte. Já o segundo, “A produção científica sobre o jiu-jítsu: análise dos artigos, teses e dissertações

publicados entre 1996 e 2016" publicado na Revista Movimento, foi fruto do estudo bibliográfico conduzido entre a conclusão da graduação e o ingresso no mestrado.

No final do ano de 2018, já na faixa marrom, passei a treinar jiu-jítsu em Ribeirão Preto após conhecer – por intermédio de um amigo que havia mudado de equipe – os professores William von Söhsten e Bruna Ribeiro, representantes de duas equipes de jiu-jítsu distintas, sócios fundadores da Strong Inside Jiu-Jitsu Studio, um conceito diferente de academia de jiu-jítsu. Me identifiquei com o ambiente da academia e fiquei surpreso com a quantidade de alunos e de horários para treinar. Por sempre ter treinado em Brodowski e não ter competido mais do que em alguns eventos locais, a qualidade técnica de todos daquela academia foi o "cartão de visita" que eu precisava para compreender que ainda havia muito trabalho pela frente se eu quisesse alcançar aquele nível de excelência. Eu estava vislumbrado com as oportunidades reservadas para mim naquele lugar.

No primeiro treino voltei para casa um tanto desorientado por conta do "cartão de visita", cortesia de seus faixas brancas, azuis e roxas, principalmente. No segundo dia deixei um currículo e no terceiro paguei minha matrícula. Um ano mais tarde o professor Jean também deixou nossa antiga equipe, filiando-se à Strong Inside, que havia acabado de tornar-se oficialmente uma equipe, reconhecida pela Confederação Brasileira de Jiu-Jítsu (CBJJ). A partir de então eu tenho treinado com os três professores, em Ribeirão Preto e Brodowski.

Em 2019, no segundo ano de mestrado, já havia conquistado todos os créditos necessários para conclusão da pós-graduação e, conforme planejado, teria tempo hábil para concentrar-me na condução da minha pesquisa. No primeiro semestre deste ano, meu contato com a sala de aula se manteve graças ao Programa de Aperfeiçoamento de Ensino (PAE). A disciplina escolhida para atuar como monitor foi: "História da Educação Física e Esporte", disciplina oferecida no primeiro ano da graduação, ministrada pelo Prof. Dr. Renato. Eu havia assistido aquelas aulas em 2013, no ano que entrei como calouro da EEFERP e conheci o professor e, depois de seis anos pude rever o seu conteúdo, mais uma vez sob sua brilhante condução. Dediquei-me para que, além de aprender sobre história, que passava a ser cada vez mais de meu interesse, pudesse aprender algo com aquele professor que sempre foi lembrado por sua excelente didática em sala de aula. O professor confiou a mim as aulas sobre história do esporte no Brasil e me orientou do planejamento até sua realização. Foi uma experiência memorável, pela primeira vez eu estava à frente de uma sala de aula na posição do professor, ensinando o conteúdo aos alunos do primeiro ano de graduação sob a supervisão do meu maior exemplo no assunto.

Também neste semestre, fui convidado pelo Prof. Dr. Renato a falar sobre o mundo do trabalho do *personal trainer*, como profissional convidado, em outra disciplina que ele ministrava aos alunos do primeiro ano de graduação: “Introdução à Educação Física e Esporte”. Esta experiência configura-se como evidência clara de que o apoio que eu recebia do meu orientador não se limitava à esfera acadêmica, minha atuação profissional exercida em paralelo ao mestrado sempre foi levada em consideração. Jamais concorri a fomentos de pesquisa durante o mestrado por estar ciente de que a dedicação integral neste momento limitaria o meu crescimento profissional e me colocaria em risco de perder a conexão com a prática. Meu orientador sempre respeitou esta escolha e contribuiu para que eu pudesse desenvolver o máximo de minhas capacidades durante todo o processo.

No dia 25 de fevereiro de 2019 foi realizado o meu exame de qualificação na EEFERP. Os membros da minha banca foram os Profs. Drs. Marcio Pereira Morato da EEFERP-USP e Paulo César Montagner da FEF-UNICAMP. O trabalho apresentado na ocasião continha introdução, objetivos, justificativa, referencial teórico e metodologia, sem que houvesse apresentação de resultados preliminares para apreciação da banca. Um pequeno atraso no meu cronograma de pesquisa fez com que, infelizmente, eu qualificasse com apenas duas entrevistas realizadas, as quais eu ainda estava começando a analisar. De todo modo, o exame de qualificação foi um momento de imensa contribuição para minha pesquisa e minha formação como mestre. A intervenção que a banca teve sobre o trabalho foi brilhante, o que certamente contribuiu com o enriquecimento de todo o processo de reflexão envolvido.

Meu parceiro Iuri realizou seu exame de qualificação ainda na mesma semana. A intervenção de sua banca, formada pelos Profs. Drs. Rafael Pombo Menezes da EEFERP-USP e Alcides José Scaglia da FEF-UNICAMP, foi igualmente brilhante, contribuindo não só com para o estudo de Iuri, como também para o meu próprio. Na ocasião o Prof. Dr. Alcides sugeriu que o referencial teórico apresentado sobre a obra de Côté fosse escrito no formato de capítulo de livro, com fins didáticos, dada a qualidade do material e a inexistência de textos em português sobre o assunto. Junto ao Prof. Dr. Renato, abraçamos a ideia e começamos a escrever com base no referencial teórico de nossas dissertações. Em dezembro de 2020 o artigo “As Múltiplas Facetas da Participação Esportiva: Contribuições de Jean Côté e Colaboradores”, que teve o Iuri como primeiro autor, foi publicado em português na revista espanhola *Quaderns de Psicologia*.

Durante o ano de 2019 realizei as demais entrevistas e iniciei suas análises. O processo de condução de uma Análise Temática Reflexiva é recursivo – e muitas vezes exaustivo. A familiarização com os dados tinha início assim que a entrevista acabava e perdurava durante

todo o processo. Enquanto transcrevia uma entrevista, relia as demais, destacava os códigos iniciais, procurava por temas, retornava à literatura, ajustava o roteiro de entrevista para as próximas, um processo complexo que demandava disciplina e organização. Cabe ressaltar que neste ano, no decorrer das análises, o título do trabalho sofreu uma alteração importante, pois os resultados parciais apontaram que os participantes estudados não deveriam ser caracterizados como "praticantes recreativos", e sim como "praticantes faixas pretas de jiu-jítsu não competidores".

O período em que decidimos incluir uma nova autora no nosso referencial teórico foi certamente um dos momentos mais difíceis para mim. Me encontrava estafado, cansado de analisar, porém motivado a concluir o estudo, quando voltei à etapa de escrita de referencial teórico, desta vez envolvendo o estudo da pesquisadora russa Phd. Natalia Stambulova e de seus colaboradores com o intuito de preencher uma lacuna deixada pelos trabalhos de Côté. Esta foi a fase em que cheguei mais perto de trancar o curso e desistir. Eu já havia descoberto que não desejaria seguir carreira acadêmica e estava chateado por passar a maior parte do tempo sentado estudando o mesmo assunto. O Prof. Renato soube perfeitamente como me ajudar a lidar com esta crise e tão logo eu pude me organizar para sair dela mais forte para concluir uma boa pesquisa. Sempre serei grato por sua ajuda.

No segundo semestre de 2019, tivemos o prazer em recepcionar o então estudante de doutorado do *Institut Nacional d'Educació Física de Catalunya*, hoje Dr. Pau Mateu Samblàs, que veio da Espanha participar como aluno de intercâmbio em nosso grupo de estudos. Além de ter sido uma experiência culturalmente enriquecedora para o GEPESPE-RP, Pau Mateu contribuiu diretamente para muitos de nossos estudos, pois estudava a dupla carreira, dominava metodologia de Análise Temática Reflexiva e fazia uso de um *software* chamado NVivo para auxiliá-lo em suas análises. Tive a oportunidade de participar de uma oficina sobre o uso deste *software* conduzida por ele na EEFERP, no entanto, minhas análises já se encontravam avançadas e por isso mantive o uso do Microsoft Word e Excel.

Em meio ao processo de análise, o roteiro de entrevistas se modificou de tal forma que uma série de lacunas foram identificadas nos dados, sobretudo nas primeiras entrevistas. Em fevereiro de 2020 tive a oportunidade de entrevistar novamente todos os seis participantes desta pesquisa. Na ocasião esclareci minhas dúvidas sobre as informações faltantes em cada caso e permiti que os participantes revisassem a linha do tempo de sua formação esportiva que eu havia desenhado com base na primeira entrevista. Tive o imenso prazer de visitar a academia de alguns destes participantes, podendo vivenciar o seu ambiente de treinamento na condição de aluno convidado, o que tenho certeza de que contribuiu para minha formação no jiu-jítsu,

deixando uma pequena lesão na costela como recordação. Em questão de poucas semanas, o Brasil começaria a sentir os efeitos da pandemia de COVID-19.

No ano de 2020 todos foram obrigados a se reinventar diante de um novo normal imposto pela pandemia. O jiu-jítsu sofreu duras perdas por conta da natureza de sua prática de extremo contato físico, já as modalidades de treinamento online encontraram terreno fértil para se popularizar, embora o novo aplicativo ainda não estivesse pronto. Desde então, tem sido um período difícil para a humanidade, e enquanto escrevo estas linhas, ainda lidamos com o luto pelas milhões de vidas perdidas e com a completa incompetência de um governo assumidamente negacionista da ciência.

Não devo negar que fui privilegiado por ter tatame em casa e poder treinar com minha namorada Bárbara, graduada faixa roxa de jiu-jítsu, além de participar dos treinos *online* ministrados pelos professores Bruna e Willian, durante os períodos mais críticos. À medida que a flexibilização das medidas de prevenção contra a COVID-19 avançava, as academias foram reabrindo e a maioria de meus alunos voltou a treinar, principalmente em casa. Embora eu tenha retornado aos treinos, minha relação com o jiu-jítsu não foi mais a mesma. Primeiro dei prioridade aos meus alunos de *personal trainer* e eu mesmo comecei a frequentar aulas individuais com meus professores, procurando evitar ao máximo a presença em treinos coletivos.

Eu jamais trabalhei ou estudei tanto na vida. Neste ano fatídico, dediquei dezenas de noites e finais de semana em prol da conclusão deste estudo. Embora muitas vezes surpreendido pela exaustão, preocupado com os prazos e as dimensões que este trabalho vinha tomando, pude contar com uma rede de apoio ampla envolvendo minha namorada, meus pais, amigos, colegas de treino, professores e alunos.

No dia 12 de dezembro de 2020, eu conquistei a faixa preta de jiu-jítsu das mãos dos meus três de professores, e não encontro palavras para traduzir esta emoção. Na segunda feira, dia 14 de dezembro, me reuni remotamente com os colegas do grupo de estudo e pude ouvir suas considerações sobre meu trabalho, para então concluir o texto apresentado. Mais uma vez, foi verificada a necessidade de atualizar o título do presente trabalho, antes de enfim concluir sua redação. Principalmente por recomendação do Iuri, o termo “trajetória” deu lugar a “participação” para que não se tenha a ideia de linearidade e o título da dissertação passou a ser: “O desenvolvimento da participação esportiva de praticantes faixas pretas de jiu-jítsu não competidores”, mantendo a coerência com os resultados apresentados. No fundo, esta pesquisa tem mais a ver com minha história do que eu mesmo imagino.

1 INTRODUÇÃO

Assim como outras produções culturais humanas, o esporte contemporâneo apresenta-se através de uma pluralidade de formas de manifestação, fruto da rica complexidade de características que envolvem seus participantes e os contextos em que se inserem. Portanto, o esporte é um fenômeno heterogêneo passível de ser apropriado por diferentes grupos, sendo mutuamente influenciado por aqueles que dele se apropriam (MARQUES, 2015).

As pessoas conferem sentidos à suas práticas esportivas de acordo com o seu papel social, intenções pessoais, expectativas e conhecimentos. Uma mesma modalidade esportiva pode ser ensinada e praticada com base em diferentes objetivos, significados e valores atribuídos, podendo prevalecer um sentido oficial ou um sentido ressignificado. Enquanto o sentido oficial é pautado na qualificação e quantificação do desempenho atlético através da competição, sentidos ressignificados remetem a diferentes proporções de valores como inclusão, cooperação e o reconhecimento das capacidades individuais próprias, além da própria competição, que continua sendo inerente ao esporte. Em outras palavras, esporte ressignificado abrange uma esfera mais ampla de experiências esportivas em comparação as práticas regidas pelo sentido oficial (MARQUES; ALMEIDA; GUTIERREZ, 2007; MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008).

A variedade de intenções e características dos participantes, faz com que o esporte seja um fenômeno de transmissão e renovação cultural, pois através dele se pode transmitir valores derivados dos sentidos de sua prática. O esporte, portanto, tem o potencial de interferir na formação humana. Uma mesma modalidade esportiva praticada e ensinada de formas diferentes pode transmitir valores relacionados à concorrência e a comparações objetivas ou a inclusão, cooperação e autovalorização (MARQUES; ALMEIDA; GUTIERREZ, 2007; MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008).

Por ser um fenômeno heterogêneo, o esporte contemporâneo se manifesta em diferentes ambientes: o esporte escolar, o esporte de alto rendimento ou o esporte de lazer. O esporte escolar refere-se ao ensino formal, fazendo parte do projeto pedagógico das instituições de ensino, seja nas aulas de educação física curricular ou nos ambientes extracurriculares proporcionados pela escola. Já o esporte de alto rendimento remete à ambientes ligados à busca por resultados competitivos, investimentos e lucros. Por trás do esporte de alto rendimento há toda uma estrutura mercantil caracterizada pela profissionalização, não apenas dos atletas, mas

em toda a estrutura que permeia sua prática (MARQUES; ALMEIDA; GUTIERREZ, 2007; MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008).

Por sua vez, o esporte de lazer é caracterizado pelo voluntarismo para a prática, isto é, a busca do esporte pautada por qualquer motivo que seja desvinculado do profissionalismo. Enquanto o esporte de alto rendimento segue estritamente a lógica do sentido oficial, o esporte de lazer é caracterizado como um ambiente diversificado com relação aos seus sentidos. O esporte de lazer é mais amplo, pois engloba, além das práticas com sentidos ressignificados, a maioria das atividades regidas pelo sentido oficial através do esporte amador (MARQUES; ALMEIDA; GUTIERREZ, 2007; MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008).

Dentre as possibilidades de manifestação do esporte contemporâneo estão as modalidades esportivas de combate[2] com origem nas artes marciais[3] orientais como jiu-jítsu, judô, caratê, taekwondo, entre outras. Devido a intercâmbios e interações culturais entre Ocidente e Oriente, tais artes marciais passaram a ser esportivizadas. A esportivização diz respeito ao processo de apropriação dos critérios que definem o campo esportivo por determinadas práticas. Dentre tais critérios está a criação de regras sistematizadas e organizadas por entidades reguladoras conforme aponta Marques (2015).

Uma destas artes marciais orientais esportivizadas no Ocidente foi o *jujutsu*, marcado pela luta a curta distância, centrada na aplicação de projeções, estrangulamentos, torções articulares e até golpes traumáticos (GREEN; SVINTH, 2010). Sua história como arte marcial é marcada por incertezas a respeito de suas origens. Porém, sabe-se que o então *jujutsu* se desenvolveu no Japão e sua prática foi difundida através do intercâmbio cultural com o Ocidente no final do século XIX e início do XX (PAIVA, 2009).

No Brasil, o *jujutsu*, que ficou conhecido como jiu-jítsu graças às divergências fonéticas entre os idiomas japonês e português (VON SÖHSTEN, 2018), se diferenciou tanto tecnicamente como filosoficamente da prática Oriental, passando por um processo de esportivização. O jiu-jítsu brasileiro se destacou no cenário esportivo internacional, de modo que o passou a ser reconhecido como modalidade esportiva mundialmente praticada, inclusive no Japão (PAIVA, 2009).

---

[2] O termo “modalidade esportiva de combate” se refere a práticas de combate regulamentadas por instituições esportivas. Neste contexto, a competição, mensuração de resultados, racionalização e secularismo estão presentes, fazendo destas, prática esportivas (CORREIA, FRANCHINI, 2010; RUFINO, 2012).

[3] O termo “arte marcial” faz menção a um conjunto de práticas corporais configuradas a partir de uma noção denominada “metáfora da guerra”, destacando a relevância de dimensões éticas e estéticas desenvolvidas em diferentes contextos sociais (CORREIA, FRANCHINI, 2010; RUFINO, 2012).

Apesar de sua atual consolidação como modalidade esportiva de combate, os atletas de jiu-jítsu ainda não têm o esporte profissional como uma realidade, ao menos no contexto brasileiro (PAIVA, 2009). A principal fonte de renda da maioria dos atletas que integram a elite competitiva do jiu-jítsu no Brasil continua provendo de sua atuação como professor, seguida de incertos patrocínios e premiações em dinheiro (VICENTINI; MARQUES, 2018a).

Sendo o jiu-jítsu uma modalidade esportiva relativamente recente, ainda em expansão, a produção científica ao seu entorno também se encontra em franco crescimento, despertando o interesse de pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento. Em 2017 foi realizado um estudo bibliométrico sobre a produção de artigos em periódicos científicos e de teses e dissertações brasileiras envolvendo o jiu-jítsu com o objetivo de analisar e descrever a produção científica relacionada à esta modalidade esportiva (VICENTINI; MARQUES, 2018b).

Ao todo, foram identificados e analisados 105 artigos, duas teses e 23 dissertações relacionadas ao jiu-jítsu, fazendo com que fosse possível observar tendências, lacunas e possibilidades de desenvolvimento de pesquisa futura. Algo que chamou muita atenção foi o reduzido número de pesquisas de abordagem qualitativa (16%) e na subárea de estudos socioculturais e pedagógicos (20%), sobretudo nas disciplinas de Psicologia do Esporte (6,7%) e Pedagogia do Esporte (1%), contrastando com um maior volume de trabalhos envolvendo abordagem quantitativa de pesquisa (76%) e na subárea da biodinâmica (80%) (VICENTINI; MARQUES, 2018b).

O jiu-jítsu – como modalidade esportiva no contexto do esporte contemporâneo – é caracterizado como prática heterogênea, passível de diferentes formas de manifestação (MARQUES; ALMEIDA; GUTIERREZ, 2007). A transmissão de valores presente tanto no esporte (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008), como nas artes marciais (GUIMARÃES DA SILVA, 2016), depende das formas como tais práticas são estruturadas. Desta forma, o estudo da formação esportiva jiu-jítsu pautado no referencial da Psicologia de Esporte representa uma importante lacuna de pesquisa.

Nas últimas décadas, investigações tanto de cunho qualitativo quanto quantitativo, em contextos distintos e em diferentes modalidades esportivas, têm contribuído para o melhor entendimento do processo de formação esportiva sob esta perspectiva, evidenciando sua rica complexidade (BARKER-RUCHTI et al., 2016; BARREIROS; CÔTÉ; FONSECA, 2012; BENELI; GALATTI; MONTAGNER, 2017; MARQUES et al., 2014; MASSA et al., 2014; ROBERTSON-WILSON et al., 2003). No jiu-jítsu, a formação esportiva de seis atletas de elite da região de Ribeirão Preto medalhistas em competições de nível nacional e internacional

também foi alvo de uma investigação recente (VICENTINI, 2016; VICENTINI; MARQUES, 2018c).

Os estudos sobre a formação esportiva se baseiam, em sua maioria, no desenvolvimento da participação esportiva de atletas que se envolveram em competições oficiais e que, por vezes, alcançaram uma elite competitiva que é composta por um grupo minoritário de praticantes. No entanto, segundo o Diagnostico Nacional do Esporte, a maioria absoluta de brasileiros envolvidos com alguma prática esportiva participa de maneira informal e não se envolve em competições, sejam estas, oficiais ou não (BRASIL, 2015).

É pertinente, portanto, conduzir investigações sobre o desenvolvimento da participação esportiva de indivíduos considerados bem-sucedidos no esporte de acordo com uma definição de sucesso esportivo mais ampla que não se limite apenas a elite competitiva. O sucesso no desenvolvimento da participação esportiva, aqui referido, corresponde à continuação de sua prática em idade adulta, usufruindo dos seus benefícios físicos e psicossociais (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007), partindo da premissa de que o ambiente de lazer, por definição, deve abarcar um contingente muito mais expressivo de participantes em comparação ao ambiente de alto rendimento (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008).

Dentre as teorias desenvolvidas para embasar o estudo da formação esportiva, o referencial da escola canadense, aqui representado pelos trabalhos de Jean Côté e seus colaboradores, apresentou notável contribuição ao comportar uma definição de sucesso esportivo mais ampla, não necessariamente relacionada ao êxito no ambiente de alto rendimento (SOUZA; VICENTINI; MARQUES, 2020).

Deste modo, pretendeu-se estudar o desenvolvimento da participação esportiva daqueles que apesar de terem conquistado a graduação na faixa preta de jiu-jítsu, jamais participaram de competições organizadas pelas federações desta modalidade esportiva. Este grupo é mais abrangente em comparação àqueles que alcançaram a elite competitiva. Portanto, entender como se deu o desenvolvimento de sua participação esportiva em suas especificidades é de fundamental importância para elaborar e oferecer subsídios teóricos para futuras intervenções nos processos de formação esportiva no jiu-jítsu.

O objeto de estudo da presente pesquisa foi o desenvolvimento da participação esportiva dos praticantes de jiu-jítsu não competidores que não deixaram de vivenciar sua prática em longo prazo e alcançaram o nível de excelência nesta modalidade esportiva, representado pela conquista da faixa preta. Por “não competidores”, remeteu-se àqueles que nunca participaram de competições oficiais no jiu-jítsu, contrapondo-se aos atletas de elite estudados anteriormente (VICENTINI; MAQUES, 2018c). Marques, Gutierrez e Almeida (2008) destacam que a

competição é inerente ao fenômeno esportivo, independente dos ambientes e sentidos experimentados por seus praticantes. Os autores ainda afirmam não ter a intenção de negar a competição e o esporte de alto rendimento, mas de destacar a necessidade de contextualização dos cenários possíveis, evitando a generalização da prática esportiva sob uma forma hegemônica (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2007).

Este trabalho toma como premissa que atingir a faixa preta de jiu-jítsu é um processo que demanda dedicação à sua prática ao longo dos anos, de modo que o período correspondente à participação esportiva de seus participantes não competidores faixas pretas é tão passível de investigação quanto o dos atletas competidores de elite, sobretudo pelo fato de que a maioria dos envolvidos no fenômeno esportivo não vivencia o ambiente de alto rendimento. Assim, tem-se como pergunta central: como se deu o desenvolvimento da participação esportiva de praticantes não competidores de jiu-jítsu, graduados na faixa preta, moradores da Região de Ribeirão Preto/SP?

O **Objetivo geral** desta pesquisa é: Investigar o desenvolvimento da participação esportiva de praticantes não competidores de jiu-jítsu, graduados faixa preta, moradores da região de Ribeirão Preto/SP, a partir da perspectiva dos próprios participantes. Como **objetivos específicos**, têm-se: a) Investigar como se estruturaram os diferentes estágios da participação esportiva vivenciados pelos participantes, bem como, suas respectivas transições; e, b) Investigar como se estruturaram os ambientes vivenciados, as relações sociais estabelecidas e os sentidos atribuídos ao treinamento e a competição no decorrer da participação esportiva dos participantes.

Este estudo justifica-se, portando, pela importância de se investigar e compreender o processo de desenvolvimento da participação esportiva de praticantes experientes que não compõem a elite competitiva desta modalidade esportiva, com o intuito de contribuir para reflexões sobre a formação esportiva no jiu-jítsu. Analisar contextos distintos permite que se aprofunde o entendimento sobre o processo de formação esportiva, considerando o esporte contemporâneo como fenômeno heterogêneo em que a maioria dos praticantes não alcançam o alto rendimento.

Após esta introdução, as próximas seções deste trabalho são organizadas da seguinte maneira: 2) Apresentação do campo do jiu-jítsu brasileiro; 3) Referencial teórico; 4) Material e métodos; 5) Resultados – dividido de acordo com os participantes e os temas centrais; 6) Discussão – dividida de acordo com os temas centrais e seus subtemas; 7) Considerações finais; e, 8) Referências bibliográficas.

2 A APRESENTAÇÃO DO CAMPO DO JIU-JÍTSU BRASILEIRO

A seção que antecede o referencial teórico desta pesquisa foi proposta com o intuito de contextualizar o campo do jiu-jítsu brasileiro (aqui chamado apenas de jiu-jítsu), partindo de uma perspectiva histórica, culminando em sua conformação atual como modalidade esportiva no esporte contemporâneo.

É importante destacar que a história do jiu-jítsu é marcada por algum grau de incerteza quanto às suas origens milenares e com relação às transformações vividas em solo brasileiro no último século. Os trabalhos que embasam a narrativa histórica do jiu-jítsu estão sujeitos à influência do posicionamento assumido por seus autores. Portanto, procurou-se sintetizar as narrativas de diferentes autores – que muitas vezes discordam entre si – com o objetivo de conduzir uma leitura crítica de sua história, capaz de permitir a contextualização do cenário em que estão inseridos os participantes deste estudo, fornecendo ao leitor algumas informações necessárias para interpretação dos resultados e discussões.

Apesar da questão de suas origens milenares permanecer sob o benefício da dúvida e as fronteiras entre o desenvolvimento desta ou daquela arte marcial serem permeáveis e passíveis de interpretação de seus interlocutores, é consenso que foi no Japão feudal que o então *jujutsu* foi sistematizado (GRACIE, 2005; PAIVA, 2009; GREEN; SVINTH, 2010; GALAN; GALAN, 2014; CAIRUS, 2011; SERRANO, 2017).

O *jujutsu* foi uma arte marcial praticada principalmente pelos Samurais[4], desenvolvida para o combate corporal em curta distância através de técnicas de projeção, imobilizações, estrangulamentos e torções articulares, além de uma série de golpes traumáticos (GALAN; GALAN, 2014). Por muitos séculos, ensinar *jujutsu* fora do Japão, ou para não japoneses, foi considerado crime contra a pátria, podendo levar à pena de morte até o final do século XIX na era Meiji (PAIVA, 2009).

No Japão, o *jujutsu* se desenvolveu através de diversas escolas, dando origem mais tarde não só ao jiu-jítsu, mas também ao judô, ao aiquidô e a outras práticas contemporâneas. A relação entre judô e jiu-jítsu é ainda mais estreita, pois foi graças ao judô, instituído por Jigoro Kano através do Instituto de Judô Kodokan (escola para o estudo do caminho), que o *jujutsu*

[4] Os samurais eram os guerreiros particulares da aristocracia japonesa entre os séculos XI e XIX que ficaram conhecidos por sua disciplina, lealdade e domínio das artes marciais (SERRANO, 2017).

pôde transpor as fronteiras do arquipélago japonês. Os alunos da *Kodokan* foram encarregados de divulgar o judô primeiramente no Japão e depois pelo mundo. Graças a esses esforços, além do próprio judô, o *jujutsu* chega ao Brasil no início do século XX (GREEN; SVINTH, 2010).

A história do jiu-jítsu brasileiro é difícil de ser contata de forma justa, pois algumas lacunas nos registros aparentemente ofuscam o protagonismo de certos personagens, enquanto enaltecem outros, romantizando o processo e contribuindo para propagação de um mito fundador. Tanto Serrano (2017) como Lise et al. (2017) criticam a narrativa mais popular sobre o surgimento da vertente brasileira do jiu-jítsu, destacando que seu desenvolvimento se deu de forma descentralizada, na realidade, através do intercâmbio cultural promovido por diversos artistas marciais japoneses como Sada Miyako, Misuyio Esai Maeda, Géo Omori, Yassuiti Ono, Naoiti Ono e Takeo Yano.

O jiu-jítsu brasileiro fundamentou-se como modalidade esportiva emancipada de sua matriz japonesa de forma gradativa. Além das mudanças técnicas, o contexto cultural em que o jiu-jitsu se via inserido no Brasil contribuiu para o desenvolvimento de um estilo único, adaptado ao contexto dos desafios de vale tudo e da própria violência urbana, dando nova roupagem ao jiu-jítsu que passou a ser considerado como brasileiro. Atualmente, o jiu-jítsu e o judô se diferenciam em aspectos técnicos[5] e culturais[6], mas guardam uma série de semelhanças, podendo ser confundidas pelo público leigo, sobretudo por sua proximidade histórica, marcada pela origem em comum no *jujutsu* (GREEN; SVINTH, 2010).

Um marco para o processo de esportivização do jiu-jítsu diferenciando-se do *jujutsu*, do judô e do vale tudo, foi a sua institucionalização como modalidade esportiva por meio da criação de federações e confederações próprias. Com a sua expansão, a necessidade de organizar e regulamentar suas formas de disputa foi uma demanda crescente. A primeira destas federações foi a Federação de Jiu-jitsu da Guanabara (FJJG), fundada em 1967 por iniciativa de cinco escolas fundadoras lideradas por Álvaro Barreto, Hélcio Leal Binda, Hélio Gracie, João Alberto Barreto e Oswaldo Fadda. Seu objetivo era dar autonomia a modalidade esportiva, que até então era submetida a Federação Brasileira de Pugilismo (BIZZAR, 2018).

---

[5] Apesar de ambas serem classificadas como lutas de curta distância (GOMES et al., 2010), as regras do judô fazem com que as técnicas de projeção sejam mais valorizadas, enquanto no jiu-jítsu a luta se desenvolve a maior parte no solo. O judô e o jiu-jítsu compartilham diversas técnicas, que geralmente diferem com relação a nomenclatura (GREEN; SVINTH, 2010).

[6] Enquanto o judô, apesar de ter atingido o status de Esporte Olímpico, conserva laços com relação às suas origens filosóficas definidas por Jigoro Kano, o jiu-jítsu herda aspectos desenvolvidos no contexto vivido pela arte marcial em território brasileiro (GREEN; SVINTH, 2010).

Em junho de 1973, o jiu-jítsu foi legalmente reconhecido como modalidade esportiva chancelada pela Confederação Nacional de Desportos e em dezembro deste mesmo ano, a Federação de Jiu-Jitsu da Guanabara organizou sua primeira competição oficial, realizada no Rio de Janeiro, na Associação Atlética do Banco do Brasil, marcando o início de uma nova era para o jiu-jítsu (SJJIF, 2015).

Com a fundação da FJJG, pela primeira vez o jiu-jítsu tem regras definidas muito próximas do que se tem hoje. A modalidade esportiva começou a ter estrutura e organização próprias, com um sistema de graduação por cores de faixa, divisões por idade, peso, tempo de luta, pontuações e técnicas ilegais. Com as regras fundamentadas, passou a existir maior interação entre as diversas academias existentes, contribuindo para a expansão de suas competições (BIZZAR, 2018).

Ao longo das décadas que se seguiram, os herdeiros das primeiras gerações de brasileiros que praticaram jiu-jítsu continuaram contribuindo para seu desenvolvimento e massificação no Brasil e no mundo. Alguns participando ativamente do processo de estruturação do jiu-jítsu como modalidade esportiva, enquanto outros foram figuras marcantes na história da profissionalização dos desafios de vale tudo/*mixed martial arts* (MMA) como Rorion Gracie, um dos idealizadores do maior espetáculo de MMA da atualidade, o UFC (*Ultimate Fight Championship*). Foi através do sucesso dos representantes brasileiros nas primeiras edições deste torneio, a partir de 1993, que uma significativa quantidade de pessoas tomou conhecimento do jiu-jítsu brasileiro (GREEN; SVINTH, 2010), dentre os quais, aqueles que compõe a elite competitiva da região que abrange o presente estudo (VICENTINI; MARQUES, 2018c).

Em 1994, Carlos Gracie Junior funda a Confederação Brasileira de Jiu-jitsu (CBJJ[7]) e a *International Brazilian Jiu-Jitsu Federation* (IBJJF[8]), se colocando no cargo de presidente destas instituições. Anos mais tarde, em 1996, o primeiro campeonato mundial de jiu-jítsu organizado pela IBJJF foi realizado na cidade do Rio de Janeiro (BIZZAR, 2018). A conduta destas associações gerou algumas tensões na comunidade do jiu-jítsu, já que segundo Carvalho (2015), existiam questionamentos sobre as cifras arrecadadas com a realização das competições e não se demonstrava investimento no esporte, prerrogativa das federações.

---

[7] A CBJJ é um ente federativo que rege seu estatuto como uma confederação reconhecida pelo extinto Ministério do Esporte (BRASIL, 2018).

[8] A IBJJF é uma empresa de atuação internacional (pessoa jurídica) com fins lucrativos pertencente a Carlos Gracie Junior (IBJJF 2020).

A década que sucedeu a criação da CBJJ e IBJJF foi marcada por rupturas internas e novas confederações surgiram e começaram a buscar seu espaço no Brasil, dentre elas a Confederação Brasileira de Jiu-jitsu Olímpico (CBJJO) em 2002 e a Confederação Brasileira de Jiu-jitsu Esportivo (CBJJE) em 2007. Dada a recente institucionalização da modalidade esportiva, não há consenso ou padronização dos títulos entre as diversas associações, o que possibilita a existência de mais de um campeão mundial e campeão brasileiro em cada categoria de disputa (PAIVA, 2009; BIZZAR, 2018).

No cenário global, apesar da IBJJF ainda ser a entidade reguladora mais abrangente, outros órgãos que regulavam as disputas do jiu-jítsu começaram a se destacar à medida que a modalidade esportiva se difundiu pelo mundo. Em 2002 é fundada a *Sport Jiu-Jitsu International Federation* (SJJIF) com o objetivo de unificar o jiu-jítsu em prol da conquista do *status* de esporte olímpico e paralímpico (SJJIF, 2015), destacando-se por suas premiações em dinheiro (TATAME, 2019).

Anos mais tarde, uma entidade reguladora de jiu-jítsu passou a chamar a atenção de atletas e professores de todo mundo, sobretudo dos brasileiros. Os Emirados Árabes Unidos se tornaram um novo polo global do jiu-jítsu, sediando a partir de 2009 o *Abu Dhabi World Professional Jiu-Jitsu Cup*. Os valores de suas premiações em dinheiro são expressivos, o que marcou o processo de profissionalização vivido por uma parte da elite competitiva do jiu-jítsu. Atualmente, a *United Arab Emirates Jiu-Jisu Federation* (UAEJJF), oficializada em 2012, também organiza competições em outros países, encontrando espaço de disputa entre a IBJJF e SJJIF (PINTO, 2019; UAEFFJ, 2020)

Com o crescimento da visibilidade das federações que ofereciam premiações em dinheiro, a IBJJF passou a aderir a esse sistema, primeiro em algumas competições a partir de 2014[9]. Do ano de 2015 em diante esta entidade reguladora passou a premiar em dinheiro os primeiros colocados em seu *Ranking* no final de cada temporada (IBJJF, 2020).

Apesar da existência de premiações em dinheiro em algumas competições, o jiu-jítsu em suma ainda é uma modalidade esportiva amadora, sobretudo no Brasil. O acesso às grandes competições, inclusive campeonatos mundiais depende, na maioria dos casos[10], da disponibilidade para se filiar na entidade reguladora correspondente e arcar com o valor da

---

[9] As primeiras competições da IBJJF a oferecer premiações em dinheiro foram *Rio BJJ Pro*, *New York BJJ Pro* e *Long Beach BJJ Pro* em 2014 (IBJJF, 2020).

[10] Em alguns casos, como na categoria adulto na faixa preta dos campeonatos mundiais e em algumas outras competições "*Pro*", os participantes devem possuir como pré-requisito de pontuação mínima no *ranking* da federação (IBJJF, 2020).

inscrição, além dos custos com toda logística envolvida. A maior parte dos atletas tem como fonte de renda o trabalho como professor de jiu-jítsu e a possibilidade de receber premiações em dinheiro em algumas competições é vista como um bônus que é bem-vindo, porém, incerto (VICENTINI; MARQUES, 2018a).

Em paralelo a este cenário global das grandes federações, centenas de competições sem vínculos federativos são organizadas no Brasil todo ano, sem contabilização de pontuação para os *rankings* oficiais, muitas inclusive adotando a dinâmica da premiação em dinheiro para atrair atletas. Fundado em 2008, o site "soucompetidor.com.br", agrega além de grandes competições, como as organizadas pela UEAJJF no Brasil, competições regionais sem vínculo com nenhum ente federativo, aqui referidas como "não oficiais". Estas competições menores representam a porta de entrada para futuros competidores de alto nível, mas também são o ambiente em que muitos praticantes podem vir a experimentar a competição no decorrer de sua participação (VICENTINI; MARQUES, 2018c).

Embora seja evidente que a organização do jiu-jítsu é decentralizada e ainda existam disputas entre as associações que a reivindicam em nível global e nacional, a IBJJF e CBJJ ocupam lugares dominantes perante a concorrência, seja pela expressiva adesão de praticantes filiados, seja pelo fato de que seu regulamento é amplamente reconhecido, inclusive em competições não oficiais[11]. Sendo a IBJJF a entidade reguladora de jiu-jítsu mais influente em nível global, é importante traçar algumas considerações sobre seu sistema de graduação vigente, levando-se em consideração indícios de que são suas recomendações que norteiam os critérios de graduação na área de abrangência do presente estudo (VICENTINI; MARQUES, 2015a).

O sistema de graduação por cores de faixa adotado no jiu-jítsu permite dividir os praticantes de acordo com seu nível técnico, resultado do tempo de prática. O uso da cor da faixa para diferenciar os mais experientes dos iniciantes foi implementado inicialmente por Jigoro Kano no judô. No início, existiam apenas faixas nas cores branca e preta e com o passar do tempo, muito por influência ocidental e pela demanda imposta pelas competições, o uso de mais cores se tornou habitual. No jiu-jítsu são adotadas as cores: branca, cinza, amarela, laranja, verde, azul, roxa, marrom e preta. Para além da faixa preta, que representa o nível de excelência no jiu-jítsu, conquistado após anos de prática, há ainda aqueles que alcançam os títulos de

[11] Em uma busca no site "soucompetidor.com.br" é possível constatar que as competições não oficiais geralmente adotam o regulamento vigente pela CBJJ/IBJJF (SOUCOMPETIDOR, 2020).

mestre, através das faixas vermelha e preta, e posteriormente, vermelha e branca e grão-mestre, através da faixa vermelha (VON SÖHSTEN, 2015).

A Figura 1 ilustra a diferença entre as graduações no jiu-jítsu (IBJJF, 2012) e no judô (CBJ, 2018), com a ressalva que o jiu-jítsu, diferente do judô, não é regido por uma única entidade reguladora e deste modo, podem existir algumas divergências dentro da própria modalidade esportiva. Um detalhe que surgiu a partir da necessidade de se diferenciar as faixas de jiu-jítsu das faixas de judô é a chamada ponteira, uma tira de cor preta ou vermelha utilizada tradicionalmente na extremidade esquerda da faixa (VON SÖHSTEN, 2017).

Figura 1 – Diferença entre as cores das faixas no jiu-jítsu e judô.

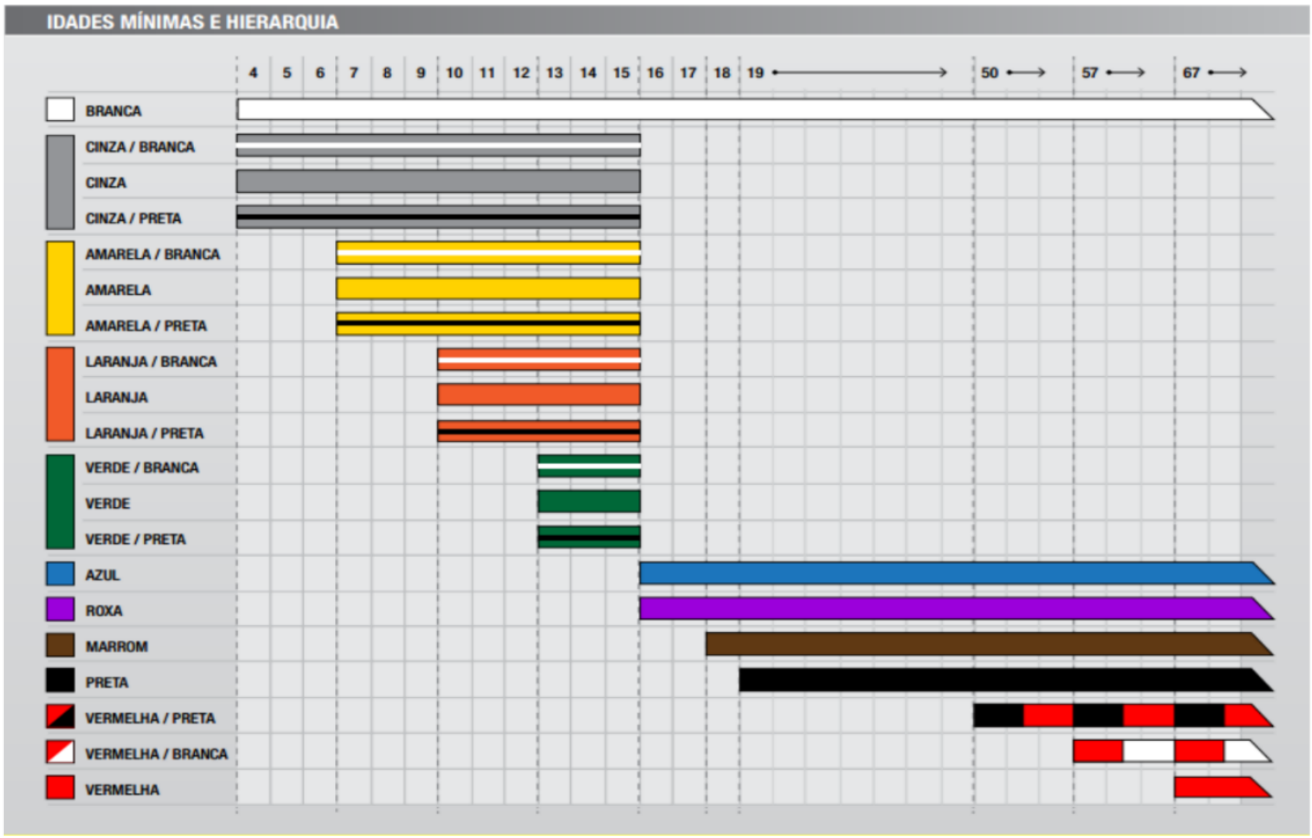
Fonte: Adaptado de IBJJF (2012) e CBJ (2018), sem considerar as graduações intermediarias.

Além das cores apresentadas na Figura 1, em 2012 a IBJJF passou a recomendar a graduação em novas faixas intermediárias entre as faixas branca e azul para aqueles que possuem menos de dezesseis anos de idade, dentre as quais: cinza/branca, cinza/preta, amarela/branca, amarela/preta, laranja/branca, laranja/preta, verde/branca e verde/preta, alegando o intuito de gerar maior motivação entre os mais jovens. A entidade reguladora ainda recomenda a adoção de graus para representar o progresso individual em cada faixa. Até a faixa marrom, o praticante pode ter de nenhum até quatro graus na ponteira de sua faixa (IBJJF, 2012).

A Figura 2, representa o sistema de graduação atual adotado pela IBJJF. Os que iniciam o jiu-jítsu após os dezesseis anos devem passar pelas faixas branca, azul, roxa e marrom, para então conquistar a faixa preta, através das graduações conferidas pelos professores. Cada

graduação a partir da faixa amarela e branca demanda, uma idade mínima e cada graduação a partir da faixa roxa demanda um período mínimo de prática na faixa anterior[12]. Nota-se também que a idade mínima instituída para a conquista da faixa preta é de dezenove anos. Após atingir a faixa preta o indivíduo continua se graduando através de graus e de faixas mais avançadas em um formato completamente chancelado pela entidade reguladora, precisando manter seu registro ativo ao longo dos anos para que lhe sejam conferidos esses títulos. Aqueles que são responsáveis por ministrar aulas de jiu-jítsu antes de conquistar a faixa preta são denominados instrutores, enquanto o título de professor é conferido somente aos graduados faixas pretas, e os títulos de mestre e grão-mestre a quem alcançou as faixas corais e a faixa vermelha, respectivamente (INTERNATIONAL BRAZILIAN JIU-JITSU FEDERATION, 2012).

Figura 2 – Sistema de graduação da IBJJF: Idades mínimas e ordem de faixas.



Fonte: IBJJF (2012).

[12] O tempo mínimo de prática exigido para a graduação é de dois anos entre as faixas azul e roxa, um ano e meio entre as faixas roxa e marrom e um ano entre as faixas marrom e preta (IBJJF, 2012).

O processo de graduação no jiu-jítsu parte da decisão do professor, de acordo com as características e demandas de seu grupo de alunos, com base em alguns critérios individuais e comparação com colegas nos treinos e adversários nas competições, geralmente respeitando as recomendações de tempo mínimo propostas pela IBJJF (VICENTINI; MARQUES, 2015a).

Outros aspectos importantes para compreender as formas de disputa do jiu-jítsu são as divisões por categorias de idade e peso. Assim como a graduação, estas divisões foram desenvolvidas visando contribuir para a dinâmica das competições, garantindo além da competitividade, maior segurança aos seus diferentes participantes como: crianças, idosos e pessoas de diferentes pesos. A IBJJF reconhece a existência de 21 categorias de idade, da “Pré-Mirim I” até a “Master 7” e nove categorias de peso, além da categoria “absoluto”, que reúne atletas de todos os pesos naquela graduação e faixa etária. (IBJJF 2012).

As regras da competição, como o tempo de luta e a proibição de certas técnicas, dependem exclusivamente da categoria de idade e da graduação dos atletas. O tempo regulamentar de luta, por exemplo, pode variar de dois a dez minutos. O quadro 1 apresenta a mudança de regras quanto a proibição de determinados golpes de acordo com a faixa etária e graduação dos atletas, o que altera significativamente a dinâmica da luta.

Quadro 1 – Golpes proibidos segundo o livro de regras da IBJJF

	4 a 12 anos	13 a 15 anos	16 e 17 anos (todas as faixas) e faixa branca (Adulto a Master 7)	Adulto a Master 7 (azul e roxa)	Adulto a Master 7 (marrom e preta)	
1	●					Posição de finalização forçando a abertura da virilha
2	●	●				Estrangulamento que force a cervical
3	●	●				Chave de pé reta
4	●	●				Estrangulamento utilizando a manga do kimono (Ezequiel)
5	●	●				Gravata técnica de frente
6	●	●				Omoplata
7	●	●				Triângulo (puxando a cabeça)
8	●	●				Triângulo de mão
9	●	●	●			Chave que pressione as costelas ou os rins dentro da guarda fechada
10	●	●	●			Mão de Vaca
11	●	●	●			Single leg com a cabeça para fora (**)
12	●	●	●	●		Chave de bíceps
13	●	●	●	●		Chave de panturrilha
14	●	●	●	●		Leg lock (chave de joelho reta)
15	●	●	●	●		Mata-leão no pé
16	●	●	●	●	●	Bate estaca
17	●	●	●	●	●	Chave de cervical
18	●	●	●	●	●	Chave de calcanhar
19	●	●	●	●	●	Chave que torça o joelho
20	●	●	●	●	●	Cruzada de perna (ver página 32)
21	●	●	●	●	●	Queda-tesoura
22	●	●	●	●	●	Na chave de pé reta, girar na direção do pé que não está sendo atacado
23	●	●	●	●	●	No mata-leão no pé, aplicar a presão para o lado externo do pé
24	●	●	●	●	●	Torcer os dedos para trás
25	●	●	●	●	●	Segurar na faixa do adversário e projetá-lo de cabeça ao solo enquanto se defende de um Single Leg com a cabeça para fora.
26	●	●	●	●	●	Suplex derrubando o adversário de cabeça ou pescoço ao solo.

Fonte: IBJJF, 2018.

Enquanto no início do século XX o jiu-jítsu vivia o processo gradativo de esportivização e se apresentava com poucas regras, atualmente a modalidade esportiva de combate encontra-se altamente racionalizada, fruto dos esforços das diferentes federações que a regulamentam. Ao longo dos anos, considerando a evolução técnica e tática experimentada pelos atletas, novas demandas por atualização da regra continuam surgindo, sobretudo visando preservar a integridade física de seus praticantes (SJJIF, 2015; IBJJF, 2018).

Após mais de um século de história no Brasil, hoje o jiu-jítsu se estrutura em todo o país, caracterizado por uma diversidade de equipes que cresceu à medida que novas gerações de professores eram formadas. O contexto descentralizado desta modalidade esportiva, regida por múltiplas federações, faz com que não existam indicativos precisos sobre o número de

praticantes e academias no Brasil e no mundo. Além disso, muitos praticantes não se envolvem com suas associações e competições oficiais, o que impossibilita sua contabilização.

O jiu-jítsu, que inicialmente repercutia nas capitais, como Belém, Rio de Janeiro e São Paulo, viveu um constante processo de interiorização nas últimas décadas. Deste modo, é preciso localizar-se no espaço e no tempo, garantindo a correta contextualização dos resultados e discussões promovidos por esta pesquisa. O estudo em questão ocorreu no interior do estado de São Paulo, em um raio de cobertura de quarenta quilômetros do município de Ribeirão Preto, cidade sede da região metropolitana que leva o mesmo nome, com população de 604.682 habitantes e 0,800 de IDH segundo o censo de 2010 (IBGE, 2020).

Na cidade de Ribeirão Preto, a primeira equipe de jiu-jítsu brasileiro data de 1990. O primeiro ribeirão-pretano a conquistar a faixa preta nesta modalidade esportiva a recebeu em 2001 e atualmente a cidade conta com a presença de cerca de treze diferentes equipes, tendo se tornado um polo regional do jiu-jítsu no interior do Estado de São Paulo (VON SÖHSTEN, 2018).

Dentre os praticantes de jiu-jítsu na região de Ribeirão Preto, existe um grupo de atletas de elite, medalhistas em competições de nível nacional e internacional. Seis destes atletas, homens, com graduações nas faixas preta ou marrom, tiveram sua participação esportiva como alvo de investigação anterior, o que permitiu chamar atenção para o fato de que a maioria dos praticantes de jiu-jítsu, especificamente da região estudada, nunca participou de competições oficiais (VICENTINI; MARQUES, 2018c).

Estudar a participação esportiva de praticantes de jiu-jítsu da região de Ribeirão Preto que alcançaram a graduação na faixa preta sem ter participado de competições oficiais permitirá estabelecer um contraponto com a participação esportiva dos atletas de elite, contribuindo com a experiência formativa de faixas pretas de jiu-jítsu, especialmente no contexto local.

A próxima seção é dedicada à apresentação do estudo da participação esportiva, referencial teórico que sustentará o cerne das discussões promovidas por este trabalho.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Para concluir cada um dos objetivos específicos desta pesquisa, utilizou-se de conceitos e teorias que assumiram papéis centrais nas análises conduzidas. A seção de referencial teórico foi elaborada com o intuito de apresentar os modelos teóricos adotados, expondo além de suas potencialidades, suas fragilidades e lacunas. Deste modo, foi possível identificar uma certa cronologia, com cada teoria sendo complementada pela seguinte, formando o conjunto de referências que forneceu embasamento teórico para a presente pesquisa.

Percebe-se nas últimas décadas uma demanda crescente pelo entendimento acerca do processo de formação esportiva. Neste período uma série de modelos de desenvolvimento esportivo foram propostos, sobretudo na América do Norte, Europa Ocidental e na Rússia. Alfermann e Stambulova (2007) apresentam e revisam cinco destes modelos (BLOOM 1985; SALMELA 1994; STAMBULOVA 1994; CÔTÉ 1999; WYLLEMAN; LAVALLEE 2004), Bruner et al. (2009) conduziram um estudo com o objetivo de investigar a rede de citações que se formou ao entorno destas pesquisas, revelando mais três modelos, além dos cinco já citados (ABBOTT; COLLINS, 2004; BAILEY; MORLEY, 2006; MORGAN; GIACOBBI, 2006).

Dentre tais teorias, o Modelo de Desenvolvimento da Participação Esportiva (DMSP[13]), proposto inicialmente por Côté (1999) foi considerado o modelo mais estudado, tendo como base a rede de citações que se formou ao seu entorno (BRUNER et al., 2009). O DMSP se mostra adequado para contemplar a pluralidade do fenômeno esportivo, considerando os possíveis caminhos que a formação esportiva pode levar, superando a visão hegemônica que considera somente aqueles que logram a elite competitiva como bem-sucedidos no esporte (SOUZA; VICENTINI; MARQUES, 2020.)

Em resposta às críticas recebidas pelo DMSP, por não considerar as condições sociais ao entorno dos atletas em sua análise, Côté, Turnnidge e Evans (2014) desenvolveram uma abordagem ecológica – que considera o sistema integrado de variáveis pessoais e sociais – sobre as bases fundamentadas pelo DMSP: O Quadro de Desenvolvimento de Valores Pessoais (PAF[14]).

O PAF surgiu da necessidade de considerar a influência da interação do participante com o seu entorno e de compreender como esta interação implica em mudanças nos valores

[13] Traduzido do inglês: *Developmental Model of Sport Participation.*
[14] Traduzido do inglês: *Personal Assets Framework.*

pessoais que, por sua vez, influenciam os resultados de longo prazo da formação esportiva, os chamados 3P's (CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014).

Enquanto o DMSP (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007) permite que se observe a configuração das etapas distintas que compõe a participação esportiva e o PAF (CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014) chama atenção para a dinâmica do desenvolvimento de valores pessoais, os períodos de transição que acontecem ao longo desse processo não são estudados afundo por estas teorias. Tal lacuna nos trabalhos de Jean Côté e colaboradores com relação ao entendimento das transições esportivas fez com que se buscasse apoio em teorias complementares como o Modelo de Transição de Carreira Atlética (ACTM [15]) (STAMBULOVA, 2003) as perspectivas de pessoa integral (WYLLEMAN; LAVALLEE, 2004) e de dupla carreira (STAMBULOVA et al., 2014; STAMBULOVA; RYBA, 2014; TORREGROSSA; CHAMORRO; RAMIS, 2016).

Este novo quadro de referências permitiu destacar a importância de se investigar as transições entre etapas da participação esportiva, considerado o esporte contemporâneo como um fenômeno complexo, heterogêneo e multicultural (MARQUES, 2015). A formação esportiva, portanto, pode ser entendida como a sucessão de transições entre diferentes etapas de envolvimento esportivo, um fenômeno igualmente complexo, heterogêneo e multicultural, que sofre influência de uma série de variáveis dinâmicas que atuam como recursos e barreiras.

O referencial teórico foi subdividido em três sessões: 3.1 O Modelo de Desenvolvimento da Participação Esportiva (DMSP); 3.2 O Quadro de Desenvolvimento de Valores Pessoais (PAF); e, por fim, 3.3 O Modelo de Transição de Carreira Atlética (ACTM), as perspectivas de pessoa integral e de dupla carreira

3.1 O MODELO DE DESENVOLVIMENTO DA PARTICIPAÇÃO ESPORTIVA (DMSP)

Desde sua concepção original, o DMSP se desenvolveu apresentando uma série de conceitos quantificáveis e testáveis, o que contribuiu para sua expansão em mais de duas décadas de pesquisa (CÔTÉ; HANCOCK, 2016; SOUZA; VICENTINI; MARQUES, 2020).

[15] Traduzido do inglês: *Athletic Career Transtition Model*.

Côté e Hancock (2016), ao apresentarem a história do DMSP, após quinze anos da primeira publicação, defenderam a existência de quatro ondas[16] de pesquisa que fomentaram o entendimento atual sobre o modelo. A primeira onda compreendeu da conceituação inicial do DMSP, a partir de estudos qualitativos envolvendo atletas, treinadores e familiares, até pesquisas qualitativas mais recentes voltadas a investigação da formação esportiva em modalidades esportivas e contextos sociais diversos.

A segunda onda foi marcada pelo desenvolvimento de uma metodologia quantitativa retrospectiva que permitiu com que se testassem os apontamentos advindos da primeira. Os estudos desta onda demonstraram que a diversão e a diversificação durante os primeiros anos de contato com o esporte estão relacionadas ao sucesso esportivo, a partir de uma perspectiva de sucesso mais ampla centrada na manutenção da prática esportiva de longo prazo. Também se reconheceu que além de atletas de elite, o modelo deve englobar participantes com diferentes níveis de envolvimento esportivo, o que justificou a proposição de uma nova etapa de envolvimento: os anos de recreação (CÔTÉ; HANCOCK, 2016).

Durante a terceira onda houve um refinamento do entendimento sobre o DMSP, graças a comparação entre a atividades experimentadas durante a formação esportiva de atletas que se mantiveram na elite competitiva por muitos anos e pessoas que abandonaram o esporte, integrando outra etapa ao modelo: a especialização esportiva precoce (CÔTÉ; HANCOCK, 2016).

A quarta onda foi marcada por publicações teóricas preocupadas em compilar os achados das demais ondas e mensurar a qualidade das evidências que os sustentam, a fim de apresentar àqueles responsáveis pela formação esportiva de crianças e jovens (pais, treinadores e gestores esportivos) um conjunto de recomendações mais assertivas sobre o assunto, bem como, apontar aos pesquisadores, lacunas para investigações futuras (CÔTÉ; HANCOCK, 2016). Na quarta onda, foram definidos os três objetivos fundamentais que os programas de formação esportiva bem-sucedidos devem cumprir, denominados por Côté e Fraser-Thomas (2007), como 3P's: participação, desenvolvimento pessoal e desempenho[17]. Segundo os autores, o Desenvolvimento Positivo na Juventude (*PYD*[18]) depende do equilíbrio entre os 3P's.

---

[16] Optou-se por traduzir o termo "*step*" usado por Côté e Hancock (2014) como "onda", uma vez que, além dos próprios autores também usarem desta analogia em alguns momentos, observou-se que os trabalhos citados referentes a cada onda se sobrepõem cronologicamente.

[17] Traduzido do inglês: P*articipation, Personal development and Performance.*

[18] Traduzido do inglês: *Positive Youth Development.*

A participação se remete a participação esportiva de longo prazo, havendo a manutenção da prática esportiva em idade adulta. O desenvolvimento pessoal é definido como desenvolvimento de habilidades e valores pessoais tidos como positivos e transferíveis para além do esporte. Enquanto o desempenho engloba a assimilação de habilidades motoras fundamentais e especificas (CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007).

Para conceituar o DMSP e as etapas de envolvimento esportivo que o compõem é importante apresentar os conceitos de prática e jogo deliberado. Ao investigar a formação de violinistas e pianistas classificados em diferentes níveis de desempenho, Ericsson, Krampe e Tesch-Römer (1993) identificaram um grupo de atividades que se correlacionavam positivamente com o nível de desempenho atingido. Os autores classificaram estas atividades como "prática deliberada" e sua quantificação passou a ser comum em pesquisas sobre a formação, não apenas na música, mas também no esporte.

Pode-se entender as práticas deliberadas como atividades estruturadas por terceiros, realizadas com um objetivo explícito, em que o principal foco está no desenvolvimento de habilidades específicas, aprimoramento de desempenho e superação de fraquezas. A prática deliberada geralmente não é retratada como agradável, requerendo altas taxas de esforço, caracterizando-se pela motivação extrínseca, apesar de não haver recompensas sociais e financeiras imediatas (ERICSSON; KRAMPE; TESCH-ROMER, 1993).

Desde então, investigações que buscavam compreender o papel da prática deliberada no contexto esportivo se depararam com resultados diferentes do esperado, uma vez que grande parte das atividades relacionadas aos primeiros anos da participação esportiva de atletas de elite foram tidas como prazerosas e tinham o fim em si mesmo, caracterizadas, portanto, pela motivação intrínseca (HODGES; STARKES, 1996; HODGE; DEAKIN, 1998; STARKES; HODGES, 1998; CÔTÉ, 1999; YOUNG; SALMELA, 2002).

Côté (1999), ao investigar a formação esportiva de atletas canadenses de nível nacional, descreveu como "jogo deliberado" esta nova categoria de atividades tão influentes nos resultados da formação esportiva quanto a prática deliberada. Jogos deliberados consistem em atividades caracterizadas pela motivação intrínseca e a adaptação das regras ao seu contexto, possibilitando a participação e o prazer momentâneo dos envolvidos, sem a necessidade de supervisão de um adulto. O jogo deliberado mostra grande relevância durante os anos de contato inicial da criança com o esporte, porém sabe-se que esse tipo de atividade não deve deixar de existir ao longo de toda participação esportiva.

O jogo deliberado permite com que se tenha experiências agradáveis relacionadas ao ato de jogar/brincar, sobretudo não deixando de contribuir para a aquisição de habilidades,

permitindo com que se construa uma base sólida de competências transferíveis a diversos contextos no futuro (CÔTÉ, 1999; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007; CÔTÉ; VIERIMAA, 2014). O quadro 2, apresentado por Côté, Baker e Abernethy (2007) sintetiza as principais diferenças entre os conceitos de prática e jogo deliberado.

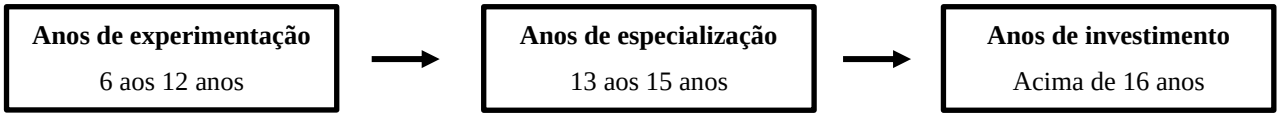
Quadro 2 – Diferenças entre Jogo Deliberado e Prática Deliberada

Jogo Deliberado	**Prática Deliberada**
Realizado para seu próprio bem	Realizada para alcançar objetivo futuro
Agradável	Não necessariamente agradável
Simula-se qualidade	Realizada com seriedade
Interesse no comportamento	Interesse no resultado do comportamento
Flexibilidade	Regras explícitas
Envolvimento adulto não requerido	Envolvimento adulto frequentemente requerido
Ocorre em vários ambientes	Ocorre em ambientes especializados

Fonte: Traduzido e adaptado de Côté, Baker e Abernethy (2007).

Neste mesmo trabalho em que o conceito de jogo deliberado tem suas diferenças explicitadas em relação a prática deliberada, Côté (1999) propõe pela primeira vez as fases que viriam a compor um dos caminhos do DMSP: os anos de experimentação, os anos de especialização e os anos de investimento (figura 3). Vale ressaltar que este foi um estudo empírico realizado em um contexto distinto, envolvendo quatro atletas canadenses (um tenista e três remadores) e seus familiares (quatro irmãos, quatro mães e três pais). Apesar da riqueza qualitativa das reflexões propostas inicialmente por este estudo, a consolidação, bem como o desenvolvimento do DMSP, foi se dando ao logo de mais de duas décadas de pesquisa (CÔTÉ; HANCOCK, 2016; CÔTÉ; VIERIMAA, 2014; SOUZA; VICENTINI; MARQUES, 2020).

Figura 3 – Estágios da participação esportiva da infância a adolescência



Fonte: Traduzido de Côté (1999).

Os autores do DMSP chamam de anos de experimentação o período estruturante de uma formação esportiva bem-sucedida. Este período é caracterizado pela maior proporção de jogos deliberados em relação a práticas deliberadas e pela maior diversificação de atividades. Durante os anos de experimentação as crianças são expostas a uma vasta gama de experiências esportivas e a habilidades motoras básicas, tais como correr, saltar, arremessar e chutar. Os pais neste período assumem papel crítico, visto que são os responsáveis primários em fomentar ambientes que estimulem a prática diversificada e o jogo deliberado na infância (CÔTÉ, 1999; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2003).

Nos anos de especialização, o jovem passa a se concentrar em uma ou duas modalidades esportivas específicas. Apesar do foco central ainda ser o divertimento, as habilidades específicas de cada modalidade esportiva são mais desenvolvidas, existindo um certo equilíbrio entre as quantidades de prática e jogo deliberado. A função dos pais nesse período se dá principalmente através do suporte à prática especializada (CÔTÉ, 1999), e os treinadores passam a representar maior influência sobre os jovens envolvidos (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2003). Neste período alguns dos pontos críticos que podem influenciar na escolha da modalidade esportiva pela qual o jovem irá buscar o alto rendimento são: experiências positivas com o treinador, incentivo de irmãos mais velhos, e o fato de se sentir bem-sucedido ou de simplesmente se divertir mais ao praticar determinada modalidade esportiva (CÔTÉ; HAY, 2002).

Por fim, a prática deliberada em uma única modalidade esportiva passa a compor a maior parte da preparação deste jovem atleta nos chamados anos de investimento. Este período é marcado pela redução do tempo gasto com jogos deliberados e do envolvimento com outras atividades. Durante os anos de investimento, os pais literalmente investem na carreira esportiva de seus filhos, procurando oferecer o melhor ambiente possível para o seu desenvolvimento esportivo de elite. O desenvolvimento competitivo, estratégico e de habilidades específicas se caracterizam como sendo os mais importantes elementos dos anos de investimento (CÔTÉ, 1999; CÔTÉ; HAY, 2002; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2003).

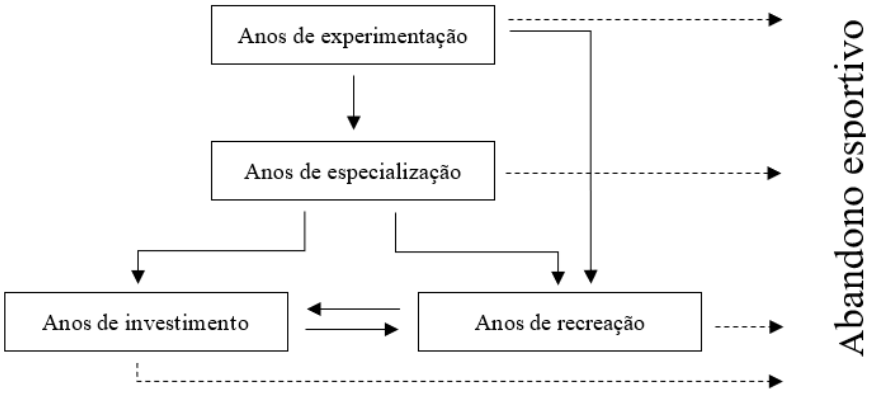
Ao longo dos primeiros anos após a proposição do DMSP, uma metodologia quantitativa retrospectiva foi desenvolvida para que os pesquisadores tenham em mãos uma ferramenta com maior confiabilidade e validade para construir dados acerca da formação esportiva de atletas de elite (CÔTÉ; ERICKSON; LAW, 2005). O desenvolvimento desta metodologia permitiu quantificar a diversificação, prática e jogo deliberado, colocando a prova os pressupostos advindos das pesquisas qualitativas, o que permitiu com que a pesquisa entorno do DMSP crescesse exponencialmente (BRUNER et al., 2009).

Côté, Erickson e Law (2005) descrevem como buscar informações objetivas e verificáveis sobre a participação esportiva de forma detalhada. Uma estrutura de entrevista em forma de linha do tempo foi proposta para mapear as diferentes atividades que contribuem para o desenvolvimento esportivo em seus vários estágios, levando em consideração a dificuldade de se lembrar de atividades concretas experimentadas no passado. Os autores admitem que seria difícil obter todas as informações relevantes por meio de um questionário padronizado, propondo que sejam feitas adaptações aos diferentes contextos e modalidades esportivas, considerando o quadro particular que se dispõem a investigar, sem necessariamente deixar de acessar essas informações de uma forma sistematizada.

Apoiados neste referencial teórico e fazendo uso desta metodologia, uma série de trabalhos se desenvolveu em diferentes contextos, seja comparando a formação de atletas de diferentes níveis de desempenho (BAKER; CÔTÉ; ABERNETHY, 2003; BAKER; CÔTÉ; DEAKIN, 2005; LAW; CÔTÉ; ERICSSON, 2007), atletas que se mantiveram envolvidos com determinada modalidade esportiva alcançando a elite competitiva em idade adulta à aqueles que interromperam sua participação precocemente (FRASER-THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2008a; STRACHAN; CÔTÉ; DEAKIN, 2009; WALL; CÔTÉ, 2007), até indivíduos fisicamente ativos em idade adulta em relação a seus pares inativos (ROBERTSON-WILSON et al., 2003).

Seguindo esta ampliação no conhecimento sobre a formação esportiva, o DMSP foi adaptado para reconhecer os diferentes fins que uma formação esportiva pode levar (CÔTÉ; HANCOCK, 2016). Enquanto na concepção inicial de Côtê (1999) e em propostas como as de Bloom (1985), Carlson (1988), Matveev (1997), as etapas da formação esportiva eram dispostas de forma linear ou piramidal, centrando-se na formação de atletas da elite competitiva, Côté e Hay (2002), apresentaram uma atualização ao DMSP em que se tem um entendimento mais amplo sobre o processo. Os autores reconhecem que um número limitado de crianças e jovens vivenciam todas as etapas da formação esportiva ou chegam à elite competitiva de determinada modalidade esportiva, propondo assim os denominados anos de recreação, reconhecendo também que a qualquer momento o praticante pode vir a abandonar a modalidade esportiva ou o esporte como um todo (Figura 4).

Figura 4 – Estágios da participação esportiva da infância a adolescência considerando os anos de recreação e o abandono esportivo



Fonte: Traduzido de Côté e Hay (2002).

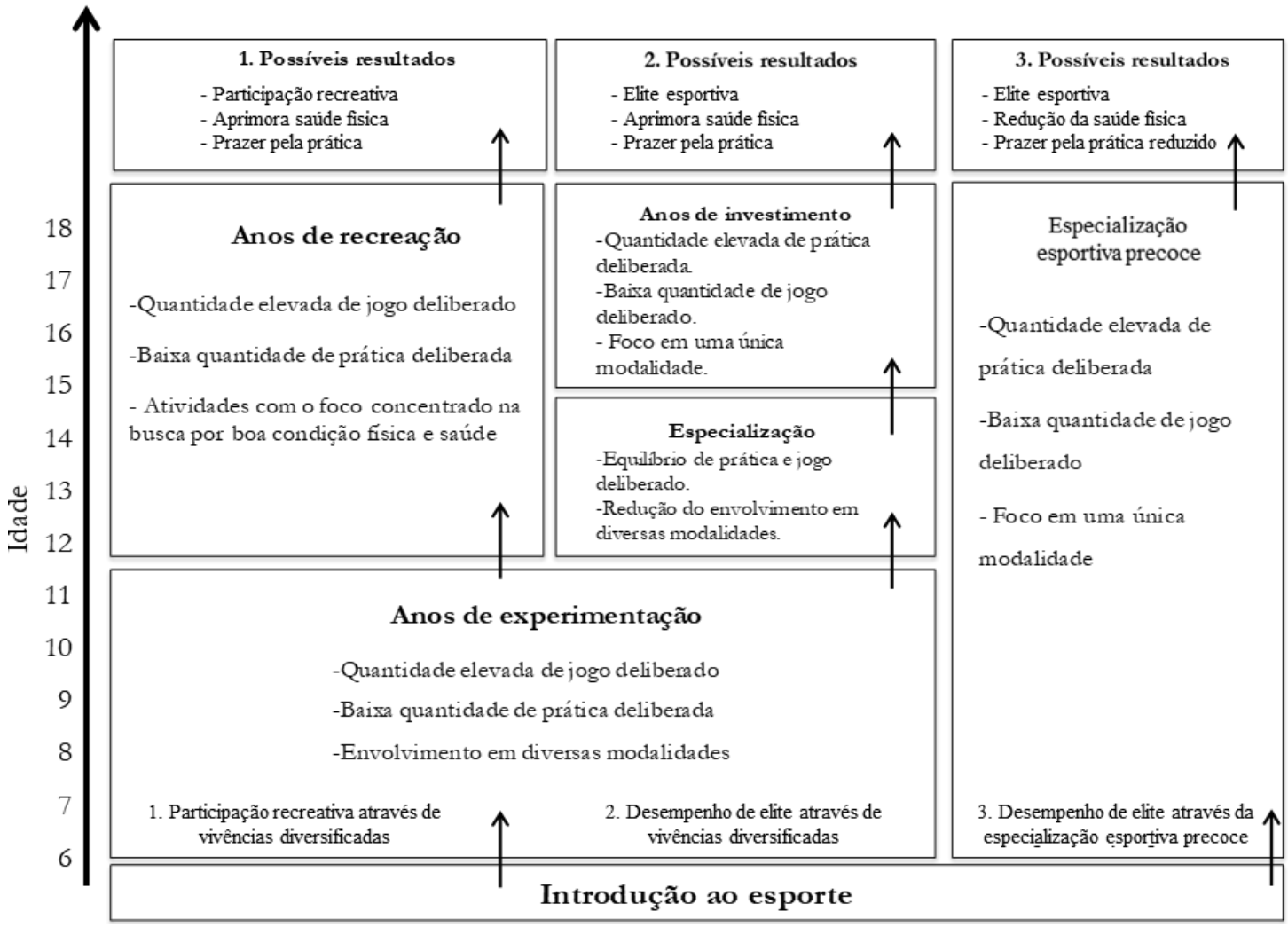
Os autores propõem explicar os possíveis caminhos que uma formação esportiva pode adotar através das setas da Figura 4. Dos anos de experimentação, os jovens podem se mover em três diferentes direções: especializar-se em uma ou duas modalidades esportivas; manter envolvido com o esporte de forma recreativa; ou simplesmente abandonar o esporte por diferentes motivos. Dos anos de especialização há também três possíveis caminhos: os anos de investimento, o que implica em um maior comprometimento com a busca pelo alto rendimento; os anos de recreação; e, o abandono esportivo. Uma vez nos anos de investimento, os atletas podem transitar para os anos de recreação ou abandonar a sua prática. E por fim, durante os anos de recreação, algumas pessoas têm a possibilidade de retornar aos anos de investimento; sendo também possível que ali se encerre o seu envolvimento esportivo (CÔTÉ; HAY, 2002).

As características dos anos de experimentação, isto é, diversificação precedendo a especialização em uma única modalidade esportiva e a maior concentração de jogo deliberado em relação à prática deliberada, podem se estender através de uma vida adulta fisicamente ativa nos chamados anos de recreação. Portanto, jovens que não passaram pelos anos de especialização e investimento, seja por vontade própria ou por uma série de fatores externos e aqueles que vivem o encerramento de sua carreira esportiva, passam a viver os anos de recreação, uma vez que se mantem no esporte. Nos anos de recreação o jovem ou adulto participa regularmente da prática em diversas modalidades esportivas sem aspirar ao alcance do alto rendimento. A promoção da saúde, a socialização e o prazer relacionados a prática esportiva são as características mais importantes nos anos de recreação (CÔTÉ; HAY, 2002).

Tais mudanças de perspectiva fizeram com que o DMSP pudesse ser apresentado como um modelo que leva em consideração a pluralidade do esporte contemporâneo, compreendendo uma maior variedade de caminhos que uma formação esportiva pode percorrer (SOUZA;

VICENTINI; MARQUES, 2020). Côté, Baker e Abernethy (2007) trazem uma nova figura para ilustrar alguns destes possíveis caminhos, e nesta versão, além dos já citados caminhos à participação recreativa e a elite esportiva através dos anos de experimentação, os autores consideram a possibilidade de se atingir o nível de elite por meio especialização esportiva precoce, apontando seus riscos. Na figura 5, os autores procuram chamar atenção para a distribuição de prática e jogo deliberado, o número de atividades em que se envolve em cada etapa de participação esportiva, além dos possíveis fins que cada caminho pode levar.

Figura 5 – O modelo de desenvolvimento da participação esportiva (DMSP)



Fonte: Traduzido de Côté, Baker e Abernethy (2007)

Processos de formação esportiva norteados pela lógica do terceiro caminho do DMSP, a especialização esportiva precoce, negligenciam os anos de experimentação e são relacionados a uma série de consequências negativas. No entanto, admite-se que é possível alcançar altos índices de desempenho esportivo em determinados contextos valendo-se destes meios, embora as chances de abandono esportivo devido à redução da saúde e do prazer pela prática se tornem maiores (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007).

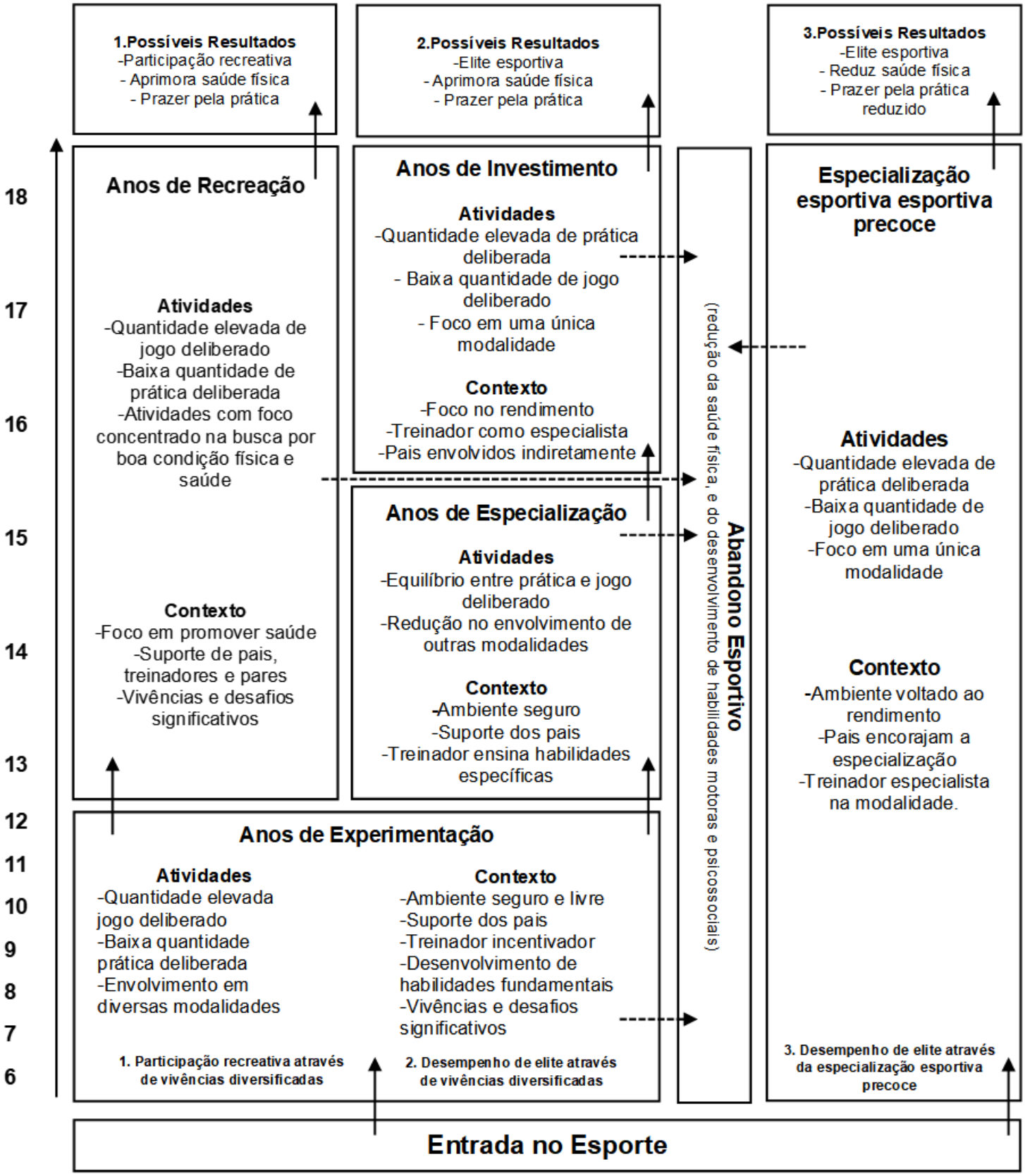
A especialização esportiva precoce pode levar a uma limitação de oportunidades que restringe o contato do indivíduo com o esporte, a partir do ponto de vista motor, social e psicológico (WIERSMA, 2000), aumentando o risco de lesão (DALTON, 1992), e do abandono de determinada modalidade esportiva até o abandono esportivo definitivo (BUTCHER;

LINDNER; JOHNS, 2002; CÔTÉ; DEAKIN, 2008a; FRASER-THOMAS; GOULD et al., 1996).

Law, Côté e Ericsson (2007), ao estudarem a formação esportiva de dois grupos de seis atletas de nível olímpico e internacional na ginastica rítmica, evidenciam que é possível se atingir os mais altos patamares competitivos através da especialização esportiva precoce. O que explica o sucesso competitivo das atletas estudadas pelos autores é a idade em que se tem o potencial máximo para se atingir o alto rendimento nesta modalidade esportiva. Sobretudo na ginástica feminina, o pico de rendimento tem sido observado mais cedo em relação as outras modalidades esportivas por uma série de fatores, dentre eles as limitações biomecânicas.

Além das quantidades relativas de prática deliberada, jogo de liberado e diversificação de atividades esportivas, compreender o contexto em que os participantes vivenciam o esporte se faz fundamental para identificação de cada uma das etapas previstas pelo DMSP. A figura 6, proposta por Côté e Fraser-Thomas (2007), engloba, as informações já apresentadas na figura 5 e as características dos contextos relacionados a cada fase do DMSP, além de reconhecer a possibilidade do abandono esportivo definitivo, sendo a representação gráfica mais completa de que se tem do modelo.

Figura 6 – O modelo de desenvolvimento da participação esportiva (DMSP) considerando as diferenças contextuais entre suas etapas e o abandono esportivo definitivo



Fonte: Traduzido de Côté e Fraser-Thomas (2007).

Considerando que a elite esportiva não é alcançada por grande parte dos envolvidos com o fenômeno esportivo, Côté e colaboradores (CÔTÉ; HAY, 2002; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007; CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007), deixam implícito um entendimento de formação esportiva bem-sucedida que se refere a continuidade da participação ao longo da vida, do envolvimento recreativo ao desempenho de elite, representando os dois primeiros caminhos do DMSP.

Côté, Lidor e Hackfort (2009), propuseram, com base em diferentes níveis de sustentação teórica e empírica, sete postulados sobre a participação esportiva na juventude para estruturação de uma formação esportiva bem-sucedida (quadro 3). Estes postulados funcionam como recomendações extraídas do DMSP com o objetivo de embasar as ações daqueles responsáveis por planejar políticas de promoção da prática esportiva, dirigentes esportivos, pais e treinadores.

Quadro 3 – Sete postulados sobre atividades esportivas na juventude que levam à participação continuada e à elite competitiva.

Postulado 1: A diversificação de experiências esportivas (experimentação) não impossibilita o alcance do alto rendimento em modalidades esportivas em que o pico de rendimento se dá após a maturação.
Postulado 2: A diversificação de experiências esportivas (experimentação) está relacionada a carreiras esportivas mais longas e tem implicações positivas no envolvimento esportivo de longo prazo.
Postulado 3: A diversificação de experiências esportivas (experimentação) permite com que o participante vivencie contextos mais favoráveis para o desenvolvimento positivo na juventude.
Postulado 4: Altas quantidades de jogos deliberados durante os anos de experimentação constroem uma fundação sólida de motivação intrínseca através do envolvimento em atividades que são agradáveis e promovem regulação intrínseca.
Postulado 5: Altas quantidades de jogos deliberados durante os anos de experimentação estabelecem uma gama de experiências motoras e cognitivas em que as crianças podem em última análise trazer para sua modalidade esportiva de interesse.
Postulado 6: Por volta do final da escola primária (cerca de treze anos) o jovem tem a oportunidade de escolher se especializar em sua modalidade esportiva favorita ou continuar vivenciando o esporte em um nível recreativo.
Postulado 7: Por volta do final da adolescência (cerca de dezesseis anos) tem-se o desenvolvimento físico, cognitivo, social, emocional e as habilidades motoras necessárias para investir seus esforços em um treinamento altamente especializado em uma modalidade esportiva.

Fonte: Adaptado de Côté, Lidor e Hackfort (2009).

Os cinco primeiros postulados se remetem ao papel do jogo deliberado e da diversificação durante os anos de experimentação, enquanto o sexto e o sétimo dizem respeito

às transições para os anos de especialização/recreação e investimento, respectivamente (CÔTÉ; LIDOR; HACKFORT, 2009)

Após sua concepção original, a rede de citações envolvendo o DMSP cresceu, contando com contribuições ao redor do mundo, envolvendo os mais distintos contextos e modalidades esportivas, o que permitiu com que o modelo e suas premissas fossem amplamente testados (SOUZA; VICENTINI; MARQUES, 2020). Côté e Vierimaa (2014) conduziram uma revisão de literatura como o intuito de avaliar sistematicamente a qualidade das evidências que sustentam cada um dos sete postulados apresentados no quadro 3.

Os autores concluíram que apesar de apresentarem diferentes graus de sustentação empírica e teórica, há fortes recomendações para que os programas de formação esportiva adotem os postulados 1, 2, 4, 5 e 6 como certos. Os anos de experimentação são considerados, portanto, como a base de uma formação esportiva bem-sucedida através da diversificação inicial e de uma maior concentração de jogos deliberados em relação às práticas deliberadas nos primeiros anos de contato com o esporte. Já a especialização esportiva precoce é desencorajada pelos autores por estar relacionada a um conjunto de malefícios, dentre os quais, a redução da participação esportiva ao longo da vida (CÔTÉ; VIERIMAA, 2014).

Já os postulados 3 e 7 foram classificados como incertos por Côté e Vierimaa (2014), por não contarem com a mesma qualidade de evidências empíricas que os demais.

O terceiro postulado é voltado à associação entre a diversificação inicial e *PYD* (CÔTÉ; LIDOR; HACKFORT, 2009). O conjunto de evidências que apoiam este postulado é qualificado como moderado, considerando a falta de estudos diretamente relacionados ao desenvolvimento pessoal e a diversificação de atividades durante os anos de experimentação. Os autores admitem que o terceiro postulado não se sustenta com a mesma força que os dois anteriores, demandando mais pesquisas que abordem diretamente o tema (CÔTÉ; VIERIMAA, 2014).

O sétimo postulado, por sua vez, é voltado a transição para um período de treinamento intenso com o propósito de se atingir a elite esportiva, os anos de investimento. Para os autores, o jovem já é capaz de tomar decisões relacionadas ao investimento em uma carreira esportiva de elite a partir do final da adolescência, pois já é possível compreender os riscos e benefícios relacionados ao foco intensivo em uma única modalidade esportiva (CÔTÉ; LIDOR; HACKFORT, 2009).

As evidências que suportam este postulado são mais indiretas, sendo classificadas por Côté e Vierimaa (2014) como de baixa qualidade. O sétimo postulado é aquele que os autores entendem como incerto, recomendando novas investigações futuras sobre os anos de

investimento em contextos e modalidades esportivas distintas. Uma importante lacuna do DMSP é apresentada pelo seu próprio autor neste estudo de revisão, denunciando a falta de precisão com relação às idades ideais para a transição entre suas principais etapas.

Ao aplicar os conceitos, tanto do DMSP, quanto dos outros modelos de desenvolvimento esportivo para investigar a formação de um grupo de atletas, deve-se manter uma postura crítica e reconhecer que tais modelos foram conceituados e desenvolvidos ao longo dos anos com base em pesquisas distintas, em diferentes configurações de contextos socioculturais (modalidades esportivas, países e níveis de envolvimento esportivo) e metodologias (longitudinais, transversais, retrospectivas, qualitativas e quantitativas). Sendo assim, é vital que os pesquisadores sejam cuidadosos em reconhecer que diferentes modalidades esportivas representam diferentes contextos, o que justifica trabalhos como este, direcionados a investigar um contexto em particular (EVANS et al., 2017).

É clara a evidência de que todo atleta de elite precisa, em algum momento, adotar uma rotina de treinamento intensiva em sua modalidade esportiva específica. Sabe-se que esta preparação deve ser ajustada gradualmente respeitando o estágio de desenvolvimento do jovem. Apesar do investimento no treinamento de uma modalidade esportiva antes dos dezesseis anos se apresentar como inviável na maioria dos casos (CÔTÉ; VIERIMAA, 2014), em alguns contextos há uma maior exposição precoce a esta etapa de participação esportiva (STARKES et al. 1996; LAW; CÔTÉ; ERICSSON, 2007).

Estudos em modalidades esportivas em que a especialização e investimento ocorrem geralmente antes dos dezesseis anos como ginastica e patinação artística, têm evidenciado uma série de resultados negativos como aumento dos índices de lesão e queda do prazer pela prática, o que leva mais jovens ao abandono (STARKES et al. 1996; LAW; CÔTÉ; ERICSSON, 2007).

Beneli (2018) investigou a formação esportiva de atletas de elite do basquetebol brasileiro masculino e feminino. Seu estudo contou com a participação de 96 atletas brasileiros de quinze equipes que disputavam o campeonato nacional de basquetebol masculino (NBB) e 28 atletas de seis equipes da Liga de Basquete Feminino (LBF) na temporada 2016/2017. Destacou-se que as atletas femininas de basquetebol relataram que apesar de iniciadas de forma relativamente tardia na modalidade esportiva (10,79±2,78) através de instituições públicas, começaram a competir precocemente 11,64±2,34 anos, realizando cerca de três sessões semanais de treinamento durante noventa minutos, se especializando inclusive em uma posição do jogo. A conquista do seu primeiro torneio aconteceu, em média, aos 13,5±1,9 anos, e aos 15,8±1,42 passaram a receber remuneração como atleta.

O autor chama atenção para a estrutura organizacional do esporte no Brasil, tornando evidente que o cenário brasileiro se distancia significativamente do contexto canadense de onde surgiu o DMSP. A dificuldade de acesso a programas de iniciação esportiva e a instalações apropriadas para o investimento em uma carreira competitiva de elite é desigual entre as cidades e regiões do país. Nota-se também que os atletas masculinos de basquetebol contaram com mais oportunidades de práticas diversificadas durante a infância e adolescência, o que contribuiu para que a especialização esportiva precoce fosse mais recorrente entre as jogadoras (BENELI, 2018)

Concluiu-se que fatores sociais têm grande influência sobre as trajetórias esportivas de atletas de basquetebol no contexto brasileiro. A insegurança com relação a sua remuneração como atleta pareceu influenciar a busca por resultados precoces, enquanto os estudos e a formação profissional foram relatados como principais motivos que levaram ao encerramento de carreiras competitivas entre seus colegas (BENELI, 2018; BENELI; GALATTI; MONTAGNER, 2017).

No futsal brasileiro, a formação esportiva de jogadoras de elite também foi alvo de investigação anterior, corroborando os achados de Beneli, Galatti e Montagner (2017) no que concerne ao acesso desigual às oportunidades de prática esportiva entre homens e mulheres no Brasil (MASCARIN; VICENTINI; MARQUES, 2019).

O estudo que contou com a participação de treze jogadoras de elite do futsal feminino, atletas de um mesmo clube paulista, concluiu que a maioria das atletas investigadas teve sua iniciação esportiva baseada em jogos deliberados com bola, na rua e na companhia de meninos (vizinhos, amigos ou parentes). Além disso, foi relatado que, em geral, o incentivo para a prática de futsal na escola era mínimo, pelo contrário, houve relatos de desencorajamento por parte de algumas pessoas com base em preconceitos sobre os estereótipos de gênero (MASCARIN; VICENTINI; MARQUES, 2019).

O início destas atletas na prática formal de futsal se deu em média aos 13,1 ± 2.9 anos, mais tarde com relação aos atletas masculinos da modalidade esportiva. A falta de competições para as meninas e o fato de que o futsal e outros jogos de bola com os pés serem considerados como atividades reservadas aos homens contribuíram para o processo de especialização esportiva tardia. O estudo também permitiu apontar que a transição para os anos de investimento se consolidou de forma particular para cada participante, sendo produto da interação entre as diferentes variáveis pessoais e sociais que não são contempladas pelo DMSP (MASCARIN; VICENTINI; MARQUES, 2019).

Enquanto a especialização esportiva precoce continua sendo um caminho adotado na busca pelo alto rendimento em diferentes circunstâncias no Brasil e no mundo, nota-se que outros contextos se apresentam como favoráveis para a iniciação, especialização e investimento esportivo tardios, como foi observado no caso do grupo de 28 triatletas canadenses estudados por Baker, Côté e Deakin (2005) e dos seis atletas brasileiros praticantes de jiu-jítsu investigados anteriormente (VICENTINI; MARQUES, 2018c), ambos do gênero masculino e classificados na elite de seus respectivos esportes.

Silva, Galatti e Paes (2010) conduziram uma revisão bibliográfica com o intuito de elucidar questões referentes ao que foi definido como "iniciação esportiva tardia", especificamente, propondo reflexões acerca do basquetebol no contexto universitário brasileiro. Os autores argumentam que as pessoas podem continuar vivenciando experiências envolvendo novas modalidades esportivas ao longo de toda vida, inclusive em idade adulta. Além do contexto do esporte universitário apresentado no seu estudo, destaca-se que a iniciação esportiva de jovens e adultos pode se dar em clubes, centros privados de oferta esportiva, prefeituras, entre outros.

Ao investigar a formação esportiva dos 28 triatletas canadenses com os melhores tempos no *Ironman*, Baker, Côté e Deakin (2005) apontaram que estes atletas vivenciaram períodos de experimentação mais duradouros, se especializando inclusive em idade adulta, uma vez que os melhores desempenhos no triatlo são observados em idades mais elevadas em relação a outras modalidades esportivas. Vale ressaltar que a estrutura organizacional do esporte no Canadá permite que se cumpra uma demanda por vivências anteriores em outras modalidades esportivas para se atingir a elite do triatlo, sobretudo no ciclismo, atletismo e natação.

No esporte brasileiro, diferente do cenário canadense, os motivos por trás da iniciação tardia se diferenciam, marcado pelas desigualdades regionais e sociais de acesso à prática deliberada diversificada (BENELI, 2018; BENELI; GALATTI; MONTAGNER, 2017; MASCARIN; VICENTINI; MARQUES, 2019; VICENTINI; MARQUES, 2018c).

No jiu-jítsu, a investigação sobre a formação esportiva de seis atletas de elite, moradores de Ribeirão Preto — cidade sede da mesma região estudada na presente pesquisa — permitiu com que a importância da diversificação e do jogo deliberado nos primeiros anos de participação esportiva fosse colocada em evidência, corroborando diretamente os postulados 1,

2, 4 e 5. Todos os participantes vivenciaram práticas e jogos deliberados diversificados em mais de uma modalidade esportiva, entre elas pelo menos uma L/AM/MEC[19] além do jiu-jítsu.

Cinco dos seis participantes relataram processos de especialização em outras modalidades esportivas antes de sua iniciação no jiu-jítsu, o que indicou forte incidência de transições horizontais entre as etapas DMSP. O grupo estudado iniciou-se no jiu-jítsu em média aos 18 ± 3,2 anos e sua especialização ocorreu após cerca de um ano, na faixa branca ou azul, aos 19,3 ± 3,3 anos. Estes achados contrariam o sexto, e por consequência, o sétimo postulado que se referem ao período ideal para a ocorrência da especialização e do investimento, respectivamente. Concluiu-se que o período de experimentação além do jiu-jítsu, que compreendeu inclusive outras especializações, foi um elemento que favoreceu a especialização tardia na modalidade esportiva por meio da possível transferência de experiências (VICENTINI; MARQUES, 2018c).

É importante observar que o atleta mais jovem estudado possuía 26 anos no período das entrevistas e havia iniciado no jiu-jítsu aos dezesseis anos, enquanto o mais velho possuía quarenta anos e havia iniciado na modalidade esportiva somente aos 23 anos, depois de viver uma especialização no caratê (VICENTINI; MARQUES, 2018c). Uma vez que, segundo Von Söhsten (2018), as primeiras academias de jiu-jítsu em Ribeirão Preto datam dos anos de 1990, é evidente que atletas mais jovens tiveram maiores oportunidades de acesso a sua prática.

Os anos de investimento destes atletas foram caracterizados como um período heterogêneo marcado por mudanças gradativas de rotina e de treinamento, almejando o alcance da elite esportiva. Foi notado um aumento na quantidade de prática deliberada tanto no jiu-jítsu, como em práticas complementares visando o condicionamento físico, além de maior participação em competições e o início da atividade como instrutor (VICENTINI; MARQUES, 2018c).

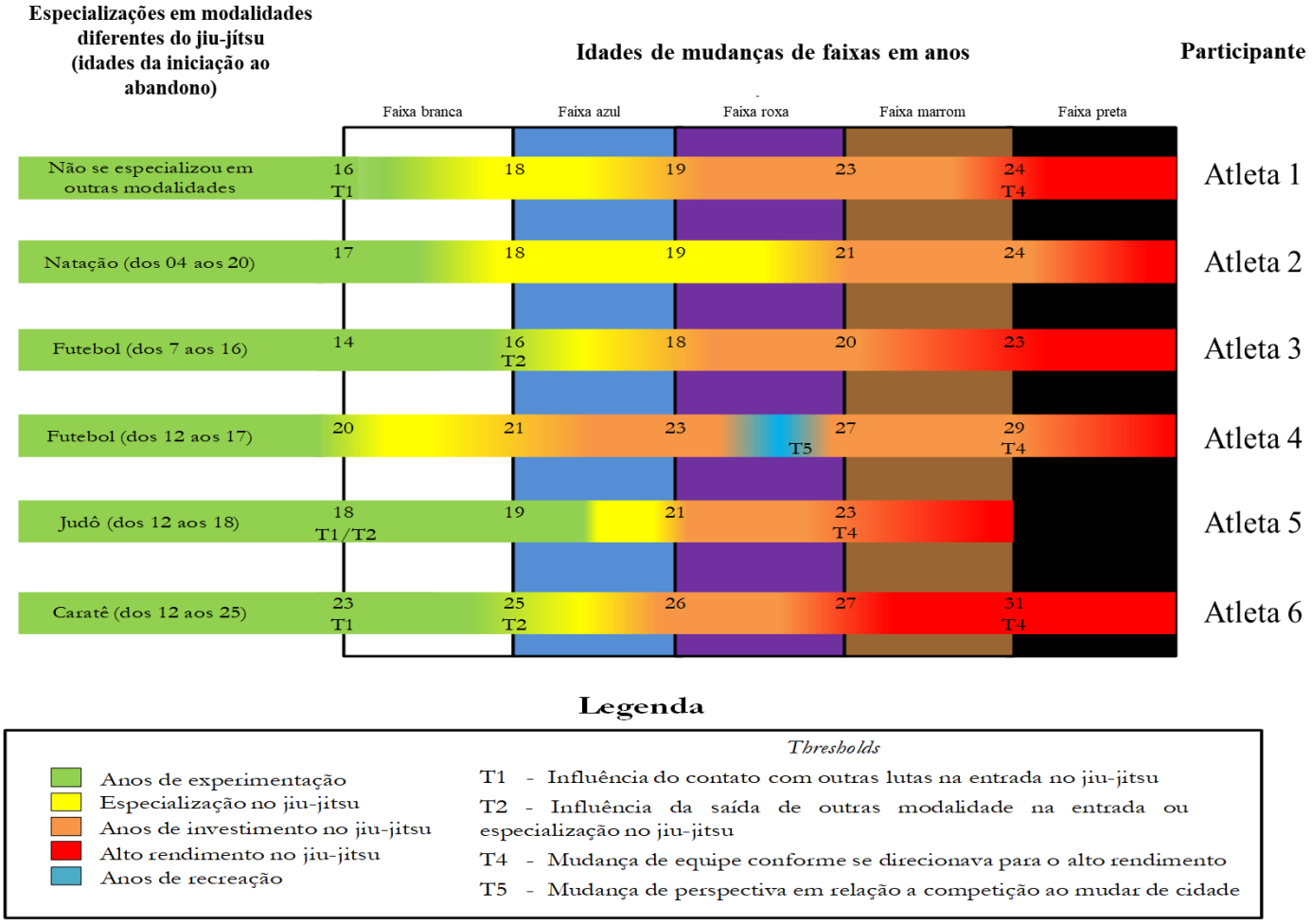
Corroborando os trabalhos de Barker et al. (2014) e Storm, Kristoffer e Krogh (2012), foram identificadas ao longo da formação destes atletas de jiu-jítsu ribeirão-pretanos, possibilidades de caminhos para a elite esportiva que não são suficientemente previstas por modelos descritivos como o DMSP. A subjetividade por trás da relação estabelecida entre o aprendiz, os agentes a sua volta e o meio em que estes se encontram, influenciou ativamente nos resultados deste processo. Alguns eventos da esfera individual marcaram a carreira

[19] A sigla L/AM/MEC foi empregada neste trabalho para se referir às lutas, artes marciais e/ou modalidades esportivas de combate, a exemplo de Correia e Franchini (2010).

esportiva destes participantes e foram denominados no trabalho em questão como "*thresholds*", momentos de transição no processo de formação esportiva (VICENTINI; MARQUES, 2018c).

Sendo este um estudo qualitativo, não foi seu objetivo propor generalizações sobre o tema, e sim reflexões que permitem compreender o processo de formação esportiva dos atletas de elite, oferecendo subsídios para novas investigações. A Figura 7 apresenta a participação esportiva dos seis atletas de elite investigados através das diferentes fases de participação propostas pelo DMSP e sua graduação no jiu-jítsu. A mudança mais ou menos gradual entre as cores que representam estas fases tem o intuito de ilustrar a transição pela qual os atletas passaram. E em complemento ao DMSP, quatro dos cinco *thresholds* identificados são explicitados na figura, enquanto apenas o *Threshold* 3, que representa a mudança gradativa do sentido dado ao jiu-jítsu não é representado explicitamente por ser um processo que se deu à medida que o atleta se via próximo do nível de elite (VICENTINI; MARQUES, 2018c).

Figura 7 – As fases de envolvimento esportivo em relação às graduações no jiu-jitsu: generalizações e particularidades nas trajetórias dos atletas



Fonte: Adaptado de Vicentini e Marques (2018c).

O estudo em questão ainda permitiu traçar algumas considerações sobre os principais motivos de abandono no jiu-jítsu, segundo a opinião dos seis atletas que também atuaram como professores/instrutores na cidade de Ribeirão Preto no período da pesquisa. Concluiu-se que fatores relacionados à graduação podem ser determinantes para a adesão ou abandono dos seus praticantes. A faixa preta é título conferido a quem alcançou um alto nível de desempenho em determinadas L/AM/MEC e a busca por este reconhecimento é o que motiva parte dos praticantes de jiu-jítsu a treinar, de modo que, a estagnação em determinada faixa, as frustações em decorrência de ser derrotado por colegas menos graduados ou o simples fato de concluir o objetivo de se tornar faixa preta, figuram entre os principais motivos de abandono jiu-jítsu (VICENTINI; MARQUES, 2015b).

A falta de retorno financeiro para os que almejam compor a elite competitiva do jiu-jítsu e a falta de acesso a academias que oferecem esta prática, no caso de eventuais mudanças de cidade ou horários de estudo e trabalho, são outros fatores que podem levar ao abandono do jiu-jítsu segundo os participantes deste estudo. Por fim, cabe destacar que não houve nenhum relato referente ao abandono por lesão grave, estresse competitivo e pressões por parte de familiares, técnicos ou dirigentes (VICENTINI; MARQUES, 2015b).

Exemplos como o dos atletas de jiu-jítsu (VICENTINI; MARQUES, 2018c) ajudam a compreender que as idades de transição sugeridas pelas representações gráficas do DMSP (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007; CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007), devem ser deixadas em segundo plano em relação ao significado por trás de cada fase de envolvimento esportivo, uma vez que diferentes configurações dos contextos individuais das modalidades esportivas em localidades distintas podem fazer com que estes valores se tornem obsoletos. As conclusões deste estudo permitiram observar algumas fragilidades do DMSP e motivaram a recorrer a teorias complementares no presente trabalho, como o PAF (CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014) e o ACTM (STAMBULOVA, 2003).

3.2 O QUADRO DE DESENVOLVIMENTO DE VALORES PESSOAIS (PAF)

Atualmente, as principais críticas recebidas pelo DMSP se dão “por este modelo ser generalista, estrutural e não considerar as diferentes condições socioculturais e características individuais por parte dos participantes” (SOUZA; VICENTINI; MARQUES, 2020, p. 23). Côté e Vierimaa (2014) inclusive, reconheceram que parte dos pressupostos assumidos pelo DMSP e seus sete postulados poderiam ser incertos, ou ao menos, inacabados.

Côté, Turnnidge e Evans (2014) afirmam que além de aspectos considerados no DMSP, a formação esportiva também sofre influência de fatores pessoais, relacionais e organizacionais que permeiam a experiência do indivíduo.

Uma série de teorias entendidas como Teorias Sistemáticas de Desenvolvimento foram propostas para explicar as relações dinâmicas entre o indivíduo e o contexto vivido durante o processo de desenvolvimento humano. A partir dessas teorias é possível compreender a experiência esportiva como fruto de um sistema integrado de variáveis pessoais e sociais que interagem entre si. Dentre estas teorias, algumas das que tem recebido maior atenção entre os estudiosos no contexto esportivo são as chamadas Teorias Ecológicas (CÔTÉ et al., 2017).

Araujo e Davids (2009) apontam para duas características básicas destas abordagens: a) foco na temporalidade de mudança (compreensão das mudanças ao longo do tempo) e b) integração de múltiplos níveis de sistemas organizacionais (família, treinadores, equipe, cultura, etc). As Teorias Ecológicas consideram o desenvolvimento esportivo como produto resultante da integração entre o indivíduo e o meio em que este se insere.

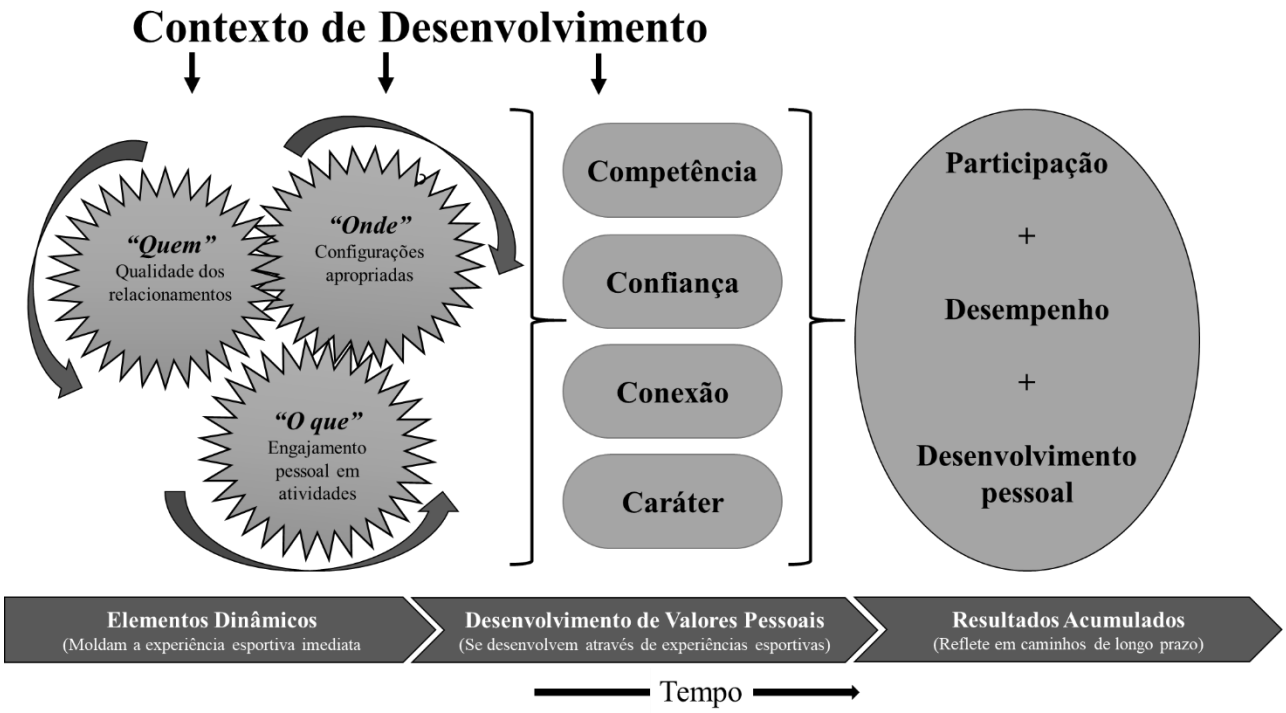
De modo complementar ao DMSP, visto que as maiores críticas ao modelo se davam por este não considerar as condições sociais que circundavam tais atividades, Côté, Turnnidge e Evans (2014) desenvolveram o Quadro de Desenvolvimento de Valores Pessoais (PAF). O PAF é um quadro teórico centrado na pessoa, baseado em uma abordagem ecológica, com o objetivo de apresentar a dinâmica do processo de desenvolvimento esportivo, considerando os elementos que interagem em diferentes níveis, levando ao desenvolvimento de valores pessoais relacionados aos possíveis resultados de uma formação esportiva.

Os valores pessoais positivos desenvolvidos nesta dinâmica são: competência, confiança, conexão e caráter (4C’s). Por competência entende-se, desenvolvimento de habilidades gerais ou específicas pertinentes à prática esportiva, desde técnicas, táticas e até mesmo o condicionamento físico. A confiança pode ser definida como o nível de confiança depositada em si mesmo quanto a capacidade de realizar determinada tarefa de forma bem-sucedida. A conexão diz respeito à qualidade dos relacionamentos, ou seja, a interação com os outros indivíduos envolvidos no processo, principalmente pais, treinadores e pares. E por sua vez, o caráter é valor moral que pode ser mensurado através do engajamento nos ditos comportamentos pró-sociais (solicitude, zelo pelos companheiros e *fair play*, como exemplos) e antissociais (trapaça, preconceito e agressividade, como exemplos) (CÔTÉ et al., 2010). Vale destacar que Lerner, Fisher e Weinberg (2000) originalmente consideravam mais dois valores, o do cuidado e o da contribuição, que foram interpretados por Côté et al. (2010) como parte do caráter.

O entendimento do PAF gira em torno dos elementos dinâmicos que regem a relação de cada indivíduo com o esporte. Como elementos dinâmicos tem-se: engajamento pessoal em atividades, qualidade dos relacionamentos e configurações apropriadas. Esses três elementos dinâmicos estão relacionados com três perguntas fundamentais para se definir a experiência esportiva imediata, sendo respectivamente: a) O que? – O que se faz? Quais tipos de atividades estão sendo desenvolvidas? b) Quem? – Quem faz? Quem exerce influência sobre determinado comportamento? Quem propõe as atividades? Quem oferece apoio? c) Onde? – Onde estas atividades estão sendo desenvolvidas? Qual o contexto em que se está inserido? (CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014).

A combinação desses elementos deve propiciar o desenvolvimento dos valores pessoais a curto prazo (temporada esportiva) e o alinhamento entre os elementos dinâmicos e estes valores devem gerar consequências de longo prazo (formação esportiva), no que concerne aos 3P's, conforme apresentado na Figura 8 (CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014).

Figura 8 – Quadro de Desenvolvimento de Valores Pessoais (PAF)



Fonte: Traduzido de Côté, Turnnidge, Evans (2014).

Côté et al. (2017) afirmam que o PAF pode ser entendido como um sistema que integra a influência das atividades do treinamento, círculos sociais e das estruturas disponíveis no desenvolvimento de atletas. Portanto este sistema não é estático de forma alguma. Os atributos

pessoais envolvidos são sempre passíveis de mudança ao longo da participação esportiva de acordo com as experiências individuais. Os autores chamam atenção para o risco em diminuir as contribuições ao desenvolvimento integral do indivíduo quando determinado aspecto é privilegiado em detrimento de outros. Tendo como exemplo mais comum, a busca pelo desempenho de elite através da especialização precoce que tende a prejudicar a participação e o desenvolvimento pessoal de longo prazo.

A estruturação de programas de formação esportiva pautados no desenvolvimento de valores positivos tende a resultar em benefícios para além dos caminhos apresentados pelo DMSP, e tais benefícios perpassam do contexto esportivo para outros ambientes como forma de desenvolvimento pessoal através do esporte. Por outro lado, a depender destas configurações, experiências negativas podem ser deixadas como sequelas no âmbito físico, psicológico e social, extrapolando de igual maneira da esfera esportiva para outros domínios ao longo da vida (FRASER-THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2009).

É fundamental conhecer o aporte teórico que sustenta cada um dos elementos dinâmicos do PAF, bem como elucidar as influências que suas combinações exercem sobre o desenvolvimento de valores pessoais e resultados de longo prazo da formação esportiva (CÔTÉ et al., 2017; CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014).

O primeiro elemento dinâmico do PAF, o engajamento pessoal em atividades, refere-se ao envolvimento em atividades específicas que contribuem diferentemente para a qualidade da experiência esportiva (CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014). Considerando o esporte contemporâneo como um fenômeno heterogêneo sabe-se que uma mesma modalidade pode ser vivenciada sob diferentes circunstâncias, em diferentes ambientes e sentidos, o que implica na possibilidade de se transmitir valores distintos (MARQUES; ALMEIDA; GUTIERREZ, 2007; MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008).

O DSMP oferece como contribuição dois princípios fundamentais para o desenvolvimento de uma formação esportiva bem-sucedida: 1) a diversificação deve preceder a especialização e 2) a quantidade de jogos deliberados deve sobrepor a prática deliberada durante os primeiros anos de contato do indivíduo com o esporte (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007; CÔTÉ et al., 2009; CÔTÉ; VIERIMAA, 2014).

Quanto a diversificação, Côté e Erickson (2015) ressaltam que esta não é relativa apenas a variedade de modalidades esportivas, mas também a diversificação de atividades dentro de uma mesma modalidade esportiva e a oportunidade de vivenciar o treinamento em diferentes posições (ataque, defesa e goleiro) como no caso dos jogos esportivos coletivos.

Quando a diversificação precede a especialização, os envolvidos experimentam uma ampla variedade de vivências relacionadas ao desenvolvimento de valores positivos, aumentando as chances de sucesso do processo de formação esportiva no que diz aos 3P's (CÔTÉ; VIERIMAA, 2014). A vantagem da participação em diferentes modalidades esportivas ou atividades nos anos de experimentação reside no desenvolvimento de uma base de múltiplas habilidades esportivas, possibilitando a exploração de diferentes cenários sociais e contextos de aprendizagem. Além disso, a diversidade pode se dar no contexto da competição através dos diferentes níveis competitivos que significam diferentes graus de comparação (CÔTÉ et al., 2017).

O DMSP (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007; CÔTE; FRASER-THOMAS, 2007) e os postulados desenvolvidos com base no corpo de conhecimento existente ao seu entorno (CÔTÉ; VIERIMAA, 2014) oferecem um conjunto sólido de evidências para que se possa afirmar que o jogo deliberado deve ser prioridade em relação à prática deliberada nos primeiros anos de uma formação esportiva bem-sucedida.

Apesar do DMSP se embasar nos conceitos de prática e jogo deliberado e sua distribuição ao longo do processo de formação esportiva (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007), tais conceitos não são as únicas variações de atividades esportivas possíveis, e sim modelos com características contrastantes que constituem dois extremos em meio uma diversidade de atividades com importância ímpar para o processo de formação esportiva (CÔTÉ; ERICKSON; ABERNETHY, 2013).

Côté, Erickson e Abernethy (2013) avançaram na discussão acerca das possiblidades de atividades em que o indivíduo pode experimentar no decorrer de sua participação esportiva. Além da prática e do jogo deliberado – já consolidados na literatura estudada – os autores sugerem outras três atividades que podem compor a participação esportiva de um indivíduo, cada qual com suas características e potencialidades para determinados tipos de aprendizagem: o *play practice*, a prática espontânea e a competição.

O *play practice* diz respeito às atividades organizadas e monitoradas por adultos com o objetivo centrado na melhoria de desempenho e transmissão direcionada de valores por meio de jogos percebidos não só pelos mais novos, como também por adultos, como mais divertidos e prazerosos em relação à prática deliberada. Um aspecto importante das *play practices* é a possibilidade de manter o aprendiz motivado ao propor atividades de aprendizagem que sejam agradáveis e que representem uma maior proximidade tanto com as brincadeiras características de cada faixa etária na infância e adolescência, como as situações de jogo presentes na competição (CÔTÉ; ERICKSON; ABERNETHY, 2013).

Já a prática espontânea é estruturada pela própria criança ou adolescente em seu tempo livre com o objetivo de melhorar suas habilidades esportivas (instrumentalidade). No entanto não se segue um currículo específico e nem se trabalha necessariamente os aspectos mais importantes em relação ao seu rendimento, ou seja, não há sistematização ou planejamento pedagógico, pelo contrário, os próprios envolvidos se propõem esporadicamente a realizar tais práticas (CÔTÉ; ERICKSON; ABERNETHY, 2013).

Cada tipo de atividade esportiva está relacionada a distintos contextos de aprendizagem passiveis de serem vivenciados ao longo da formação esportiva: contextos de aprendizagem racional, emocional, informal e criativa (CÔTÉ et al., 2017).

O contexto de aprendizagem racional é formal e caracterizado pela prática deliberada. Estas atividades são lideradas pelo treinador, sendo marcadas por sua instrumentalidade. No contexto de aprendizagem emocional ainda se tem a presença do treinador, que por meio das propostas de jogos (*play practice*) prioriza o divertimento dos participantes, o que faz com que a aprendizagem aconteça de forma mais agradável (CÔTÉ et al., 2017).

O contexto informal de aprendizagem remete à prática espontânea, quando o participante, geralmente movido pelo interesse em melhorar o seu desempenho, estrutura práticas sem a presença de um adulto responsável pelo treinamento. Nota-se que a prática espontânea emerge com algum grau de inspiração nas vivências com a prática deliberada, porém marcada pela baixa pressão externa, assim como o jogo deliberado. Por fim, o contexto de aprendizagem criativa remete ao jogo deliberado, isto é, atividades estruturadas e valoradas pelas próprias crianças ou jovens envolvidos, buscando sobretudo, seu divertimento (CÔTÉ et al., 2017).

No Quadro 4 é feita a relação entre os tipos de aprendizagem e as atividades desenvolvidas ao longo da participação esportiva. Também se fez pertinente ilustrar cada uma dessas atividades a título de exemplo.

Quadro 4 – Tipos de aprendizagem e exemplos de atividades esportivas

Tipos de aprendizagem	Atividade	Ilustração
Aprendizagem Racional	Prática Deliberada	Repetição de gestos prescritos ou monitorados por adultos. O objetivo destas atividades é melhorar a performance (exemplo: atleta de jiu-jítsu praticando técnicas específicas enquanto recebe instruções do seu treinador).
Aprendizagem Emocional	Prática de jogo	Aprendizagem através de situações agradáveis organizadas por adultos. O objetivo destas atividades é promover a aprendizagem através de situações divertidas no treino (exemplo: o professor propõe jogos para se ensinar princípios da luta para um grupo de crianças durante uma aula de judô).
Aprendizagem Informal	Prática Espontânea	Praticar uma habilidade sem prescrição ou monitoramento de um adulto (exemplo: um menino que diante de uma cesta de basquete na garagem, se propõe a converter cem lances livres).
Aprendizagem Criativa	Jogo Deliberado	Jogar por prazer em um ambiente informal. Jogos deliberados podem ser adaptados pelos próprios envolvidos, ajustando suas regras ao ambiente e aos seus participantes, buscando manter o jogo divertido (exemplo: jogar futebol por diversão no jardim de casa com amigos).

Fonte: Traduzido e adaptado de Côté, Erickson e Abernethy (2013).

Por fim, a participação em competições é outra atividade, fundamentalmente organizada por adultos. A competição requer concentração e esforços e é geralmente retratada como prazerosa, não sendo especificamente estruturada para valorizar apenas o rendimento. A estrutura e as condições próprias da competição fazem dela única em meio às atividades esportivas retratadas anteriormente, tendo propriedades tanto de prática como de jogo deliberado (CÔTÉ; ERICKSON; ABERNETHY, 2013). O engajamento pessoal nessas atividades tem forte potencial para o desenvolvimento de valores pessoais, tanto positivos como negativos, a depender das interações com a qualidade dos relacionamentos e as configurações do ambiente (CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014).

Conforme apresentado na figura 9, a estruturação das atividades na iniciação esportiva pode ser orientada em dois eixos. O primeiro em que se concentra na estrutura da atividade, apontando se esta é liderada por adultos ou pelas próprias crianças. O segundo eixo proposto pelos autores é centrado na valoração inerente a determinada atividade, podendo estar relacionada a instrumentalidade ou ao divertimento. As atividades com maior instrumentalidade

são realizadas com o intuito primário de se melhorar o desempenho, enquanto atividades abalizadas pelo divertimento têm a melhoria de desempenho como secundárias (CÔTÉ; ERICKSON; ABERNETHY, 2013).

Figura 9 – Matriz das Atividades Esportivas

Fonte: Traduzido e adaptado de Côté, Erickson e Abernethy (2013).

É fundamental ressaltar que as atividades esportivas apresentadas por Côté, Erickson e Abernethy (2013) não constituem a totalidade das manifestações esportivas concebíveis, sendo descritas como modelos que representam características genéricas perante as possibilidades de experiências possíveis ao longo do envolvimento esportivo. Observa-se também, que os autores do DMSP não retomam estas definições em nenhum outro artigo, mantendo o jogo e a prática deliberada como variáveis centrais do seu modelo (SOUZA; VICENTINI; MARQUES, 2020).

O segundo elemento dinâmico do PAF, a qualidade de relacionamentos, refere-se as relações interpessoais estabelecidas no decorrer da experiência esportiva. Tais interações podem exercer influência (positiva ou negativa) na configuração da experiência esportiva e no desenvolvimento individual (CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014). Os principais agentes envolvidos neste processo são os pais, os pares e os treinadores (LERNER, 2002; KEEGAN et al, 2009; FRASER-THOMAS, CÔTÉ, 2009). Relacionamentos de alta qualidade com pais, colegas de treino (ULLRICH-FRENCH; SMITH, 2006) e treinadores (COATSWORTH; CONROY, 2009), são associados com resultados positivos no processo de formação esportiva a curto e longo prazo.

A relação desses agentes sociais com desenvolvimento de valores pessoais é explicada no PAF (CÓTÊ; TURNNDGE; EVANS, 2014) através da Teoria da Liderança Transformacional de Bass e Riggi (2006). Segundo a teoria, o líder transformacional influencia

os seus liderados principalmente através de quatro componentes centrais: influência idealizada, motivação inspiracional, estimulação intelectual e consideração individualizada.

A influência idealizada ocorre quando o líder se coloca como modelo para os liderados, promovendo respeito e confiança. A motivação inspiracional remete-se ao comportamento do líder que inspira e desafia seus seguidores. A estimulação intelectual acontece quando o líder está frequentemente encorajando a inovação e a criatividade entre os seus liderados. E por fim, a consideração individualizada se dá quando o líder conhece bem cada um dentro do grupo e demonstra interesse pelo seu desenvolvimento e realização individual (BASS; RIGGI, 2006).

Os pais são os primeiros agentes sociais que exercem alguma influência sobre o processo de formação esportiva, sendo responsáveis diretos pelas condições dos anos de experimentação (CÔTÉ, 1999). Em geral, eles mudam seu papel ao longo da participação esportiva de seus filhos, partindo de um envolvimento direto para um envolvimento menos direto (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2003). As crianças, quando mais novas dependem mais do *feedback* dos pais no esporte, e ao longo do processo de socialização passam a sofrer influências dos demais agentes sociais, tendo mais fontes de comparação (FREDRICKS; ECCLES, 2004).

Na maioria das vezes, os pais são os primeiros modelos para o comportamento de seus filhos no ambiente esportivo (FREDRICKS; ECCLES, 2004). Podendo promover o desenvolvimento de valores positivos desde os primeiros contatos da criança com o esporte, como também podendo influenciar negativamente o processo por meio da absoluta falta de suporte ou do apoio exacerbado, incondizente com o nível de desenvolvimento em que a criança se encontra (FRASER-THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2005; CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007).

Os pais que exercem liderança transformacional de forma bem-sucedida, que ensinam a respeitar as regras através do exemplo e que não tentam interferir na tomada de decisão dos treinadores, favorecem o desenvolvimento de valores pessoais positivos e potencializam as chances do sucesso esportivo de seus filhos (CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014). Os pesquisadores canadenses Zacharatos, Barling e Kelloway (2000) estudaram 112 estudantes (sendo 87 meninas e 25 meninos, com entre doze e dezoito anos) envolvidos com onze modalidades esportivas diferentes com o objetivo de compreender os efeitos da liderança transformacional durante a adolescência. Seu estudo permitiu observar que comportamentos de liderança transformacional assumidos pelos jovens no esporte foram reflexos da liderança paterna percebida ao longo da iniciação esportiva. Já a liderança materna, por sua vez, foi significativamente menor, sendo justificado por traços culturais.

Seguindo uma ordem lógica, os segundos agentes sociais com que a criança se relaciona no decorrer do processo de desenvolvimento são os amigos. Antes de iniciar a prática sistematizada em qualquer modalidade esportiva, a criança geralmente passa a se socializar com seus pares, seja na escola ou nas proximidades do núcleo familiar. Apesar da reduzida pesquisa em comparação aos pais e treinadores, Côté, Turnnidge e Evans, (2014) destacam que a qualidade de relacionamentos com seus os pares influencia no processo de formação esportiva.

Ao estudar um grupo de 191 adolescentes com idade entre quinze e dezoito anos, jogadoras de futebol associadas à *United States Youth Soccer*, Price e Weiss (2011) puderam elucidar algumas questões sobre a liderança entre os pares a partir da perspectiva da liderança transformacional. As autoras concluíram que as jogadoras que assumiam papeis de liderança no grupo foram caracterizadas pela alta percepção de suas competências, maior aceitação por parte dos pares e maior motivação intrínseca. Além disso, a liderança efetiva entre os pares foi associada a maiores níveis de coesão social, coesão para a tarefa e eficácia coletiva.

Bruner, Boardley e Côté (2014), investigaram a identidade social, comportamentos pró-sociais e antissociais entre companheiros de equipe e oponentes em um grupo de 424 adolescentes canadenses representando 26 equipes e seis modalidades esportivas. Os autores afirmam que os jovens que tinham alta percepção sobre a coesão para a tarefa, vivenciaram mais experiências positivas em sua prática, o que pode vir a significar maiores efeitos positivos sobre seu desenvolvimento físico e psicossocial.

Já os treinadores exercem papel fundamental na formação esportiva a partir do momento em que a criança é iniciada formalmente no esporte, assumindo desde a posição de apoiador da prática nos anos de experimentação, até os níveis mais elevados de acompanhamento especializado, a medida em que se avança em direção a elite esportiva (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2003).

Vivenciar experiências de liderança transformacional positiva quando liderado, dá ao indivíduo maiores probabilidades de se formar um líder transformacional no futuro e a maneira mais efetiva de desenvolver este comportamento no esporte se dá através da interação com os treinadores (TURNNIDGE; CÔTÉ, 2018). Para Côté e Gilbert (2009) o objetivo central dos treinadores no processo de formação esportiva, é, para além da vitória, a promoção do desenvolvimento de valores pessoais (4C’s). Neste sentido, treinadores efetivos tem a capacidade de alinhar-se às necessidades individuais de seus alunos potencializando a aprendizagem.

Além de responsável por organizar as atividades de treinamento, o treinador influencia no desenvolvimento dos praticantes conforme seu estilo de relação interpessoal e sua forma de

liderar o grupo (HORN, 2008; SMITH; SMOLL, 2007). Portanto, uma série de atitudes do treinador caracteriza uma relação positiva com o desenvolvimento do jovem, sendo: a) demonstração de cuidado e atenção; b) inclusão no processo de tomada de decisões; c) promoção da interação e debate; d) reconhecimento das perspectivas e sentimentos individuais; e, e) clareza e consistência no discurso e comportamento perante o grupo (BECKER, 2013; ERICKSON *et al*., 2011; MAGEAU; VALLERAND, 2003).

Rowold (2006) investigou aspectos da liderança transformacional exercida pelos treinadores em duzentos praticantes adultos de diferentes níveis, matriculados em vinte academias de caratê da Alemanha. Todos os *senseis* citados pelos participantes do estudo eram graduados faixa preta de caratê. Dentre as características de uma relação positiva entre *sensei* de caratê e o desenvolvimento dos participantes, além das atitudes supracitadas, uma nova categoria recebe maior atenção neste estudo, o gerenciamento ativo por exceção, a capacidade de assistir o grupo durante o treino e ao mesmo tempo identificar erros individuais e dedicar atenção para sua correção e desenvolvimento.

Por fim, Côté, Turnnidge e Evans (2014) destacam que pais, pares e treinadores não são os únicos agentes existentes e influentes no processo de formação esportiva, sendo assim, outros familiares, torcida e dirigentes podem ter alguma influência no processo, porém nunca de forma isolada.

Além da relação entre as atividades desenvolvidas e a qualidade dos relacionamentos estabelecidos, um terceiro elemento dinâmico pode influenciar no processo de formação esportiva de forma drástica: as configurações do cenário social em que este está incluído. Para além das relações locais estabelecidas entre o indivíduo e os agentes sociais ao seu entorno, este elemento dinâmico do PAF é relativo à uma esfera social macro, ou seja, o quão apropriados são os cenários em que estas práticas se desenvolvem. Configurações apropriadas remetem ao acesso a atividades e relacionamentos de boa qualidade, sobretudo durante formação esportiva (CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014).

Um dos fatores mais significativos e tangíveis relacionados às configurações do cenário esportivo é o local de nascimento. Uma série de pesquisas foram propostas para se investigar os efeitos do local de nascimento sobre os possíveis resultados da formação esportiva, uma vez que, as oportunidades de ensino-aprendizagem são diferentes a depender da localidade (BALISH; RAINHAM; BLANCHARD, 2015; BAKER; SHUISKIY; SCHORER, 2014; CÔTÉ et al., 2006; LIDOR et al., 2010; LIDOR et al., 2014; MACDONALD et al, 2009; MORBI; MARQUES, 2017; TURNNIDGE; HANCOCK; CÔTÉ, 2012).

Para estudar o efeito do local de nascimento optou-se por adotar a classificação de tamanho de cidade utilizada por Lidor et al. (2010) e Lidor et al. (2014) em seu estudo com atletas israelenses e posteriormente por Figueiredo et al. (2018) na investigação do contexto brasileiro, mais especificamente, dos atletas da Superliga de voleibol. Foram consideradas "cidades muito pequenas", aquelas com população menor que 2.000 habitantes; "cidades pequenas", municípios com população entre 2.000 e 50.000 habitantes; "cidades médias", aquelas com população entre 50.000 e 200.000 habitantes; e, "cidades grandes", com população superior a 200.000 mil habitantes.

Os estudos sobre o tema corroboram a afirmação de que regiões ou cidades médias – segundo a referência adotada anteriormente – oferecem um conjunto de características favoráveis no que diz respeito ao ambiente, aos padrões de comportamento e as oportunidades de participação esportiva para crianças e jovens em comparação aos grandes centros urbanos. As crianças e adolescentes nascidos nestas comunidades têm, geralmente, maior acesso a jogos deliberados, mais espaço livre, segurança, facilidades de locomoção, além de contar com um maior estreitamento de laços sociais entre família, comunidade, clube e escola (BAKER; SHUISKIY; SCHORER, 2014; BALISH; RAINHAM; BLANCHARD, 2015; MACDONALD et al, 2009).

Outra característica interessante destas cidades é a competitividade regionalizada, considerando que a comparação com pares mais próximos em pequenos torneios escolares ou competições regionais parece ter maior relevância para a autopercepção positiva no esporte. De acordo com a teoria da comparação social, os pares da comunidade em que se vive são tidos como um quadro referencial para comparar o próprio desempenho, sendo assim, a percepção positiva de competência tende a ser elevada quando o indivíduo tem melhor rendimento diante dos pares (MARSH, 1987; WOOD; WILSON, 2003) e a probabilidade disso acontecer é maior em cidades menos populosas graças ao chamado "Efeito do peixe grande no lago pequeno"[20] (CHANAL et al., 2005; MACDONALD et al, 2009).

Em cidades maiores a ascensão a posições de destaque é muito mais dificultosa dada a competição interna mais acirrada, o que se apresenta como um problema a ser suprido por

[20] O efeito do peixe grande no lago pequeno – do inglês, o *Big-fish–little-pond effect* – parte da premissa de que o indivíduo compara suas habilidades com seus pares e usa essa impressão de comparação social como uma base para formar seu próprio autoconceito. No contexto esportivo, uma mesma criança de capacidade média teria maior dificuldade de se destacar em grupos de treinamento mais numerosos e com mais indivíduos habilidosos, enquanto em grupos menores, uma menor concorrência interna proveria maior atenção dos treinadores e levaria a um autoconceito acima da média, o que facilitaria o desenvolvimento de habilidades (CHANAL et al., 2005).

determinados comportamentos do treinador como: fomentar o sentimento de pertencimento ao grupo e possibilitar que todos do grupo tenham a oportunidade de vivenciar experiências positivas que promovam a crença na competência. Por outro lado, é justamente nesses locais onde estão disponíveis os melhores recursos para o alcance da elite competitiva (CÔTÉ et al., 2017).

Além do tamanho da cidade onde os atletas nasceram e viveram a infância, outro fator demográfico que pode influenciar neste processo é o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). Sobretudo em países marcados por desigualdades regionais, como o Brasil, o IDH de cada localidade pode indicar maiores limitações ou facilidades capazes de interferir na experiencia esportiva. Morbi e Marques (2017), ao investigarem o efeito do local de nascimento na elite do basquetebol brasileiro, consideraram também o IDH em sua análise e puderam constatar que as cidades com o IDH médio (entre 0,501 e 0,800) formavam significativamente mais atletas em relação as cidades com o IDH baixo (menor que 0,501), dada a melhor estrutura e maior possibilidade de acesso às práticas. A mesma conclusão foi extraída do estudo com os atletas da Superliga de voleibol (FIGUEIREDO et al., 2018).

O PAF destaca os estudos do efeito do local de nascimento para apresentar as configurações apropriadas como terceiro elemento dinâmico do quadro, porém, não se considera a estrutura institucional em que o jovem atleta se insere nos anos de especialização e nos anos de investimento. Côté, Turnnidge e Evans, (2014), abordam com mais ênfase a configuração de ambientes seguros e positivos visando os anos de experimentação, deixando de mencionar a complexidade relacionada ao treinamento especializado, que é dependente de outros fatores, como aspectos históricos da modalidade esportiva, contextos socioculturais e a maneira como se organiza o sistema esportivo de cada país e região (SOUZA; VICENTINI; MARQUES, 2020).

É necessário aprofundar a reflexão com relação aos locais em que a formação esportiva ocorre de fato em cada contexto em particular. Compreender os cenários de prática experimentados individualmente pelos participantes influi diretamente nos resultados da formação esportiva, enquanto estudos sobre o efeito do local de nascimento permitem apenas que se façam inferências populacionais mais amplas (SOUZA; VICENTINI; MARQUES, 2020).

Um exemplo de pesquisa que avançou neste aspecto é o trabalho de Galatti et al. (2016) que teve o objetivo de descrever a estrutura organizacional de um clube espanhol considerado bem-sucedido em promover tanto a participação recreativa como o desenvolvimento de atletas de elite no basquetebol. Os resultados desta investigação permitem concluir que instituições

como academias e clubes têm influência direta sobre formação esportiva de crianças e jovens, devendo procurar constituir configurações apropriadas para promover o PYD.

Apesar do PAF surgir com o objetivo de analisar o participante de uma maneira integrada ao seu contexto, é pertinente afirmar que o modelo apresenta também algumas lacunas, pois desconsidera as diferenças socioculturais, as questões de gênero e as desigualdades socioeconômicas. Apesar de seus inquestionáveis avanços com relação ao DMSP, é possível constatar que esta abordagem ainda não engloba de maneira completa o contexto em que se está inserido (SOUZA; VICENTINI; MARQUES, 2020) e não oferece uma ferramenta satisfatória para se interpretar à questão das transições esportivas, assuntos abordados em sequência na última parte da sessão de referencial teórico.

3.3 O MODELO DE TRANSIÇÃO DE CARREIRA ATLÉTICA (ACTM), AS PERSPECTIVAS DE PESSOA INTEGRAL E DE DUPLA CARREIRA

A presente seção tem o intuito de apresentar a literatura selecionada para suprir as lacunas identificadas no DMSP e no PAF, tendo como destaques o Modelo de Transição de Carreira Atlética (ACTM) proposto por Stambulova (2003), a perspectiva de pessoa integral representada pelo Modelo de Desenvolvimento das Transições Enfrentadas pelos Atletas proposto por Wylleman e Lavallee (2004) e os estudos sobre dupla carreia no esporte (STAMBULOVA et al., 2014; STAMBULOVA; RYBA, 2014; TORREGROSSA; CHAMORRO; RAMIS, 2016).

Enquanto o trabalho de Natalia Stambulova e de seus colaboradores (ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007; STAMBULOVA, 1994; STAMBULOVA, 2003) teve sua elaboração teórica pautada no conceito de carreira esportiva, o DMSP fundamenta-se no entorno de uma noção mais inclusiva, a de participação esportiva (SOUZA; VICENTINI; MARQUES, 2020), caracterizando as principais diferenças quando ao estudo da formação esportiva entre as escolas russa e canadense, respectivamente. Como presente trabalho se dispõe a fazer uma apropriação do ACTM para interpretação de um contexto em particular envolvendo um grupo de participantes ativos que jamais alcançaram a elite competitiva, se faz fundamental contextualizar o conceito de carreira esportiva adotado pela autora do modelo.

A carreira esportiva se refere a prática esportiva ao longo dos anos, de maneira voluntária, com o objetivo de melhorar o seu desempenho e obter conquistas esportivas (STAMBULOVA, 1994). Este conceito de carreira esportiva está intimamente ligado a participação competições, podendo ser em nível local, regional, nacional ou internacional. Esta

carreira pode também ser classificada como carreira amadora ou profissional, precoce ou tardia (ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007). As carreiras esportivas internacionais a nível amador ou profissional são classificadas por Stambulova et al. (2009) como carreiras de elite.

Modelos descritivos, como o DMSP, apresentam a carreira esportiva como uma sucessão de estágios, tais como, anos de experimentação, anos de especialização e anos de investimento. Para Stambulova et al. (2009) esses modelos generalizam etapas complexas vividas por atletas em diferentes modalidades esportivas, sistemas esportivos e gêneros, apontando a necessidade de se realizar análises mais específicas em subconjuntos populacionais para melhor entendê-los. Os autores afirmam que o desenvolvimento da carreira esportiva é, portanto, contexto-dependente, da iniciação ao seu término.

As carreiras esportivas em diferentes modalidades esportivas exigem dos atletas o desenvolvimento de capacidades específicas, ou seja, cada modalidade esportiva tem características que impõem diferentes demandas aos que almejam atingir o nível de elite. Existem também diferenças no que concerne às idades em que geralmente se inicia a especialização, se atinge o pico de rendimento e se encera a carreira competitiva (STAMBULOVA et al., 2009).

Também existem diferenças no sistema esportivo, nas normas sociais e nas tradições culturais que podem influenciar no desenvolvimento dos atletas de uma mesma modalidade esportiva inseridos em contextos distintos. Estudos interculturais como o de Alfermann, Stambulova e Zemaityte (2004), que investigaram as adaptações vivenciadas por atletas russos, alemães e lituanos no fim de suas carreiras esportivas e o de Stambulova, Stephan e Järphag (2007) comparando atletas de elite franceses e suecos, ajudaram a compreender a relevância do aspecto sociocultural nesta análise.

Um exemplo emblemático de como diferenças culturais influenciam nas carreiras esportivas é a comparação dos sistemas esportivos russo e chinês com o sistema sueco. Enquanto na Rússia e na China as crianças se iniciam na prática esportiva sob a supervisão de treinadores profissionais desde os primeiros anos, na Suécia a maioria dos treinadores responsáveis pela iniciação esportiva são voluntários, o que evidencia diferenças importantes entre os conteúdos trabalhados por esses treinadores (STAMBULOVA et al., 2009).

Por fim, outra variável sociocultural marcante na compreensão de carreira esportiva é o gênero. Com o intuito de investigar o desenvolvimento da carreira esportiva de atletas russos, Stambulova (1994) realizou um estudo empírico com 213 atletas (125 homens e 88 mulheres) e dezoito treinadores, representando diferentes modalidades esportivas e níveis competitivos.

Dentre outras considerações expostas adiante, este trabalho aponta para evidências de que a carreira esportiva de mulheres é tipicamente mais curta comparada à de homens. No caso do estudo em questão, as atletas terminavam suas carreiras esportivas, em média, dois anos antes que seus pares masculinos. Conforme citado anteriormente, os resultados de estudos envolvendo atletas de elite do basquetebol (BENELI, 2018) e do futsal (MASCARIN; VICENTINI; MARQUES, 2019) sugerem significativas diferenças entre os processos de iniciação e especialização esportiva de meninos e meninas no Brasil.

Enquanto o desenvolvimento da participação esportiva significa prosseguir pelas diferentes etapas que a compõem, as transições esportivas podem ser entendidas como processos de transformação que interseccionam tais etapas. As transições são frequentemente relacionadas com períodos de estresse e incerteza provenientes da mudança de demandas relacionadas à prática, à competição, à interação com os outros agentes sociais e ao estilo de vida (ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007).

As transições esportivas podem ser subdividas em normativas e não normativas. São exemplos de transições normativas, o início da especialização em uma modalidade esportiva, a profissionalização e até mesmo o encerramento da carreira. Enquanto as transições normativas são previsíveis com base nas etapas de desenvolvimento esportivo e não esportivo do indivíduo, as transições não normativas são mais difíceis de prever e de controlar, como no caso de lesões que podem forçar a interrupção do treinamento ou mudanças de equipes e treinadores (ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007).

As transições em contextos não esportivos, como por exemplo, no desenvolvimento psicológico, psicossocial, acadêmico e profissional dos atletas também podem configurar-se como normativas ou não normativas. Por serem previsíveis, as transições normativas permitem com que os atletas possam ser preparados para lidar com esses processos. Já as transições não normativas geralmente são processos mais difíceis de lidar dada sua imprevisibilidade (ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007).

Para os autores, o modo com que os atletas lidam com estas transições, isto é, suas estratégias de enfretamento (*coping*[21]), podem ser bem-sucedidas, culminando na continuidade do processo de desenvolvimento esportivo e pessoal ou malsucedidas, podendo desencadear uma série de consequências negativas como o abandono prematuro, problemas psicológicos e

[21] O termo "*coping*" usado pelos autores foi traduzido livremente do inglês para "enfrentamento", no entanto, em alguns momentos optou-se por manter o termo em seu idioma original.

comportamentos destrutivos, demandando nesses casos, intervenção psicológica (STAMBULOVA et al., 2009).

O ACTM considera as demandas, pré-condições, processos de enfrentamento, fatores que influenciam o enfrentamento, resultados e consequências posteriores à transição. O *coping* é tido como elemento central em uma transição, sendo fruto da combinação de demandas, recursos disponíveis e barreiras a serem enfrentadas (STAMBULOVA, 2003; STAMBULOVA et al., 2009).

As demandas de cada transição geram conflitos entre "quem o atleta é" no momento e "quem o atleta deve se tornar" na próxima etapa de sua formação esportiva, o que o estimula a mobilizar os recursos disponíveis para enfrentar tal transição e as barreiras que podem estar associadas a ela (STAMBULOVA, 2003).

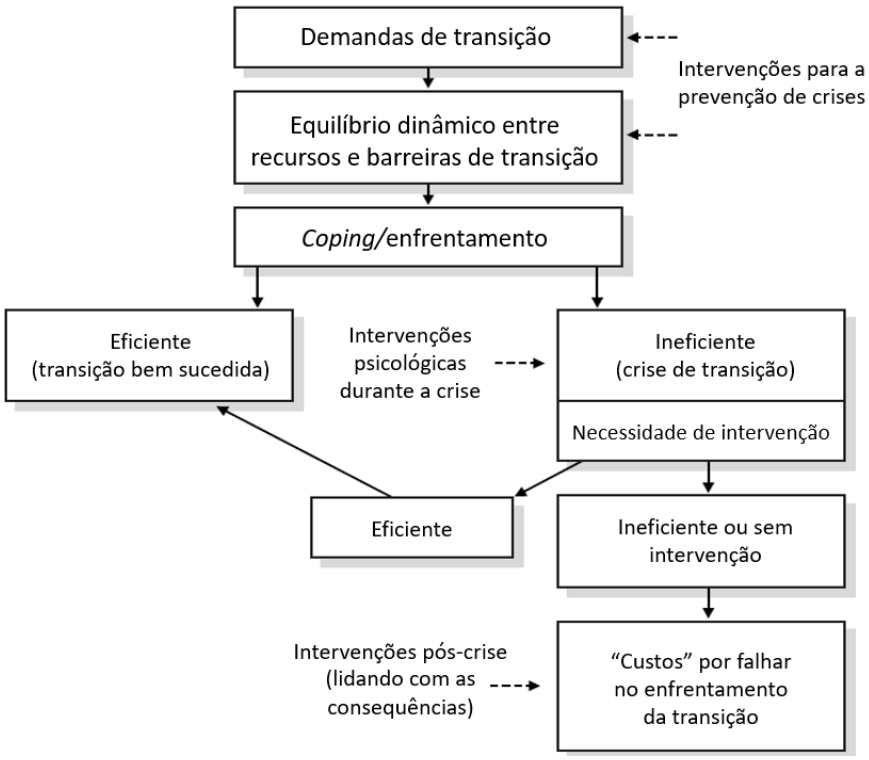
Cada transição específica apresenta demandas específicas e o que determina a forma como o indivíduo lida com este processo é o equilíbrio dinâmico entre seus recursos e barreiras. Recursos de transição são definidos como todos os fatores internos e externos que podem facilitar o processo de enfrentamento (como exemplos, experiência em outras transições, habilidades, traços de personalidade, motivação, suporte financeiro e social). Barreiras de transição, por sua vez, são todos os fatores internos e externos que podem, de algum modo, prejudicar o processo de enfrentamento bem-sucedido (como exemplos, falta de habilidades, conflitos interpessoais, dificuldades em conciliar a prática esportiva com os estudos) (STAMBULOVA et al., 2009).

Stambulova et al. (2009) pontuam que um mesmo fator pode vir a configurar-se como um recurso ou uma barreira, dependendo do contexto da transição. Um exemplo marcante é o caso da identidade esportiva, isto é, o grau de identificação do indivíduo com sua prática. Apresentar altos índices de identidade esportiva é tido como importante recurso ao longo do processo de formação, no entanto, configura-se como uma barreira relevante na transição para o término da carreira esportiva.

Quando o indivíduo é capaz de desenvolver e aproveitar os recursos necessários para superar as eventuais barreiras de transição entende-se que tal transição é bem-sucedida. Já nos casos em que o atleta não consegue lidar com as demandas e superar as barreiras de transição tem-se situações denominadas crises de transição. Sendo assim, são dois os possíveis fins que uma transição esportiva pode levar: ela pode ser concluída, sendo tida com bem-sucedida ou pode ser marcada por uma crise de transição, o que leva a uma série de consequências negativas (STAMBULOVA, 2003; STAMBULOVA et al., 2009).

A Figura 10 representa o ACTM, modelo é proposto considerando a dinâmica por trás dos processos de transição esportiva e seus possíveis fins (STAMBULOVA, 2003).

Figura 10 – O Modelo de Transição de Carreira Atlética (ACTM)



Fonte: Traduzido de Stambulova (2003).

Dentre os vários motivos que levam ao enfrentamento ineficaz tem-se: a baixa conscientização do atleta sobre as demandas da transição, a falta de recursos ou excesso de barreiras e a incapacidade de analisar a situação da transição e criar estratégias de enfrentamento adequadas (STAMBULOVA, 2000).

O ACTM considera a possibilidade de intervenção psicológica em diversos momentos, seja como forma de prevenção de crises, durante uma crise estabelecida ou após a crise. Tais intervenções devem atuar como um recurso extra no intuito de permitir com que a transição seja o mais bem-sucedida possível, reduzindo o risco do desenvolvimento de consequências negativas (STAMBULOVA, 2003). Por fim, considera-se que esta função é reservada ao psicólogo do esporte e com isso não haverá um aprofundamento deste tema no presente trabalho.

Em seu estudo com os atletas russos, Stambulova (1994) identifica cinco estágios de desenvolvimento esportivo distintos: estágio preparatório; início da especialização esportiva; treinamento intensivo na modalidade esportiva escolhida; estágio de culminação ou treinamento especial; e, estágio final ou perfeição esportiva.

O estágio preparatório e o início da especialização esportiva podem ser entendidos como análogos aos anos de experimentação do DMSP (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007). Os autores concordam que durante estes períodos a criança deve se engajar em atividades diversificadas focadas na participação e diversão. Treinadores e pais devem prover suporte e guiar os novos participantes do universo esportivo, possibilitando que ao longo desse processo de iniciação se crie a identificação com uma ou duas modalidades esportivas mais compatíveis com suas habilidades e interesses (ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007).

O terceiro estágio apresentado por Stambulova (1994) é chamado de treinamento intensivo na modalidade esportiva escolhida e é análogo aos anos de especialização do DMSP (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007). Durante este período os atletas restringem o seu foco, se comprometendo com o treinamento em uma ou duas modalidades esportivas. Os treinadores assumem o papel central de mentores no processo de treinamento especializado, a prática deliberada passa a ter maior presença no treinamento e o jovem atleta começa a se envolver em competições regulares. Neste período os pais continuam tendo o papel de provedores de suporte e passam a investir mais recursos (tempo e dinheiro) na formação esportiva de seus filhos. A competição e treinamentos menos lúdicos fazem cada vez mais parte da rotina do jovem atleta, que começa a ter que lidar com algumas dificuldades relacionadas à administração da vida esportiva, escolar e de outros compromissos (ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007).

Já os anos de investimento do DMSP (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007), são por sua vez, análogos aos períodos denominados por Stambulova (1994) como estágio de culminação e o estágio final. Estes períodos são tidos como menos homogêneos, durando geralmente entre cinco e quinze anos (ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007).

No estágio de culminação o jovem atleta começa a participar de um ciclo completivo em níveis mais próximos da elite esportiva e nas categorias reservadas aos adultos. Neste período o atleta deve ter a oportunidade de explorar o seu potencial diante das demandas do alto rendimento, portanto, os treinadores assumem o papel de principais mentores e conselheiros, os pais têm sua participação reduzida (o próprio jovem tem maior autonomia com relação a sua carreira) e o treinamento se torna altamente especializado, visando a melhoria do rendimento. Para aqueles que alcançam a elite competitiva e o profissionalismo nesse período, o treinamento esportivo torna-se um trabalho e seu estilo de vida passa a ser subordinado ao

esporte, fazendo com que este período seja marcado por uma série de barreiras (ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007).

No estágio final, o atleta atinge seu máximo desempenho e procura administrar sua carreira com o objetivo de prolongar seu aproveitamento e preparar sua saída. O estágio final pode ainda ser subdividido em: 1) zona dos primeiros grandes sucessos; 2) zona de ótimas possibilidades; e, 3) zona de manutenção dos resultados (STAMBULOVA, 1994). O estágio final também foi identificado por Durand-Bush e Salmela (2002), no entanto, descrito como "anos de manutenção", uma etapa de participação esportiva não contemplada pelo DMSP.

Os modelos teóricos proporcionam perspectivas particulares sobre o processo de formação esportiva. Enquanto o DSMP de Côté, Baker e Abernethy (2007) apresenta fragilidades ao não contemplar, na profundidade desejada, a questão da transição entre suas etapas, a proposta de Stambulova (1994) oferece uma visão mais superficial relação ao que os autores do DMSP definiram como "anos de recreação". A autora apresenta este período como sendo uma transição denominada "retirada esportiva", momento em que os atletas cessam sua participação em competições (no nível que haviam alcançado) e continuam (ou não) sua participação esportiva com fins recreativos. Geralmente, esta transição é marcada pelo novo foco em desenvolver uma carreira profissional, dar continuidade aos estudos e desenvolver uma identidade relacionada a seus novos papéis sociais (ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007).

É evidente que Côté, Baker e Abernethy (2007) apresentam uma visão mais aprofundada sobre os anos de recreação por reconhecer a existência de diferentes caminhos para uma formação esportiva bem-sucedida, o que justifica a apropriação do ACTM para analisar as transições entre os estágios de desenvolvimento da participação esportiva do DMSP e não aqueles identificados por Stambulova (1994).

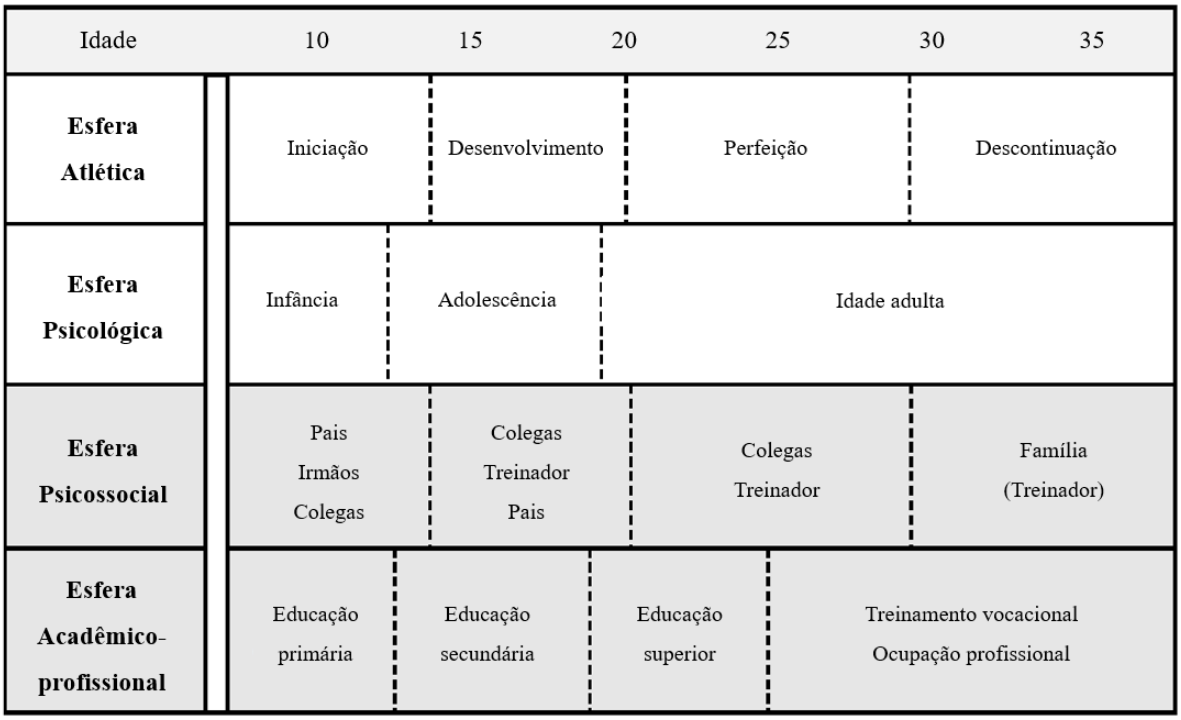
Wylleman e Lavallee (2004) apresentam outra possibilidade de compreender as transições vivenciadas pelos atletas ao longo de sua vida: o Modelo de Desenvolvimento das Transições Enfrentadas pelos Atletas. Este modelo busca integrar, além das etapas e transições normativas comparáveis ao apresentado por Stambulova (1994), etapas e transições não-atléticas através de outras três formas de se classificar o desenvolvimento pessoal: o desenvolvimento psicológico, o desenvolvimento psicossocial e o desenvolvimento acadêmico-vocacional. Este modelo procura adicionar uma perspectiva de pessoa integral ao estudo da formação esportiva, o que permite considerar além do atleta no contexto esportivo, as demandas que os indivíduos estão sujeitos fora do esporte (ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007).

O Modelo de Desenvolvimento das Transições Enfrentadas pelos Atletas permite que pesquisadores considerem as demandas atléticas em conjunto com: a) tarefas de

desenvolvimento relacionadas à infância, adolescência e idade adulta; b) mudanças nos relacionamentos e no grau suporte que os atletas têm daqueles que estão à sua volta como treinadores, pais, irmãos e pares; c) progresso dos atletas nas etapas do sistema educacional ou na carreira profissional (WYLLEMAN; LAVALLEE, 2004). Sendo assim, as transições que ocorrem nestas diferentes esferas podem se sobrepor, configurando circunstâncias que podem significar maior dificuldade de *coping* (ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007).

Quando se parte de uma perspectiva de pessoa integral, pode-se analisar as transições normativas a partir de um espectro mais amplo, expandindo o entendimento sobre estes processos. Seus autores apontam para a importância de se prever as sobreposições de transições esportivas e não esportivas, ressaltando também que as referências de idade cronológica sugeridas pelo modelo (figura 11) representam uma média observada em estudos com atletas de diversas modalidades esportivas, o que sugere uma necessidade de especificação a depender da modalidade esportiva, gênero e de como se organiza o sistema esportivo no contexto estudado (WYLLEMAN; LAVALLEE, 2004).

Figura 11 – O Modelo de Desenvolvimento das Transições Enfrentadas pelos Atletas



Fonte: Traduzido de Wylleman e Lavallee, 2004.

A partir da perspectiva de pessoa integral, pode-se determinar que existem “transições na carreira esportiva”, isto é, aquelas entre suas diferentes etapas internas, e, além disso, existem

“transições de carreira” quando se tem o término da carreira esportiva e transição para uma maior dedicação à condução da carreira na esfera acadêmica-profissional (ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007). Um dos principais objetos de interesse dos pesquisadores que investigam transições esportivas ao redor do mundo é o pós-carreira, isto é, a transição de uma carreira competitiva esportiva para novas etapas de desenvolvimento pessoal e profissional do ex-atleta (STAMBULOVA; RYBA, 2014).

Estudos comparando a carreira de atletas amadores e profissionais mostraram similaridades e diferenças nos processos e nos motivos da retirada da carreira competitiva. Em ambos os casos, a transição pós-carreira é, em grande parte, resultado de um conjunto de decisões com efeitos de longo prazo ao invés da interrupção abrupta da carreira. A decisão que leva ao encerramento da carreira esportiva, tanto do atleta profissional como do amador, pode ser entendida como escolha livre ou forçada, e o processo de desligamento do atleta das suas atividades competitivas pode ser planejado ou não planejado previamente (ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007).

Enquanto lesões, redução das habilidades e falta de recursos financeiros são apontados como principais causas de uma saída não planejada do esporte competitivo, razões relacionadas ao trabalho e planejamento familiar são causas típicas de processos voluntários de retirada. Em casos em que o término da carreira esportiva é marcado por uma crise de transição, pode ainda, haver a necessidade de obter apoio psicológico especializado (ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007).

Independentemente das causas específicas do término da carreira, as pesquisas apontam que o sentimento subjetivo do atleta sobre a decisão voluntária ou involuntária é um ponto crucial para sua adaptação pós-carreira. Em linhas gerais, a possibilidade de planejamento ajuda o atleta a lidar com esta transição entre carreiras. Assim como nas demais transições vividas pelos atletas, o processo de enfrentamento desta transição (*coping*) depende não apenas das causas, mas também dos recursos individuais e sociais disponíveis. O fortalecimento destes recursos, como por exemplo, na educação, orientação, treinamento de competências e estabelecimento de metas para o pós-carreira, pode colaborar para uma adaptação mais saudável. Recursos sociais, como apoio da família e serviços de pós-carreira oferecidos pelas federações esportivas, também podem interferir positivamente no processo de transição para uma carreira pós-atlética (ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007).

A transição para o período pós-carreira deve levar à adoção de novos papéis sociais, tanto na ocupação, como no núcleo familiar e no sistema esportivo (ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007). No entanto, sabe-se que muitos jovens desenvolvem de forma

concomitante, atividades esportivas e educacionais em diferentes níveis, da prática recreativa à elite competitiva, da educação básica ao ensino superior, em um contexto em que muito atletas se veem inseridos na universidade e/ou no mercado de trabalho enquanto estão treinando e competindo ativamente. Com base nisso, observa-se um crescente interesse da literatura que investiga a carreira esportiva de atletas de elite pela perspectiva da chamada dupla carreira (STAMBULOVA et al., 2014; STAMBULOVA; RYBA, 2014; TORREGROSSA; CHAMORRO; RAMIS, 2016).

Ao longo de sua carreira, os atletas investem tempo e recursos durante vários períodos decisivos de seu desenvolvimento e, portanto, devem ser auxiliados de modo que se possa maximizar os benefícios de sua participação esportiva e conter os riscos potenciais (por exemplo, desenvolvimento unilateral, sacrifícios em outras esferas da vida, lesões). Neste aspecto, programas de formação esportiva que integram a abordagem de dupla carreira têm se mostrado como uma boa solução para equilibrar o esporte com outras esferas da vida dos atletas e melhor prepará-los para novos papeis sociais assumidos após o término de sua carreira esportiva. A busca por um equilíbrio ideal entre o esporte e atividades é, direta ou indiretamente, um fator relevante na prevenção do abandono esportivo e perda de identidade atlética, sendo também uma estratégia para lidar com as transições, sobretudo a transição para uma carreira pós-atlética (STAMBULOVA et al. 2014).

Estudos recentes trouxeram importantes contribuições sobre a dupla carreira no contexto brasileiro em diferentes modalidades esportivas, envolvendo não apenas atletas competidores de futebol (MELO et al., 2016; MELO; SOARES; ROCHA, 2014; SOARES et al., 2013), futsal (COELHO et al. No prelo; MARQUES et al. 2017), atletismo, judô e natação (MELO et al., 2020) como também, atletas universitários representantes de diferentes modalidades esportivas (MIRANDA, 2020).

A presente pesquisa pretende contribuir com a reflexão sobre a formação esportiva a partir de uma perspectiva mais abrangente, integrando o conceito de dupla carreira para investigar a participação esportiva daqueles que, apesar de continuarem envolvidos com sua prática em longo prazo, não priorizaram a carreira competitiva diante das demais esferas da vida, sendo classificados como “não competidores”.

4 MATERIAL E MÉTODOS

A apresentação da metodologia utilizada para responder à pergunta central deste estudo se subdividiu em quatro seções: Delineamento de pesquisa; Participantes; Produção de dados; e, Análise Temática Reflexiva.

4.1 DELINEAMENTO DE PESQUISA

Esta pesquisa se baseia em uma abordagem qualitativa, pois se propõe a analisar em profundidade fenômenos sociais dentro de seu ambiente específico, propiciando a construção de novas interpretações e teorias, além de permitir a revisão e criação de novos termos, conceitos e categorias de análise pertinentes à investigação (THOMAS; NELSON; SILVERMAN, 2007).

A pesquisa qualitativa se preocupa em investigar realidades que não se pode simplesmente se quantificar, como processos e fenômenos dotados de variáveis subjetivas como atitudes, valores e experiências individuais ou coletivas. Vale salientar que a pesquisa qualitativa não deve ser enxergada como antagônica à pesquisa quantitativa, pois ambas apresentam naturezas diferentes, fornecendo métodos distintos para se responder problemas de pesquisa específicos (MINAYO et al., 2002).

Pode-se afirmar que as pesquisas qualitativas e quantitativas se complementam, contribuindo para o avanço da ciência em determinada área do conhecimento. Enquanto pesquisas quantitativas são mais apropriadas para o estudo de grandes populações, através da observação de níveis concretos e superficiais da realidade que podem ser percebidos através dos números, a pesquisa qualitativa preocupa-se com a compreensão de seus significados, oferecendo inclusive, embasamento teórico para a proposição e discussão de novos estudos quantitativos (MINAYO et al., 2002).

A interpretação e a reflexão do pesquisador durante o processo de construção do conhecimento são fundamentais para a pesquisa qualitativa, de modo que a escolha adequada da metodologia de pesquisa se faz fundamental (FLICK et al., 2009). Minayo et al. (2002) acrescentam que se deve buscar o equilíbrio entre a teoria, a metodologia e a criatividade do pesquisador, procurando apresentar seus resultados com clareza, coerência e consistência, o que faz com que seja possível transpor o conhecimento da comunidade científica para a prática.

Dentro da abordagem de pesquisa qualitativa deve-se buscar a compreensão do objeto de estudo em sua totalidade, considerando não só os indivíduos investigados, mas também as

demais características dos contextos em que estes estão inseridos (FLICK et al., 2009). A presente pesquisa se dispôs a oferecer uma visão rica e atraente dentro de mundos reais, experiências sociais e perspectivas individuais de seis faixas pretas de jiu-jítsu não competidores sobre sua participação esportiva. Para tal, a produção dos dados deste estudo se deu por meio da aplicação de entrevistas retrospectivas semiestruturadas (CÔTÉ; ERICSSON; LAW, 2005) e a metodologia de análise empregada foi a Análise Temática Reflexiva (BRAUN; CLARKE, 2006; BRAUN; CLARKE, 2019).

4.2 PARTICIPANTES

Os participantes desta investigação foram praticantes de jiu-jítsu não competidores, graduados faixa preta, isto é, aqueles que vivenciaram uma formação esportiva bem-sucedida, se mantendo envolvidos com uma ou mais atividades esportivas em idade adulta, alcançando nível avançado de envolvimento com o jiu-jítsu. Embora eles não façam parte da elite competitiva do jiu-jítsu, como no caso dos participantes da pesquisa anterior (VICENTINI; MARQUES, 2018c), a conquista da faixa preta os qualifica à posição de destaque diante do restante dos praticantes menos graduados.

Os moradores desta região que foram identificados como atletas de elite de jiu-jítsu se caracterizaram por serem medalhistas em competições oficiais de nível internacional desta modalidade esportiva (VICENTINI; MARQUES, 2018c). Já o presente estudo teve como critério de exclusão: a participação em competições oficiais de jiu-jítsu em qualquer graduação. O intuito foi o de diferenciar este grupo com relação aos atletas de elite, visto que a participação neste tipo de evento é um requisito necessário para se alcançar o nível de elite competitiva nesta modalidade esportiva.

Destaca-se que a participação em competições não oficiais em nível regional não configurou um critério de exclusão neste estudo, pois embora tenha se buscado por indivíduos com pouca experiência competitiva, a competição se mostrou inerente ao fenômeno esportivo, conforme explicita Marques (2015). Portanto, é fundamental destacar que o termo “não competidor”, adotado neste trabalho, se remete a divisão observada nos grupos de praticantes de jiu-jítsu: aqueles participam ativamente de eventos competitivos e outros que não treinam com estes objetivos.

Os participantes deste estudo foram contatados através de uma triagem inicial, por intermédio de professores de jiu-jítsu da região de Ribeirão Preto, no interior do estado de São Paulo. É fundamental destacar que esta seleção não envolveu todas as equipes de jiu-jítsu da

área de abrangência da presente pesquisa. O contato com estes professores se deu pela maior facilidade de acesso do pesquisador, que também faz parte do campo do jiu-jítsu na condição de praticante e instrutor. Deste modo, o presente estudo contou com uma amostragem de conveniência, uma técnica não probabilística e não aleatória que leva em consideração a disponibilidade e a facilidade de acesso a pessoas que atendam aos critérios específicos de inclusão e exclusão para fazer parte do grupo de participantes (FLICK et al. 2009).

Foram selecionados seis participantes, homens, maiores de dezoito anos, com graduação na faixa preta de jiu-jítsu, que nunca competiram jiu-jítsu em eventos organizados por federações esportivas e que permaneceram ativos[22] nesta modalidade esportiva. Deve-se reconhecer que este grupo de participantes é composto somente por homens, pois conforme estudo bibliométrico sobre a produção cientifica no jiu-jítsu (VICENTINI; MARQUES, 2018b) apontou, há uma desigualdade quanto a representação dos gêneros no jiu-jítsu, sendo que na triagem inicial não se teve notícia de mulheres que atendessem aos critérios de inclusão desta pesquisa. Pesquisas futuras sobre este assunto devem ser propostas para investigar sua formação esportiva, preenchendo esta importante lacuna.

O quadro 5 apresenta a caracterização dos seis participantes investigados, quanto ao nome fictício adotado para assegurar o anonimato, seu nível de escolaridade, ocupação e idade no período da entrevista. Com relação ao jiu-jítsu, foram destacadas algumas informações referentes para sua caracterização como: tempo de prática[23], experiência como faixa preta, se atua ou atuou como professor/instrutor e se já participou de competições não oficiais de jiu-jítsu.

[22] Considerou-se como ativos no jiu-jítsu, aqueles que mantinham contato semanal com sua prática durante o período das entrevistas, independentemente da quantidade sessões de treinamento frequentadas.

[23] Em alguns casos, o tempo de prática foi calculado considerando que houve longos períodos de abandono esportivo.

Quadro 5 – Caracterização dos participantes

Participante	**Renato**	**Iuri**	**Fabrício**	**Murilo**	**Guilherme**	**Christiano**
Nível de escolaridade	Ensino médio/técnico completo	Ensino superior completo	Ensino fundamental completo	Pós-graduação completa	Pós-graduação completa	Ensino superior completo
Ocupação profissional	Técnico em telecomunicações	*Personal trainer*	Aposentado	Professor	Analista de sistemas	Empresário
Idade no período da entrevista	36 anos	40 anos	53 anos	37 anos	37 anos	41 anos
Jiu-jítsu						
Tempo total de prática	13,5 anos	15 anos	14 anos	16,5 anos	23,5 anos	17,5 anos
Tempo de prática até a conquista da faixa preta	8,5 anos	10 anos	12 anos	15,5 anos	14,5 anos	11,5 anos
Tempo como faixa preta	5 anos	5 anos	2 anos	1 ano	9 anos	6 anos
Atua como professor/instrutor?	Sim	Sim	Sim	Já atuou	Não	Não
Já participou de competições não oficiais?	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Não

Fonte: O próprio autor.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto (CAAE Nº. 86070218.1.0000.5659). Todos os participantes deste estudo assinaram a um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO A).

4.3 PRODUÇÃO DE DADOS

Em se tratando de uma pesquisa qualitativa deve-se pontuar que a comunicação entre pesquisador e pesquisado é fundamental para produção do conhecimento. A subjetividade envolvida nesta relação torna-se parte do processo de pesquisa, e deve-se reconhecer que a

partir do contato inicial para agendamento da entrevista até sua análise, a pesquisa não está acontecendo na assepsia de um laboratório, portanto é errôneo associar a entrevista à “coleta de dados” e mais adequado usar o termo “produção de dados”, uma ver que o pesquisador, na sua posição de entrevistador é parte fundamental deste processo (FLICK, 2008).

Bourdieu (1999) aponta para necessidade que se tem, como pesquisador, de compreender onde os participantes da pesquisa e o próprio entrevistador se inserem no campo estudado, além de apresentar domínio sobre referencial teórico utilizado ao elaborar roteiros de entrevista que possam ser bem-sucedidos como instrumentos de produção de dados. O autor orienta que deve se evitar perguntas tendenciosas, ambíguas e deslocadas de contexto.

Também se faz fundamental, segundo Bourdieu (1999), que o entrevistador mantenha seu papel na condução de uma entrevista, mas que se policie ao máximo para que não se coloque em um “pedestal cultural”, na condição de acadêmico estudioso do assunto, e que pelo contrário, busque uma certa aproximação com o entrevistado por meio de linguagem próxima. Deve se compreender também que durante a entrevista está lidando com emoções e histórias pessoais singulares do participante, por isto, é essencial procurar promover um ambiente favorável ao entrevistado.

Na presente pesquisa, o depoimento oral de cada participante a respeito de assuntos voltados a sua participação esportiva foi produzido através de entrevistas retrospectivas. Segundo Côté, Ericsson e Law, (2005) a entrevista retrospectiva se mostra como uma relevante forma de recolher informações sobre diversos aspectos relacionados a formação esportiva. Os próprios autores propuseram um modelo de roteiro de entrevista que fomentou o crescimento da pesquisa em volta do DMSP, mas reforçam a necessidade de se promover modificações na estrutura do roteiro original para adequação a diferentes contextos em que se pretende estudar.

Foi proposto, portanto, considerando as direções apontadas por Côté, Ericsson e Law, (2005) e a pesquisa anterior realizada com os atletas de elite de jiu-jítsu (VICENTINI, 2016), um roteiro de entrevista semiestruturada aplicado a todos os participantes, respeitando uma mesma estrutura inicial com perguntas abertas. Novas questões sugiram no decorrer das entrevistas a partir de temas emergentes da fala dos participantes e das análises em andamento, sendo adicionadas à versão final do roteiro entrevista semiestruturada (APÊNDICE A).

A entrevista semiestruturada ofereceu praticidade na caracterização dos participantes e permitiu a fluidez da entrevista como uma conversa mediada por meio da administração do roteiro de forma flexível, visando o cumprimento dos objetivos da pesquisa (NEGRINE, 1999). O material disponível para a entrevista foi: gravador digital, roteiro de entrevista semiestruturada e bloco de notas.

Foram realizadas duas rodadas de entrevistas com os seis participantes investigados. A primeira rodada se deu entre novembro de 2018 e junho de 2019, enquanto todas as entrevistas da segunda rodada aconteceram no mês de fevereiro de 2020. A estratégia das duas entrevistas permitiu que se confirmassem ou alterassem informações apresentadas na primeira ocasião, além de trazer novos questionamentos aos participantes, haja vista que o roteiro de entrevista semiestruturado sofreu modificações no decorrer das entrevistas e análises.

Após o contato inicial, foram agendadas as entrevistas em local escolhido pelo participante, como em sua residência (Renato, Murilo e Christiano), em uma cafeteria local pouco movimentada (Iuri e Fabrício) e em seu local de trabalho, em sala fechada (Guilherme). O processo de análise de cada entrevista se iniciou logo após sua realização, de modo que a análise de dados e realização de novas entrevistas ocorreram simultaneamente. A segunda rodada de entrevistas aconteceu na residência dos participantes (Rebato e Murilo), de forma remota através de chamada de vídeo (Guilherme e Christiano), em uma cafeteria local (Iuri) e na academia que o participante atua como professor, fora do horário de funcionamento (Fabrício).

Notou-se que o ambiente escolhido para realização das entrevistas pôde influenciar em seu andamento e profundidade. Os participantes que foram entrevistados em suas residências (de forma presencial ou remota) estiveram mais à vontade para abordar assuntos sensíveis, tais como, problemas de relacionamento com o treinador, e dispunham de mais tempo para aprofundar seu relato. Por outro lado, as entrevistas realizadas em outros locais foram marcadas por algumas interrupções de raciocínio causados por ruídos externos ou pela interferência de terceiros e pela maior limitação com relação ao tempo disponível, o que em geral, resultou em respostas mais diretas e entrevistas mais curtas.

A próxima seção será dedicada à explicação do método de análise empregado no presente estudo. Pode se compreender que a transcrição do áudio das entrevistas em texto é parte, tanto da construção, como da análise dos dados, levando em consideração que está analise se foi iniciada antes mesmo da transcrição. Para Bourdieu (1999) é importante que a integralidade do texto se mantenha após sua transcrição, retirando apenas eventuais vícios de linguagem, buscando deixar o texto mais fluido para facilitar sua leitura e análise. Além dos discursos, o autor chama atenção para a possibilidade de se registrar as emoções dos participantes no momento de suas falas. Este recurso foi utilizado para demarcar risos e pausas mais longas entre colchetes quando necessário.

4.4 ANÁLISE TEMÁTICA REFLEXIVA

A Análise Temática Reflexiva permite identificar, analisar e reportar padrões (temas) com riqueza de detalhes dentro de uma base de dados estudada (transcrição das entrevistas), de acordo com o interesse particular delineado pelos objetivos de cada estudo. Este método de análise é amplamente utilizado e se caracteriza como uma metodologia flexível a diferentes enquadramentos, o que permite que se respondam diferentes questões de pesquisa. Dentre suas mais frequentes aplicações está o estudo de perspectivas pessoais sobre diferentes fenômenos (BRAUN; CLARKE, 2006), inclusive a respeito do esporte e do exercício físico (BRAUN; CLARKE; WEATE, 2016)

Para se compreender os processos que envolvem a Análise Temática Reflexiva é importante esclarecer alguns termos, dentre os quais: corpo de dados, conjunto de dados, item de dados e extratos de dados. O corpo de dados se refere ao montante de dados obtidos pelos diferentes instrumentos adotados durante a pesquisa. O conjunto de dados diz respeito às partes (ou a parte) do corpo dados que está se utilizando em uma análise em particular. Já o item de dados é uma fração do conjunto de dados, enquanto o extrato de dado representa uma parte do item de dados, devidamente codificado e identificado (BRAUN; CLARKE, 2006). No presente trabalho os extratos de dados serão apresentados nas sessões de resultados, embasando a análise que foi conduzida a partir do corpo de dados construído pelo pesquisador junto aos participantes.

Braun e Clarke (2006) afirmam que este se torna um método falho quando o pesquisador não torna transparente as decisões metodológicas tomadas previamente ao fazer seu uso, deixando de reconhecer a existência de outras possibilidades dentro da mesma metodologia. Ao propor a Análise Temática Reflexiva como ferramenta de análise da presente pesquisa é necessário, portanto, tomar uma série de decisões:

1) Definição do tema. Primeiramente deve-se definir o que pode ser considerado um tema ou não, bem como sua dimensão dentro da análise. Esta decisão se faz fundamental para o processo de codificação. Um tema deve captar a relevância de dado aspecto observado no corpo de dados estudado (transcrição das entrevistas) em relação à questão central de pesquisa. Considerando a natureza qualitativa desta investigação, não se considerou necessariamente como mais relevantes os temas de maior prevalência no corpo de dados. Sendo assim, não houve uma regra rígida que estipule um grau de prevalência mínima para determinar a existência de um tema e quantificar sua importância. O julgamento do autor, com base no referencial teórico apresentado e nos objetivos da presente pesquisa, foi determinante para

criação e interpretação dos temas (BRAUN; CLARKE, 2006; BRAUN; CLARKE, 2012). Este estudo teve como objeto de pesquisa e eixo sustentador que norteou a identificação de novos temas, o desenvolvimento da participação esportiva dos seis participantes investigados.

2) Uma rica descrição do conjunto de dados versus um relato detalhado de dado aspecto em particular. Esta decisão determinou os caminhos tomados pela análise de acordo com a característica da pesquisa. Uma rica descrição do conjunto de dados se relaciona a temáticas ainda pouco exploradas, se caracterizando por oferecer uma visão global dos temas identificados no corpo de dados, culminando na perda de profundidade. Já quando se dedica a um relato detalhado de dado aspecto em particular é possível se aprofundar em áreas específicas de interesse da pesquisa (BRAUN; CLARKE, 2006; BRAUN; CLARKE, 2012). Este estudo se dispôs a conduzir, em um primeiro momento, uma rica descrição geral do conjunto de dados, uma vez que esta é uma escolha particularmente útil quando se investiga uma área pouco pesquisada em que se desconhece as opiniões e colocações dos participantes sobre determinado tema. Todavia, conforme identificada a necessidade, uma abordagem mais detalhista foi conduzida.

3) Análise teórica versus indutiva. Os temas podem ser identificados e organizados, tanto a partir de uma abordagem predominantemente teórica, como de uma abordagem predominantemente indutiva. A análise teórica é norteada por um quadro de codificação que deriva do referencial teórico adotado pelo pesquisador, enquanto na análise indutiva os temas identificados emergem, sobretudo, dos dados, sem que o pesquisador tente ajustá-los a um quadro de codificação teórico preexistente. Deve-se considerar que o pesquisador não se desvincula completamente de suas concepções teóricas e epistemológicas ao conduzir esta forma de análise, por mais que seja desejável, pois os dados não são codificáveis em um vácuo teórico (BRAUN; CLARKE, 2006; BRAUN; CLARKE, 2012).

O referencial teórico sobre o estudo da formação esportiva foi fundamental para a condução da Análise Temática Reflexiva, sendo esta, a princípio, uma análise teórica. No entanto, corroborando os trabalhos mais recentes das autoras (BRAUN; CLARKE; WEATE, 2016; BRAUN; CLARKE, 2019), se reconhece que não é possível ser puramente indutivo ou teórico na condução de uma Análise Temática Reflexiva, pois parte da análise realizada também teve características indutivas.

4) Temas semânticos versus latentes. Decisão relativa ao nível em que os temas foram identificados na análise. Os possíveis temas podem ser identificados em nível semântico, isto é, um nível explícito ou superficial em que os temas são identificados pontualmente na fala dos participantes. Os temas também podem ser identificados em um nível latente, que ultrapassa

em complexidade o conteúdo semântico, uma vez que demanda maior esforço interpretativo para examinar ideias, posicionamentos e ideologias dos participantes, se aprofundando em temas que não se dispõem na superfície dos dados (BRAUN; CLARKE, 2006; BRAUN; CLARKE, 2012). A análise conduzida foi além da superfície do que foi falado através da interpretação, a fim de capturar a essência dos fatos relacionados à participação esportiva dos participantes investigados, por meio da identificação de temas latentes, não deixado de se atentar a temas semânticos pertinentes quando necessário.

5) Epistemologia essencialista/realista versus construtivista. A epistemologia diz respeito ao modo com que a teorização resultante da Análise Temática Reflexiva será conduzida. Em uma abordagem essencialista/realista teorizam-se as motivações, as experiências e os significados de maneira direta, pois se assume uma relação unidirecional entre o significado atribuído e a experiência individual. Já em uma perspectiva construtivista interpreta-se o significado e a experiência como construções produzidas e reproduzidas socialmente ao invés de serem inerentes apenas ao indivíduo em si. Em outras palavras, enquanto uma epistemologia essencialista/realista é centrada na realidade evidenciada pelos dados, uma abordagem construtivista procura explicar como essa realidade é formada. A questão da epistemologia geralmente é determinada enquanto o projeto de pesquisa é conceituado, embora se reconheça que em determinados momentos da análise as duas abordagens sejam necessárias para discorrer sobre diferentes aspectos dos dados (BRAUN; CLARKE, 2006; BRAUN; CLARKE, 2012). Esta pesquisa se caracterizou essencialmente como de epistemologia construtivista, uma vez que se dispôs a investigar além da experiência individual, aspectos da atmosfera social envolta na participação esportiva de seus participantes.

A Análise Temática Reflexiva se dá através de etapas de codificação recursivas e não lineares, percorridas quantas vezes forem necessárias durante a pesquisa. O resultado deste processo é um conjunto de significados dados aos padrões observados (temas) que devem ser organizados e discutidos de modo a elucidar as questões expostas no estudo (BRAUN; CLARKE, 2006).

Braun, Clarke e Weate (2016) destacam que a codificação da Análise Temática Reflexiva é um processo chave que deve ser conduzido de forma sistemática e criteriosa. Braun e Clarke (2006) dividiram o processo de codificação em seis principais etapas: familiarização com os dados, geração inicial de dados, procura por temas, revisão dos temas, definição dos nomes dos temas e produção do relatório.

Em um primeiro momento, o pesquisador familiarizou-se com cada conjunto de dados que se pretendeu investigar (entrevista) através da reprodução de áudio, transcrição, leitura e

releitura, procurando por padrões e significados. Nesta etapa da Análise Temática Reflexiva é gerado um esboço das ideias iniciais através da imersão do pesquisador em seu conteúdo, sendo importante que o pesquisador tenha domínio sobre o referencial teórico escolhido (BRAUN; CLARKE, 2006). Braun, Clarke e Weate (2016) destacam que os dados devem ser transcritos com nível apropriado de detalhe e que durante esta etapa é pertinente fazer anotações, o que facilita as etapas de codificação subsequentes.

Após a familiarização com o corpo de dados, foi feita uma releitura cuidadosa voltada às características de importância aos objetivos da presente pesquisa. Na chamada etapa de geração inicial de dados as transcrições foram codificadas de forma sistemática, gerando códigos iniciais. Neste momento se fez a triagem e agrupamento de uma grande quantidade de itens de dados relevantes para sintetizar cada código (BRAUN; CLARKE, 2006). Braun, Clarke e Weate (2016) acrescentam que durante esta etapa, cada item de dados deve receber a mesma atenção, sendo também importante codificar o máximo de padrões relacionado à problemática da pesquisa.

Em seguida, iniciou-se o processo de procura por temas pertinentes, levando em consideração objetivos da presente pesquisa e com base no estudo dos códigos iniciais. Os códigos foram agrupados em possíveis temas, reunindo todos os extratos de dados relevantes para cada tema (BRAUN; CLARKE, 2006). Neste momento, um mapa temático passou a ser esboçado, considerando os temas e subtemas candidatos e seus respectivos extratos de dados, sendo este, um processo minucioso, inclusivo e compreensivo (BRAUN; CLARKE; WEATE, 2016).

A função de cada tema em relação aos códigos e ao corpo de dados foi revisada com o objetivo de buscar seu aperfeiçoamento na etapa denominada revisão dos temas. Nesta etapa os temas e seus subtemas foram refinados, o que por vezes significou sua combinação, divisão ou exclusão, possibilitando a constante reestruturação do mapa temático (BRAUN; CLARKE, 2006). A revisão pode variar de pequenos ajustes até um reinício completo da análise, devendo se considerar uma série de questões: a) cada tema tem um conceito de organização central para que todos os dados e códigos sejam coerentes em torno de um único ponto analítico chave?; b) cada tema possui um conceito central distinto?; c) quais são as relações, interconexões e limites entre os temas?; e, d) os temas juntos contam uma história coerente e convincente dos dados, que aborda a questão da pesquisa? Esta etapa pôde ser concluída somente após a conclusão produção dos dados por meio das entrevistas, a partir do momento que o mapa temático se torna uma estrutura capaz de responder ao problema da pesquisa após o exaustivo processo de codificação e revisão (BRAUN; CLARKE; WEATE, 2016).

Depois de revisados, os temas e subtemas passaram por um processo contínuo de análise, buscando a definição de seus nomes. O objetivo desta etapa foi propor definições claras para cada tema e seus respectivos subtemas dentro do mapa temático e de uma narrativa analítica. Por fim, a etapa de produção do relatório envolveu a construção desta narrativa, uma história lógica, concisa, coerente, não repetitiva e interessante dos dados, para discorrer sobre os temas e subtemas identificados, citando os extratos de dados convenientes e contextualizando os resultados em relação à questão da pesquisa e ao referencial teórico adotado (BRAUN; CLARKE, 2006).

Braun, Clarke e Weate (2016) apontam para o posicionamento ativo assumido pelo pesquisador na Análise Temática Reflexiva e reforçam que durante a produção do relatório de pesquisa deve-se: esclarecer as presunções e abordagens específicas da Análise Temática Reflexiva; buscar consistência metodológica; e manter a coerência entre a posição epistemológica assumida, a linguagem e os conceitos adotados.

A característica recursiva da Análise Temática Reflexiva faz com que se pudesse regredir entre as suas etapas de codificação conforme necessário, sem que fosse necessário seguir pelas suas etapas de maneira repetitiva e padronizada. Esta dinâmica possibilitou a reestruturação do roteiro de entrevistas semiestruturadas no decorrer da produção dos dados (BRAUN; CLARKE, 2006, BRAUN; CLARKE; WEATE, 2016).

Como a análise ocorreu concomitantemente à realização e transcrição de novas entrevistas, o pesquisador pôde produzir novos dados junto aos participantes enquanto a análise já contava com resultados parciais, o que exigiu um estado permanente de reflexão. A Análise Temática Reflexiva é produto de uma profunda e prolongada imersão no corpo de dados, permeada por um processo contínuo de reflexão, fazendo com que seus autores passassem a denominá-la como Análise Temática Reflexiva e não mais como apenas Análise Temática (BRAUN; CLARKE, 2019).

Braun e Clarke (2019) defendem a Análise Temática Reflexiva das críticas recebidas no decorrer dos anos por conta de sua flexibilidade, afirmando que a criatividade e subjetividade por trás do método não devem ser entendidas como ameaças à qualidade do conhecimento produzido, e sim como um recurso. O conhecimento produzido através deste método está diretamente relacionado ao contexto investigado, portanto, a análise qualitativa dos dados deve ser capaz de contar sua história, sobretudo, a partir da interpretação do pesquisador.

A Análise Temática Reflexiva conduzida no presente estudo permitiu a proposição de dois temas centrais de acordo com os objetivos específicos e os principais referenciais teóricos adotados por este estudo: “Estágios da participação esportiva” com base no DMSP e “Contexto

de desenvolvimento esportivo e pessoal” com base no PAF. Cada um dos temas foi composto por três subtemas que surgiram a partir da interpretação do conjunto de dados à luz do referencial apresentado com o objetivo de responder à questão central da presente pesquisa. O resultado desta análise sintetiza-se através do mapa temático (quadro 6), que representa a estrutura dos resultados e discussões apresentadas na presente pesquisa.

Quadro 6 – Mapa temático

Temas centrais	***Subtema***
Estágios da participação esportiva	Experimentação além do jiu-jítsu
	Especialização, investimento e manutenção da prática no jiu-jítsu
	As transições entre os estágios da participação esportiva e o processo de graduação no jiu-jítsu
Contexto de desenvolvimento esportivo e pessoal	Cenários de desenvolvimento
	Qualidade dos relacionamentos
	Os sentidos do treinamento e da competição

Fonte: O próprio autor.

5 RESULTADOS

Considerando que a análise realizada teve o objetivo de proporcionar uma rica descrição do conjunto de dados com base em uma epistemologia construtivista, optou-se por apresentar individualmente a participação de cada um dos seis participantes que fizeram parte desta pesquisa. Os subtítulos da seção de resultados foram elaborados com o intuito de indicar quem são os participantes, quanto à sua ocupação profissional e a relação estabelecida com o jiu-jítsu.

No decorrer da sessão, cada participante recebeu um nome fictício, de modo a manter o sigilo de sua identidade, sem que a narrativa careça da fluidez e da pessoalidade desejada. Além dos seis participantes investigados, a filha de um destes participantes também recebeu um nome fictício (Jéssica, filha de Fabrício). Da mesma forma, professores de jiu-jítsu[24], as equipes e as cidades que fizeram parte de seus relatos foram identificados por letras (de A a Q), letras gregas (de α a η) e números (de 1 a 12), respectivamente. Chama-se atenção para o fato que em alguns casos, os participantes se referem ao mesmo professor, equipe e/ou cidade. A possibilidade de analisar um mesmo ambiente de prática sob a perspectiva de diferentes participantes permitiu atestar a complexidade de variáveis que influem no desenvolvimento da participação esportiva.

A narrativa do desenvolvimento da participação esportiva de cada participante se deu em duas seções, cada qual relacionada à um dos dois temas centrais identificados por este trabalho. Na sessão de resultados houve um esforço em agrupar os extratos de dados relacionados aos dois temas centrais de forma lógica, concisa, coerente, não repetitiva e interessante, embora seja possível identificar algumas intersecções entre os temas e subtemas. Por vezes, um mesmo trecho da fala do participante é capaz de representar temas e subtemas distintos.

Enquanto os extratos de dados são apresentados em forma de narrativa individual na seção de resultados, cada subtema será apresentado e discutido em profundidade na seção de discussão.

[24] É fundamental destacar que convencionou-se apresentar todos aqueles que ministraram aulas de jiu-jítsu para os participantes desta pesquisa como “professores”, no entanto, parte destes agentes eram instrutores, pois no jiu-jítsu, o título de professor é conferido somente àqueles graduados na faixa preta (IBJJF 2012).

5.1 RENATO: O TÉCNICO EM TELECOMUNICAÇÕES QUE TAMBÉM MINISTRA AULAS DE JIU-JÍTSU EM SUA PRÓPRIA EQUIPE

Renato iniciou-se no jiu-jítsu aos quinze anos e estava com 36 anos no período da entrevista. Faixa preta há cinco anos, Renato exerce profissão de técnico em telecomunicações e atua como professor de jiu-jítsu em sua própria equipe, duas vezes por semana.

5.1.1 Estágios da participação esportiva de Renato

Renato nasceu em 1983. Na sua infância, não teve possibilidade de acesso a nenhuma prática deliberada. No entanto, o jogo deliberado ocorreu de forma diversificada, tanto através do futebol, do ciclismo, como em forma de outras brincadeiras típicas. “Na infância não tinha esporte nenhum [...] brincava, mas não era atividade física. Era mais pega-pega, pique-esconde, andava de bicicleta, não era muita coisa não e jogava muita bola”.

A prática deliberada só veio fazer parte de sua rotina já na adolescência, quando começou a praticar musculação[25] aos quatorze anos na cidade 1. “Aos quatorze anos eu comecei a fazer musculação antes do jiu-jítsu. Foram bem próximos”.

Aos quinze anos, Renato teve o seu primeiro contato com o jiu-jítsu através das aulas do professor A na equipe α. “Eu comecei em 98. Comprei meu primeiro quimono na copa de 1998. Eu lembro que tinha um jogo da copa no dia que eu fui buscar ele”. Tal como na investigação anterior envolvendo atletas da elite competitiva do jiu-jítsu (VICENTINI; MARQUES, 2018c), não apenas Renato, mas todos os participantes apresentados a seguir, relataram treinos de jiu-jítsu compostos exclusivamente pela prática deliberada[26]. Deste modo, as concentrações de prática e jogo deliberado não são colocadas como critérios para identificação das etapas de participação esportiva no jiu-jítsu, e sim, a participação em outras modalidades esportivas e os objetivos assumidos pelos participantes em diferentes momentos de sua participação esportiva.

---

[25] A musculação que parte dos participantes desta pesquisa se refere não diz respeito a uma modalidade esportiva específica, mas se enquadra na definição de prática deliberada de Ericsson, Krampe e Tesch-Römer (1993), sobretudo pelo seu caráter sistematizado e por ter o objetivo explícito desenvolver e aprimorar certas habilidades e capacidades, reduzindo fraquezas. Sua prática exige concentração e não necessariamente envolve o prazer momentâneo.

[26] É possível verificar esta constatação no segundo tema central desta análise “Contexto de desenvolvimento esportivo e pessoal”, quando os participantes revelam a estrutura dos treinos de cada um dos seus diferentes professores e equipes.

Após quatro meses de prática, quando o professor A interrompe suas aulas, Renato deixa de frequentar os treinos de jiu-jítsu por aproximadamente um ano e se torna aluno do professor B, na equipe β, em sequência (assunto tratado com mais profundidade na próxima seção). No seu primeiro e segundo ano de contato com o jiu-jítsu, só frequentava suas aulas aos sábados, enquanto a musculação continuou sendo sua prática primária, praticando-a três vezes por semana. "O jiu-jítsu era só de sábado e a musculação era três vezes por semana".

Nos períodos que treinou jiu-jítsu durante a adolescência, Renato dividia atenção entre essas duas práticas distintas, enquanto ainda relatava a participação em jogos deliberados relacionados ao futebol. Portanto, é possível identificar a continuidade das características dos anos de experimentação no decorrer de sua adolescência através dos chamados anos de recreação. "Nessa época eu continuei jogando bola também. [...] futebol recreativo mesmo. Nunca cheguei a treinar".

Aos dezesseis anos, em uma visita à cidade sede da equipe β, Renato sofreu uma lesão que marcou o início de seu maior período de interrupção nos treinos. É interessante observar que ele se lesionou em um treino voltado à uma competição que aconteceria nas próximas semanas, indício de que poderia haver uma transição em direção à especialização no jiu-jítsu em sequência. É fundamental destacar que a volta aos treinos após sua recuperação não foi possível devido à saída do professor B (assunto explorado na próxima seção).

> A gente foi treinar na cidade dele para um campeonato que iria ter. O rapaz foi me raspar e eu caí de mau jeito em cima do ombro e quebrei a clavícula. Eu fui treinar com ela quebrada no treino seguinte e na hora que eu caí de novo eu senti que era sério. [...] Eu fiquei duas semanas sem treinar e escondendo da minha mãe que tinha machucado, nesse meio tempo ele parou de dar aula aqui também.

Com sua interrupção nos treinos de jiu-jítsu, Renato dá continuidade na musculação por mais dois anos, quando aos dezoito anos, também deixa de praticá-la, vivendo um período de abandono esportivo até reestabelecer a prática de jiu-jítsu aos 22 anos. "Eu fiz musculação até uns dezoito, mas bem pouco. Dos dezoito aos 22 eu só bebia mesmo. [...] Só fui voltar a treinar com 22 anos, com o professor C, na equipe γ. Aí eu já comecei a treinar duas vezes por semana nessa época". Ele volta a praticar o jiu-jítsu treinando com o professor C, dessa vez em uma frequência de dois treinos semanais. Este momento marca sua entrada nos anos de especialização no jiu-jítsu, pois além do aumento da frequência semanal, o jiu-jítsu passou a ser sua única prática esportiva.

É neste período que Renato participa de suas primeiras competições e conquista sua primeira graduação, a faixa azul, aos 23 anos. Ele se recorda que o processo de graduação no qual foi submetido envolvia um exame aplicado pelo próprio professor.

> Foi treinando com ele, na faixa branca que fui no meu primeiro campeonato. Eu lembro que é marcante porque é diferente. A gente foi e eu lembro que eu ganhei a primeira luta e a segunda não conseguia nem fechar a mão mais, porque é muito diferente. Esse marcou bastante porque foi o primeiro. Eu lembro de um outro na branca que eu fiquei em terceiro com quatro lutas. [...] Da branca para azul teve exame de faixa. Precisou pagar e fazer o exame. [...] O professor te indicava para graduar e aí tinha um exame onde ele pedia para a gente fazer a posição no outro coleguinha. Fazia umas dez posições e ele ia pedindo uma atrás da outra e no final pedia para fazer um rola[27]. E a gente não sabia que ia receber a faixa e só no próximo treino que recebia. O professor C me graduou na azul com 23 anos. Eu lembro que um dia depois de pegar a faixa teve um campeonato.

Entre os 22 e 26 anos, Renato manteve uma frequência média de dois treinos semanais. Dentro deste período, ele interrompeu o treinamento por aproximadamente seis meses, logo após a conquista da faixa azul e foi aluno de outros dois professores (assuntos abordados na próxima seção). O professor D foi o responsável por sua graduação na faixa roxa aos 25 anos, e apesar de permanecer na mesma equipe, os critérios adotados na graduação foram diferentes entre os professores. Ele relata que não precisou passar pelo mesmo tipo de exame realizado anteriormente, já que este professor avaliava a evolução de seus alunos ao longo dos treinos.

> Eu voltei com 22 e treinei lá até 26. Todo esse tempo eu fazia duas vezes por semana. [...] Com o professor D eu até cheguei a me graduar na roxa. A roxa eu ganhei no treino mesmo, treinando. Não precisou de exame. [...] Ele dava a faixa por merecimento, pelo que ele via durante os rolas. Eu lembro que no final de uma aula eu ganhei a faixa roxa.

Aos 27 anos, após cerca de um ano sem treinar, Renato começa a frequentar as aulas do professor F duas vezes por semana. Dentro de alguns meses, já com 28 anos, começou a ministrar aulas e ter seus próprios alunos na academia deste professor. Observa-se um crescente interesse pelo jiu-jítsu a partir do momento que começa a atuar como instrutor. Este foi período que registrou sua maior frequência semanal nos treinos, participando em média de cinco treinos por semana.

---

[27] O termo “rola”, citado repetidamente pelos participantes deste estudo, diz respeito ao ato de lutar jiu-jítsu durante os treinos, derivando do verbo “rolar”.

> Fiquei mais ou menos um ano parado e com 27 anos comecei aqui com o professor F e depois de uns meses treinando eu comecei dar aula na roxa naquela época com 28 anos. [...] Antes de dar aula eu ia duas e de quando eu comecei a dar aula até pegar a marrom eu fui cinco vezes por semana, treinava e dava aula

O início da sua experiência ensinando jiu-jítsu na faixa roxa marcou, portanto, o início de seus anos de investimento na carreira de professor, uma vez que a atividade do ensino de jiu-jítsu exigia maior desenvolvimento técnico, o que remetia a um aumento no investimento de tempo e energia na modalidade esportiva. Renato afirma que foi quando descobriu que gostava de ensinar jiu-jítsu, que decidiu que iria continuar treinando de longo prazo e a conquista da faixa preta se deu como consequência desta sua continuidade.

> Eu percebi que explicando é quando você aprende mais. E aquela foi a época que eu comecei ver o jiu-jítsu de outra forma. Até então eu fazia muita força. Eu era faixa roxa só que meio bruto e depois que comecei a dar aula, comecei a aprender mais sobre a técnica. [...] Dizem que quando você começa a treinar você sonha em ser faixa preta um dia. Eu percebi que começou acontecer isso quando eu estava na roxa e tive a oportunidade de dar aula. Foi aí que eu praticamente não parei mais. Foi quando eu resolvi não parar. Porque até então na branca eu parei e voltei, na azul eu também parei e voltei, na roxa eu parei e voltei, e foi quando eu comecei a dar aula que eu não parei mais. E aí foi consequência, não teve um momento que eu decidi ser faixa preta, quando eu descobri que gostava de dar aula eu decidi não parar mais.

Na faixa roxa, entre os 28 e 29 anos, Renato participa pela última vez de competições locais.

> E na faixa roxa eu lembro de ter ido em três, um que eu peguei pódio em 2011 e depois em 2012. Teve também um interno da equipe γ [28] aqui na cidade com os caras da equipe da região. Teve um outro aqui que eu machuquei o braço. Foi tudo na mesma época, na roxa.

Aos 29 anos, Renato é submetido a um exame de graduação conduzido pelo professor G, um dos líderes de sua equipe, através da indicação do professor F. Esse exame acontece aos mesmos moldes do exame que realizou para ser graduado faixa azul e Renato conquista sua faixa marrom na mesma cerimônia que confere ao professor F a faixa preta.

> Na mudança pra marrom eu já estava aqui com o professor F dando aula e ele falou que ia me indicar para o exame e a gente fez exame com o professor G. Foi mais ou menos igual na faixa azul e acho que foi até mais legal. Pediu

[28] Quando os participantes falam em campeonatos internos, eles estão se referindo a competições que reúnem apenas membros de sua equipe.

> bastante golpe e até golpe que é proibido no jiu-jítsu ele pediu para fazer. [...] Eu peguei a marrom e o professor F a preta.

Após sua graduação na faixa marrom, observa-se uma redução na frequência semanal de Renato à medida que deixa de participar dos treinos do professor F, se mantendo ativo apenas nos treinos do professor G (realizados na cidade vizinha) e em suas próprias aulas. “Enquanto era roxa eu ainda frequentava os treinos do professor F, depois na marrom fui parando de ir. Dava minhas aulas e ia treinar lá com o professor G na cidade 4 [...] Na marrom treinava umas três, quatro vezes por semana, mais pra três”.

Após dois anos como faixa marrom, aos 31 anos, Renato é enfim promovido a faixa preta. Passando novamente pelo exame de graduação aplicado mais uma vez pelo professor G. A graduação na faixa preta tem um grande valor emocional e gera amplo reconhecimento no jiu-jítsu. Renato expressa o seu orgulho de ter conseguido conquistar a faixa preta e ressalta a importância do grupo durante este processo.

> Da marrom para preta foram dois anos. Eu já tinha 31 anos. [...] E da marrom para preta eu fiz exame com o professor G aqui na cidade 1. Ele veio até aqui aplicar o exame na frente de todos os alunos. Foi mais tranquilo da marrom para preta do que da roxa para marrom. [...] A graduação na faixa preta pra mim foi importante, pois quando comecei a treinar existiam muito menos pretas do que hoje, então era algo que na época era difícil de pensar que um dia eu iria conseguir. Era difícil de acreditar que um dia eu poderia chegar ao nível de um faixa preta e eu ainda acho difícil conquistar esse reconhecimento, então finalmente conseguir foi muito prazeroso, foi uma experiência que ninguém pode viver por você. Esse é um objetivo pessoal que só se alcança com ajuda coletiva e pra mim foi algo impossível que se tornou possível.

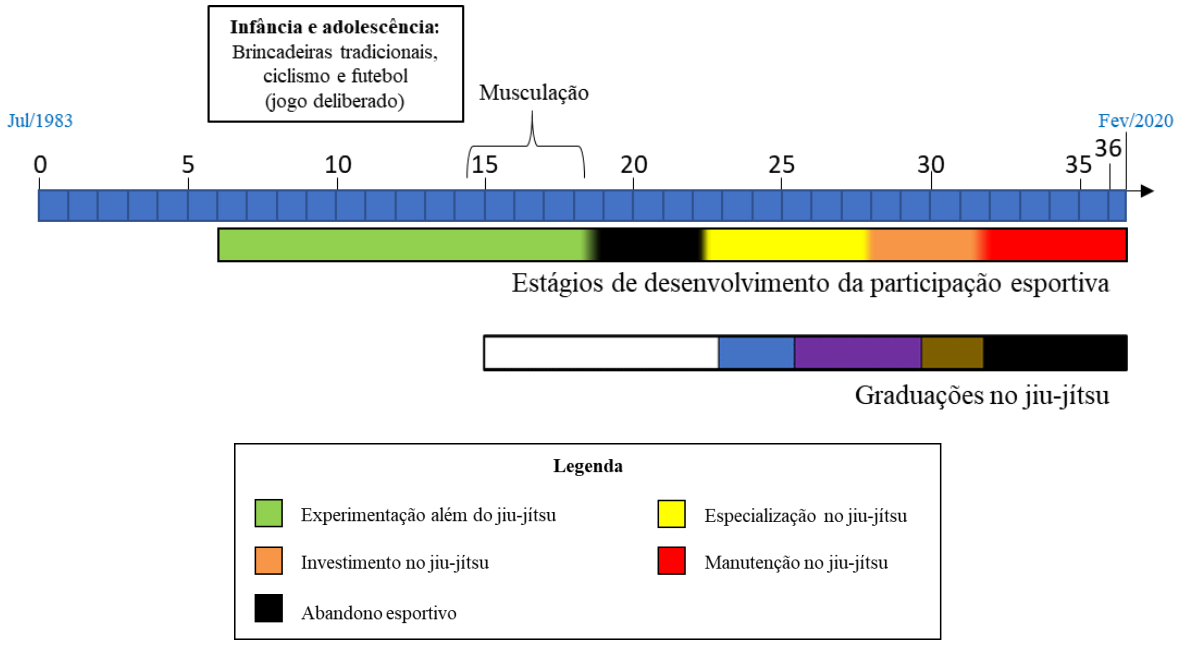
Assim que foi graduado faixa preta, Renato reduziu sua participação nos treinos de jiu-jítsu, frequentando exclusivamente suas próprias aulas e as aulas mensais do professor G na academia do professor F. É possível identificar a redução da sua frequência semanal em sincronia com a graduação na faixa preta, um forte indício de mudança de estágio de participação no jiu-jítsu. A partir do momento em que alcança a faixa preta e deixa de viajar semanalmente para treinar com o professor G, Renato consolida o seu investimento e inicia a manutenção da faixa preta e da sua carreira de professor, treinando de duas a três vezes por semana até o momento da entrevista, aos 36 anos, com exceção de algumas interrupções menores que se deram neste período.

> Aí eu já não ia toda semana pra lá treinar com ele, ia nos seminários que ainda tinham aqui e de vez enquanto ia em um treino lá. Eu lembro de ter ido em um treino só com os faixas pretas da equipe γ, foi o último treino do ano de 2014. [...] Da preta até hoje treino com meus alunos duas vezes por semana, três vezes quando tem de sábado, então está mais pra duas mesmo.

É importante destacar que no final de cada seção dos resultados serão apresentadas figuras que têm a função de sintetizar a história do participante de acordo com cada tema central, em forma de linha do tempo. Quanto ao primeiro tema, cada seção contará com duas linhas do tempo, a primeira voltada aos estágios de desenvolvimento da participação esportiva ao longo de toda vida, enquanto a segunda se concentra, de forma mais detalhada, em sua participação no jiu-jítsu.

Na figura 12 é possível observar os estágios de desenvolvimento da participação esportiva vividos por Renato em diferentes idades, sua iniciação e graduações no jiu-jítsu, bem como, seu repertório de experiências esportivas além do jiu-jítsu.

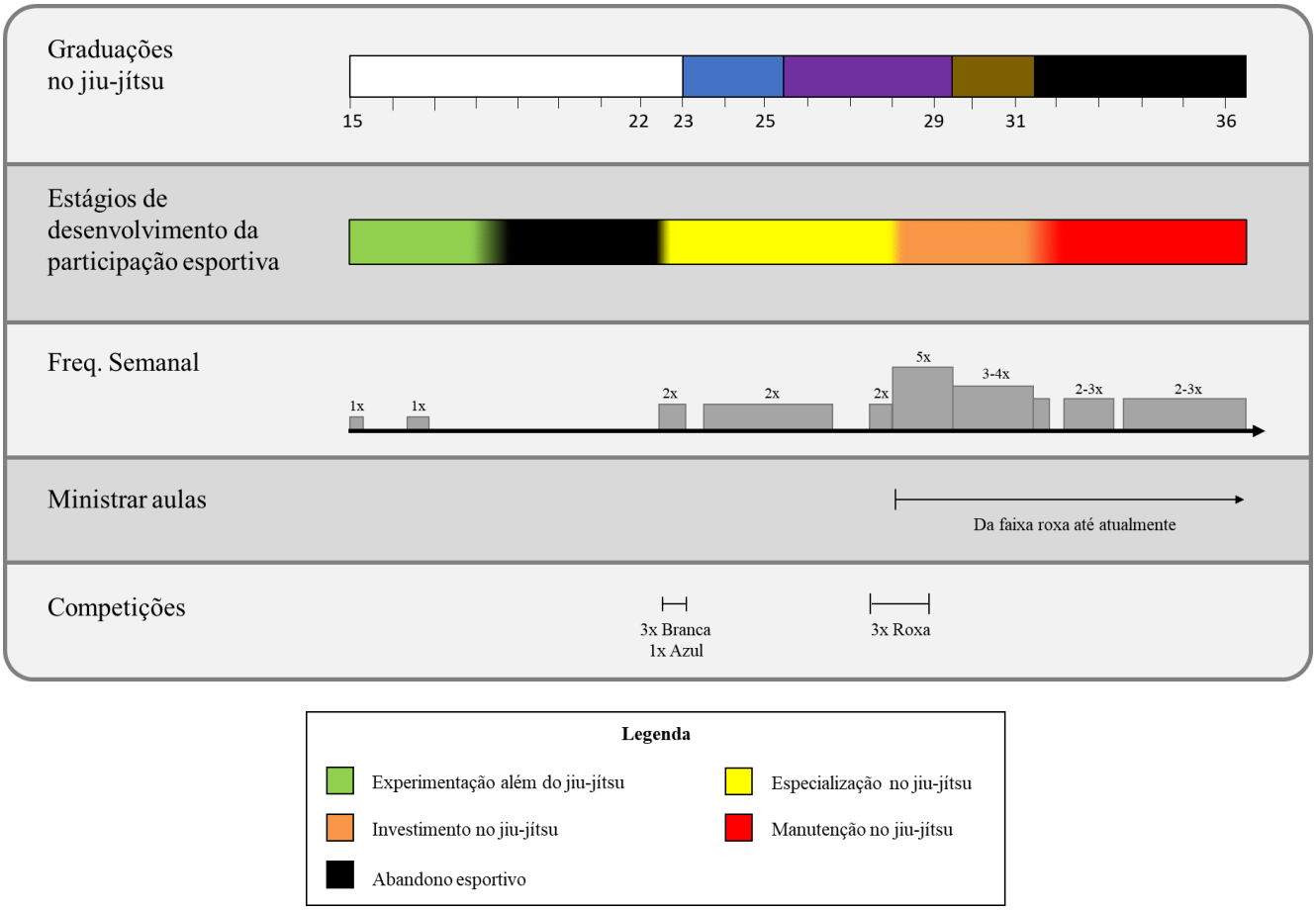
Figura 12 – O desenvolvimento da participação esportiva de Renato



Fonte: O próprio autor.

Na figura 13 pode-se identificar de forma mais detalhada, além de suas idades, estágios de desenvolvimento da participação esportiva e graduações no jiu-jítsu, informações pertinentes para compreender a sua relação com esta modalidade esportiva no decorrer de sua vida: frequência semanal nos treinos, atuação como professor/instrutor e participação em competições.

Figura 13 – O desenvolvimento da participação esportiva de Renato no jiu-jítsu



Fonte: O próprio autor.

5.1.2 Contexto de desenvolvimento esportivo e pessoal de Renato

Renato nasceu em uma pequena cidade do interior paulista (cidade 1) e antes mesmo que completasse um ano, seus pais se mudaram para a zona rural de outro pequeno município (cidade 2), onde passou a maior parte de sua infância. Quando completou 9 anos, retornou a sua cidade de origem, vivendo lá até os 22 anos. O fato de ter vivido a infância e adolescência em municípios de porte pequeno, sendo que passou parte da deste período na zona rural, parece ter contribuído para que Renato somente tenha tido acesso a práticas sistematizadas na adolescência, conforme apresentado anteriormente. “Eu nasci aqui na cidade 1, mas quando não tinha nem um ano, meus pais se mudaram para uma fazenda na cidade 2 e na roça não tinha esporte. Eu vivi até os 9 anos na fazenda e a gente voltou pra cá onde eu fiquei até os 22 anos”.

Durante sua adolescência, na década de 1990, o UFC começava a ter maior expressão na mídia, inclusive no Brasil. A imagem do jiu-jítsu foi amplamente difundida através do UFC

neste período e foi assistindo as lutas deste evento que Renato se recorda de ouvir falar e de se interessar pelo jiu-jítsu pela primeira vez. “Eu já via na televisão os primeiros UFCs. Foi na época do UFC, quando começou o UFC do Royce Gracie. A gente alugava fita na época. E aí me interessou”.

Quando perguntado sobre a relação dos seus pais com sua participação esportiva, ele afirma que não houve nenhuma forma de incentivo ou impedimento à prática esportiva na infância e adolescência. No entanto, fica claro em sua fala que havia um certo receio de sua mãe com relação ao jiu-jítsu, já que a modalidade esportiva era constantemente associada a violência.

> Não teve nenhuma ação dos meus pais que me influenciou fazer ou deixar de fazer esporte. Nenhum incentivo assim. Nunca deram bola e nunca impediram. [...] Só no começo que minha mãe falava que eu ia bater nos outros. Mas aquela época era diferente a imagem do jiu-jítsu na mídia.

De fato, a experiência de Renato com o professor A foi marcada pela sua exposição à uma dinâmica de treinos rigorosos, pautados por um viés agressivo que marcou muito o jiu-jítsu na década de 1990.

> O professor A era muito louco, era da equipe α, era um instrutor faixa roxa ainda e eu não sei se ele era experiente, então era mais bruto o jiu-jítsu dele. O treino era uma hora de aeróbico e atividade física e uma hora de treino mesmo. Dessa uma hora, era uns vinte minutos de técnica e o resto de rola. Treinava duas horas. E era um negócio assim: tinha que apagar os outros, era meio nos *fight* mesmo. Corredor polonês tinha toda aula, faixada tinha toda aula [...] era assim, era bruto tinha uma academia dessa equipe que o professor mandava dois alunos bater nele ao mesmo tempo para ele conseguir bater nos caras.

O professor A ministrava aulas em uma academia que foi pioneira em levar o jiu-jítsu para a cidade 1, portanto neste momento, este era o único local que Renato poderia ter acesso à prática da modalidade esportiva, pois deve-se considerar que o jiu-jítsu ainda vivia um período expansão para o interior do país. “Um colega aqui da cidade trouxe um amigo dele de fora que dava aula de jiu-jítsu, e começou a ter jiu-jítsu aqui pela primeira vez. [...] Assim que começou a ter na academia aqui eu comecei porque eu já gostava”.

Com a saída do professor A, Renato foi obrigado a interromper subitamente sua participação no jiu-jítsu por aproximadamente um ano até que outro instrutor de fora da cidade fosse chamado para ministrar aulas nessa mesma academia. “Lá foi pouco tempo, foram quatro meses e aí parou. O professor não podia vir mais. A gente ficou sem jiu-jítsu mais ou menos um ano, quando um amigo nosso trouxe outro professor para dar aula”.

Já treinando com o professor B, que representava também uma segunda equipe, Renato se deparou com um instrutor mais técnico e didático que o anterior, apesar de ambos estarem na mesma graduação (faixa roxa). Enquanto Renato estava afastado se recuperando da lesão sofrida, o professor B também parou de ministrar aulas em sua cidade, o deixando sem possibilidades de praticar jiu-jítsu, já que isso envolveria viajar para a cidade vizinha para treinar, algo que estava fora de seu alcance na época.

> O professor B era da equipe β e vinha da cidade vizinha dar aula aqui na academia. Era diferente porque ele era mais técnico. Fazia também a atividade física só que no rola e no treino você via que ele já explicava de uma forma melhor. A gente fazia menos força para fazer as posições. E ele era faixa roxa na época também. [...] com ele eu treinei uns seis meses, aí ele parou quando eu estava com a clavícula quebrada. Eu sabia que tinha na cidade do lado, só que aos dezesseis anos, não tinha como ir.

Aos 22 anos, Renato se muda para uma cidade de porte médio na mesma região (cidade 3), onde reestabelece o contato com o jiu-jítsu. Seu terceiro professor também era instrutor faixa roxa e pertencia a equipe γ (equipe que Renato frequentou por mais tempo). Logo após receber a faixa azul deste professor, ele é mais uma vez surpreendido pela interrupção de suas atividades. O professor C para de ministrar aulas, além disso, aos 23 anos, Renato se tornaria pai pela primeira vez, o que contribuiu para que se afastasse dos treinos por alguns meses.

> Quando eu voltei a treinar já tinha me mudado pra cidade 3 com 22 anos. [...] Treinei com professor C que era roxa também. Eu treinei com ele por seis meses e assim que eu peguei a azul ele parou de dar aula e eu fiquei mais quatro meses sem treinar. [...] E também nessa época estava chegando um filho. Então a gente estava pensando em parar para poder trabalhar mais em uma outra área.

Diferente da cidade 1, na cidade 3 o jiu-jítsu era mais estabelecido nessa época e depois de quatro meses sem treinar, Renato consegue voltar a frequentar os treinos na mesma equipe, dessa vez com o professor D, um dos fundadores da equipe e seu maior representante na cidade 3. Dentro de seis meses a academia onde treinava interrompe as atividades e Renato começa a treinar com o professor E, com quem treinou por mais cinco meses até que o professor D voltasse a ministrar suas aulas em um outro local.

> Só que lá tinha também o professor D que era um dos fundadores da equipe γ. Nós ficamos uns seis meses lá. Era uma outra academia que não lembro o nome. Aí ele parou porque a academia fechou e nisso o professor E começou a dar aula em uma outra academia que era até mais perto de casa. Com ele foi uns cinco meses. Aí o professor D voltou a dar aula e treinei uns dois anos direto com ele. [...] Eram todos da equipe γ.

Na faixa azul, por intermédio de sua equipe, Renato estabelece vínculo federativo com a CBJJ apesar de nunca ter participado de nenhuma competição organizada por qualquer entidade reguladora. Ele afirma não ter dado continuidade a atualização de seu registro conforme se graduou nas próximas faixas.

> Eu tenho a carteirinha da CBJJ de faixa azul só que eu nunca competi federado e nunca renovei ela. O pessoal da academia foi lá e fez. Na época que era o professor D [...] não era obrigatório e foi paga uma taxa de quinze reais, era barato e vinha a carteirinha. É legal ter, era legal. Vem com sua foto e é igual a um cartão de crédito.

Aos 27 anos, Renato volta para sua cidade natal, ficando aproximadamente um ano sem treinar até ser convidado pelo professor F, um de seus colegas de equipe que havia iniciado uma nova turma de jiu-jítsu na cidade 1, a voltar aos treinos. O professor F era instrutor faixa marrom nesse período. Renato ressalta que por tê-lo como colega anteriormente, a relação estabelecida era uma relação de par, diferente daquelas estabelecidas com seus outros professores ou instrutores, sempre distantes dentro da hierarquia no jiu-jítsu.

> Eu mudei pra cá e fiquei um ano parado e com 27 anos comecei aqui na cidade 1 com o professor F. Ele começou dar aula e me chamou pra voltar a treinar. [...] Eu já conhecia ele, a gente fez junto o exame para azul [...] O professor F, que na época era faixa marrom e era mais um parceiro, não via ele como um professor igual os outros [...] a equipe era a mesma, igual na cidade 3.

Após começar a atuar como instrutor dentro da academia do professor F, aos 28 anos, Renato relata que passou a ter maior proximidade com os colegas de treino, que incluíam também os seus alunos. É possível identificar em seu discurso, que à medida que aumentou sua competência, isto é, sua graduação, vivenciou um crescimento na confiança em se relacionar com os colegas de treino.

> Da branca até a roxa era mais um relacionamento só de companheiro de academia mesmo e aí da roxa pra frente quando eu comecei dar um pouco de aula era uma relação mais de amizade mesmo como é até hoje. Mais próximo, mais proximidade. Não sei se é por causa da aula, porque antes quando você começa você fica meio travadão. Depois você vai ganhando confiança.

Além disso, desde que começou a atuar como instrutor, Renato contou com a presença de seu irmão mais velho e de seu filho como alunos por alguns períodos.

> Dei aula só pra meu irmão mais velho. Pra mim era gratificante bater no meu irmão mais velho, mas ele parou de ir. [...] Curtia bastante, era legal. [...] Ele pausou bastante. Acho que ele começou a treinar em 2012 e foi até 2017 quando ele parou. Ele tinha curiosidade de ir, porque ele era policial e queria

> aprender alguma coisa de defesa e aí ele começou. [...] Meu filho já treinou um pouco comigo. Ele era aluno meu, no jiu-jítsu é como se fosse um aluno mesmo, eu não fazia diferença, mas ele era bem inconsequente, porque do aluno você puxa mais a orelha, do filho eu não consegui puxar tanto. Parou por preguiça, mas eu acho que é da idade. Ele fez, acho que, de 2012 a 2013.

Em 2012, o professor F rompeu o vínculo que sua academia tinha com o professor D e passou a ser aluno do professor G em outra cidade. Em meio a essa mudança, Renato passou a frequentar os treinos do professor G na companhia do professor F com quem ainda mantinha a relação de parceria. É importante ressaltar que eles continuaram na equipe γ e que o professor G era uns de seus fundadores, assim como o professor D.

> O professor F era aluno do professor D na época e respondia a ele como professor. Aí teve alguns desentendimentos e ele começou a treinar em outra cidade com professor G em 2012. [...] Era a mesma equipe e o professor G também era fundador. Nessa época eu comecei a ser aluno do professor G também. A gente ia junto pra lá de terça e quinta e uma vez por mês ele vinha aqui na cidade fazer um seminário. [...] O que mudou foi que o professor G foi o melhor até hoje. Ele foi o mais técnico e que explicava melhor.

Da faixa marrom em diante, suas perspectivas sobre a competição se tornam diferentes em relação aos momentos anteriores de sua participação esportiva. Ao longo de sua participação no jiu-jítsu, ele passa a ter outras responsabilidades e começa acreditar que não devia pôr os sacrifícios que significam participar de competições, mesmo que regionais, a frente de sua família, trabalho e lazer. Apesar atuar como professor, o jiu-jítsu é parte da esfera do lazer em sua vida e a sua prática é tida como essencial enquanto a presença em competições não.

> No começo eu até pensava em competir em alguma federação, mas eu nunca cheguei a ter aquela vontade mesmo de ir. Tinha vontade, só que nem tanto. Eu sempre gostei, treinei porque eu sempre gostei. [...] Na marrom eu não fui em nenhum, nem na preta, nunca mais! Eu acho assim: pra mim, como eu tenho família hoje, o campeonato é um domingo perdido. Como eu trabalho a semana inteira, não quero mais ficar domingo o dia todo sem comer esperando para lutar e ainda por cima podendo machucar [...] A minha prioridade na frente do jiu-jítsu vai ser sempre a família e o trabalho porque ainda não tem como viver aqui só do jiu-jítsu por enquanto, por ter outras equipes e porque é mais um *hobbie* pra mim. O campeonato não me atrai, só que o jiu-jítsu é essencial na minha vida. Se a gente ficar sem a gente sente falta.

Durante seus três primeiros anos como faixa preta, Renato teve que fazer duas interrupções abruptas em suas aulas por motivos pessoais envolvendo sua família. Sua esposa adoeceu e ele precisou permanecer em casa cuidando dela e de sua filha mais nova, o que implicou em alguns meses sem ministrar aulas, e por consequência, sem treinar.

> Teve duas vezes já na faixa preta que eu parei até de dar aula porque minha esposa estava fazendo cirurgia e não tinha como. Alguém tinha que cuidar da nossa filha. Minha filha nasceu quatorze dias depois que eu peguei a faixa preta. Acho que foram três meses que eu fiquei parado. Nessa última vez também foi pelo mesmo motivo mais uns três meses. Foi em 2015 que ela ficou doente, já era na preta. E depois foi em 2017 a última cirurgia.

Entre os 22 e 33 anos, Renato foi membro da equipe γ, uma equipe de expressão regional em que treinou com cinco diferentes professores, sendo dois deles, seus fundadores. Dentre as equipes que fizeram parte de sua experiência com o jiu-jítsu, esta foi a qual Renato foi vinculado por mais tempo. Apesar dos professores da equipe γ terem suas particularidades e liberdades para conduzir suas metodologias próprias de ensino no dia a dia e na graduação dos seus alunos, as aulas duravam 1h30 e tinham uma mesma estrutura central. Além disso, havia também normas informais de conduta e tradições próprias que permeavam os diferentes ambientes que Renato participou na equipe.

> O treino na equipe γ era um pouco mais *light* que as primeiras, mas tinha corredor na graduação, recebia a faixa e já apanhava. [...] Tomei na azul e a última foi na roxa. Na marrom e na preta não, porque não tinha quem bater, ninguém era mais graduado no treino, fora o professor. [...]. Sempre tinha muito respeito em relação ao professor no tatame. Tinha que respeitar mesmo senão tinha até a pena de apagar a pessoa ou até a expulsão [...]. Na equipe γ lá na cidade 3 era 1h30 de treino e quando veio aqui para a cidade 1 também [...] com professor G era igual, 1h30. Então era a mesma equipe e era mais ou menos isso também. Mesmo padrão de aula. De vinte a trinta minutos de aquecimento e o resto de técnica e rola.

Em 2017 o professor F se desligou da equipe γ e iniciou o processo de filiação de sua academia a uma equipe de projeção internacional. Como Renato continuou atuando como professor nessa mesma academia, optou por permanecer alinhado ao professor F, deixando a equipe γ e parando de frequentar as aulas do professor G.

> As coisas foram mudando até o professor F resolver mudar de equipe. Ele chamou a gente, falou que estava querendo mudar e perguntou se estávamos de acordo. Não tinha como ir contra, já estava encaminhado. [...] Fui nos treinos do professor G até 2017 quando saímos da equipe γ. [...] Nos mudamos de equipe e cheguei dar treino nessa equipe por dois anos. A equipe δ é uma franquia internacional.

Os treinos na equipe δ contrastavam com o que ele havia vivido até então nas outras equipes. O forte apelo comercial por trás da bandeira desta nova equipe marcava negativamente a qualidade dos treinos e limitava a individualidade dos professores, incluído o próprio Renato.

> A equipe δ eu acho que é a mais *light* de todas, porque eu entendo que a equipe δ não uma equipe só de jiu-jítsu, é um comércio. Então todo mundo tem que

> estar feliz e eles não pegam pesado por isso. Não que é errado, mas acho que falta um pouco de "mais pegada". O treino na equipe δ é uma hora só e o aquecimento é muito mais *light* e padronizado, todo dia o mesmo. Acho que nem tem muito rola por causa do tempo. Na equipe γ tinha muito mais rola comparado com a equipe δ. [...] Poderia ter uns treinos diferentes e como é um negócio, parece que o treino de jiu-jítsu é mais *light* para você querer fazer um funcional. Porque a equipe δ tem um treino funcional também. Parece que eles te obrigam para você poder fazer essa outra [...] eles te obrigam a comprar quimono, uniforme da loja deles.

Depois de passar por diferentes equipes e professores ao longo de sua formação e de se mostrar insatisfeito com a metodologia da equipe δ, Renato reuniu seus alunos e se tornou um professor independente, criando o que entende como sua própria equipe, apesar de ainda não ter o reconhecimento de nenhuma federação até a data de sua entrevista.

> Fiquei nela por dois anos antes de sair e então eu e meus alunos saímos da equipe δ em agosto de 2019. [...] Foi meio no susto. Foi pra ter mais liberdade mesmo. Você tinha algumas ideias que na outra equipe não eram válidas. Da pra curtir mais agora sem ter alguma equipe por trás mandando no que você deve ou não fazer. [...] No começo eu não pensei em criar uma equipe, eu pensei em sair da outra equipe e arrumar um local para gente treinar. Não foi bem uma equipe, ainda não é uma equipe oficial, por enquanto. É mais um grupo de amigos para treinar e está ótimo do jeito que está. Eu planejo federar, mas é difícil por enquanto. Teria que filiar em uma outra equipe maior para fazer as coisas. Apesar disso, eu considero que essa é a nossa equipe agora.

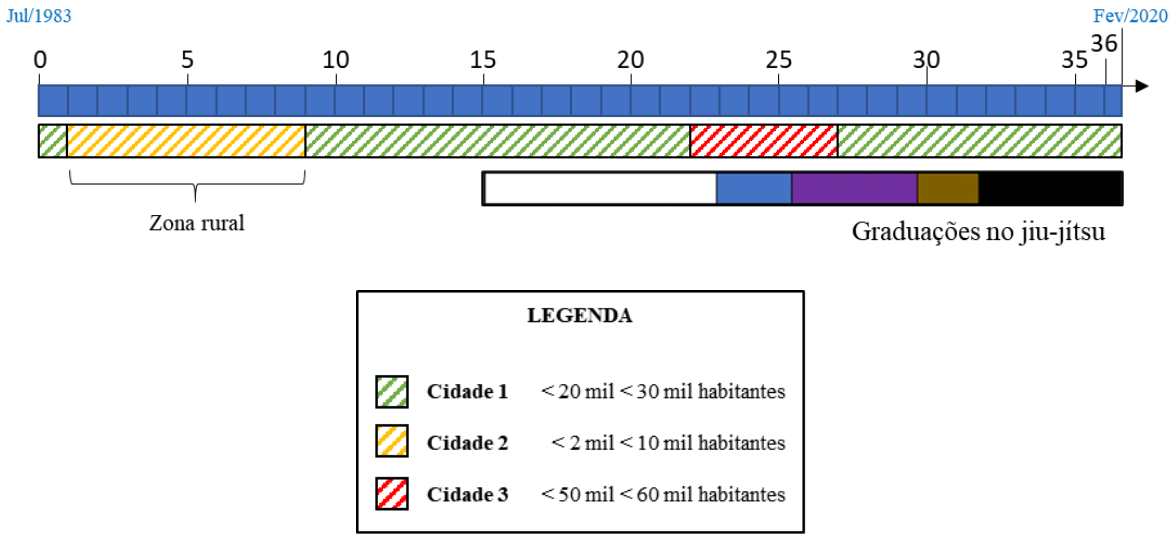
Ao longo de toda sua formação no jiu-jítsu, Renato passou por um processo que envolveu, além do desenvolvimento técnico inerente a prática continuada, seu autoconhecimento, pois à medida que ia se graduando, também se deparava com maiores responsabilidades e desafios em sua vida pessoal e profissional. A motivação para participar de competições foi gradativamente sobreposta pela paixão em ensinar e sua vivência diversificada na modalidade esportiva proporcionou a autonomia necessária para fundar sua própria equipe e levar adiante o seu objetivo de ensinar jiu-jítsu e tê-lo como uma atividade de lazer fundamental para garantir sua qualidade de vida. "Meu objetivo é qualidade de vida agora. É poder passar isso para meus filhos e até minha esposa se ela começar a treinar. E acho que só isso e continuar dando aula".

Com relação ao segundo tema, cada seção também contará com duas linhas do tempo, a primeira é voltada ao tamanho das cidades em que os participantes viveram no decorrer de suas vidas, enquanto a segunda tem o intuito de apresentar as mudanças de contextos que permearam sua experiência no jiu-jítsu.

Na figura 14 é possível observar as mudanças de cidades e a mudança da zona rural para o perímetro urbano vividas por Renato. Esta figura também conta com sua iniciação e

graduações no jiu-jítsu, permitindo que se observe a ocorrência de migrações durante o período de sua prática. O tamanho da população de cada cidade, segundo o censo do IBGE (2010), foi apresentado na legenda da figura por meio de intervalos aproximados com o intuito evidenciar as diferenças com relação ao tamanho dos municípios que o participante viveu, sem deixar de garantir o seu anonimato.

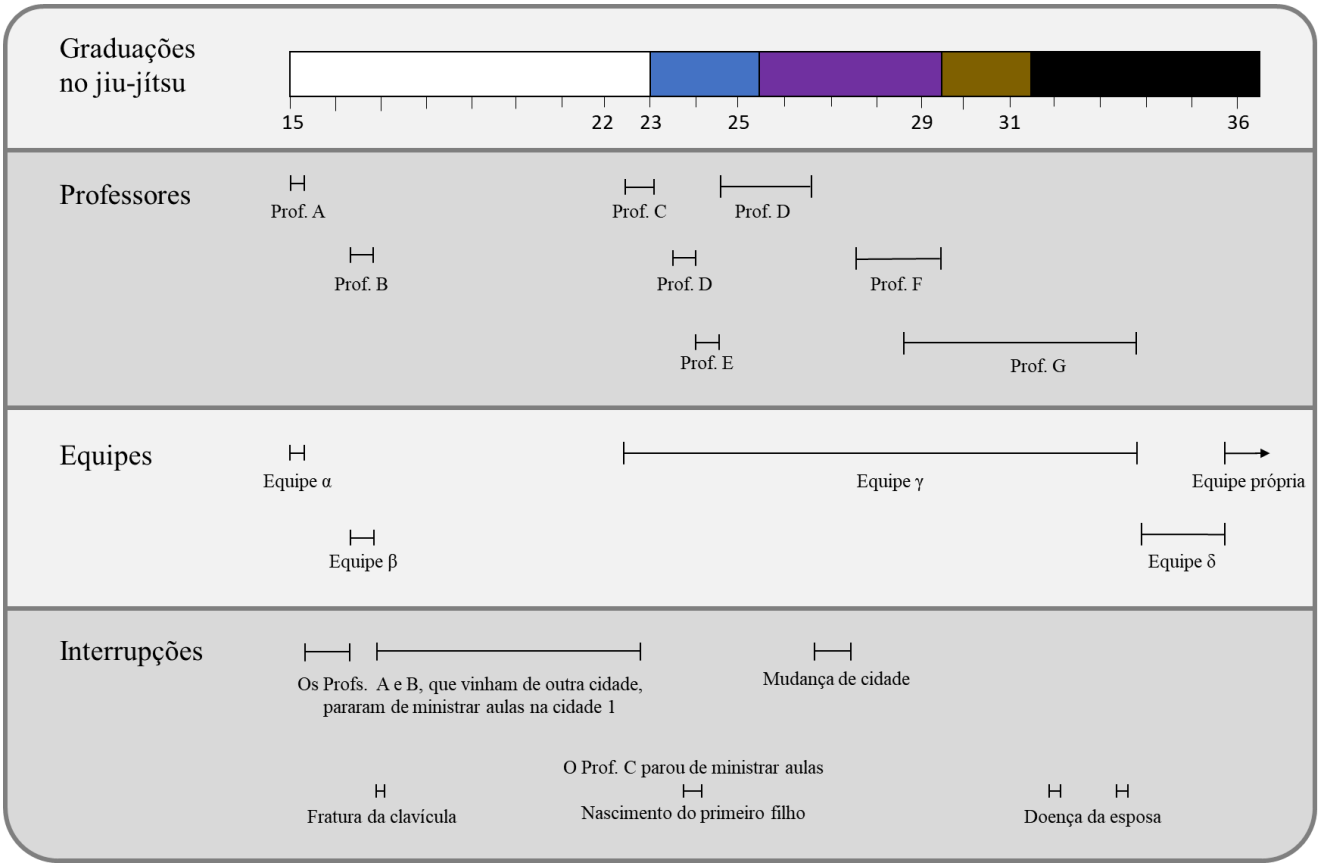
Figura 14 – Mudanças de cidade de Renato



Fonte: O próprio autor.

A figura 15, por sua vez, representa a linha do tempo com relação à importantes mudanças vividas no contexto de sua prática de jiu-jítsu: as mudanças de professores, de equipes e a síntese dos diferentes motivos que levaram às interrupções de seu treinamento no decorrer de sua participação.

Figura 15 – Mudanças de professores, de equipes e os motivos das interrupções de Renato no jiu-jítsu



Fonte: O próprio autor.

5.2 IURI: O *PERSONAL TRAINER* QUE TAMBÉM É PROFESSOR DE JIU-JÍTSU

Iuri iniciou-se no jiu-jítsu aos 25 anos e estava com quarenta anos no período da entrevista. Faixa preta há cinco anos, Iuri exerce profissão de *personal trainer* e atua como professor de jiu-jítsu, ministrando aulas para o público infantil na mesma equipe em que iniciou a sua prática.

5.2.1 Estágios da participação esportiva de Iuri

Iuri nasceu em 1979. Aos seis anos de idade, foi matriculado pelo pai na escolinha de futebol do time local, e logo em seguida no judô por intermédio da avó. “Eu nasci em setembro de 1979. [...] Quando eu era criança meu pai me incentivou a jogar futebol. Com 6 anos ele me colocou na escolinha. [...] E aí eu entrei no judô, minha avó me colocou no judô com 6 anos de idade”.

O primeiro contato de Iuri com o esporte foi mediado através da prática sistematizada de duas modalidades esportivas distintas: o futebol e o judô. Um aspecto marcante de sua iniciação esportiva foi a identificação de características que levaram a interpretação de uma dupla especialização precoce. Apesar do volume relativamente baixo de treinos semanais e da prática de duas modalidades esportivas, é importante lembrar que este se tratou do seu primeiro contato com o esporte, aos seis anos. Enquanto no futebol sua iniciação foi marcada pela especialização na posição de zagueiro, no judô fica evidente que a estrutura dos treinos se pautava fundamentalmente na prática deliberada.

> Eu sempre fui zagueiro e a minha função era tirar a bola ou o cara, mas eu queria fazer gol, não queria ser zagueiro e eu acabei me frustrando. [...] Os treinos de futebol eram aos finais de semana, uma vez por semana aos sábados e o judô era três vezes por semana até os onze anos. [...] Eu comecei o judô muito cedo, cara. Da branca até a amarela eu era bem criança, então tinha um aquecimento com uma brincadeira e tal, exercícios físicos tipo abdominal, flexão de braço, uns exercícios específicos do judô. E aí tinha a parte técnica que eles ensinavam os golpes. E depois tinha um alongamento no final do treino. Isso até a faixa amarela.

O primeiro contato de Iuri com a competição se deu no futebol logo no seu primeiro ano de prática e foi marcado pela segregação, uma vez que ele ficava maior parte do tempo no banco de reservas por não estar entre os melhores do time.

> Sempre tinham competições pequenas, pelo menos uma por mês, mas como eu não era bom, raramente entrava em campo [...] Não gostava de competir em equipe, me sentia desconfortável com a reserva e quando jogava a cobrança dos outros era grande.

Com o judô, Iuri se identifica mais, sobretudo por sua característica de esporte individual em que não se deparava com as mesmas experiências negativas vividas no futebol. O judô também tinha outro diferencial, o sistema de graduação por cores de faixa deu a Iuri a possiblidade de vivenciar realizações esportivas para além da competição. Suas primeiras graduações foram nas faixas azul clara aos sete anos, azul escura aos oito anos e meio e amarela aos dez anos.

> Eu nunca soube lidar com trabalho em equipe assim, eu sempre fui um cara mais individualista. [...] No esporte individual só eu me cobrava [...] Então da branca eu fiz azul clara, azul escura e amarela. Na época, antigamente, você ficava bastante tempo. Eu comecei com seis, eu devo ter ficado mais ou menos um ano na branca e peguei a faixa azul clara com sete anos. Depois eu fiquei um ano e meio da azul clara para a azul escura. E foi um ano e meio mais ou menos na amarela e depois deslanchou.

A partir dos oito anos de idade, Iuri começou a participar de suas primeiras competições no judô. Diferente do futebol, no judô foi dada a Iuri a oportunidade de vivenciar a competição efetivamente, e não figurar semanalmente no banco de reservas. Apesar do volume médio de dez competições anuais a partir dos oito anos de idade no judô, ele ainda relata que parte destes eventos eram na verdade "festivais", o que remete à valores como o da participação e inclusão.

> Na verdade, eu competi desde a azul escura que eu já era um pouquinho maior. E depois na amarela eu já comecei a treinar mais para competição, fazer um treino mais puxado um pouquinho porque aí eu já estava competido [...] Da faixa azul escura até a amarela, entre festival e campeonato todo mês tinha competição, fui em média em umas dez por ano.

Mesmo tendo uma experiência negativa no futebol envolvendo sua especialização precoce na posição defensiva, Iuri se manteve ativo na modalidade esportiva, participando de competições locais até aproximadamente os dez anos de idade, quando interrompeu sua prática. Neste período, ele teve seu primeiro contato com outras manifestações esportivas, as quais passou a vivenciar com o intuito recreativo, o voleibol e o basquetebol. Há, portanto, uma transição esportiva entre a dupla especialização precoce e os anos de experimentação aos dez anos, com o incremento de maior diversificação e jogo deliberado, sem a supervisão direta de um adulto e visando a diversão.

> O futebol eu parei por frustração. Joguei futebol até uns dez anos. Categoria dente de leite no máximo. [...] Com uns dez anos eu comecei a jogar vôlei na escola, basquete eu joguei bastante também nessa época, mas não em nível competitivo. Juntava uma galera, ia pra quadra e passava a tarde jogando basquete. Sem professor, sem treinador. A gente formava, jogava com outros times, como você joga bola hoje, a gente jogava basquete. [...] Vôlei foi muito pouco tempo, mas basquete jogava quase todos os dias a tarde, era rachão, nada sério.

Aos doze anos de idade, após cerca de um ano de interrupção (assunto explorado na próxima seção), Iuri retorna aos treinos judô em uma frequência semanal superior (em média cinco dias por semana, chegando a treinar até duas vezes em um mesmo dia). Entre os doze e dezessete anos, considerando o aumento expressivo da sua prática, ele passou a viver um processo de especialização e investimento em uma das modalidades esportivas dais quais se especializou precocemente na infância. Durante sua adolescência, os treinos de judô foram compostos exclusivamente por práticas deliberadas e ele continuou sendo promovido às graduações mais avançadas, conquistando a faixa verde aos doze anos sem precisar passar pela graduação na faixa laranja, a faixa roxa aos quinze anos e a faixa marrom, aproximadamente aos dezessete anos.

> E depois que eu comecei a treinar mais para a competição, que começou a ficar mais sério, aí dos doze anos até a marrom, a gente chegava, fazia um aquecimento, fazia um treino físico e fazia uma parte técnica e então fazia o *Randori*. O *Randori* é um treino livre como que se fosse uma luta, como se fosse um rola no jiu-jítsu, por exemplo. A gente treinava entre si e fazia os *Randoris*. Depois do *Randori* a gente tinha uma parte específica que tentava corrigir algum movimento, em que se pode dizer que era uma parte técnica também e depois a gente alongava no final do treino. [...] Eu treinava cinco vezes por semana, as vezes ia os dois períodos. Assim, tinha dia que eu ia nos dois períodos, tinha dia que eu faltava. Na média, cinco treinos por semana. Era isso basicamente até o comecinho da marrom. [...] Eu pulei a laranja que seria a próxima. O professor me graduou verde quando eu voltei. Eu voltei de amarela, treinei mais uns três, quatro meses e ele me graduou verde. Eu peguei a verde com 12. Aí na verde eu fiquei um tempo porque eu estava começando a trabalhar. [...] Eu devo ter ficado na verde até uns quinze anos quando peguei a roxa. A marrom eu peguei com dezessete.

Iuri relata ter começado a trabalhar na adolescência e por isso se limitava a menos competições anuais do que na infância (cerca de quatro). Apesar da redução na quantidade de competições, ele afirma que este foi o período que participou do mais alto nível competitivo, chegando a lutar o Campeonato Brasileiro de Judô entre quinze e dezesseis anos e interrompendo este ritmo competitivo por volta dos dezessete anos, por conta de uma maior atenção dada ao trabalho e aos estudos. Neste ponto, Iuri inicia sua transição dos anos de investimento para os anos de recreação no judô.

> Da verde pra roxa e na marrom foi uma fase em que eu já estava começando a trabalhar. Foi uma fase em que eu só competia as competições um pouco mais sérias. Menos competições, só que as mais importantes. Fazia umas quatro por ano. [...] E aí eu já competia federado. Então ia em todos os campeonatos federados aqui do interior de São Paulo: Campeonato Paulista do Interior, Campeonato Paulista, Jogos Abertos, Jogos Regionais e assim por diante. É um nível competitivo até meio alto para quem treina judô. E eu não competi campeonato fora do país porque eu não tinha condições na época. [...] Você ia competindo até se classificar: Regionais, Paulista, Brasileiro. Acumulei pontos até chegar no Campeonato Brasileiro. [...] No Brasileiro, se me recordo bem, foi de quinze pra dezesseis anos. Mas foi só uma vez. Eu lutei competições grandes assim até os dezessete anos, depois as responsabilidades começaram a chegar, trabalho, escola.

Aos dezoito anos, Iuri entra na universidade para estudar Educação Física. Este período é marcado pela queda da sua participação nos treinos e competições de judô, treinando de duas a três vezes por semana até os 26 anos.

> Depois eu tive que dar uma segurada nos treinos porque eu comecei a, além de trabalhar, estudar. Aos dezoito anos comecei a estudar Educação Física, depois já estava fazendo estágio e trabalhando na área, então não dava pra

> treinar igual antes. [...] Eu treinei firme ainda na marrom dos dezessete aos 26 anos. Firme, duas ou três vezes por semana porque era época da faculdade, estava estudando

O sistema de graduação no judô se difere do jiu-jítsu, além do tempo mínimo em cada faixa e critérios do professor, os praticantes devem cumprir com uma série de requisitos perante a entidade reguladora para obter as graduações (CBJ, 2018). Segundo Iuri, este processo burocrático se intensifica na faixa preta e por não concordar em investir uma alta quantia para realizar o exame, preferiu se manter na faixa marrom.

> Eu ainda sou marrom. A história da graduação do judô é bem diferente do jiu-jítsu. Pra você ser faixa preta de judô a burocracia é muito grande, o valor a ser pago é gigante, é imenso. Então eu optei por não pagar porque eu não concordo com um sistema de graduação pago assim. Você pagar R$ 5.000,00 para ser faixa preta de judô, eu acho um absurdo. Com cinco conto eu compro uma moto. Só o valor do exame era R$ 2.100,00.

Aos 25 anos, já atuando como professor de ginástica em uma academia que oferecia também aulas de jiu-jítsu, Iuri começou a assistir alguns treinos e foi logo convidado pelo professor D a conhecer o jiu-jítsu e ajudar com seus conhecimentos como faixa marrom de judô. A princípio o jiu-jítsu foi visto por Iuri como um complemento ao judô e ele se inicia na modalidade esportiva com uma prática esporádica.

> Eu já trabalhava na academia na época. Tinha a sala de musculação, o tatame e a sala de ginástica. Eu dava aula de ginástica na época e passava pelo tatame e via a galera treinando. E as vezes até começar minha aula eu ficava assistindo eles, morrendo de vontade de entrar. [...] E aí eu via os caras lutando em pé e falava: “Eu vou pregar esses caras tudo no chão. Quero lutar com esses caras que eles não sabem nada em pé”. E aí eu fui me motivando. [...] E depois mais pra frente eu acabei fazendo amizade com o professor D. [...] Um dia a gente conversou e eu falei para ele que eu treinava judô e ele falou: “Você pode me ajudar cara? Você pode ensinar algumas coisas de judô para meus alunos? E aí você pode treinar jiu-jítsu”. Foi quando eu comecei a treinar, não treinar jiu-jítsu sério, eu ia um treino ou outro. Eu ia uns treinos, ajudava os caras, fazia uns rolas, fazia um chãozinho. Só que nesse neste intervalo eu queria melhorar meu jogo no chão, queria melhorar minhas técnicas de chão. Eu comecei a treinar o jiu-jítsu foi para melhorar o meu chão no judô. E isso eu tinha uns 25 anos mais ou menos, foi em 2004, por aí.

Iuri treinou o jiu-jítsu em paralelo ao judô por aproximadamente cinco anos desde sua iniciação no jiu-jítsu aos 25 anos de idade até o momento que deixou de frequentar os treinos de judô aos trinta anos. No entanto, dos 26 anos em diante o jiu-jítsu passou a ser sua modalidade esportiva primária. Neste período, Iuri já participava de três treinos semanais de jiu-jítsu, enquanto sua frequência no judô caia para três vezes ao mês. Esta mudança de foco marcou o início de um processo gradativo que levaria à sua especialização no jiu-jítsu. Em

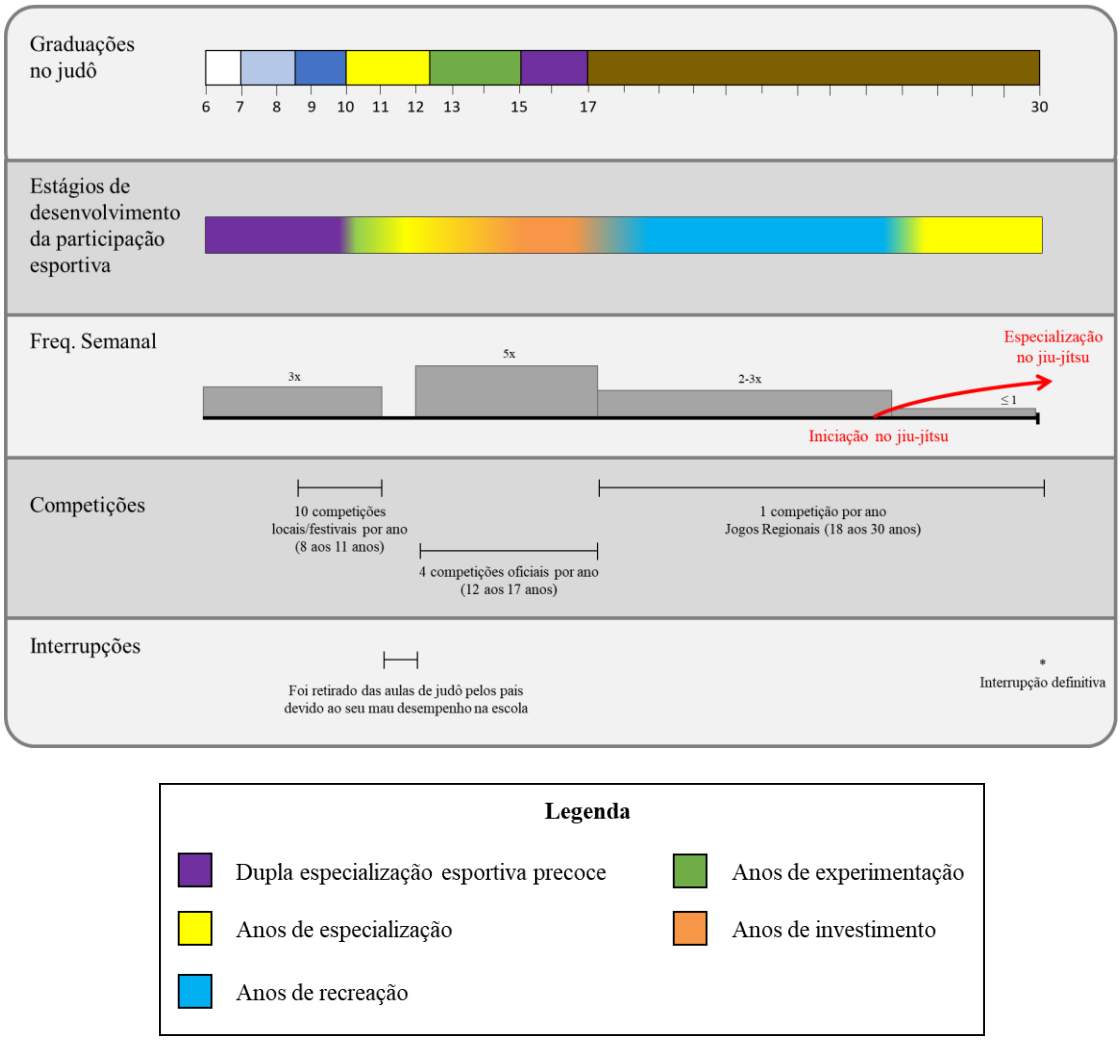
virtude desta análise, todo o período que antecede sua especialização no jiu-jítsu, incluído o histórico de outras especializações na infância e adolescência, passou a ser considerado como "experimentação além do jiu-jítsu".

> Quando eu comecei a fazer uns treininhos de jiu-jítsu eu era focado no judô. Então eu não levava o jiu-jítsu a sério. Eu treinava quando eu tinha uma vaguinha no trabalho. Ou seja, eu treinava uma vez por semana. Quando dava, uma vez a cada quinze dias, nada sério. Só ia lá, fazia um treininho de jiu-jítsu, dava uns rolas com a galera e boa. [...] Até que um dia eu vesti minha a faixa branca e falei: "Agora eu vou treinar jiu-jítsu". E em 2005 foi quando eu comecei a levar o jiu-jítsu a sério. A partir dos 26 anos na branca e durante toda faixa azul eu treinava em média três vezes por semana. [Enquanto no judô] dos 26 para os trinta ia umas três vezes por mês. Eu virei turista. De vez em quando eu ia lá.

Apesar de não treinar o judô com o mesmo rigor que na adolescência, Iuri continuou representando anualmente sua cidade nos jogos regionais dos dezoito aos trinta anos, já no contexto dos anos de recreação, chegando a competir mesmo sem estar treinando. Sua participação nestes eventos ajuda a elucidar que a competição pode se fazer presente mesmo no contexto dos anos de recreação, quando a busca pelo alto rendimento não está em voga. "Eu fui em todos os Jogos Regionais representando a cidade, de 1997 até 2010. [...] É fato, 2010 foi a minha última competição, mas já não estava treinando mais. Quando eu parei de treinar judô continuei indo lutar sem treino. Fui sem treino. Ia participar e representar minha cidade".

A figura 16 ilustra toda a participação esportiva de Iuri no judô. Nela é possível observar suas graduações, seus estágios de desenvolvimento da participação esportiva, sua frequência semanal de treinamento, a participações em competições e os motivos de interrupção de sua prática. A iniciação e especialização de Iuri no jiu-jítsu também são destacadas na figura, representando a transição dos anos de recreação no judô para os anos de especialização no jiu-jítsu.

Figura 16 – O desenvolvimento da participação esportiva de Iuri no judô



Fonte: O próprio autor.

A conquista da primeira graduação no jiu-jítsu se deu aos 28 anos quando recebeu a faixa azul das mãos do professor D. Iuri destaca que seu professor considerou sua experiência prévia com o judô para graduá-lo no jiu-jítsu. Quando questionado sobre os critérios de mudança das demais faixas no jiu-jítsu, Iuri não menciona a existência de exames de graduação, no entanto, fica evidente em seu discurso que o professor D seguia critérios qualitativos próprios com base no tempo de treino e na observação da evolução de seus alunos.

> Como eu já era faixa marrom de Judô na época, pouco tempo depois que eu assumi o jiu-jítsu, o professor D já me graduou faixa azul [...] Olha, eu peguei a azul em 2007 depois de uns meses treinando mais sério [...] O critério para me graduar da branca pra azul foi só o conhecimento que eu já tinha, a bagagem que eu já tinha do judô, e lógico, perto dos outros faixas brancas eu já tinha uma bagagem que eles não tinham na época. E aí da azul pra roxa, da roxa pra marrom e da marrom pra preta foi quantidade de tempo que eu treinei,

> desenvolvimento técnico e evolução no treino, esse tipo de coisa que o professor via para te dar a faixa.

A conquista da faixa azul representou a consolidação de sua especialização no jiu-jítsu. No mesmo dia que recebera sua primeira graduação, Iuri participou de sua primeira competição nesta modalidade esportiva, um campeonato interno realizado por sua equipe na ocasião da graduação. A partir daí, ele relata ter participado de apenas uma competição a nível local por faixa, com exceção da faixa preta.

> Eu graduei faixa azul num campeonato interno. O primeiro campeonato de jiu-jítsu foi justamente numa entrega de faixa quando eu peguei faixa azul. Eu já entrei no campeonato de azul, minha primeira competição foi de azul. [...] Eu fiz uma competição em cada faixa da azul até a marrom. Na roxa foi num que teve aqui na cidade 3, organizado pelo professor D. Na marrom aqui também.

Na faixa azul, Iuri foi obrigado a interromper os treinos por seis meses devido a uma mudança do horário e local de treino, retornando assim que pôde.

> Eu peguei a azul e treinei quase uns seis meses e aí o professor D mudou de academia. Na azul eu precisei ficar parado uns seis meses por conta que eu trabalhava o dia todo e o jiu-jítsu mudou de academia e como antes era na mesma academia que eu trabalhava, não tinha tempo de ir na outra academia treinar por causa do horário de trabalho que não batia com o horário de treino e aí eu fiquei uns seis meses parado.

Iuri é graduado faixa roxa de jiu-jítsu aos 31 anos e neste período passa a participar do dobro de treinos semanais, frequentando a academia em dois horários, três dias por semana. Este movimento de aumento da frequência semanal permite concluir que é dado início a um processo de investimento na carreira de professor de jiu-jítsu. Iuri, que já trabalhava como *personal trainer*, é incentivado pelo professor D a conduzir suas primeiras aulas de jiu-jítsu, começando a atuar como instrutor de jiu-jítsu aos 32 anos, em seus últimos seis meses como faixa roxa.

> Quando eu graduei roxa eu passei a treinar três vezes por semana, mas em dois horários. Do tempo que eu fiquei na roxa até o início da marrom eu treinava a tarde e à noite. [...] Eu comecei a dar aula e eu já era quase marrom. Uns seis meses antes de pegar a marrom eu comecei a dar aula na roxa. [...] O professor D que me colocou pra dar aula. Ele que me incentivou.

Desde então, Iuri sempre ministrou aulas de jiu-jítsu pala crianças, além de ter a experiência de treinar adultos. Assim como Renato, ele destaca que o fato de ensinar o jiu-jítsu foi muito positivo para sua evolução na modalidade esportiva a partir da faixa roxa.

> A partir da roxa eu sempre dei aula, nunca parei. Eu sempre dei aula pra criança, depois peguei marrom e continuei dando aula pra criança e dei aula pra adulto uma época entre a marrom e preta [...] Eu sempre dei duas aulas por semana [...] Depois que comecei a dar aula eu fiquei mais focado para aprender mais e poder ensinar melhor. Dar aula foi importantíssimo, cara. Quando eu comecei a dar aula eu me aprofundei mais no esporte. Você quer saber mais, você quer buscar mais, você fica mais curioso. Pra minha evolução foi fantástico, fenomenal.

Aos 33 anos Iuri conquista a faixa marrom e em sequência se muda para uma grande cidade (cidade 4) próxima da cidade 3, onde trabalhou como *personal trainer* por aproximadamente dois anos. Durante este período sua frequência semanal reduziu drasticamente para um ou dois treinos. No entanto, foi possível identificar em seu discurso, que sendo a faixa marrom o estágio final que precede a conquista da faixa preta e por estar nos seus primeiros anos como instrutor de jiu-jítsu, Iuri se esforça para continuar treinando na cidade 3 e ser graduado por aquele que foi seu primeiro professor. Analisando os sentidos referentes à estas escolhas, é possível afirmar que houve, portanto, a continuidade dos anos de investimento, tanto na carreira de professor, como na conquista da faixa preta, apesar da redução na sua frequência semanal.

> A marrom eu peguei em dezembro de 2012 [...] Quando eu graduei marrom eu fui trabalhar de *Personal* na cidade 4 e aí não consegui treinar tanto por causa do meu trabalho. Trabalhar de *personal* é embaçado. Uma hora você tem aula e não treina porque é horário do treino e você está trabalhando. [...] Aí morando lá eu treinei uma ou duas vezes por semana. Raramente eu ia mais de duas vezes por semana na academia treinar jiu-jítsu. Mas sempre treinando. Eu não parei de treinar com o professor D [...] Era o período que eu era marrom e eu queria chegar na preta. O sonho de todo mundo que treina é conquistar a faixa preta. Então eu vinha até aqui treinar porque queria chegar na preta.

Aos 35 anos Iuri é graduado faixa preta de jiu-jítsu. Ele descreve o momento como a conclusão de um importante ciclo em sua vida, considerando que o significado do alcance da faixa preta transcende sua participação no jiu-jítsu.

> Todo mundo que treina uma arte marcial tem o sonho de ser faixa preta. É um objetivo que você quer alcançar. Mas não é fácil chegar na faixa preta. 3% da galera que começa a treinar jiu-jítsu chega na preta e um número menor ainda continua treinando. [...] Entendo que o competidor tem o objetivo de ser campeão mundial, mas se você pegar um cara que treina jiu-jítsu, mesmo que ele seja competidor, um dos objetivos dele é chegar na faixa preta. [...] Como eu tive essa vontade de chegar na preta de judô e não cheguei por causa da burocracia e dos valores da graduação, quando graduei a preta de jiu-jítsu foi um momento mágico pra mim. [...] Eu peguei a preta em dezembro de 2014. [...] A satisfação de ter alcançado esse objetivo é uma satisfação gigantesca, mesmo que a gente sabe que não é o objetivo máximo do esporte. E até hoje eu me sinto orgulhoso de ter atingido esse feito. É uma sensação indescritível,

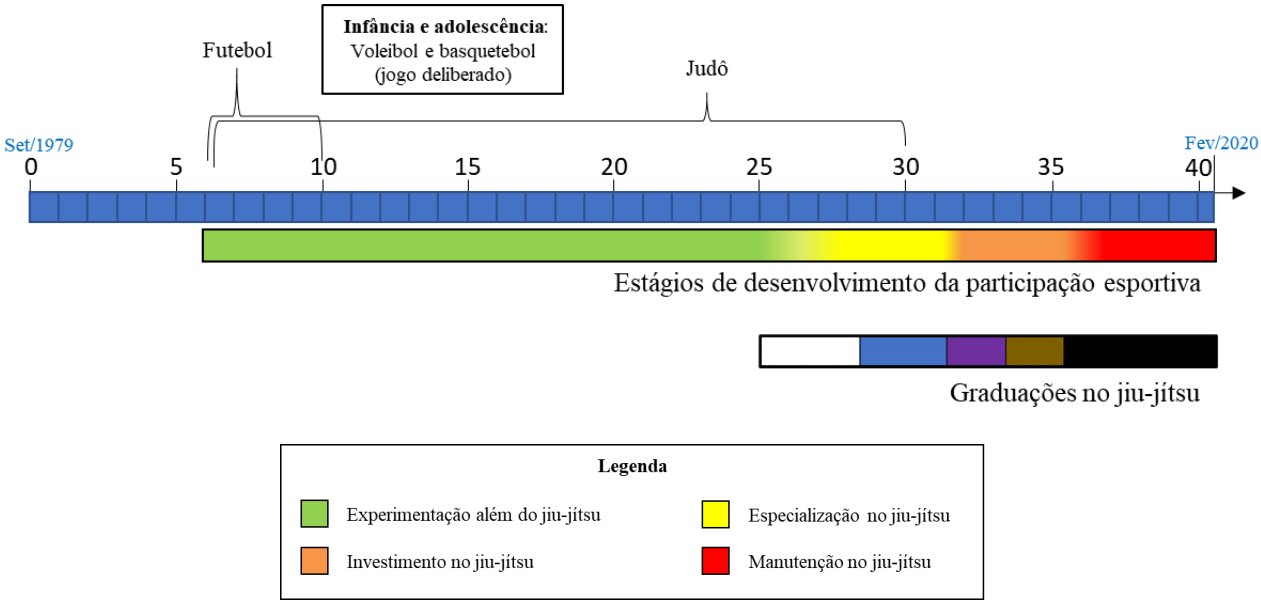
> um prazer gigantesco, não tem como mensurar para você não. Quando você chega na faixa preta é uma sensação diferente, é uma sensação que só chegando mesmo. Eu até hoje lembro do dia que graduei e tenho uma satisfação imensa.

Após a conquista da faixa preta, Iuri volta a morar na cidade 3 e passa a treinar duas vezes por semana. É possível identificar uma estabilização em sua participação, pois apesar de voltar a viver na mesma cidade em que treinava, ele não regressa ao antigo patamar de frequência semanal alcançado na faixa roxa. Sua graduação significou o início dos anos de manutenção após a conclusão do período de investimento na faixa preta e na carreira de professor. Apesar de não participar de competições, fica evidente em seu discurso, a existência de uma demanda pela manutenção de seu desempenho como faixa preta diante do grupo de alunos e colegas.

> A partir da preta, já morando aqui, eu treino duas vezes por semana. [...] Quando você chega na faixa preta e vira professor você vê que a faixa tem um peso diferente das outras. Cada faixa tem um peso e a faixa preta é a mais pesada. Você ao carregar uma faixa preta acaba virando um alvo, então você não pode parar.

Na figura 17 é possível observar os estágios de desenvolvimento da participação esportiva vividos por Iuri ao longo de sua vida, contemplando, além do jiu-jítsu, todo seu repertório de experiências esportivas anteriores, que vão da dupla especialização esportiva precoce no judô e no futebol ao investimento no judô.

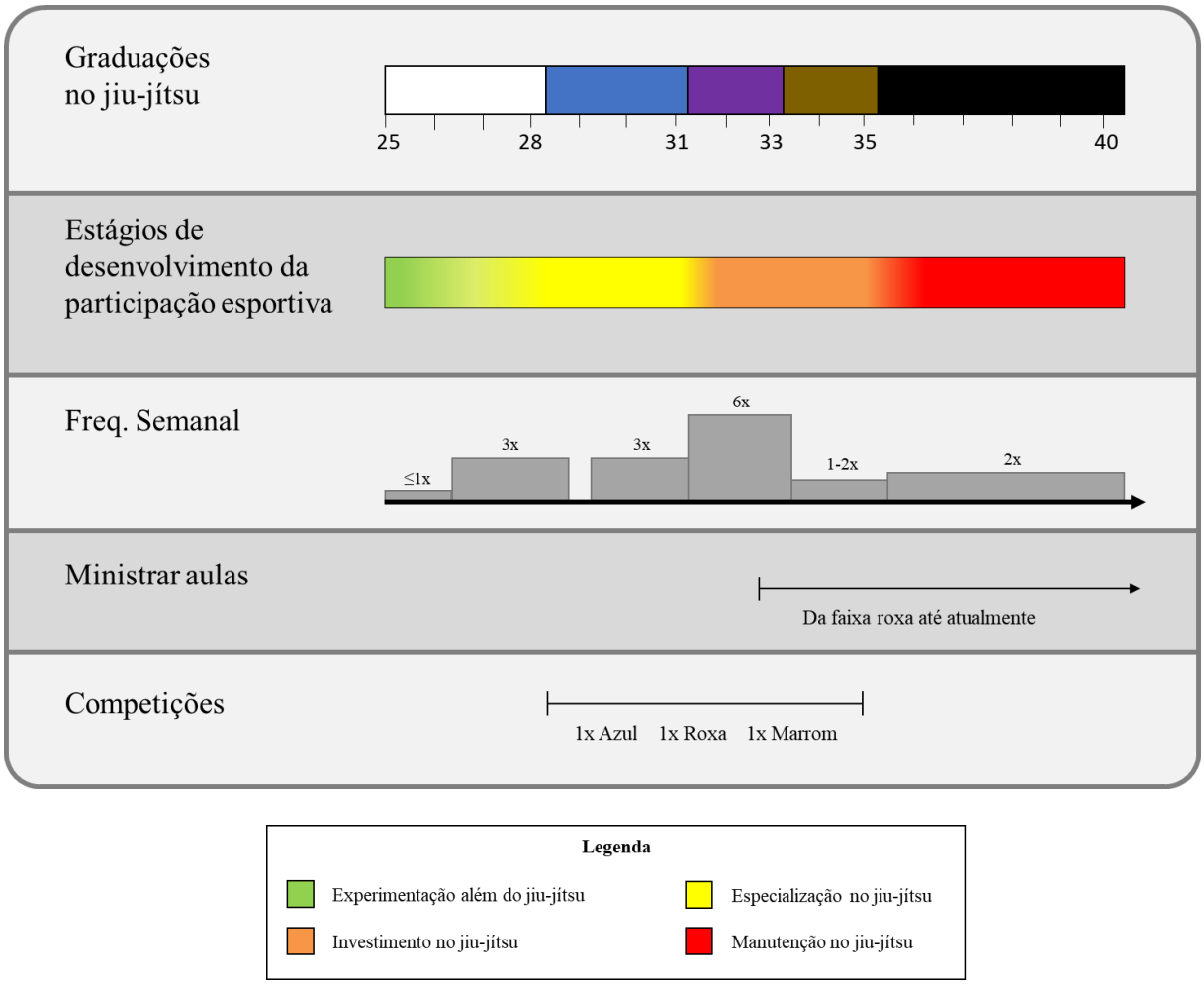
Figura 17 – O desenvolvimento da participação esportiva de Iuri



Fonte: O próprio autor.

A figura 18 permitiu que se abordasse exclusivamente o desenvolvimento da participação esportiva de Iuri no jiu-jítsu, apresentando sua graduação, estágio de desenvolvimento da participação esportiva e frequência semanal em cada idade específica, além do início de suas atividades como instrutor e a participação em competições de jiu-jítsu.

Figura 18 – O desenvolvimento da participação esportiva de Iuri no jiu-jítsu



Fonte: O próprio autor.

5.2.2 Contexto de desenvolvimento esportivo e pessoal de Iuri

Iuri nasceu em uma cidade de porte médio no interior paulista (cidade 3), onde viveu toda infância, adolescência e grande parte de sua vida adulta, com exceção do período de aproximadamente dois anos (entre os 33 e 35 anos) que viveu em uma grande cidade próxima (cidade 4). Diferente de Renato, Iuri foi criado no perímetro urbano de município com maior disponibilidade práticas esportivas sistematizadas, haja visto que aos seis anos de idade já pôde ter acesso a prática deliberada em duas modalidades esportivas. “Eu nasci e fui criado aqui. [...]

Com seis anos treinava futebol e judô. [...] Eu fiquei praticamente a vida inteira na cidade 3 e só com 33 anos eu mudei pra cidade 4, aí faz uns três anos que voltei pra cá[29]".

Seu primeiro contato com o esporte foi intermediado pelo pai que havia sido jogador de futebol e projetava suas expectativas nos filhos. Desde muito cedo foi seu pai quem se mostrou o maior entusiasta com relação a sua participação na modalidade esportiva, enquanto a experiência de Iuri com o futebol foi marcada pelo seu descontentamento com o treinador que o especializou precocemente na posição de zagueiro, reduzindo drasticamente quaisquer possibilidades de marcar gols. Além disso, como já foi abordado, parecia não haver sincronia entre os sentidos e valores atribuídos aos treinos e competições com relação a sua idade, resultando na sistemática exclusão dos menos aptos.

> Meu pai comprou chuteira, comprou bola, comprou a camiseta do time de coração dele [...] Porque meu pai jogava futebol e ele queria que eu fosse jogador de futebol [...] Eu sempre fui maior que meus amigos e o técnico de futebol que eu tive me colocou para jogar de zagueiro. De zagueiro chutando a bola pra qualquer lado, trombando com os moleques porque eu era grande. [...] Eu brigava muito com o técnico porque eu queria fazer gol e ele nunca me pois de atacante e eu machucava os moleques por causa disso.

Durante o mesmo período outra figura familiar foi importante para o suporte de sua iniciação esportiva. Sua avó foi a responsável por matriculá-lo no judô e custear sua prática nos primeiros anos, enquanto sua mãe sempre se colocou veementemente contra a prática de L/AM/MEC por temer que o filho se lesionasse. Iuri relata que seu primeiro contato com o judô foi marcado pelo perfil disciplinador do seu professor.

> Minha avó pagava mensalidade e minha mãe era contra. Minha mãe nunca foi a favor de eu treinar judô. Minha mãe nem lavar os quimonos, não lavava por medo de eu me machucar. [...] Eu machuquei muito no judô, minha mãe nunca gostou que eu lutasse, minha mãe nunca se envolveu nem com meu quimono. Se eu quisesse lavar meu quimono, eu tinha que pegar meu quimono e lavar porque ela nunca foi a favor de eu treinar luta. [...] Judô é um esporte muito disciplinar. Meu primeiro técnico [pausa] era muito linha dura. Até comer sabonete ele já fez eu comer porque eu falei palavrão durante o treino. Mas ele estava certo. Hoje em dia não é uma maneira de disciplina que você faz com seus alunos, mas antigamente era assim e ele era um cara muito disciplinador.

O irmão de Iuri esteve presente ao longo de sua participação esportiva na infância e adolescência. Ele também havia passado por um processo de formação no futebol e por um

---

[29] O trecho citado remete a primeira entrevista realizada com Iuri em setembro de 2018, portando, o retorno à sua cidade natal ao qual o participante se refere ocorreu aproximadamente no ano de 2015.

momento os dois treinaram judô juntos, o que foi passageiro, já que não houve a mesma identificação por parte do irmão. “Meu irmão sempre jogou futebol a vida inteira. Mas jogou assim, já treinou com técnico e não seguiu no esporte. Hoje ele joga só por *hobbie.* Ele chegou a treinar judô comigo uma época, mas foi por pouco tempo, não gostou e já logo saiu fora”.

Ao praticar as duas modalidades esportivas de forma sistemática desde os seis anos, Iuri teve uma maior identificação com o judô, deixando o futebol definitivamente aos dez anos. O pai que estimulava de forma apaixonada sua participação no futebol, manteve a postura de apoiador da prática esportiva quando Iuri deixou o futebol e deu continuidade aos treinos de judô. “Meu pai meio que me incentivou assim. Meu pai queria futebol, mas eu não. Só depois que eu saí do futebol e comecei a treinar judô mais sério que ele começou a me incentivar no judô”.

Aos onze anos, o desejo de alcançar o alto rendimento no judô já era tão presente que Iuri passou querer interromper os estudos para se dedicar integralmente ao esporte, o que resultou na queda de seu desempenho acadêmico. É neste contexto que seus pais agiram, o retirando das aulas de judô por um ano como forma de punição pelo mal desempenho na escola. “Parei aos onze, não porque eu quis, mas como forma de castigo dos meus pais. Ia muito mal na escola porque só pensava em judô, queria parar a escola para treinar, daí meus pais pararam de pagar a mensalidade e me deixaram sem judô um ano”.

Apesar da interrupção, em um ano Iuri retornou aos treinos e continuou intensificando seu envolvimento com a modalidade esportiva. Sua experiência competitiva no judô foi marcada por inúmeras lesões, o que deu suporte aos argumentos da mãe, que ainda se colocava contra sua prática, no entanto, não o impedia efetivamente de treinar.

> E eu machuquei muito. Até hoje minha mãe não gosta porque eu machuquei demais no judô: eu já quebrei costela, já quebrei braço, já quebrei os dedos na mão, todos os dedos, ou quebrei ou luxei, já quebrei a tíbia, já quebrei dedão do pé. O Judô competitivo é um esporte muito explosivo então você machuca muito, você treina muito, você cai muito e você machuca demais, o jiu-jítsu é diferente.

Foi durante a adolescência, enquanto praticante de judô, que Iuri ouviu falar de jiu-jítsu pela primeira vez. Ele relata que aos doze anos tomou conhecimento da existência desta modalidade esportiva na academia onde treinava judô, mas que foi se interessar mesmo a partir dos treze anos, depois de assistir a primeira edição do UFC. No entanto, não havia possibilidade de acesso a treinos de jiu-jítsu na cidade 3 neste momento.

> Aqui na cidade 3 pelo menos, ninguém conhecia o jiu-jítsu. Eu ouvi falar de jiu-jítsu pela primeira vez na vida na época que eu treinava judô e na academia onde eu treinava veio um professor de fora para dar uma aula. Foi aí que eu ouvi falar de jiu-jítsu. O jiu-jítsu não era tão conhecido na época né. Eu era faixa verde de judô, devia ter sido em 1991. Mas eu me interessei pelo jiu-jítsu mesmo em 1992 quando eu assisti o UFC 1 e vi o Royce Gracie magrinho, franzino ganhando daqueles caras gigantescos. Foi aí que eu me interessei pelo jiu-jítsu, mas até então não tinha aula de jiu-jítsu ainda. Só depois de um tempo o jiu-jítsu foi aparecer com força na cidade 3.

Iuri havia treinado judô desde os seis anos de idade com o mesmo professor, somente em idade adulta que ele trocou de professor, mas sem mudar de academia. Com a expansão da academia, seu primeiro professor passou a focar na formação de base, enquanto um de seus alunos conduzia o treino dos competidores. É importante destacar que a proximidade hierárquica entre Iuri e seus professores de judô foi diferente nos dois momentos, enquanto um era o mestre que havia o iniciado no judô desde a infância e o formado faixa marrom, o outro era o aluno mais graduado deste mesmo mestre que estava apenas um nível acima de Iuri na hierarquia das faixas.

> Eu tive dois. O segundo técnico era meu amigo de treino e depois que pegou preta virou técnico geral porque era o mais graduado na época. Ele graduou preta quando eu graduei marrom e eu era sempre um degrau abaixo dele. E aí para aumentar a quantidade de turmas na época, esse que era meu amigo virou técnico geral e de competição e meu primeiro técnico virou técnico de formação de base.

A partir dos 25 anos de idade, ao participar dos treinos de jiu-jítsu e judô concomitantemente, Iuri começou a observar algumas diferenças entre os ambientes de prática que se via inserido, o que lhe fez criar mais vínculos positivos com o jiu-jítsu em virtude da forma como as relações de amizades eram estabelecidas em sua equipe.

> Fiz muitos amigos no jiu-jítsu, assim como fiz no judô, mas no judô tinham algumas panelinhas. [...] Geralmente os caras formavam grupinhos e era sempre eles. Eu também tinha, enfim, não era igual o jiu-jítsu que era uma galera mais unida. O que me mantem no jiu-jítsu é essa amizade, essa junção de gostar da arte marcial, de amizade, enfim, não sei nem te explicar. [...] A gente nunca teve nenhum atrito, sempre foi uma família mesmo. A gente faz o treino junto, vai tomar uma cerveja junto, churrasco.

Diferente de sua participação no judô, no jiu-jítsu, Iuri já não tinha nenhuma pretensão de competir no ambiente de alto rendimento. Como já havia vivido uma experiência competitiva no judô durante a adolescência e cursado educação física, ele estava ciente de que participar de competições demandaria mais tempo livre para se dedicar a um volume maior de treinamento.

> Eu até cheguei a competir no jiu-jítsu, mas foi só competição regional, campeonato interno, coisa pequena, nada grande. [...] Foi coisa assim, foi só pra participar. Eu já não estava mais na vontade de competir. Eu ia colaborar cara. Falavam: "Ah, você pode ir?" "Ah eu vou". Pra somar ponto, né? [...] O problema da competição é que você tem que focar na competição, você tem que treinar pra isso e como eu trabalho o dia todo, não tem como. Pra competir, você tem que treinar muito. Essa é minha visão, eu nunca lutei um campeonato grande porque eu tinha consciência que eu não tinha tempo de treino pra isso. Você vai assistir competição grande e vê que o nível é completamente diferente. É só ver o nível de um faixa azul competidor hoje em dia, se rolar com um cara que é faixa preta, capaz de dar aperto. O nível de competição é muito alto. Eu não tenho tempo de treinar e eu prefiro não arriscar.

No período que morou e trabalhou na cidade 4, nos últimos anos da sua formação como faixa preta de jiu-jítsu, Iuri contou com a vantagem da proximidade da sua cidade natal, o que lhe permitia voltar semanalmente e manter o contato com os treinos do professor D. Outro fator a se considerar foi a forte presença do jiu-jítsu na cidade 4, que dispunha de diversas opções de equipes e horários para treinar, sendo também a cidade sede de sua equipe, onde Iuri frequentou treinos esporádicos de outros professores sem mudar nem equipe, nem de professor.

> Como é perto, eu vinha até aqui treinar (cidade 3). [...] quando estava lá eu treinei também com outros professores da mesma equipe, mas não seriamente assim. Eu treinava esporadicamente em outras academias. Tinha uma aula às 10h da manhã e as vezes quando sobrava uma hora vaga eu ia.

Aos 35 anos Iuri é graduado faixa preta pelo professor D, e é próximo deste período que se dá o seu primeiro contato com a uma entidade reguladora. Ele formaliza o seu vínculo com a CBJJ na faixa marrom, reconhecendo a necessidade de ser um faixa preta reconhecido oficialmente para poder dar continuidade as suas graduações, além de dar crédito as suas atividades como professor. Após três anos de faixa preta, Iuri é graduado faixa preta primeiro grau.

> Hoje eu sou cadastrado na CBJJ, porém competições federadas eu não fiz nenhuma [...] Eu fiz na marrom, me cadastrei justamente para ter o diploma de faixa preta da CBJJ [...] Pra trocar de grau são três anos nas normas da federação. Agora eu sou mais que faixa preta porque eu já tenho um tempo maior de faixa. Hoje eu tenho um grau.

Iuri se destaca como único participante do presente estudo que se formou faixa preta treinando com um único professor, aquele que havia o iniciado no jiu-jítsu. Por volta de um ano após a conquista da faixa preta, ele começou a treinar com o professor E que passou a substituir o professor D no momento que este deixava de ministrar aulas. É importante pontuar que a estrutura de aula do professor D se manteve quando o professor E assumiu.

> Eu comecei com o professor D da branca a preta. Quando eu tinha um ano mais ou menos de preta o professor D parou de dar treino e quem assumiu o jiu-jítsu foi o professor E. [...] A gente sempre teve uma relação muito legal. A gente nunca teve nenhum tipo de discussão, e com professor E a mesma coisa. [...] Foi sempre a mesma rotina de atividades. Treino de uma hora e meia. Você chega, faz um aquecimento, alongamento, técnica e rola. Uns quinze a vinte minutos de aquecimento e alongamento. Ai depois a parte técnica um pouquinho mais demorada, uma meia hora. Depois é só rola.

Apesar de nunca ter mudado de equipe, Iuri adota uma postura crítica com relação a um certo estigma existente no jiu-jítsu. Nesta modalidade esportiva os participantes vivenciam um ambiente em que são desencorajados a visitar outras equipes. Como profissional de Educação Física, Iuri tem a percepção de que os participantes e o próprio jiu-jítsu tem um potencial maior de desenvolvimento quando há maior intercâmbio de conhecimento, apesar das rivalidades locais.

> Eu vejo hoje aqui na cidade 3 que os professores são meio [pausa]. Tipo assim, os caras da equipe γ é da equipe γ, é equipe γ e você não pode treinar e outro lugar. A equipe δ a mesma coisa, equipe δ, equipe δ e você não pode fazer treino em outro lugar. No jiu-jítsu tem esse negócio: "Ah, eu treino numa equipe eu não posso treinar na outra", "Ah, se eu for pra outra equipe eu sou o Creonte[30] porque mudei". Lógico que você tem que defender sua bandeira, mas eu acho que isso não pode te impedir de ter outras experiências em outras equipes com outros conhecimentos. Hoje em dia se você pegar os praticantes de jiu-jítsu de alto nível, os caras treinam em outras equipes, você melhora o seu jogo, são treinos diferentes, são filosofias de trabalho diferentes. Então eu acho que o que falta as vezes é esse intercâmbio que poderia melhorar o seu jogo, melhorar o meu jogo, melhorar o jogo de outra pessoa. Não migração de equipe, mas entrosamento porque todo mundo tinha que lutar não só pela bandeira da equipe, mas lutar pela bandeira do esporte no geral, lutar pela bandeira do jiu-jítsu. Melhoraria a qualidade do esporte e assim as vezes tornaria um esporte olímpico no futuro.

Hoje aos quarenta anos de idade, Iuri conta que tem o jiu-jítsu como uma forma de terapia. Depois de quinze anos de prática, os treinos de jiu-jítsu passaram a fazer parte de sua vida como um momento de abstração em que pode se encontrar com seus amigos e se sentir em casa.

> Nem passa pela minha cabeça a hipótese de abandonar o jiu-jítsu. Jiu-jítsu pra mim é uma terapia, é onde eu faço amigos, onde eu relaxo, onde eu esqueço meus problemas. [...] vou continuar levando o jiu-jítsu como se fosse minha terapia mesmo, onde eu esqueço meus problemas, um lugar que eu gosto de

---

[30] Entre os praticantes de jiu-jítsu, o nome "Creonte" significa "traidor", sendo empregado por três dos participantes da presente pesquisa para se referir a quem troca de equipe e professor.

> ficar, um lugar que eu me divirto, o lugar que eu desestresso, o lugar que eu faço amizade, minha segunda casa.

Ao longo dos seus cinco anos como faixa preta, Iuri afirma já ter se sentido motivado para participar de competições novamente, no entanto ele ressalta que continua não dispondo do tempo necessário para treinar visando o desempenho competitivo.

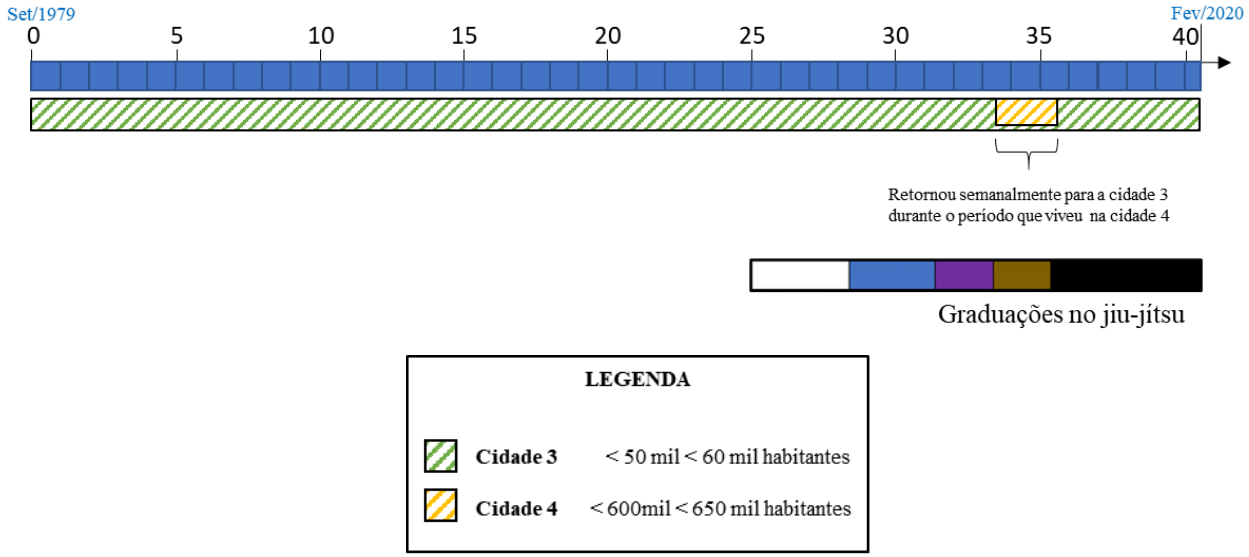
> Às vezes deu vontade [de competir na faixa preta]. Eu vou assistir o campeonato brasileiro e fico doente cara. É uma coisa de louco. Mas como que você compete com os caras que treinam todo dia e que vivem disso? Eu não consigo viver do esporte, tenho que trabalhar. [...] Hoje já não quero competir não, nem competição pequena. Não tenho vontade e nem tenho tempo.

Iuri mantém os treinos de jiu-jítsu, mas afirma que a família e o trabalho são suas prioridades. No entanto, como ele também atua com professor da modalidade esportiva, o jiu-jítsu não deixa de fazer parte do seu trabalho. Hoje até mesmo sua mãe, que antes era contra a prática de judô e jiu-jítsu, reconhece que o filho encontrou no jiu-jítsu uma profissão que exerce com satisfação.

> Eu coloco o meu trabalho à frente do jiu-jítsu. Só que o jiu-jítsu hoje em dia também é minha profissão. [...] No jiu-jítsu o meu objetivo é só continuar dando aula e continuar treinando e fazendo amigos [...] Então pra mim o trabalho fica à frente do treino de jiu-jítsu, só que dar aula de jiu-jítsu também é meu trabalho. E o meu trabalho não é mais importante que a minha família. Família em primeiro lugar. [...] Tem o fato de que minha mãe não gostava do jiu-jítsu do mesmo jeito que ela não gostava de judô. Mas hoje ela entende que é minha profissão, que eu trabalho com isso e que eu gosto disso. Enfim, hoje ela lava meu quimono [risos].

Na figura 19 é possível observar que Iuri viveu a maior parte de sua vida na mesma cidade, além do período de aproximadamente dois anos que residiu e trabalhou em uma grande cidade, retornando para sua cidade natal aos finais de semana. Com relação à sua graduação no jiu-jítsu, nota-se que o tempo no qual que Iuri viveu na cidade 4, praticamente coincide com o período que foi graduado faixa marrom

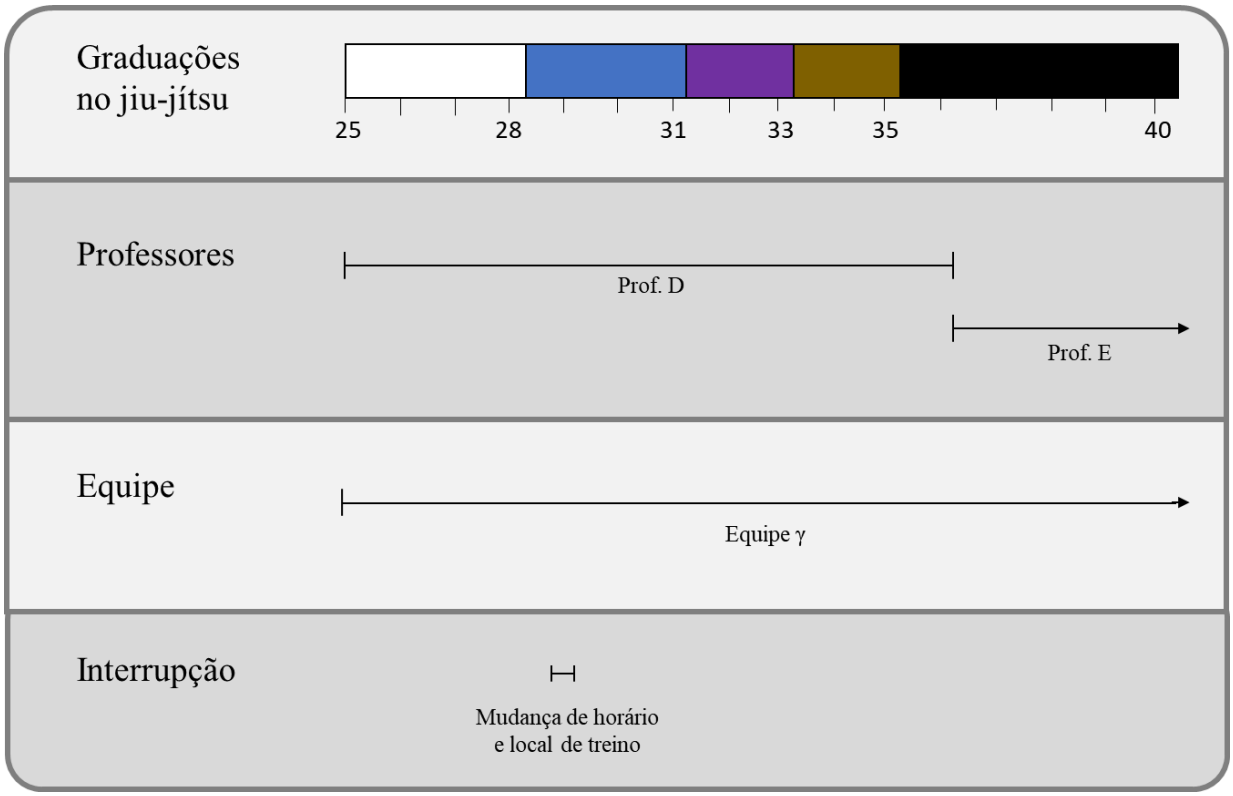
Figura 19 – Mudanças de cidade de Iuri



Fonte: O próprio autor.

A figura 20, apresenta a única mudança de professores vivida por Iuri no jiu-jítsu (após a conquista da faixa preta), sua única equipe e o motivo da interrupção no treinamento durante a faixa azul. É importante observar que mesmo durante a faixa marrom, quando passava a maior parte dos dias em outra cidade, Iuri não trocou de professor ou equipe, embora, conforme apresentado na figura 18, houvesse tido uma significativa redução de sua participação nos treinos.

Figura 20 – Mudanças de professores e o motivo da interrupção de Iuri no jiu-jítsu



Fonte: O próprio autor.

5.3 FABRÍCIO: O SEGURANÇA APOSENTADO QUE SE TORNOU PROFESSOR DE JIU-JÍTSU

Fabrício iniciou-se no jiu-jítsu aos 38 anos e estava com 53 anos no período da entrevista. Faixa preta há dois anos, Fabrício é aposentado e atua como primeiro e único professor de jiu-jítsu de uma pequena cidade no interior paulista.

5.3.1 Estágios da participação esportiva de Fabrício

Fabrício nasceu em 1967. Seu primeiro contato com o esporte se deu na escola, mas sem a supervisão de um professor de educação física, principalmente por meio de jogos deliberados em seu momento de lazer (recreio). A maior parte deste tempo livre era preenchida pelos jogos de futebol no campo que havia em sua escola ou por brincadeiras tradicionais.

> Quando eu morava em fazenda nós tínhamos as brincadeiras de recreio, mas não era uma coisa focada. Na época não tinha esse negócio de professor. Não tinha aula de educação física, não existia isso aí. Então a gente tinha o recreio. A gente tinha uma hora para brincar e o que tivesse na frente a gente brincava.

> Muito diferente da geração de hoje. Arrumava alguma coisa, era pique-rela, pique-ajuda, era futebol. [...] Na escola que eu estudava, nas costas dela tinha um campo de futebol. E a maioria das vezes, 90% das vezes a gente estava jogando bola lá.

Aos quinze anos, Fabrício começou a jogar futebol no time da fazenda onde morava. Ele relata que sua participação se dava apenas aos domingos, em jogos disputados contra times de outras fazendas da região, sem nenhum treino sistematizado e nem a figura do treinador. Durante o período que participou destes jogos de futebol em ambiente de lazer, ele vivenciou características que se aproximam dos anos de recreação do DMSP, mas também fica evidente em seu discurso que existia a possibilidade de especialização na posição que melhor desempenhava, apesar da inexistência de prática deliberada, e consequentemente, da especialização esportiva da forma como é descrita pelo DMSP.

> Eu comecei a jogar bola no time da fazenda onde eu morava com uns quinze anos. [...] Eu tratava jogo com seu time e você ia lá me visitar e aí no outro domingo eu ia lá devolver a visita na sua casa. Eu saia de uma fazenda pra jogar contra outra. [...] Não tinha treino. Você chegava no domingo no horário marcado, às duas horas da tarde, vestia tua roupa e ia jogar bola. Não existia esse negócio de treino não e se você era bom em uma posição, você iria jogar naquela posição pelo resto da sua vida. [...] Tinha um cara responsável por pegar a roupa, levar, lavar e voltar no domingo. Ele que escalava o pessoal, entendeu? Mas não tinha técnico ou um cara que sabia fazer as coisas de treino. Ele só gritava "Corre! Vai!". Não existia nada de técnico, a gente juntava e jogava.

Fabrício para de jogar futebol aos dezenove anos de idade, quando se casa e passa a esperar a chegada de seu primeiro filho. "Eu joguei até os 19. Foi quando me casei porque a minha ex-esposa estava grávida, então aí não teve como. [...] Meu filho nasceu em 1987, eu tinha vinte anos".

Aos 27 anos, já morando no perímetro urbano, Fabrício inicia um trabalho voluntário como treinador do time de futsal em um centro comunitário próximo a sua casa. É neste momento de sua vida que, aos 28 anos, ele se torna pai de uma menina, Jéssica, que anos mais tarde viria exercer grande influência na participação do pai no jiu-jítsu. "Em frente à minha casa tinha um centro comunitário e eu comecei a ajudar lá com o treino de futsal com 27 pra 28 anos e isso fazia um ano que eu tinha vindo da fazenda pra cidade. [...] Minha filha Jéssica nasceu em 1995".

Sua participação como treinador de uma modalidade esportiva que nunca havia praticado até então, apesar das semelhanças com o futebol, perdurou por cerca de dez anos. Por fim, apesar de ter jogado futebol em ambientes de lazer até os dezenove anos e ter ocupado o

papel de treinador por dez anos, Fabrício não levou adiante seu envolvimento com estas modalidades esportivas, se tornando um expectador muito pouco ativo.

> O rapaz que tomava conta não tinha ninguém que dava aula de futsal. Eu conhecia muito o cara e ele foi lá e me pediu: "Você não consegue passar regras?" Eu nunca joguei futsal. Peguei o livro de regras e comecei dar aula. Eu não sabia nada de futsal, eu só sabia passar regra. Era difícil o meu time errar a regra. Aí eu fiquei uns dez anos dando aula e fui em muito campeonato da cidade que não precisava ter um profissional de educação física, já que era eu que atuava de técnico. Era um trabalho voluntário. [...] Hoje eu torço pro Palmeiras e vejo os gols no celular, não fico atrás, não vou assistir jogo. Não tenho aquele fanatismo, aquelas coisas, eu não tenho.

Fabrício tem o seu primeiro contato com a prática deliberada através da musculação, já em idade adulta, aos 32 anos. A partir deste momento, a prática da musculação chega a ser diária.

> Eu fui contratado para trabalhar de segurança em uma academia. Eu entrava às 19h, posava na academia e saia às seis da manhã todo dia. E então eu comecei a fazer musculação com 32 anos e como eu trabalhava na academia a minha frequência era boa, era de quatro a cinco vezes por semana.

Aos 38 anos, Fabrício tem o seu contato inicial com o jiu-jítsu. No seu primeiro ano praticando a modalidade esportiva, sua presença nos treinos foi esporádica, muito em virtude de seus horários de trabalho e descanso que coincidiam com o horário das aulas. Este quadro muda apenas quando sua filha começa a treinar aos onze anos de idade. A partir de seu segundo ano de prática, Fabrício passa a frequentar de dois a três treinos por semana para acompanhar sua filha, que se torna sua maior incentivadora. Considerando sua iniciação inconsistente, seu primeiro ano de contato com o jiu-jítsu é entendido como parte dos anos de recreação, enquanto no ano seguinte se dá o início de sua especialização, dado o aumento significativo da frequência semanal nos treinos de jiu-jítsu e a redução de sua frequência na musculação.

> No começo eu fui meio picadinho, bem devagar na faixa branca. Eu ia muito pouco, mas eu ia. Mesmo porque eu trabalhava a noite e ele dava aula à tarde e à noite, então eu só ia na parte da tarde. Mas como eu tinha que descansar de dia para trabalhar a noite era difícil eu ir, eu ia uma ou duas vezes por mês. [...] Mas pensa naquele aluno bem amargoso. Não ia mesmo, não tinha rendimento, não tinha aprendizado. Aí a minha ex-esposa começou a ir em uma academia e não tinha como levar a minha menina. Então eu levei a menina em um dia e no segundo dia ela me pediu um quimono. [...] Eu levei a menina porque ela pediu. A mãe dela já tinha até encomendado uma roupa de balé. [...] E aí ficou mais constante porque eu tinha que levar ela. [...] Eu iniciei com 38 no jiu-jítsu, mas eu comecei a treinar mesmo em uma sequência aos 39 quando a minha menina começou a ir e eu já comecei a ir dois ou três dias por semana. [...] E já a musculação eu passei a treinar menos, ia umas três

> vezes. [...] No fim das contas ela que foi minha maior incentivadora, ela que fez eu chegar aonde eu cheguei hoje.

Aos 41 anos, Fabrício foi graduado faixa azul e aos 44, faixa roxa. Ele relata que as duas primeiras graduações foram conduzidas pelo professor D de acordo com critérios qualitativos próprios, sem nenhuma sistematização explícita, como por exemplo: exames ou graus na faixa. Somente a partir da faixa roxa, seu professor passou a adotar o sistema de graus na faixa. Ele se recorda que o efeito da surpresa tornava o momento da graduação mais gratificante.

> A azul eu peguei em 2008 e a roxa em dezembro de 2011, as duas com professor D. [...] Conforme o professor D achava que o cara já estava apto para aquela faixa ele ia lá e presenteava o cara. [...] Naquela época não tinha esse negócio de grau na faixa, o professor chegava e falava: "Você vai graduar". Até hoje eu acho mais legal o efeito da surpresa. É mais gratificante do que você dar o quarto grau pro cara e deixar ele já sabendo que vai graduar. Foi desse jeito na azul e na roxa. [...] Nessa época aí não tinha o grau. Quando começou o grau eu estava na roxa, o professor D já deu o grau pra todo mundo e eu peguei um grau.

Sua única experiência como competidor aconteceu em um evento interno de sua equipe quando tinha 42 anos, alguns meses após sua graduação na faixa azul. Fabrício conta que apesar de ter sido campeão na ocasião, não se sentiu satisfeito com a experiência, considerando que sua única luta terminou por conta de uma lesão não intencional causada no adversário.

> Eu participei de um interno aqui da equipe só. [...] Foi na azul, logo no começo, assim que peguei a faixa, tinha uns 42. [...] A gente estava em três numa chave. Ele ganhou do meu amigo e a gente já foi fazer a final porque eu fiquei de chapéu. Eu puxei ele numa queda que ele não esperava, ele caiu pra fora e bateu o ombro no chão e nem teve luta [...] E não tem nem como falar que foi migué, porque o ombro dele ficou deste tamanho na hora [...] Eu fui campeão, mas não foi uma coisa satisfatória pra mim porque praticamente não teve rola. Sem falar que eu o meu companheiro nem lutamos porque eu fiquei de chapéu.

Fabrício foi obrigado a interromper a prática de jiu-jítsu por aproximadamente seis meses devido a uma lesão sofrida em um dos treinos no seu primeiro ano como faixa roxa.

> Tive uma lesão séria treinando uma vez na roxa quando ainda era aluno do professor D. Eu peguei as costas de um cara que apareceu pra visitar a academia e eu não sei bem o que aconteceu. Ele bateu na minha coxa com o calcanhar e me abriu um centímetro e meio na coxa e ficou preto, deu aquela hemorragia. Foi a lesão mais séria que eu tive. Eu fiquei três meses fora e aí voltei e fiquei mais uns três meses afastado porque eu não aguentava de dor, não tinha cicatrizado ainda a lesão.

Aos 45 anos, com a mudança de professor e de academia (assunto aprofundado na próxima seção), Fabrício aumentou sua frequência semanal nos treinos para poder acompanhar

sua filha Jéssica que então tinha dezessete anos e se encontrava nos anos de investimento. Ao observar as mudanças na sua frequência semanal nos treinos ao longo de sua experiência com o jiu-jítsu, este aumento na participação em virtude do investimento na carreira competitiva da filha pôde ser interpretado como ponto de inflexão que marcou o início de sua transição entre os anos de especialização a os anos de investimento no jiu-jítsu.

> Quando passou pro professor E eu tinha 45 anos e o negócio mudou, aí eu já tive que apertar meu pé. Era na base de quatro a cinco treinos por semana. [...] A academia tinha mudado lá pro centro e eu tinha que levar minha menina. Eu ia todo dia, porque ela sempre treinou muito e era a época que ela estava treinando mais forte e lutando Paulista, Pan-Americano, Sul-Americano.

Aos 47 anos, Fabrício foi graduado faixa marrom pelo professor E. Pela primeira vez ele tem contato com um formato de graduação composto por um exame. Este formato, que era novidade em sua equipe, foi entendido por Fabrício como importante passo para a melhoria da qualidade técnica dos praticantes prestes a serem promovidos.

> Eu peguei a marrom em dezembro de 2014. [...] Quando eu fui pra marrom já tinha mudado o sistema. Já tinha aquela questão de grau na faixa. Quando você pegava o quarto grau o quinto seria a próxima faixa. Quando você já estava com quarto grau, você chegava no ponto de graduar e tinha que fazer um exame com eles ainda. Eles queriam simplesmente aumentar a qualidade do jiu-jítsu. Se cara vai pegar a faixa marrom, então ele tem que estar apto para a faixa marrom e foi isso que aconteceu comigo. [...] Eu treinei as posições com um cara de 63 quilos, só que antes de fazer o exame o cara machucou o joelho e eu peguei um cara de 115 quilos para fazer as posições. Eu errei muito, mas não é porque eu não sabia fazer, era muito pesado. O cara era grande, nossa pra fazer raspagem era complicado. E o professor E falava que não era pra fazer corpo mole. Você tinha que fazer raspagem mesmo! Outra coisa, se você estava aqui e o outro cara estava fazendo o exame ali, ele [professor E] falava assim: “Fulano, faz isso!” e se você olhasse: “Fabrício, não olha!”. Você tinha que manter o seu foco só em você e não era pra você olhar o outro fazer. E aí ele mandava você fazer diferente do cara e falava pro cara: “Não olha o Fabrício”. O professor E é muito severo pra essas coisas, mas eu passei. A minha maior dificuldade foi o peso do cara.

Ao conquistar a faixa marrom, Fabrício expressa para o professor E o seu desejo de ministrar aulas em uma cidade vizinha. Em março de 2015, com a condição de que deveria aumentar sua frequência semanal nos treinos, ele dá início as suas aulas nesta pequena cidade que até então não contava com uma academia de jiu-jítsu. O início de sua atuação como instrutor marca a consolidação dos seus anos de investimento, sobretudo pelo aumento da dedicação semanal demandada.

> Eu graduei marrom em dezembro e comecei a dar aula em março. [...] Surgiu a oportunidade de dar aula na cidade da minha namorada. Lá é uma cidade de

> seis mil habitantes - contando zona rural - que não tinha jiu-jítsu. [...] Quando apareceu essa chance de dar aula eu fiquei nas mãos do professor E. Ele falava: "Se você não treinar eu não deixo!". Eu tinha dado uma diminuída no ritmo no último ano e aí quando eu conversei com ele, ele falou assim: "Você treina três, quatro vezes por semana e se for só isso daí eu não deixo você dar aula não, você vai ter que treinar pra valer mesmo". A partir daí eu ia todo dia. Todo santo dia. [...] Eu nunca gostei de treinar muito. Agora eu tanto gosto como me sinto na obrigação, porque eu sou professor e preciso ter uma qualidade para ensinar.

Analisando o discurso de Fabrício é possível concluir que a partir do momento que começa o seu investimento na carreira de professor de jiu-jítsu, inicia-se também o investimento na faixa preta, considerando sua percepção de que o tempo das graduações é proporcional à frequência que se tem nos treinos.

> Eu só firmei mesmo no caminho da faixa preta quando comecei a dar aula. Eu comecei a treinar muito, fazia cinco ou seis treinos com o professor E e dava aula duas vezes rolando com todo mundo. Então aí eu sabia que ia chegar na faixa preta. Não tinha outro rumo. Você sabe que a faixa é consequência da frequência no treino.

Aproximadamente um ano antes de se tornar faixa preta, Fabrício se aposenta aos 49 anos. "Eu sempre trabalhei em serviço insalubre. Eu me aposentei em 2016 com 38 anos e quatro meses de carteira registrada".

Aos cinquenta anos, após cerca de doze anos de sua iniciação no jiu-jítsu, Fabrício conquista a faixa preta. O exame aplicado pelo professor E evolui em complexidade em relação a sua experiência anterior, avaliando além da qualidade técnica, conhecimento sobre regras e a prática de arbitragem. Fabrício acrescenta que o exame da faixa preta foi propositalmente estressante e seu desempenho foi prejudicado. Apesar de seu mal desempenho no dia do exame, fica evidente em suas falas que o professor E já vinha o avaliando ao longo da faixa marrom, antes mesmo de indicá-lo à graduação e o exame em si não compreendeu a totalidade desta avaliação.

> Quando eu fiz exame pra preta eu já era instrutor, mas eu fiquei perdido. Fiquei bastante perdido pelo tipo de coisa que ele fez. Eu achava que era igual o exame da marrom, mas não. Por exemplo: se tinha vinte quedas, ele pedia três agora e pedia mais cinco bem depois. [...] Foi intercalando e perguntando ponto e perguntando regra. E quando você achava que já tinha respondido ele voltava e fazia a pergunta mais uma vez. Aí ele mandava uns alunos rolar e pedia pra você marcar os pontos da luta e ia marcando junto pra depois comparar. [...] Rapaz do céu, eu deixei de marcar pelo menos uns oitenta pontos. Eu errei muito e ele falou assim: "Olha Fabrício, é suportável". [...] Mesmo não indo bem no exame por conta disso, ele sabia que eu estava preparado. [...] Em dezembro de 2017 eu peguei a preta.

Para Fabrício, a faixa preta representou o marco principal de sua formação como professor de jiu-jítsu. Fica evidente em suas falas, que antes da preparação que foi submetido na faixa marrom (anos de investimento), ele não apresentava o "perfil" para ser professor.

> Quando eu falei pra minha menina que ia ser professor ela falou: "Mas você não tem didática pra ser professor. Você não tem o dom pra ser professor. Não tem perfil". [...] E aí quando eu levei meus alunos no primeiro campeonato ela foi pra ver e viu que eles ganharam todas as categorias. Então eu falei pra ela: "E aí?" e ela respondeu: "Se eu fico te elogiando talvez você não conseguiria fazer isso aí. Eu falei justamente para ver se você se propunha a me desafiar." [...] Quando o professor E falou: "Fabrício, você vai fazer exame pra faixa preta", foi até engraçado. Aí quando eu peguei a faixa preta foi um fenômeno. O cara desacreditado virou um professor. Um dia desses ele me viu ajudando um aluno dele e sentou comigo no treino e falou assim: "Olha Fabrício, como ficou diferente, né?", "Não entendi", ele me respondeu: "Você ensinando as coisas".

Diferente dos demais participantes do presente estudo, Fabrício continuou vivendo os anos de investimento, mesmo após ser bem-sucedido no investimento na carreira de professor e no alcance da faixa preta. Ao longo dos primeiros anos como faixa preta, ele deu continuidade ao mesmo ritmo de treinos estabelecido a partir da faixa marrom, além de intensificar sua preparação física através da musculação, com o objetivo de se preparar para aquela que seria sua primeira competição oficial.

> Mantive a mesma frequência nos treinos de jiu-jítsu. [...] Eu comecei a ir na academia focado na competição. Estava indo quatro vezes por semana e puxando muito ferro, fazendo muita força com uma carga bem grande. Eu não treinava para me exibir para outros, eu treinava pra ficar mais forte. *Leg Press* eu fazia com 450 quilos e levantava de boa 110 quilos no supino. Caça em qualquer lugar aí um cara da minha idade fazendo isso.

No final de 2019, o excesso de treinos associado à uma alimentação que não condizia com seus objetivos atléticos levou Fabrício a interromper abruptamente sua preparação. Ele desenvolveu um quadro de *overtraining* e esteatose hepática.

> E bebendo cerveja todo santo dia. Mas isso eu não ficava sem de jeito nenhum! Duas, três latinhas eu bebia mesmo! [...] Ovo eu comia todo dia e não era pouco. Meus filhos falavam: "Para de quebrar ovo, você está louco? Quando ovos você vai comer?", "Uns 8, uai...". E nisso já estava fritando duzentos gramas de bacon na panela. [...] Fisicamente desde agosto de 2019 eu não estou conseguindo rolar e quando foi novembro e começo de dezembro eu não estava conseguindo andar [...] Excesso de treino e gordura no fígado. Me deu

> *overtraining* e gordura no fígado. Eu estou dezesseis quilos mais magro de quando você fez a primeira entrevista[31].

Aos 53 anos, Fabrício retornou aos treinos, no entanto, em um ritmo muito menor, o que marcou o fim dos anos de investimento e início dos anos de manutenção da faixa preta e da carreira de professor.

> Até dar esse problema eu estava treinando jiu-jítsu numa média de seis vezes por semana, depois disso eu tenho ido três, mas sem rolar e três vezes na musculação fazendo uma fase de recuperação. Eu não estou fazendo força não, mais caminhada e menos força. [...] Na época que começou a me dar esses problemas eu estava fazendo *leg press* na academia com 450 quilos e hoje oitenta quilos está dando o que fazer porque essa perna aqui [aponta para perna lesionada na faixa roxa, aos 45 anos] não me ajuda.

Fabrício é o participante mais velho da presente pesquisa e foi ele quem iniciou no jiu-jítsu e conquistou a faixa preta mais tarde. O período que se aposentou em sua profissão de segurança, coincidiu com o momento que vinha se estabelecendo como instrutor na faixa marrom. Uma vez aposentado, ele pôde se dedicar mais ao jiu-jítsu ministrando suas aulas e investindo também em seu objetivo de tornar-se um competidor. No entanto, após meses de interrupção devido à problemas de saúde agravados pelo excesso de treinamento, Fabrício reconhece às limitações impostas pela idade, permanecendo focado na manutenção de sua prática, principalmente da sua atividade como professor.

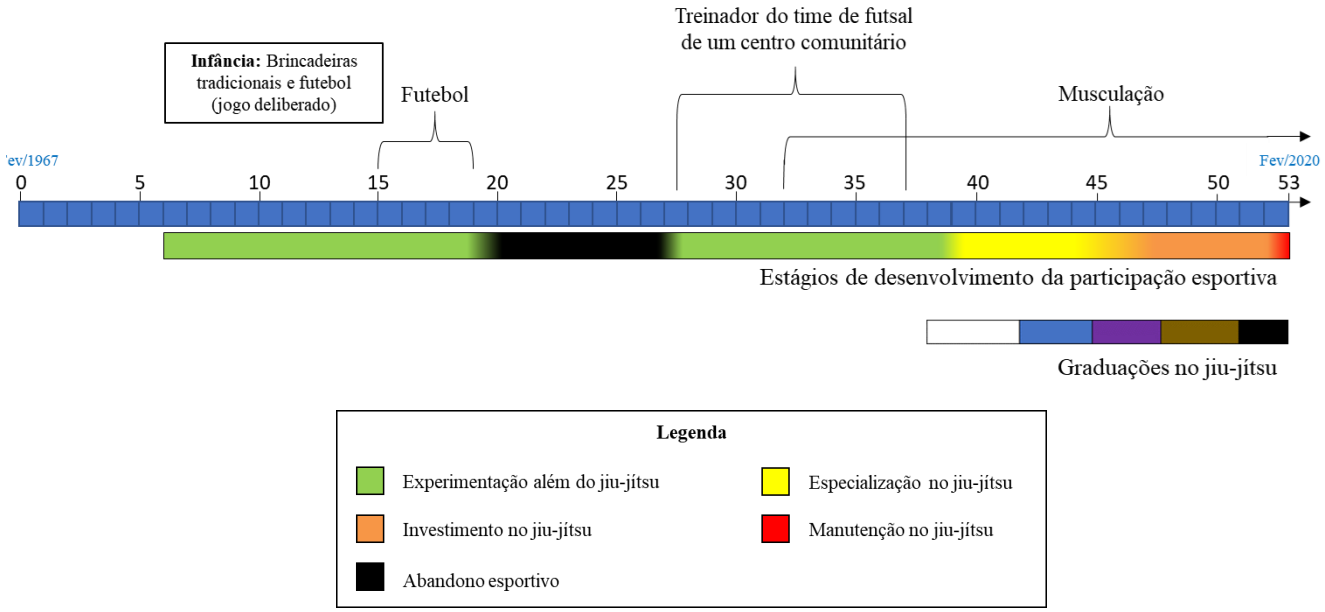
> Não tem nada que te roube as coisas na vida como o tempo. Às vezes eu estou rolando com você, minha cabeça está pensando, mas o corpo não está obedecendo. Não tem mais obediência. Ele vai, mas bem *slow motion*. [...] O meu objetivo hoje é formar campeões. Porque os meus professores foram formadores de campeões. O dia que eu não aguentar mais, eu passo a bandeira pra outro.

Na figura 21 é possível observar os estágios de desenvolvimento da participação esportiva vividos por Fabrício ao longo de sua vida, contemplando, além do jiu-jítsu, todo seu repertório de experiências esportivas anteriores, envolvendo inclusive, sua participação voluntária como treinador de futsal.

---

[31] A primeira entrevista com Fabrício foi conduzida em maio de 2019 e a segunda em fevereiro de 2020.

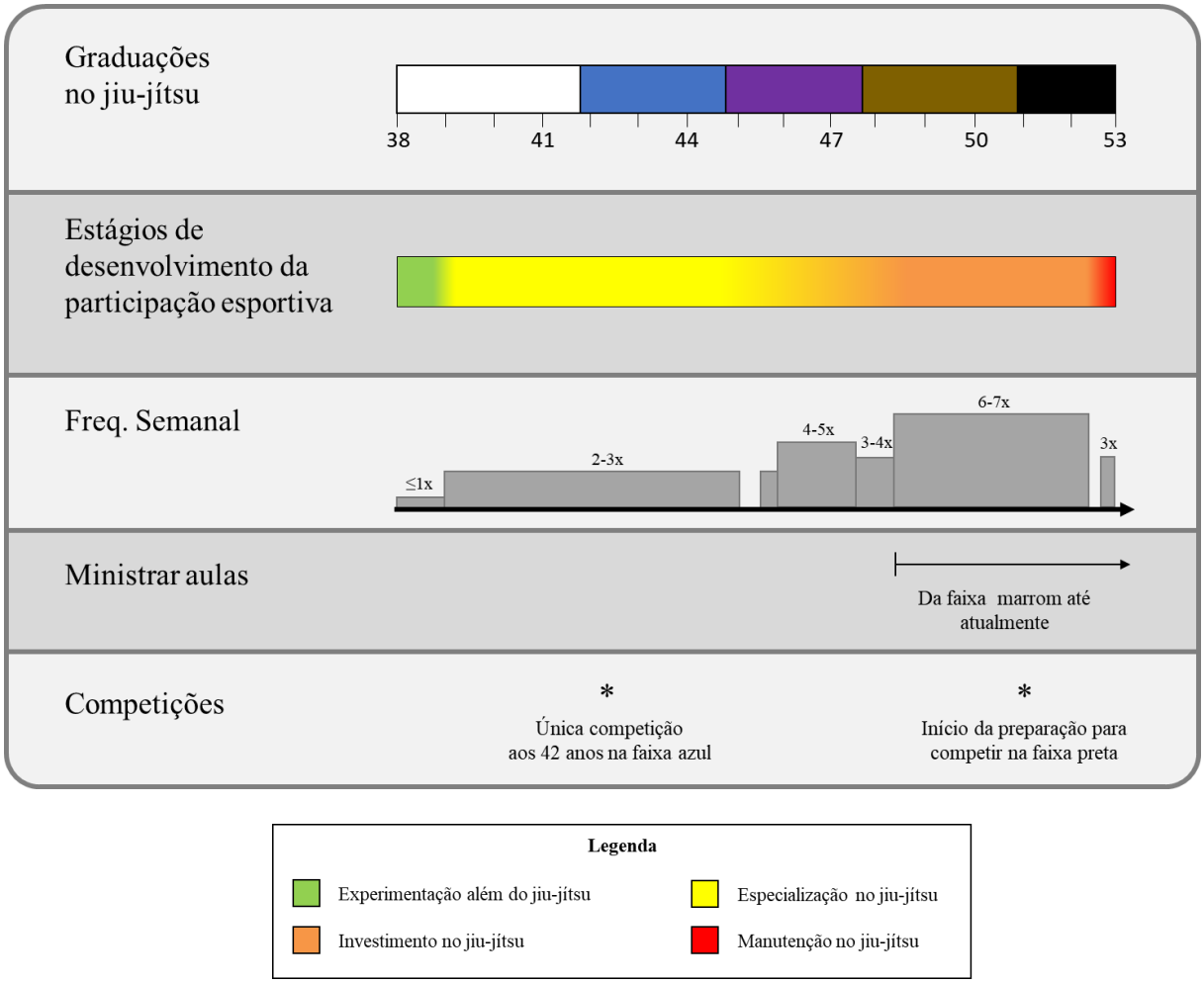
Figura 21 – O desenvolvimento da participação esportiva de Fabrício



Fonte: O próprio autor.

Já a figura 22 permite observar o desenvolvimento da participação esportiva de Fabrício no jiu-jítsu, apresentando sua graduação, estágio de desenvolvimento da participação esportiva e frequência semanal em cada idade específica, além do início de suas atividades como instrutor e da única participação em um evento competitivo aos 42 anos. A figura também destaca o período que Fabrício iniciou uma preparação com o objetivo de participar de uma competição oficial na faixa preta.

Figura 22 – O desenvolvimento da participação esportiva de Fabrício no jiu-jítsu



Fonte: O próprio autor.

5.3.2 Contexto de desenvolvimento esportivo e pessoal de Fabrício

Fabrício nasceu e vivenciou toda infância, adolescência e parte da vida adulta na zona rural. Aos 26 anos de idade ele se mudou da fazenda onde morava para o perímetro urbano do mesmo município de porte médio no interior paulista, onde que vive até os dias hoje. Como viveu na zona rural até a idade adulta, o contato com prática deliberada só foi viabilizado após sua mudança, tal como o que foi relatado por Renato.

O futebol foi a única modalidade esportiva com a qual Fabrício teve contato na sua infância e adolescência, tanto na escola, como na fazenda onde morava. Enquanto representava sua fazenda nos jogos locais, Fabrício contou com o apoio do pai. No entanto, quando teve a oportunidade de se mudar para treinar em um clube tradicional de uma grande cidade de sua região, seu pai se colocou contra, o impedindo de eventualmente seguir carreira no futebol.

> Meu pai sempre gostou de ir lá ver eu jogar bola. Sempre ficava na beira do campo dando o "vai" dele. Gritando: "Vai! vai!" [...] Nesse período eu fiz testes para ser jogador e passei num clube tradicional de uma grande cidade aqui da região, mas meu pai não me deixou ir porque eu era muito novo! [...] Tinha quinze anos.

Após se mudar do campo para a cidade, com esposa e filhos, Fabrício que nunca havia tido um treinador se torna, ele mesmo, treinador de uma modalidade esportiva na qual, apesar das semelhanças, não tinha praticado antes: o futsal.

> Assim que eu vim da roça pra cidade e comecei a trabalhar como segurança (1993). Aí eu fui chamado para ser técnico de futsal no centro comunitário de 1994 até mais ou menos 2004. Eu tinha um caderno onde eu anotava os nomes das crianças que apareciam, devia ter treinado mais ou menos quatrocentos alunos.

Fabrício conta que o primeiro contato de alguém de sua família com as artes marciais se deu quando ele tinha 34 anos e seu filho mais velho começou a praticar judô. E é também neste período que ele ouve sobre o jiu-jítsu pela primeira vez, mas sem se interessar pela sua prática.

> A primeira vez que eu ouvi falar de jiu-jítsu foi quando meu filho fazia judô com uns quatorze anos em 2001. Meu filho sempre foi um cara muito grande, com quatorze anos tinha um metro e oitenta e dois e quase cem quilos, então machucava muito. E aí tinha um vizinho meu que estudava e falava assim: "Põe esse moleque no jiu-jítsu, tá machucando e você ainda deixa seu filho ir lá?". Eu falava: "Eu não vou mexer com isso aí não, eu não curto isso aí não". Foi quando eu ouvi falar de jiu-jítsu a primeira vez.

Aos 38 anos, Fabrício começou a assistir alguns treinos de jiu-jítsu na academia onde trabalhava como segurança. O professor que ministrava estas aulas passou então a convidá-lo a treinar, até o dia que ele cedeu ao convite e participou de sua primeira aula.

> E o professor D dava aula de jiu-jítsu lá na academia que eu era segurança e as vezes eu encostava na parede e ficava olhando. Aí ele falava: "Vamos fazer? Vamos fazer!". Eu falei: "Eh, vou mexer com isso não". E aí um dia: "Ah, vamo fazer, vamo fazer..." e ele me emprestou um quimono e eu fui fazer. Nessa época eu estava com 38 anos.

Apesar do seu início tímido no jiu-jítsu, sua relação com a modalidade esportiva se intensificou quando sua filha de onze anos, Jéssica, passou a treinar e o jiu-jítsu se tornou uma atividade de pai e filha. Logo no primeiro ano em contato com o jiu-jítsu, Jéssica foi incentivada pelo professor D a participar de competições e o primeiro contato de Fabrício com este ambiente se deu através dela, que passou a ter destaque no cenário competitivo regional. Agora, além dos

treinos, Fabrício levava a filha em competições, oferecendo além de seu apoio paterno, suporte logístico, como por exemplo na viabilização de patrocínios.

> Fazia oito meses que ela treinava e o professor D falou: “Tem uma menina da cidade vizinha que foi campeã paulista e eu vou levar a Jéssica para rolar com ela”. No primeiro campeonato da minha filha, ela estava de faixa amarela, com 8 meses de treino e passou o caminhão na menina. Finalizou no mata-leão e finalizou feio. [...] A minha experiência com campeonato foi isso, eu já levei ela em muito campeonato, muito campeonato mesmo. Já lutei em mais de setenta competições com ela aqui na região. De todos os campeonatos que participou ela ganhou a categoria. [...] Eu sempre fui muito torcedor dela e eu sempre fiquei muito atrás de patrocínio. Ela ganhava R$ 1.200,00 de patrocínio pra lutar todo mês.

Todo suporte técnico de Jéssica ficava a cargo do professor D. Fabrício se recorda de quando o professor D o orientou a não gritar para a filha durante suas lutas, pois isso tenderia a prejudicar o seu desempenho.

> Nós fomos em um campeonato e eu comecei a gritar para minha filha. Ela ganhou a primeira luta. Mas ela não olhava o professor D, ela olhava pra mim. O professor D falou assim: “Fabrício, deixa eu te explicar como que funciona. Se tiver um milhão de pessoas e você gritar, ela não vai ouvir um milhão de pessoas, ela vai ouvir a sua voz. Você é pai dela. Então faz um favor pra mim, não fala nada e deixa ela ouvir a minha voz”. A segunda luta com o professor D falando com ela, ela passou o caminhão na menina. Eu ficava com aquela vontade, mas eu não falava. Eu estava quase rolando com ela no tatame lá.

Quando Fabrício tem 45 anos, o professor D, que havia sido responsável por graduá-lo nas faixas azul e roxa, deixa de ministrar aulas de jiu-jítsu para se dedicar a outras atividades em sua academia. A partir daí, Fabrício passa a treinar com professor E, ainda na mesma equipe.

> Eu deixei de ser aluno dele porque ele começou a dar treinamento funcional e foi parando o jiu-jítsu. A minha filha já tinha passado a treinar com o professor E e como o professor D já tinha falado que ia mudar os horários de treino dele justamente por causa do funcional, eu peguei e passei também pro professor E [...] Eu tinha uns 45 anos e estava na roxa há um ano e pouco e era faixa roxa primeiro grau.

Por sempre ter participado na mesma equipe, Fabrício vivenciou treinos com uma mesma estrutura central. Apesar da estrutura ser a mesma, as aulas de seus professores poderiam se diferenciar em alguns aspectos, como no aquecimento do professor D que é lembrado pela maior demanda de vigor físico.

> Eu sempre treinei na mesma equipe. [...] Um treino de uma hora e meia eles dividem bem em três partes de trinta minutos. Eles dividem a partes do aquecimento, da técnica e do rola. Meus dois professores são da mesma equipe e seguem a mesma estrutura, mas eu lembro que o aquecimento do meu

> primeiro professor sempre foi um aquecimento muito mais puxado. Fazia bastante exercício que você falava: “Amanhã eu não volto”. Já a parte do alongamento eu acho que é padrão no mundo inteiro, tanto que a gente faz ela em todo lugar que a gente vai. Fazemos as mesmas coisas e as vezes muda uma ou duas posições.

Outra diferença entre os dois professores está na forma como Fabrício se relacionava com cada um. É possível observar a predominância de diferentes tipos de liderança em cada um. Enquanto o professor D adotava uma posição mais passiva diante de uma frequência de treinos relativamente baixa, seu segundo professor foi mais enfático em cobrar maior dedicação aos treinos. Ele relata que por ser amigo do professor E desde antes de ser seu aluno, era ainda mais exigido.

> Mas foi muito compensador, porque eu acho que o professor D falava assim: “eu não vou ficar falando na cabeça do cara a vida toda pro cara treinar. Eu vou atrás do cara e o cara não vem. Eu vou ter que ficar falando: vem, vem?”. E o professor E já pensava de um outro jeito: “Oh, você tem que vir todo treino!”. [...] Mas pensa numa pessoa que te exige. Eu sou aluno do professor E há uns sete anos, mas eu sou amigo dele faz uns 20.

Apesar do contexto hierárquico e do ambiente marcado pela exigência do professor, sua relação dentro e fora da academia foi caracterizada pelo equilíbrio entre os papéis de amigo, professor e aluno. Um detalhe importante sobre sua relação com o professor E é que eles procuram não falar sobre jiu-jítsu fora do ambiente de treino, pois sempre existiam outros assuntos pessoais pautando suas conversas.

> A gente viaja junto, vai pra todo quando é lugar junto, toma cerveja junto. A gente é amigo de dentro de casa, muito amigo mesmo, mas ele não confunde as coisas não. Não é porque eu sou amigo dele que ele vai me favorecer, muito pelo contrário, ele vai exigir muito mais das pessoas que tem amizade do que do cara mais estranho. Ele fica mais de boa e traz o cara pra ele. A exigência é muito grande. Você não tem nem noção. [...] Mas a gente nunca teve atrito. Bate boca sobre divergência de opinião com o professor E as vezes tem, mas a gente bate boca sobre aquela questão, pisa fora do tatame e um já chama o outro pra tomar cerveja e vai os dois tomar cerveja. E aí a nossa conversa já não é sobre o jiu-jítsu. A gente conversa sobre a nossa vida, sobre o que nós vamos fazer, sobre isso e aquilo, mas não é sobre o jiu-jítsu.

Sua filha Jéssica, conquista a faixa roxa na mesma cerimônia de graduação em que foi conferida a Fabrício, a faixa marrom, em 2014. Neste que foi seu último ano na faixa azul, Jéssica participou de suas últimas competições antes de interromper os treinos para se dedicar ao ensino superior. Fabrício relata que sua filha, apesar de ter sofrido uma lesão no joelho, deu continuidade ao treinamento enquanto pôde, visando participar de grandes competições com as

quais havia se comprometido. Enquanto a filha interrompe sua carreira competitiva, Fabrício mantem-se ativo nos treinos.

> Ela teve uma lesão no joelho e não parou de treinar porque era um ano que tinham quatro campeonatos grandes e federados. Então ela colocava a joelheira, metia gelo e treino, treino e treino. [...] Ela pegou a roxa junto comigo em 2014. [...] Ela parou, foi pra faculdade em 2015 e terminou agora final do ano (2019) e voltou a treinar. Está indo, umas duas ou três vezes por semana. [...] Essa dor continuou, ela ainda sente.

Fabrício é o primeiro aluno do professor E a ministrar aulas de jiu-jítsu e ter seus próprios alunos. Observa-se que este professor assumiu uma postura de mentor, preparando Fabrício e demonstrando preocupação com a qualidade de sua formação como professor através, principalmente, da consideração individualizada, um dos elementos centrais da liderança transformacional. Durante seus primeiros seis meses atuando como instrutor, na faixa marrom, ele contou com a presença semanal do professor E em suas aulas, dando suporte e observando sua conduta, como uma espécie de estágio supervisionado.

> Eu sou o primeiro professor do professor E. Quando eu comecei, ele falou assim: "a cada quinze dias eu vou na sua aula". Mentira, ele ia lá toda semana. Ele entrava e virava um aluno meu. Era um teste. Nossa, era tenso. Você ter um professor do seu lado, o cara que te qualifica, e você pensa assim: "Pô, o que eu vou fazer agora? Se eu fizer errado o cara tá me olhando". Ele chegava lá, ficava de cabeça baixa e fazia tudo na boa, mas pra ver o que e como eu estava ensinando para os alunos e pra me instruir se eu precisar. Ele foi seis meses pra lá e quando chegou no fim do ano ele falou: "Anda com suas pernas agora, a turma aqui é sua".

Fabrício ressalta que hoje, aposentado em sua profissão de segurança e atuando como professor de jiu-jítsu, só não coloca a modalidade esportiva a frente de sua família. Divorciado de seu primeiro casamento, ele vive com os filhos na cidade 3 e retrata um ambiente familiar em que todos praticam alguma L/AM/MEC.

> A única coisa antes do jiu-jítsu são meus filhos. Tirou os meus filhos, de resto mais ninguém. A gente é muito unido. Eu separei, mas eles foram morar comigo, eles não moram com a mãe. Lá em casa todo mundo faz arte marcial, mas a gente é muito sossegado. A primeira regra é não "brincar de mão". Não tem nenhum tipo dessas brincadeiras lá. A minha menina é faixa roxa de jiu-jítsu, meu filho parou o judô e hoje é faixa marrom no aiquidô e eu sou preta no jiu-jítsu.

Treinando e posteriormente ensinando o jiu-jítsu, Fabrício tem contato com diferentes pessoas, expandindo seu repertório de experiências interpessoais. Em sua fala é possível identificar que apesar do jiu-jítsu não ser uma modalidade esportiva coletiva propriamente dita, o seu ambiente de ensino é marcado pela demanda de uma forte coesão de grupo. Durante sua

formação, Fabrício aprendeu a conviver com as diferenças e teve a oportunidade de conhecer colegas que deixavam o ambiente dos treinos agradável. Hoje em sua academia, ele preza por um ambiente que favoreça o coletivo.

> Tem aquelas pessoas que você se adapta, aquelas pessoas que você engole e aquelas pessoas você fala que é o cara. Você olha assim, e as vezes o cara não tem a técnica tão boa, mas o cara é um cara que chega e traz um ambiente bom, a cabeça dele é boa e tal. [...] O jiu-jítsu é um esporte para toda a família. Hoje na minha academia eu vou construindo uma família. Pra você ter uma base: tem o pai, com 48 anos, e o filho de dezoito, tem a tia com 24 e o sobrinhos com quatorze e dezoito e a outra menina que é irmã deles de 12. [...] Se você chegar lá e estiver com dificuldade, sempre terá vários alunos para te ajudar, você nunca estará sozinho. As vezes tem um no banco lá sentado e ele sai e vai ajudar. As vezes tem cinco em volta de você. Eles não querem que as pessoas vão embora. Eles querem que a pessoa se sinta bem, se sinta acolhida.

Apesar de já ter conquistado a faixa preta e *status* de professor, Fabrício manteve um forte vínculo com seus professores, acima de qualquer identificação com sua equipe, de modo que, se seu professor mudar de equipe, ele e todos os seus alunos também o farão, como consequência.

> E hoje a minha turma é um braço da equipe γ por conta do professor E e também do professor D. É aquela questão da gratidão que nós precisamos ter com quem nos fez dar um passo para a frente na vida. O professor E fala que se um dia o professor D sair da equipe, ele também sai. E se um dia o professor E sair da equipe, eu também saio. [...] O professor E me ajuda muito e eu vou manter respeito por ele a vida toda. [...] E lá na minha academia é uma sequência da academia do professor E.

Fica evidente que os professores de Fabrício foram bem-sucedidos na função de líderes transformacionais, sobretudo o professor E que o acompanhou durante a reta final de sua formação no jiu-jítsu. Fabrício não hesita em demostrar o sentimento de gratidão ao professor E sob forma de lealdade, imbuindo em seus alunos os valores hierárquicos de sua equipe. Ele conta que faz questão de ter seus alunos visitando os treinos do professor E e apresentando condutas exemplares que demonstrem reverência, respeito e disciplina dentro do tatame.

> Eu não mexo uma agulha na minha academia sem autorização do professor E! Os caras falam assim: “Você é dono do seu nariz e você fica pedindo benção.” “Fico, fico sim!”. O que eu tenho de jiu-jítsu o cara tem de faixa preta. Foi o cara que transformou no que eu sou hoje. Ele tem que merecer o meu respeito pelo resto da vida. Isso é gratidão, isso pra mim é o primeiro sentimento que o ser humano tem que ter. É isso que eu falo para meus alunos sempre: “As primeiras coisas que você tem que ter é humildade e gratidão. [...] Ele vai lá e os meus alunos vem aqui. A gente se sente na obrigação de vir. Um dia veio todos os meus alunos, acho que tinha 22. Nossa o professor E ficou numa alegria: “22 alunos do cara aqui dentro, que consideração!”. [...] E eu sempre

> falo para os meus alunos: “Em qualquer lugar que você for, sempre olhe o que os graduados fazem no tatame, sempre os graduados de faixa marrom ou preta. Se os caras estão de boca fechada, fique com a sua também fechada, porque eles sabem a conduta que o mestre deles quer que eles tenham, então faça igual!”. Os meus alunos vêm aqui e não dão um pio. O professor E fala as coisas e eles ficam caladinhos prestando atenção.

Fabrício pontua que, apesar da hierarquia existente nesta relação, o professor E não exerce liderança de forma autoritária obrigando fidelidade, pelo contrário, ele inspira respeito através de sua conduta, um exemplo notável de influência idealizada, um dos pilares da liderança transformacional.

> Tem que ter filosofia! O cara não pode achar que é dono de tudo. O cara não pode achar que o aluno é só cifrão. Se o professor E um dia fizer as cagadas que eu sei que fazem por aí, ele não vai ter meu respeito. Ele tem meu respeito porque ele é um cara centrado. Ele é um cara que se aquilo ali é certo pra ele e é aquilo ali. E se você falar para ele que vai sair dali pra outra equipe ele vai te responder: “Vai lá e se não der certo lá volta que estamos de braços abertos aqui”.

Como já foi abordado anteriormente, na faixa preta, Fabrício iniciou sua preparação visando participar de uma competição oficial. Ao presenciar diversos eventos na condição de espectador e, posteriormente professor, ele conta que passou a se sentir competente para participar de uma competição oficial como atleta. Aos 52 anos, Fabrício estabelece seu vínculo federativo com CBJJ com este intuito, já que havia constatado que as grandes competições são mais bem organizadas em comparação com eventos locais ou regionais. Nestes eventos oficiais ele tem a garantia de que só lutaria com adversários com a mesma graduação, categoria de peso, e principalmente, no mesmo grupo etário[32], o que não é necessariamente garantido em competições menores que contam com menos atletas.

> Eu não era federado, federei na CBJJ em 2019 já na preta [...] Queria participar de uns campeonatos pra sentir como que é. Eu via os caras da minha categoria lutando nos campeonatos federados que acompanhava o professor E e minha filha. [...] Eu vi os caras rolando lá e o cara foi campeão porque ele atacou duas vezes a perna do outro. [...] E aquela ideia que eu tinha de que seria impossível não existe. Eu pensei: “Eu fiquei com medo de que até hoje? Eu fiquei com cisma do que? De entrar num campeonato?”. E eu vi que não era isso tudo que eu pensava, não era tão difícil de conseguir. Porque assim, eu sou um cara pesado, mas eu tenho o meu rola. [...] Comecei a me preparar para ir nesses campeonatos grandes porque eu vi que era certeza que aí lutar com

[32] Fabrício iria competir na faixa preta, na categoria Master 5, isto é, somente contra atletas desta graduação, com idades entre 51 e 55 anos e dentro de sua categoria de peso (não informada).

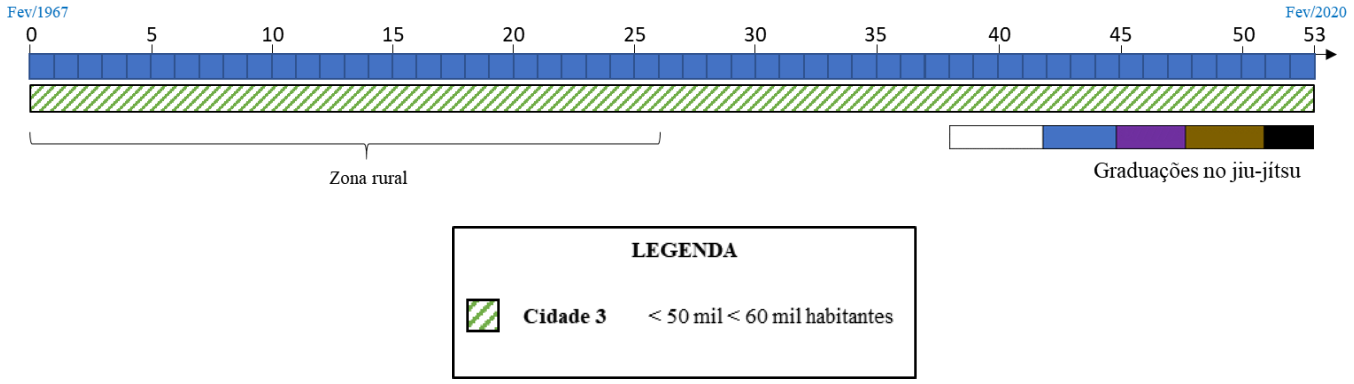
> algum cara da minha categoria e da minha idade. Eu vi que é muito mais tranquilo e organizado que os campeonatos da região.

A participação de Fabrício em uma competição oficial nunca chegou a acontecer. Após ter sua preparação interrompida devido a um problema de saúde, ele se ateve ao seu objetivo primário no jiu-jítsu a partir da faixa marrom: ensinar e formar campeões, se inspirando no exemplo de seus professores. Hoje, apesar de sua idade e graduação, o professor E continua orientando ativamente a prática esportiva de Fabrício, como por exemplo, o impedindo de exceder os seus limites novamente para que se preserve sua saúde.

> Estou voltando a fazer uns rolinhas, mas muito contra a vontade do professor E. Na quarta-feira eu fui lá e aí eu comecei a fazer as posições. Fui fazer o avanço militar no aquecimento e a perna direita não ajuda, porque tenho aquela lesão nela. Eu não estava conseguindo levantar e ele falou: "Encosta lá! Eu quero que você volte aos poucos. Todo treino eu quero que você venha, mas eu quero que você volte aos poucos". Eu falei: "Deixa eu fazer um rolinha com os brancas". "De jeito nenhum!". Como na terça-feira era um outro que ia dar aula, ele falou assim: "O cidadão aqui pode fazer as posições, mas rolar de jeito nenhum, viu? Se ele rolar, eu que vou conversar com você!". Então o cara não me deixa rolar, por causa da minha saúde.

Na figura 23 é possível observar que Fabrício sempre viveu no mesmo município, mudando-se da zona rural para o perímetro urbano somente aos 26 anos, o que influiu diretamente no acesso a prática esportiva.

Figura 23 – A mudança da zona rural para o perímetro urbano vivida pelo participante 3

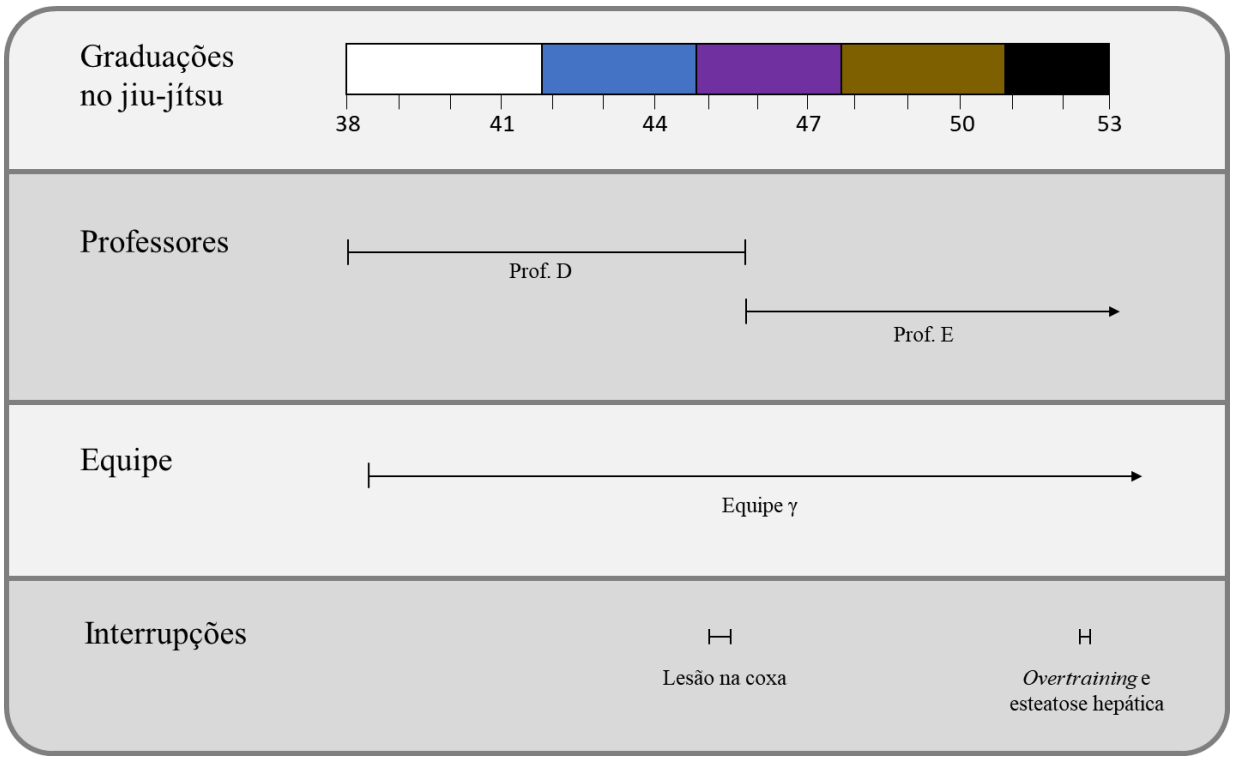


Fonte: O próprio autor.

A figura 24, por sua vez, apresenta a única mudança de professores vivida por Fabrício no jiu-jítsu, sua única equipe e os motivos de interrupção no seu treinamento. Nota-se que durante sua participação no jiu-jítsu, Fabrício treinou exatamente com os mesmos professores

e na mesma equipe citada por Iuri, os quais também fizeram parte do desenvolvimento da participação esportiva de Renato no período que residiu na cidade 3.

Figura 24 – Mudanças de professores e os motivos das interrupções de Fabrício no jiu-jítsu



Fonte: O próprio autor.

5.4 MURILO: O PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR QUE ATUOU COMO INSTRUTOR DE JIU-JÍTSU DA FAIXA AZUL À MARROM

Murilo iniciou-se no jiu-jítsu aos 21 anos e estava com 37 anos no período da entrevista. Faixa preta há um ano, Murilo é professor de Educação Física Escolar e não atua como professor de jiu-jítsu, embora tenha sido instrutor da modalidade esportiva entre as faixas azul e marrom.

5.4.1 Estágios da participação esportiva de Murilo

Murilo nasceu em 1982. Ele relata que sua infância e adolescência sempre foram marcadas pelo grande volume de atividades ao ar livre, sem nenhuma sistematização e que podem ser classificadas como jogo deliberado.

> Eu sou de abril de 82 [...] Fui um moleque muito ativo, no caso, gostava muito de se movimentar. Eu sempre andei de bicicleta, mas por recreação. [...] E nadar também. A natação eu gosto muito, eu fiz pouca aula de natação na vida, mas nadar assim em represa, rio, gostava demais, ia todo final de semana.

Aos treze anos, Murilo tem seu primeiro contato coma prática deliberada através do futebol, começando a treinar no time de sua cidade e chegando a participar de competições amadoras locais. É no futebol que Murilo se especializa pela primeira vez.

> Eu comecei treinar futebol com uns treze anos e joguei no time da cidade 9. [...] lembro que tinha os treinos, a preparação física, o aquecimento, depois o alongamento, a parte técnica, tática e jogo. [...] Fomos disputar campeonato fora, era por essa época aí. Era o campeonato amador, não era um campeonato muito importante não.

Ele participa de ambientes de treinamento e competição no futebol ao longo de sua adolescência até os dezesseis anos, quando toma a decisão de deixar a modalidade esportiva. Tal como Iuri, Murilo não se destacava entre os mais habilidosos do time, além disso, não havia identificação com os valores transmitidos em campo, o que fez com que perdesse o interesse em continuar treinando.

> Eu vi que eu não tinha muita habilidade com aquela coisa, mas o motivo é o seguinte, eu vou falar, esse negócio de fingir dor não existe pra mim, entendeu? [...] Tudo bem que faz parte da modalidade, mas comecei a ter aversão ao futebol principalmente pela conduta. [...] A gota d'agua foi quando eu tinha quinze anos e fui expulso de um jogo. Eu jogava na ponta direita e tinha um rapaz que começou a me provocar. Começou a puxar pra trás pela camisa e dar murro, e no momento de correr, virei e dei uma cotovelada no nariz dele. Isso daí gerou uma discussão e o time veio pra cima. O técnico do meu time achou ruim comigo ainda. Mas o cara já tinha xingado minha mãe e já tinha cuspido na minha nuca quando o juiz não estava olhando. [...] Pelas condutas do esporte eu não [pausa], eu fui meio que me afastando do futebol, fui até os dezesseis e aí parei.

Aos dezenove anos, Murilo inicia os estudos no ensino superior, cursando Educação Física, assim como seus dois irmãos. Muito em virtude desta escolha, ele continua vivenciando práticas esportivas diversificadas e um estilo de vida bastante ativo até os dias atuais. Após uma experiência com o futebol que gerou aversão às condutas vivenciadas na modalidade esportiva, ele demonstra preocupação, como professor de Educação Física Escolar, em oferecer oportunidades de práticas diversificadas aos seus alunos.

> Mas eu não deixei de ser ativo em momento nenhum. [...] Em 2001 eu comecei e estudar educação física na faculdade, então eu joguei de tudo um pouco. [...] Eu sou totalmente ativo por ser professor de educação física. A atividade física virou um hábito e tento incentivar todo mundo a praticar por gostar muito. Eu troco o meu carro por bicicleta. Agora eu guardo o meu carro no meu

> apartamento e fico com a bicicleta até na segunda-feira de manhã. [...] Hoje eu tento inserir outras modalidades fora o futebol, só que nos interclasses, se tem dez times de futsal, tem um de voleibol. A gente está no país do futebol, então não tem como. Mesmo assim, eu me preocupo em passar as outras modalidades para os meus alunos e dou o futebol mais por estar no currículo do estado mesmo. Você tem que ensinar o futsal.

No mesmo ano que Murilo começou a cursar Educação Física, ele também deu início aos treinos de musculação, frequentando a academia de segunda a sexta-feira. “A musculação eu comecei com dezenove anos em 2001 e de 2001 até mais ou menos 2003 eu ia de segunda a sexta-feira. A musculação foi a base”.

Aos 21 anos, Murilo teve o primeiro contato com o jiu-jítsu e passou a ter a musculação como prática secundária em poucas semanas, iniciando assim, um processo de especialização. Antes disso, ao deixar o futebol aos dezesseis anos, ele continuou ativo através dos anos de recreação. A partir de sua iniciação no jiu-jítsu, a musculação passou a assumiu o papel de prática complementar, como forma de preparação física. Sua frequência semanal no jiu-jítsu ao longo da faixa branca foi de três a quatro treinos, enquanto o volume semanal na musculação reduziu em relação ao período anterior. Vale ressaltar que além do jiu-jítsu e da musculação, ele permaneceu tendo contato com práticas diversificadas na faculdade, e considerando o contexto destas atividades, não se descaracterizou sua evidente especialização no jiu-jítsu.

> Com 21 eu entrei no jiu-jítsu e o jiu-jítsu foi o esporte que eu segui com mais perseverança, mas a musculação foi sempre um suporte pro jiu-jítsu. [...] O objetivo da musculação é fortalecer a máquina pra eu ir treinar e trabalhar. E esteticamente a gente sempre quer melhorar também. [...] Quando eu comecei o jiu-jítsu, a academia eu mantive também, assim, como eu posso dizer, eu sempre conciliei e nunca parei, mas eu deixei ela um pouco de lado. [...] A partir das primeiras semanas, como eu treinava muito jiu-jítsu, a musculação passou pra duas ou três vezes por semana. No jiu-jítsu falando uma base por baixo, da faixa branca até a faixa azul eu acho que eu treinava de três a quatro vezes por semana desde que eu entrei.

Aos 24 anos, no mesmo período que conclui sua pós-graduação em Educação Física Escolar, Murilo tem seu primeiro contato com o processo de graduação no jiu-jítsu, quando realiza o exame para ser promovido a faixa azul. O exame em questão é lembrado pela preparação que o antecedeu e por sua extensão. Fica evidente que houve uma intensificação no treinamento motivada pelo exame.

> Eu fiquei na faculdade até 2006, porque fiz Pós-graduação em Educação Física Escolar. [...] A minha primeira graduação foi a faixa azul em 2006. Foi um exame de graduação que demorou nada menos que umas quatro horas. Um exame muito tinhoso, você tinha que mostrar a posição e o porquê de fazer aquilo. Era como se fosse uma chamada oral, ele perguntava e você tinha que

> fazer com o colega: “Como você faz para sair de um *arm-lock*? Quais as saídas que você tem?”. [...] O mês que antecedeu eu perdi cinco quilos treinando.

Murilo, que já vinha se reunindo com seus colegas para treinar jiu-jítsu fora da academia nas horas vagas (assunto aprofundado na próxima seção), começa a atuar como instrutor a partir da faixa azul, aos 25 anos, destacando-se como o participante do presente estudo que começou a ministrar aulas de jiu-jítsu mais cedo. Ele conta que, apesar de não ser permitido que alguém com esta graduação fosse instrutor em sua equipe, seu professor concedeu esta permissão considerando que não havia instrutores de jiu-jítsu em sua cidade. Além dessas aulas, ele passou a conduzir um projeto de iniciação ao jiu-jítsu fomentado pela prefeitura local. É importante pontuar que, até na faixa marrom, Murilo precisava viajar para treinar em cidades vizinhas (assunto abordado na próxima seção).

> Em 2007 eu comecei a dar aula na faixa azul. Eu fui chamando o pessoal pra treinar na lona lá na cidade 9 e aí começou a aparecer mais gente e eu pedi autorização pro professor I, porque naquela época a regra da equipe é que eu poderia dar aula só depois da faixa marrom. Só que como não tinha professor na minha cidade, ele falou: “Murilo, vai lá ajudando, vai treinando lá”. Então assim começou. E aí, para ajudar também, eu pedi uma mensalidade e comprei um tatame que colocava na minha *Pick Up.* Logo na sequência eu comecei a trabalhar na prefeitura, onde tive também o projeto de iniciação no jiu-jítsu.

No caso de Murilo, os anos de investimento no jiu-jítsu já se deram na faixa azul, a partir do momento que começou a atuar como instrutor de jiu-jítsu e experimentou uma maior frequência nos treinos e competições. Ele relata que ensinar o jiu-jítsu foi crucial para o seu desenvolvimento na modalidade esportiva, pois que além do aumento do volume semanal de treinos proporcionado pelo fato dele estar praticando de alguma forma enquanto ministrava suas aulas, o desafio de ensinar jiu-jítsu a partir da faixa azul significou forte motivação para continuar evoluindo como praticante.

> Eu comecei a dar aula e logo depois eu comecei a trabalhar na escola da família, eu era coordenador e eu pus o projeto de jiu-jítsu, então eu dava aula dentro do meu próprio serviço. Nessa época que dei aula de jiu-jítsu, eu chegava a treinar de manhã e de tarde. Eu sempre dei aula e na aula eu treinava e rolava junto. Então tiveram anos emendados fazendo isso. Eu rolava e descansava no domingo e olhe lá. [...] Eu treinava três vezes com o professor I, mas pode por uma média de seis até sete treinos, porque eu treinava com meus alunos também. [...] Acho que quando você dá aula, você cultiva. Você está ali dentro e não tem essas influências do cansaço, porque eu acho que a cobrança é maior. Quando você está dando aula você precisa estar evoluindo, você precisa estar adaptando, você precisa estar preparado para poder ensinar pra todo mundo. Então não pode encostar. Para dar aula tem que treinar.

Murilo não se recorda de quantas competições participou, mas destaca que o período que mais competiu foi na faixa azul, participando de cerca cinco a dez eventos regionais por ano, na companhia de seus colegas de equipe e alunos. Antes mesmo de atuar como instrutor, ele relata ter participado de outras competições na faixa branca a partir do final do primeiro ano de prática, mas sem se recordar de mais detalhes. “No primeiro campeonato eu estava quase pegando um ano de treino. [...] Na branca eu fui em uns cinco campeonatos, na azul eu fui de cinco a dez campeonatos por ano. Não lembro exatamente quantos”.

Aos 26 anos, Murilo é graduado faixa roxa pelo professor I. Ele explica que o professor em questão adotava diferentes procedimentos na graduação de diferentes faixas. A transição da faixa azul para roxa não demandou um exame como na graduação anterior. Além do tempo de prática, o desempenho nos treinos e competições foram critérios observados para tomar a decisão de promover Murilo à faixa roxa.

> Aí na roxa foi mais por tempo e merecimento, não foi por exame. Acho que ele pensava: “Por que você vai fazer o *arm-lock* de novo se você já mostrou que sabe?”. O professor decidia se ia te graduar conforme o seu desempenhar nos rolas. Se você é faixa azul e está dando um pau em faixa roxa, você começa a mostrar serviço e aí você merecia a graduação, entendeu? Ou você vai pra campeonato e começa a ganhar. Então tinha que ser por merecimento, dar o sangue pra merecer.

É ao longo da faixa roxa que Murilo participa de suas duas últimas competições, encerrando seu breve investimento em uma carreira competitiva regional devido aos seus horários de trabalho que se estenderam aos finais de semana durante este período.

> Na roxa eu só fui em dois. O último que eu fui acho que foi em 2009, foi um campeonato *top*, deu uma premiação boa. Eu lembro que até os irmãos Miyao estavam lutando de azul. [...] Eu tive que parar porque eu comecei a trabalhar de sábado e domingo, então não tinha como sair e esses campeonatos eram de sábado e domingo. [...] Nessa época eu trabalhava na escola da família e fiz uma oficina de jiu-jítsu, então foi a época que eu mais treinava, mas não podia competir de fim de semana.

Devido a sua nova rotina de trabalho, entre 27 e 28 anos, Murilo reduz sua presença nos treinos do professor J para uma vez por semana. Há, portanto, uma inversão gradativa do volume de tempo dedicado a treinar como aluno e a ministrar aulas como instrutor. Considerando a queda de sua frequência nos treinos, há uma desaceleração no processo de graduação que fez com que Murilo permanecesse por mais tempo do que o esperado para a faixa roxa. Já em seu último ano nesta faixa, ele começa a ministrar aulas, também em outra cidade e em virtude disso passa a treinar de cinco a seis vezes por semana (considerando ministrar aulas como uma forma de praticar jiu-jítsu).

> Na roxa eu fiquei muito tempo porque eu comecei a trabalhar de sábado e domingo, então não dava. Eu trabalhava a semana inteira e se antes eu conseguia treinar até cinco vezes por semana lá, eu comecei a conseguir ir uma enquanto continuei dando duas aulas por semana na cidade 9 e rolando com esses meus alunos. O professor cobrava demais. Então ficou meio que protelando, você tem que merecer. [...] Acho que um ano antes de pegar a marrom a minha frequência subiu para cinco, seis vezes por semana porque dava aula em mais de uma cidade na época e rolava em todos os treinos.

Aos trinta anos, Murilo conquista a faixa marrom. Após ser indicado para graduação pelo professor J, ele é submetido a um exame que conta com a presença do professor fundador de sua equipe, o que gerou um pouco mais de apreensão.

> Então, o exame da marrom foi complicado, porque veio o fundador da equipe α lá do Rio de Janeiro e os alunos dele. Foi bem puxado, principalmente para os graduados, teve que fazer posição pra ele ver junto com o professor J, foi tenso. [...] Eu peguei a marrom em dezembro de 2012.

No seu primeiro ano na faixa marrom, Murilo se muda de cidade e encerra sua participação como instrutor de jiu-jítsu. Após cerca de um mês de interrupção enquanto se instalava na nova cidade, ele retorna aos treinos com um novo professor e em uma nova equipe (assunto aprofundado na próxima seção). O principal ponto a ser esclarecido sobre esta transição diz respeito a nova frequência de dedicação semanal ao jiu-jítsu, desta vez, unicamente na condição de aluno. Murilo reduz sua frequência semanal para de dois ou três treinos e há neste momento uma interrupção no investimento na carreira de professor de jiu-jítsu. Apesar da redução do volume de prática, o fato de continuar treinando e buscando novas graduações sustenta a afirmação de que Murilo continuou vivendo os anos de investimento, isto é, investindo em sua formação como faixa preta.

> Logo eu precisei sair de lá porque passei no concurso e vim morar aqui com mais ou menos uns trinta anos. [...] Vamos falar que fiquei sem treinar um mês até me instalar aqui na cidade 10 e voltar aos treinos de jiu-jítsu. Como eu parei de dar aula quando vim pra cá, eu só treinava duas vezes na semana, no máximo três, mas eu continuei buscando minha graduação.

A indicação para a faixa preta foi realizada pelo professor K, quando Murilo tinha 36 anos. O professor em questão perguntou se ele se sentia preparado para a graduação, e em um primeiro momento sua resposta foi negativa. Murilo destaca que a conquista da faixa preta significa uma grande responsabilidade e que naquele momento achou mais prudente esperar. Após esta conversa com professor K, houve um aumento na sua frequência nos treinos que significou o investimento final na conquista da faixa preta. Sendo assim, o momento de sua

graduação marca o início dos anos de manutenção da faixa preta, quando há novamente uma redução na sua frequência semanal.

> O professor K falou: “Murilo, você está rolando há um tempo aí...”. Eu já tinha rolado com vários pretas, então ele falou: “Você não quer pegar a preta?”, e até então eu não queria. É muita responsabilidade, você não tem noção. E eu falei: “Você acha que eu mereço?”. Então ele demorou mais uns seis meses pra me dar a preta depois disso, nesse tempo eu já estava mais empenhando treinando de três a quatro vezes por semana. [...] Em dezembro de 2018 ele me deu a preta. [...] Depois eu voltei naquele ritmo de dois, no máximo três dias.

Murilo compreende o momento que conquistou a faixa preta como a conclusão de um objetivo pessoal que cultivava desde sua iniciação no jiu-jítsu. Para tipificar a magnitude desta conquista, ele compara a trajetória percorrida no jiu-jítsu até a faixa preta com a trajetória acadêmica de quem conclui um curso no ensino superior.

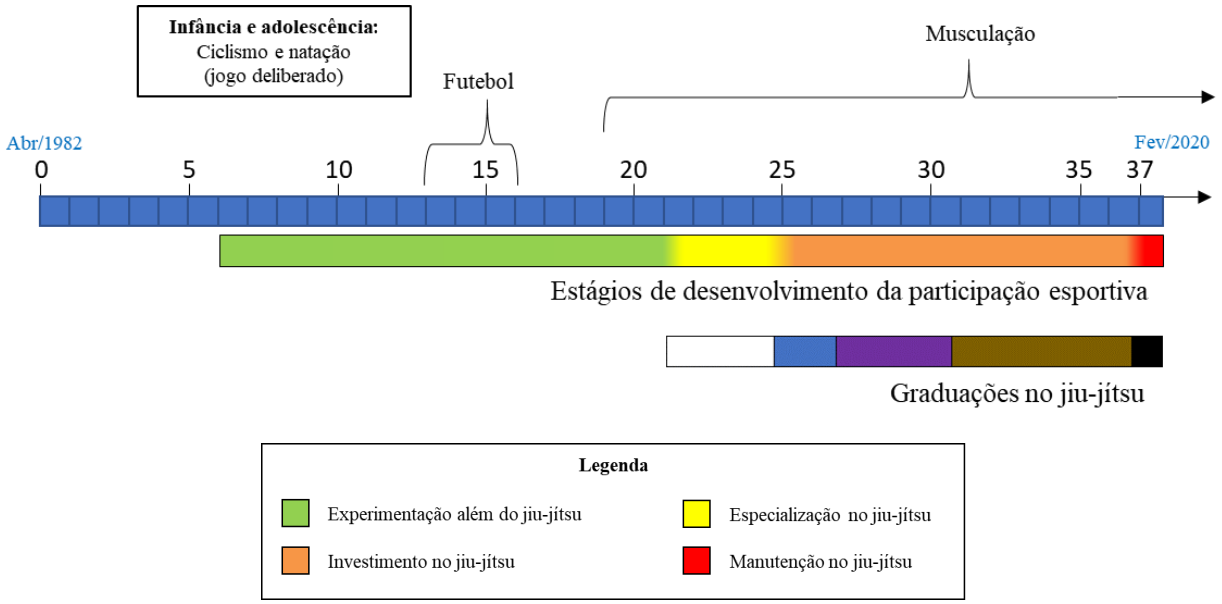
> Desde quando eu entrei já tinha o objetivo de pegar a faixa preta e eu não desisti por nada. É um esporte para toda a vida. Eu costumo dizer que pingou, mas não secou. [...] Quando peguei a faixa preta eu lembrei de tudo que passei, de como eu comecei, do meu primeiro quimono, da faixa branca, de quando eu aprendi a dar nó na faixa e aquilo significou pra mim uma vitória, uma vitória porque é muito difícil alcançar, você tem que ser muito persistente. Foi uma alegria, uma satisfação, um orgulho de mim mesmo. [...] Se uma faculdade que você faz é no máximo dez anos, o jiu-jítsu, no meu caso foi uma formação de quinze anos.

Nos dias de hoje, Murilo inverteu a prioridade que o jiu-jítsu sempre teve com relação a musculação, no entanto, ele não planeja interromper sua prática, pois deseja garantir a manutenção do *status* de faixa preta perante o grupo de praticantes.

> Eu fazia menos musculação que jiu-jítsu até meio do ano passado. Em julho, eu falei: “Vou dar uma dedicada” e comecei a treinar musculação de segunda a sábado e nesse período o jiu-jítsu diminuiu o ritmo pra uma vez por semana no máximo pra não parar de treinar. [...] Tem gente que pensa: “Estou com faixa preta, eu estou com a minha missão cumprida”, eu não concordo. Não tem como eu pendurar o quimono, eu também não quero. [...] Todo mundo tem ego e se você pegar uma faixa preta todo mundo que pegar de qualquer jeito. [...] Até hoje eu nunca deixei de treinar nem por causa de lesão. Agora lesão sempre fica, ontem mesmo eu fui treinar. Sou faixa preta. E que jeito você fala assim: “oh, eu não vou rolar”. Os caras vão falar: “Esse tá com migué”. Eles não vão pensar isso?

A figura 25 é proposta para apresentar os estágios de desenvolvimento da participação esportiva vividos por Murilo ao longo de sua vida, contemplando, além do jiu-jítsu, todo seu repertório de experiências esportivas anteriores.

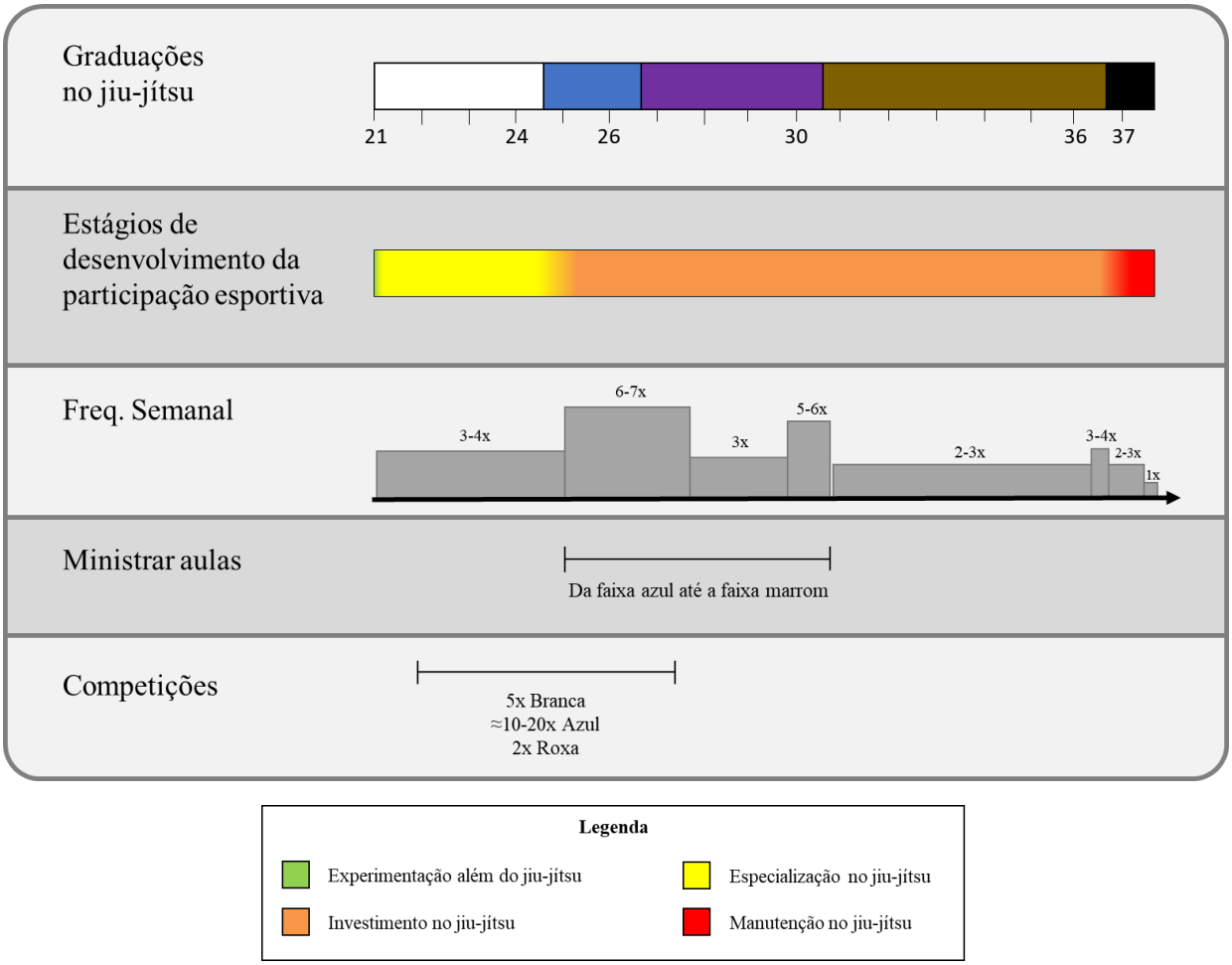
Figura 25 – O desenvolvimento da participação esportiva de Murilo



Fonte: O próprio autor.

A figura 26 é voltada ao desenvolvimento da participação esportiva de Murilo no jiu-jítsu, apresentando sua graduação, estágio de desenvolvimento da participação esportiva, frequência semanal e participação em competições em cada idade específica, além do início e do término de suas atividades como instrutor.

Figura 26 – O desenvolvimento da participação esportiva de Murilo no jiu-jítsu



Fonte: O próprio autor.

5.4.2 Contexto de desenvolvimento esportivo e pessoal de Murilo

Murilo viveu em diferentes cidades ao longo de sua infância devido ao trabalho de seu pai que era constantemente realocado em sua região. Ele não se recorda do tempo que passou por cada um dos cinco municípios paulistas de pequeno a grande porte em que foi criado até os onze anos de idade, quando sua família se mudou para a cidade 9. É nesta pequena cidade com menos de sete mil habitantes que ele passou a maior parte de sua vida, até os trinta anos. A infância, e principalmente, a adolescência de Murilo foram marcadas pela liberdade de ações que se poderia ter em municípios pequenos e médios do interior paulista nas décadas de 1980 e 1990.

> Eu nasci na cidade 5, meus parentes são todos de lá, mas não morei lá quase nada. A partir daí eu fui morar na cidade 3, porque o meu pai trabalhava no banco, então ele era designado e dependendo, ele tinha que assumir em outras

> cidades. De lá eu fui morar na cidade 6 e depois na cidade 7 e cidade 8. [...] Do início é muito difícil lembrar. Eu só sei que quando eu saí da cidade 8 eu tinha onze anos, então agora das outras eu não lembro, eu fiquei muito pouco tempo, foi coisa de um ano, as vezes até meses. Na cidade 3 mesmo minha mãe conta que foram meses, a cidade 7 também foi muito pouco tempo. [...] Da cidade 8 eu fui pra cidade 9 com onze anos e aí eu cresci lá até mais ou menos os trinta anos. [...] Ia pescar de bicicleta e andava muitos quilômetros, mesmo novo, de noite. Lá era diferente de hoje em dia.

Mesmo que Murilo demonstrasse interesse em iniciar-se em alguma L/AM/MEC durante sua adolescência, esta não seria uma possibilidade visto que, não se tinha acesso a este tipo de atividade na cidade 9. Por outro lado, a cidade contava com infraestrutura necessária para prática do futebol, primeira modalidade esportiva que Murilo se envolveu formalmente.

> Especificamente a arte marcial na minha época, não tinha, eu gostava de filme, mas na minha cidade não tinha e nem se tivesse acho que minha mãe não deixaria. [...] Então como quase qualquer jovem eu iniciei no futebol. Bom, eu tentei. A cidade já tinha uma história com o futebol e eles queriam ter categoria de base. Então era um negócio bem organizado, o campo era muito bom, tinha treinador.

Murilo treinou e competiu no futebol entre os treze e dezesseis anos, interrompendo sua prática principalmente por estar insatisfeito com o que ser referiu como “condutas do esporte” (assunto apresentado na seção anterior).

Diferente, por exemplo, da história de Iuri, Murilo não contou com estímulo ativo do pai para que praticasse futebol na infância e adolescência. Ele não cita a figura paterna influenciando de qualquer forma sua iniciação ou interrupção nos treinos de futebol. De fato, pode-se sugerir que a relação de seus pais com o esporte de maneira geral se estruturava de outra forma, como fica evidente na fala sobre sua mãe, apoiando a prática esportiva em um sentido mais amplo, com base em um conceito de vida saudável. Este ambiente familiar favorável ao esporte, e ao mesmo tempo livre de pressões, pode ter tido influência no fato de que Murilo e seus outros dois irmãos tenham cursado Educação Física e atuem na área.

> Minha mãe sempre pregou uma vida saudável, mesmo não tendo tanto conhecimento. Hoje nós temos muito mais acesso à informação pra saber como funciona, mas concepção de vida saudável de antigamente era se movimentar e ela sempre apoiou que a gente fizesse esporte. [...] Na minha família nós somos em três irmãos e os três são educadores físicos.

Na faculdade, Murilo conhece um amigo que já praticava jiu-jítsu e que o apresentou à modalidade esportiva. Ele relata que a primeira impressão que teve do jiu-jítsu claramente contrastava com a imagem negativa que se tinha construído com relação ao futebol. Como não

havia jiu-jítsu em sua cidade, aos 21 anos, Murilo passou a viajar cerca de 24 quilômetros para treinar em uma cidade vizinha.

> Tinha um cidadão que estudava comigo que era tipo aqueles *bad boy*, e eu falava: "Nossa, esse cara é muito da hora". Ele fazia jiu-jítsu e um dia eu pedi pra ele mostrar umas técnicas para eu ver como que era. Eu comecei a gostar muito pelo fato de não ter golpe traumático, era imobilização e projeção, e você tinha que ser bem técnico. Eu falei: "Ah, essa arte marcial é pra mim". [...] No jiu-jítsu era o contrário do futebol, o respeito era absoluto, no treino, e principalmente na competição. Se você está com dor, você não fala porque é o seu ego está acima de tudo e você quer continuar lutando. Achei da hora demais! [...] Então fui pesquisar e na minha cidade não tinha. Ninguém da cidade praticava, não tinha nenhuma noção, mas estava começando a época dos Gracie e você começava a escutar um Gracie de cá, Gracie de lá. [...] Como na época eu já dirigia e esse cara falou: "Vamos na cidade 5 que lá tem." [...] Foi quando eu iniciei, foi mais uma influência desse meu amigo.

Murilo se recorda do reforço positivo dado pelo pai no momento que começou a praticar jiu-jítsu, mesmo sem haver histórico familiar em L/AM/MEC.

> Quando eu cheguei em casa a primeira vez de quimono eu lembro certinho da cena, o meu pai falando: "Nossa, olha aqui, você é um samurai. Você ficou legal com esse quimono". Então aquilo lá foi muito bom, deu um pouco de moral. Ele só não falou: "Honra esse quimono", porque não tinha nenhum conhecimento da arte marcial e não sabia como funciona a conduta, mas fui sempre incentivado.

Murilo conta que treinou por cerca de dois anos com o professor H, que era instrutor faixa marrom no primeiro momento. Os treinos que vivenciou no seu primeiro contato com a modalidade esportiva são lembrados por sua dificuldade, em um contexto em que o jiu-jítsu não era proposto como uma prática inclusiva.

> Na branca eu comecei com o professor H e fiquei uns dois anos com ele. Quando eu comecei ele era um faixa marrom e depois pegou a preta. [...] Eu chegava no treino do professor H e era um treino pesado, essa época a galera não era igual é hoje, nem se compara com os treinos de iniciante hoje. E a gente chegava até meio machucado, porque já viu. [...] Você não podia ir embora. Se você tivesse cansado, você não falava que estava cansado. Você tinha que sentar do lado lá e fingir alguma coisa pra você não ir embora antes. Era diferente de hoje.

Além dos treinos formais na cidade vizinha, Murilo começou a praticar jiu-jítsu em sua cidade, sem supervisão de um professor e na companhia de alguns amigos no que se definiu primeiramente como prática espontânea. Esses amigos, logo começaram a acompanhá-lo em suas viagens. Ele se destaca como único participante do presente estudo a praticar o jiu-jítsu em um ambiente fora da academia e segundo seu discurso, o teor destas atividades girava em

torno da repetição de técnicas aprendidas nos treinos formais. Este foi o primeiro momento que Murilo se viu ensinando o jiu-jítsu, o que, considerando a existência da demanda por um instrutor em sua cidade, despertou o interesse em assumir esse papel nos próximos anos.

> A gente tinha uma lona de caminhão e nós a colocávamos num campo de futebol que eu treinava quando era novo. A gente armava aquela lona nos quatro cantos treinava no outro dia, as vezes no mesmo dia que treinava de manhã com o professor H, nós queríamos repetir as posições de tarde. Um começou a querer, depois dois, aí aumentou a turma e nós fechamos um carro pra ir treinar. Depois foram mais de dez pessoas no final. Isso antes de eu ter a autorização pra dar aula.

Após dois anos de sua iniciação, aos 23 anos, Murilo se vê obrigado a treinar em outra cidade vizinha, pois o professor H havia interrompido suas aulas. Neste período ele se torna aluno do professor I, instrutor faixa roxa que representava sua equipe nesta cidade. Para continuar treinado ele passou a dirigir cerca de vinte quilômetros.

> Treinei por uns dois anos e aí o professor H mudou de lá pra fora e ficou meio abandonado. Ele falou para treinarmos na mesma equipe, na cidade vizinha que ficava vinte quilômetros da minha. Fui treinar com professor I que era faixa roxa na época e lá eu treinei mais uns quatro anos.

Outro fato relevante na formação esportiva de Murilo foi a presença dos irmãos nos treinos de jiu-jítsu. Enquanto sua irmã frequentou algumas poucas aulas, seu irmão, que hoje se dedica a outra modalidade esportiva, treinou como seu colega de treino e posteriormente como seu aluno, chegando até a faixa azul.

> Minha irmã não treina jiu-jítsu, foi alguns dias e não continuou, mesmo assim está sempre me apoiando. Meu irmão ia treinar comigo um tempo lá com o professor I e quando eu comecei a dar aula ele foi meu aluno lá na cidade 9. Ele treinou até chegar na faixa azul. Quando ele pegou azul eu já estava na roxa. Só que hoje ele segue outro caminho, hoje ele é fisiculturista.

Meses depois da graduação de Murilo na faixa roxa, o professor I também interrompe suas aulas, o obrigando, mais uma vez a trocar de academia para continuar treinando sem interrupções, o que na prática significou frequentar a academia em uma cidade ainda mais distante da sua. Neste momento Murilo, que já ministrava aulas em sua cidade e vinha participando ativamente de competições, precisou continuar investindo no jiu-jítsu da equipe α para dar andamento ao seu progresso individual como instrutor e atleta (ainda em curso). Aos 27 anos, ele começa a treinar com o professor J, que era também professor do professor I.

> Eu peguei a roxa com o professor I e aí logo ele saiu de lá também. Eu tinha uns 27 quando fui treinar com o professor J. [...] E eu tive que ir pra cidade

> onde ele dava aula. Como já estava disputando campeonatos e dando aulas naquela época, eu estava mais animado e aí juntou eu e um colega meu e falei: "Já que a gente tem que ir, vamos andar mais trinta quilômetros e ir treinar com o professor J". Professor J era professor do professor I, ele era o mais velho de lá e tal.

Até então, Murilo desenvolveu grande admiração por seus professores, ele os tinha como fonte de inspiração nas esferas pessoal e profissional e almejava ter o mesmo ciclo de amizades que os rodeavam, em especial se tratando do professor J. O que mais lhe chamou atenção é que este professor era uma referência regional de sua equipe e recebia, inclusive, a visita de atletas estrangeiros em sua academia, ensinando a mesma técnica em português e inglês. Quando Murilo se recorda de como se sentia diante de seus primeiros professores, fica evidente o papel de líderes transformacionais assumido por eles, mais especificamente através da influência idealizada, durante o período que o investimento em sua própria carreira de professor acontecia.

> Foram pessoas espetaculares, eu sempre me inspirei neles, até pegar a faixa preta, tanto como pessoa, como em atitude de professor. Vou falar de uma forma vulgar. Você meio que "paga pau" pro cara porque almeja ser igual a ele. Você quer ter a faixa preta, você quer ter aquele ciclo de pessoas que está ao lado dele. [...] Vinha uma galera da França treinar com o professor J e ele ensinava a mesma posição em português e inglês e eu achava fantástica essa interação dele, nossa, era muito legal. Eu peguei mais de umas cinco vezes o povo da França lá.

É em seu último ano como faixa roxa e nos primeiros meses na faixa marrom, que Murilo mais se dedicou a sua atuação como instrutor, acompanhando seus alunos em competições maiores e iniciando, inclusive, o seu próprio filho no jiu-jítsu aos onze anos de idade. O único contato de Murilo com uma entidade reguladora no jiu-jítsu se deu pela necessidade de regularização para que seus alunos competissem em certas competições durante este período. No entanto, aos trinta anos, ele se muda para cidade 10, um munícipio de porte médio localizado a aproximadamente setenta quilômetros da cidade 9, interrompendo sua atividade como instrutor. Seu filho, que continuou morando com a mãe, deixa o jiu-jítsu neste momento, voltando a praticar somente anos mais tarde.

> Por um curto período do final da roxa e começo da marrom eu fiz a carteirinha, se eu não me engano, da Federação Paulista porque eu comecei a levar meus alunos pra disputar federado, mas eu mesmo não lutava. [...] Nessa época eu dei aula pra meu menino que tinha onze anos, era muito pequeno e eu estava tentando pôr a sementinha. E o que que aconteceu? Como era eu que dava aula pra ele, ele parou quando eu mudei pra cá e voltou treinar agora, mas a gente não treina junto por ele morar com a mãe em outra cidade.

Como a equipe α não estava presente na cidade 10, Murilo, com a anuência de seu professor, muda de equipe. Uma vez na equipe γ e treinando com o professor K, ele não trocou mais de equipe ou professor, apesar de atualmente a sua primeira equipe estar presente na cidade 10. Deixando claro, assim como no discurso de Fabrício (participante 3), que os laços de fidelidade para com o professor – estendido aos colegas de treino – tendem a sobrepor a fidelidade a bandeira de alguma equipe. "Eu mudei de equipe porque o professor J falou: 'Olha, lá não tem equipe α, vai na equipe γ de lá porque o cara é gente boa'. Desde que eu cheguei aqui eu só treino aqui também. E hoje até tem equipe α na cidade, mas nem fui visitar não".

De maneira geral, a estrutura dos treinos foi semelhante nas duas equipes das quais Murilo participou. O que mais mudou foi a postura exigida dos alunos nos ambientes de prática. Ele explica que diferente do que vivenciou na década de 2000, hoje os treinos são marcados por uma maior flexibilização destas normas de comportamento visando atender uma nova geração de praticantes, o que pode variar de professor para professor.

> A base do jiu-jítsu é a mesma, você aquece, depois alonga, faz a posição do dia e depois rola. Sempre foi uma hora e meia e as vezes passa disso. [...] Mudou algumas coisas no treino só, como quantidade de posição e a intensidade de aquecimento. [...] Mas teve muita mudança no comportamento no *dojo*. Eu fui visitar várias academias e vi que isso depende muito da metodologia de cada professor. Varia muito de professor, se você vai ficar em postura na hora de cumprimentar pra começar e pra sair, por exemplo. Isso mudou. [...] A maior mudança de hoje em dia é que o jiu-jítsu era muito mais raiz quando eu comecei, só ia quem dava conta, o resto espanava. O treino era mais para você desistir do que pra continuar, a verdade é essa. [...] Você tinha que vomitar pra poder sair do tatame. E olha lá, você ainda ia sofrer *bullying* na mão do outro. Hoje em dia é diferente. [...] Uma vez quando eu era faixa roxa eu relei o pé na faixa preta do cara e ele gritou: "Você não viu minha faixa não?". Era muita disciplina, até passava do ponto também, enquanto hoje você vê o faixa branca convidando o graduado pra rolar e isso não podia de jeito nenhum. Mas eu dou aula, eu sei de como é essa geração aí, eles entram achando que são os donos do mundo.

Mesmo distante da cidade 9, Murilo mantém contato com seus ex-alunos e ex-colegas de treino. Apesar de não ter uma relação tão próxima com seus primeiros professores, ele os tomou como exemplo, se cercando de amigos e alunos, construindo relações de amizade que resistiram ao tempo e – nesse caso – a distância, mesmo depois de ter se mudado e deixado de ministrar aulas. Ele destaca em sua fala, a importância que o senso coletivo assume no jiu-jítsu, indo ao encontro do que foi expresso, até então, pelos demais participantes apresentados.

> Eu nunca fui amigo dos meus professores, sempre foi professor e aluno. Não tinha mais proximidade do que isso por não morar lá com eles. Eu não andei junto com meus professores igual eu via os mais graduados que estavam do lado deles, que cresceram junto. Sempre saí da minha cidade pra treinar e os

> professores H, I e J tinham a turma deles. [...] Do mesmo jeito, eu tinha minha turma lá na cidade 9, dos muitos que viajaram comigo pra treinar e os meus alunos. O que eu via do meu professor eu tentava passar no meu treino também, e o envolvimento foi muito grande, de família mesmo. O meio que você se socializa no jiu-jítsu é diferente de outros esportes, era um cobrando o outro, então era todo mundo muito verdadeiro, todo mundo preocupado um com o outro, dando atenção, um respeito mútuo muito grande. [...] É uma amizade que você leva pro resto da vida, que até hoje temos contato, uma amizade muito sincera. Hoje que eu estou aqui eu não vejo a hora de ver os colegas lá, a gente vai sentar e falar um pouco, eles me lembram de certas coisas, tem muita passagem.

Ao longo de sua formação no jiu-jítsu, Murilo vivenciou uma série de experiências através de competições não oficiais. As emoções da vitória, as frustações da derrota, bem como a sensação de compor uma equipe, fizeram parte da formação de seus valores pessoais. A partir da faixa marrom ele deixa de participar destes eventos, no entanto, acrescenta que na sua opinião, a competição é inerente ao jiu-jítsu e faz parte do dia a dia de treinamento.

> Ganhar um campeonato de jiu-jítsu não é fácil, você tem que fazer mais de uma luta no dia, no caso sempre foram três ou quatro. A vitória é importante e todo mundo só quer isso, mas quando você perde, seu psicológico [pausa]. Dentro da minha trajetória em campeonatos eu ganhei e perdi, mais ganhei do que perdi, graças a Deus. Mas eu perdi também e com isso eu fui buscar superação e tentei melhorar. [...] A lembrança que eu tenho é que a galera estava gritando meu nome e a equipe toda com a camisa igual, é uma sensação que parece que você está no Coliseu. É uma emoção, tipo assim, levei uma mensagem de perseverança pra vida, de nunca desistir. O tatame é a base de tudo pra quem já pisou naquilo ali, pra quem conhece. [...] Eu não disputei mais campeonato na marrom e na preta e hoje em dia eu não participo, mas a competição está na sua cabeça todos os dias, está em todo treino, você não quer perder.

Hoje, aos 37 anos, Murilo percebe a influência do envelhecimento na manutenção da sua rotina de treinos. Treinar passou a significar um esforço crescente, à medida que, seu corpo já não se recupera com a mesma eficiência e sua carga horária no trabalho continua elevada.

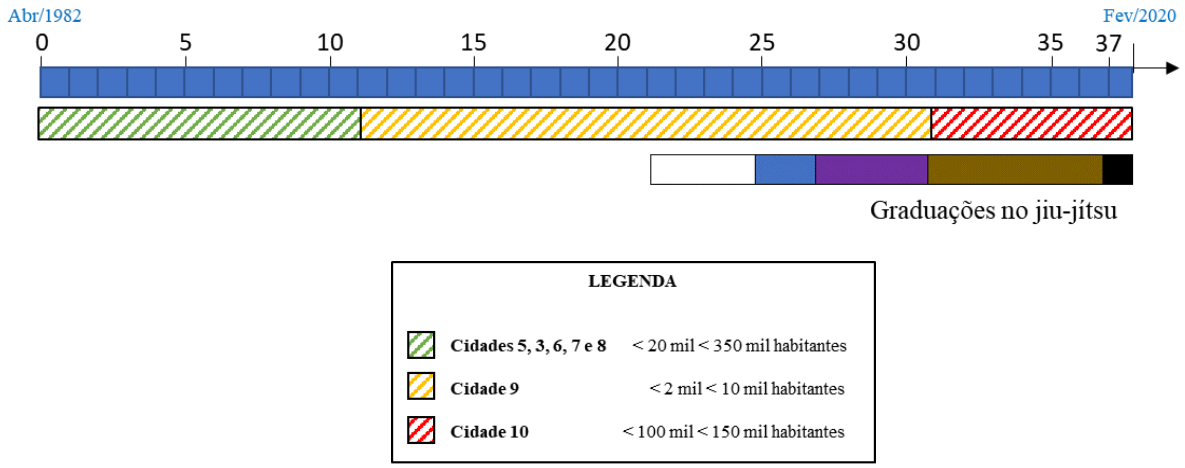
> A cabeça funciona como se eu tivesse vinte anos, só que o corpo não corresponde mais. Por mais que eu seja uma pessoa ativa, minha carga horária de serviço é muito alta. [...] Quando eu comecei a dar aula, eu falava que amava o jiu-jítsu, eu não deixei de amar só que é o seguinte, o corpo já não acompanha. Eu cheguei numa época que estava tendo um pós-treino muito bravo. Se ia na academia e treinava uma hora e meia de academia pesado e depois eu ia no jiu-jítsu, em um dia que eu dei dez aulas, nem com suplementação e alimentação tinha jeito, eu ficava baqueado, ficava derrubado. Porque na faixa etária que eu estou o metabolismo baixa, o pouquinho que você relaxar você vai sair de forma. Eu tenho que estar bom pra trabalhar e tenho que estar bom pra treinar e vice versa.

Apesar não atuar mais como instrutor e não ter vivenciado um ambiente de alto rendimento, o jiu-jítsu assumiu para Murilo, um papel de obrigação, assim como o próprio trabalho e a musculação. Deste modo, ele afirma que se sente bem cumprindo com suas obrigações, mas que hoje sua "higiene mental" depende da sua principal atividade de lazer: a pescaria.

> Então a prioridade que eu falo é minha higiene mental, é a questão de estar bem pra poder trabalhar na segunda-feira. A pescaria que é sagrada e se eu não tiver isso não tem como, mas uma coisa depende da outra pra funcionar, se eu pescar e não treinar, minha cabeça não funciona também. Tipo assim, tem aquela semana que quando acaba eu falo: "Eu fiz tudo que precisava, tudo que eu pensei no domingo de noite eu executei", só aí eu fico tranquilo. Eu tenho que ir no jiu-jítsu pelo menos uma vez, tenho que treinar na academia e tenho que trabalhar, essas são as obrigações. A pescaria é um prêmio, a pescaria é aquele momento de higiene mental. [...] Final de semana, sempre assim, tem esse intervalinho de uns dois dias, embromava um pouquinho dependendo da rotina nas outras atividades da minha vida, até porque eu não vivo pro jiu-jítsu. [...] Mas o que me tira mesmo por mais ou menos um mês dos treinos são as férias, a minha vida é tão assim, eu tenho dois cargos, eu trabalho, vou na academia e vou no jiu-jítsu. Quando dá um mês de descansar, ou eu descanso ou eu piro. Tenho que ir pro rancho, tenho que pescar e dar uma viajada.

Na figura 27 é possível observar as mudanças de cidades vividas por Murilo ao longo de sua vida. No seu caso, o tamanho da cidade 9 foi um fator de grande influência com relação ao acesso à prática de jiu-jítsu. Chama-se atenção para o fato de que Murilo só passou a treinar jiu-jítsu na mesma cidade em que residia quando mudou-se para a cidade 10, aos trinta anos de idade, já na faixa marrom. Antes disso, ele precisou treinar em cidades vizinhas.

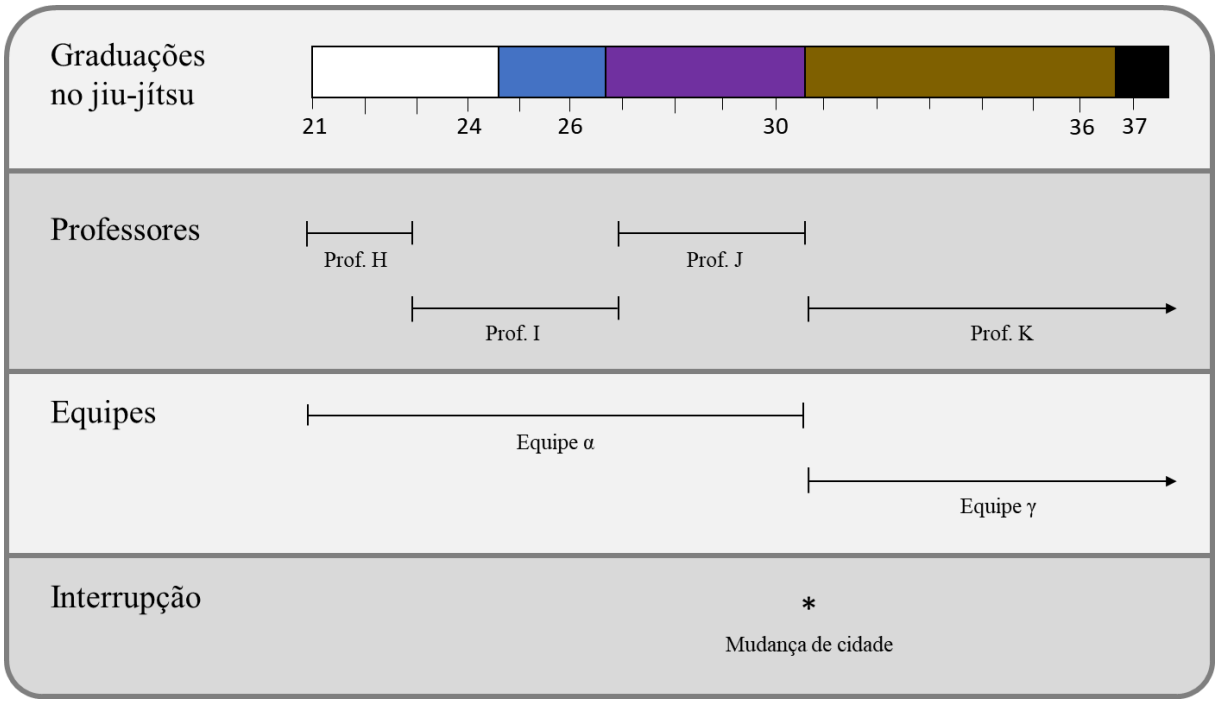
Figura 27 – Mudanças de cidade de Murilo



Fonte: O próprio autor.

A figura 28, por sua vez, apresenta importantes transformações de contexto experimentadas por Murilo no jiu-jítsu: as mudanças de professores e de equipe. Nota-se que diferente dos demais participantes deste trabalho, ele não relata longos períodos de interrupção de sua prática de jiu-jítsu. Sua única interrupção foi breve, justamente durante transição de equipe desencadeada pela mudança de cidade.

Figura 28 – Mudanças de professores, de equipe e o motivo da interrupção de Murilo no jiu-jítsu



Fonte: O próprio autor.

5.5 GUILHERME: O ANALISTA DE SISTEMAS FAIXA PRETA DE JIU-JÍTSU HÁ NOVE ANOS

Guilherme iniciou-se no jiu-jítsu aos quatorze anos e estava com 39 no período da entrevista. Faixa preta há nove anos, Guilherme é analista de sistemas e nunca atuou com instrutor ou professor de jiu-jítsu.

5.5.1 Estágios da participação esportiva de Guilherme

Guilherme nasceu em 1982. Ao contrário de todos os participantes investigados, ele relata não ter tido uma infância fisicamente ativa. As atividades extracurriculares que o atraiam eram aquelas relacionadas ao raciocínio e a criatividade, as quais praticamente não demandavam esforço físico. Pontua-se que a aversão ao futebol certamente limitou suas possibilidades de experimentar a prática e o jogo deliberado durante a infância.

> Nasci em julho de 1982. [...] Quando criança, eu nunca gostei muito de esporte. [...] Eu sempre odiei futebol, então não era uma criança muito ativa, sempre fui de ficar quieto, era mais de raciocínio, de pensar, de criar. Sempre fui muito mais aquele gordinho, *nerd*, na minha.

Entre os onze e doze anos, Guilherme é iniciado no caratê e pela primeira vez tem contato com a prática deliberada. Ele praticou a modalidade esportiva por cerca de dois anos e embora tenha vivenciando seu sistema de graduação e alcançando a faixa laranja, relata não ter participado de competições.

> De onze pra doze anos eu entrei no caratê e treinei durante dois anos, indo três vezes por semana, mas não cheguei a competir [...] Eu fui faixa branca, amarela, vermelha e laranja. A troca de faixa foi a mais ou menos há cada seis meses, mas eu não tenho muita memória disso. [...] No caratê era um grupo infantil e o treino era uma coisa muito mais disciplinada. O professor te corrigia bastante, tinha que buscar fazer o movimento perfeito, o que é uma característica do caratê.

No mesmo período que dá início a sua participação nas aulas de caratê, Guilherme começa a andar de bicicleta na companhia de amigos. A partir daí, a prática do ciclismo (*mountain bike)* perdurou de forma completamente recreativa e descontinuada até os dias atuais.

> Nessa idade, onze pra doze anos, eu comecei a andar de bicicleta, pedalar, fazer *mountain bike* que de certa maneira eu mantenho até hoje, mas não com frequência. [...] O *mountain bike* era, no máximo, uma vez por semana, um pedal com os amigos, não era um treino, era bem recreativo. Pedalava na faixa de uns quarenta a cinquenta quilômetros no final de semana. É o que eu curto

> até hoje também, domingo de manhã, pedalzinho até umas onze horas, meio dia. Teve época de tentar buscar performance também: “Ah, vou melhorar minha média”, mas nunca foi pra competir. Vontade de competir eu nunca tive. [...] Sempre na mesma pegada, recreativo, de vezes em quando. Então minha *bike* está lá, minhas coisas, meus equipamentos e de vez em quando eu faço um pedalzinho de leve.

Aos quatorze anos, Guilherme se inicia no jiu-jítsu. Vale ressaltar que ele deixou o caratê imediatamente quando ingressou na nova modalidade esportiva. Ao longo nos seus primeiros anos no jiu-jítsu, ele experimenta está nova prática em uma frequência de três treinos semanais. “Com quatorze eu comecei a treinar jiu-jítsu e partir daí não treinei mais caratê. Não cheguei a treinar os dois ao mesmo tempo. [...] Da faixa branca até na amarela treinava três vezes por semana”.

Analisando individualmente a iniciação esportiva de Guilherme, observa-se que ele se destaca como único participante da presente pesquisa a não vivenciar os anos de experimentação (com práticas diversificadas e predominância do jogo deliberado). Seu primeiro contato com o esporte se deu, aos onze anos, através do caratê altamente sistematizado e do ciclismo recreativo. Dado o volume de prática deliberada envolvendo os treinos de caratê é possível sustentar a existência da especialização esportiva precoce na modalidade esportiva, uma vez que além disso, sua única outra vivência esportiva, o ciclismo, caracterizava-se como esporádica. No entanto, a partir do momento que ele se inicia no jiu-jítsu aos quatorze anos, todo período que antecede sua iniciação na modalidade esportiva compreende os anos de experimentação além do jiu-jítsu, apesar de sua especialização precoce no caratê que significou uma limitação na diversificação deste período.

O professor M foi o responsável por suas primeiras graduações no jiu-jítsu, as faixas amarela e azul, aos quinze e dezesseis anos, respectivamente. Guilherme destaca que, nesta época, a graduação acontecia de acordo com critérios subjetivos determinados pelo professor. Também é importante apontar que ele foi o único participante desta pesquisa a passar pela faixa amarela de jiu-jítsu, justamente por ser o único a ser graduado antes dos dezesseis anos. “Da branca até a azul não tinha critério. Se o professor M olhasse e visse que você estava no nível para trocar de faixa, você trocava. [...] Eu peguei a amarela com quinze e a azul com dezesseis”.

Aos quinze anos de idade, Guilherme participa de sua primeira competição, a única na faixa branca. Em seguida, na faixa amarela, ele tem mais uma participação, mas é durante o seu primeiro ano como faixa azul que vivencia seu momento mais competitivo, antes de interromper definitivamente sua participação em competições de jiu-jítsu.

> Fui em cinco ou seis campeonatos no total. Eu comecei a competir em 1997, acho que foi um de branca, na amarela deve ter sido um e a maioria foi de azul. [...] De roxa pra frente eu não competi. [...] Essa foi uma fase que comecei a treinar forte e em um ano eu acho que fiz umas quatro competições.

É possível observar um considerável aumento da sua frequência semanal nos treinos neste período, chegando a frequentar até três sessões em um único dia, entre os dezesseis e dezessete anos. Neste período Guilherme começa a caminhar para a transição entre anos de especialização e de investimento visando uma eventual carreira competitiva, considerando o aumento tanto de sua frequência semanal, como de sua participação competitiva.

> Na faixa azul era moleque e não tinha nenhum passarinho para dar água, tinha tempo, era todo dia. Ia os cinco dias da semana e as vezes de sábado. [...] Nesse período mais intenso de campeonatos eu cheguei a treinar até três vezes em um dia, mas isso é mais exceção e como regra eu acho que ficaria meio fora da realidade. Em média cinco a seis treinos na azul é mais correto, isso com dezesseis e dezessete anos.

Porém aos dezoito anos, Guilherme acumulava atribuições relacionadas a seu estudo e trabalho, não dispondo de tempo hábil para dar continuidade ao jiu-jítsu na mesma frequência estabelecida nos anos anteriores. A partir deste momento, sua participação nos treinos passou a ser muito pouco frequente, de modo a configurar uma ruptura no processo especialização. Guilherme agora vivia os chamados anos de recreação, frequentando os treinos de jiu-jítsu esporadicamente, isto é, sem uma consistência semanal.

> Então, tanto no jiu-jítsu, como no *mountain bike* eu fiquei longos períodos sem treinar. Mas assim, não porque eu não queria, mas porque não dava tempo. Eu ficava morrendo de vontade de treinar, não conseguia, não tinha tempo [...] Eu treinei firme jiu-jítsu de 1996 até 2000 com dezoito anos, quando parei na faixa azul segundo grau [...] Eu parei porque eu entrei na faculdade e estava trabalhando também, então não dava pra treinar. [...] Eu tinha bolsa e fazia estágio, além do outro emprego, era um negócio bem corrido. Eu fique mais de seis anos praticamente parado, mas não foi literalmente. [...] Às vezes nas férias, um final de semana, dava um treininho, mas bem esporádico, não tinha nenhum tipo de frequência.

Sua frequência nos treinos de jiu-jítsu se reestabeleceu somente aos 24 anos. Neste período, Guilherme voltou a passar mais tempo em sua cidade natal e assim, conseguiu conciliar os treinos regulares com sua carreira profissional. Agora, a regularidade de Guilherme nos treinos seria norteada por sua carreira profissional. As viagens a trabalho, por exemplo, poderiam significar a interrupção dos treinos por algumas semanas. Durante este período, Guilherme treinava até quatro vezes, isto nas semanas livres de imprevistos.

> Só que em 2006 eu voltei a treinar porque eram viagens mais curtas, ia e voltava, então aí já dava pra treinar. Treinava quatro vezes na semana. Mas as vezes tinha que viajar, ou estava na correria do trabalho. [...] Essa alternância sempre teve depois que voltei, sempre foi um negócio que eu ia lá, treinava duas, três semanas seguidas e de repente ficava duas sem ir. Esse tipo de coisa sempre foi uma característica. Eu sempre dei prioridade pro trabalho em relação a isso.

Aos 25 e 26 anos, Guilherme foi graduado respectivamente, nas faixas roxa e marrom de jiu-jítsu. A partir da faixa roxa, a graduação passou a ser composta por avaliações que tornaram este processo menos subjetivo do que era antes. Ele destaca que, em ambos os casos, a conquista da faixa envolveu uma situação desafiadora que o tirava da zona de conforto. Enquanto para se tornar faixa roxa precisou passar por um exame que é lembrado pela sua extensão e complexidade, para conquistar a faixa marrom, Guilherme teve que atuar como árbitro em uma competição.

> E aí quando eu peguei roxa com o professor N, foi logo quando começaram a fazer o exame de faixa, porque antes não fazia, a gente não tinha essa prática na equipe. Ele montou uma apostila, que diga-se de passagem ficou bem legal, e falou: "Cara, você pode escolher como que vai fazer". E tipo assim, eu fiz uma escolha que eu acho que ele não previa. Eu fiz uma escolha que resultou em fazer 40% das posições da apostila [...] O exame durou umas quatro horas e eu fiz 120 posições, foi um negócio bizarro. Fiz tudo com o braço imobilizado e eu não sei de ninguém mais que fez isso. [...] De roxa para marrom ele me fez arbitrar um campeonato fora. Foi uma experiência terrível, não por arbitrar errado, mas é um inferno ser árbitro [risos]. Não dá pra agradar todo mundo. [...] A roxa eu peguei com 25 anos [...] Fui graduado marrom em dezembro de 2008.

Guilherme manteve sua frequência em três treinos semanais nas faixas roxa e marrom, no entanto, ele destaca que por ter como prioridade sua vida profissional, esta frequência variou muito e foi intercalada por vários períodos de interrupção. Após seu retorno aos treinos na idade adulta, fica claro que ele não vive mais o mesmo contexto esportivo de sua adolescência. Configura-se, portanto, características que remetem a manutenção de sua prática esportiva sem visar o rendimento competitivo e sem o desejo explicito de conquistar a faixa preta. "Na roxa e marrom os treinos eram três vezes por semana, mas tem exceções claro. Teve época que foi muita correria de trampo e não ia treinar. [...] Nunca dei tanto valor pra faixa, nunca ficava pensando: 'Nossa, o meu sonho é ser faixa preta' ".

Aos 28 anos, Guilherme é graduado faixa preta. Diferente da experiência anterior, os critérios avaliados neste momento são condizentes com o que ele entende como a essência desta faixa: a capacidade de ensinar o jiu-jítsu. Apesar de não ter vivenciado o investimento na

carreira de professor de jiu-jítsu, Guilherme ministrou algumas aulas na companhia do professor N, que avaliou sua capacidade didática antes de graduá-lo.

> Pra graduar preta eu dei aula alguns dias na academia, o que pra mim é super tranquilo porque eu gosto. Ele avaliou a didática, capacidade de ensinar. [...] Eu entendo praticamente a faixa preta como se fosse um diploma profissional, um diploma de nível superior. Você está habilitado a ser professor, dar aula, então você tem que saber ensinar. Acho que faz parte do conceito da faixa preta. Você precisa ser capaz de transferir o conhecimento, você é um especialista naquela arte marcial, você tem que ser capaz de liderar uma turma, de transmitir o conhecimento técnico, de ser o exemplo de caráter e alguns outros atributos que tangenciam a arte marcial. Embora no jiu-jítsu o pessoal fala muito pouco disso, é uma coisa que acredito muito e pra mim foi super importante. [...] Em dezembro de 2010 eu peguei a preta.

Hoje ele substitui seu professor ocasionalmente e relata que gosta da experiência de ministrar aulas. No entanto, ele também afirma não ter tempo e não achar esta atividade interessante profissionalmente.

> Dava aula só quando os professores faltavam e tinha que puxar um treino. Eu gosto e não faço hoje porque não acho interessante profissionalmente e segundo, que não tenho tempo, mas acho legal. Mas assim, não é meu foco, mas é algo que se eu tivesse um tempinho eu faria. Eu acho super importante por esses vários aspectos.

A instabilidade em sua frequência semanal nos treinos parece reduzir em 2010, o ano da conquista da faixa preta. Guilherme afirma que entre 27 e trinta anos, no último ano como faixa marrom e nos primeiros como faixa preta, viveu um período em que treinou três vezes por semana sem as mesmas interrupções relatadas em outros momentos. Após 2012, sua frequência semanal média reduz para dois treinos e as interrupções voltam a ser mais constantes. É possível interpretar que, de certo modo, dentro dos horizontes de prática vividos por ele, que este momento de maior dedicação na faixa marrom representou o investimento na faixa preta, dentre dois períodos de manutenção.

> De 2010, que foi o ano que eu peguei a preta e eu treinei firme assim até 2012. O meu firme que eu quero dizer não é de um atleta de alto rendimento, é três vezes na semana academia e dar um rolinha pai de família, aquele negócio, sabe? [...] Depois foi bem instável assim. Teve época que foi de até três ou quatro vezes, teve época que fiquei parado, acho que como média duas vezes é bem razoável, mas não é linear não. Eu tenho uma rotina profissional pesada porque eu viajo com certa frequência, são viagens curtas, mas eu viajo, tenho reunião 7h da manhã.

A conquista da faixa preta passa a ser compreendida por Guilherme como um marco em sua participação esportiva e, considerando a complexidade do jiu-jítsu, ele afirma que a aprendizagem não termina com a conquista de uma faixa.

> A faixa preta foi um marco. Foi muito mais do que eu imaginava, quando eu amarrei a faixa preta foi muito mais emocionante, te traz uma memória muito boa de conquista assim. [...] Eu diria também que como o jiu-jítsu mesmo é sempre um novo aprendizado, é um esporte muito complexo e tem sempre um desafio. Tem um monte de posição que eu fui melhorando na faixa preta, eu diria que comecei aprender o jiu-jítsu quando eu peguei a faixa preta na verdade e isso nem me passava pela cabeça antes.

Guilherme destaca que a faixa preta agrega mais responsabilidade ao praticante, significando muito além de qualidades técnicas e físicas que não se sustentam por muito tempo. Há, portanto, um conjunto de valores fundamentais transmitidos através de sua prática, que em tese, alcançam seu ápice de desenvolvimento na faixa preta.

> A faixa preta traz uma responsabilidade agregada, não só de excelência técnica, mas também dentro dos princípios das artes marciais de respeito, de ética, de humildade. Isso são valores que pra mim são intrínsecos à graduação porque são coisas muito importantes. [...] Eu não entendo um faixa preta só como um excelente atleta tecnicamente. Tem um conjunto de atributos que é super importante. E até sou contra professores que graduam o faixa preta só pelo aspecto técnico, tem que saber ensinar. A gente vai ficando velho e já não acompanha o mesmo ritmo. Nessa condição que eu tenho de não estar treinando sempre, as vezes eu pego um faixa roxa que fisicamente está treinando e eu levo um sufoco. Então é um trabalho de humildade, de falar: "O cara está treinando, mérito do cara".

Mesmo após o período de experimentação, já em idade adulta, entre as faixas marrom e preta de jiu-jítsu, Guilherme permaneceu tendo novas experiências com outras L/AM/MEC praticadas em sua equipe, como foi o caso do boxe. Porém, não houve continuidade, tampouco uma sobreposição com relação a sua modalidade esportiva primária. Estas experiências podem ser interpretadas como uma parte de sua experimentação além do jiu-jítsu, no entanto, em idade adulta, após a conquista da faixa preta.

> Eu já treinei outras artes marciais no meio do caminho, tipo assim, boxe e tal. Foram paralelas, eu nunca pensei: "Eu vou parar de treinar jiu-jítsu e vou treinar boxe. Eu treinei boxe, foi meses assim, foi esporádico. Um dos professores da nossa equipe lutava. Tipo assim, eu estava saindo do jiu e os caras estavam treinando lá e eu treinava também. [...] Foi depois de adulto, isso já na faixa marrom ou preta.

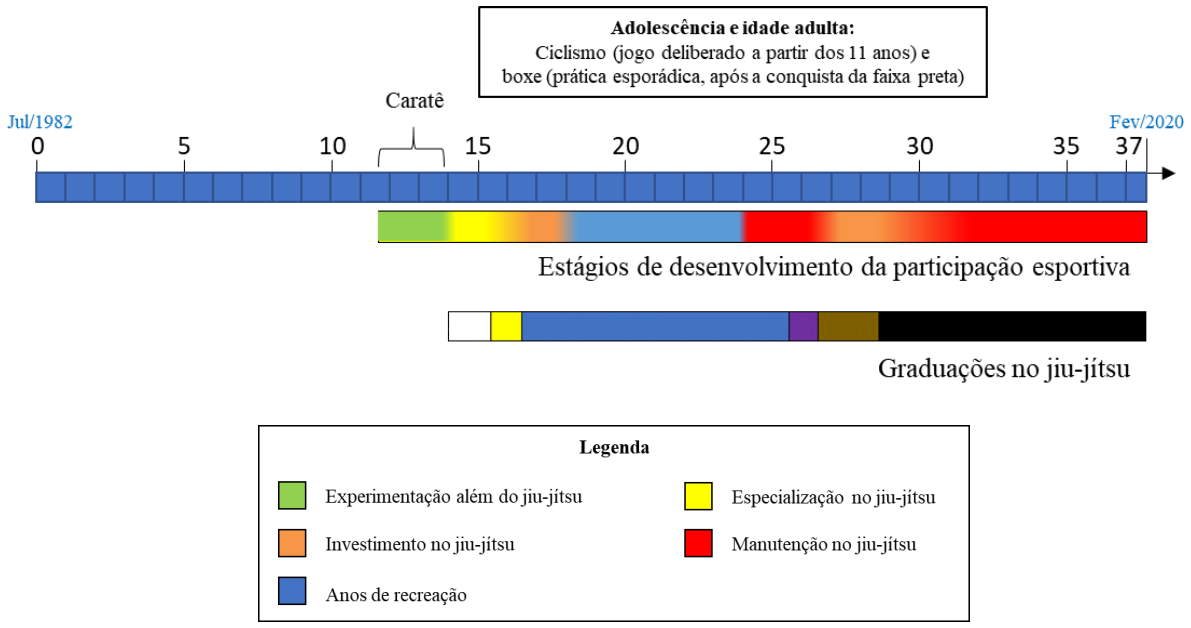
Sendo a instabilidade uma característica marcante da participação esportiva de Guilherme, ele afirma que por conta disso, já cogitou interromper definitivamente os treinos e

hoje seu objetivo é garantir a manutenção de sua faixa preta, se possível, estabelecendo a frequência de três treinos semanais.

> Mas com esse negócio de vai e vem eu já pensei em não voltar, mas eu não vejo outro esporte que me agrade. Provavelmente eu continue fazendo o resto da vida. [...] Meu objetivo é continuar treinando e ir três vezes na semana ao invés de duas e está de bom tamanho [risos]. [...] Se pegar a minha frequência do começo do ano pra cá, eu tenho ido as três.

A figura 29 é proposta para apresentar os estágios de desenvolvimento da participação esportiva vividos por Guilherme ao longo de sua vida, contemplando, além do jiu-jítsu, todo seu repertório de experiências esportivas, com destaque às atividades recreativas realizadas em idade adulta

Figura 29 – O desenvolvimento da participação esportiva de Guilherme

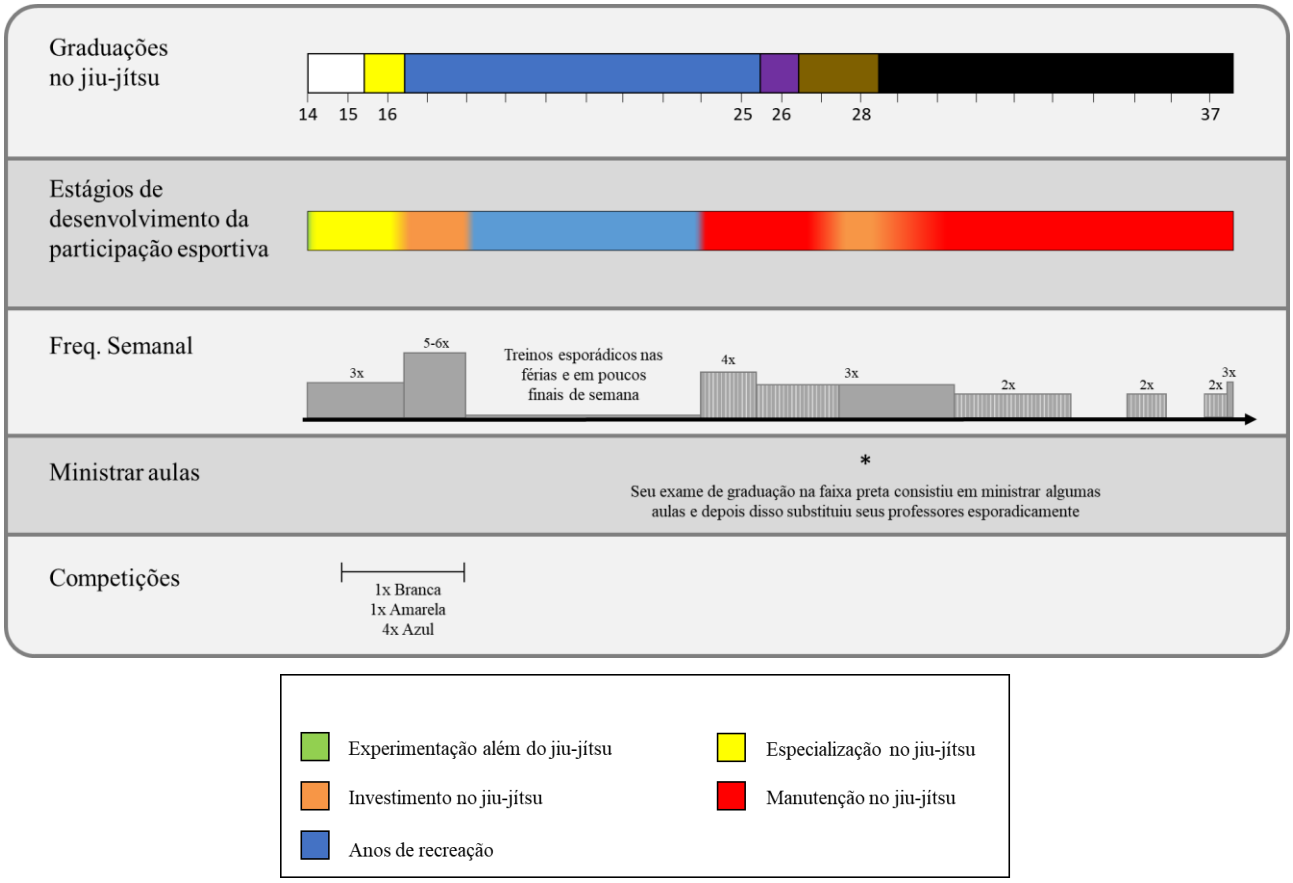


Fonte: O próprio autor.

A figura 30 apresenta o desenvolvimento da participação esportiva de Guilherme no jiu-jítsu. Nota-se que, apesar de ter ministrado aulas em alguns momentos específicos e de reconhecer a importância do ensino do jiu-jítsu, sobretudo para formação daqueles que alcançam a faixa preta, Guilherme jamais assumiu a posição fixa de instrutor ou professor, diferente dos demais participantes apresentados até então. Ele ainda se destaca como aquele que se especializou na modalidade esportiva mais cedo, treinou jiu-jítsu no contexto dos anos de recreação e viveu os anos de manutenção antes da faixa preta. Com relação a frequência

semanal, a figura 30 precisou contar com um novo recurso gráfico para representar períodos em que pequenas interrupções de sua prática eram muito comuns.

Figura 30 – O desenvolvimento da participação esportiva de Guilherme no jiu-jítsu



Fonte: O próprio autor.

5.5.2 Contexto de desenvolvimento esportivo e pessoal de Guilherme

Guilherme se destaca como único participante deste estudo que viveu toda infância e adolescência em uma grande cidade. Apesar das oportunidades de prática disponíveis neste contexto, ele relata que não existia estímulo esportivo em seu ambiente familiar. “Eu nasci e cresci aqui na cidade 4. [...] Minha família nunca estimulou práticas esportivas, não era uma preocupação. Meu pai era extremamente sedentário, minha mãe e meus irmãos também”.

Guilherme conta que, na escola, era constantemente alvo de *bullying* e que lidava com essas situações através da única estratégia de enfrentamento que dispunha: a violência. “Eu era o gordinho *nerd* e sempre tive várias situações de *bullying* na escola. Hoje chama *bullying*, mas

na época era zoação. Então eu brigava muito na escola, não aceitava isso e gostava de trocar porrada. De certo modo, eu até curtia que tiravam um sarro para poder dar uma".

No momento que Guilherme começa a treinar caratê, a figura do professor foi marcada pelo seu caráter disciplinador, intervindo ativamente no controle de sua agressividade.

> No caratê eu me encontrei, porque juntou um pouco aquela coisa de brigar que eu curtia [pausa]. O professor era um cara bem sério, não era um cara de brincadeira, de risadinha. Ele tinha essa característica bem forte, de carrancudo, bem disciplinador. Lembro que na época eu gostava de porrada e as vezes entrava uma mão socando mais forte e aí levava esculacho, porque não podia bater no rosto.

As primeiras impressões sobre o jiu-jítsu que Guilherme se recorda datam do meio da década de 1990, período que os espetáculos do UFC vinham ganhando popularidade entre os jovens, e com isso, projetando sua visibilidade no Brasil. A eficácia do caratê começava a ser questionada a partir do momento que Guilherme, no auge de sua adolescência, se via imerso em um contexto cultural particular que valorizava a imagem que vinha sendo atribuída ao jiu-jítsu.

> Um outro traço de personalidade que eu tenho é que eu sou bem pragmático. Eu gostava de porrada e o caratê era muito coxinha, muito *kata*. Então não via aquilo funcionando. [...] Eu tinha uns quatorze anos quando vi os primeiros UFCs e aquilo me influenciou bastante. A gente ia na locadora e alugava as fitas do UFC, então conheci o Carlson Gracie, o Wallid, o Rorion, o Rickson, o Royce, aquelas lutas épicas [...] Foi um momento que falou muito de jiu-jítsu, foi o *boom*, os *pitboys*, as brigas nas boates. Aquilo tinha todo um contexto cultural daquele momento. Então eu comecei nessa onda, foi o comecinho. Enfim, era um momento, não que começou naquele momento, mas naquela época não tinha informação igual é hoje, não tinha internet.

Aos quatorze anos, Guilherme se informa através do rádio que poderia treinar jiu-jítsu em sua cidade e começa a frequentar estes treinos na companhia de um amigo.

> Tinha um amigo meu e a gente assistia (UFC) junto e eu falava: "Cara, quero treinar isso! Quero aprender isso aqui". E daí eu descobri num rádio que começou a chegar isso na cidade 4, as primeiras turmas, bem o começo mesmo. Falei: "Cara, vamos lá treinar?". Então a gente foi junto e esse meu amigo não treinou nem quinze dias: "Ah isso não é pra mim" e eu pilhadaço: "Isso aqui é animal, eu não quero parar nunca mais de treinar isso".

Durante os primeiros treinos de jiu-jítsu que frequentou, Guilherme usou seu quimono de caratê. Neste período, no ano de 1996, o jiu-jítsu era muito menos difundido em relação aos dias de hoje, o que implicava em um custo relativamente mais alto para adquirir seu principal

material: o quimono. Guilherme ainda pontua que sua família tinha restrições financeiras e que precisou convencer o pai de que o quimono de jiu-jítsu era realmente necessário.

> Na época minha família não tinha uma situação financeira muito abundante para comprar um quimono, então eu comecei a treinar com um quimono de caratê que é completamente diferente de um quimono de jiu-jítsu e depois para convencer o meu pai foi um caos, ele falava: "Ah, mesma coisa". O meu primeiro quimono de jiu-jítsu foi usado. A situação financeira nossa não era fácil, a gente não era pobre, o que eu quero dizer não é que a gente passava fome, mas era uma família restrita, não tinha dinheiro. E a impressão que eu tenho é que os quimonos são bem mais acessíveis hoje e na época não era tão acessível.

Guilherme se recorda que seu primeiro professor era, na verdade, graduado faixa azul, embora se fizesse passar por faixa preta. Enquanto fora da academia o professor L apresentava comportamento problemático, suas aulas foram retratadas como fisicamente muito vigorosas e pobres em aspectos técnicos. Destaca-se que a relação com seu primeiro professor, apesar de curta e de sua personalidade controversa, foi marcada pelo respeito mútuo.

> Uma das primeiras turmas de jiu-jítsu da cidade 4 foi de um professor que veio do Rio de Janeiro, super polêmico, o professor L. Eu comecei a treinar com ele. [...] Era um cara muito louco e depois a gente descobriu que ele não era faixa preta, era faixa azul e amarrou a preta. Não tinha comunicação na época para você descobrir. [...] Era um cara boladão, enorme de forte, um cara muito louco, tinha vez que ele sumia. [...] Muito pouco disciplinador e talvez seja um exemplo a não ser seguido como instrutor, embora eu gostasse dele. Nunca tive problema com ele, pelo contrário, existia um respeito mútuo e ele foi quem me apresentou o jiu-jítsu, mas eu sabia que o cara era "vida louca". [...] A aula dele era muito física e ele trazia muito aquela ideia de ginástica natural que se praticava aquela época no Rio. Então eram uns treinos muito pesados, muito físicos e tecnicamente muito crus. Era muito claro isso, tinha essa parte física muito forte, mas o nível técnico era péssimo. Era muito rola, posição errada, coisa bem grossa. Com o professor L funcionava porque o bicho era muito forte, então era aquele jiu-jítsu grosseirão. [...] Eu treinei com ele uns seis meses e então ele foi preso.

Com a saída do professor L, Guilherme passa a treinar com o professor B e se surpreende com o fato de que, apesar de teoricamente ser menos graduado e fisicamente mais fraco, esse novo instrutor apresentava superioridade técnica, ganhando rapidamente a atenção do grupo de alunos. Outro comportamento contrastante com relação ao seu primeiro professor de jiu-jítsu foi sua imagem de professor altamente disciplinado e disciplinador. O período treinando com o professor B é inferior a seis meses e com menos de um ano de prática, Guilherme já estava participando das aulas de seu terceiro professor e em sua segunda equipe.

> Quando o professor L parou de ir, o dono da academia chamou o professor B para dar aula lá. E eu lembro até hoje que ele era faixa azul e eu era faixa

> branca, olhava ele e pensava: “Ah esse faixa azul aqui”. O professor L era faixa preta fortão e o professor B era faixa azul. E eu lembro assim, ele deu um regaço na galera. Foi um sacode, ele acabou comigo. Todo mundo ficou: “Nossa, a gente não sabe nada” e eu vi a diferença do nível técnico do que a gente aprendia. A primeira vez que que eu vi um jiu-jítsu mais refinado foi com ele. [...] Já ele, tinha aquele jeitão de carateca também, bem rígido, disciplinado, bem *performance* mesmo. [...] Ele ficou menos de seis meses dando aula nessa academia, mas logo (eu não lembro o motivo) ele parou de dar aula lá e eu fui treinar com o professor M que era professor dele na equipe β. O professor B foi meio que uma ponte assim, foi pouco tempo, mas eu treinei muito como colega de treino dele depois.

No período que treinou com o professor M, Guilherme destaca que viveu uma evolução acentuada no que se refere ao seu entendimento sobre o jiu-jítsu. De fato, o professor M foi seu primeiro professor graduado faixa preta, e além de suas qualidades técnicas e de sua boa didática, Guilherme se recorda que trato interpessoal na condução de suas aulas se dava através de um equilíbrio entre descontração e disciplina.

> O professor M tecnicamente é um dos caras que eu acho um dos *tops* assim. O meu jiu-jítsu mudou demais com isso, porque juntou meu lado *nerd* de entender as posições, as alavancas, de observar todo o jogo, as estratégias. [...] O professor M já tinha uma pegada um pouco mais *light*. Tinha aquele jeitão meio brincalhão dele, de amigo, mas ele disciplinava, dava os fumos quando tinha que dar e essa é uma característica que eu admiro muito, ele era diferenciado nesse aspecto. Não era um cara que aceitava a gente brigando na rua, que aceitava rixa dentro da equipe. [...] Tipo assim, as vezes ele não falava nada, você tinha feito uma coisa errada e ele te chamava para rolar e não precisava falar nada, você já entendia só pelo nível [risos].

Apesar do conjunto de valores e significados, então relacionados ao jiu-jítsu, que chamaram a atenção de Guilherme na sua adolescência, ele relata que durante o seu primeiro ano de contato com a modalidade esportiva seu comportamento fora da academia havia começado a mudar. A possibilidade de lutar na máxima intensidade a cada treino, obviamente respeitando as regras, foi um dos principais motivo que fizeram com que o jiu-jítsu superasse seu gosto pelo caratê. Neste período Guilherme pôde desenvolver, dentre outros valores, maior confiança, o que fez com que ele perdesse o interesse pelas brigas que até então eram constantes.

> No começo da adolescência eu brigava bastante, era folgadinho, era marrentinho, sabe? [...] Enquanto no caratê ficava fazendo aquelas coisas de *kata*, no jiu-jítsu era mais ação e eu gostei pra demais, eu me apaixonei. Foi uma fase que essa necessidade que eu tinha de brigar na escola mudou. Comecei a entender que isso era ridículo, que isso não levava a nada, que luta é diferente de briga e que essa vontade de trocar porrada eu poderia descarregar no tatame e não na rua. [...] Me trouxe bastante autoconfiança e eu não precisava mais bater em alguém na escola para mostrar que era superior. Essa foi uma característica muito forte nessa fase da adolescência.

> [...] Com quinze pra dezesseis anos eu nunca mais tive problema com briga, com violência, nenhum caso, nem em briga de boteco.

A partir da adolescência, Guilherme passa a ser a figura que estimulava a prática esportiva em sua família. Ele tentou introduzir os irmãos no jiu-jítsu sem sucesso, mas por outro lado, foi o grande incentivador de seu irmão mais novo que hoje é corredor.

> O jiu-jítsu os dois já tentaram, mas nunca gostaram, não conseguem se engajar. O meu irmão do meio fez umas aulas não gostou, isso quando eu era faixa azul, entre os dezesseis e dezoito anos. O mais novo foi na roxa ou marrom, eu não lembro. Ficou muito pouco tempo mesmo e não gostou. [...] Agora ele está correndo em alto nível, mas ele já pegou uma outra fase e muito influenciado por mim mesmo. Ele começou a pedalar comigo, só que aí eu fui diminuindo a *performance* e ele foi aumentando [risos].

É através do seu contato com o jiu-jítsu durante a adolescência que Guilherme estabelece vínculos duráveis de amizade. Anos mais tarde, ele inclusive se tornaria aluno de alguns destes que foram seus primeiros colegas de treino.

> Cara, entre os meus melhores amigos estão as pessoas que eu conheci no jiu-jítsu. Meus amigos que considero amigos mesmo, de dentro de casa, de ir jantar na minha casa, de ter essa relação muito próxima. Vários dos meus melhores amigos vêm dessa época. Foi quando eu conheci o professor N e professor G que são caras que eu tenho contato até hoje. [...] Por um bom tempo a gente era o mesmo nível hierárquico, eu e o professor G pegamos a faixa amarela e azul juntos

Guilherme comenta que durante seu primeiro ano na faixa azul participou de algumas competições regionais e chegou a estabelecer vínculo federativo no jiu-jítsu com o intuito competir. Ele não se recorda qual foi a entidade reguladora, e de fato, nunca chegou a renovar sua filiação ou participar de qualquer evento organizado por ela. “Já federei, mas nem lembro qual que era. Acho que teve uma época que o professor M pegou todo mundo e falou: “Vamos fazer as carteirinhas aí pra ficar tudo pronto”. Acho que teve um campeonato que eu ia competir na faixa azul e acabei não indo”.

Neste período em que foi identificada uma maior dedicação aos treinos, ele se recorda que treinou tanto com o professor M como com o professor B, que ministrava aulas como instrutor em outro horário.

> O professor M dava aula na no mesmo lugar que eu estudava e essa foi a época que eu mais treinei. Eu estudava lá de manhã, tinha aula do curso técnico a tarde e aí eu ficava no treino das 17:00 com o professor B e no treino das 18:30 com o professor M, e aí algumas vezes eu ficava direto. O professor B era instrutor de tarde lá.

As poucas competições que Guilherme participou durante a adolescência serviram de experiência para que ele pudesse formar o entendimento de que não treinava e nem treinaria para este fim. Ele relata, que nessas ocasiões, experimentou queda no desempenho em virtude do nervosismo e que a principal motivação por trás de sua participação vinha de uma necessidade de afirmação e legitimação por parte do grupo, e não de seu desejo individual.

> Nunca tive uma *performance* sensacional, minha melhor colocação foi o segundo lugar em um campeonato regional. [...] Eu sempre lutei no campeonato muito pior do que lutava na academia por conta de nervosismo. Todo mundo me olhando, aquela questão de ambiente me incomodava e no campeonato acabava não tendo uma *performance*. Aliás, isso é até comum com muitos atletas, mas não era um negócio que me estimulava tanto. Várias coisas eram um incômodo para mim, não era um negócio que eu fazia que tinha aquela coisa. [...] A galera lá competia e eu queria medir o treino. Era muito mais pelo grupo, tanto que eu não persisti nisso. Cheguei num momento que falei: "Não cara, não é pra mim isso, não quero isso, eu não treino pra isso". [...] Comecei a programar com treze anos de idade, então esse outro lado sempre foi muito forte e eu sempre claramente percebia que embora eu gostasse o jiu-jítsu eu programava bem melhor do que eu seria em atleta de alto rendimento.

Conforme apresentado anteriormente, aos dezoito anos, Guilherme deixa de treinar jiu-jítsu regulamente para se dedicar de forma integral ao trabalho e ao estudo, de modo que, a modalidade esportiva assumiu caráter recreativo em meio às visitas ocasionais que fazia a seus colegas. Aos 22 anos, após a conclusão do ensino superior, ele se muda para a cidade 11 (outro município de grande porte), onde dá continuidade à sua formação profissional. Sobre este período, Guilherme pontua que sempre retornou semanalmente para a cidade 4, começando a passar mais tempo em sua cidade natal a partir dos 24 anos, o que possibilitou o seu retorno aos treinos regulares. Aos 26 anos ele voltou a morar definitivamente na cidade 4. "Em 2004 eu comecei a morar na cidade 11. [...] até 2006 eu ficava direto. Quase não dava tempo de fazer nada, mas eu sempre tive residência aqui e vinha todo final de semana, mesmo na fase que eu viajava muito. [...] Viajei pra lá até 2008."

Durante os seis anos que não treinou regularmente, Guilherme não interrompeu o contato com sua equipe. Neste período, dois acontecimentos relevantes foram vivenciados: a troca de equipe do professor B e a mudança de cidade do professor M que resultou na criação de uma nova equipe liderada por aqueles que começaram como seus colegas de treino.

Guilherme destaca que graças às suas origens orientais, no jiu-jítsu, a lealdade do aluno para com o mestre e sua equipe é extremamente valorizada, sobretudo no contexto vivido na cidade 4, onde havia grande rivalidade entre as duas principais equipes locais da época.

> Essa questão da equipe é um negócio que tem mudado. Hoje isso está mais tranquilo, mas teve época de ser muito acirrado. Nessa época que eu competia e treinava, a cidade 4 tinha praticamente duas equipes. [...] Quando alguém saia da equipe criava uma situação de bafafá e isso é um negócio que no jiu-jítsu é muito significativo. [...] Isso é uma coisa que hoje eu entendo que vem das tradições samurais desde a idade média seguindo a escola japonesa. Se você começava com um mestre, seguia seu mestre, respeitava seu mestre. [...] Até hoje, a maioria da galera que respeita a prática, entende que não é só uma academia, existe uma fidelidade com a equipe.

Entre os anos de 2000 e 2001, o professor B deixou a equipe β para treinar na equipe concorrente e este foi o período em que a rivalidade entres as duas equipes foram intensificadas e marcadas por atos violentos análogos às brigas de torcida.

> Quando o professor B mudou pra outra equipe entre 2000 e 2001, caiu o mundo! Os caras chegavam ao absurdo de ver carro com adesivo na rua essa época e quebrar o retrovisor, era ridículo. [...] Eu não cortei relação com ele porque o rolo não foi comigo, mas assim, eu não fui treinar com ele. Apesar de ser um cara que eu respeito por ter sido meu incentivador, eu nunca mais treinei com ele.

Hoje Guilherme se coloca contra a ideia de que o aluno não possa mudar de equipe. Ele destaca que o professor presta um serviço ao aluno e este tem o direito e a liberdade de trocar de professor, academia ou equipe se não estiver satisfeito com o treino. No entanto, ele nunca trocou deliberadamente de uma equipe ou professor e não teria coragem de fazer isso por acreditar na importância da lealdade, sobretudo pensando nas amizades estabelecidas neste meio.

> Eu nunca sai da minha equipe. O professor L era da equipe ε, mas assim, ainda não tinha essa significância de equipe pra mim, foi pouco tempo, então não dava para ter essa sensação de mudança de equipe. Mas eu não sai da equipe, ele que parou de dar aula, então veio o professor B que era equipe β. Foi diferente porque toda a galera que treinava lá foi treinar com ele. [...] Depois considerando que a equipe β de certo modo virou equipe γ, eu não troquei de equipe. [...] É diferente que eu sair hoje da minha equipe e ir pra outra. Então esse negócio é muito forte, eu sou dessa época. Hoje eu não recrimino quem faça, não vou ficar: "Pô, seu Creonte", mas eu não me sentiria bem indo pra outro lugar. Eu me sentiria traindo os meus amigos. [...] Mas os tempos mudaram e eu acho que também tem o outro lado, dos mestres que as vezes não são tão mestres assim, que não desenvolvem esse lado do caráter. E também, você está pagando para treinar, então se eu não estou gostando, não posso ir pra outro lugar? Eu acho que o mundo mudou e a gente que precisa se reciclar, mas minha preocupação é de perder esses valores da arte marcial, que são muito importantes também.

Outro assunto que Guilherme não hesita em se posicionar criticamente, é a questão da hierarquia no jiu-jítsu, por vezes expressa meio de certas normas de conduta que ele não vê

sentido, como por exemplo, a ideia de que o praticante menos graduado não deve convidar o parceiro mais graduado para treinar.

> Dentro do tatame tem uma certa hierarquia e eu acho que é um processo de autoconhecimento de você entender essa hierarquia e não fazer dela um negócio pejorativo. Tipo aqueles protocolos que existem dentro do jiu-jítsu, como de não poder chamar o mais graduado pra rolar: "Ah, um faixa branca me chamou pra rolar, vou lá e vou esculhambar com cara, porque meu, como que o cara me chamou pra rolar?". Pra mim isso não faz o menor sentido. Tem que rolar com todo mundo, claro competitivo, mas com respeito.

Com a mudança de cidade do professor M, seus alunos mais graduados instituíram uma nova equipe em 2004[33], a equipe γ. Dentre eles, estavam aqueles que viriam a se tornar o quarto e o quinto professor de Guilherme. Ele destaca que, apesar do respeito a condição de professor assumida pelos colegas, ele os considera muito mais como pares, tendo em vista sua proximidade hierárquica em comparação a que se tinha com o professor M.

> Na época do professor M era equipe β e o que deu origem à equipe γ foi a saída dele para morar em outro Estado. Com isso o professor N, o professor G e outros colegas mais graduados juntaram e montaram a equipe γ. [...] Já treinei junto com o professor N e com professor G antes, eles são caras que eu tenho uma relação muito mais de amigos. Hoje a relação que eu tenho com eles é uma relação muito mais de amizade, com todo respeito a eles como mestres, mas são caras que eu comecei junto. [...] Essa galera eu tenho uma relação de par, com todo respeito a eles, isso não é de forma nenhuma um desrespeito, é a forma como eu me sinto. Eu imagino que seja recíproco.

Quando Guilherme voltou a treinar regularmente, aos 24 anos, passou a treinar com o professor N. Considerando as origens da equipe γ, ele destaca que os treinos mantiveram uma estrutura central muito semelhante ao que ele já estava habituado, apesar de algumas particularidades de cada professor.

> Quando eu voltei em 2006 eu fui treinar com o professor N. [...] Na equipe γ a estrutura de treinos era praticamente a mesma que o professor M fazia. Era aula de uma hora e meia, era meia hora de alongamento, aquecimento e físico e depois era meia hora de instrução, de posição e depois rola. [...] Mudava algumas coisa entre cada professor. O professor G, por exemplo, tinha uns aquecimentos mais funcionais, uns *drills*, fazer inversão de quadril, fazer *armlock*, omoplata, triângulo e variações como aquecimento.

Assim como Murilo, Guilherme entende a competição como parte dos treinos de jiu-jítsu, mesmo em se tratando de praticantes que não participam de eventos competitivos há anos.

---

[33] Uma fonte complementar foi consultada para determinar o ano em que a equipe γ foi fundada.

Ele afirma que busca ser competitivo durante os treinos, mas reitera que o alcance do alto rendimento não é seu objetivo ao treinar jiu-jítsu. Ao longo de sua formação, o praticante não competidor pode vir a lutar com colegas que treinam estritamente focados no desempenho competitivo. Nestas situações, aqueles que participam ativamente de competições se sobressaem diante de seus pares não competidores, pois além de aspectos técnicos, o vigor físico de quem treina com este objetivo tende a ser superior. Apesar de nunca ter se lesionado a ponto de interromper sua prática por longos períodos, Murilo se recorda de uma lesão no ombro meses antes da conquista da faixa roxa. A lesão aconteceu, justamente, enquanto treinava com um dos colegas caracterizados como "atleta competidor".

> Dentro do tatame lutando eu busco ser competitivo, não vou lá enrolar, gosto de treinar firme. Mas meu firme não é mais o mesmo firme de antes, a diferença da parte física é brutal. Quando você compara com competidores, tecnicamente você mantém, mas na parte física é outro esporte. [...] Eu nunca tive nenhuma lesão muito séria. O joelho está meio frouxo, mas nada sério assim. Só uma vez no ombro foi mais complicada [...] Eu lesionei o ombro treinando com um atleta competidor da minha equipe. [...] Foi quando eu voltei já, foi da azul pra roxa quando tinha uns 24 anos, por ali. Fiquei pouco tempo sem treinar, umas semanas, eu lembro que fiz o exame de faixa roxa e estava com o braço imobilizado.

Dentre suas interrupções e reduções de volume no treinamento de jiu-jítsu, a maioria se deu em decorrência de compromissos profissionais, mas os períodos que Guilherme ficou por mais tempo totalmente afastado de sua prática se deram após a conquista da faixa preta e por motivos pessoais: o nascimento de suas filhas quando ele tinha 34 e 36 anos. "Quando minha primeira filha nasceu, foi minha maior interrupção na faixa preta. Tinha 34 anos, fiquei um ano e meio parado e eu voltei a treinar. Eu treinei por um ano e depois quando minha segunda filha nasceu também fiquei quase um ano totalmente parado. [...] Eu voltei em maio de 2019".

Após o nascimento de sua primeira filha, por conta das novas atribuições, além de sua rotina profissional, Guilherme precisou mudar o seu horário de treinos, passando a frequentar a academia no período da manhã com o professor G. Os treinos do professor G, apresentam estrutura central semelhante aos do professor M, com a diferença de que, por conta do tempo reduzido, a parte do treino reservada ao condicionamento físico havia sido retirada.

> Eu comecei a treinar com professor G deve ter sido 2017. [...] O melhor horário para treinar que cabia na minha agenda era 6:30 da manhã, então foi nessa época que eu mudei pra manhã e quem dava aula nesse horário era o professor G. Não foi nem por uma questão de ser um ou outro, os dois são grandes amigos, foi mais questão de horário. [...] Hoje com professor G é aula de uma hora, antes era uma hora e meia, mas ele segue a mesma linha de

> treinos do professor M. Como hoje é uma hora ele faz o aquecimento mais curto, não tem a parte física, faz posição e depois rola.

Outra particularidade da sua experiência esportiva é que, em comparação a todos os outros participantes deste estudo, hoje Guilherme conta com uma vasta opção de professores e horários para treinar em sua equipe, sem sair de sua cidade. Ele pôde, portanto, mudar sua rotina de treinos de acordo com a demanda de sua rotina profissional e pessoal quando necessário. Na faixa preta, apesar de frequentar mais assiduamente as aulas do professor N, e posteriormente, do professor G, Guilherme também se recorda de ter participado de alguns treinos de outros colegas de equipe que atuam como professores na cidade 4.

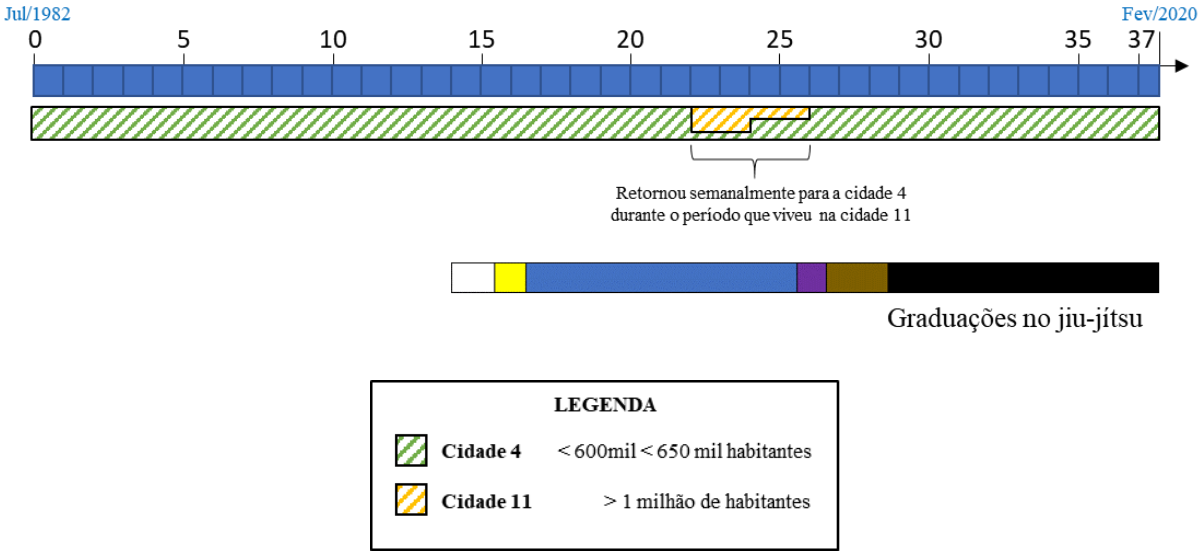
> Os que eu fiquei mais tempo, assim, era o professor M lá atrás, depois o professor N e professor G. Mas eu já treinei na aula de outros colegas da equipe também, uns até menos graduados que eu, mas foi esporádico, porque como eu falei, minha rotina mudava muito pra priorizar o meu trabalho. [...] Essa galera, todo mundo, treinou comigo na época do professor M e pra mim os caras são meus amigos e eu ia no horário que dava. Eu buscava melhor agenda para conciliar com minha carreira profissional, então ficava nessas idas e vindas. Se for pensar pessoas que eu já treinei, eu treinei com muita gente. Mas assim, era sempre esporádico.

A partir do momento que sua carreira profissional assumiu protagonismo em sua vida, o jiu-jítsu passou a ter caráter recreativo, seja como atividade física importante para manutenção de sua saúde, seja como forma de lazer. Para explicar o sentido que atribui ao jiu-jítsu, Guilherme faz uso do mesmo termo utilizado por Iuri: terapia. Sendo assim, a faixa preta de Guilherme não foi uma conquista resultante de um objetivo com o fim em si mesmo, por outro lado, ela acabou sendo uma consequência da prática continuada que ele havia estabelecido visando outros fins.

> O primeiro objetivo ao treinar jiu-jítsu é saúde, não têm muitos esportes que eu gosto e é um esporte que eu gosto. Então é uma prática esportiva para manter, é um lazer. É legal, é gostoso, então não é um esporte que eu pratico que é pesaroso. Pô, se eu tiver que fazer musculação, pensa num negócio chato. Eu odeio fazer musculação. Jiu-jítsu é um esporte que eu curto fazer, eu passo aquela uma hora ali que é quase uma terapia.

A figura 31 permite observar as duas grandes cidades que Guilherme residiu. Assim como Iuri, Guilherme passou a maior parte de sua vida no mesmo município e durante um período, residiu e trabalhou em outra cidade, retornando semanalmente para sua cidade natal. Nota-se que sua prática de jiu-jítsu não migrou para a cidade 11, mantendo-se na cidade 4, de modo que a sua promoção para a faixa roxa só foi exequível a partir do momento que passou a dispor de mais tempo para treinar na cidade 4.

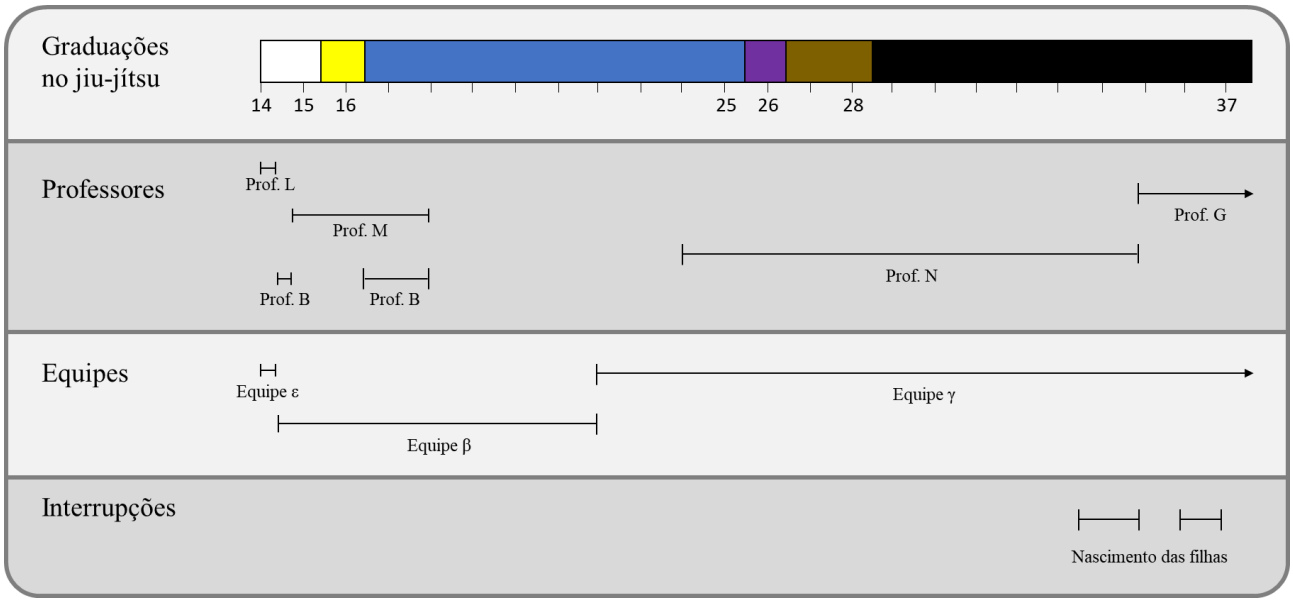
Figura 31 – Mudanças de cidade de Guilherme



Fonte: O próprio autor.

A figura 32, por sua vez, apresenta importantes transformações experimentadas por Guilherme no contexto de sua prática de jiu-jítsu: as mudanças de professores, de equipes e os motivos que levaram às suas interrupções. É possível identificar que, entre os dezoito e 24 anos, período identificado como anos de recreação (vide figura 29 na seção anterior), Guilherme manteve o contato com a equipe β (que posteriormente se tornou equipe γ), sem que necessariamente houvesse vínculo com algum professor, e sim com seus colegas.

Figura 32 – Mudanças de professores, de equipes e os motivos das interrupções de Guilherme no jiu-jítsu



Fonte: O próprio autor.

5.6 CHRISTIANO: O EMPRESÁRIO FAIXA PRETA DE JIU-JÍTSU QUE NUNCA PARTICIPOU DE COMPETIÇÕES DE JIU-JÍTSU, NEM MESMO EM NÍVEL LOCAL

Christiano iniciou-se no jiu-jítsu aos dezenove anos e estava com 41 anos no período da entrevista. Faixa preta há seis anos, Christiano é empresário, nunca ministrou uma aula de jiu-jítsu e nunca participou de competições na modalidade esportiva.

5.6.1 Estágios da participação esportiva de Christiano

O último participante deste estudo, Christiano, nasceu em 1979. Sua infância foi marcada por uma vasta gama de jogos deliberados diversificados. Assim como é possível observar nos relatos de Renato e Fabrício, o Futebol foi a modalidade esportiva predominante neste período, acompanhada de brincadeiras que podem ser tipificadas como variações de jogos deliberados. Este ambiente rico em jogos deliberados diversificados se sustentou até os quinze anos, o que significa que houve uma transição dos anos de experimentação para os anos de recreação, à medida que ele não se especializou por volta dos treze anos. “Eu nasci em fevereiro de 1979. [...] Cara a minha infância foi muito ativa. Jogava bola pra caramba na rua, na escola e em tudo quanto é lugar, mas nada sério. Soltava pipa, pulava corda, carrinho de rolimã, mamãe da rua, muita brincadeira de rua”.

O primeiro contato de Christiano com a prática deliberada foi aos quinze anos, quando começou a treinar judô. Os treinos de judô com os quais Christiano teve contato foram caracterizados como exclusivamente compostos pela prática deliberada, sobretudo pelo fato de que sua iniciação nesta modalidade esportiva ocorreu durante a adolescência.

> Eu comecei no judô tinha quinze anos e ia duas vezes por semana. [...] Todos os treinos de judô que eu fiz na vida seguiam o mesmo modelo, até hoje se for ver é a mesma coisa. É uma preparação física e depois uma parte técnica muito extensa. Nossa, caia demais [risos]. Depois de certa época tinha o *Randori*. O *Randori* é a luta. [...] Os treinos de judô pra nossa idade não tinham aquelas brincadeiras que ele passava pros menores não [risos].

Neste período, logo após mudar-se de cidade (assunto abordado na próxima seção), Christiano deixou de ter experiências envolvendo jogos deliberados diversificados e passou a viver somente a prática deliberada nos treinos de judô, o que por si só configurou o início da transição entre anos de recreação e de especialização.

> Quando a gente mudou pra cá era bem diferente que na cidade 12, mesmo naquela época. Imagina só, eu mudei de uma cidadezinha de cinco mil

> habitantes para um apartamento numa cidade grande. Não tinha mais a mesma liberdade de antes e nessa idade eu também já não queria mais saber [...] Minha atividade extracurricular só era o treino de judô.

Após menos de um ano de prática, Christiano vivenciou pela primeira vez o processo de graduação, conquistando a faixa amarela de judô. A mudança de faixa marcou o crescimento de seu interesse por sua prática, materializado pelo aumento voluntário de sua frequência semanal nos treinos. Christiano, que já não participava da diversidade de jogos deliberados que experimentou na infância, se encontrava em um processo de especialização no judô.

> A primeira faixa que peguei no judô foi a amarela. Eu lembro que a graduação foi em dezembro de 94 e em fevereiro de 95 eu fiz dezesseis anos. [...] Foi uma conquista, que apesar de parecer pouco, mudou a percepção que eu tinha do judô na época. Aquilo que começou como uma obrigação, já não era mais. Eu queria ir todo dia, ia quatro vezes por semana. Nessa época era só judô, não jogava bola mais não. [...] Em dezembro do ano seguinte eu peguei laranja.

Aos dezesseis anos, Christiano é iniciado na natação, desta vez, por recomendação médica. Ele se recorda que assim como no judô, os treinos de natação eram integralmente compostos pela prática deliberada e que a partir deste período passou a treinar todos os dias, com exceção aos domingos, quando não o judô, a natação. Apesar de praticar duas modalidades esportivas distintas, Christiano continuou vivenciando uma estrutura relacionada aos anos de especialização.

> Com dezesseis anos, por conta de ter asma o médico mandou minha mãe me por na natação. [...] Eu já era faixa amarela na época [...] e fiz no mesmo clube que treinava judô em dias alternados. Foi a época que eu fiquei mais disciplinado realmente, tinha hora pra tudo, todo dia tinha um treino de alguma coisa, menos no domingo. [...] Os treinos eram de uma hora. Tinha um alongamento fora da piscina e aquecia na água fazendo os nados. As vezes tinha que fazer cem ou duzentos metros cada nado. Depois disso fazia a repetição das técnicas, pranchinha, pernada, braçada peito e perna com flutuador, essas coisas. Aí na metade final da aula nadava as maiores distâncias, o que variava todo treino.

Por conta das mudanças em sua rotina quando começou a cursar o ensino superior, aos dezoito anos, Christiano precisou escolher uma entre as duas modalidades esportivas que estava envolvido. Ele interrompe a natação e dá continuidade ao judô, no entanto, reduzindo para dois treinos semanais. Neste período, ele participa do único evento competitivo de sua vida, representando sua faculdade em jogos universitários.

> Eu levei assim por dois anos até os dezoito anos quando eu entrei na faculdade. Tive que escolher entre um ou outro para me dedicar também aos estudos. Foi aí que eu escolhi o judô. [...] Só que aí não dava também pra treinar igual

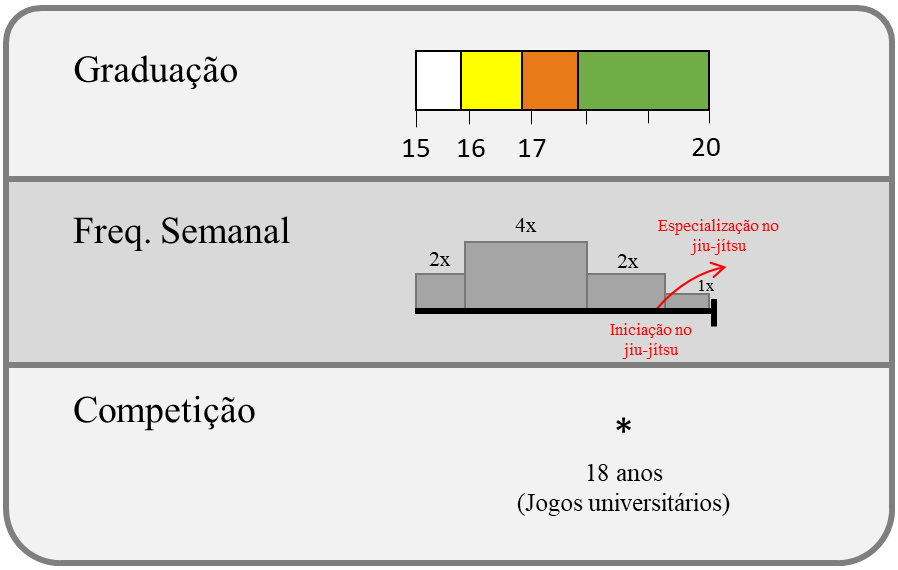
> antes, passei a ir em dois treinos. [...] Eu só cheguei a participar de uma edição dos jogos estudantis em 1997 e eu nunca tinha lutado fora assim até então. Aí eu já era faixa verde - eu peguei a faixa verde em dezembro de 96.

A iniciação de Christiano no jiu-jítsu se deu quando ele tinha dezenove anos. Ele afirma que a prática prévia do judô teve influência positiva sobre seu aprendizado no jiu-jítsu e após três meses de experiência, o jiu-jítsu, que até então era visto como modalidade esportiva secundária, assumiu papel primário, passando de um treino semanal para três, enquanto o que se via no judô era um movimento contrário. Assim como no caso de Iuri, esta mudança de foco representou a transição entre a experimentação além do jiu-jítsu e sua especialização no jiu-jítsu. Aos vinte anos, Christiano interrompe definitivamente sua participação no judô, passando a se dedicar exclusivamente ao jiu-jítsu.

> O jiu-jítsu eu comecei em 1998 na faculdade com o professor M e como eu já fazia judô na época a minha aprendizagem foi muito mais tranquila, tem muita coisa que é parecida, tem muita técnica igual que só muda o nome. Logo no comecinho eu via no jiu-jítsu uma ferramenta para melhorar a minha performance dentro do judô e depois de algum tempo eu passei a focar muito mais no jiu-jítsu. [...] Comecei indo uma vez por semana no jiu-jítsu e depois de uns três meses eu já estava indo três e pra isso eu deixei o judô meio de lado, ia e só uma no judô. [...] O Judô eu continuei fazendo até 99 quando parei de vez.

A figura 33 apresenta um panorama da participação de Christiano no judô. É possível observar a redução gradativa de seu envolvimento com a modalidade esportiva, bem como, o ponto de ruptura em que se deu o início de sua especialização no jiu-jítsu. Considerando sua participação esportiva até este ponto, levando em conta a estrutura dos treinos e os sentidos atribuídos a sua prática, sustenta-se a existência de um período de especialização no judô. No entanto, toda sua participação esportiva prévia ao jiu-jítsu é considerada como anos de experimentação além do jiu-jítsu a partir do momento que existe a troca entre as modalidades esportivas em que se especializa.

Figura 33 – O desenvolvimento da participação esportiva de Christiano no judô



Fonte: O próprio autor.

Aos 21 anos, Christiano é graduado faixa azul. Assim como a maioria dos participantes do presente estudo relatam, sua primeira graduação é determinada de acordo com critérios subjetivos de seu professor, que são baseados na observação do seu desenvolvimento diante do grupo. Após a graduação foi observada uma redução significativa em sua frequência nos treinos por conta, sobretudo, das atribuições acadêmicas intensificadas no último ano de seu curso e de sua inserção no mercado de trabalho. Christiano afirma que muitos interrompem o treino após a conquista da faixa azul e não antes, justamente porque a graduação em si é uma grande fonte de motivação.

> Eu peguei a faixa azul em julho de 2000. [...] Foi uma época mais puxada, de escrever o TCC, concluir a faculdade, fazer estágio. Eu também comecei a trabalhar por fora nessa mesma empresa que fazia estágio porque logo eu seria efetivado. Então assim que eu peguei a azul, comecei a aparecer no treino uma ou duas vezes na semana. A verdade é que no jiu-jítsu a troca de faixas incentiva o aluno a não desistir e continuar treinando bem. Você fica mais empenhado em treinar quando sabe que vai graduar e por isso muitos param de ir assim que pegam a primeira faixa. [...] A faixa azul sempre teve um significado forte, assim como a faixa preta, mas é difícil dar continuidade num ritmo de treino alto por mais de um ano.

Ao concluir o ensino superior, Christiano continua intensificando sua dedicação à esfera profissional, o que fez com que ele fosse deixando os treinos, cada vez mais, em segundo plano, até que interrompesse completamente sua prática aos 22 anos.

> Com 22 anos eu comecei a fazer uma pós-graduação e por isso tinha que trabalhar dobrado para pagar os estudos já que meu pai só pagou a faculdade.

> Não era fácil conciliar. Meu rendimento no treino foi só caindo e eu não soube lidar muito bem com isso. Eu ia em um, dois treinos, na outra semana faltava em todos. Treinei devagar quase parando até parar de vez em junho.

Christiano afirma não ter praticado nenhuma modalidade esportiva ou qualquer forma de exercício físico, prática ou jogo deliberado após sua interrupção no jiu-jítsu aos 22 anos, configurando uma fase de total abandono esportivo que teve fim somente quando completou 27 anos.

> Eu parei de treinar e fiquei absolutamente parado, só focando no trabalho mesmo. [...] Quando foi *réveillon* de 2006, eu me olhei no espelho e pensei: "não pode ficar assim não", fiz a promessa de voltar a forma, voltar aos treinos e abaixar o colesterol [risos]. Depois do carnaval eu achei uma academia e voltei a treinar.

Após anos sedentário, Christiano volta à rotina de treinos com o desejo de recuperar o condicionamento físico perdido e voltar a desenvolver-se no jiu-jítsu. Com estes objetivos definidos, ele reestabelece uma rotina de treinos de jiu-jítsu e inicia a prática regular da musculação como preparação física, respectivamente, cinco e três vezes por semana.

> Apesar de vinte quilos mais pesado, eu era já um faixa azul com história, tinha que pegar pesado nos treinos para voltar a rolar como era antes. Eu sabia que quanto mais tempo eu investisse naquela mudança, eu voltaria a evoluir meu jiu-jítsu mais rápido. Então conciliei o jiu-jítsu todo dia da semana com academia três vezes por semana.

Durante este período de retorno aos treinos, Christiano se tornou aluno de seu segundo professor e em sua segunda equipe. Após quase um ano vivenciando uma série de experiências negativas envolvendo este professor (assunto abordado na próxima seção), Christiano, que havia optado por continuar treinando neste ambiente até que fosse graduado faixa roxa, é enfim promovido, aos 27 anos. O exame em si consistiu na avaliação da execução de algumas técnicas, de forma semelhante ao que foi descrito pelos demais participantes desta pesquisa. No entanto, apesar da existência do exame, Christiano conta que este professor parecia não adotar os mesmos critérios para todos os seus alunos e que os exames de graduação se configuravam principalmente como uma fonte de renda adicional para a academia.

> Eu fui treinar um bom tempo contrariado só porque estava bem perto de graduar. [...] Tinha um exame que era uma mera formalidade, executar as técnicas pra ele ver, mas se você já foi indicado e já pagou, sua faixa já estava garantida. A graduação era outra forma de te arrancar dinheiro ali dentro, tinha um preço bem salgado na época e parece até que existia uma pressa pra graduar aqueles que tinham mais dinheiro, com isso, sempre ficava uns caras de lado. [...] Em dezembro de 2006.

No momento que interrompeu os treinos com o professor O, Christiano também deixa de praticar a musculação, já que as atividades eram realizadas na mesma academia. “Aí eu já parei a musculação, primeiro porque a musculação eu fazia lá na academia do professor O, depois por conta de não gostar mesmo”.

Deste modo, é possível determinar que a partir dos 27 anos – após um período de abandono esportivo – Christiano passou a viver uma estrutura característica dos anos de investimento, apesar de não estar treinando com o objetivo de competir ou ministrar aulas no futuro. O considerável aumento de sua frequência semanal logo que retornou aos treinos é fruto de um objetivo distinto em relação aos relatos dos outros participantes investigados: recuperar o desempenho perdido. Além disso, a graduação na próxima faixa serviu como um incentivo para não interromper o treinamento apesar de se mostrar insatisfeito com aquele ambiente, o que remete ao investimento na faixa roxa e no condicionamento físico. Após a conquista desta graduação, a redução na sua participação nos treinos é evidente, passando a ser permeada por semanas e até meses de interrupção por conta de sua rotina profissional. Entre os 28 e 32 anos, Christiano frequentou até dois treinos semanais de jiu-jítsu e tal como Guilherme, experimentou o que ficou definido como manutenção da prática esportiva, antes mesmo de alcançar a faixa preta.

> Na roxa eu ia duas vezes por semana quando dava. Tinha semana e até mês que eu não treinava, simplesmente porque estava enrolado com o trabalho. Mas em linhas gerais, duas vezes é o que eu conseguia ir. [...] Eu já tinha conseguido emagrecer, já me sentia bem melhor, já tinha pegado minha faixa, então estava mais tranquilo sem me cobrar igual antes.

Conforme Christiano se aproximava da conquista da faixa preta, observou-se um aumento gradativo de sua frequência nos treinos. Este movimento de alta na sua participação teve início no seu último ano como faixa roxa, configurando o investimento na faixa preta. Ele deixa explícito em sua fala que, à medida que a conquista da faixa preta se aproximava, aumentou seus esforços visando alcançar o nível de desempenho esperado para esta graduação, apesar de não ser atleta ou instrutor.

> Eu vinha num ritmo baixo desde que peguei a roxa e quando já estava com quatro anos nessa faixa percebi que devia me esforçar mais para subir de nível. A partir de faixa marrom muda a regra, você pode pegar perna, pé, *leg lock*, mata-leão no pé, chave de bíceps e de panturrilha. O jogo muda muito e não queria passar vergonha e nem me machucar, então na roxa já comecei a rolar com regra de marrom. Tem academia que pode fazer assim e tem academia que não pode. [...] Quando tinha 32 anos já consegui ir de três a quatro vezes. [...] Quando a faixa preta vai chegando perto você começa a sentir a responsabilidade e o peso que essa faixa vai ter. Então no meu último ano de

> marrom eu estava focado em chegar na preta, eu ia todo treino, cinco vezes por semana.

Assim como os demais participantes desta pesquisa, com exceção de Iuri, Christiano cita a existência de exames elaborados e conduzidos pelos professores, sobretudo nas últimas graduações. Comparando seus discursos, observa-se uma preocupação no que diz respeito a formação de praticantes conhecedores das regras e da história da modalidade esportiva que praticam. Ele cita também, a existência de uma avaliação das capacidades pedagógicas no exame da faixa preta, no entanto, por não desejar investir na carreira de professor, não teve a obrigatoriedade de passar por este tipo de exame. Christiano se submeteu aos exames conduzidos pelo professor Q na equipe γ e conquistou as faixas marrom e preta, aos 32 e 34 anos, respectivamente.

> O professor Q fazia um exame muito mais elaborado. [...] Pra pegar a marrom eu tive que fazer uma prova prática mostrando as posições que ele queria e uma prova teórica sobre regras e história do jiu-jítsu. Da marrom pra preta era só uma prova prática e como eu não queria ser professor, eu pude escolher entre dar uma aula ou marcar os pontos de uma luta. Eu achei mais fácil marcar a pontuação, porque embora eu não lutasse em campeonato eu tinha facilidade para estudar a regra.

Após a graduação na faixa preta, Christiano reduziu a frequência de treinos semanais que havia estabelecido no ano anterior, o que marca seu retorno aos anos de manutenção. Ele afirma que a faixa preta é um objetivo comum entre os praticantes de jiu-jítsu e que aqueles que portam esta graduação são vistos como referências dentro do treino. Como na maioria das vezes, os praticantes de jiu-jítsu almejam alcançar está graduação, eles constantemente procuram avaliar o seu desempenho contra aquele que já possuem a faixa preta. Portanto, fica evidente no discurso de Christiano uma preocupação em garantir a manutenção da faixa preta e o aperfeiçoamento de seu nível técnico ao longo dos anos, uma vez que a graduação já havia sido conquistada.

> A faixa preta é um título, você se torna uma referência na academia, mas também vira um alvo. Todo mundo está querendo chegar onde você chegou [...] A exigência sobre o lutador de jiu-jítsu vai subindo conforme a faixa escurece e a faixa preta é o símbolo máximo disso. [...] Quando eu peguei a preta foi como se eu estivesse me formando na faculdade. Muitos tem ela como um objetivo final e vão parando de treinar quando alcançam esse objetivo. Eu não parei, mas abaixei bem o ritmo para dois treinos na semana. Não precisava mais ralar feito um louco pra merecer ganhar a faixa, porque ninguém pode tirar isso de mim. Eu treino pra manter e lapidar o nível técnico. Além disso tinha que ter o tempo pra outras coisas.

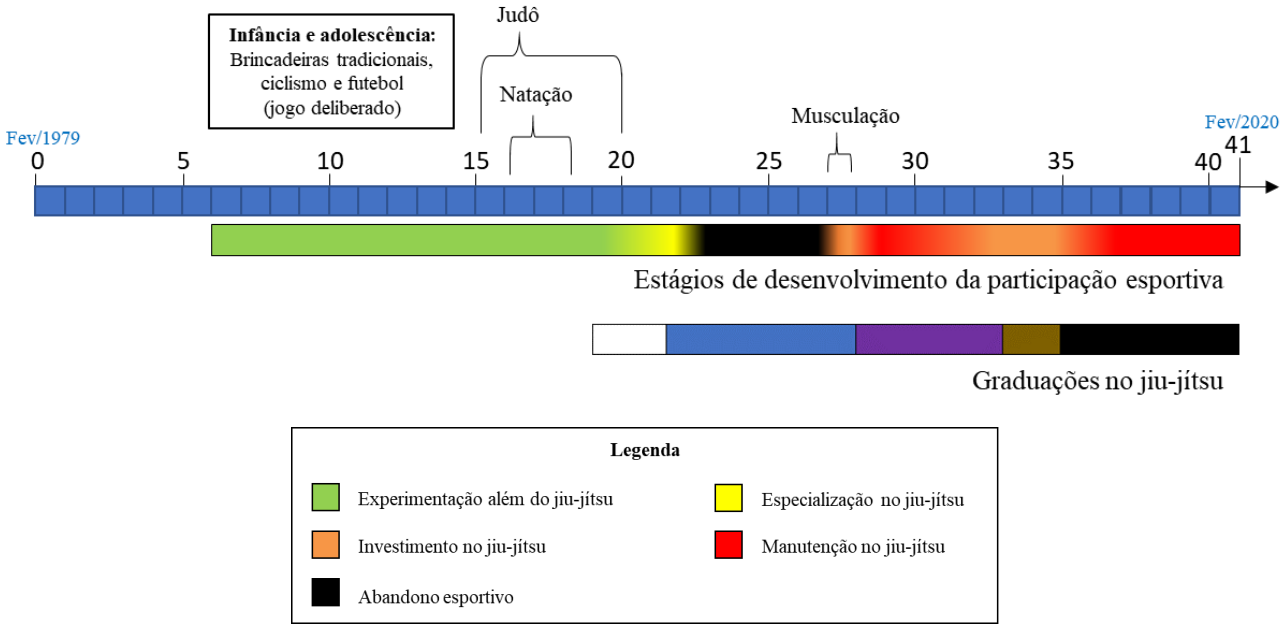
Aos 37 anos, Christiano se torna empresário, dono do seu próprio negócio, o que implica na drástica redução do tempo hábil para manter a rotina de treinos pré-estabelecida. Portanto, a

partir daí há mais uma redução na sua frequência nos treinos, passando a participar apenas de uma ou duas aulas por semana, intercalando com semanas de inatividade. Ele deixa claro que suas demandas profissionais sempre estiveram à frente do esporte e que a abertura de sua empresa potencializou esta afirmação. É fundamental destacar que apesar da diminuição do volume de prática, Christiano continuou ativo da modalidade esportiva até o momento de sua entrevista.

> No começo do ano de 2016 eu abri minha empresa e como era de se esperar, como patrão eu trabalho mais do que quando era empregado. Isso quase me fez sumir do treino. Eu continuei indo, continuei pagando a mensalidade, mas aí se tornou muito mais instável. Tem semana que vou um dia, tem semana que é dois, falto duas semanas, falto um mês. [...] A prioridade nunca foi o treino, hoje em dia é menos ainda.

A figura 34 permite observar os estágios de desenvolvimento da participação esportiva vividos por Christiano ao longo de sua vida, contemplando, além do jiu-jítsu, todo seu repertório de experiências esportivas.

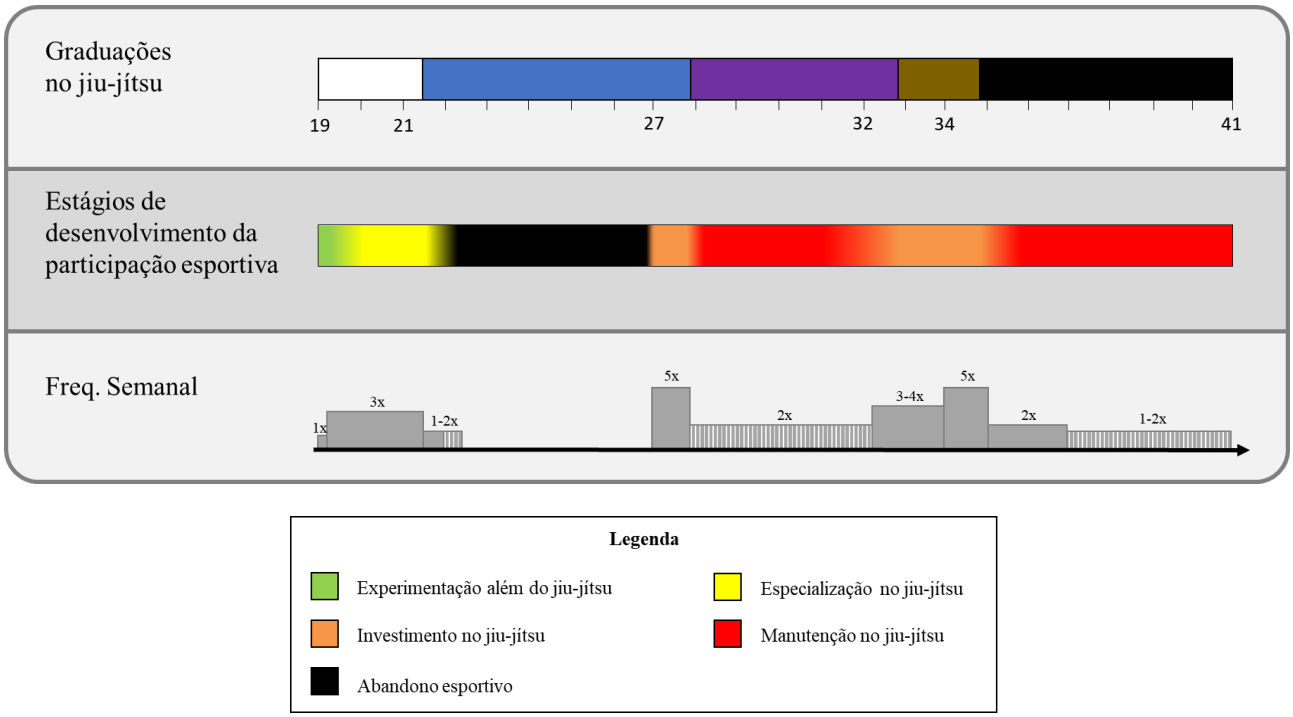
Figura 34 – O desenvolvimento da participação esportiva de Christiano



Fonte: O próprio autor.

A figura 35 apresenta o desenvolvimento da participação esportiva de Christiano no jiu-jítsu. Diferente dos demais participantes, ele nunca ministrou aulas ou participou de competições não oficiais de jiu-jítsu.

Figura 35 – O desenvolvimento da participação esportiva de Christiano no jiu-jítsu



Fonte: O próprio autor.

5.6.2 Contexto de desenvolvimento esportivo e pessoal de Christiano

Christiano nasceu em uma pequena cidade do interior paulista (cidade 12), onde viveu a infância e parte de sua adolescência antes de sua família se mudar para uma grande cidade (cidade 4) quando ele tinha quinze anos. O período que viveu na cidade 12 foi marcado, assim como relata Murilo, pela existência de maior liberdade e segurança para ter a rua como espaço para brincar durante a infância e adolescência.

> Eu nasci e passei a infância na cidade 12, só sai de lá quando tinha quinze anos e nós nos mudamos. [...] Ficava até tarde da noite na rua. Nas férias era aquela alegria, desde muito novinho já pegava minha bicicleta e ia na casa dos meus primos pra brincar. [...] Quem é de cidade pequena sabe do tanto de coisas que você tem pra fazer quando é criança, hoje mudou muito, mas eu peguei uma época muito boa, os pais podiam deixar o filho o dia inteiro na rua, não ouvia falar de violência.

Apesar da cidade 12 proporcionar possibilidades de experimentar jogos deliberados diversificados, Christiano não teve acesso à prática deliberada até os quinze anos. Foi quando se mudou para cidade 4 que pôde ter o seu primeiro contato com o judô. A iniciativa de matriculá-lo no judô partiu do pai, que estava insatisfeito com seu comportamento e viu no judô uma alternativa para contê-lo.

> Mas eu não lembro de treinar sério um esporte até os quinze anos porque não tinha. [...] No primeiro ano aqui na cidade 4, meu pai me colocou no judô. Eu estava muito malcriado, respondendo muito e vivia caçando briga na escola, tendo problema de comportamento, sabe? Então meu pai achou que o judô seria um esporte que ia me trazer disciplina.

O primeiro treinador com quem Christiano teve contato, o professor de judô, cumpriu com as expectativas de seu pai, já que seu caráter disciplinador foi a característica mais marcante em seus treinos. Nota-se que esta também é uma característica central identificada no primeiro professor de judô com quem Iuri teve contato.

> Já o meu primeiro professor de judô era um sujeito bastante íntegro e sistemático, foi ele que me botou na linha, eu lembro que eu era bastante atentado e logo nos primeiros meses eu fui me moldando conforme os corretivos que ele dava. [...] Não era violência, mas ele sabia muito bem como trabalhar a mente humana e como reprimir na hora que tinha que reprimir e estimular na hora que tinha que estimular. Não podia atrasar, não podia ficar de conversinha na aula. Aí se pisasse de chinelo no tatame, era castigo, era flexão, polichinelo. Isso tudo foi de certo modo bom pra mim e tenho até hoje um respeito muito grande por ele.

Christiano conta que passou a fazer aulas de natação contra sua vontade durante adolescência, aos dezesseis anos. Ele se recorda que o treinador de natação não conseguiu despertar seu interesse, ou seja, não mudou sua ideia sobre a natação. Conforme apresentado anteriormente, ele interrompeu definitivamente a prática da natação aos dezoito anos, quando se iniciou no ensino superior.

> O professor (de natação) era monótono e eu achava ele bem chato. Era o cara que você olhava e nem sabia o que ele estava fazendo lá. Eu sempre respeitei ele, mas nunca tive nenhuma proximidade de forma alguma, então ele não despertou em mim interesse maior pela natação. Eu nunca fui muito fã de nadar, fazia porque tinha que fazer.

Neste período, Christiano também troca de treinador de judô e deixa sua equipe, passando a treinar na própria faculdade meses após a conquista da faixa verde. Ele afirma que seu segundo professor de judô não era faixa preta, e sim um instrutor faixa marrom que também era um aluno desta mesma instituição. Ele descreve que os treinos dentro do ambiente universitário foram marcados como mais descontraídos em comparação ao rigor imposto nas aulas de seu primeiro professor.

> Eu cheguei até na faixa verde com meu primeiro professor, eu lembro que ele me deu a verde em dezembro e em fevereiro eu parei com ele porque estava indo pra faculdade e pra treinar com ele teria que atravessar a cidade, além dos horários que não batiam. [...] Quando eu entrei na faculdade, eu vi que

> tinha e logo fui treinar com o pessoal da atlética. E na época era um faixa marrom que dava aula, no caso era um aluno da faculdade também que estava quebrando um galho. [...] A maior diferença que eu vi foi que nessas aulas a gente tinha mais liberdade de conversar, era descontraído.

Neste período, praticando judô na universidade, Christiano participou do único evento competitivo de toda sua vida. Esta ocasião foi marcada por um sentimento de ansiedade despertado no ambiente da competição formal, o que fazia com que, assim como Guilherme, ele percebesse certa redução no seu desempenho e não se interessasse novamente em participar deste tipo de experiência, tanto no judô, como mais tarde no jiu-jítsu.

> Foi aquela coisa, um nervosismo antes de lutar, eu sempre fui muito ansioso. Não era o campeonato brasileiro, não valia nada, mas eu tinha medo de perder na frente dos meus amigos e falhar em representar a equipe. [...] Depois disso nunca fui pra campeonato de nenhum esporte. As vezes só de saber que estão me olhando no treino já pioro a *performance*.

O primeiro contato que Christiano tem com o jiu-jítsu se dá dentro do próprio treino de judô. Seus colegas que praticavam as duas modalidades esportivas lhe apresentaram alguns movimentos do jiu-jítsu que poderiam ser aplicados no judô. Neste mesmo período, assim como grande parte dos participantes deste estudo relata, o jiu-jítsu passou a ser cada vez mais divulgado pela mídia graças ao UFC, o que também contribuiu para sua adesão, visto que a ideia da eficácia do jiu-jítsu estava em voga.

> Alguns amigos meus do judô já faziam naquela época e ficavam me chamando pra treinar jiu-jítsu a noite com eles. O judô era de tarde e o jiu-jítsu tinha começado a noite lá na faculdade. [...] Eles falavam bastante disso e na época começou a estourar o UFC. Foi no UFC que o jiu-jítsu brasileiro se mostrou pro mundo vendendo aquela imagem de luta eficaz que me encantou tanto. [...] Nessa época que já tinha me interessado pelo jiu-jítsu e comecei treinando mais o chão no próprio judô com eles, o *ne waza*. [...] Pegava uma técnica, aprendia uma movimentação diferente.

Christiano também se recorda que o jiu-jítsu foi a única modalidade esportiva que iniciou em idade adulta, sem a interferência direta dos pais, diferente do que aconteceu na adolescência com o judô e a natação. Ele destaca que apesar dos pais terem tido papel fundamental na sua formação esportiva, eles sempre deram prioridades às demandas envolvendo sua educação e saúde. Deste modo, não havia qualquer forma de fanatismo esportivo em seu contexto familiar e o esporte era entendido, essencialmente, como ferramenta educativa e atividade fundamental para manutenção da saúde.

> Meus pais sempre apoiaram, mas sem nenhum fanatismo como acontece geralmente com os filhos de quem gosta de futebol. Meu pai nem ligava,

> minha mãe menos ainda. A mensagem que eles sempre deixaram claro pra mim era para que eu fosse fisicamente ativo, mas que focasse em primeiro lugar nos estudos. A ação mais pontual dos meus pais foi a de me obrigar fazer judô e natação, o judô pra eu ter mais respeito e disciplina e a natação por causa da saúde. No jiu-jítsu nunca influenciaram, até porque eu já não era mais uma criança. [...] O judô e a natação eu entrei porque meus pais quiseram, o jiu-jítsu eu entrei porque eu quis. Já tinha a cabeça mais formada quando comecei.

Um ano após sua iniciação no jiu-jítsu, Christiano interrompe a participação nos treinos de judô. Ele afirma ter se identificado muito mais com o jiu-jítsu, considerando principalmente as diferenças culturais experimentadas em cada uma das L/AM/MEC.

> O judô não era aquilo que eu procurava no fundo e já no jiu-jítsu eu encontrei o que sempre procurei. No jiu-jítsu, ainda que você tenha aquela noção de respeito e hierarquia muito presente, as coisas são mais moderadas, é muito mais próximo da cultura brasileira, enquanto o judô é mais no estilo japonês mesmo. [...] Eu entendo que a origem é a mesma, mas o trato pessoal no jiu-jítsu é diferente, começando pelo jeito de cumprimentar, de se comportar, de fazer a aula.

A estrutura dos treinos de jiu-jítsu conduzidos pelo professor M corrobora a descrição praticamente unânime apresentada pelos demais participantes deste estudo, no que se refere às práticas das equipes da região estudada, em especial, na década de 1990. O que mais chama atenção é a forma com a qual o professor M liderou seus alunos durante o primeiro contato de Christiano com a modalidade esportiva. Através de sua fala é possível identificar que seu primeiro professor de jiu-jítsu se destacou, tanto por sua qualidade técnica, como por sua capacidade de engajar e descontrair o grupo sendo descrito como: “Um exemplo a ser seguido”, o que o caracterizou como líder transformacional, marcado pela sua influência idealizada.

> O treino era de 1h30 e pode-se dizer que era trinta minutos alongamentos e aquecimentos, trinta minutos de repetições de técnicas, fazia uma média de três posições por treino e eu lembro até hoje que ele foi o mais afiado na técnica. No final fazia os rolas em trinta minutos (era coisa de quatro a cinco rolas sempre). [...] O meu primeiro professor era um cara descontraído a maior parte do tempo, mas sabia ser rigoroso na hora que tinha que ser, encucou na gente um sentimento de união muito forte. Realmente, um exemplo de professor a ser seguido.

O sentimento de coletividade construído durante seus primeiros anos de contato com o jiu-jítsu foi outra característica que deu à esta modalidade esportiva maior destaque diante do judô e da natação. Ele se recorda de ter iniciado várias amizades duradouras dentro da equipe β e destaca que muitas destas amizades extrapolaram o ambiente dos treinos, marcando presença em outras esferas de sua vida (pessoal e profissional) durante anos.

> No judô e na natação não era nada parecido com o jiu-jítsu. Não tem um cara que treinava comigo aquela época que esteja presente no meu ciclo de amizades hoje, por exemplo. No jiu-jítsu não, mantenho contato até com aqueles que largaram o esporte, porque acho que o jiu-jítsu aproxima demais as pessoas. A relação que tinha com meus colegas na natação e no judô era muito mais de esporte individual, mais superficial, já no jiu-jítsu eu percebi que tinha uma noção maior de coletivo deste o começo. [...] Tem cara de quando eu comecei que ainda mantém contato até os dias de hoje, que virou cliente da minha empresa, que frequenta minha casa.

Christiano afirma que o desenvolvimento esportivo do praticante de jiu-jítsu é interdependente do nível técnico de seus colegas. Deste modo, uma característica que marcou o período que treinou com o professor M foi a influência positiva que a qualidade técnica do grupo teve sobre seu desenvolvimento. Também fica evidente em seu discurso, que o professor M foi bem-sucedido em proporcionar o desenvolvimento do sentimento de conexão, como um valor em seu grupo de alunos.

> A característica mais marcante dos treinos dele era o grupo que se formou. Quando você tem um material humano melhor para treinar, você se torna melhor. É básico, o jiu-jítsu não se treina sozinho, à medida que o nível técnico dos seus colegas é elevado você tende a se nivelar. [...] Eu aprendi com ele que deveria criar um ambiente familiar para treinar, proteger o meu parceiro como um irmão e não permitir que algo ruim aconteça. Se você é uma pessoa que não se relaciona bem com os outros, não dá pra ir muito longe no jiu-jítsu.

Christiano, de forma muito similar a Guilherme, afirma ter o estudo e o trabalho como prioridades em relação ao jiu-jítsu. Enquanto parte dos colegas com quem treinou desde sua iniciação no jiu-jítsu começaram a se destacar em competições oficiais e aumentar sua frequência nos treinos, ele reduzia significativamente o seu nível de envolvimento esportivo. Neste momento, Christiano já relatava dificuldade em lutar com colegas menos graduados, apresentando desempenho menor do que o esperado para sua faixa. Esta redução no desempenho em relação ao grupo foi crucial para que a decisão de interromper a prática aos 22 anos fosse tomada.

> Eu sempre dei prioridade ao trabalho e ao estudo antes do treino. [...] Fui desanimando, porque enquanto eu só diminuía o ritmo, todos os meus amigos que haviam começado comigo se graduavam, competiam federado e evoluíam muito mais. Mesmo eu sendo azul e verde de judô, começou a ter uns faixas brancas que me davam muito trabalho e na época eu era muito orgulhoso, queria fazer valer a graduação, então com uns 22 anos eu resolvi dar um tempo.

Christiano destaca que o jiu-jítsu foi uma ferramenta fundamental para o desenvolvimento de características pessoais que podiam extrapolar o contexto esportivo. No

período que deixou de treinar, percebeu uma queda acentuada na sua confiança, o que interferiu negativamente em sua linguagem corporal no ambiente de trabalho.

> Depois que você aprende jiu-jítsu sua confiança aumenta e isso reflete na sua autoestima. Na época que eu parei de treinar na azul, eu comecei a perceber no meu trabalho que me faltava uma certa agressividade. Eu estava me sentindo muito fraco e não me impunha em determinadas situações. O jiu-jítsu sempre me ajudou com minha linguagem corporal e minha autoestima. [...] Pra mim não é uma questão de treinar para ser competidor, a minha competição é lá fora na vida real e eu tenho que tirar o máximo proveito dos treinos.

Anos mais tarde, aos 26 anos, Christiano se muda para a cidade 7, outra grande cidade do interior paulista. Ele recebeu uma proposta de promoção na empresa em que trabalhava, aceitando o desafio de gerir uma nova filial nesta cidade. Neste período, Christiano volta a treinar jiu-jítsu (com um novo professor e em uma nova equipe).

> Em agosto de 2005 eu mudei pra cidade 7 porque recebi uma proposta de promoção que já estava esperando fazia tempo. A empresa onde eu trabalhava abriria uma filial lá e eu que já vinha sendo preparado para assumir cargos cada vez mais elevados, fui cotado para preencher uma vaga de gestor nessa nova filial. [...] Aí lá eu comecei a treinar com o professor O na equipe ζ.

O segundo professor de jiu-jítsu com quem Christiano teve contato foi descrito como um indivíduo antiético e com uma série de problemas em se relacionar com as outras pessoas. Seus desvios de comportamento envolviam, desde tratamento diferenciado aos alunos com maior poder aquisitivo, até a criação de conflitos internos dentro de sua própria academia.

> Foi uma longa história. No começo, quando você ainda não tem muito discernimento, o seu mestre de jiu-jítsu já começa sendo uma referência pra você. Depois, conforme você vai se posicionando naquele novo ambiente, vai começando a ver os problemas [...] O professor O era o seguinte, a primeira coisa que ele via em cada aluno era um cifrão. Na hora da graduação, muitos reclamavam que ele fazia diferença dos alunos de acordo com a grana que ele tinha, mas isso não é nem o pior. O que me deixava mais chateado era que além disso ele criava intrigas entre os próprios alunos. Se ele vivia falando mal dos outros pelas costas e quem garante que não falava de nós para os outros?

A violência física e psicológica era sistematicamente aplicada pelo professor O como forma de exercício de poder sobre seus alunos. Os comportamentos reprovados pelo professor eram sistematicamente punidos com castigos físicos, o que alimentava um clima de tensão dentro de suas aulas.

> Pergunta se alguém tinha coragem de reclamar. Toda e qualquer desobediência era reprimida. Era muito comum o aluno passar pelo corredor

> polonês nos treinos porque havia questionado o professor durante a aula. [...] tinha o Carlos, o Carlos era meu parceirão nos treinos, era azul também e era um cara bacana. Durante a explicação desse meu professor, o Carlos falou um negócio engraçado que eu não aguentei e escapou uma risadinha. Pra que? O nosso castigo foi passar a posição que ele estava explicando, nunca me senti tão humilhado, eu travei. Depois disso tivemos que passar no corredor polonês, lógico. [...] Você tinha que passar correndo ou engatinhando por um corredor de pessoas que te batiam com a faixa. Isso é muito comum no jiu-jítsu quando muda de faixa, mas na aula dele era toda semana. Bastava algum moleque dar uma risadinha fora de hora, ter feito coisa errada ou ter desrespeitado o mestre em qualquer sentido e já era motivo para levar castigo. Dependendo o que fosse, toda a turma pagava flexão junto, igual no exército.

Christiano se recorda que além disso, o professor O carecia de conhecimento técnico e didático, o que fazia com que seus novos colegas de treino fossem tecnicamente inferiores aos colegas da equipe β. Ele não via sentido em gastar a maior parte da energia no aquecimento e não conseguir executar a tempo a quantidade de repetições propostas para cada técnica. Nota-se que o estilo de aula deste professor prejudicava, principalmente, a aprendizagem dos alunos iniciantes.

> O professor não era aquelas coisas e o nível técnico da turma em geral era bem baixo, na hora do rola os caras só faziam força porque o professor ensinava que era assim. [...] O treino tinha a mesma duração que na equipe β, só que o aquecimento era muito puxado, você acabava o aquecimento já estava esgotado, querendo ir embora. Na hora das técnicas ele costumava passar muitas posições e pedir para executar dez cada lado. [...] Ele não conhecia a palavra didática, umas posições sei lá, nada haver. Acontecia que mal dava tempo de um da dupla terminar de executar e ele já estava chamando o pessoal para ver outra posição e isso sempre prejudicava o menos graduado.

Aqueles que, assim como todos os participantes desta pesquisa, não se identificassem como competidores, também eram prejudicados pela forma que o professor O conduzia seus treinos. Havia uma super valorização da competição, enquanto os não competidores eram deixados em segundo plano. O viés competitivo pareceu ser uma característica da equipe ζ.

> Ele tinha uma tremenda dificuldade em entender que as pessoas praticam jiu-jítsu por diferentes motivos. Para ele o lado competitivo sempre foi o foco, eu percebia que ele queria empurrar todos nós pra competição porque a equipe era uma equipe de uns caras que sempre foram muito competidores. Ele fazia diferença entre quem era competidor e quem não era. [...] O mais chato era que ele queria cobrar de todos os alunos um senso de equipe que nem existia ali, queria que ajudasse, queria que estivesse presente nas competições, que viajasse junto, ajudasse até financeiramente. Muita gente desistia nesse ponto aí.

A forma como o professor O endossava a competição dentro de suas aulas fazia com que o tatame da equipe ζ fosse um espaço hostil. Christiano afirma que o mau desempenho

diante de um adversário menos graduado sempre foi um motivo para ser desmoralizado na frente dos colegas. “O professor controla o estilo do treino e por isso lá dentro tinha aquele clima pesado. [...] Era bem ridículo, chegava ao cumulo de ridicularizar os mais graduados que tomavam sufoco de algum faixa branca”.

Christiano comenta que a possibilidade de ser graduado é um fator que pode ser determinante para a manutenção da prática em algumas situações. Ele afirma que o professor O usava da graduação como ferramenta para sustentar a presença de alguns de seus alunos insatisfeitos, como foi o seu caso.

> A verdade é que no jiu-jítsu a troca de faixa é muitas vezes usada pelo professor para incentivar o aluno a continuar treinando. Você fica mais empenhado em treinar sabendo que vai mudar de faixa e por isso muitos param de ir assim que graduam. Era assim que ele segurava os alunos e foi assim que ele me segurou treinando lá. [...] Tinham outros professores nessa mesma academia, mas eu não mudei primeiro por conta do horário e segundo porque sabia que isso me traria problemas e atrasaria minha graduação. Ele me falou que ia me graduar no final do ano e na época, eu estava dando duro, minha faixa azul estava até despedaçando e eu não via a hora de pegar a roxa e mudar de academia.

Além de ajudar na manutenção de seu público, o poder de promover a graduação foi usado pelo professor O como “moeda de troca”, visando conseguir favores de seus alunos. Apesar da existência de um exame de graduação, o seu principal critério de avaliação para indicar os alunos ao exame, segundo o relato de Christiano, era a submissão à sua autoridade e esta decisão poderia sofrer influência de acordo com o poder aquisitivo de cada aluno, conforme apresentado anteriormente.

> Eu percebi que o professor O vivia rodeado de uns alunos que ficavam bajulando ele. Ele meio que exercia um controle mental sobre aquelas pessoas e ficava claro que a moeda de troca era a graduação no fim do ano. [...] Eu mesmo tive que aguentar várias situações. Se alguém desagradava ele por algum motivo, ele falava que eu tinha que passar o carro nessa pessoa pra ele.

A graduação de Christiano na faixa roxa é seguida, imediatamente, pela troca de professor e equipe. Ele afirma, assim como Guilherme, que aqueles que mudam de equipe no jiu-jítsu eram frequentemente estigmatizados como traidores.

> Peguei a roxa e na semana seguinte já estava no tatame treinando em outra equipe. Assim que peguei a roxa, inventei uma desculpa e sai fora. [...] Como na época não tinha rede social como tem hoje e eu não participava de competições, acho que ele nem ficou sabendo que mudei pro concorrente dele [risos]. Se ficasse sabendo ia falar: “Ah, o Christiano é um Creonte, um Judas, traidor”, ia ficar de picuinha. Tinha muito disso na época, eu via isso acontecer com outros colegas, mas nunca soube se ele ficou sabendo de mim.

Já a relação de Christiano com o terceiro professor de jiu-jítsu com quem teve contato foi marcada pelo respeito mutou, contrastando com a experiência anterior. O professor P, que era instrutor faixa marrom e representava outra equipe local, pôde contar com sua ajuda nas aulas e neste momento Christiano passou a entender que mesmo não querendo atuar como professor, poderia se beneficiar enquanto ajudava os colegas menos graduados.

> A equipe η era uma equipe local que havia começado com um professor lá da cidade 7 e o horário que dava certo era do professor P, um instrutor faixa marrom aluno desse mestre. [...] O professor P era um cara mais humano, que ajudava, que ensinava, que sempre teve paciência e que me respeitava muito. Ele era marrom e eu tinha acabado de pegar a roxa, então lá sim dava gosto de ajudar a ensinar e a contribuir com a aula dele. [...] Na faixa roxa e através do exemplo dele, que nem preta era, eu aprendi a ter mais humildade para não só aprender, mas ensinar o jiu-jítsu, assim eu aprendia em dobro.

As aulas do professor P foram descritos como mais bem-sucedidas sob o ponto de vista didático. Apesar de não haver uma estrutura padronizada, como o caso de todas os treinos citados no presente trabalho, Christiano comenta sobre uma série de estratégias adotadas pelo professor P e que foram percebidas como positivas. Dentre estas práticas, ele cita: o aquecimento através de posições e movimentações específicas do jiu-jítsu, a prática de uma variedade menor de técnicas e o treinamento de situações específicas da luta, além dos combates em si.

> O treino tinha a mesma duração [...] Suas aulas valorizavam mais a técnica e foi a primeira vez que eu tive a experiência de aquecer fazendo posições, *drills*, e exercícios de ginástica natural. O treino tinha começo, meio e fim, mas não era aquela coisa previsível, então não sei te falar se tinha um modelo por trás, variava toda semana. [...] Eu lembro que fazíamos menos técnicas por treino e ele sempre dizia uma frase do Bruce Lee: "Eu não tenho medo do homem que praticou dez mil golpes diferentes, mas do homem que praticou o mesmo golpe dez mil vezes". Antes das lutas em si, tinha sempre uns dez minutos reservados para trabalhar contextos específicos de luta, raspa ou passa, começando nas costas e claro, sempre tinha tempo para de três a quatro combates no final.

Aos trinta anos, Christiano se casa e volta a morar na cidade 4. Como a equipe η estava presente somente na cidade 7 e no seu entorno, ele procura pelos colegas da equipe β, com os quais manteve contato por anos. Após a interrupção de Christiano aos 22 anos, o professor M havia se mudado e deixado o comando da equipe com seus alunos mais graduados, conforme foi abordado anteriormente por Guilherme. Durante o período que Christiano esteve fora da cidade 4, a equipe β havia se tornado equipe γ, tendo sua estrutura reconfigurada e crescendo

conforme os alunos de seus colegas se tornaram também professores e abriram filiais na cidade 4 e região.

> A família da minha esposa é de lá, então quando a gente casou mudamos de volta pra cidade 4 em 2009 pra ficar mais perto e construir nossa vida. [...] Então assim que eu mudei no começo do ano já fui logo atrás de lugar pra treinar. Depois que você pega a roxa você não quer parar, até chegar na preta pelo menos [risos]. Eu sabia que o professor M tinha saído da cidade e deixado os alunos dele chefiando a equipe. Na verdade, os caras juntaram e formaram uma nova equipe, essa equipe se tornou muito mais capilarizada conforme os alunos desses meus colegas começaram a dar aula na cidade e em toda a região.

Depois de vivenciar uma relação complicada com o professor O, Christiano entendeu que deveria ser mais criterioso ao escolher um novo lugar para treinar. Sendo assim, dentro dos seus três primeiros meses na equipe γ, ele não treinou em um lugar fixo, conhecendo diferentes professores, suas aulas e os grupos de colegas com quem dividiria o tatame.

> Eu perdi totalmente o respeito pelo professor O. A vida me ensinou a duras penas como escolher alguém pra chamar de mestre. Eu sempre falo: “Respeito é uma via de mão dupla, pra ser respeitado, precisa me respeitar antes” e eu vou te falar que no jiu-jítsu tem muito cara folgado e tem muito cara desequilibrado. [...] Antes de começar firme com um professor na equipe γ eu tive a ideia de visitar várias academias dessa mesma equipe e pagar algumas semanas pra sentir como seria. Fui nos treinos dos meus conhecidos, conheci a aula dos alunos deles, rodei a cidade praticamente. Foi a melhor coisa que fiz, pude escolher onde iria ficar pelo perfil do professor, dos alunos, da aula e o horário.

Após experimentar as aulas de diferentes professores na equipe γ, Christiano decide treinar com o professor Q, já que além de se identificar com sua metodologia e com os novos colegas, os horários de treino e a estrutura física da academia também o agradaram. Ele destaca, mais uma vez, que existe uma grande interdependência entre os colegas de treino e afirma que o professor é o principal agente na condução dos sentidos atribuídos ao treinamento.

> Comecei a treinar com o professor Q e fiquei com ele porque além de me identificar com o perfil dele e da turma, tem questão prática dos horários que eram bons e academia tinha uma estrutura legal, o que pesou muito na minha escolha [...]. Ele não queria formar atleta, ele tinha o jiu-jítsu como estilo de vida. Meus colegas de treino hoje são quase todos praticantes que não competem. Lá não tem aquele clima pesado de campeonato, tem um clima muito família, tem aquela resenha no tatame final do treino, sair pra tomar cerveja, todo mundo é amigo. [...] Eu nunca quis ser competidor e no jiu-jítsu a relação com seus parceiros de treino é muito engraçada porque apesar de ser um esporte individual você depende deles pra evoluir e as características desse time influenciam demais em como você vai treinar. Uma turma pode ser mais competitiva ou mais cooperativa e é o professor quem dita isso no tatame.

Pela primeira vez, Christiano frequenta treinos de jiu-jítsu com duração de uma hora. Assim como comenta Guilherme, parece haver uma demanda para que os treinos no período da manhã não se estendam. Outra característica marcante das aulas do professor Q era a prática de técnicas de defesa pessoal e de *no gi* (jiu-jítsu sem quimono).

> O treino era 7h da manhã, ninguém que vai essa hora quer ficar uma hora e meia. [...] As aulas passaram a durar uma hora a partir daí. [...] Aquece em dez minutos, fazemos duas ou três técnicas e aí é o rola. [...] Uma coisa bacana nas aulas dele que eu não fazia nas demais é o treino semanal de *submission*, que era o jiu-jítsu sem quimono ou *no gi* como eles falam mais hoje em dia. Nesse treino também costuma ter a defesa pessoal, o que eu curto muito.

No jiu-jítsu cada equipe tem suas particularidades e sua cultura interna. A diferença central observada na equipe γ era uma maior liberdade conferida aos seus professores, que podiam conduzir suas aulas da forma que preferir, isto é, sem ser limitado por diretrizes internas que fazem parte da rotina de algumas grandes equipes.

> O professor M deixou um legado muito interessante que dura até hoje na equipe γ de certo modo. [...] O foco estava no jiu-jítsu como um todo, a galera era bem competitiva, mas não deixava de existir a parte de defesa pessoal. Hoje eu vejo que pela equipe ter crescido, o estilo do treino depende muito do professor e daqueles alunos que vão no horário. [...] Existe cerimônia de entrega de faixa e campeonato interno todo mundo junto, eu também sei que meu professor paga uma taxa para ter a bandeira da equipe, mas não existe um padrão de aula imposto, cada um faz como acha que deve ser. Tem equipe grande que não tem essa liberdade. Isso é muito bom, porque cada professor tem liberdade para estruturar sua aula como quiser.

Após passar por quatro equipes diferentes, Christiano revela que esta experiência havia sido útil, pois pode observar as lideranças destas equipes exercendo sua gestão, tema que é de seu interesse profissional.

> Quando você treina numa equipe regional você está em contato com os caras o tempo todo. Eu tive a oportunidade de estar próximo das lideranças e acompanhar um pouco mais de perto como funciona a organização de pessoas. É o tipo de aprendizagem que eu tiro do jiu-jitsu que tem influência na minha vida profissional.

Tal como afirmam os outros participantes deste estudo, o papel fundamentalmente assumido pela entidade reguladora – no caso destes que são praticantes não competidores – é o de outorgar os graus da faixa preta. Como hoje Christiano vê sentido em dar continuidade a sua graduação, ele tem sua situação de faixa preta regularizada diante da CBJJ.

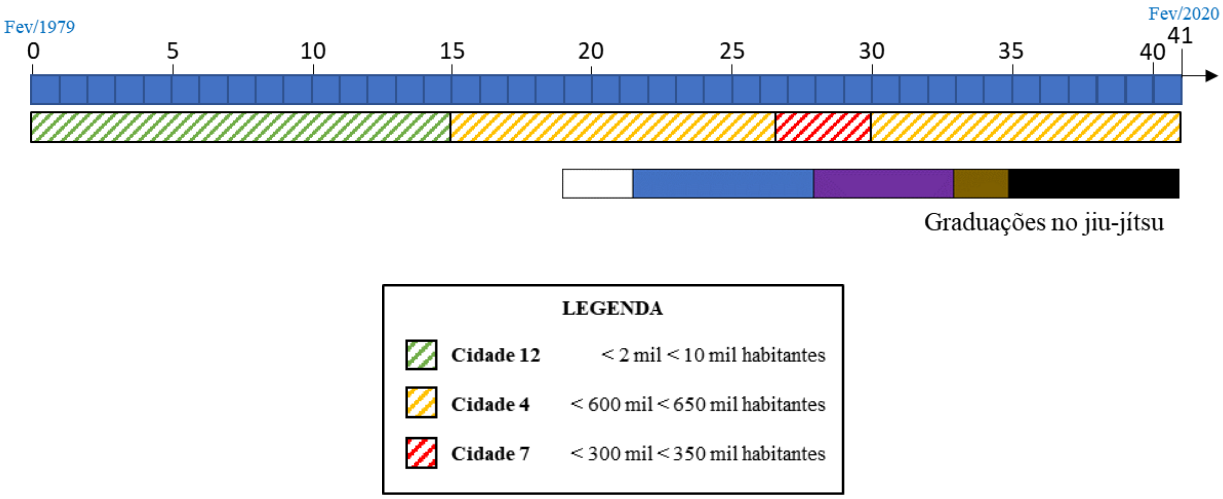
> Eu nunca fui atrás de federação por não ser competidor. Meu segundo professor até queria que eu me inscrevesse na Federação Paulista porque ele

> não entendia muito bem o que eu queria, mas eu nunca fui atrás. Quando eu peguei a preta já sabia da importância de se federar na CBJJ para poder validar os graus nessa faixa e mesmo assim eu enrolei. Em 2019 era pra eu estar pegando o segundo, mas peguei o primeiro.

Christiano se destacou como único participante da presente pesquisa a nunca ter participado de competições de jiu-jítsu e desde sua iniciação na modalidade esportiva já estava claro que suas prioridades profissionais sempre seriam colocadas à frente de qualquer prática esportiva. Deste modo, é possível traçar uma relação dos sentidos atribuídos pelos seus pais ao esporte durante sua adolescência e fato do jiu-jítsu ser tido como um suporte, uma ferramenta de manutenção de aspectos físicos e psicológicos considerados como importantes em sua vida pessoal e profissional. Assim como Iuri e Guilherme, Christiano também relaciona o jiu-jítsu à uma terapia. “Hoje eu tenho o jiu-jítsu como um estilo de vida, um treino pra mente. A semana que eu não consigo treinar eu fico mal, justamente porque o jiu-jítsu tem papel de terapia pra mim”.

Na figura 36 é possível observar as mudanças de cidades vividas por Christiano no decorrer de sua vida. Nota-se que aos quinze anos ele experimentou uma importante transição de contexto da participação esportiva, mudando-se de uma pequena para uma grande cidade.

Figura 36 – Mudanças de cidade de Christiano

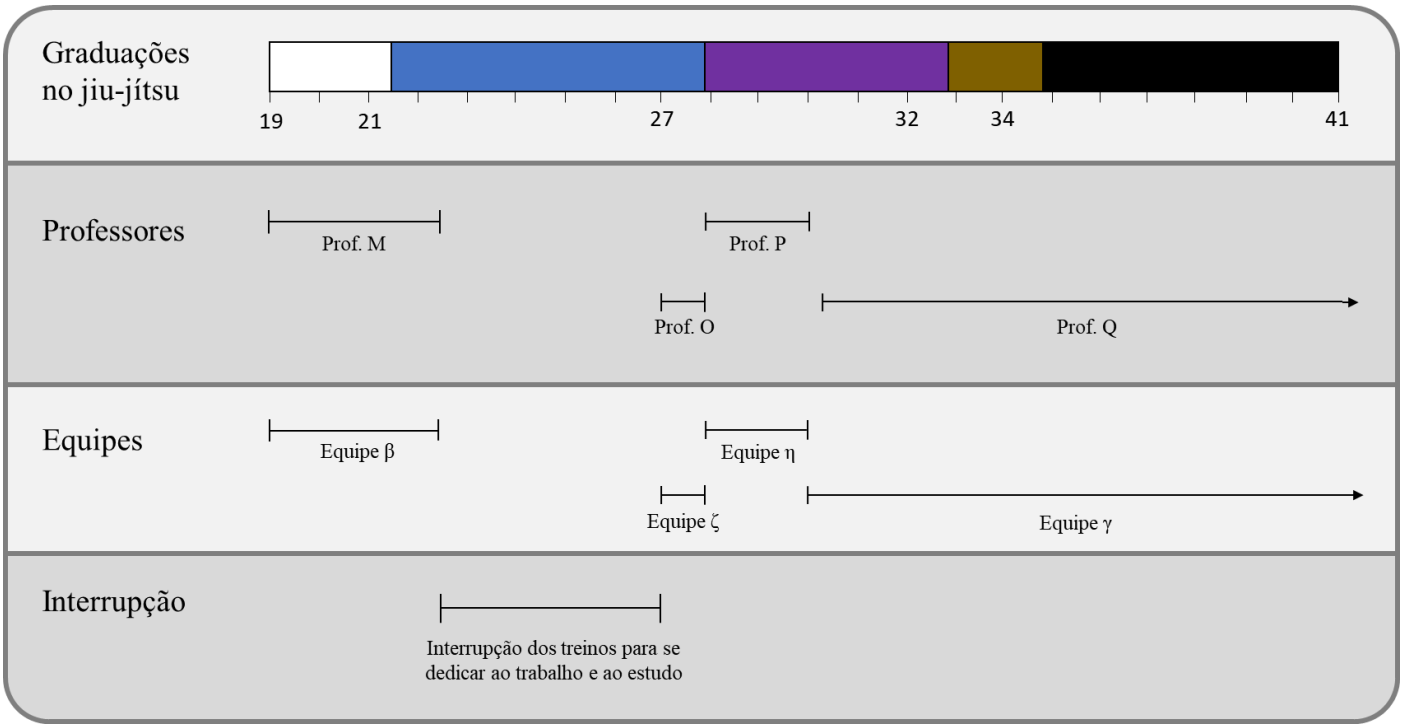


Fonte: O próprio autor.

A figura 37, por sua vez, apresenta importantes transformações de contexto experimentadas por Christiano no jiu-jítsu: as mudanças de professores e de equipes. Christiano

relata que só passou por uma única longa interrupção no treinamento de jiu-jítsu, justamente em um período que procurou dedicar-se mais ao estudo e ao trabalho.

Figura 37 – Mudanças de professores, de equipes e o motivo da interrupção de Christiano no jiu-jítsu



Fonte: O próprio autor.

Uma vez que o desenvolvimento da participação esportiva de cada participante foi apresentado dentro de suas complexidades individuais na seção de resultados, a seção de discussão tem o intuito de proporcionar as sínteses destes resultados em congruência com o mapa temático resultantes da Análise Temática Reflexiva.

6 DISCUSSÃO

A seção de discussão dividiu-se de acordo com os dois temas centrais “Estágios da participação esportiva” e “Contexto de desenvolvimento esportivo e pessoal”, cada qual subdividindo-se em três subtemas. Nota-se que existiu interdependência entre diferentes temas e subtemas. Como optou-se por apresentar e discutir cada subtema separadamente, os pontos de intersecção entre cada uma das seções foram sinalizados durante o texto, permitindo que o leitor interessado em determinado assunto navegue com maior liberdade pela discussão proporcionada pelo presente trabalho.

6.1 ESTÁGIOS DA PARTICIPAÇÃO ESPORTIVA

Ao analisar o relato dos seis participantes da presente pesquisa sobre o desenvolvimento de sua participação esportiva, foi possível identificar uma série particularidades com relação ao principal referencial teórico que embasou este tema: O Modelo de Desenvolvimento da Participação Esportiva (DMSP) (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007). Tanto Evans et al. (2017), como Stambulova et al. (2009) apontam para a necessidade de se reconhecer que diferentes modalidades esportivas representam diferentes contextos, o que justifica estudos como este, empenhados em investigar um dado contexto em particular. As diferenças culturais e sociais que separam o contexto vivido pelos participantes deste estudo dos contextos relatados nos estudos que sustentaram o DMSP originalmente justificam a necessidade de apropriar-se de seus conceitos através de uma releitura crítica, sensível ao contexto do jiu-jítsu no Brasil, mais especificamente da região de Ribeirão Preto.

A discussão do tema referente aos estágios da participação esportiva se subdividiu em três seções: 1) Experimentação além do jiu-jítsu; 2) Especialização, investimento e manutenção da prática no jiu-jítsu; e, 3) As transições entre os estágios da participação esportiva e o processo de graduação no jiu-jítsu.

Enquanto o primeiro subtema envolveu a análise das experiências esportivas além do jiu-jítsu, o segundo foi voltado à discussão sobre as etapas de participação esportiva vividas nesta que se tornou a modalidade esportiva primária dos participantes do grupo estudado. Por fim, o terceiro subtema que estrutura a discussão deste tema central foi dedicado às transições esportivas. Para esta seção em especial, foi necessário buscar referência complementar através do ACTM proposto por Stambulova, (2003), tendo em vista que o DMSP (CÔTÉ; BAKE; ABERNETHY, 2007) não aborda o processo de transição entre suas etapas. Uma importante

característica do jiu-jítsu – inerente à esta pesquisa em particular – é o processo de graduação pelo qual os participantes passaram no jiu-jítsu até conquistar a faixa preta. As mudanças de faixa tiveram grande influência sobre os estágios da participação esportiva no jiu-jítsu, sendo discutidas em profundidade na seção que tratou das transições esportivas.

6.1.1 Experimentação além do jiu-jítsu

No grupo estudado, todos os participantes tiveram vivências prévias envolvendo mais de uma modalidade esportiva antes de sua iniciação no jiu-jítsu, o que compreendeu sua experimentação além do jiu-jítsu. Estas experiências variaram em diversidade e duração.

A iniciação esportiva da maioria dos participantes deste estudo (Renato, Fabrício, Murilo e Christiano) se deu na primeira infância por meio de atividades diversificadas envolvendo principalmente jogos deliberados em diferentes modalidades esportivas, o que condiz com os pressupostos do DMSP (CÔTÉ, 1999; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007; CÔTÉ; VIERIMAA, 2014). Já Iuri e Guilherme passaram por experiências que destoam do modelo no que tange aos primeiros anos de contato com o esporte.

Iuri foi iniciado em um processo de especialização precoce durante os primeiros anos de sua iniciação esportiva. Uma particularidade de seu caso com relação ao terceiro caminho do DMSP, proposto por Côté, Baker e Abernethy (2007), foi a condição de dupla especialização precoce. Aos seis anos, ele foi iniciado no treinamento formal de futebol e de judô. Apesar de praticar duas modalidades esportivas distintas, ambas configuravam individualmente cenários característicos da especialização precoce.

Sua iniciação no futebol foi determinada pelo pai, torcedor fanático que sonhava que o filho se tornasse jogador, e pelo professor, que insistia em especializá-lo em uma função defensiva, dada suas características físicas, o que reduzia significativamente suas chances de marcar gols. Conforme Côté e Fraser-Thomas (2007) apontam, contextos marcados pela influência exacerbada de pais e treinadores durante os primeiros anos de contato da criança com o esporte podem resultar em uma série de consequências negativas, dentre as quais, o abandono esportivo (assunto abordado em profundidade na seção 5.2.2 – Qualidade de relacionamentos).

Iuri não relatou contato com jogos deliberados envolvendo o futebol e nem sequer a sua prática em outros ambientes, o que sugere que sua experiência com a modalidade esportiva se limitava a prática deliberada e as competições desde sua iniciação aos seis anos. Já no judô, fica evidente que a estrutura das aulas e a postura do professor foi fundamentalmente baseada na prática deliberada em detrimento de uma menor quantidade de atividades relacionadas ao jogo

deliberado[34] em momentos específicos, participando de um número significativo de eventos competitivos [35] a partir dos oito anos de idade. Tais circunstâncias – interpretadas individualmente – configuraram o que Côté, Baker e Abernethy (2007) definiram como especialização esportiva precoce.

Entre os seis e os dez anos de idade, Iuri frequentou em média quatro sessões de treinamentos estruturados semanais, isto somando as duas modalidades esportivas, e está foi a totalidade de suas atividades esportivas referentes a esse período que, em tese, deveria ser pautado na diversificação de experiências esportivas e em altas quantidades de jogos deliberados, garantindo condições ideias para promoção do PYD (CÔTÉ; LIDOR; HACKFORT, 2009; CÔTÉ; VIERIMAA, 2014).

O fato de vivenciar, concomitantemente, as duas modalidades esportivas neste período, representou o mínimo de diversificação (*sampling*) para não o localizar no extremo do que seria a especialização precoce, conforme apresenta o terceiro caminho do DMSP (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007). No entanto, o contexto vivido principalmente no futebol, mas também em partes no judô, foi desde o início, determinado pela busca por desempenho, o que remete ao contexto da especialização esportiva precoce (CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007).

O que ocorre no futebol brasileiro, em muitos casos, é uma iniciação esportiva pautada no modelo competitivo do esporte de alto rendimento, tal como relata Iuri. Deste modo, desde o primeiro contato com a prática, entre quatro e doze anos, os iniciantes podem ser expostos a treinamentos e competições inspirados nas atividades dos adultos, o que intensifica os índices de especialização esportiva precoce. A preocupação por parte de pais, treinadores e dirigentes para que jovens talentos sejam identificados e potencializados o quanto antes como forma de aumentar as chances de que se alcance o alto rendimento é o que norteia este processo evidente no futebol brasileiro (BARBIERI; BENITES; MACHADO, 2008)

Silva, Silva e Paoli (2013) argumentam que apesar do avanço das pesquisas sobre este tema, a dinâmica atual do mercado do futebol faz com que as rotinas de treinamento de jovens

---

[34] Iuri não relata em detalhes quais eram as brincadeiras que participava nas aulas de judô durante sua infância. No entanto, pode-se deduzir que tais atividades faziam parte das aulas e eram propostas pelo seu professor, sendo caracterizadas por Côté, Erickson e Abernethy (2013) como *play practice* (discutido especificamente na seção 5.2.3 – Os sentidos do treinamento e da competição).

[35] Segundo seu relato, as primeiras participações competitivas de Iuri no judô se deram em duas variações de ambientes: os campeonatos e os festivais. É possível interpretar que os chamados festivais poderiam se diferenciar dos campeonatos dando uma menor ênfase à vitória em virtude de uma maior valorização da participação e da inclusão. No entanto, o participante não soube informar o número de vezes que participou de cada tipo de evento.

em formação continuem tendendo à especialização precoce. Deste modo, aquelas crianças que têm o treinamento de futebol como única atividade física estão expostas a maiores riscos de serem especializadas precocemente segundo os critérios do DMSP (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007).

Já com relação ao judô, Massa et al. (2014) investigaram a iniciação esportiva, tempo de prática e o desenvolvimento de seis judocas olímpicos brasileiros, chegando a algumas conclusões que colaboram com a discussão do presente estudo. Os autores identificaram que a iniciação no judô dos atletas do grupo estudado se deu entre cinco e oito anos de idade (em média aos 6,2 ± 1,3 anos). Apesar de não oferecer as informações necessárias para que se estime a idade em que houve a especialização na modalidade esportiva de acordo com os critérios do DMSP (dados sobre a participação em outras modalidades esportivas e a quantidade de prática e jogo deliberado em cada período), o estudo em questão permitiu concluir que o grupo de atletas olímpicos foi iniciado no judô ainda na primeira infância, tal como Iuri.

Os autores chamam atenção para o fato de que mais estudos seriam necessários para investigar por que outros judocas que começaram nesta idade não atingiram a elite competitiva, como o foi o caso de Iuri. Para Massa et al. (2014):

> o microssistema local, próximo aos ambientes de desenvolvimento da criança, composto pela cultura de uma cidade e/ou de trabalhos isolados de clubes ou academias, associados com o apoio dos familiares, foi capaz de gerar o ambiente ideal para a formação de judocas de nível internacional (MASSA et al. 2014, p. 392).

Esta constatação permite sugerir que o PAF de Côté, Turnnidge e Evans, (2014) – referencial teórico por trás do segundo tema desta investigação – pode contribuir para a maior elucidação das particularidades do desenvolvimento da participação esportiva dos participantes da presente pesquisa.

Após este período de dupla especialização precoce, Iuri transitou horizontalmente entre as etapas do DMSP, passando a viver os anos de experimentação a partir dos dez anos de idade, quando começou praticar – sob forma de jogo deliberado – o basquetebol e o voleibol, além de ter abandonado definitivamente o futebol. Apesar de seus autores reconhecerem a existência de transições horizontais entre as etapas de participação esportiva, as representações gráficas mais recentes do modelo ainda não abrangem esse tipo de movimento, estando presas aos seus três caminhos característicos e suas respectivas transições verticais, além da ideia questionável de que existem idades ideais para viver cada uma de suas etapas (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007; CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007), o que deixa implícito que os autores entendem as

transições verticais como menos comuns. Por outro lado, o estudo do desenvolvimento da participação esportiva do grupo de seis faixas pretas de jiu-jítsu não competidores apresentou resultados que permitiram constatar que a experiência esportiva é um processo dinâmico, ainda mais heterogêneo do que modelos como o DMSP sugeriram.

Guilherme, por sua vez, foi sedentário durante a maior parte da infância, tendo sua iniciação esportiva apenas aos onze anos. Neste período, ele começou a frequentar aulas de caratê (prática deliberada) e iniciou a prática mais ou menos regular de ciclismo (*mountain bike*) como forma de recreação (jogo deliberado[36]). No seu caso, a prática deliberada se destacava por meio de três aulas semanais de caratê marcadas pelo rigor de seu professor para com a perfeição técnica, enquanto o "pedal com os amigos", como se referia, se dava em menor frequência, até uma vez por semana, o que permitiu identificar a especialização precoce no caratê, de acordo com os critérios do DMSP (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007).

O que o diferenciou as especializações vivenciadas por Iuri e Guilherme foram os sentidos atribuídos a estes processos. Aos seis anos de idade Iuri foi iniciado em treinamentos formais de futebol e judô, contando com o estímulo direto de seu pai e de sua avó, respectivamente, enquanto Guilherme afirma ter tido maior autonomia na escolha do caratê e que o ciclismo sempre foi praticado com caráter recreativo (ambos iniciados aos onze anos). Apesar da baixa diversificação e da distribuição entre prática e jogo deliberado configurarem o que Côté, Baker e Abernethy (2007) definem como especialização esportiva precoce (no caratê), é possível identificar que o contexto experimentado por Guilherme estava mais relacionado ao dos anos de experimentação (CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007).

O ponto em comum entre as especializações esportivas vividas por Iuri e Guilherme reside na limitação da diversificação durante sua iniciação esportiva antes da puberdade, limitada a duas modalidades esportivas e com um volume de prática deliberada semanal evidentemente maior em relação ao de jogo deliberado. No entanto, o fato de Iuri ter se especializado mais cedo permitiu que ele pudesse transitar aos anos de experimentação a tempo de aproveitar as benesses do jogo deliberado e da maior diversificação esportiva durante a infância, enquanto Guilherme não chegou a vivenciar os anos experimentação da forma que este período é apresentado no DMSP (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007).

---

[36] Segundo Guilherme sua prática de ciclismo "não era um treino". É possível identificar que esta atividade era organizada pelas próprias crianças e adolescentes envolvidos, sem supervisão de um treinador, sem o intuito de desenvolver *performance* e com objetivo explícito de se divertir, características que denotam ao jogo deliberado (CÔTÉ, 1999).

Há evidências de que processos de formação esportiva caracterizados pela especialização precoce podem culminar no encurtamento de carreiras esportivas (FRASER-THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2008a; CÔTÉ; DEAKIN, 2008b; FRASER-THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2009) e em maiores índices de lesões que podem levar ao abandono esportivo, além deixar sequelas (JAYANTHI et al., 2015) em comparação a processos conduzidos a partir da experimentação. O abandono esportivo pode tanto ser total, como parcial, deixando de se envolver com apenas uma das modalidades esportivas praticadas como foi o caso dos dois participantes supracitados.

Durante o treinamento extensivo visando o alcance da perfeição e de resultados no alto rendimento, o atleta pode ser submetido a estresse excessivo, o que por sua vez pode levar à síndrome de *Burnout*, ou síndrome do esgotamento profissional. A síndrome de *Burnout* no esporte é definida como a retirada psicológica, emocional e física de uma modalidade esportiva que já foi tida como agradável e sua ocorrência é fruto do estresse crônico acumulado (GOULD et al., 1996).

Giusti et al. (2020) conduziram uma revisão sistemática (metanálise) com o objetivo de comparar os índices de síndrome de *burnout* entre grupos de atletas especializados precocemente em uma única modalidade esportiva e atletas que viveram uma iniciação esportiva caracterizada pela diversificação. Oito dos 3578 estudos identificados inicialmente atenderam aos critérios específicos da pesquisa[37], totalizando 1429 atletas dos quais 1371 (95.9%) foram especializados precocemente (*specializers*) e 58 (4.1%) foram iniciados através da experimentação (*samplers*). Os autores concluíram que a especialização precoce foi associada com maiores índices de síndrome de *burnout* em três aspectos: sensação de realização reduzida, desvalorização do esporte e exaustão (física e mental).

É fundamental destacar que o roteiro de entrevistas conduzido por esta pesquisa não se voltou especificamente para a questão da síndrome de *burnout*, embora tenha sido possível identificar a sensação de realização reduzida e a desvalorização do futebol nos relatos de Iuri. Ele e Guilherme foram especializados precocemente, apesar de estarem envolvidos em duas modalidades esportivas, não apenas uma como os critérios adotados por Giusti et al. (2020) e pelo DMSP (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007) para definir este processo, de modo que,

[37] Os critérios de inclusão adotados por Giusti et al. (2020) foram: 1) publicações em inglês; 2) aplicação do *Athlete Burnout Questionnaire (*ABQ); 3) participantes com idades entre doze e dezenove anos; 4) participantes classificados como *samplers* ou *specializers* ou foram fornecidas informações suficientes para classificá-los como tal.

o abandono da modalidade esportiva em que foram submetidos a especialização esportiva precoce não significou o abandono esportivo definitivo.

Dentre os três primeiros postulados propostos por Côté, Lidor e Hackfort (2009) – aqueles que fazem referência a importância da diversificação – os resultados do presente estudo permitem dialogar diretamente com o segundo: "A diversificação de experiências esportivas (experimentação) está relacionada a carreiras esportivas mais longas e tem implicações positivas no envolvimento esportivo de longo prazo", já que o grupo estudado compreende apenas indivíduos que passaram por processos de formação esportiva considerados como bem-sucedidos, tendo dado continuidade a sua participação de longo prazo, conquistando a faixa preta de jiu-jítsu e mantendo-se fisicamente ativos em idade adulta. Apesar de três participantes (Renato, Fabrício e Christiano) terem vivenciado alguns períodos de abandono esportivo total, todos retornaram a sua prática e mantiveram-se ativos em longo prazo. Cabe relembrar que não houve relatos de processos de especialização precoce relacionados à terceira via do DMSP (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007), e sim casos de especializações esportivas precoces com diferentes doses de diversificação, o que pode ter assegurado a continuidade do envolvimento esportivo de longo prazo graças à inexistência de casos graves envolvendo lesões e o abandono esportivo definitivo na infância e adolescência.

Ainda foi possível oferecer suporte indireto às afirmações do primeiro postulado de Côté, Lidor e Hackfort (2009): "A diversificação de experiências esportivas (experimentação) não impossibilita o alcance do alto rendimento em modalidades esportivas em que o pico de rendimento se dá após a maturação". Apesar dos participantes do presente estudo não fazerem parte do ambiente de alto rendimento e sequer serem competidores ativos, a conquista e manutenção da faixa preta depende do alcance de um nível de desempenho ideal (assunto abordado em maior profundidade nas duas próximas seções desta discussão). A própria estrutura do sistema de graduação no jiu-jítsu, que impede o praticante de ser graduado faixa preta antes dos dezenove anos (IBJJF, 2012), faz com que a modalidade esportiva seja caracterizada pelo pico de rendimento após a maturação, o que também foi constatado ao analisar a formação esportiva de um grupo de atletas de elite (VICENTINI; MARQUES, 2018c).

A limitação das possibilidades de diversificação de vivências, seja por meio de diferentes modalidades esportivas, tipos de atividades e ambientes de prática, pode significar redução do desenvolvimento motor, cognitivo e social da criança, prejudicando assim o seu desenvolvimento através do esporte (STRACHAN; CÔTÉ; DEAKIN, 2009).

Os jogos deliberados constituíram a base da iniciação esportiva de quatro dos seis entrevistados, mas não deixaram de incorporar as experiências vividas por aqueles que passaram por processos de especialização precoce. Iuri relata que apesar do foco na prática deliberada, o professor de judô conduzia algumas brincadeiras durante seus primeiros anos de prática. Já Guilherme teve o primeiro e único contato com o jogo deliberado através do ciclismo no mesmo período que iniciou sua especialização precoce no caratê. Apesar desta atividade sempre ter sido esporádica, diferente do caratê, ele não abandonou o ciclismo, permanecendo ativo até o período da entrevista (aos 37 anos).

Através do jogo deliberado, todos estes participantes – em diferentes medidas de diversificação – puderam ter uma série de experiências agradáveis relacionadas ao ato de brincar/jogar com o fim em si mesmo, mas que não deixaram de contribuir para construção de competências motoras e cognitivas transferíveis a diferentes contextos no futuro. Os achados deste estudo ofereceram suporte empírico indireto ao quarto e ao quinto postulado do DMSP (CÔTÉ; LIDOR; HACKFORT, 2009), respectivamente: "Altas quantidades de jogos deliberados durante os anos de experimentação constroem uma fundação sólida de motivação intrínseca através do envolvimento em atividades que são agradáveis e promovem regulação intrínseca" e "Altas quantidades de jogos deliberados durante os anos de experimentação estabelecem uma gama de experiências motoras e cognitivas em que as crianças podem em última análise trazer para sua modalidade esportiva de interesse".

No grupo estudado, o jogo deliberado foi o maior responsável pelo aumento da diversificação de experiências antes da iniciação na modalidade esportiva principal. Tal como aponta Côté e Ericsson (2014), esta diversificação pode ainda se expressar dentro de uma mesma modalidade esportiva, como foi o caso de Iuri com o judô em sua infância. Apesar da prática deliberada assumir papel de destaque dos treinos de judô, a presença do jogo deliberado impediu sua hegemonia absoluta, diferente do futebol, em que a frustação por não cumprir com as expectativas criadas levou ao seu abandono precoce.

Os elementos da diversificação são amplificados no caso dos jogos deliberados, dando a criança e ao adolescente maiores oportunidades de explorar diferentes contextos esportivos, inclusive variando dentro de uma mesma modalidade esportiva, com diferentes números de participantes (incluindo mais velhos, mais novos, mais altos, mais ágeis etc), recursos materiais variados e regras constantemente adaptadas e aplicadas pelos próprios envolvidos frente a situações distintas, o que resulta em maior imprevisibilidade. Esta imprevisibilidade contribui para o aumento do seu repertório motor e de experiências sociais que refletem em melhores condições para o *PYD* (CÔTÉ; ERICSSON, 2014; CÔTÉ; LIDOR; HACKFORT, 2009).

Uma quantidade significativa deste jogo deliberado durante os anos de experimentação dos participantes estudados se relacionava a um conjunto de modalidades esportivas específicas: o ciclismo[38] (Renato, Murilo, Guilherme e Christiano), o futebol (Renato, Fabrício e Christiano), o voleibol, o basquetebol (Iuri) e a natação (Murilo). Além dos jogos deliberados derivados de algumas modalidades esportivas, um conjunto de brincadeiras tradicionais foram relatadas por uma parte dos participantes (Renato, Fabrício e Christiano). Estas brincadeiras - que variam de nomenclatura regionalmente - como pega-pega, pique-esconde (Renato), pique-rela, pique-ajuda (Fabrício), empinar pipa, pular corda, carrinho de rolimã e mamãe da rua (Christiano), podem ser definidas como manifestações de jogo deliberado segundo os critérios apresentados por Côté (1999) e têm o potencial de contribuir para o desenvolvimento cognitivo, afetivo, físico e social da criança, apesar de não serem relacionadas a uma modalidade esportiva específica (FRIEDMANN, 2001).

Já no que diz respeito à prática deliberada, o primeiro contato dos participantes aconteceu ao longo da infância daqueles que vivenciaram diferentes variações de especialização esportiva precoce (Iuri e Guilherme) e na adolescência, entre o final dos anos de experimentação e o início da especialização, entre aqueles que até então vinham tendo experiências condizentes com o segundo caminho do DMSP (Renato, Murilo e Christiano). Já o Fabrício relata que vivenciou a prática deliberada pela primeira vez apenas em idade adulta, após ter passado por uma experiência esportiva particular que guarda maiores semelhanças com o primeiro caminho do DMSP (participação recreativa através de vivencias diversificadas) (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007).

É interessante observar que aqueles que experimentaram uma menor variedade de práticas deliberadas em toda sua formação, apenas através do próprio jiu-jítsu e da musculação, e se especializaram em uma única modalidade esportiva em toda sua participação esportiva (Renato e Fabrício), foram os únicos que passaram parte de sua vida na zona rural (assunto abordado em profundidade na sessão 5.2.1 – Cenários de desenvolvimento)

Após uma infância e adolescência rica em experiências diversificadas envolvendo o jogo deliberado, Renato entra contato com a prática deliberada através dos seus primeiros treinos de musculação e jiu-jítsu aos quatorze e quinze anos de idade, respectivamente. Neste

[38] Apenas Guilherme se referiu especificamente ao *mountain bike*, enquanto os outros relataram que andar de bicicleta fazia parte das atividades praticadas com fins recreativos nos anos de experimentação. No caso deste participante especificamente – que não viveu os anos de experimentação – o ciclismo foi sua atividade secundária durante o período em que se especializava no caratê.

período de sua adolescência ele continua jogando futebol com os amigos nos momentos de lazer e não se especializa em nenhuma modalidade esportiva, o que remete às características básicas dos anos de recreação do DMSP (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007).

Quanto a Fabrício, apesar de ter participado de competições locais de futebol entre os quinze e dezenove anos, este período teve configurações que remetem aos anos de recreação do DMSP, uma vez que não havia treinamento sistematizado, prática deliberada e nem a figura do treinador (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007). Sua atividade se dava através de competições entre times locais, regulados pelos próprios participantes. No entanto, é possível traçar alguns paralelos com o que poderia ser entendido como um processo de especialização na modalidade esportiva, uma vez que, durante este período os jogos de futebol foram sua única atividade esportiva e havia a possibilidade de especialização na determinada posição que melhor desempenhava.

Fabrício só vivenciou a prática deliberada da forma como Ericsson, Krampe e Tesch-Römer (1993) descreveram (atividades estruturadas por terceiros, não necessariamente prazerosas, com o objetivo explícito de desenvolver e aprimorar habilidades específicas e superar de fraquezas), apenas em idade adulta através da musculação e do jiu-jítsu, aos 32 e 38 anos, respectivamente.

Os treinos de musculação e jiu-jítsu que Fabrício teve acesso em idade adulta eram compostos exclusivamente pela prática deliberada, realizada em contextos característicos dos anos de recreação, no entanto sem elementos que remetiam à diversificação e ao jogo deliberado, o que fez com que sua experiência não se enquadrasse perfeitamente com a descrição de anos de recreação do DMSP (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007; CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007).

No seu caso, a musculação começou como prática primaria após um período sedentário, para depois assumir papel secundário, oferecendo suporte ao jiu-jítsu durante sua especialização e investimento (assunto explorado na próxima seção).

A tendência observada no trabalho em que se propôs mensurar as evidências que sustentam cada um dos sete postulados do DMSP é que as generalizações propostas pelo modelo são mais assertivas com relação aos primeiros anos prática esportiva e conforme os participantes ficam mais velhos, mais fragilidades do modelo se tornam evidentes (CÔTÉ; VIERIMAA, 2014). O caso de Fabrício aponta que o DMSP precisa ser relativizado para contemplar aqueles indivíduos que continuam ativos (ou se iniciam no esporte) em idade adulta.

Além das especializações esportivas precoces de Iuri e Guilherme, outros participantes relataram diferentes níveis de especialização e competição em outras modalidades esportivas

após os anos de experimentação, incluindo o próprio Iuri. Após um período de dupla especialização precoce, ele viveu características relacionadas aos anos de experimentação a partir dos dez anos, passando pelos anos de especialização e investimento no judô durante sua adolescência, condizendo com a segunda via do DMSP (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007). Sua experiência esportiva até este momento indicou que, sobre o ponto de vista de sua participação no judô, o período de dupla especialização precoce e os posteriores anos de experimentação integraram sua experimentação além do judô. Após alcançar o nível competitivo nacional entre quinze e dezesseis anos sem destacar-se, sua participação nos treinos e competições entrou declínio[39], até que aos 25 anos o jiu-jítsu começou a assumir o lugar do judô como prática primária, logo após sua iniciação. Aos trinta anos, Iuri encerra definitivamente sua participação no judô, sem jamais ter conquistado a faixa preta desta modalidade esportiva.

Também foi verificado que o desempenho que Iuri alcançou durante a adolescência no judô não se relacionou com o seu nível competitivo em idade adulta, corroborando o trabalho de Julio et al. (2011). Os pesquisadores em questão acompanharam a pontuação e classificação de 406 atletas (sendo 204 homens e 202 mulheres) de seis diferentes grupos etários inscritos na Federação Paulista de Judô ao longo de dez anos a partir de 1999 e concluíram que apenas 7% dos homens e 5% das mulheres mantiveram seu nível competitivo. Portanto, resultados alcançados precocemente não foram associados com o sucesso competitivo em idade adulta. A mesma tendência foi observada por Barreiros, Côté e Fonseca (2012) ao estudar a progressão de atletas portugueses nas seleções nacionais de diferentes modalidades esportivas (futebol, judô, natação e voleibol), pelo menos com relação às modalidades esportivas envolvidas no estudo.

Já Murilo e Christiano especializaram-se durante a adolescência, no futebol e no judô, respectivamente. Murilo deixou o futebol aos dezesseis anos, após três anos de prática e tendo participado de competições locais, alegando não haver identificação com os valores transmitidos pela modalidade esportiva e iniciando-se no jiu-jítsu somente em idade adulta, aos 21 anos. Do momento que interrompeu sua especialização no futebol até sua iniciação no jiu-

[39] Entre os dezessete e trinta anos, Iuri já não vivia os anos de investimento no judô como antes, tendo em vista a redução no seu envolvimento com a modalidade esportiva e sua estagnação na faixa marrom. É possível identificar que durante este período ele passou por uma transição gradativa dos anos de investimento para os anos de recreação, uma vez que continua ativo, mas se afastou do caminho para a elite competitiva (mais detalhes sobre esta e as demais transições esportivas serão apresentados adiante).

jítsu ele continuou ativo sem se envolver com alguma modalidade esportiva específica, o que remete aos anos de recreação no DMSP (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007).

O estudo de Ford et al. (2009), que teve o objetivo de comparar aspectos da formação esportiva de atletas ingleses que continuaram no segundo caminho do DMSP através dos anos de investimento no futebol aos dezesseis anos com um grupo de praticantes recreativos e outro de praticantes especializados que não avançaram para os anos de investimento na modalidade esportiva, permitiu constatar que conforme o alto rendimento se aproxima, menos atletas estão aptos a dar continuidade ao seu investimento. Com relação ao futebol, Murilo se enquadraria no grupo dos que deixaram o processo de especialização antes de viver os anos de investimento. No seu caso houve uma transição para os anos de recreação ao invés de permanecer no caminho central do DMSP ou abandonar o esporte definitivamente (transição discutida em profundidade na seção 5.1.3 – As transições entre os estágios da participação esportiva e o processo de graduação no jiu-jítsu)

Por sua vez, o Christiano especializou-se no judô, tal como ocorreu com Iuri, no entanto somente aos quinze anos, após um período de experimentação na infância que foi sucedido pelos anos de recreação no início da adolescência. Uma particularidade deste participante foi sua relação com a competição. Sua única experiência competitiva em toda a vida foi no judô, já em idade adulta, aos dezoito anos.

O outro participante que teve contato com alguma forma de L/AM/MEC durante sua formação foi Guilherme. Após especializar-se precocemente no caratê aos onze anos, ele deixou sua prática aos quatorze anos, logo antes de iniciar-se no jiu-jítsu alegando ter tido maior identificação com o jiu-jítsu.

Dentre os atletas da elite competitiva, treinar alguma outra L/AM/MEC nos anos de experimentação foi tido como um fator determinante para o seu ingresso no jiu-jítsu, tal como relatam Iuri, Guilherme e Christiano. A transferência de habilidades e o contato prévio com o ambiente de uma academia de L/AM/MEC foram facilitadores para sua iniciação no jiu-jitsu (na adolescência ou mesmo em idade adulta) (VICENTINI; MARQUES, 2018c).

Após os anos de experimentação, por volta do início da adolescência, a maioria dos participantes iniciaram processos distintos de especialização esportiva ou viveram os chamados anos de recreação descritos pelo DMSP (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007), o que corrobora em certa medida com o sexto postulado apresentado por Côté, Lidor e Hackfort (2009): “Por volta do final da escola primária (cerca de treze anos) o jovem tem a oportunidade de escolher se especializar em sua modalidade esportiva favorita ou continuar vivenciando o esporte em um nível recreativo”. É notável que a idade sugerida pelo DMSP para esta transição

não condiz com o relato dos participantes estudados, reforçando a necessidade de se investigar contextos distintos conforme aponta Stambulova et al. (2009). No caso de Renato, Murilo e Christiano houve ainda transições entre anos de recreação e de especialização, seja pela prorrogação das características dos anos experimentação durante parte da adolescência antes de especializar-se (Renato e Christiano), ou pela interrupção de um processo de especialização (Murilo).

Apenas o Guilherme vivenciou uma formação esportiva sem os anos de experimentação descritos pelo modelo. No entanto, sua especialização precoce entre os onze e quatorze anos passou a compor o que foi também identificado no grupo de atletas de elite (VICENTINI; MARQUES, 2018c) como "anos de experimentação em relação ao jiu-jítsu", aqui descrito como experimentação além do jiu-jítsu. Toda experiência prévia envolvendo outras modalidades esportivas, incluindo processos de especialização e investimento, passou a ser considerada como anos de experimentação, já que o jiu-jítsu se tornou sua modalidade esportiva primária (aquela que se praticou por mais tempo e se obteve maior nível de desempenho qualificando-se para participar deste estudo).

O quadro 7 apresenta o panorama geral das modalidades esportivas vivenciadas por cada um dos participantes antes de ter contato com o jiu-jítsu, destacando-se aquelas modalidades esportivas em que houve o processo de especialização em algum momento (sublinhado). Além das modalidades esportivas listadas, a musculação praticada por parte do grupo estudado teve sua importância durante os anos de experimentação além do jiu-jítsu. Os participantes Renato, Fabrício e Murilo treinaram musculação antes de iniciar-se o jiu-jítsu e está iniciação ocorreu sempre na mesma academia em que se praticava a musculação.

Quadro 7 – Experiências esportivas dos participantes antes do jiu-jítsu

Participante	Modalidades esportivas diferentes de L/AM/MEC	L/AM/MEC
Renato	Futebol e ciclismo	-
Iuri	Futebol, voleibol e basquetebol	Judô
Fabrício	Futebol	-
Murilo	Futebol, ciclismo, natação	-
Guilherme	Ciclismo	Caratê
Christiano	Ciclismo, natação	Judô

Fonte: O próprio autor.

Sabe-se que em modalidades esportivas caracterizadas pelo pico de desempenho tardio, seus atletas de elite têm maior liberdade para experimentar outros tipos de práticas esportivas por mais tempo, inclusive se especializando antes de iniciar sua atividade principal, como foi identificado no triatlo por Baker, Côté e Deakin (2005). Esta tendência também foi observada no jiu-jítsu. Cinco dos seis atletas de elite pesquisados relataram ter se especializado em outra modalidade esportiva antes do jiu-jítsu (VICENTINI; MARQUES, 2018c). No presente estudo, quatro dos seis participantes faixas pretas não competidores passaram pelo mesmo processo de especialização antes de iniciar-se no jiu-jítsu, três deles especializando-se em alguma L/AM/MEC.

Em um estudo retrospectivo realizado com dezessete atletas de elite dinamarqueses Storm, Kristoffer e Krogh (2012) sugerem que as experiências esportivas percorridas pelos atletas em sua formação são mais individuais e culturalmente situadas do que propõe o DMSP de Côté, Baker e Abernethy (2007). Os dois caminhos distintos que o modelo dispõe para que se enquadre a formação de atletas de elite são entendidos, portanto, como extremos de um *continuum*. A presente pesquisa apresenta novas questões para se refletir. Ao estudar a participação esportiva de praticantes não competidores foi possível identificar um amplo espectro de caminhos possíveis ainda antes de se ter contato com sua modalidade esportiva principal. O grupo dos que treinam, mas não competem no ambiente de alto rendimento é mais amplo e heterogêneo, podendo ser composto, por exemplo, por: praticantes que foram

especializados precocemente em outras modalidades esportivas, que tiveram uma carreira competitiva antes do jiu-jítsu ou que jamais almejaram participar de competições esportivas.

Com relação aos sentidos por trás do treinamento e competição ao longo da vida, todo um subtema foi destacado neste trabalho para que seja possível aprofundar mais adiante no segundo tema da presente análise. De todo modo, é preciso esclarecer que os tradicionais caminhos do DMSP precisam ser relativizados para que se possa contemplar uma leitura mais condizente com a realidade brasileira.

Corroborando o trabalho de Storm, Kristoffer e Krogh (2012), constatou-se que a participação esportiva é um processo extremamente individualizado, mas o DMSP não deve perder sua importância quando se evidencia suas limitações. Ele ainda continua sendo uma ferramenta teórica relevante para a promoção de políticas de iniciação e formação esportiva pautadas a partir de um entendimento mais amplo de sucesso no esporte. Stambulova et al. (2009) chamam atenção para a influência cultural que a formação esportiva sofre em cada contexto e em cada modalidade esportiva específica, o que inspirou não só a concepção da ideia de experimentação além do jiu-jítsu, como também, uma ressignificação de todo o DMSP com base, exclusivamente, no desenvolvimento da participação esportiva dos seis participantes desta pesquisa.

6.1.2 Especialização, investimento e manutenção da prática no jiu-jítsu

A hipótese de que o grupo estudado[40] teria percorrido o primeiro caminho do DMSP (participação recreativa através da experimentação), deu o título ao projeto de pesquisa: “Investigação sobre a trajetória esportiva de praticantes recreativos faixas pretas de jiu-jitsu”. No entanto, no decorrer da pesquisa, esta hipótese foi refutada por meio das histórias de vida dos faixas pretas não competidores e seu título foi devidamente corrigido. As experiências esportivas que foram estudadas guardaram maior relação com o segundo caminho do DMSP (elite esportiva através da experimentação) (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007), uma vez que pode-se considerar aqueles indivíduos que alcançam este nível de graduação como parte de uma elite na modalidade esportiva, o que não demanda necessariamente o envolvimento competitivo de elite.

---

[40] Praticantes faixas pretas de jiu-jítsu, moradores da região de Ribeirão Preto – SP, que jamais competiram jiu-jítsu em eventos organizados por federações oficiais da modalidade esportiva.

Apenas um participante treinou jiu-jítsu no contexto dos anos de recreação descrito pelo DMSP (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007), durante um período superior a um ano. Guilherme interrompeu o treinamento regular de jiu-jítsu dos dezoito aos 24 anos, período de sua vida que se dedicou integralmente ao trabalho e estudo. Apesar da interrupção, ele manteve algum contato com sua equipe e seus parceiros do treino. Esporadicamente, treinava nas férias ou em alguns finais de semana.

Com exceção deste período, assim como todos os outros, Guilheme viveu anos de especialização, investimento e continuou treinando para garantir sua manutenção na elite do jiu-jítsu. Ao confrontar a participação esportiva do grupo estudado com o referencial teórico adotado, foi possível fazer uma releitura sobre os anos de especialização, investimento (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007) e de manutenção (DURAND-BUSH; SALMELA, 2002), levando em consideração que cada contexto esportivo específico tem suas particularidades, e que estas particularidades precisam ser elucidadas a fim de propor reflexões e políticas de formação esportiva mais assertivas (STAMBULOVA et al., 2009).

A iniciação em determinada modalidade esportiva pode acontecer em diferentes fases da vida e não apenas na infância e adolescência, nos anos de experimentação ou através da especialização esportiva precoce. No caso do jiu-jítsu, nenhum dos participantes investigados iniciou-se, nesta que se tornaria sua modalidade esportiva principal antes dos quatorze anos de idade, tal como foi constatado no estudo com os atletas de elite (VICENTINI; MARQUES, 2018c). Dois participantes (Renato e Guilherme) iniciaram-se durante a adolescência, respectivamente, aos quinze e quatorze anos, enquanto os demais (Iuri, Fabrício, Murilo e Christiano) só tiveram o primeiro contato com o jiu-jítsu em idade adulta, entre os dezenove e 38 anos.

Especificamente, sem considerar a perspectiva atual que coloca o jiu-jítsu em posição central na análise da formação esportiva destes participantes, sua iniciação na modalidade esportiva se deu: a) nos anos de recreação (Renato, Iuri, Fabrício e Murilo); b) imediatamente após o término de um período de especialização precoce no caratê (Guilherme); e, c) durante os anos especialização vividos no judô (Christiano).

O período que ficou definido como “experimentação além do jiu-jítsu” se encerra no momento que cada um dos participantes tem seu primeiro contato com a modalidade esportiva. Este período, conforme apresentando anteriormente, abarcou experiências prévias ao jiu-jítsu através de todas as fases de desenvolvimento da participação esportiva que compõe o DMSP (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007; CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007), incluindo o

período de abandono esportivo relatado por Fabrício durante parte de sua vida adulta ainda antes de conhecer o jiu-jítsu[41].

Todos as sessões de treinamento de jiu-jítsu relatadas pelos participantes da presente pesquisa e pelos atletas de elite (VICENTINI; MARQUES, 2018c), foram caracterizadas como exclusivamente compostas por práticas deliberadas desde o momento de sua iniciação, em detrimento de nenhum relato sobre o jogo deliberado na modalidade esportiva. Conclui-se que estas configurações se deram pelo fato de que todos os investigados se iniciaram no jiu-jítsu no final da adolescência ou já em idade adulta. De todo modo, chama-se atenção para a importância de estudar como se configura a iniciação de crianças no jiu-jítsu, tendo em vista a grande valorização da prática deliberada nos treinamentos tradicionais das L/AM/MEC (BREDA et al., 2010), como foi constatado nas especializações esportivas precoces vividas por Iuri e Guilherme.

Como o grupo em questão iniciou-se no jiu-jítsu entre os quatorze e 38 anos em treinamentos que se traduziam em prática deliberada, as concentrações de prática e de jogo deliberado – bem como o número de modalidades esportivas em que se estava envolvido – não tiveram a mesma relevância apontada por Côté, Baker e Abernethy (2007) como critérios para definir as fases de desenvolvimento da participação esportiva. Deste modo, a Análise Temática Reflexiva conduzida nesta investigação permitiu com que fosse feita uma readequação de tais critérios ao contexto estudado, considerando os significados atribuídos pelos participantes da presente pesquisa à sua experiência esportiva em cada período de suas vidas.

Renato e Fabrício, os únicos que se especializaram apenas no jiu-jítsu, viveram este período em idade adulta, após continuar vivendo as características dos anos de recreação[42] durante um tempo. Seu primeiro contato com o jiu-jítsu se deu em uma frequência de até um treino semanal, permeado por períodos de inconsistência. Ao analisar a participação esportiva destes participantes, fica evidente que houve uma transição para uma fase de maior

---

[41] Já Renato e Christiano viveram períodos de abandono esportivo após iniciar-se no jiu-jítsu, permanecendo sedentários durante aproximadamente quatro anos.

[42] Além da musculação e do jiu-jítsu, Renato relatou ter permanecido envolvido com a prática recreativa do futebol em sua adolescência, no período que iniciou os treinos semanais de jiu-jítsu, o que corrobora a definição de anos de recreação. Já Fabrício se envolveu apenas com a musculação e o jiu-jítsu durante seu primeiro ano de contato com a modalidade esportiva. No entanto, dada sua baixa frequência nos treinos de jiu-jítsu e a inexistência de evidências que apontem para interesses competitivos envolvendo sua prática de musculação, também foi possível observar uma maior congruência com o primeiro caminho do DMSP, apesar de haver uma menor diversificação (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007).

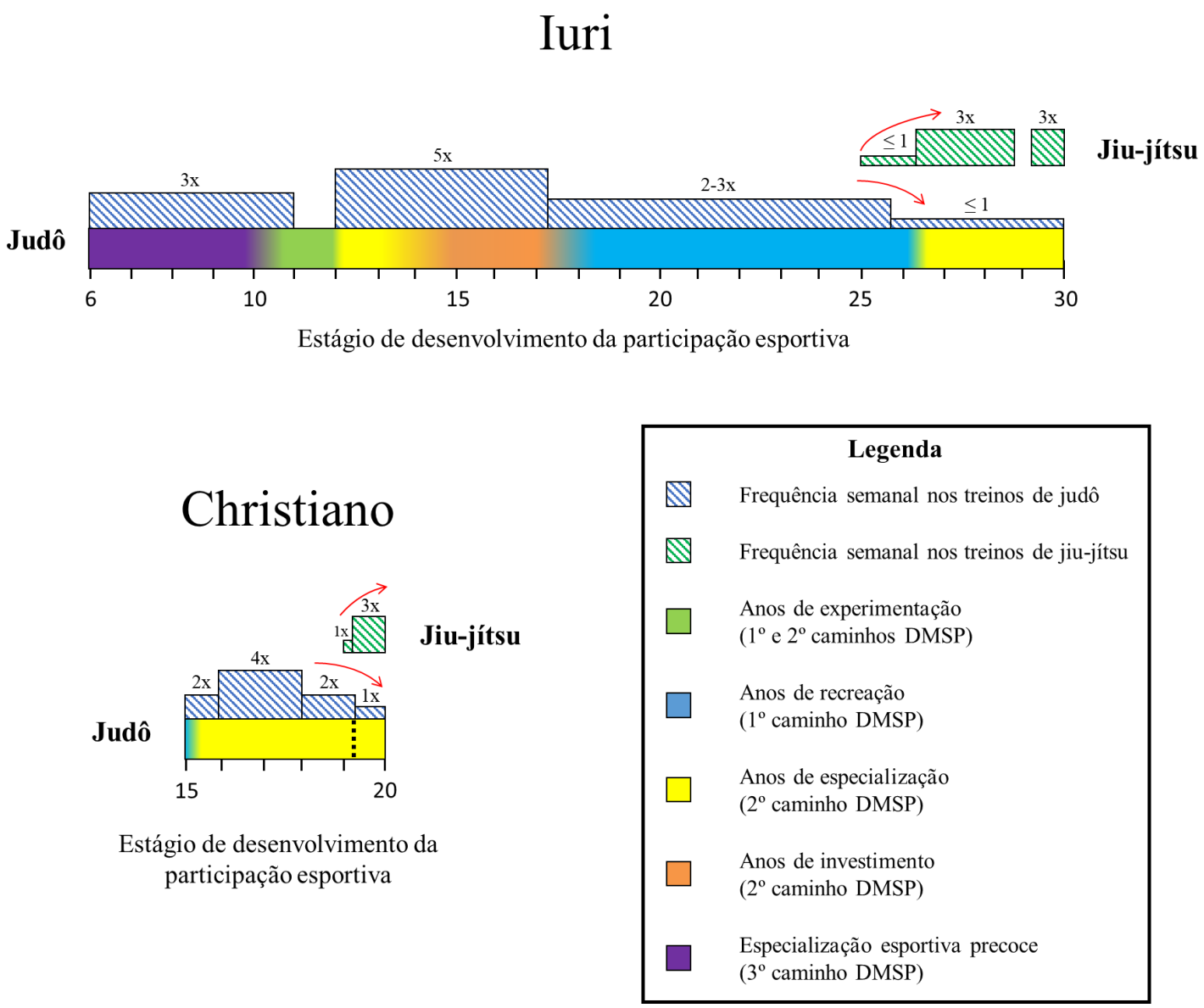
comprometimento com o jiu-jítsu. Está mudança com relação a modalidade esportiva é o que marcou o início dos seus anos de especialização, aos 22 e 39 anos respectivamente.

Renato especializou-se no jiu-jítsu aos 22 anos apesar de ter se iniciado na modalidade esportiva durante sua adolescência, aos quinze anos. Ele relata que foi obrigado a interromper sua prática aos dezesseis anos, quando as aulas de jiu-jítsu deixaram de existir em sua cidade. Neste período sua frequência nos treinos de jiu-jítsu era muito baixa, enquanto ele ainda vivia um contexto que Côté e Fraser-Thomas (2007) relacionam aos anos de recreação. Fabrício, por sua vez, só consolidou a prática regular de jiu-jítsu – com isso, sua especialização – quando sua filha de onze anos começou a treinar, um ano após sua iniciação (assuntos discutidos em profundidade nas próximas seções).

Já Iuri e Christiano, aqueles que viveram a especialização no judô, especializaram-se no jiu-jítsu à medida que a modalidade esportiva passou de prática secundária para principal, tomando o lugar do judô, antes de interromper definitivamente seu treinamento. Um ponto em comum entre os dois participantes que praticaram judô é que, a princípio, sua iniciação no jiu-jítsu se deu com o intuito de reforçar o seu desempenho no judô, tendo em vista a proximidade técnica existente entre as duas modalidades esportivas.

A figura 38 ajuda ilustrar a participação esportiva de cada um destes participantes no judô sobre a ótica do DMSP (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007), bem como sua iniciação e especialização no jiu-jítsu. Enquanto Iuri iniciou-se no jiu-jítsu durante os anos de recreação aos 25 anos, Christiano ainda vivia os anos de especialização no judô quando iniciou-se no jiu-jítsu aos dezenove anos. A linha pontilhada na figura ilustra o início de sua especialização no jiu-jítsu, três meses após sua iniciação.

Figura 38– A especialização no jiu-jítsu por parte dos participantes especializados no judô



Fonte: O próprio autor.

Por fim, para Murilo e Guilherme, a especialização no jiu-jítsu aconteceu logo no seu primeiro contato com a modalidade esportiva, aos 21 e quatorze anos, respectivamente. Em comparação ao processo de especialização vivido pelos outros quatro investigados, observou-se que estes participantes se iniciaram no jiu-jítsu a partir de uma frequência de treinos considerável (de três a quatro vezes por semana). Murilo havia interrompido sua especialização no futebol e transitado para os anos de recreação aos dezesseis anos, voltando aos anos de especialização no momento que começou a treinar jiu-jítsu. Já Guilherme havia acabado de

interromper o treinamento de caratê (modalidade esportiva em que foi especializado precocemente), quando iniciou sua prática regular de jiu-jítsu aos quatorze anos de idade.

O quadro 8 apresenta as idades de iniciação e especialização no jiu-jítsu, tanto dos participantes do presente estudo, como dos atletas de elite (VICENTINI; MARQUES, 2018c). Em ambos os estudos, a especialização não ocorreu por volta dos treze anos, conforme apresenta o DMSP (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007), o que permite afirmar de que o jiu-jítsu – no contexto da região estudada – é uma modalidade esportiva que tem como características: a iniciação e especialização tardias. O grupo dos faixas pretas não competidores foi, sobretudo, marcado pela idade de iniciação mais elevada de alguns de seus participantes (Iuri e Fabrício) e pelo fato de que todos especializaram-se na faixa branca, alguns no momento de sua iniciação (Murilo e Guilherme).

Quadro 8 – Idades aproximadas da iniciação e especialização no jiu-jítsu dos atletas de elite e dos faixas pretas não competidores

Atletas de elite			Faixas pretas não competidores		
Participante	Idade da iniciação no jiu-jitsu	Idade da especialização no jiu-jitsu e cor da faixa	Participante	Idade da iniciação no jiu-jitsu	Idade da especialização no jiu-jitsu e cor da faixa
Atleta 1	16	17 (Branca)	Renato	15	22 (Branca)
Atleta 2	17	17,5 (Branca)	Iuri	25	26 (Branca)
Atleta 3	14	16 (Azul)	Fabrício	38	39 (Branca)
Atleta 4	20	20 (Branca)	Murilo	21	21 (Branca)
Atleta 5	17	20 (Azul)	Guilherme	14	14 (Branca)
Atleta 6	23	25 (Azul)	Christiano	19	19 (Branca)
Mediana	17	18,8	Mediana	21	21,5
Média	17,8	19,3	Média	22,6	23
DP	3,2	3,3	DP	9,7	7,5

Fonte: O próprio autor e Vicentini e Marques (2018c).

Dentro dos anos de especialização, os participantes de ambos os estudos experimentaram o aumento gradativo da complexidade de seu envolvimento com o jiu-jítsu em direção aos anos de investimento. Tal como apontam Baker e Young (2014), há uma evolução

de padrões de treinamento no jiu-jítsu partindo de práticas deliberadas menos complexas, como será discutido adiante no que se refere a execução de técnicas que só são permitidas a partir das graduações nas faixas azul e marrom. É nos anos de especialização no jiu-jítsu que os participantes passam por suas primeiras graduações e a conquista de cada nova faixa foi, portanto, fruto de um processo contínuo de treinamento com duração de pelo menos um ano.

Outro fator que contribuiu para o aumento de seu comprometimento com a prática do jiu-jítsu foi a participação competitiva. Suas primeiras participações competitivas na modalidade esportiva também aconteceram nos anos de especialização, com exceção de Christiano que jamais participou de um campeonato de jiu-jítsu. O quadro 9 resume o envolvimento dos participantes deste estudo em competições regionais e internas de jiu-jítsu (não oficiais).

Quadro 9 – Participação em competições de jiu-jítsu

Participante	Idade / Cor da faixa da primeira competição	Idade / Cor da faixa da última competição	Total de competições
Renato	22 anos / Branca	29 anos / Roxa	7
Iuri	28 anos / Azul	34 anos / Marrom	3
Fabrício	42 anos / Azul	-	1
Murilo	21 anos / Branca	27 anos / Roxa	≈17
Guilherme	14 anos / Branca	17 anos / Roxa	6
Christiano	-	-	-

Fonte: O próprio autor.

Fabrício competiu em um único evento interno (realizado dentro da própria equipe) aos 42 anos. Apesar de ter vivido apenas uma experiência como atleta participando desta competição, ele se destaca como aquele que mais teve contato com o ambiente competitivo durante sua formação no jiu-jítsu, através se sua filha atleta. Acompanhar a filha nos treinos e competições durante sua especialização e investimento na carreira competitiva, por si só, garantiu a estabilização de uma participação continuada durante os seus anos de especialização, o que configurou um importante recurso de transição (ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007) (assunto discutido em profundidade na próxima sessão).

Apesar de nenhum participante desta pesquisa ter competido em grandes eventos de jiu-jítsu organizadas por federações oficiais, a participação em competições regionais foi relacionada com o aumento acentuado no volume e na intensidade do treinamento, sobretudo Murilo e Guilherme, significando o início dos seus anos de investimento. Enquanto Guilherme viveu a transição dos anos de especialização para os anos de investimento aos dezesseis anos, em concordância com o DMSP no que se refere a idade (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007), Murilo se especializou, e consequentemente investiu no jiu-jítsu mais tarde, aos 24 anos. Assim como aqueles que lograram a elite competitiva (VICENTINI; MARQUES, 2018c), estes participantes passaram a treinar mais, visando melhorar o seu desempenho nas competições de jiu-jítsu, no entanto, sua carreira competitiva foi breve e não ultrapassou o nível regional.

Baker, Côté e Abernethy (2003) compararam a participação esportiva de dois grupos distintos de atletas australianos. O primeiro grupo foi composto por quinze participantes que pertenciam as seleções nacionais de três modalidades esportivas coletivas (*netball* feminino, basquetebol masculino e hóquei de campo masculino e feminino) e ainda foram considerados pelos seus treinadores como especialistas em tomada de decisões (*experts*). Já o segundo grupo foi composto por treze tomadores de decisão destas mesmas modalidades esportivas, que apesar de permanecerem ativos e acumularem mais de dez anos de prática, jamais haviam participado de competições além do nível provincial ou estadual, o que significa que não ascenderam à elite competitiva (não *experts*).

É possível demarcar equivalências entre os dois grupos estudados por Baker, Côté e Abernethy (2003) com relação aos atletas de elite de jiu-jítsu (VICENTINI; MARQUES, 2018c) e os faixas pretas não competidores. A semelhança central entre estes estudos reside no fato que apesar do respectivo segundo grupo não pertencer a uma elite competitiva, estes indivíduos mantiveram-se ativos por um longo período, chegando inclusive a participar de competições regionais no decorrer de sua experiência esportiva.

Baker, Côté e Abernethy (2003) colaboraram para estruturação dos pressupostos do DMSP, uma vez que a diversificação de atividades e o jogo deliberado formaram a base da participação esportiva dos dois grupos estudados (anos de experimentação). A partir dos doze anos, aqueles que alcançariam a elite iniciaram uma redução da sua participação em outras atividades à medida que a prática deliberada na modalidade esportiva principal tomava proporções maiores, marcando as transições para os anos de especialização e de investimento. Por sua vez, o segundo grupo estudado não teve o mesmo aumento acentuado na prática deliberada e redução no envolvimento com outras atividades durante o mesmo período.

O fato de não pertencerem as fileiras dos escalões nacionais, não significou que os participantes do presente estudo e o grupo não *expert* investigado por Baker, Côté e Abernethy (2003a) tenham transitado dos anos de experimentação para os anos de recreação (primeiro caminho do DMSP). Sua participação esportiva parece ter perpassado por anos de especialização e de investimento, no entanto, sem que a elite competitiva fosse alcançada, corroborando a afirmação de Storm, Kristoffer e Krogh (2012) de que os três caminhos do DMSP não representam a totalidade dos caminhos possíveis, mas que devem sim ser entendidos como partes de um *continuum*.

Apesar de viverem períodos de especialização e de investimento, o grupo investigado no presente estudo teve contato com uma frequência semanal menor em relação aos atletas de elite nestes períodos (VICENTINI; MARQUES, 2018c). A principal diferença do jiu-jítsu na região estudada com relação aos atletas australianos do estudo de Baker, Côté e Abernethy (2003a) parece ser a maior permissibilidade do jiu-jítsu no que corresponde as idades de sua iniciação e as etapas dos DMSP. Deste modo, tanto o sexto, quanto o sétimo postulado do DMSP[43], podem ser questionados com base nestes achados no jiu-jítsu, considerando que tais etapas de desenvolvimento se consolidaram majoritariamente em idade adulta e suas participações esportivas desde a infância não condisseram literalmente com nenhum dos três caminhos do DMSP explicitados por Côté, Baker e Abernethy (2007).

Após consolidar sua especialização no jiu-jítsu dentro de um período de dois a seis anos, cinco dos participantes estudados (Renato, Iuri, Fabrício, Murilo e Guilherme) passaram por uma transição para os anos de investimento na modalidade esportiva. Somente Christiano enfrentou uma considerável redução na sua frequência semanal nos treinos antes de abandonar temporariamente o jiu-jitsu aos vinte anos, durante sua especialização (assunto que será discutido na próxima seção). Não obstante, todos os investigados nesta pesquisa viveram os anos de investimento em algum momento de sua experiência no jiu-jítsu.

Segundo o DMSP, nos anos de investimento há uma redução da participação em jogos deliberados paralela a um aumento da prática deliberada, à medida que se passa a dedicar-se à uma única modalidade esportiva com o objetivo de alcançar sua elite (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007). No entanto, uma vez que todos os participantes estudados já tinham o

---

[52] Postulado 6: "Por volta do final da escola primária (cerca de treze anos) o jovem tem a oportunidade de escolher se especializar em sua modalidade esportiva favorita ou continuar vivenciando o esporte em um nível recreativo" e Postulado 7: "Por volta do final da adolescência (cerca de dezesseis anos) tem-se o desenvolvimento físico, cognitivo, social, emocional e as habilidades motoras necessárias para investir seus esforços em um treinamento altamente especializado em uma modalidade esportiva" (CÔTÉ; LIDOR; HACKFORT, 2009).

jiu-jítsu como única modalidade esportiva a partir de sua especialização e a prática deliberada foi hegemônica nos seus treinos desde que iniciaram, os anos de investimento foram identificados com base na mudança de perspectiva que gerou relativo aumento na frequência semanal nos treinos com o objetivo de se alcançar determinado desempenho. Desempenho este, não necessariamente expresso em competições, mas nos próprios treinos.

Concluiu-se que apesar que não lograr a elite competitiva, todos os faixas pretas não competidores investigados viveram um período em que investiram uma quantidade relativamente considerável de tempo, energia e recursos em sua prática. Portanto, foi possível dividir os anos de investimento no jiu-jítsu em três tipos, que puderam ainda combinar-se entre si: a) o investimento na carreira competitiva; b) o investimento na carreira de professor; e, c) o investimento na faixa preta.

O investimento na carreira competitiva, conforme descrito anteriormente, foi vivido por Murilo e Guilherme durante aproximadamente dois anos[44], bem como, por aqueles atletas que alcançaram a elite competitiva da modalidade esportiva tendo destaque em competições de nível internacional (VICENTINI; MAQUES, 2018c). Apesar do DMSP reconhecer os diferentes fins que uma formação esportiva pode levar, seus autores – e os demais pesquisadores que colaboraram com pesquisas ao redor do mundo – retratam o conceito de elite esportiva como sinônimo de elite competitiva em seus estudos (BAKER; CÔTÉ; ABERNETHY, 2003; HUXLEY; O'CONNOR; BENNIE, 2018; FORD; WILLIAMS, 2012; SOBERLAK; CÔTÉ, 2003).

O presente trabalho, por sua vez, pretende promover uma reflexão acerca do entendimento de elite esportiva com o intuito de analisar um grupo de praticantes de jiu-jítsu que vivenciaram processos de formação esportiva bem-sucedidos, mas não lograram a elite competitiva como os chamados atletas de elite estudados anteriormente (VICENTINI; MARQUES, 2018c)

Quatro dos seis participantes investigados (Renato, Iuri, Fabrício e Murilo) aumentaram sua frequência semanal nos treinos entre as faixas azul e marrom com o intuito de se qualificar para ministrar aulas de jiu-jítsu. Este aumento na dedicação ao treinamento foi diretamente relacionado ao início de suas atividades como instrutores, marcando o começo do investimento na carreira de professor de jiu-jítsu.

---

[44] Além deles, Fabrício passou a investir em sua carreira competitiva, após a conquista da faixa preta com o objetivo de estrear em uma competição oficial. No entanto, ele teve sua preparação interrompida antes chegar a competir (assunto abordado em profundidade na próxima seção).

Por fim, é importante ressaltar que o investimento na carreira de professor foi sempre associado diretamente com o terceiro tipo de investimento no jiu-jítsu proposto neste estudo: o investimento na faixa preta. No jiu-jítsu, o título de professor é conferido somente àqueles que tenham alcançado a faixa preta, enquanto os demais que ministram aulas antes desta graduação são chamados de instrutores e não contam com a mesma autonomia de um professor (IBJJF, 2012).

Apesar do acentuado aumento da frequência semanal ter marcado o início dos anos de investimento do grupo estudado, Iuri e Murilo relataram uma redução em sua participação durante esta fase de sua participação esportiva. Iuri se viu obrigado a reduzir sua frequência nos treinos após ter se mudado de cidade no período que conquistou a faixa marrom, mas deixou claro em seu discurso que houve um esforço em continuar sua formação como professor e como faixa preta, treinando inclusive na mesma equipe e com o mesmo professor. Já Murilo, também mudou de cidade no período que foi graduado faixa marrom, mas por conta da maior distância, deixou sua equipe, seu professor e seus alunos, interrompendo o investimento em sua carreira de professor, mas permanecendo ativo e dando continuidade ao investimento na faixa preta, no entanto, em uma frequência menor. Na próxima seção, transições esportivas não normativas como estas serão devidamente analisadas em sua complexidade a partir da ótica do ACTM (STAMBULOVA, 2003).

Guilherme e Christiano, destacam-se como os únicos que não atuaram como instrutores de jiu-jítsu durante sua participação na modalidade esportiva. No seu caso, identificou-se que em determinado momento, sobretudo na faixa marrom, houve uma demanda com relação ao alcance de um nível de desempenho julgado como satisfatório para a conquista da faixa preta, mas sem o mesmo viés competitivo ou pedagógico relatado pelos demais. Este período foi entendido como investimento na faixa preta de jiu-jítsu e é marcado pela preocupação por parte dos participantes não competidores – e não instrutores – em qualificar-se para compor o seleto grupo dos faixas pretas.

Por fim, analisando o desenvolvimento da participação esportiva de Christiano (figura 35), foi possível identificar um acentuado aumento da sua frequência semanal nos treinos entre às faixas azul e roxa, com motivações relacionadas à melhoria seu condicionamento físico após um período sedentário e a conquista da faixa roxa. Este período foi descrito como investimento na faixa roxa e no condicionamento físico. Conforme será discutido adiante em maior profundidade, a conquista de graduações intermediárias é pré-requisito para um dia ser graduado faixa preta. Portanto, o fato de treinar vislumbrando a próxima graduação guarda relação direta com o investimento na faixa preta. E por sua vez, o emprego da preparação física

complementar com o intuito de melhorar o desempenho na modalidade esportiva principal é associado aos anos de investimento conforme apontam Durand-Bush e Salmela (2002).

Ao estudar a formação esportiva de atletas que alcançaram o mais alto patamar competitivo dentro de sua modalidade esportiva[45], Durand-Bush e Salmela (2002) identificaram a existência de uma outra etapa de desenvolvimento da participação esportiva passado os anos de experimentação, especialização e investimento. Após o alcance do ápice de suas carreiras, estes atletas viveram os chamados anos de manutenção.

Nos anos de manutenção a importância da qualidade do treinamento é ainda maior do que nos anos de investimento. Uma vez que a elite competitiva é alcançada, o atleta continua buscando evoluir suas capacidades físicas, táticas e técnicas, a fim de garantir não só sua manutenção neste nível competitivo ao longo dos anos, como também continuar melhorando o seu rendimento. Um treinamento minucioso visando aperfeiçoar detalhes é conduzido neste período com o apoio de treinadores e parceiros de qualidade. Não menos importante, um ambiente familiar positivo continuou sendo tido como um recurso extremamente valioso nesta fase de envolvimento (DURAND-BUSH; SALMELA, 2002).

A maioria dos atletas de elite estudados por Durand-Bush e Salmela (2002) vivenciaram um aumento dos treinamentos voltados à preparação física, contando inclusive com treinadores exclusivos para estas atividades. Além do treino físico, eles também relataram ter investido uma quantidade considerável de tempo no seu refinamento técnico, tático e mental durante os anos de manutenção.

Embora em alguns casos específicos, houve um aumento na quantidade de tempo dedicado ao treinamento nos anos de manutenção com relação aos anos de investimento, em suma, os atletas mantiveram os volumes de treinamento neste período, apesar de vários deles terem relatado que gostariam de não ter que treinar tanto durante os anos de manutenção. Os autores se questionam ainda se os atletas realmente precisam de tanta prática deliberada depois que o auge de desempenho esportivo é atingido. Estes achados podem ter implicações importantes uma vez que as possibilidades de *overtraining* ainda podem prevalecer entre aqueles que alcançaram a elite esportiva (DURAND-BUSH; SALMELA, 2002).

---

[45] Fizeram parte deste estudo, dez atletas canadenses ganhadores de pelo menos duas medalhas de ouro em jogos Olímpicos e/ou em campeonatos mundiais, sendo quatro homens e seis mulheres, entre dezenove e 36 anos, representando oito modalidades esportivas distintas (hóquei no gelo, natação, nado sincronizado, esqui, atletismo, luta olímpica, *bobsled* e orientação) (DURAND-BUSH; SALMELA, 2002).

Ao investigar o papel da prática deliberada na manutenção das habilidades motoras-cognitivas de pianistas amadores e especialistas, Krampe e Ericsson (1996) sugerem que, uma vez que o nível de desempenho de elite é alcançado, este nível pode ser ativamente sustentado por meio da prática deliberada regular. No entanto, a quantidade de prática deliberada necessária para manter as habilidades que já foram adquiridas parece ser menor do que a quantidade necessária para adquiri-las inicialmente (KRAMPE; ERICSSON, 1996).

Uma vez que o entendimento de anos de manutenção proposto por Durand-Bush e Salmela (2002) limitava sua identificação apenas em grupos de participantes tão qualificadas quanto a de seus autores, está etapa de desenvolvimento da participação esportiva não chegou a integrar as representações gráficas do DMSP (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007; CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007), que foram voltadas, sobretudo, ao período correspondente à infância e adolescência. Conclui-se que, com a ampliação de sua abrangência, os anos de manutenção podem ser integrados para discutir a participação esportiva dos faixas pretas não competidores investigados por este estudo.

Da mesma forma que as diferentes etapas do DMSP tiveram sua apropriação fundamentada com base nos contextos vividos pelos seis participantes desta pesquisa, também foi identificada em seus relatos, a existência de anos de manutenção. Neste caso em particular, os anos de manutenção não dizem respeito a manter-se no mais alto nível competitivo por mais tempo, como se espera daqueles que investiram em uma carreira competitiva e alcançaram os níveis nacionais e internacionais de determinada modalidade esportiva (DURAND-BUSH; SALMELA, 2002). Para o grupo estudado, os anos de manutenção significaram a manutenção do desempenho relativo alcançado, sobretudo, nos anos de investimento. Deste modo, foram identificadas outras formas de manutenção para além da manutenção da carreira de elite: a manutenção da faixa preta (relatada por todos os participantes) e a manutenção da carreira de professor (Renato, Iuri e Fabrício).

As formas de manutenção identificadas neste estudo tiveram como característica em comum, diferenciando do proposto por Durand-Bush e Salmela (2002), a redução ou manutenção de uma frequência de um a três treinos semanais, podendo ainda haver períodos de interrupção temporária. Corroborando o trabalho de Krampe e Ericsson (1996), os participantes destes estudo não precisaram se envolver com a mesma quantidade de prática deliberada relatada nos anos de investimento para garantir a manutenção das habilidades desenvolvidas.

Por fim, algumas particularidades foram verificadas no que foi relatado por aqueles que não viveram a manutenção da carreira de professor. Além da redução na frequência semanal que foi característica dos anos de manutenção do grupo estudado, Murilo passou a ter o jiu-jítsu

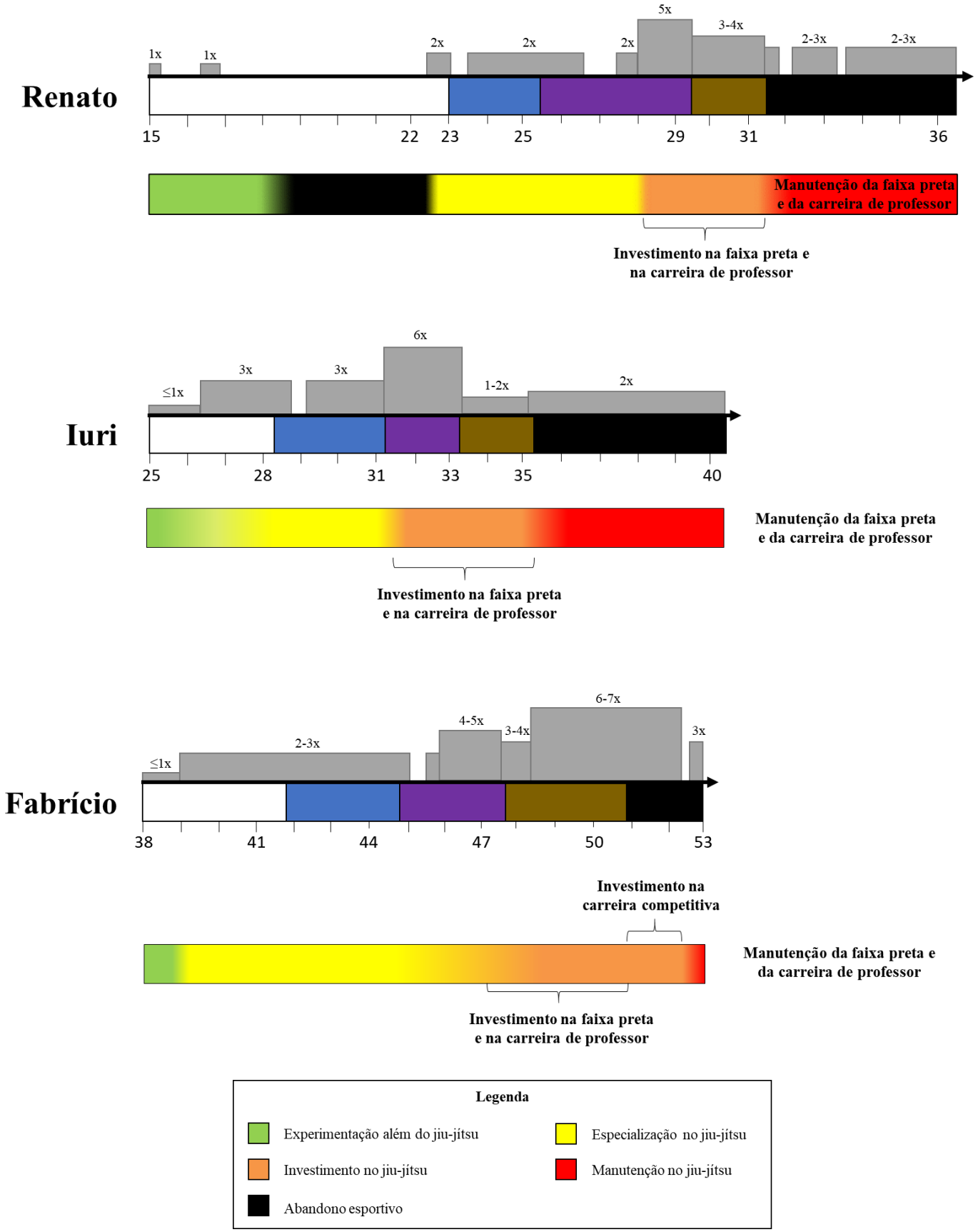
como sua prática secundária em detrimento de uma maior dedicação a musculação. Já Guilherme relatou o envolvimento esporádico com outra L/AM/MEC na companhia de seus colegas de treino, apesar do jiu-jítsu continuar sendo sua modalidade esportiva primária.

Analisando a participação esportiva de Guilherme e Christiano (figura 40), foi possível observar características muito próximas daquelas identificadas nos anos de manutenção neste estudo, no entanto, antes da conquista da faixa preta. Este período em particular, durante a idade adulta, foi definido como "anos de manutenção da prática esportiva" e foi identificado na formação esportiva daqueles participantes que jamais atuaram com instrutores de jiu-jítsu, e que por conta disso, passaram por períodos de investimento mais breves em comparação com os demais.

Guilherme retornou aos treinos regulares aos 24 anos após um período de seis anos que foi caracterizado como sendo anos de recreação (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007; CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007). O período denominado manutenção da prática esportiva perdurou até os 27 anos, quando passou a investir na conquista da faixa preta. Em comparação com os anos de especialização e de investimento na carreira competitiva vividos em sua adolescência, o jiu-jítsu ficou em segundo plano em relação à sua carreira profissional que já vinha sendo estabelecida como prioritária desde seus dezoito anos. A diferença com relação aos anos de recreação é que nos anos de manutenção da prática esportiva havia um vínculo formal com a academia e o professor em uma frequência mais regular, apesar das constantes interrupções. Já Christiano viveu um período com estas mesmas características após a conquista da faixa roxa, dos 28 aos 32 anos, entre dois períodos de maior dedicação ao jiu-jítsu caracterizados como anos de investimento na faixa preta.

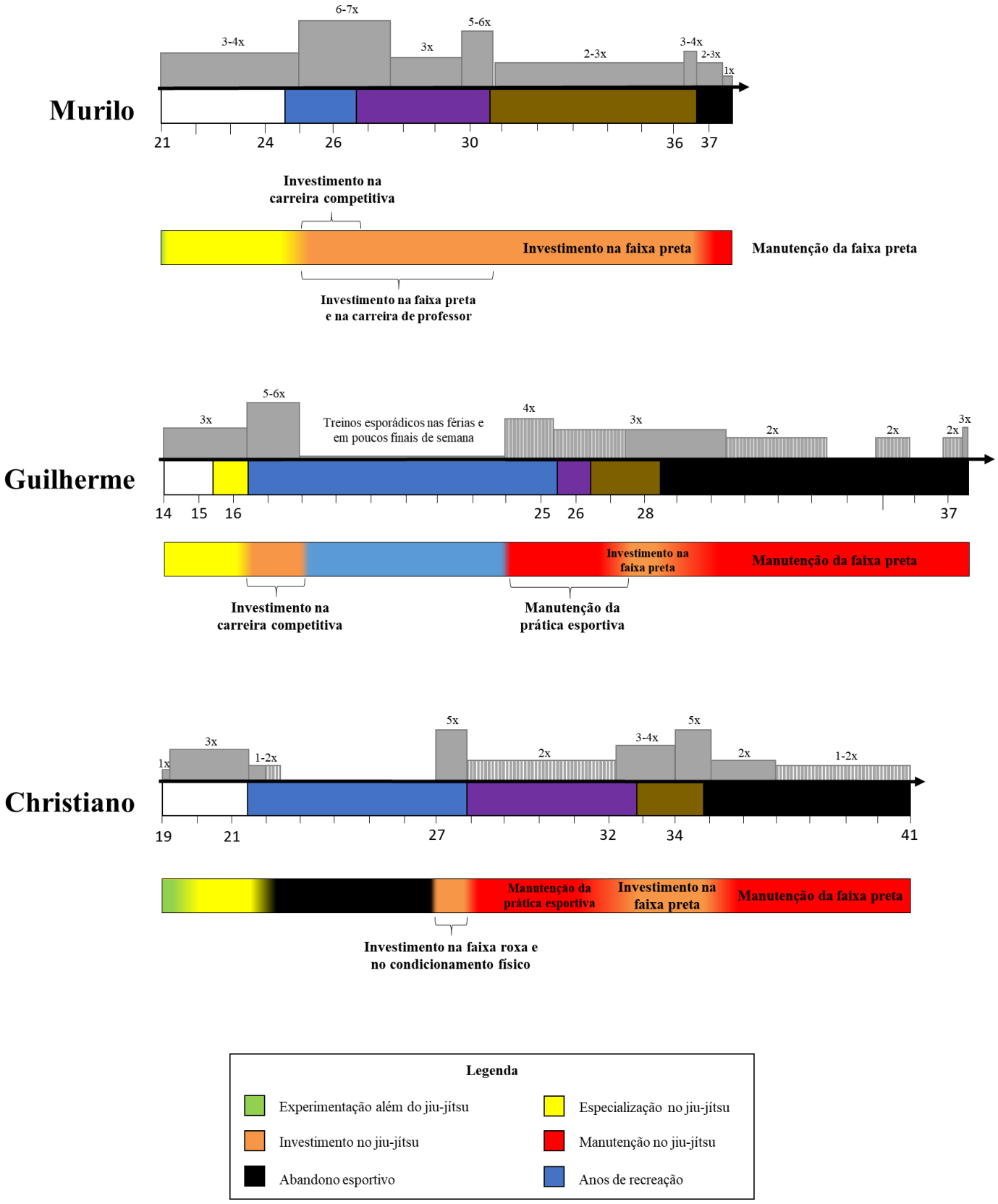
As figuras 39 e 40 sintetizam o desenvolvimento da participação esportiva vivido no jiu-jitsu pelos seis participantes estudados, destacando suas idades, graduações, frequência semanal e os estágios da sua participação esportiva. Apesar de haver outros fatores associados a este processo, nota-se que a frequência semanal nos treinos está intimamente relacionada aos estágios de participação esportiva.

Figura 39 – O desenvolvimento da participação esportiva de Renato, Iuri e Fabrício no jiu-jítsu



Fonte: O próprio autor.

Figura 40 – O desenvolvimento da participação esportiva de Murilo, Guilherme e Christiano no jiu-jítsu

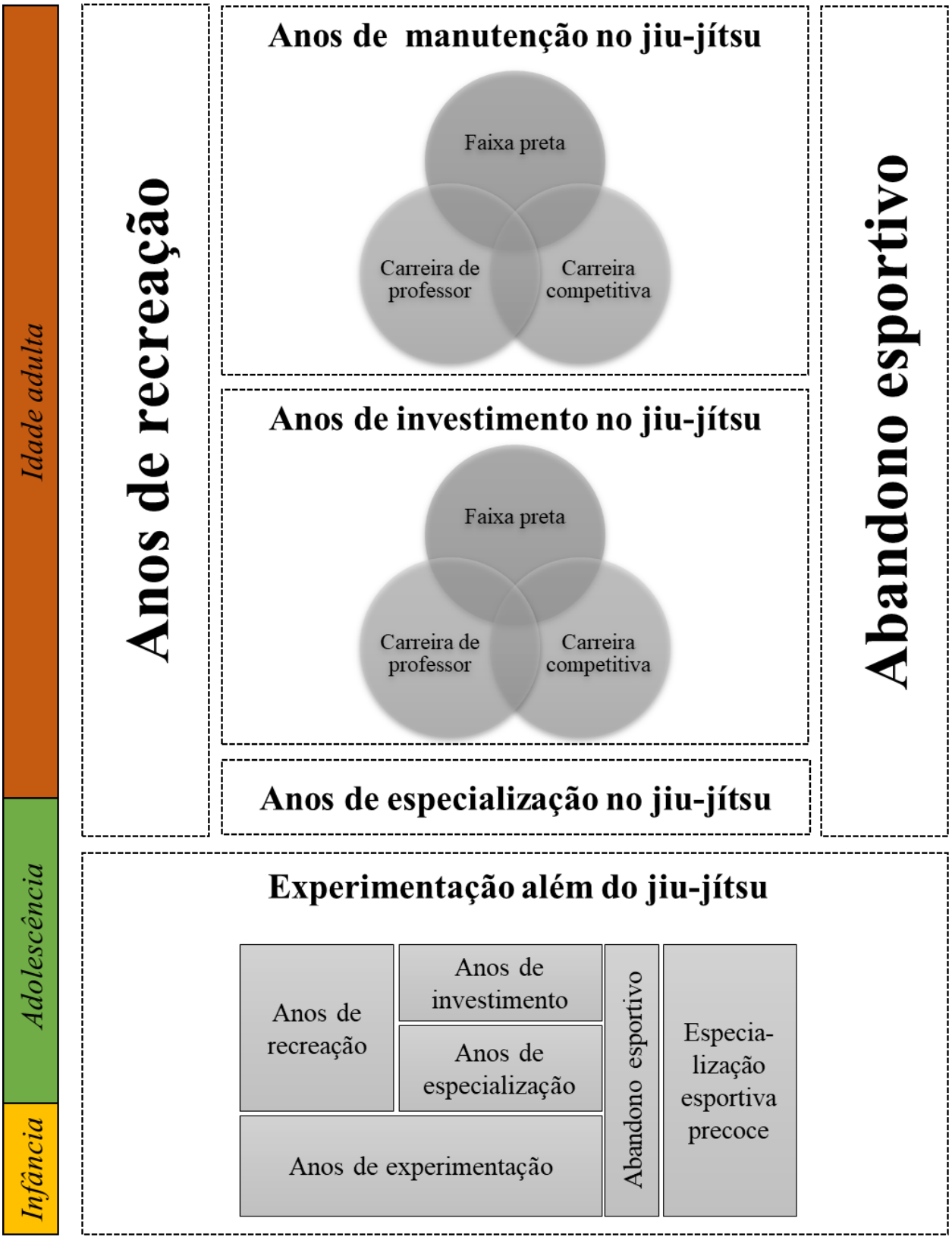


Fonte: O próprio autor.

É pertinente compreender as particularidades de cada contexto sociocultural que determinada modalidade esportiva está envolvida, a fim de conduzir análises mais assertivas sobre o desenvolvimento da participação esportiva de seus praticantes (STAMBULOVA et al., 2009). Esta seção termina com a apresentação da figura 41 que representa uma releitura do DMSP com base na investigação do desenvolvimento da participação esportiva dos seis de atletas competidores de elite (VICENTINI; MARQUES, 2018c) e dos seis faixas pretas não competidores, participantes da presente pesquisa. Destaca-se que a figura não foi proposta na pretensão de criar um modelo para enquadrar o jiu-jítsu e sim para materializar as diferenças identificadas entre o desenvolvimento da participação esportiva dos grupos estudados e o DMSP (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007; CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007). Portanto, não se deve buscar generalizar as informações sintetizadas na figura 41 para a população como um todo.

Esta figura foi elaborada com o intuito de agrupar os principais achados debatidos nas duas primeiras seções desta discussão. Apesar de herdar semelhanças da estrutura da representação gráfica do DMSP (CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007), inclusive englobando todo o modelo dentro do período apresentado na seção anterior (experimentação além do jiu-jítsu), algumas diferenças essenciais merecem ser destacadas. Primeiramente, a figura 41 foi construída considerando o jiu-jítsu como modalidade esportiva central nesta análise, sendo proposta com o objetivo de permitir a identificação de particularidades inerentes ao contexto de prática estudado. Deste modo, experiências anteriores a sua iniciação no jiu-jítsu são tidas como parte de uma experimentação mais ampla e os anos de especialização e investimento no jiu-jítsu são compreendidos como etapas distintas. Para complementar uma importante lacuna deixada pelo DMSP, também foi feita uma apropriação do conceito de anos de manutenção de Durand-Bush e Salmela (2002), ampliando sua compreensão para além da elite competitiva.

Figura 41 – Quadro de desenvolvimento da participação esportiva dos atletas de jiu-jítsu de elite e faixas pretas não competidores investigados



Fonte: O próprio autor.

A possibilidade de viver uma transição para os anos de recreação ou experimentar o abandono esportivo a qualquer momento, continua sendo levada em consideração, no entanto, as idades, as setas indicadoras e a concepção de três caminhos não são adotadas nesta figura, diferindo-se das representações do DMSP (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007; CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007). No lugar das idades apresentadas no canto esquerdo do modelo, apenas uma escala mais genérica representando as fases da vida foi incluída, justamente por considerar a individualidade de cada participante ao longo deste processo. E ao invés de uma representação estanque, em que a visualização de caminhos alternativos fica limitada, optou-se por contornar cada uma das etapas do modelo com traços pontilhados que representam membranas permeáveis, analogia escolhida para ilustrar o processo dinâmico de transições que será discutido na próxima sessão.

6.1.3 As transições entre os estágios da participação esportiva e o processo de graduação no jiu-jítsu

O caminho que cada participante deste estudo percorreu até a conquista da faixa preta de jiu-jítsu e a manutenção de sua prática esportiva de longo prazo foi individual, pois todos viveram experiências esportivas únicas, culminando na descoberta do jiu-jítsu. No grupo estudado, a iniciação no jiu-jítsu se deu no final da adolescência ou já em idade adulta. Antes disso, cada qual já havia passado por um processo de iniciação esportiva que por vezes envolveu a especialização e até o investimento em outra modalidade esportiva.

Nenhum dos participantes chegou alcançar alguma conquista competitiva a nível nacional em outra modalidade esportiva, e tampouco a faixa preta – ou equivalente – em outra L/AM/MEC, embora Iuri tenha competido em uma única edição do Campeonato Brasileiro de Judô e chegado a ser graduado faixa marrom no final da adolescência.

Ao longo do desenvolvimento de sua participação esportiva, cada participante passou por diferentes etapas de envolvimento esportivo ilustradas na figura 41. Como o DMSP (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007) não envolve a complexidade das transições esportivas, no presente trabalho pretende-se esmiuçar cada uma das transições vividas pelos participantes investigados com base no ACTM (STAMBULOVA, 2003) para complementar esta importante lacuna.

As transições esportivas frequentemente remetem a períodos de estresse relacionado a mudança de demandas impostas pela nova fase de participação esportiva (ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007; STAMBULOVA, 2003). Deste modo, as estratégias (*coping*) em cada

uma destas transições são resultantes do equilíbrio dinâmico entre recursos disponíveis e barreiras de transição na tentativa de suprir novas demandas. O processo de *coping* pode, tanto ser eficiente e resultar em uma transição bem-sucedida, como ser ineficiente, acarretando uma crise de transição. Por sua vez, a crise pode ou não ser superada mediante a intervenções. No caso de ineficiência ou inexistência de intervenção para superação de uma crise de transição, o indivíduo lida com os "custos" por falhar no seu enfrentamento, sobretudo as consequências negativas do abandono esportivo (STAMBULOVA, 2003).

Quanto ao grupo de faixas pretas não competidores estudado, foi possível identificar uma série de recursos e barreiras de transição em comum. O sucesso ou fracasso da transição entre etapas de participação esportiva com demandas distintas dependeu do equilíbrio dinâmico entre estes recursos e barreiras (STAMBULOVA, 2003).

Os principais recursos de transição identificados neste estudo foram: a) suporte social e financeiro da família; b) espaços seguros para brincar na infância; c) acúmulo de experiências diversificadas transferíveis; d) boa qualidade de relacionamentos no esporte; e, e) gosto pela prática esportiva.

Um recurso essencial durante as transições experimentadas pelos participantes deste estudo em sua infância e adolescência foi o suporte social e financeiro da família, promovendo ambientes que levam a experiências positivas envolvendo o esporte durante os anos de experimentação e fomentando a prática deliberada no decorrer dos anos de especialização e investimento (CÔTÉ, 1999).

Também se compreendeu que condições demográficas e sociais podem influir diretamente, tanto como recurso, quanto como barreira de transição esportiva. Na próxima seção se discutirá mais detalhadamente sobre a influência do local de nascimento e desenvolvimento na experiencia esportiva (CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014). Durante a iniciação esportiva um outro recurso em comum no grupo estudado foi a disponibilidade de espaços seguros para brincar na infância. O único privado deste recurso foi Guilherme, aquele que teve sua iniciação esportiva postergada em relação aos demais. Dentre as razões que levaram ao seu relativo atraso, o fato de morar em uma cidade grande e assim ter tido menos possibilidades de vivenciar o jogo deliberado em comparação ao restante dos participantes merece ser considerado.

Outro recurso amplamente identificado no discurso dos participantes foi o acúmulo de habilidades (físicas, psicológicas e sociais) transferíveis de uma modalidade esportiva para outra (e para o contexto não esportivo) (ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007). A fundamentação desta base de experiências transferíveis teve início nos anos de experimentação,

mas continuou sendo desenvolvida ao longo do período definido como experimentação além do jiu-jítsu como um recurso de transição acumulativo em constante transformação.

Uma boa qualidade de relacionamentos no esporte foi outro recurso de transição que significou grande influência ao longo de toda experiência esportiva de cada um dos participantes (ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007). Vale destacar que, a depender das condições, estas relações interpessoais no esporte configuraram-se como barreiras de transição, e não como recursos (conforme será discutido adiante). O próximo tema desta discussão irá contar com uma seção (5.2.2 – Qualidade de relacionamentos) para se aprofundar o olhar sobre a influência da qualidade de relacionamentos durante a formação esportiva a partir da perspectiva do PAF (CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014).

Alfermann e Stambulova (2007) também apontam para a existência de recursos de transição mais internos como traços de personalidade e motivação. Diante da análise conduzida no presente estudo foi possível definir um recurso em comum para representar a ideia das autoras russas. O gosto pela prática esportiva configurou-se como um recurso de transição e sofreu influência de todos os demais recursos apresentados até então. Todos os participantes contaram com este recurso e ele se tornou essencial para que sustentassem a prática continuada do jiu-jítsu até a idade adulta. O próprio Guilherme desenvolveu este recurso quando se iniciou no esporte tardiamente com relação ao restante, aos onze anos.

Já as barreiras de transição identificadas no desenvolvimento da participação esportiva de alguns participantes foram: a) herança cultural familiar; b) falta de acesso ao jogo deliberado; c) falta de acesso a prática deliberada; d) má qualidade de relacionamentos no esporte; e) insatisfação com os valores transmitidos pela prática; f) queda de desempenho; g) aumento das demandas na carreira acadêmica-profissional e na vida pessoal; e, h) problemas de saúde e lesões. Por serem mais individuais e diversificadas, estas barreiras serão apresentadas e discutidas adiante junto aos exemplos que permitem compreendê-las dentro dos processos dinâmicos de transição esportiva em curso.

As transições esportivas podem ser divididas em transições normativas e transições não normativas. O primeiro grupo tem como principal característica a maior previsibilidade, o que permite maior planejamento, enquanto o segundo remete a transições mais imprevisíveis, as quais são mais difíceis de se controlar (ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007). As transições normativas experimentadas pelos participantes deste estudo foram todas a transições verticais e em direção ao seu topo da figura 41 (apresentada na seção anterior). O quadro 10 apresenta cada uma destas transições, bem como, uma breve descrição e sua ocorrência no grupo estudado.

Quadro 10 – As transições normativas vivenciadas pelos participantes

Transição	**Descrição**	**Participantes**
1) Anos de experimentação → anos de recreação	Transições previstas no 6º postulado do DMSP (CÔTÉ; LIDOR; HACKFORT, 2009).	Renato, Fabrício e Christiano
2) Anos de experimentação → anos de especialização		Iuri e Murilo
3) Anos de especialização → anos de investimento	Transição previstas no 7º postulado do DMSP (CÔTÉ; LIDOR; HACKFORT, 2009).	Iuri
4) Experimentação além do jiu-jítsu → anos de especialização no jiu-jítsu	4.1) Iniciação no jiu-jítsu durante os anos de recreação (1º caminho do DMSP).	Renato, Iuri, Fabrício e Murilo
	4.2) Iniciação no jiu-jítsu durante os anos de especialização (2º caminho do DMSP).	Christiano
	4.3) Iniciação no jiu-jítsu durante a especialização esportiva precoce (3º caminho do DMSP).	Guilherme
5) Anos de especialização no jiu-jítsu → anos de investimento no jiu-jítsu	5.1) Aumento da frequência semanal em virtude do início da atividade como instrutor.	Renato, Iuri, Fabrício e Murilo
	5.2) Aumento da frequência semanal em virtude da participação competitiva.	Guilherme
6) Anos de investimento no jiu-jítsu → anos de manutenção no jiu-jítsu	Redução da frequência semanal em comparação aos anos de investimento, após a conquista da faixa preta.	Renato, Iuri, Murilo, Guilherme e Christiano

Fonte: O próprio autor.

As particularidades de cada um dos casos das três primeiras transições apresentadas no quadro 10 foram discutidas anteriormente na seção “experimentação além do jiu-jítsu”. Já as outras três transições remetem a etapas de desenvolvimento apresentadas na seção anterior. No entanto, na presente seção foi possível observar a influência do equilíbrio dinâmico entre recursos e barreiras em cada uma destas transições (ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007).

Enquanto todos os outros participantes viveram os chamados anos de experimentação, apenas Guilherme não passou por este período. No seu caso, a herança cultural familiar foi uma barreira de transição (JANUÁRIO; MORBI; MARQUES, 2019). Ele conta que seus pais não tinham o hábito de praticar, sequer assistir esporte. Por conta disso, o participante foi o único que não acumulou experiências diversificadas transferíveis através dos anos de experimentação, especializando-se precocemente no caratê aos onze anos de idade. Seus pais dispunham de recursos financeiros para fomentar uma experiência esportiva diversificada a partir de por volta dos seis anos, como o caso dos demais participantes, mas eles mesmos eram sedentários e o suporte social e financeiro de família era concentrado em sua carreira acadêmica (a relação entre herança cultural familiar e participação esportiva será discutida em profundidade na seção 5.2.2 – Qualidade de relacionamentos).

Na escola, o Guilherme era identificado como “gordinho *nerd*”, sofria *bullying* e frequentemente se envolvia em brigas desencadeadas nestas situações. Ele conta que tinha aversão às atividades esportivas quando criança, enquanto os outros participantes deste estudo tiveram o gosto pela prática esportiva como um recurso de transição desde sua iniciação esportiva.

Aproximadamente aos treze anos de idade, aqueles que passaram pelos anos de experimentação viveram uma transição para os anos de especialização (Iuri e Murilo) ou continuaram vivenciando o esporte através dos anos de recreação (Renato, Fabrício e Christiano) em relativa concordância com o sexto postulado do DMSP (CÔTÉ; LIDOR; HACKFORT, 2009), com a ressalva de que se deve fazer uma apropriação crítica do modelo com relação as idades em que ocorrem as transições entre suas etapas (SOUZA; VICENTINI; MARQUES, 2020).

A falta de acesso a prática deliberada no período que viveram na zona rural foi uma importante barreira imposta por questões geográficas a Renato e Fabrício. Conforme será discutido em maior profundidade na próxima seção, o Fabrício teria tido a oportunidade de iniciar a prática sistematizada em um clube de futebol em uma cidade próxima durante a adolescência, mas foi impedido pelo pai, que era contra sua mudança. Sem prática deliberada, a especialização e o investimento esportivo não são escolhas elegíveis e a transição para os anos

de recreação não é controlada pelos participantes, na verdade, independe deles, apesar de ser apresentada como uma transição normativa. Em contrapartida, o ambiente rural que ambos vivenciaram durante sua infância favoreceu o desenvolvimento de um amplo reportório motor que passou a servir como recurso de transição, contribuindo para que se tornassem adultos ativos no futuro. Como o DMSP não considera estas variáveis, o PAF de Côté, Turnnidge e Evans (2014) se faz fundamental para sua discussão.

Dentre os participantes que se especializaram em outras modalidades esportivas, apenas Iuri viveu uma transição bem-sucedida em direção aos anos de investimento à medida que aumentava o nível das competições que disputava durante sua adolescência alcançando o seu ápice entre os quatorze e quinze anos, o que não está exatamente de acordo com o sétimo postulado do DMSP (CÔTÉ; LIDOR; HACKFORT, 2009), que sugere que após os dezesseis anos os indivíduos estão aptos investir seus esforços em um treinamento altamente especializado em uma modalidade esportiva. O DMSP se mostra ineficiente para explicar a complexidade desta transição. Seu próprio criador reconhece as limitações do modelo em generalizar um período ideal para dar início aos anos de investimento (CÔTÉ; VIERIMAA, 2014). Esta transição apresenta demandas específicas que exigem o desenvolvimento de recursos para enfrentá-la de maneira eficiente (STAMBULOVA, 2003), o que revela que DMSP não suporta toda a complexidade envolvida no desenvolvimento da participação esportiva dos praticantes deste estudo.

Cada participante deste estudo passou por experiências esportivas individuais antes de conhecer o jiu-jítsu. Sua especialização na modalidade esportiva foi a primeira característica em comum em suas histórias de vida, mas a transição que culminou nesta nova etapa de participação contou com algumas particularidades no que diz respeito aos recursos e as barreiras. A transição entre a experimentação além do jiu-jítsu e os anos de especialização no jiu-jítsu se deu a partir do período que os participantes se iniciaram na modalidade esportiva, de forma mais ou menos gradativa, conforme discutido em detalhes na seção anterior.

O acesso à prática deliberada, mais especificamente, a aulas de jiu-jítsu, foi um recurso de transição fundamental neste momento. A escassez deste recurso constituiu uma barreira de transição no caso de Renato, que teve que interromper os treinos de jiu-jítsu aos dezesseis anos, antes de efetivamente se especializar, uma vez que os treinos de jiu-jítsu em sua cidade deixaram de existir com a saída do professor. Ele só voltou a praticar jiu-jítsu e se especializar anos mais tarde após mudar-se de cidade. Murilo também não teve acesso a este recurso em sua cidade, mas pela idade (21 anos) e por possuir carteira de habilitação, podia dirigir alguns minutos para treinar em cidades vizinhas.

Outro recurso de transição identificado durante a especialização no jiu-jítsu foi o acúmulo de experiências diversificadas transferíveis, sobretudo um recurso importante para Iuri e Christiano, por conta da proximidade entre jiu-jítsu e judô.

O Suporte social e financeiro da família continuou presente como um recurso de grande valia para superação de transições esportivas no final da adolescência e em idade adulta. À medida que cada indivíduo constitui família e sai da casa dos pais, os companheiros e filhos passaram a ser novos agentes quem podem vir a fazer parte de seu contexto esportivo. Quanto a este aspecto, o caso de Fabrício merece destaque por conta do apoio mútuo entre pai e a filha no jiu-jítsu. O pai fornecia todo suporte social e financeiro possível para que a filha se desenvolvesse em busca do alto rendimento, em troca, a companhia da filha nos treinos fez com que o jiu-jítsu deixasse de ser prática ocasional para se tornar rotina e este foi o marco principal de sua transição. Sobretudo em seu caso, o suporte social da família foi um importante recurso de transição entre as etapas de participação no jiu-jítsu.

Após alguns anos de prática, todos os participantes, com exceção de Christiano, vivenciaram a transição entre a especialização e o investimento no jiu-jítsu. Christiano, por sua vez, passou por transições não normativas discutidas adiante. As demandas desta transição variavam de acordo com os objetivos de cada uns dos participantes ao investir na modalidade esportiva. Um ponto em comum foi o aumento do volume semanal de treinos demandado nesta nova etapa de participação esportiva. Vale destacar que apenas Guilherme iniciou um processo de investimento na carreira competitiva de jiu-jítsu por volta dos dezesseis anos, condizendo com o que foi descrito pelo sétimo postulado do DMSP (CÔTÉ; LIDOR; HACKFORT, 2009).

Um recurso decisivo na transição para os anos de investimento foi a boa qualidade de relacionamentos no esporte. Relações positivas com professores e colegas de treino – e com seus próprios alunos, no caso daqueles que investiram por algum momento na carreira de professor (Renato, Iuri, Fabrício e Murilo) – constituíram recursos imprescindíveis para a transição aos anos de investimento no jiu-jítsu. Destaca-se que foi por intermédio dos professores que estes participantes começaram a ministrar aulas na condição de instrutor (a relação dos participantes com os diferentes agentes esportivos envolvidos com o jiu-jítsu será discutida em profundidade na seção 5.2.2 – Qualidade de relacionamentos).

Para a maioria dos participantes, a conquista da faixa preta marcou a transição dos anos de investimento para os anos de manutenção no jiu-jítsu, apenas Fabrício continuou investindo no jiu-jítsu após a sua graduação como faixa preta (assunto abordado adiante dentre as transições não normativas).

A manutenção de uma frequência semanal menor em comparação aos anos de investimento foi a característica mais marcante desta transição. A principal barreira encontrada pelos participantes neste período – já prevista por Alfermann e Stambulova (2007) – foi o aumento das demandas na carreira acadêmica-profissional, bem como, na vida pessoal. Este tipo de barreira de transição passou a afetar cada vez mais os participantes não competidores, especialmente nas transições esportivas em vida adulta.

Iuri sofreu influência desta barreira nos últimos anos antes de alcançar a faixa preta. Aos 33 anos, ele passou a trabalhar em outra cidade e se viu obrigado a reduzir sua frequência semanal nos treinos. Murilo também mudou de cidade a trabalho durante a faixa marrom, nos anos de investimento, o que significou a redução de seu volume semanal de treino e consequente desaceleração de seu processo de graduação na faixa preta. Nota-se que os participantes também passaram a ter cada vez mais novas demandas em suas vidas pessoais que constituíram potenciais barreiras a prática de jiu-jítsu, mesmo após a transição bem-sucedida aos anos de manutenção, como foi o caso de Renato e Guilherme, que interromperam o treinamento nos anos de manutenção por algum período por conta de questões pessoais envolvendo família.

Já as transições não normativas são aquelas que destoam do caminho vertical em direção ao topo da figura 41 (apresentada na seção anterior), como as transições horizontais entre suas etapas e o abandono esportivo. Além das transições desta natureza, também fizeram parte das transições não normativas identificadas por este trabalho, as regressões entre as fases do modelo e as mudanças de objetivo ao longo dos anos de investimento e manutenção no jiu-jítsu. Estas transições foram menos previsíveis, mais diversificadas e mais individualizadas, pois foram associadas à eventos imprevisíveis – como no caso de lesões – e a configurações referentes ao contexto de desenvolvimento esportivo e pessoal de cada participante (assunto abordado em profundidade no segundo tema desta investigação na seção 5.2 – Contexto de desenvolvimento esportivo e pessoal).

O quadro 11 apresenta cada uma das transições não normativas identificadas no desenvolvimento da participação esportiva dos participantes deste estudo, no entanto é importante destacar que este quadro não inclui todas as possibilidades de transições possíveis, tendo em vista seu caráter individual.

Quadro 11 – As transições não normativas vivenciadas pelos participantes

Transição	**Descrição**	**Participantes**
1) Especialização esportiva precoce → Anos de experimentação	Aumento da diversificação esportiva e da quantidade de jogo deliberado aos dez anos, no mesmo período que abandonou umas das modalidades esportivas que havia se especializado precocemente (futebol).	Iuri
2) Anos de especialização → Anos de recreação	Interrupção de toda a prática deliberada aos dezesseis anos, após abandonar a modalidade esportiva que havia se especializado (futebol).	Murilo
3) Anos de investimento → Anos de recreação	Transição gradativa marcada pela redução de sua participação em treinos e competições após alcançar o ápice do seu desempenho esportivo durante os anos de investimento (judô) e iniciar-se no ensino superior.	Iuri
4) Anos de recreação ⇆ Abandono esportivo	Interrupção temporária de todas as atividades esportivas durante os primeiros anos da idade adulta.	Renato e Fabrício
5) Anos de especialização no jiu-jítsu → Abandono esportivo	Crise de transição não superada: Após a conquista da faixa azul aos 21 anos, viveu uma redução na sua frequência semanal nos treinos desencadeada pela mudança de demandas na esfera acadêmico-profissional, o que resultou na queda de sua motivação.	Christiano
6) Anos de investimento no jiu-jítsu (carreira competitiva) → Anos de recreação	Aos dezoito anos, no período iniciou-se no ensino superior, interrompeu seu investimento no jiu-jítsu por entender que não dispunha de recursos para alcançar a elite competitiva, enquanto o investimento de tempo e energia na esfera acadêmico-profissional lhe parecia mais plausível.	Guilherme
7) Abandono esportivo → Anos de investimento (faixa roxa e condicionamento físico)	Após anos sedentário, aos 27 anos retornou aos treinos tendo como principal demanda a necessidade de perder peso e recuperar do condicionamento físico perdido.	Christiano
8) Anos de recreação → Anos de manutenção da prática esportiva	Aos 24 anos, retornou aos treinos regulares com demandas diferentes em relação a sua adolescência.	Guilherme

Transição	Descrição	Participantes
9) Anos de investimento (faixa roxa e condicionamento físico) → manutenção da prática esportiva	Ao conquistar a faixa roxa, troca de equipe após cerca de um ano de experiências negativas com o professor.	Christiano
10) Manutenção da prática esportiva → Anos de investimento (faixa preta)	A conquista da faixa preta demanda uma maior frequência nos treinos no período que a antecede.	Guilherme e Christiano
11) O término do investimento na carreira de professor (continuidade do investimento na faixa preta)	A mudança de cidade fez com que sua atuação como instrutor de jiu-jítsu fosse encerrada permanentemente.	Murilo
12) Anos de investimento (faixa preta) → Anos de investimento (carreira competitiva)	Após perceber que em competições oficiais só enfrentaria atletas de sua mesma categoria de idade, sentiu-se confiante para iniciar sua preparação.	Fabrício
13) Anos de investimento (carreira competitiva) → Anos de manutenção (faixa preta e carreira de professor)	Crise de transição não superada: o alto volume de treinamento demando durante o investimento em sua carreira competitiva resultou em um quadro de *overtraining*, que associado a doença hepática quase o levou ao abandono esportivo definitivo.	Fabrício

Fonte: O próprio autor.

No que se trata das transições não normativas experimentadas pelo grupo de faixas pretas não competidores, o que se observa é uma maior diversificação. Cada transição dependeu do equilíbrio dinâmico entre recursos disponíveis no momento e barreiras encontradas pelo caminho, barreiras estas que podem ser menos previsíveis, como no caso de lesões (ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007). As quatro primeiras transições apresentadas no quadro 11 rementem a etapas que já foram discutidas anteriormente na seção “experimentação além do jiu-jítsu”, enquanto da quinta em diante, estão as transições entre as etapas de

participação apresentada na seção “Especialização, investimento e manutenção da prática no jiu-jítsu”.

A primeira transição não normativa listada refere-se à transição entre a especialização esportiva precoce e os anos de experimentação vivida por Iuri. Aos dez anos de idade, ele deixou o futebol (uma das duas modalidades esportivas em que foi especializado precocemente) e passou a viver uma maior diversificação esportiva, incluindo maior volume de jogo deliberado. Em seu caso é interessante notar o surgimento de uma crise de transição no futebol. A redução do gosto por sua prática foi sua principal barreira neste processo, diretamente relacionada ao fato de ter sido especializado precocemente na posição de zagueiro.

Murilo também deixou o futebol, transitando dos anos de especialização para os anos de recreação (transição não normativa 2). Ele não foi bem-sucedido na transição aos anos de investimento no futebol, as demandas da modalidade esportiva se intensificariam neste período e sua principal barreira também foi a redução do gosto pela sua prática, dada sua insatisfação com os valores transmitidos nas competições de futebol. A crise de transição enfrentada no futebol não foi superada (STAMBULOVA, 2003) e ele deixou a modalidade esportiva aos dezesseis anos.

O principal recurso à disposição, tanto de Iuri como de Murilo, que permitiu com que a transição de saída do futebol fosse bem-sucedida – levando aos anos de experimentação ou recreação – foi o acesso ao jogo deliberado na escola e fora dela.

Por volta dos dezoito anos Iuri também experimentou uma transição do segundo para o primeiro caminho do DMSP (transição não normativa 3). Esta mudança foi gradativa, de tal modo que ele continuou treinando e competindo, mas em proporções muito menores em comparação com sua adolescência. Ele viveu uma crise de transição que o impediu de alcançar os anos de manutenção no judô, transitando dos anos de investimento para os anos de recreação, – assim como Côté e Hay 2002 sugeriram com a proposição da figura 4 – continuando seu envolvimento com a modalidade esportiva até os trinta anos.

Dente suas barreiras de transição no judô figuraram: a burocracia e o custo para se ser graduado faixa preta, a queda de desempenho, o aumento das demandas externas a esfera esportiva e a redução do gosto pela prática. O participante chegou a competir no Campeonato Brasileiro de Judô entre os quinze e dezesseis anos, no entanto, o fato de não lograr nenhuma conquista na elite competitiva e se ver diante de novas demandas impostas pela esfera acadêmico-profissional, direcionou sua transição aos anos de recreação. Com a iniciação no jiu-jítsu aos 25 anos, a redução do gosto pela prática de judô ficou evidente como uma potencial

barreira, pois no jiu-jítsu ele passou a relatar relacionamentos mais positivos e a se sentir mais seguro com relação ao risco de se lesionar.

Renato e Fabrício viveram períodos de abandono esportivo durante os anos de recreação (transição não normativa 4). Aos dezoito anos, Renato abandona todo seu envolvimento esportivo recreativo, tornando-se sedentário. Fabrício também deixa os anos de recreação, abandonando o esporte aos dezenove anos. O que ambos tiveram em comum neste período é o aumento das demandas na vida pessoal intensificadas após o casamento e o nascimento de seus primeiros filhos.

O abandono esportivo também foi vivenciado após a especialização no jiu-jítsu. Enquanto Cristiano passou por um processo de *coping* malsucedido, não alcançando os anos de investimento no jiu-jítsu e tornando-se sedentário aos 21 anos (transição não normativa 5), Guilherme deu continuidade a sua participação esportiva através dos anos de recreação, após deixar de viver o investimento na carreira competitiva no jiu-jítsu a partir dos dezoito anos, o que significou que ele foi bem-sucedido no processo de *coping* diante de novas demandas nas esferas profissional e acadêmica (transição não normativa 6) (STAMBULOVA, 2003).

Guilherme e Christiano viviam a transição entre a adolescência e idade adulta e ingressavam no ensino superior neste momento. A estagnação do desempenho em comparação com os colegas de treino causada pela queda da participação semanal em detrimento do maior tempo investido no estudo e no trabalho foi uma barreira central na crise de transição que estes participantes enfrentaram. A diferença entre os dois foi que o Guilherme contou com recursos suficientes para manter-se minimamente ativo através dos anos de recreação, tendo contato esporádico com o jiu-jítsu e o ciclismo ao deixar os anos de investimento.

Após viver um período de abandono esportivo ou os anos de recreação, Christiano e Guilherme retornaram a prática regular de jiu-jítsu, respectivamente, nos anos de investimento e de manutenção, configurando duas das mais peculiares transições esportivas não normativas identificadas no presente trabalho (transições não normativas 7 e 8). A maior disponibilidade de tempo livre após a conclusão dos estudos e o acesso ao jiu-jítsu foram os recursos que permitiram com que os participantes reestabelecem sua prática. As demandas profissionais e pessoais continuaram tendo grande influência sobre as demandas esportivas. Enquanto Guilherme tinha interesse na manutenção de sua prática esportiva em idade adulta, Christiano, mais explicitamente, passou a investir na modalidade esportiva, tendo como principal demanda a necessidade de perder peso, recuperar o condicionamento físico perdido e continuar avançando no sistema de graduações.

Uma vez que aos 28 anos Christiano atingiu os seus objetivos momentâneos, ele também passou a viver os anos de manutenção, antes mesmo de alcançar a faixa preta, assim como Guilherme (transição não normativa 9). No seu caso, além das crescentes demandas fora da esfera esportiva, a má qualidade de relacionamento com o seu professor, teve influência direta para que ele desejasse mudar de academia assim que conquistasse a faixa roxa. Tendo em vista este contexto, o acesso a outra equipe em sua cidade foi o recurso que permitiu que esta transição fosse bem-sucedida, e que assim, ele não abandonasse mais uma vez a sua prática. Tanto o acesso às práticas esportivas como a qualidade de relacionamentos são assuntos discutidos em profundidade nas duas próximas seções que têm o PAF (CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014) como referencial teórico central.

Ambos os participantes que vivenciaram a manutenção da prática esportiva antes de alcançar a faixa preta (Guilherme e Christiano), passaram por uma transição em comum entre anos de manutenção e os anos de investimento (transição não normativa 10), uma vez que para conquistar a faixa preta – mesmo no caso daqueles que jamais atuaram como instrutor – existe uma demanda por um aumento no volume semanal de treinos. Ter condições para aumentar o envolvimento com a modalidade esportiva durante este período foi um recurso essencial para que passassem a viver o investimento na faixa preta e que assim pudessem buscar, para além da manutenção de seu envolvimento esportivo, a efetiva melhoria do seu desempenho.

Foi possível observar também transições não normativas dentro da etapa de investimento no jiu-jítsu. Murilo teve que interromper sua atuação como instrutor da modalidade esportiva na faixa marrom, aos trinta anos quando mudou de cidade a trabalho. Apesar de viver o término do investimento na carreira de professor, ele deu continuidade do investimento na faixa preta (transição não normativa 11), mesmo que em uma frequência menor. A boa qualidade de relacionamentos no esporte foi o recurso central no decorrer desta transição. Ele lembra que contou com o apoio de seu professor para encontrar uma nova equipe e professor após se mudar de cidade. Enquanto isso, a relação estabelecida com seus ex-alunos e colegas perdurou positivamente.

Fabrício também passou por uma transição não normativa interna na etapa de investimento no jiu-jítsu. Enquanto os demais viveram a transição entre os anos de investimento e manutenção após a conquista da faixa preta, ele continuou nos anos de investimento, no entanto, com o objetivo de competir. O participante contou com uma combinação de recursos que possibilitou o início tardio do investimento em uma carreira competitiva (transição não normativa 12): Boa qualidade de relacionamentos no esporte, acúmulo de experiências

diversificadas dentro do contexto do jiu-jítsu competitivo e disponibilidade de tempo para a prática.

Além da relação positiva estabelecida com a filha e o treinador, Fabrício passou a contar com apoio de seus alunos, relatando a existência de uma rede de ajuda mútua dentro de sua equipe. O acúmulo de experiências dentro do contexto competitivo como espectador, como pai de atleta e como professor foi outro recurso importante nesta transição. Inclusive, a própria ideia de competir surgiu conforme assistia à participação de seu professor e sua filha em umas competições oficiais e percebia que em eventos como aquele, teria a garantia de que lutaria apenas com adversários de sua categoria de idade, peso e faixa.

Por fim, outro recurso que o diferenciou dos demais participantes foi o tempo livre para treinar. Aposentado e atuando como professor de jiu-jítsu em sua própria academia, pôde treinar com seus alunos, frequentar regularmente os treinos de seu professor e sustentar uma intensa rotina de preparação física. Nenhum dos outros participantes havia se aposentado de sua profissão e no caso de Fabrício a transição para a aposentadoria praticamente acompanhou a transição para a faixa preta.

Aos 52 anos, ainda antes que pudesse estrear em sua primeira competição oficial, uma barreira de transição fez com que ele fosse obrigado a interromper sua preparação subitamente. Fabrício desenvolveu um quadro de *overtraining* e teve um problema de saúde relacionado a sua má alimentação. Durante cerca de três meses ele interrompeu absolutamente sua prática, pois correu riscos reais de ser obrigado a deixar o esporte definitivamente.

No momento que retornou ao jiu-jítsu, a rede de apoio já estabelecida ao seu entorno envolvendo, a filha, o professor e seus alunos, favoreceu para que ele superasse a crise de transição e passasse a viver os anos de manutenção no jiu-jítsu (transição não normativa 13), focado em sua carreira de professor e na manutenção de sua saúde.

Em complemento as transições até então discutidas, propõe-se que o próprio sistema de graduação por cores de faixa representa, tanto no jiu-jítsu como em outras L/AM/MEC, uma forma de classificar os participantes de acordo com seu nível de desenvolvimento na modalidade esportiva. Deste modo, cada troca de faixa se caracteriza como uma transição normativa, tendo em vista a existência de um conjunto de recomendações sobre tempo mínimo de prática e uma sequência de cores já estabelecidas previamente pelas federações, o que permite que o participante se prepare e seja preparado para cada subsequente transição.

Além da adaptação das regras de acordo com as categorias de idade, no que diz respeito ao tempo de luta e proibição de determinados golpes, no jiu-jítsu, as regras de disputa têm suas transformações mais significativa em determinadas graduações (IBJJF, 2018). Pôde-se assim,

subdividir as graduações no jiu-jítsu e três níveis entre as faixas branca e preta: iniciante, intermediário e avançado.

Foram considerados como iniciantes, todos aqueles que ainda não alcançaram a faixa azul, dentre eles, adultos iniciantes e crianças e adolescentes até os quinze anos, que podem passar por faixas intermediárias entre a branca e azul. Após a conquista da faixa azul, os praticantes passam a poder aplicar determinados golpes proibidos até então, sendo considerados lutadores intermediários aqueles graduados nas faixas azul e roxa. Christiano relata que ao conquistar a faixa marrom a dinâmica da luta sofre uma transformação drástica com a liberação do uso de técnicas mais complexas e potencialmente mais lesivas, como a maioria dos ataques aos membros inferiores. Após a faixa marrom, não há liberação de novas técnicas até então proibidas e o praticante já pode ser considerado como de nível avançado, estando apto a lutar de acordo com regras que permitem tais golpes (IBJJF, 2018).

A necessidade de estar apto a lutar de acordo com novas regras configura-se como uma demanda inerente à graduação. Christiano destaca que a possibilidade de se preparar previamente para a transição entre os níveis intermediário e avançado no decorrer da faixa roxa foi um importante recurso de transição, do contrário, se as normas internas de sua academia o impedissem de praticar os novos golpes antes da conquista da faixa marrom, ele se veria diante de uma barreira para seu desenvolvimento e poderia sofrer uma crise de transição ao ter que lidar com uma nova dinâmica de luta assim que mudasse de faixa.

Durante as transições entre as faixas, os participantes foram sujeitos ao equilíbrio dinâmico entre os mesmos recursos e barreiras discutidos anteriormente (ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007; STAMBULOVA, 2003), tendo em vista que em muitos dos casos, as transições relacionadas a graduação se sobrepuseram às transições entre as etapas de participação esportiva. Um outro recurso de grande influência no caso das mudanças de faixa foi o desejo de ser graduado, sobretudo de conquistar a faixa preta, embora alguns participantes mostraram-se menos preocupados com esta questão por alguns momentos.

A principal demanda relacionada a estas transições foi a melhoria do desempenho, e deste modo, identificou-se uma importante barreira relacionada a transição entre faixas que já havia sido relatada pelos atletas competidores da elite quando lhes foi perguntado sobre os maiores motivos de abandono na modalidade esportiva (VICENTINI; MARQUES 2015b): “A forte relação da cor da faixa com um rendimento esperado que pode levar ao sentimento de orgulho ferido quando se é derrotado por alunos menos graduados”.

O processo de graduação também conta com outras demandas além da melhoria do desempenho. A evolução de cada participante no jiu-jítsu parece estar relacionada também ao

seu desenvolvimento pessoal, um dos três pilares do PYD (CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007). Guilherme afirma que além da excelência técnica, o faixa preta deve apresentar um conjunto de valores intrínsecos à esta graduação, como respeito, ética e humildade.

No jiu-jítsu a graduação é conduzida pelo professor e depende de critérios objetivos e subjetivos, dentre eles, o tempo mínimo recomendado pela IBJJF, a comparação com o desempenho dos colegas de treino e adversários, além do desejo do próprio participante em graduar-se ou não. Enquanto os competidores de elite relataram ser possível solicitar ao professor que se prorrogue seu tempo em determinada faixa com o intuito de alcançar resultados competitivos (VICENTINI; MARQUES 2015a), Murilo também solicitou um tempo extra na faixa marrom, no entanto, para que se preparasse melhor para a transição à faixa preta.

Os ritos que envolveram o processo de graduação variaram entre professores, equipes e níveis de envolvimento, apontando o caráter heterogêneo deste processo de acordo com diferentes espaços de práticas, o que permite que grupos distintos incorporem e transformem seus processos pedagógicos de acordo com suas características e demandas (VICENTINI; MARQUES 2015a).

Apesar de suas singularidades, alguns padrões foram identificados no grupo estudado. A maioria dos participantes, com exceção de Iuri, comentaram sobre a existência de exames de graduação em algum momento de sua formação no jiu-jítsu, no entanto, algumas graduações foram conduzidas sem a existência deste tipo de avaliação, geralmente nos níveis iniciante e intermediário. Observou-se também que estes exames evoluíam em complexidade à medida que se tratava de uma graduação superior. Guilherme e Christiano informaram que mesmo não tendo investido em uma carreira de professor ou competidor, os exames para as graduações de nível avançado (faixa marrom e preta) poderiam demandar o conhecimento sobre história e regras da modalidade esportiva, além de habilidades pedagógicas necessárias para seu ensino.

No que se refere a estes exames, alguns dos participantes relataram terem sido submetidos a grandes pressões físicas e psicológicas, demandando a capacidade de mobilizar os recursos disponíveis para o enfrentamento desta situação de transição (STAMBULOVA, 2003). Entende-se que em alguns casos, as próprias condições do exame configuraram barreiras de transição a serem superadas.

Nenhum dos participantes do presente estudo, e nem mesmo os atletas competidores de elite (VICENTINI; MARQUES 2015a), relataram ter passado por reprovação nestes exames. Eles sequer tomaram conhecimento de que isso já tenha acontecido com alguém. O relato de Fabrício permite compreender que o exame em si é apenas parte de um processo contínuo de avaliação conduzido pelo professor ao longo dos treinos. Ele conta que apesar do mal

desempenho no exame da faixa preta, seu professor o graduou, dando a entender que outros critérios tiveram importância em sua avaliação, além do rito do exame.

Apesar de existirem exceções, observou-se que as graduações podem estar relacionadas a certas transições entre as etapas de participação esportiva no jiu-jítsu. No geral a mudança entre as graduações de nível intermediário e avançado aproximou-se da transição entre os anos de especialização e investimento no jiu-jítsu, enquanto a transição entre as faixas marrom e preta foi fortemente relacionada a transição entre anos de investimento e manutenção no jiu-jítsu. Esta é uma correlação esperada em um grupo de praticantes não competidores de jiu-jítsu, haja vista que o único que cogitou competir na faixa preta foi o único que continuou o investimento na modalidade esportiva após conquistar esta graduação.

A transição para a faixa preta significou uma importante mudança de posição hierárquica na estrutura da modalidade esportiva. Sua conquista marcou a entrada dos participantes em um restrito grupo, aqui considerado como a elite do jiu-jítsu. Iuri destaca que uma pequena porcentagem dos praticantes de jiu-jítsu alcança esta graduação, e que destes, muitos não garantem a manutenção de sua prática de longo prazo. O abandono após a conquista da faixa preta também foi citado pelos atletas de elite quando questionados sobre os motivos de abandono na modalidade esportiva (VICENTINI; MARQUES 2015a).

Sendo a faixa preta uma meta em comum para a maioria dos praticantes de jiu-jítsu, aqueles que pertencem a este grupo são expostos a demandas com relação ao seu desempenho esportivo e ao seu comportamento dentro e fora do ambiente de treinamento. Quando perguntado sobre o significado da faixa preta, Murilo oferece um panorama deste cenário. Em resumo, as principais demandas dos anos de manutenção no jiu-jítsu giram em torno da manutenção do *status* de faixa preta. Apesar da possibilidade de regredir de graduação não estar prevista no jiu-jítsu, foi identificada a necessidade de afirmar-se como faixa preta diante do grupo.

Alguns participantes deste estudo (Murilo, Guilherme e Christiano), fizeram uma interessante comparação da graduação na faixa preta com a conquista de um diploma de nível superior, tendo em vista o investimento a médio e longo prazo demandado durante o processo formação no jiu-jítsu e o fato de que – pelo menos no grupo estudado – esta conquista não foi entendida como o final do processo, pelo contrário, foi dada a continuidade do treinamento, mesmo que em ritmos diferentes.

Por fim, é esperado que os participantes continuem sujeitos a transições esportivas ao longo de sua vida. O equilíbrio dinâmico entre recursos, barreiras e demandas (esportivas e não esportivas) (STAMBULOVA, 2003) irá continuar determinando os caminhos que estes seis

participantes irão percorrer no esporte, levando em consideração a existência de mais graduações além da faixa preta e o papel assumido pelo jiu-jítsu de “esporte para toda a vida”, conforme afirma Murilo.

A tabela 1 traz uma comparação do tempo aproximado que os atletas de elite (VICENTINI; MARQUES, 2018c) e os faixas pretas não competidores treinaram em cada faixa até alcançar a faixa preta. Os períodos de abandono esportivo foram excluídos desta contagem, enquanto o envolvimento com o jiu-jítsu através dos anos de recreação não deixou de ser considerado.

Tabela 1– Anos de prática em cada faixa: da iniciação no jiu-jítsu à conquista da faixa preta

Atletas de elite						
Participante	Branca	Amarela	Azul	Roxa	Marrom	Formação até a faixa preta
Atleta 1	1,5	-	1	3	1	6,5
Atleta 2	1	-	1	2	3	7
Atleta 3	0,5	1	2	1,5	3	8
Atleta 4	1	-	2	5	2	10
Atleta 5	1	-	3	2	-	-
Atleta 6	2	-	2	1,5	4	9,5
Mediana	1	-	2	2	3	8
Média	1,2	-	1,8	2,5	2,6	8,2
DP	0,5	-	0,8	1,3	1,1	1,5

Faixas pretas não competidores						
Participante	Branca	Amarela	Azul	Roxa	Marrom	Formação até a faixa preta
Renato	1,5	-	2	3	2	8,5
Iuri	3	-	3	2	2	10
Fabrício	3,5	-	3	2,5	3	12
Murilo	3,5	-	2	4	6	15,5
Guilherme	1,5	1	9	1	2	14,5
Christiano	2,5	-	2	5	2	11,5
Mediana	3	-	3	2,5	2	12
Média	2,6	-	3,5	2,9	2,8	12
DP	0,9	-	2,7	1,4	1,6	2,6

Tempo mínimo recomendado (IBJJF 2012)	-	-	2	1,5	1	-

Fonte: O próprio autor, Vicentini e Marques (2018C) e IBJJF (2012).

Em linhas gerais, o grupo dos não competidores demorou mais tempo para conquistar a faixa preta, e a razão para isto reside no fato de que seu volume de prática semanal foi menor em comparação aos atletas de elite, especialmente durante as graduações de nível iniciante e intermediário, que geralmente antecederam sua entrada nos anos de investimento. Enquanto entre aqueles que investiram em uma carreira atlética e lograram a elite competitiva, relatos envolvendo a prática diária do jiu-jítsu por anos – muitas vezes em mais de uma sessão por dia – foram comuns ao longo de toda sua experiência no jiu-jítsu (VICENTINI; MARQUES, 2018c), os não competidores passaram por frequências semanais mais variadas dentre as diferentes etapas de participação esportiva, incluído períodos em que alguns treinaram menos de uma vez por semana. A menor concentração de prática deliberada foi então correlacionada com a demanda de mais tempo para alcançar a faixa preta.

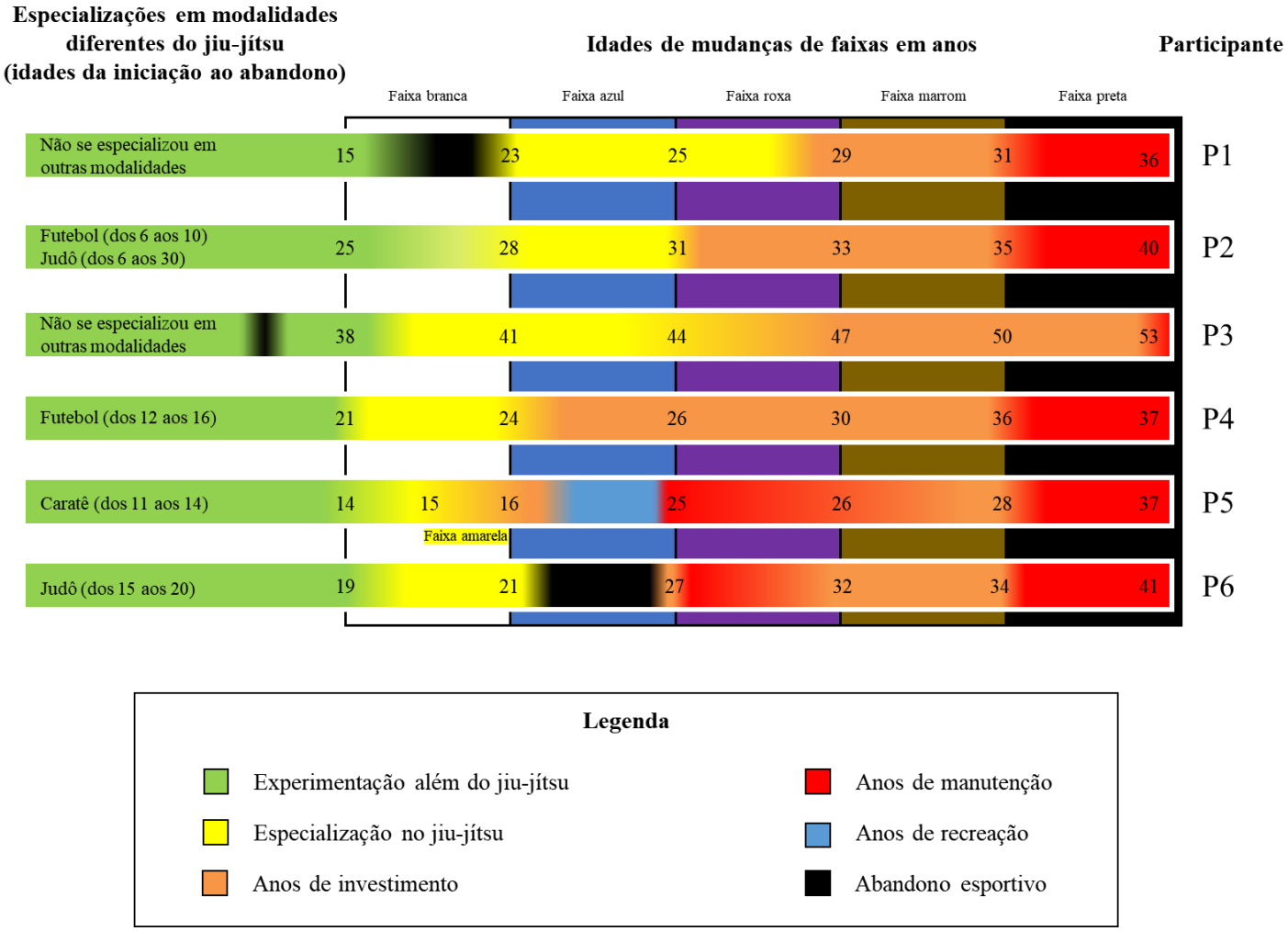
Ao considerar que aqueles que conquistaram a faixa preta – sejam eles atletas de elite ou não – passaram a fazer parte da elite dos praticantes de jiu-jítsu, foi possível questionar a afirmação de Ericsson, Krampe e Tesch-Römer (1993) de que não é possível alcançar altos níveis de desempenho esportivo sem ter acumulado, ao menos, dez anos de prática deliberada. Enquanto a maioria dos faixas pretas não competidores alcançaram esta graduação após dez anos de envolvimento, corroborando esta afirmação, a maioria dos atletas de elite precisou de menos tempo para lograr esta conquista. Sendo o jiu-jítsu uma modalidade esportiva caracterizada pela especialização tardia – especificamente no contexto estudado – estes indivíduos contaram com recursos de transição que facilitaram este processo, como o acúmulo de experiências diversificadas transferíveis nos anos de experimentação além do jiu-jítsu (VICENTINI; MARQUES, 2018c).

Observa-se também que o tempo mínimo de prática recomendado pela IBJJF (2012) nas faixas azul, roxa e marrom não foi necessariamente respeitado em todas as transições vividas pelos atletas de elite (VICENTINI; MARQUES, 2018c) e pelos praticantes não competidores. Por outro lado, as idades mínimas necessárias para a graduação foram atendidas, muito em parte pelo fato de que todos os participantes se iniciaram no jiu-jítsu no final da adolescência ou em idade adulta. De todo modo, pode-se investigar em pesquisas futuras se a determinação de uma idade mínima para alcançar algumas graduações atua como um mecanismo que dificulta a ocorrência de especialização esportiva precoce na modalidade esportiva.

A figura 42 apresenta um panorama sobre as etapas de participação esportiva, suas transições e as graduações pelas quais cada um dos seis participantes deste estudo passou no jiu-jítsu. Através de sua observação é possível identificar padrões e particularidades inerentes à participação esportiva do grupo investigado, dentre estas, a iniciação tardia no jiu-jítsu e as

sobreposições entre determinadas graduações e estágios da participação esportiva. É importante destacar que a figura 42 se difere das figuras 39 e 40 (apresentadas na seção anterior) porque além de considerar o período que antecede a iniciação dos participantes no jiu-jítsu, não se tem a intenção de proporcionar uma escala de tempo.

Figura 42 – O desenvolvimento da participação esportiva dos participantes estudados: as graduações no jiu-jítsu e os estágios da participação esportiva



Fonte: O próprio autor.

Após explorar o dinâmico processo de formações esportiva dos seis participantes faixas pretas não competidores de jiu-jítsu, desde sua iniciação esportiva, dando ênfase aos seus estágios de participação e suas transições no primeiro tema desta investigação, características relacionadas às configurações dos contextos de desenvolvimento esportivo e pessoal serão

debatidas em maior profundidade no segundo tema fruto da Análise Temática Reflexiva conduzida nesta pesquisa.

6.2 CONTEXTO DE DESENVOLVIMENTO ESPORTIVO E PESSOAL

A formação esportiva sofre influência significativa de múltiplas variáveis no nível contextual, relacional e pessoal, que interagem como elementos dinâmicos influenciando na participação, no desempenho e no desenvolvimento pessoal ao longo da vida (CÔTÉ et al., 2017).

Embora já tenha se discutido sobre os principais recursos e barreiras de ordem contextual, relacional e pessoal que influenciaram nas transições entre as etapas de participação esportiva vividas pelos participantes da presente pesquisa, no segundo tema central da discussão pretende-se discutir como a combinação destes elementos dinâmicos proporcionou aos faixas pretas não competidores uma experiência única, tendo como referência o Quadro de Desenvolvimento de Valores Pessoais (PAF) (CÔTÉ et al., 2017; CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014).

Observou-se que os elementos dinâmicos do PAF se influenciaram mutuamente, permitindo com que fossem transmitidos valores pessoais através do esporte, culminando em resultados de longo prazo, corroborando o trabalho de Côté, Turnnidge e Evans (2014). No caso dos participantes da presente pesquisa, os resultados acumulados de longo prazo se relacionam a conquista e a manutenção da faixa preta de jiu-jítsu.

Cada um dos elementos dinâmicos do PAF apontados por Côté, Turnnidge e Evans (2014) embasou um dos subtemas que compõem o segundo tema desta investigação: a) Cenários de desenvolvimento; b) Qualidade dos relacionamentos; e, c) Os sentidos do treinamento e da competição.

6.2.1 Cenários de desenvolvimento

O primeiro grupo de elementos dinâmicos a ser discutido no presente trabalho remete ao nível contextual. Sabe-se que cenários de desenvolvimento apropriados proporcionam melhor acesso a atividades esportivas diversificadas e a relacionamentos de boa qualidade, sendo uma variável fundamental durante a consolidação da formação esportiva (CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014).

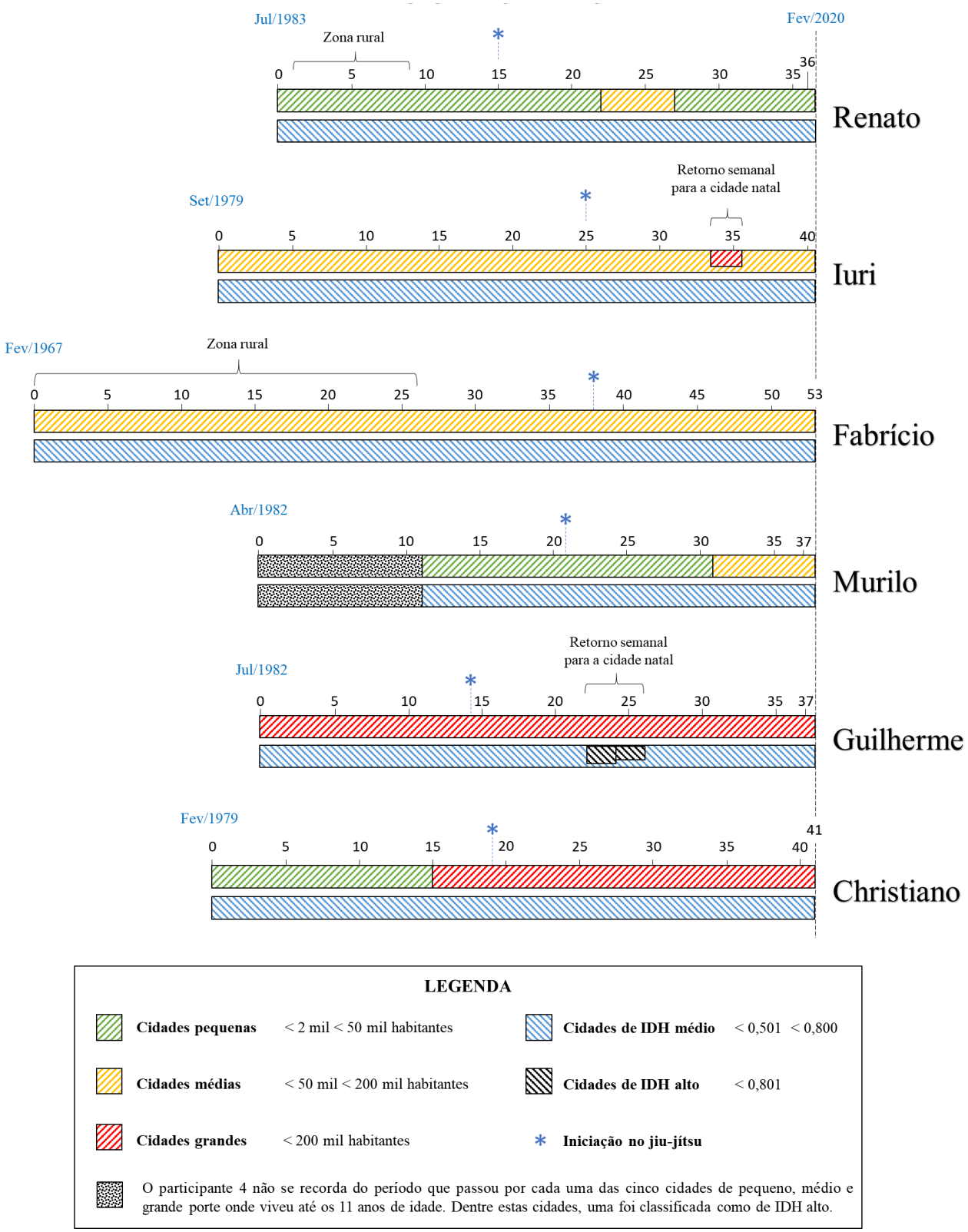
Um fator contextual que pode balizar os caminhos da participação esportiva de crianças e jovens em formação é o local de nascimento. Diversos estudos vêm apontando para a existência de uma maior incidência de casos de sucesso no esporte competitivo entre os nascidos em cidades de tamanho médio (com população entre 50.000 e 200.000 habitantes) (BAKER; SHUISKIY; SCHORER, 2014; BALISH; RAINHAM; BLANCHARD, 2015; MACDONALD et al, 2009). A diferença de oportunidades de acesso à prática e o tamanho da concorrência interna estão no cerne das explicações para este fenômeno (CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014).

Mais recentemente, outra variável demográfica teve sua influência sobre a formação esportiva investigada: o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). Morbi e Marques (2017) e Figueiredo et al. (2018) conduziram investigações que permitiram mensurar a probabilidade de atletas de elite terem nascido em cada faixa de IDH, algo importante no contexto brasileiro, considerando suas desigualdades regionais. Em seus estudos, as cidades de IDH médio se mostraram com uma representação estatisticamente maior em comparação aos municípios de IDH considerado baixo, o que também remete a diferença entre as oportunidades de acesso à prática esportiva.

Por conta das características qualitativas da presente pesquisa, não houve o objetivo de traçar inferências populacionais e nem comparar estatisticamente a relação entre tamanho da cidade de nascimento, IDH e a conquista da faixa preta de jiu-jítsu, diferindo-se dos trabalhos que embasam a discussão neste momento. No entanto, a abordagem de pesquisa qualitativa permitiu que se deslumbre o dinâmico processo de mudança de contextos individuais experimentado por cada participante ao longo de toda vida, para além do local de nascimento. Os seis participantes desta pesquisa viveram em doze cidades diferentes, todas no Estado de São Paulo. O cenário de desenvolvimento não é uma característica estática, imutável e sim, tal como definem Côté, Turnnidge e Evans (2014), um elemento dinâmico, e assim sendo, suas configurações podem se transformar no decorrer das histórias de vida de cada indivíduo.

A figura 43 ajuda a compreender a passagem dos participantes por diferentes contextos proporcionados pelas cidades que viveram ao longo de toda sua vida até o período das entrevistas. O tamanho da população e o IDH de cada município citado pelos participantes foram extraídos do censo demográfico (IBGE, 2010) e posteriormente classificados de acordo com os critérios adotados nos estudos de Lidor et al. (2010) e Morbi e Marques (2017).

Figura 45 – Locais de desenvolvimento dos participantes



Fonte: O próprio autor.

Nota-se que não houve menção a nenhuma cidade com o IDH municipal classificado como baixo (menor que 0,501), enquanto os municípios IDH médio (entre 0,501 e 0,800) constituíram a maioria. Foram citadas ainda, por Murilo e Guilherme, duas cidades com o IDH classificado como alto (acima de 0,801), no entanto, suas passagens por estas cidades foram muito breves e não envolveram a participação em nenhuma modalidade esportiva. O caráter regional do presente estudo ajuda explicar a inexistência de cidades com o IDH baixo no relato dos participantes, já que o estado de São Paulo e as Regiões Sul e Sudeste do Brasil concentram os maiores IDHs em relação à outras regiões do país (BRASIL, 2020).

Enquanto os estudos quantitativos sobre o chamado efeito do local de nascimento abrangem amostras consideráveis e comprovam sua existência em diversas modalidades esportivas, uma investigação mais detalhada sobre um grupo específico de participantes permitiu que se ampliasse o entendimento deste fenômeno. Renato, Murilo e Christiano viveram mudanças de cidade ao longo de sua infância ou adolescência, períodos em que se começa a consolidar a participação esportiva, de modo que o local de nascimento não necessariamente coincidiu com o(s) local(is) de desenvolvimento.

Outra característica que chamou bastante atenção quanto aos locais de desenvolvimento foi a influência do tipo de moradia sobre as oportunidades de experimentação esportiva. Conforme discutido anteriormente, constatou-se que os únicos que viveram parte de suas vidas na zona rural (Renato e Fabrício) relataram a falta de acesso a prática deliberada e abundância de estímulos variados envolvendo jogos deliberados neste período, sobretudo brincadeiras tradicionais durante a infância.

Já Guilherme, o único que sempre viveu em grandes cidades, relatou ter tido menos oportunidades de se envolver em jogos deliberados durante a infância, o que atrasou sua iniciação esportiva, enquanto aqueles que residiram em cidades pequenas e médias puderam experimentar uma iniciação esportiva mais favorável, graças a maior disponibilidade de espaços públicos e sensação de segurança que resultaram em um maior volume e variedade de jogos deliberados. Também não se pode deixar de descartar as facilidades quanto ao acesso a prática deliberada fora dos grandes centros urbanos, conforme apontam os estudos sobre o tema (CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014). O caso Christiano demonstra bem como a mudança de cidade pode significar uma drástica alteração de contexto de participação esportiva. Aos quinze anos, ele e sua família deixaram a casa em que viviam em uma pequena cidade, mudando-se para um apartamento em um grande centro, o que marcou o fim de sua participação em jogos deliberados diversificados e início de sua especialização no judô.

Durante o período de iniciação no jiu-jítsu, a relação entre tamanho de cidade e o acesso a modalidade esportiva ficou em evidência. Historicamente, o jiu-jítsu brasileiro difundiu-se das capitais para o interior do país, especialmente durante as últimas décadas. A chegada da primeira equipe na cidade de Ribeirão Preto, por exemplo, data de 1990 (VON SÖHSTEN, 2018), seis anos antes da iniciação de Guilherme na modalidade esportiva (o participante estudado que entrou em contato com o jiu-jítsu primeiro).

Já Iuri, um dos que começou a praticar jiu-jítsu mais tarde (em 2004, aos seus 25 anos), poderia ter iniciado na modalidade esportiva durante sua adolescência – antes mesmo que Guilherme – não fosse pelo fato do jiu-jítsu ainda não ter chegado em sua cidade, um município de porte médio a cerca de quarenta quilômetros de distância da grande cidade em que Guilherme foi criado.

No entanto, observa-se que, assim como os demais participantes, Iuri conhece o jiu-jítsu antes mesmo de ter acesso a sua prática, muito em virtude da expansão midiática proporcionada pelo sucesso dos lutadores de jiu-jítsu brasileiro nas primeiras edições do UFC na década de 1990 (RODRIGUES et al., 2018). É neste contexto que os participantes deste estudo se iniciam no jiu-jítsu, entre 1994 e 2005, um período em que a imagem que vinha sendo associada ao jiu-jítsu, principalmente entre os jovens, recebia grande influência do UFC.

Em meio ao avanço do jiu-jítsu na região de Ribeirão Preto a partir da década de 1990, os dois únicos praticantes que viviam em cidades consideradas pequenas durante sua iniciação na modalidade esportiva (Renato e Murilo) enfrentaram maiores dificuldades referentes ao seu acesso a esta prática.

Renato vivenciou a chegada do jiu-jítsu em sua cidade natal em 1998, aos quinze anos de idade, mas conforme discutido anteriormente, o acesso aos treinos neste período foi limitado. Em duas ocasiões separadas pelo intervalo de um ano, os instrutores – que vinham de outras cidades para ministrar suas aulas somente aos sábados – interromperam suas atividades, deixando os moradores da cidade sem acesso ao jiu-jítsu por aproximadamente uma década.

Murilo por sua vez, morador de um município ainda menor, não contou com o acesso ao jiu-jítsu em sua cidade no período em que se iniciou na modalidade esportiva (em 2003, aos seus 21 anos). Ele frequentou treinos em municípios vizinhos e se tornou o instrutor introdutor do jiu-jítsu em sua cidade durante os seus anos de investimento, a partir da faixa azul.

É notável que o processo de expansão do jiu-jítsu continuou e muitas cidades brasileiras podem ainda não contar com esta opção de prática. No ano de 2015, Fabrício também se tornava o primeiro instrutor de jiu-jítsu em outra pequena cidade paulista durante o seu investimento na carreira de professor.

A mudança de cidade após a iniciação no jiu-jítsu significou a transformação dos contextos de participação, influindo diretamente sobre a qualidade e quantidade de suas experiências esportivas. A mudança de locais de treinamento foi igualmente relacionada ao aumento (Renato, Fabrício e Christiano) e a redução (Iuri, Murilo e Guilherme) da participação nos treinos de jiu-jítsu.

Renato e Christiano voltaram a treinar jiu-jítsu após longos períodos de interrupção ao mudar de cidade e ter acesso a treinos. Já Fabrício não necessariamente mudou de cidade, mas ao atuar como instrutor em uma cidade vizinha, aumentou sua frequência semanal nos treinos e viveu a transição para os anos de investimento a partir do momento que passou a treinar jiu-jítsu nestes dois contextos.

Iuri, Murilo e Guilherme reduziram significativamente sua frequência semanal nos treinos ao se mudarem para cidades maiores a trabalho. Enquanto o Iuri mudou-se de uma cidade média para uma grande, Guilherme mudou-se de uma grande cidade para uma cidade ainda maior. Ambos retornaram semanalmente para sua cidade natal, onde viviam seus pais. Apesar de passarem a morar – mesmo que parcialmente – em cidades com maiores quantidades absolutas de academias que ofereciam jiu-jítsu, sua participação foi muito menor dada a nova rotina estabelecida neste novo contexto.

Já Murilo, após ser aprovado em concurso público para atuar como professor de Educação Física Escolar, mudou-se da pequena cidade onde já havia se estabelecido como instrutor e passou a viver em um munícipio de porte médio, distante o suficiente para inviabilizar visitas semanais. Este acontecimento marcou o fim do seu investimento na carreira de professor, já que neste novo contexto ele iniciou-se como aluno em uma nova equipe, mas não se interessou novamente pela função de instrutor. Sua mudança de equipe se deu porque sua primeira equipe não estava presente nesta nova cidade.

Em se tratando da experiência individual no jiu-jítsu, uma variável contextual de grande influência foi a equipe. Cada equipe foi caracterizada por diferenças com relação a sua cultura interna, tamanho e influência sobre a estrutura dos treinos. Ao todo, os participantes da presente pesquisa passaram, por sete equipes de jiu-jítsu distintas durante o desenvolvimento de sua participação esportiva, sendo uma destas equipes, comum a todos os investigados (equipe γ).

A cultura interna de cada equipe foi um fator que influiu diretamente na experiência esportiva dos participantes. As normas de conduta no tatame e os ritos envolvidos no processo de graduação, se diferiram não só entre as equipes, mas sobretudo entre cada uma das academias, professores e turmas vivenciados pelos participantes deste estudo. Não houve, por exemplo, um padrão quanto à aplicação ou não de exames de graduação e a prática do “corredor

polonês", uma forma de rito de passagem em que o professor, acompanhado de seus alunos mais graduados deferem golpes com suas faixas naqueles recém promovidos[46].

Foi possível identificar que os sentidos dados ao treinamento e a competição (assunto explorado na última seção da presente discussão) variou de acordo com a cultura interna de cada equipe. Conforme relata Christiano, o professor que marcou negativamente sua experiência no jiu-jítsu estava alinhado com os valores estabelecidos em sua equipe ao valorizar a competição em detrimento de uma participação mais inclusiva.

Enquanto a maioria experimentou o jiu-jítsu em diferentes equipes (Renato, Murilo, Guilherme e Christiano), Iuri e Fabrício sempre fizeram parte da mesma equipe, apesar de terem mudado de professor durante algum momento de sua participação esportiva. Nota-se que o pertencimento a uma equipe é uma importante questão para os praticantes de jiu-jítsu. Embora tenha treinado em diferentes equipes, Guilherme faz questão de afirmar que nunca trocou de equipe deliberadamente. O que houve foi o abandono por parte de seu primeiro professor (meses após sua iniciação) e a mudança de nome e de liderança de sua segunda equipe durante o período que deixou de treinar regularmente. Na sua opinião, mudar de equipe seria como trair seus amigos.

Também foi possível identificar a existência de rivalidades entre equipes locais de jiu-jítsu que dividiam espaços em uma mesma cidade ou região. Guilherme revela que durante a primeira metade dos anos 2000 houve episódios de violência a partir do conflito entre as duas maiores equipes de sua cidade. Os desentendimentos entre seus membros teriam se tornado frequente após o episódio da mudança do professor B para a equipe concorrente.

Além de Guilherme, outros participantes (Iuri e Christiano) corroboraram a afirmação de que, no jiu-jítsu, aqueles que trocam de equipe são geralmente mal vistos pelos seus antigos colegas de treino e professores. Por outro lado, nem todos foram coniventes com este tipo de estigmatização. O próprio Iuri, que nunca deixou sua equipe, entende que seria positivo para a modalidade esportiva se seus praticantes se sentissem mais livres para visitar os treinos de outras equipes.

Dentre os que trocaram de equipe, dois o fizeram deliberadamente, sem ter mudado de cidade (Renato e Christiano). No caso de Christiano, a experiência negativa vivida com o professor em uma das equipes que treinou foi suprida por experiências positivas em outra

---

[46] Além do sentido de celebrar a graduação como uma espécie de rito de passagem, Christiano relata que um de seus professores usava o corredor polonês como forma de punição.

equipe existente na cidade. Já Renato se destacou como único investigado que fundou sua própria equipe. Insatisfeito com a metodologia de ensino de sua antiga equipe, na qual era compelido a conduzir suas aulas seguindo um roteiro de treino preestabelecido, mudou-se de academia com seus alunos, instituindo uma equipe independente.

Os participantes citaram, tanto equipes locais com sede em sua cidade ou na região do seu entorno, como equipes de abrangência nacional e internacional. Enquanto a grande equipe deixada por Renato (equipe δ) operava como uma rede de franquias, com uniformização e estrutura pedagógica padronizadas, a equipe regional que contou com a passagem de todos os participantes deste estudo por algum momento (equipe γ), dava aos professores maior autonomia na condução de suas aulas e graduações, embora seus membros ainda devessem respeitar uma hierarquia interna.

Nas equipes de alcance regional, os participantes estiveram mais próximos das lideranças em comparação às grandes equipes. O caso de Christiano, em particular, chama atenção quanto a este aspecto. Durante toda sua participação no jiu-jítsu, sua experiência variou de acordo com elementos dinâmicos que mudaram ao longo dos anos, corroborando o PAF (CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014). Após ter passado por quatro diferentes equipes, ele revela que a experiência lhe serviu também para desenvolver competências além do jiu-jítsu, relacionadas a gestão e a liderança.

Os estudos sobre o efeito do local de nascimento concluem que em comunidades menores as crianças e adolescentes têm mais probabilidade de se tornarem atletas de destaque do que em comunidades maiores (BAKER; SHUISKIY; SCHORER, 2014; BALISH; RAINHAM; BLANCHARD, 2015; MACDONALD et al, 2009). Esta diferença é explicada por um conjunto de fatores relacionados ao ambiente, aos padrões de comportamento e as oportunidades de participação esportiva. Dentre eles, o estreitamento dos laços sociais e a competitividade regionalizada (CÔTÉ et al, 2006).

É possível identificar tais fatores na relação que os praticantes de jiu-jítsu têm com suas equipes, de modo que as equipes regionais oferecem maior estreitamento dos laços e competitividade regionalizada, enquanto nas grandes equipes, a competição interna para alcançar posição de destaque é mais acirrada, apesar da disponibilidade de melhores recursos para o alcance da elite competitiva (CÔTÉ et al., 2017). Conclui-se que o “efeito do peixe grande no lago pequeno” adaptado por Chanal et al. (2005) para interpretar a relação do tamanho da cidade com as chances de sucesso esportivo, ocorre no jiu-jítsu no que se refere ao tamanho de suas equipes.

Enquanto as equipes interferiram diretamente na experiência esportiva dos faixas pretas não competidores, as federações assumiram papel secundário. Suas duas principais influências sobre os participantes dizem respeito às recomendações de tempo mínimo para as graduações (quase sempre respeitadas por seus professores) e o chancelamento do título de faixa preta e de seus graus (IBJJF, 2012). Alguns participantes (Iuri e Murilo) relatam que se federaram como parte de sua qualificação durante os anos de investimento na carreira de professor e o único que se federou com o intuito de competir (Fabrício) não pôde concretizar seu objetivo.

Dentre as federações de jiu-jítsu mencionadas pelos participantes deste estudo, foi possível constatar uma hegemonia da CBJJ, e consequentemente, da IBJJF, não havendo nenhuma citação de suas respectivas concorrentes. Coube também à estas federações, a definição das regras vigentes na modalidade esportiva, adotadas inclusive nas competições não oficiais mencionadas pelos participares.

6.2.2 Qualidade dos relacionamentos

A configuração do processo de desenvolvimento esportivo e pessoal dos participantes sofreu influência, não só de estruturas sociais mais amplas (cidades, equipes e federações), como das relações interpessoais estabelecidas com os diferentes agentes sociais envolvidos diretamente com sua prática esportiva, corroborando o PAF (CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014). Na seção em que se discutiu as transições esportivas constatou-se que a qualidade dos relacionamentos foi um elemento dinâmico de grande influência para o desenvolvimento da participação esportiva do grupo estudado ao longo de toda sua vida, quer seja no papel de recurso, quer seja no papel de barreira.

Na presente seção pretende-se abordar em maior profundidade as relações interpessoais estabelecidas pelos seis participantes no esporte, de sua iniciação esportiva até os dias atuais, perpassando a conquista da faixa preta de jiu-jítsu. Neste contexto, três grupos de agentes sociais destacaram-se pela maior influência na experiência esportiva: familiares, colegas de treino e treinadores, tal como sugerem Côté, Turnnidge e Evans, (2014).

Apesar de reconhecer a existência de outras teorias que destacam o papel dos relacionamentos no desenvolvimento esportivo, os autores do PAF se embasam especificamente na Teoria da Liderança Transformacional de Bass e Riggi (2006) para interpretar como a qualidade das relações interpessoais repercutem na experiência esportiva e no desenvolvimento de valores pessoais através do esporte.

As primeiras interações pessoais dos participantes deste estudo (dentro e fora do contexto esportivo), remetem ao núcleo familiar. Mais especificamente, pai e mãe exerceram um papel fundamental durante seu primeiro contato com o esporte durante a infância, nos anos de experimentação. Corroborando os achados de Côté (1999), estes agentes foram responsáveis por prover os recursos para a iniciação esportiva e apoiar a participação de seus filhos.

Em linhas gerais, os pais têm potencial para serem os primeiros líderes transformacionais na vida de uma criança, o que faz com que possam, através da socialização familiar, transmitir valores pessoais tidos como positivos ou negativos aos seus filhos (CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014). É possível afirmar que na presente investigação os pais foram os primeiros responsáveis por fazer com que seus filhos se interessassem (ou não) pela atividade esportiva, embora mais estudos precisem ser conduzidos para elucidar a questão da herança cultural familiar no jiu-jítsu, sobretudo fundamentando-se teoricamente na obra de Bourdieu (1998), como o trabalho de Januário, Morbi e Marques (2019), que teve como objetivo propor uma reflexão sobre a herança familiar e suas diferentes formas de manifestação em dois grupos que representaram a elite nacional do xadrez e do futsal.

Além de prover condições familiares favoráveis para a experimentação esportiva, alguns pais influenciaram diretamente os sentidos atribuídos à prática esportiva durante os primeiros anos de contato de seus filhos com o esporte (assunto abordado em profundidade na seção 5.2.3 – Os sentidos do treinamento e da competição). O pai de Iuri e os pais de Christiano, por exemplo, impuseram sua iniciação em modalidades esportivas das quais estes participantes não praticam atualmente.

Iuri contou com o apoio excessivo e altas expectativas por parte do pai, que sonhava que o filho se tornasse jogador de futebol e por conta disso havia o iniciado em treinos formais da modalidade esportiva aos seis anos de idade. Além do pai, Iuri teve influência de outra figura familiar o iniciando em uma segunda modalidade esportiva no mesmo período. Sua avó foi responsável por sua matrícula e pelo suporte financeiro necessário para sua manutenção nas aulas de judô. Não fosse a avó, a especialização esportiva precoce promovida pelo pai poderia culminar em consequências mais negativas para sua formação esportiva, tendo em vista as altas expectativas e a influência excessiva da parte do pai para que se praticasse uma atividade que não gostava (CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007; FRASER-THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2005).

Christiano relata que das três modalidades esportivas que treinou formalmente, apenas não teve influência dos pais durante sua iniciação no jiu-jítsu, enquanto estes foram fundamentais para que se iniciasse no judô e na natação durante sua adolescência. Em ambas

as modalidades esportivas, os pais não alimentavam expectativas de que o filho se tornaria um atleta de elite, dando o suporte necessários e envolvendo-se de forma moderada, o que segundo Côté e Fraser-Thomas (2007) tende a repercutir de forma positiva para os resultados da formação esportiva. A escolha por cada uma destas práticas levou em conta o caráter utilitarista do esporte, seja como ferramenta pedagógica, seja como forma de manutenção da saúde.

Os pais de Murilo e Christiano sempre apoiaram a necessidade de se ter um estilo de vida fisicamente ativo, mantendo os estudos como prioridade, mas sem nenhum tipo de fanatismo esportivo envolvendo uma modalidade esportiva específica. O caso mais simbólico em que se registra a influência positiva da herança cultural familiar sobre a formação esportiva é o da família de Murilo. Ele e seus outros dois irmãos são formados em Educação Física e atuam na área.

Em contraste, conforme abordado anteriormente, Guilherme, o único que não passou pelos chamados anos de experimentação descritos por Côté (1999), revelou influência negativa da herança cultural familiar com relação a esfera esportiva. Seus pais eram sedentários e nunca estimularam a prática esportiva, pois está “não era uma preocupação”. Renato também expressa uma falta de incentivo por parte dos pais com relação a sua prática esportiva. No entanto, ele pôde contar com o estímulo dos amigos desde a infância, em um contexto favorável a existência de jogos deliberados diversificados. Assim como o excesso de expectativa por parte dos pais, a ausência de estímulos também está relacionada a consequências negativas para a formação esportiva (CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007).

Fabrício, por sua vez, contou com o apoio do pai através da sua torcida durante os jogos locais de futebol que participou em sua adolescência, mas foi impedido por ele de sair da fazenda onde vivia para treinar futebol na categoria de base de um clube tradicional de uma grande cidade aos quinze anos. Está ação do pai impossibilitou definitivamente sua especialização e investimento na modalidade esportiva, determinando que sua participação esportiva trilhasse o caminho que leva a participação recreativa.

Por conta da iniciação tardia vivenciada pelos participantes no jiu-jítsu, o envolvimento dos seus pais foi muito menor se comparado com outras modalidades esportivas que o antecederam. Apenas Murilo revela explicitamente o apoio do pai durante sua iniciação no jiu-jítsu, aos 21 anos. Este apoio foi caracterizado como moderado, sem que houvesse a criação de expectativas, portanto positivo para sua formação, corroborando o trabalho de Côté e Fraser-Thomas (2007), ao configurar um ambiente familiar livre de pressões. O participante ainda destaca que seu pai não possuía nenhum vínculo prévio com o jiu-jítsu ou qualquer

L/AM/MEC, o que o isentou de uma maior interferência, como aquela sofrida por Iuri no futebol

Já as mães de Renato e Iuri apresentaram certa resistência quanto ao envolvimento do filho com o jiu-jítsu durante sua iniciação na modalidade esportiva. O medo de que o filho se lesionasse e a imagem que havia sido construída a respeito do jiu-jítsu, alimentaram o receio materno. Enquanto Renato havia tomado conhecimento do jiu-jítsu através do MMA, sua mãe tratou de relacionar a modalidade esportiva à violência e acreditar que o filho "ia bater nos outros", pois esta era "a imagem do jiu-jítsu na mídia". Talvez ela tivesse se deparado com alguma manchete[47] reportando episódios protagonizados por praticantes de jiu-jítsu, situações que contribuíram para a propagação de uma imagem negativa desta modalidade esportiva na mídia, sobretudo na década de 1990 (RUFINO; DARIDO, 2010)

Iuri também revela que sua mãe não apoiava que praticasse o jiu-jítsu, tal como o judô, principalmente por temer que sua segurança física estaria em risco, haja visto que sua experiência como mãe de judoca havia confirmado sua tese sobre as L/AM/MEC em geral. O apoio da mãe com relação ao jiu-jítsu se deu, em seu caso, somente a partir do decorrer investimento na carreira de professor, quanto o jiu-jítsu começou a ser entendido como parte da profissão do filho.

Dentre os familiares, os irmãos estiveram envolvidos diretamente com o contexto esportivo vivenciado pelos participantes. Em muitas ocasiões, seja envolvendo a prática ou o jogo deliberado, os irmãos estiveram presentes como pares, enquanto não houve nenhum relato de pais que treinassem, brincassem ou jogassem com o filho durante algum período. Iuri e Guilherme contaram com a presença de seus irmãos em outras modalidades esportivas ao longo de suas vidas. Enquanto o irmão mais velho de Iuri jogava futebol e chegou a acompanhá-lo em alguns treinos de judô, o irmão mais novo de Guilherme teve sua iniciação esportiva estimulada pelo próprio participante.

As relações estabelecidas entre os dois participantes e seus irmãos, antes de conhecer o jiu-jítsu, revelaram o significativo papel de líder transformacional que pode ser assumido pelos irmãos, sobretudo os mais velhos. Dentre irmãos, pôde-se identificar dois dos quatro componentes principais da liderança transformacional descritos por Bass e Riggi (2006): a influência idealizada e a motivação inspiracional. Os irmãos mais velhos (ou aqueles com maior

---

[47] A título de exemplo, as manchetes do Jornal Folha de São Paulo: "Pancadarias de rua ofuscam as conquistas do clã" (PAPA, 1997) e "Rivalidade entre academias de jiu jitsu provoca brigas, diz delegada" (PETRY, 2000).

experiência em determinada modalidade esportiva) puderam ser tidos como um modelo a ser seguido, dignos de respeito e confiança, inspirando com que os irmãos iniciassem sua experiência esportiva.

No jiu-jítsu, os relatos envolvendo presença dos irmãos foram ainda mais frequentes. É importante destacar que em nenhum dos casos descritos algum irmão tenha iniciado o jiu-jítsu antes do participante. Os irmãos não tiveram relação com a sua iniciação na modalidade esportiva, pelo contrário, eles é que foram convidados pelos participantes deste estudo a iniciar-se no jiu-jítsu. Após iniciados, três dos seis participantes apresentaram o jiu-jítsu aos seus irmãos e vale ressaltar que, segundo seus relatos, nenhum destes irmãos logrou a participação de longo prazo na modalidade esportiva, tampouco, a conquistou a faixa preta.

Todos os três assumiram a função de líder transformacional quando acompanharam a iniciação de seus irmãos, seja na condição de colega de treino (Murilo e Guilherme), seja como professor, como no caso de Renato e mais tarde também, de Murilo. Destaca-se que o irmão de Murilo chegou a ser graduado faixa azul antes de interromper sua prática, sendo o único a alcançar alguma graduação no jiu-jítsu.

Conforme discutido anteriormente, durante a vida adulta, novos agentes sociais podem vir a compor o núcleo familiar em que se está inserido. No grupo estudado, citações referentes à esposa e filhos foram recorrentes. O caso da relação de Fabrício com sua filha através do jiu-jítsu foi o mais emblemático. Ambos se comportaram como líderes transformacionais, incentivando-se mutuamente através de cada um dos quatro componentes centrais apresentados por Bass e Riggi (2006). Enquanto Fabrício foi responsável, principalmente pela consideração individualizada ao fornecer todo suporte demandado pela filha para consolidação de uma carreira competitiva, a filha, por sua vez serviu ao pai como influência idealizada, motivação inspiracional e estimulação intelectual, à medida que representou o maior incentivo para que o pai continuasse treinando e o instigou a desenvolver suas competências como professor durante os anos de investimento.

Atualmente, os dois filhos de Fabrício praticam alguma forma de L/AM/MEC, revelando mais uma evidência de como a herança cultural familiar pode ter influência neste tipo de experiência esportiva (JANUÁRIO; MORBI; MARQUES, 2019). Em sua fala, o participante procurar deixar explícito que “o jiu-jítsu é um esporte para toda família”.

Além de Fabrício, outros investigados (Renato, Murilo e Christiano) relataram já ter praticado jiu-jítsu com seus filhos durante algum período. Por outro lado, não houve nenhum relato envolvendo a presença de suas companheiras nos treinos de jiu-jítsu, tampouco em

nenhuma outra modalidade esportiva, embora Renato expresse que ensinar jiu-jítsu para a esposa está entre seus objetivos.

Depois da família, os amigos começam a fazer parte do ciclo de relação interpessoais logo na infância, à medida que a criança começa a socializar-se com seus pares na escola, na rua etc. No grupo estudado foi possível constatar a participação dos amigos como um requisito central para a existência de jogos deliberados. O jogo deliberado é por definição, organizado pelas próprias crianças, adaptando suas regras de acordo com o contexto, de modo a possibilitar sua participação e prazer momentâneo (CÔTÉ, 1999). As interações pessoais estabelecidas entre pares durante o envolvimento com o jogo deliberado têm influência direta no significado e nos valores atribuídos à estas experiências.

No que diz respeito às relações com seus pares nas modalidades esportivas praticadas formalmente, a maioria dos relatos se referem ao jiu-jítsu, sobretudo pela maior duração de sua participação e pela facilidade que se tem de recordar experiências recentes com maior riqueza de detalhes em comparação àquelas mais antigas (CÔTÉ; ERICSSON; LAW, 2005).

O fato de que os participantes se iniciaram no jiu-jítsu no final da adolescência ou em idade adulta, majoritariamente sobre influência de amigos, e não dos familiares, fez com que a amizade dentro e fora do ambiente de treino recebesse o devido destaque nesta análise. Nota-se que entre aqueles que alcançaram a elite competitiva, os amigos também foram os principais agentes envolvidos em sua iniciação no jiu-jítsu (VICENTINI; MARQUES, 2018c).

Já a relação com colegas de treino – e adversários – em outras modalidades esportivas foi mencionada com o intuito de se fazer uma comparação com a qualidade dos relacionamentos estabelecidas no jiu-jítsu. Murilo, por exemplo, comparou suas experiências negativas envolvendo adversários nas competições de futebol com o contexto de treinamento e competição encontrado no jiu-jítsu. O participante demonstrou, no decorrer de sua fala, aversão às condutas e aos valores transmitidos através do futebol, enquanto a forma com que as relações entre os pares aconteciam no jiu-jítsu lhe parecia mais significativa, relacionando-se à valores tidos como positivos (principalmente conexão e caráter) (CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014).

Iuri e Christiano, os únicos investigados que treinaram judô antes de conhecer o jiu-jítsu, têm opiniões em comum sobre a forma como os parceiros de treino se relacionam nas duas modalidades esportivas. Apesar das semelhanças técnicas e históricas entre judô e jiu-jítsu, eles enfatizam a existência de um maior sentimento de coletividade na modalidade esportiva brasileira.

Em linhas gerais, os relatos sobre seus pares revelam maior conexão no jiu-jítsu em comparação a todas as modalidades esportivas praticadas pelos participantes deste estudo. A conexão no jiu-jítsu é, em parte, produto da interdependência entre seus praticantes no que concerne sua prática. Para desenvolver competências, praticantes de jiu-jítsu precisam uns dos outros, tanto quanto os atletas de esportes coletivos precisam de seus colegas e adversários. Haja visto que as L/AM/MEC têm a fusão oponente-alvo dentre seus princípios condicionais (GOMES, 2010), o exercício de suas técnicas e táticas depende das relações estabelecidas entre pares durante o treinamento. Christiano deixa explicito em sua fala que, as características de cada grupo de praticantes influenciam nos sentidos por trás de sua prática, na qualidade da experiência do treinamento e, por sua vez, cada grupo está sujeito a grande influência do professor ou instrutor que assume sua posição de liderança (conforme explorado adiante).

Todos os participantes deste estudo relataram que as amizades iniciadas através do jiu-jítsu não se limitaram ao convívio na academia, sendo frequente a menção às confraternizações entre parceiros de equipe e professores e o contato com ex-colegas de treino. Parte dos participantes ainda se referiu aos seus colegas de treino – junto aos professores – como uma "família" (Iuri, Fabrício, Murilo e Christiano). Renato, por sua vez, revela que só passou a estabelecer relações de amizade com seus pares no jiu-jítsu à medida que se tornou mais graduado e começou a atuar também como instrutor. No seu caso, o aumento da confiança foi um pré-requisito para o estabelecimento de maior conexão, evidenciando uma importante relação entre os valores pessoais apresentados pelo PAF (CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014).

Por fim, é importante pontuar que as relações com colegas de treino foram muito mais numerosas e diversificadas em comparação aos outros relacionamentos que tiveram alguma influência sobre sua participação esportiva. A maior parte dos relacionamentos com seus pares foram tidos como positivos, entretanto a fala de Fabrício indica que também pode ter havido conflitos. Segundo ele, no jiu-jítsu "tem aquelas pessoas que você se adapta, aquelas pessoas que você engole e aquelas pessoas você fala que é o cara".

Depois da relação com família e amigos, os participantes relaram ter tido contato com treinadores de diferentes modalidades esportivas. Foi na figura do treinador que se concentrou a maior parte da liderança transformacional (BASS; RIGGI, 2006), identificada neste estudo, sobretudo em se tratando dos professores de jiu-jítsu (o elo em comum entre os participantes investigados). Enquanto o jogo deliberado se dava majoritariamente na companhia de amigos, a existência da prática deliberada foi estruturada e proposta pelos seus treinadores. Em um único caso identificou-se que a chamada prática espontânea, por sua vez estruturada pelos próprios

praticantes conforme apresenta Côté, Erickson e Abernethy (2013). Murilo relata que treinou jiu-jítsu na companhia de amigos em uma instalação improvisada, algum tempo antes de se tornar o primeiro instrutor de jiu-jítsu de sua cidade.

Os professores de Educação Física Escolar do ensino fundamental, dentre suas atribuições, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), teriam papel de fomentar experiência esportivas diversificadas durante a infância, no entanto, os seis participantes investigados neste estudo não mencionaram sua relação com estes agentes e nem o conteúdo das aulas de educação física como algo relevante em sua formação esportiva. Cabe destacar que Fabrício, um dos que viveu na zona rural durante a infância, sendo também o participante mais velho da presente pesquisa, mencionou que não havia professor de Educação Física na escola onde estudou.

Dois dos participantes (Iuri e Murilo) cursaram Educação Física e hoje atuam na área. Em especial, Murilo é professor de Educação Física Escolar. Ele deixa explicita sua visão de que seu papel como professor é o de fomentar a experimentação esportiva de crianças e jovens em idade escolar, dando ênfase a diversificação das atividades e o desenvolvimento de valores positivos que promovam o interessa pela prática esportiva de longo prazo.

Em todas as modalidades esportivas em que se pratica formalmente, o treinador está presente como figura que lidera suas atividades, sendo um potencial candidato a líder transformacional (CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014). Suas ações podem repercutir tanto de forma positiva como negativa sobre seus alunos (CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007). Em seus discursos, os participantes deste estudo frequentemente compararam as experiências vividas sob a liderança de diferentes treinadores, fornecendo grande número de informações sobre a qualidade destes relacionamentos ao longo do desenvolvimento de sua participação esportiva.

Além dos professores de jiu-jítsu, os participantes relataram ter tido contato com treinadores de quatro modalidades esportivas específicas: futebol (Iuri e Murilo), judô (Iuri e Christiano), caratê (Guilherme) e natação (Christiano). É interessante pontuar que Fabrício atuou como treinador voluntário de um time comunitário de futsal entre os 27 e os 37 anos, apesar de não ter tido contato com a figura do treinador até o momento,

Iuri e Murilo treinaram futebol durante a infância e adolescência, respectivamente. O ponto em comum sobre a relação estabelecida com os treinadores da modalidade esportiva é a legitimação e a (super)valorização de sentidos relacionados ao ambiente de alto rendimento a partir de sua iniciação, corroborando o trabalho de Barbieri, Benites e Machado (2008). A relação de Iuri com seu treinador de futebol foi a mais emblemática. A participação do treinador

foi caracterizada como negativa, contribuindo para o seu abandono precoce – e definitivo – da modalidade esportiva aos dez anos de idade. Em virtude de sua forma física, o treinador o especializou precocemente na posição de zagueiro, o que significou a redução tanto do prazer de jogar, como da diversificação de experiências na infância.

Já os treinadores de L/AM/MEC Orientais (judô e caratê) foram tidos como exímios disciplinadores, na opinião dos participantes e de seus pais. Juntamente à disciplina, no que se refere a conduta pessoal, houve uma maior valorização da perfeição técnica, que levou à hegemonia da prática deliberada em seus treinamentos. Em geral, os participantes classificaram a relação estabelecida com estes treinadores como positiva para seu desenvolvimento pessoal durante a infância e adolescência, principalmente enfatizando a formação do caráter (CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014). As principais ferramentas disciplinadoras a disposição destes treinadores foram: advertência verbal, castigos físicos por meio de exercícios extenuantes e até mesmo por meio de métodos menos controversos como a punição citada por Iuri. O participante se recorda de um castigo em particular recebido do seu professor de judô por ter falado palavrão durante o treino. Apesar de reconhecer que a conduta do professor não estaria de acordo com os padrões atuais, ele ainda sim entendeu esta ação como positiva para seu desenvolvimento pessoal.

Dentre aqueles que treinaram judô (Iuri e Christiano), houve uma única mudança de treinador no decorrer de sua participação. Em ambos os casos, o segundo treinador de judô foi caracterizado como menos tradicionalista quanto aos seus métodos de ensino e mais próximo hierarquicamente de seus alunos. Christiano enfatiza que o treinamento conduzido pelo seu segundo professor de judô – que também era aluno de sua mesma faculdade – se caracterizava como “descontraído”, em oposição ao contexto vivido durante sua iniciação na modalidade esportiva. Em linhas gerais, constatou-se o comportamento da maioria dos professores de jiu-jítsu citados adiante se assemelha ao de professores de judô menos ortodoxos.

Por fim, o treinador de natação com quem Christiano teve contato não foi bem-sucedido em despertar o interesse do participante pela a modalidade esportiva. Ele revela que não gostava de nadar e a atuação deste treinador o desestimulava ainda mais, o que evidencia outra possibilidade de influência negativa por parte dos treinadores: o potencial de desestimular o gosto pela prática (CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007; CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014).

É notável que a prática do jiu-jítsu foi o elo em comum entre os investigados deste estudo, ocupando lugar de destaque em suas experiências esportivas. Juntos, os participantes treinaram com dezessete professores ou instrutores de jiu-jítsu diferentes, sem contabilizar substitutos temporários ou visitas esporádicas a outras academias.

Conforme já foi apresentado no que se referia às equipes, a troca de professores também é tida como um tabu entre os praticantes de jiu-jítsu em geral, embora todos os participantes do presente estudo tenham mudado de professor ao menos uma vez na modalidade esportiva. Aqueles que jamais migraram de equipe (Iuri e Fabrício) fazem questão de enfatizar que só trocaram de treinador porque seu primeiro professor deixou de ministrar aulas de jiu-jítsu para dedicar-se a outras atividades em sua academia. Dentre eles, Iuri ainda se destaca como o único que foi graduado faixa preta treinando com um único professor.

Além da interrupção das atividades do professor, outros motivos figuraram quando o assunto foi a troca de professores ou instrutores, dentre eles: a mudança de cidade por parte do professor ou do aluno (Renato, Murilo, Guilherme e Christiano), a necessidade de trocar o horário de treino (Guilherme) e a má qualidade de relacionamento entre professor e aluno (Christiano).

Os professores de jiu-jítsu foram caracterizados como os maiores líderes transformacionais no desenvolvimento da participação esportiva destes seis participantes, contribuindo para o sucesso de sua formação na modalidade esportiva através quatro componentes principais da liderança transformacional (BASS; RIGGI, 2006): a) influência idealizada; b) motivação inspiracional; c) estimulação intelectual; e, d) consideração individualizada.

Influência idealizada. Conceitualmente, o líder transformacional é carismático e seus liderados procuram imita-lo por identificação. Os líderes se comportam de forma a permitir que sirvam de modelo para seus seguidores, sendo admirados, respeitados e considerados como pessoas de confiança. Os seguidores acreditam que estes líderes são dotados de capacidades, persistência e determinação extraordinárias, dignos de serem tidos como exemplo de vida (BASS; RIGGI, 2006).

A participação dos professores e instrutores de jiu-jítsu foi cercada de características que remetem a influência idealizada. Além de seu comportamento, seu posicionamento de destaque na estrutura hierárquica da modalidade esportiva despertou respeito e admiração de seus alunos, que por sua vez também se colocavam como candidatos a ascender nesta hierarquia (todos passaram pelas graduações e alcançaram a faixa preta). Corroborando a teoria de Bass e Riggi (2006), os participantes deste estudo remeteram aos seus professores de jiu-jítsu como líderes geralmente dotados de competência e caráter memoráveis, capazes de promover entre seus alunos os quatro valores pessoais que incorporam o PAF (4C’s) (CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007; CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014).

Entretanto, nem todos os professores ou instrutores citados foram bem-sucedidos em promover a influência idealizada. Christiano, por exemplo, revela ter tido experiências negativas envolvendo o Professor O. Seu relacionamento com este professor perdurou durante apenas um ano, sendo interrompido definitivamente assim que lhe foi conveniente. As evidências presentes nos discursos dos faixas pretas quanto à influência idealizada apontam que os relacionamentos de longo prazo com os professores de jiu-jítsu estão atrelados ao respeito mútuo e a admiração que se tem por parte do aluno.

Dos participantes que treinaram com professores evidentemente malsucedidos no quesito influência idealizada (Renato, Guilherme e Christiano), nenhum manteve contato com tal professor (ou instrutor) por um período superior a um ano, enquanto relações bem-sucedidas, pautadas no respeito e na admiração foram mais duradouras, transcorrendo várias etapas da participação esportiva e graduações. A relação estabelecida entre Iuri e Fabrício com os professores D e E – com quem mantem contato até os dias de hoje – é um bom exemplo. Quando perguntado sobre sua relação com o professor que lhe graduará faixa preta, Fabrício, visivelmente emocionado, expressa sua gratidão e respeito. Nota-se que a natureza da relação interpessoal entre aluno e professor denota maior valor, sobrepondo os sentimentos para com a entidade equipe. Fabrício insinua que mudaria de equipe para acompanhar o professor E se fosse necessário.

Apesar de sua amizade anteceder sua relação envolvendo o jiu-jítsu, Fabrício relata que o Professor E procurava separar a relação pessoal fora da academia da relação de liderança estabelecida no jiu-jítsu. Este professor se revelou como um líder transformacional bem-sucedido dentro de todos os quatro componentes centrais da liderança transformacional (BASS; RIGGI, 2006).

A relação de respeito mútuo entre professor e aluno, não necessariamente foi permeada pela amizade fora do contexto de treino. Murilo, por sua vez, revela não ter constituído uma relação de amizade com seus professores fora do contexto de treino por não morar na mesma cidade em que os treinos ocorriam até os trinta anos. Mesmo sem estabelecer um vínculo tão próximo, seu relato demostra que o Professor K – aquele que havia lhe graduado faixa marrom – era um líder transformacional carismático que marcou sua experiência no jiu-jítsu como um modelo de comportamento a ser tomado como referência.

Christiano sintetiza como entende a relação de respeito entre aluno e professor em uma única frase: “Respeito é uma via de mão dupla, pra ser respeitado, precisa respeitar antes”. Ele afirma que quando ainda não havia muito discernimento de sua parte, o mal professor ainda sim era tido como referência a ser seguida.

Também fica evidente que a competência do professor quanto às habilidades específicas do jiu-jítsu e a didática necessária para transmiti-las é um fator determinante para a influência idealizada (BASS; RIGGI, 2006). Neste sentido, a faixa preta, conforme discutido anteriormente, carrega consigo uma simbologia que remete à autoridade e a competência técnica. Este valor dado a graduação foi o que provavelmente motivou o primeiro instrutor de jiu-jítsu com quem Guilherme teve contato (professor L) a passar-se por faixa preta. É interessante pontuar que, apesar de suas notáveis transgressões, o instrutor faixa azul – que atuou como falso faixa preta – foi respeitoso e respeitável, sendo lembrado pelo participante, como o primeiro instrutor a lhe apresentar o jiu-jítsu.

Apesar das exceções, os professores de jiu-jítsu foram líderes transformacionais com grande influência idealizada, segundo relatos de todos os participantes deste estudo. Corroborando Bass e Riggi (2006), sua liderança foi caracterizada como consistente, em vez de arbitrária, demonstrando altos padrões de conduta ética e moral.

Motivação inspiracional. Espera-se que o líder transformacional inspire os seus seguidores através de desafios e persuasão, fornecendo significado e compreensão para estas experiências. O entusiasmo e o otimismo são características fundamentais para o que líder mantenha seus seguidores engajados, prevendo estados futuros atraentes e oferecendo caminhos para se superar os desafios (BASS; RIGGI, 2006). Conforme foi abordado em seção anterior, o sistema de graduação divide os praticantes de jiu-jítsu em níveis de envolvimento com a modalidade esportiva. O processo de graduação se posta portando, como elemento central que leva a motivação inspiracional exercida pelos professores, aqueles que têm o poder de promover a graduação e definir assim, seus critérios e métodos (VICENTINI; MARQUES, 2015a).

Ficou claro que o os professores criaram expectativas previamente comunicadas sobre o desempenho e o comportamento esperado para cada graduação. Os desafios que foram propostos com a intensão de avaliar o candidato à nova faixa, evidentemente repercutiram sobre a experiência esportiva dos participantes, estimulando sobretudo o desenvolvimento de maior competência e confiança (CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014).

Os líderes transformacionais bem-sucedidos em promover a motivação inspiracional despertaram o espírito de equipe entre os seus liderados, geralmente os persuadindo por meio de uma visão convincente e positiva do seu futuro, corroborando Bass e Riggi (2006). Aqueles participantes que atuaram como instrutores ou professores de jiu-jítsu, sobretudo os Fabrício e Murilo, destacam o papel de seus professores em lhes despertar a inspiração para que se desejasse investir na sua própria carreira de professor.

Por outro lado, dependendo das ações de cada professor, a forma com que os desafios e a persuasão são estruturados pode levar à efeitos contrários com relação ao que se é desejável. Os métodos pelos quais o Professor O se fiava foram descritos como bárbaros e poderia levar o praticante a desejar abandonar sua prática, como afirma Christiano. O professor sempre reprimia seus alunos por meio de violência física ou psicológica quando julgava necessário, além disso, conduzia um processo de graduação claramente enviesado por interesses pessoais.

Por fim, Bass e Riggi (2006) fazem questão de apontar um elo em comum entre a Influência idealizada e a Motivação inspiracional: a importância do carisma. Quanto mais carismático o líder, maiores as chances de se promover estes dois elementos da liderança transformacional

Estimulação intelectual. O terceiro componente da liderança transformacional descrito por Bass e Riggi (2006) refere-se ao potencial que se tem de tornar a liderança um processo intelectualmente estimulante, expandindo o uso de conhecimentos e promovendo maior criatividade entre seus seguidores. Os líderes transformacionais podem estimular os esforços de seus seguidores para eles sejam inovadores e criativos, questionando suposições, reformulando problemas e abordando velhas situações de novas maneiras.

Embora relatos envolvendo diretamente a estimulação intelectual tenham sido menos comuns em comparação com os demais componentes da liderança transformacional, cabe destacar a fala de Guilherme sobre como um de seus professores de jiu-jítsu contribuiu para que o seu conhecimento técnico e tático sobre o jiu-jítsu se elevasse.

Além deste relato, este componente foi identificado no caso daqueles que foram submetidos a exames teóricos e práticos durante o processo de graduação. Foi demandado nestes exames, além da competência técnica, conhecimento sobre as regras (Renato, Fabrício, Guilherme e Christiano), a história (Christiano), bem como, a capacidade pedagógica necessária para ensinar o jiu-jítsu (Guilherme).

Conforme Bass e Riggi (2006) sugerem, a criatividade deve ser encorajada pelos líderes transformacionais por meio da estimulação intelectual, sem que haja crítica pública aos erros ou opiniões divergentes de membros individuais. Neste quesito, o mal líder, representado pela figura do professor O, atuou de forma absolutamente contrária ao indicado. Dentre suas atitudes reprováveis, era usual que se ridicularizasse em público os alunos mais graduados que eram derrotados pelos colegas menos graduados.

Consideração individualizada. Por fim, o quarto componente central da liderança transformacional se caracteriza pela individualização da atenção dedicada aos liderados, fornecendo suporte e monitorando o treinamento de maneira específica. Líderes com grande

consideração individualizada dão atenção especial às necessidades individuais para realização e crescimento, atuando como mentores de cada um de seus liderados (BASS; RIGGI, 2006).

Dentre os professores de jiu-jítsu citados pelos participantes deste estudo, um se destacou neste aspecto, o Professor E, quinto professor de Renato e segundo professor de Iuri e Fabrício. O Professor E atuou como um mentor quando, aos 48 anos, Fabrício decidiu que iria investir em uma carreira de professor. Sua preparação individualizada intensificou-se a partir do momento que o interesse em ministrar aulas de jiu-jítsu foi comunicado. O professor incialmente cobrou maior engajamento de Fabrício que se encontrava graduado faixa marrom. Assim que deu início às suas aulas como instrutor, Fabrício pôde contar semanalmente com a presença de seu professor na condição de supervisor e apoiador. Apesar da distância de sessenta quilômetros entre a Cidade 3 e o pequeno município onde o Fabrício começou a atuar como instrutor, seu professor fez questão de estar presente em suas aulas, orientando sua atuação durante um período de seis meses.

Corroborando Bass e Riggi (2006), pôde-se constatar que os líderes transformacionais tidos como bem-sucedidos reconheciam as diferenças individuais em termos de necessidades e desejos de seus liderados, demonstrando aceitação das diferenças individuais, como no caso do Professor Q – citado por Christiano – que oferecia diferentes formatos de exame de graduação a depender se o aluno tinha ou não pretensão de atuar como professor. Estes professores frequentemente estimulavam a comunicação e foram bons ouvintes, demonstrando interesse em conhecer cada aluno, fazendo com que suas interações fossem personalizadas. Deste modo, os líderes transformacionais puderam conduzir os seus seguidores a desenvolver níveis de participação cada vez mais elevados.

No que concerne às ações dos professores de jiu-jítsu relatadas como positivas, observou-se a existência de um comportamento semelhante ao dos *senseis* de caratê alemães retratados por Rowold (2006). O chamado gerenciamento ativo por exceção se fez presente à medida que o professor de jiu-jítsu ao mesmo tempo é responsável por organizar e monitorar as atividades de sua aula, sendo capaz de alternar o foco entre o grupo e cada aluno em particular.

No entanto, a consideração individualizada pode marcar negativamente a relação entre aluno e professor, quando a personalização da atenção não se justifica por meio de critérios transparentes, através do reconhecimento das diferentes necessidades e desejos individuais, e sim por interesses pessoais – inclusive alheios ao esporte – da parte do professor. Christiano relata que percebia que seu professor fazia distinção entre seus alunos, promovendo tratamento

diferenciado aos competidores e indivíduos com maior poder aquisitivo, em detrimento dos demais (conforme apontado anteriormente em Motivação inspiracional).

Os professores de jiu-jítsu foram os maiores responsáveis por prover um ambiente esportivo positivo para a alcance em um maior desempenho esportivo (faixa preta), da participação esportiva de longo prazo e pelo desenvolvimento diversos valores pessoas importantes dentro e fora do contexto esportivo. Nas ocasiões em que os treinadores priorizam algum destes aspectos – geralmente o desempenho – em detrimento de outros, pode haver uma limitação da experiência esportiva (CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007). Sua influência, assim como a dos demais agentes e das estruturas sociais envolvidas no processo de formação esportiva, refletiu sobre os sentidos atribuídos a prática esportiva ao longo de suas vidas. A última seção desta discussão será, por fim, dedicada à compreensão destes sentidos no decorrer da experiência esportiva dos seis participantes investigados.

6.2.3 Os sentidos do treinamento e da competição

Os sentidos da prática esportiva se definem através dos objetivos, significados e valores atribuídos a ela, com base nas intenções, papel social, expectativas e conhecimentos dos envolvidos (MARQUES; ALMEIDA; GUTIERREZ, 2007). É importante salientar que uma mesma pessoa pode atribuir diferentes sentidos à prática esportiva em uma ou mais modalidades esportivas ao longo de toda sua vida, reforçando o caráter heterogêneo do fenômeno esportivo (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008). Os resultados do presente estudo corroboram tais afirmações, à medida que todos os seus participantes relataram experiências esportivas plurais quanto às manifestações esportivas vivenciadas e os sentidos de sua prática.

Por outro lado, no que se refere ao ambiente em que estas práticas se desenvolvem, observa-se que, de acordo com os critérios adotados por Marques, Gutierrez e Almeida (2008), o esporte de lazer representa a maioria dos ambientes esportivos experimentados pelos participantes investigados ao longo de sua participação esportiva. Já as menções ao esporte no ambiente escolar, por sua vez, foram diminutas (Iuri e Fabrício), enquanto nenhum dos participantes vivenciou o esporte de alto rendimento, tanto no jiu-jítsu, como em qualquer outra modalidade esportiva.

O esporte de lazer se apresenta como um ambiente heterogêneo, passível de ser incorporado de acordo com diferentes sentidos. Todos os participantes experimentaram manifestações esportivas diversificadas no ambiente de lazer, tanto através de sentidos ressignificados, como através do sentido oficial, inclusive com alto padrão de desempenho,

como foi o caso de Iuri no judô. É importante destacar que a participação no mais alto nível competitivo, em si, não atesta sua frequência no ambiente de alto rendimento, visto que isso depende não só do desempenho, mas da existência de toda uma estrutura mercantil que possibilite a profissionalização dos atletas (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008).

Sendo a competição inerente ao esporte (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008), destaca-se que, os chamados "faixas pretas não competidores", experimentaram a competição ao longo da maior parte de sua participação esportiva, em diversas modalidades esportivas e com diferentes sentidos. Todos os investigados pela presente pesquisa participaram de ao menos uma competição formal e foi latente em seus discursos que a competição poderia ser dar no dia a dia de treinamento (entre parceiros e consigo mesmo). O relato de Murilo exprime bem esta afirmação. Sem competir formalmente desde a faixa roxa, ele expressa que a competição continuou fazendo parte de seu dia a dia, durante os treinos.

Para Côté, Erickson e Abernethy (2013), as competições formais são atividades esportivas estruturadas e supervisionadas por adultos, caracterizadas por terem propriedades que derivam tanto da prática, como do jogo deliberado. Competir requer esforço e concentração, é geralmente tido como agradável e pode contribuir para o desenvolvimento esportivo e pessoal, apesar das competições não serem especificamente projetadas para melhorar o desempenho esportivo dos envolvidos. É importante considerar que a experiência competitiva apresenta potencial para interferir no desenvolvimento de valores pessoais, tanto positivos como negativos (CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014).

Corroborando o trabalho de Marques, Gutierrez e Almeida (2008), constatou-se que ao longo de toda formação esportiva dos participantes, a competição pôde ter sido determinada com base no sentido oficial ou – embora menos frequente em seus relatos – de acordo com sentidos ressignificados do esporte. Iuri, por ter experimentado o que foi definido como dupla especialização precoce, proporcionou um bom exemplo que ajuda na reflexão sobre como a competição tem o potencial de manifestar uma gama diversificada de valores dependendo de como tal atividade é estruturada. As competições de futebol em que participou a partir dos seis anos de idade eram regidas pela lógica do sentido oficial, enquanto no judô havia dois tipos de situações competitivas (além do próprio treinamento): os campeonatos e os festivais. Os primeiros atrelados ao sentido oficial, enquanto os segundos denotavam sentidos ressignificados à competição. Tal diversificação de sentidos foi parte do que atenuou a dupla especialização precoce em comparação a especialização precoce descrita no DMSP por Côté; Baker e Abernethy (2007).

Pôde-se relacionar o que Côté (1999) define como jogo deliberado ao conceito de sentido ressignificado de Marques, Gutierrez e Almeida (2008), pois o que concebe o jogo deliberado é a adaptação da experiência esportiva às necessidades momentâneas de seus participantes. Já a prática deliberada (CÔTÉ,1999; ERICSSON; KRAMPE; TESCH-RÖMER, 1993) é geralmente estruturada a partir da adoção do sentido oficial do esporte por estar atrelada a busca pela melhoria de desempenho específico.

Enquanto a prática deliberada é caracterizada por um contexto de aprendizagem racional ou formal, lideradas pelo treinador e marcadas por sua instrumentalidade, o jogo deliberado se contrapõe através de um contexto de aprendizagem criativa, estruturado e valorado pelos próprios participantes em busca se sua diversão. Deve-se reconhecer que prática e jogo deliberado são conceitos que representam dois extremos em meio uma diversidade de atividades esportivas possíveis, dentre as quais se incluem, o *play practice* e a prática espontânea (CÔTÉ; ERICKSON; ABERNETHY, 2013). Na presente pesquisa, estas atividades foram identificadas apenas nos relatos de dois participantes.

Iuri mencionou a existência de brincadeiras dentro dos treinos de judô entre os oito e onze anos de idade e tais brincadeiras podem ser interpretadas como *play practice* pelo fato de serem organizadas e monitoradas por um adulto. Apesar de mais divertidas do que a prática deliberada, o objetivo destas atividades era de compor parte do aquecimento, servindo ao objetivo central do treinamento que girava em torno da melhoria de desempenho, o que configura o contexto de aprendizagem emocional, em que é priorizado o divertimento dos participantes, fazendo com que a aprendizagem aconteça de forma mais agradável (CÔTÉ; ERICKSON; ABERNETHY, 2013).

Já Murilo foi único participante do presente estudo que relatou ter praticado jiu-jítsu em um ambiente fora da academia, ou seja, em um contexto informal de aprendizagem, através da prática espontânea. Segundo seu relato, o teor destas atividades girava em torno da repetição de técnicas aprendidas nos treinos formais, durante o seu tempo livre, na companhia de amigos e com o objetivo de melhorar suas habilidades esportivas (instrumentalidade). Foi a através destas experiências no contexto de aprendizagem informal que Murilo ensinou jiu-jítsu pela primeira vez – ainda na faixa branca – despertando seu interesse em investir na carreira de professor de jiu-jítsu, haja visto que não haviam academias desta modalidade esportiva em sua cidade. Antes que Murilo se estabelece-se como instrutor, não havia sistematização ou planejamento pedagógico das práticas de jiu-jítsu que ele conduzia em sua cidade, apenas a repetição esporádica de técnicas aprendidas nos treinamentos formais (CÔTÉ; ERICKSON; ABERNETHY, 2013).

Quanto ao sentido do treinamento e da competição, alguns padrões foram encontrados ao longo da experiência esportiva dos seis participantes da presente pesquisa. Ambos relataram uma participação diversificada e heterogênea no que se refere aos sentidos e as modalidades esportivas experimentadas. Os sentidos ressignificados tiveram seu auge durante a infância por meio de um volume maior de jogos deliberados que não necessariamente deixaram de existir ao longo da vida. Já o sentido oficial assumiu maior protagonismo a partir da adolescência, apesar de haver evidências de que Iuri e Guilherme tenham passado por processos de especialização esportiva precoce durante parte da infância.

Nota-se que no decorrer da adolescência, no período referente aos anos de investimento do DMSP (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007), houve uma busca, por parte de alguns dos participantes e dos agentes sociais ao seu entorno, pelo alcance do ambiente de alto rendimento. Durante a adolescência, Iuri e Guilherme viveram o investimento em uma carreira competitiva no judô e no jiu-jítsu, respectivamente. Em ambos os casos este período de investimento foi sucedido pela estagnação do desempenho que os levou ao encerramento da busca pelo alto rendimento em prol do investimento na sua carreira acadêmica e profissional.

Renato e Fabrício, por sua vez, demostraram interesse em investir em suas carreiras esportivas durante a adolescência, mas não dispuseram de condições favoráveis para buscar este propósito por meio dos anos de investimento, conforme propõe Côté, Baker e Abernethy (2007). Aos dezesseis anos, Renato cogitava participar de competições oficiais de jiu-jítsu antes que fosse impossibilitado de continuar sua prática por conta de uma lesão, seguida da saída do professor de sua cidade. Já Fabrício tinha interesse em treinar futebol profissionalmente, sendo bem-sucedido no processo seletivo de um clube tradicional de uma grande cidade aos quinze anos, mas impedido de mudar-se de casa pelo pai. Aos dezenove anos ele interrompeu completamente sua prática quando se casou e passou a esperar o nascimento do seu primeiro filho.

Sabe-se ainda, que durante a vida adulta as pessoas continuam podendo experimentar o que é definido por Silva, Galatti e Paes (2010) como iniciação esportiva tardia. De fato, é o que ocorreu com a maioria dos participantes deste estudo (Iuri, Fabrício, Murilo e Christiano) com relação ao jiu-jítsu. O que se observou com relação aos sentidos atribuídos ao seu treinamento e competição, foi a constante ressignificação em virtude de uma maior atenção demandada pelas esferas pessoais e profissionais. Por vezes, a esfera profissional pôde vir a englobar o jiu-jítsu, como foi o caso daqueles participantes que já exerceram ou exercem a atividade remunerada de professor ou instrutor da modalidade esportiva (Renato, Iuri, Fabrício e Murilo).

A partir de uma perspectiva de pessoa integral, considera-se que as crianças e jovens envolvidos com o contexto esportivo também devem passar por outros processos de desenvolvimento além do esporte. Considerando que a carreira acadêmica e a entrada no mercado de trabalho têm suas fases cruciais dispostas paralelamente à certas etapas da participação esportiva (WYLLEMAN; LAVALLEE, 2004), justifica-se o interesse em estudar a chamada dupla carreira (STAMBULOVA et al., 2014; STAMBULOVA; RYBA, 2014; TORREGROSSA; CHAMORRO; RAMIS, 2016).

Quando adultos, indivíduos assumem novos papeis sociais no seu cotidiano, o que pode afetar diretamente sua prática esportiva, conforme foi observado no discurso dos faixas pretas não competidores. Os participantes desenvolveram-se de forma concomitante nas esferas esportiva, acadêmica e profissional em diferentes níveis de envolvimento (WYLLEMAN; LAVALLEE, 2004). Como sua participação esportiva permaneceu atrelada ao ambiente de lazer, o esporte assumiu posições de menor relevância diante da crescente atenção às novas demandas da vida adulta.

Mais especificamente, no jiu-jítsu, a estrutura das aulas relatadas sempre foi muito parecida, o que variou constantemente foram os valores e significados atribuídos ao processo de treinamento e competição por cada uma das partes envolvidas neste ambiente: os participantes, seus colegas, equipes e professores.

O sentido oficial permaneceu vigente através das competições não oficiais, do sistema de graduação e do próprio treinamento que foi marcado pela prática deliberada. No entanto, o direcionamento dos valores transmitidos por estas atividades regidas por normativas oriundas do sentido oficial dependeu sempre da perspectiva dos envolvidos, especialmente dos responsáveis por organizá-las, corroborando o trabalho de Marques, Almeida e Gutierrez (2007). Christiano, por exemplo, experimentou a prática de jiu-jítsu em diferentes contextos, chegando à conclusão de que “uma turma pode ser mais competitiva ou mais cooperativa e é o professor quem dita isso no tatame”.

Como o profissionalismo é uma realidade distante do jiu-jítsu no Brasil (PAIVA, 2009; VICENTINI; MARQUES, 2018a), participantes não competidores frequentemente dividem espaços de treinamento com atletas frequentadores de competições oficiais que almejam alcançar a elite competitiva. Sabe-se, todavia, que atletas competidores podem dispor de sessões extras voltadas aos seus objetivos, em grupos exclusivos de treinamento (VICENTINI; MARQUES, 2018c), mas conforme os relatos dos participantes do presente estudo, é comum que o objetivo dos praticantes em uma aula de jiu-jítsu seja heterogêneo.

Nota-se que parte dos problemas passiveis de ocorrer nestes contextos decorrem do desequilíbrio dos significados e valores atribuídos à sua prática em um ambiente de esporte de lazer marcado pela diversidade, a partir de uma visão hegemônica de esporte que tende a favorecer um pequeno grupo em detrimento de um grande contingente de praticantes (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008).

Entre aqueles que experimentaram o investimento em uma carreira competitiva no jiu-jítsu (Fabrício, Murilo, Guilherme) e no judô (Iuri), à medida que o alcance da elite competitiva passou a ser entendido como uma possibilidade distante, seja pela idade, pela indisponibilidade dos recursos necessários ou pela falta de interesse em continuar investindo, os participantes experimentaram a mudança dos objetivos por trás de sua prática esportiva.

Os faixas pretas não competidores legitimam a competição, mas conforme Iuri deixa explicito, há um entendimento de que para participar ativamente de competições formais de jiu-jítsu, sejam estas, oficiais ou não, é preciso investir tempo e recursos em uma preparação condizente com a dos competidores de elite (VICENTINI; MARQUES, 2018c).

Embora, tal como Marques, Almeida e Gutierrez (2007), não se tenha a intensão de condenar a competição e os valores que dela se derivam, nota-se que no grupo estudado, a competitividade relacionou-se com a ocorrência de lesões. A presença em competições não oficiais e o próprio treinamento voltado a competição podem representar algum risco para a saúde e para a continuidade da prática esportiva de longo prazo.

O caso de Fabrício ilustra bem esta afirmação. Na única competição formal que participou – aos 42 anos, na faixa azul – venceu sua única luta após, acidentalmente, lesionar o seu adversário, consagrando-se campeão. Na faixa roxa, aos 45 anos, ele sofreu uma lesão muscular grave na coxa enquanto lutava contra um aluno que era visitante em sua academia e aos 52 anos, enquanto se preparava para sua primeira competição oficial, passou por um processo de *overtraining* e quase foi forçado a interromper definitivamente sua prática.

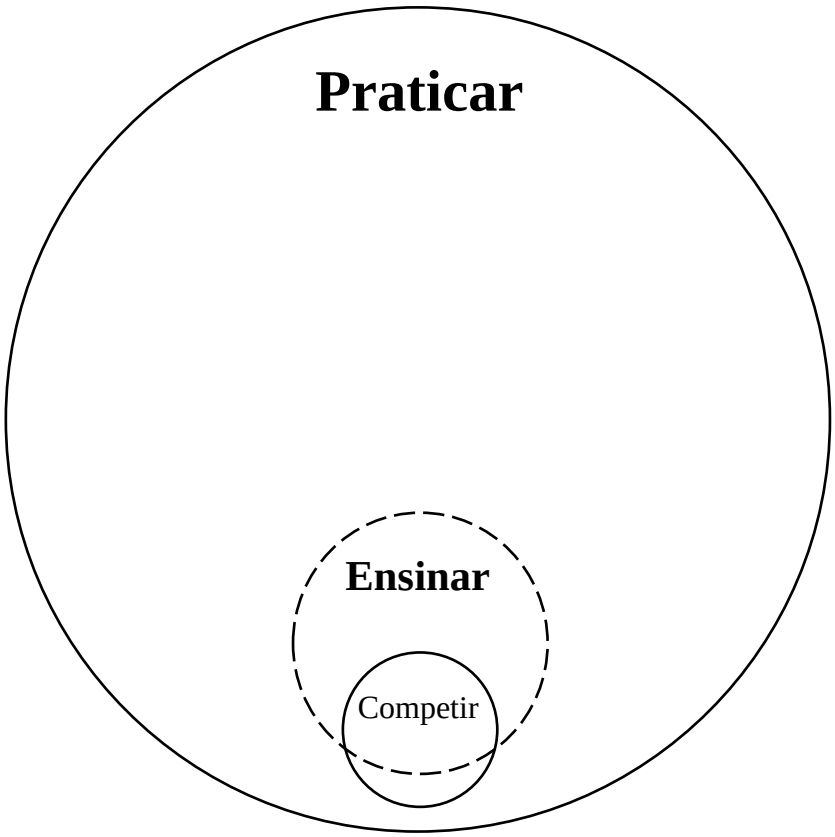
Outro caso em particular que chama atenção é o de Guilherme que relatou ter sofrido uma lesão durante um treino, justamente lutando contra um colega descrito como “atleta competidor”. Apesar de não se envolver em competições oficiais de jiu-jítsu há duas décadas, aos 37 anos, ele afirma que busca “ser competitivo” nos treinos e que quando se compara “não competidores” com “competidores”, a capacidade física é o ponto que mais destoa.

Nota-se que o aumento da competitividade se associa ao aumento da intensidade em que tais práticas decorrem, o que fez com que os episódios de lesão relatados no jiu-jítsu tenham se relacionado majoritariamente ao momento do combate, seja em uma competição formal ou durante seu treinamento. Iuri por sua vez, relatou nunca ter se lesionado gravemente no jiu-jítsu

a ponto de interromper sua prática por um longo período, enquanto no judô, as lesões eram muito mais frequentes. Este fato pode ser relacionado, tanto as características que diferenciam as duas modalidades esportivas, como com sua maior participação competitiva no judô em comparação ao jiu-jítsu. Scoggin III et al. (2014) investigaram a incidência de lesões em competições de jiu-jítsu em um intervalo seis anos, entre 2005 e 2011, no Havaí, nos Estados Unidos, chegando à conclusão de que nestas competições 9,2 a cada 1000 combates resultaram em lesão, representando um risco substancialmente menor em comparação ao judô, *taekwondo*, *wrestling* e MMA. Estudos quantitativos com amostras representativas poderão permitir que se aprimore o entendimento sobre as diferenças entre os riscos de lesão na modalidade esportiva, comparando competidores ativos a praticantes não competidores.

Segundo o relato dos participantes deste estudo sobre os seus objetivos ao praticar jiu-jítsu, foi possível identificar três eixos centrais (Figura 44) que dão forma aos interesses dos frequentadores dos treinos de jiu-jítsu no contexto estudado: a) Se manter ativo nos treinos, ser graduado e viver um estilo de vida proporcionado pelo jiu-jítsu (praticar); b) Ser professor de jiu-jítsu (ensinar); c) Ser competidor – de preferência de elite – de jiu-jítsu (competir).

Figura 44 – Objetivos dos praticantes de jiu-jítsu (adultos)



Fonte: O próprio autor.

O objetivo primário daqueles que se dispõe a participar de uma aula de jiu-jítsu é o de praticar tal modalidade esportiva. Sua prática inclui estar presente no dia a dia dos treinos, realizar a prática deliberada conduzida pelo professor ou instrutor responsável, lutar com seus colegas de treino e estar ciente de suas regras e sistema de graduação. Do objetivo de praticar derivam, especificamente, os objetivos de graduar-se, sobretudo de alcançar a faixa preta, de manter-se fisicamente ativo e de ter o jiu-jítsu como "estilo de vida", como no caso de Christiano, aquele que jamais ministrou aulas ou participou de uma competição formal de jiu-jítsu. Alguns participantes se referiram ao jiu-jítsu como "terapia" (Iuri, Guilherme e Christiano). Iuri, por exemplo revela que ao treinar jiu-jítsu, se esquece de seus problemas, se encontra com os amigos e se diverte.

No jiu-jítsu, mais precisamente no contexto estudado, a iniciação e especialização esportiva tardia é uma realidade. Considerando o caráter heterogêneo dos grupos de praticantes, quanto a suas idades e objetivos, o jiu-jítsu pode ser caracterizado, não só como uma modalidade esportiva "para vida toda" como expressa Murilo, mas também como uma atividade "para toda família", conforme afirma Fabrício. Todos os participantes estudados relataram já ter dividido o espaço de treino com familiares de diferentes idades, uma característica marcante que faz com que o jiu-jítsu se diferencie da maioria das outras modalidades esportivas.

Durante as aulas de jiu-jítsu, alguns de seus frequentadores, têm além do objetivo de praticar a modalidade esportiva, o desejo de ensiná-la. Quatro dos seis participantes deste estudo investiram na carreira de professor de jiu-jítsu (Renato, Iuri, Fabrício e Murilo). Tal como relata Fabrício, os professores responsáveis pela sua formação como faixa preta inspiraram seu desejo de seguir o mesmo caminho, o que pôde ser explicado através da teoria da liderança transformacional de Bass e Riggi (2006) na seção anterior.

Por fim, com relação ao objetivo de participar de competições, os relatos apontam para um número pequeno de praticantes, dentre estes, há aqueles que ministram ou não aulas de jiu-jítsu. Dos seis atletas de elite estudados anteriormente (cinco faixas pretas e um faixa marrom), todos atuavam profissionalmente como professores (ou instrutores) da modalidade esportiva (VICENTINI; MARQUES, 2018a). Já no grupo estudado na presente pesquisa, cinco dos seis faixas pretas não competidores participaram de competições de jiu-jítsu ao menos em uma ocasião antes de deixar de se envolver nestes eventos. Guilherme, por exemplo, investiu em uma carreira competitiva durante a adolescência, sem necessariamente atuar como instrutor de jiu-jítsu, o que sugere a existência de mais praticantes com estas características, sobretudo entre os mais jovens e menos graduados.

Considerando que o jiu-jítsu – no contexto investigado – corresponde essencialmente ao ambiente de esporte de lazer, é importante destacar seu caráter heterogêneo, fruto da diversidade de interesses de seus organizadores e praticantes (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008). Um mesmo participante pode ainda experimentar a transformação de seus objetivos ao longo de sua vida, cabendo aos professores, equipes e federações sensibilizar-se quanto a este fato, a fim de proporcionar uma experiência positiva para crianças, jovens e adultos envolvidos com esta modalidade esportiva.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa foi proposta com o intuito de investigar como se deu o desenvolvimento da participação esportiva de praticantes não competidores de jiu-jítsu, graduados faixa preta, moradores da Região de Ribeirão Preto/SP, a partir da perspectiva dos próprios participantes. Os objetivos específicos foram investigar como se estruturaram os diferentes estágios da participação esportiva e suas respectivas transições, além de como se estruturaram os ambientes vivenciados, as relações sociais estabelecidas e os sentidos atribuídos ao treinamento e a competição no decorrer de sua participação esportiva.

Para responder ao problema da pesquisa e concluir seus objetivos, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com seis praticantes de jiu-jítsu, ativos, moradores da região de Ribeirão Preto, homens, adultos, graduados faixa preta de jiu-jítsu, e que nunca participaram de competições oficiais nesta modalidade esportiva. Como instrumento de análise dados utilizou-se a Análise Temática Reflexiva.

Levando em consideração o intuito de se proporcionar uma rica descrição do conjunto de dados com base em uma epistemologia construtivista, a experiência esportiva individual de cada participante foi apresentada na seção de resultados. Em sequência, os dados foram organizados e discutidos de acordo o mapa temático, fruto do processo de Análise Temática Reflexiva.

Quanto ao tema central “Estágios da participação esportiva”, foi possível identificar poucas semelhanças e muitas distinções com relação ao DMSP no contexto estudado. É notável que diferenças sociais e culturais separam os participantes de presente pesquisa daqueles que forneceram dados aos autores do modelo, de modo que o DMSP não sustenta o desenvolvimento da participação esportiva dos participantes do estudo.

Em concordância com as premissas do DMSP, vivências esportivas diversificadas e altas quantidades de jogos deliberados na infância mantiveram sua relevância como bases de uma formação esportiva bem-sucedida. No entanto, ao analisar o desenvolvimento da participação esportiva dos seis participantes da presente pesquisa e de seus pares competidores de elite, foi possível identificar que o jiu-jítsu se caracteriza como modalidade esportiva de iniciação tardia no contexto em questão, sendo comum a existência de todo um conjunto de experiências esportivas prévias, incluindo a especialização e o investimento em outras modalidades esportivas no que ficou definido como “experimentação além do jiu-jítsu”.

Considerando a constatação da iniciação tardia no jiu-jítsu, foram definidos critérios específicos (diferentes daqueles existentes no DMSP) para caracterizar os estágios da

participação esportiva vividos pelo grupo estudado, sobretudo com base no aumento ou redução do volume de prática semanal e na interpretação dos objetivos por trás de sua prática. Os participantes da presente pesquisa iniciaram-se e especializaram-se no jiu-jítsu em média aos 22,6 ± 9,7 e 23 ± 7,5 anos de idade, respectivamente.

Este estudo apresentou evidências que permitem identificar aqueles que alcançam a faixa preta de jiu-jítsu como praticantes de elite, apesar de não integrarem o seleto grupo dos atletas competidores de elite. A conquista da faixa preta demandou a dedicação de longo prazo à sua prática, perpassando pelos chamados "anos de investimento no jiu-jítsu" e alcançando altos níveis de desempenho. Esta investigação amplia o entendimento do conceito de anos de investimento do DMSP ao apontar que o investimento no jiu-jítsu pode-se dar em três esferas, havendo a possibilidade de combinação: o investimento na carreira competitiva, o investimento na carreira de professor e o investimento na faixa preta.

Por fim, houve uma apropriação do conceito de "anos de manutenção" ao contexto dos participantes não competidores, apesar do DMSP não o englobar originalmente. Enquanto durante os anos de investimento houve uma acentuação da quantidade de tempo e recursos investidos em sua prática, durante os anos de manutenção, em geral, os participantes relataram uma diminuição de sua frequência semanal visando garantir a manutenção de sua carreira de professor ou a própria faixa preta.

Cada um dos seis participantes estudados viveu experiências esportivas únicas, perpassando pela conquista da faixa preta de jiu-jítsu. No presente trabalho, dedicou-se parte da atenção em compreender tais experiências em sua individualidade, deste modo, foi necessário compreender as transições entre os estágios de participação esportiva vividas por cada um dos participantes. Estas transições foram divididas em normativas e não normativas, sendo identificadas seis e treze variações, respectivamente. Identificou-se também uma série de recursos e barreiras de transição em comum, o que ajudou compreender a singularidade dos processos de transição por meio do ACTM.

Esta investigação sustenta que o próprio sistema de graduação existente no jiu-jítsu e em outras L/AM/MEC representa uma forma de classificação de seus participantes em níveis de envolvimento, sendo a mudança da cor da faixa um tipo de transição normativa com demandas específicas e que sobrepõe as etapas de participação esportiva. As graduações no jiu-jítsu foram subdivididas em três níveis entre as faixas branca e preta com base nas mudanças de regras que transformam significativamente a dinâmica da luta: iniciante (antes de alcançar a faixa azul), intermediário (faixa azul e roxa) e avançado (faixa marrom e preta).

A conquista da faixa preta significou, além do alcance de alto grau de competência técnica e física, um importante marco para o desenvolvimento pessoal dos participantes. Ser graduado faixa preta foi relacionado a conquista de um diploma de nível superior, demandado novas responsabilidades inerentes a sua posição no campo do jiu-jítsu.

O segundo tema central: “Contexto de desenvolvimento esportivo e pessoal”, foi destacado para apontar as múltiplas variáveis no nível contextual, relacional e pessoal que exerceram influência sobre a experiência esportiva dos participantes investigados (PAF). Cada participante relatou uma combinação única destas variáveis em diferentes momentos de sua vida, culminando na assimilação de valores pessoais que levaram a participação esportiva de longo prazo, a conquista da faixa preta de jiu-jítsu e ao desenvolvimento pessoal positivo.

No nível contextual, o estudo dos cenários de desenvolvimento foi fundamental para se compreender como os ambientes influenciam significativamente na experiencia esportiva. As variáveis que influenciaram a disponibilidade de práticas esportivas foram sociais e demográficas. Aqueles participantes que viveram na zona rural durante sua infância relataram grande quantidade de jogos deliberados e falta de acesso a práticas deliberadas. Já os participantes que viveram a maior parte de sua infância e adolescência no perímetro urbano de pequenos e médios municípios do interior paulista, puderam experimentar uma diversidade de práticas e jogos deliberadas, além de dispor de espaços seguros para sua prática.

Enquanto investigações quantitativas apontam para a influência do efeito do local de nascimento sobre a qualidade da experiência esportiva de indivíduos tidos como bem-sucedidos no esporte, a presente pesquisa chama atenção ao fato de que algumas pessoas mudam de cidade durante a vida, inclusive na infância ou adolescência, possibilitando questionar à fidedignidade desta capacidade que a informação sobre o local de nascimento tem para predizer o sucesso esportivo.

Parte dos participantes do presente estudo relatam não ter tido acesso ao jiu-jítsu antes pelo fato não existir a oportunidade de praticá-lo em sua cidade. Nota-se que o jiu-jítsu começou a se estruturar na região de Ribeirão Preto nos anos 1990 e foi possível constatar que, ainda nos anos 2010, esta modalidade esportiva não havia se estabelecido por toda a região estudada. Dois dos participantes deste estudo, por exemplo, foram os responsáveis por introduzir o jiu-jítsu em duas pequenas cidades que até então não dispunham desta oportunidade de prática.

Especificamente em se tratando do jiu-jítsu, as equipes constituíram variáveis contextuais de profunda significância. Cada equipe tem uma cultura interna própria com suas normas e ritos. Conclui-se que as particularidades de cada equipe, sobretudo os sentidos atribuídos ao jiu-jítsu, podem influir tanto de forma positiva como negativa na experiência

esportiva dos seus membros. Segundo o relato dos participantes estudados, equipes regionais oferecem contextos de prática análogos ao das cidades pequenas e médias, como a competitividade regionalizada e o maior estreitamento de laços sociais, enquanto nas equipes de grande porte a competição interna para alcançar posição de destaque é mais ampla, apesar da disponibilidade dos melhores recursos, tal como nas grandes cidades. As federações por sua vez foram descritas como associações responsáveis por organizar as competições oficiais, constituir as regras do jiu-jítsu e formalizar a graduação da faixa preta e de seus graus.

No nível relacional, as relações interpessoais envolvendo diferentes agentes sociais tiveram influência sobre o desenvolvimento da participação esportiva dos participantes. Familiares, pares e treinadores foram determinantes neste processo. A Teoria da Liderança Transformacional permitiu interpretar de que forma esta influência exercida.

Destaca-se que os agentes sociais com maior influência como líderes transformacionais durante a formação esportiva dos participantes foram os treinadores, mais especificamente os professores de jiu-jítsu, que foram determinantes no processo que levou à conquista de faixa preta, o que os qualificou para participar da presente pesquisa. Os professores de jiu-jítsu são citados como indivíduos geralmente dotados de competência e caráter memoráveis, capazes de promover o desenvolvimento de valores pessoais entre seus alunos. Dentre suas condutas, foram observados todos os quatro componentes principais da liderança transformacional: influência idealizada, motivação inspiracional, estimulação intelectual e consideração individualizada.

O presente trabalho apresenta relatos pontuais de experiências negativas envolvendo instrutores ou professores de jiu-jítsu. Nestes casos, a relação foi interrompida dentro de um intervalo de um ano, enquanto a maioria das relações estabelecidas entre professores e alunos foram marcadas pelo respeito e amizade, perdurando por muitos anos. Observou-se que no jiu-jítsu existe ainda uma certa estigmatização daqueles que trocam de equipe e professor, havendo desde o relato do participante que treinou até a faixa preta com o mesmo professor e equipe e o caso daquele que passou por sete professores e quatro equipe distintas antes de tornar-se independente, iniciando sua própria equipe, o que chama atenção para pesquisas futuras envolvendo esta temática.

Por fim, no nível pessoal, foram investigados os sentidos da participação esportiva e da competição no decorrer de toda a vida dos participantes. Considerando o esporte contemporâneo como fenômeno heterogêneo, foi possível identificar experiências diversificadas quanto as atividades esportivas experimentadas e os sentidos atribuídos a elas. Com relação ao ambiente em que estas experiências transcorreram, observou-se o esporte de

lazer como hegemônico no relato dos seis participantes. No entanto, foram identificados alguns problemas decorrentes da atribuição (por parte de alguns pais, pares e treinadores) de uma perspectiva voltada ao ambiente alto rendimento, apesar dos participantes deste estudo jamais terem vivido este ambiente.

O contexto investigado corresponde essencialmente a um ambiente de esporte de lazer, marcado pelo seu caráter heterogêneo, o que faz com que seus praticantes dividam espaço com indivíduos dotados de diferentes objetivos pessoais, idades e graduações. Neste contexto, os objetivos dos praticantes em uma aula de jiu-jítsu giram em torno de três eixos centrais que frequentemente podem combinar-se: a) Se manter ativo nos treinos, ser graduado e viver um estilo de vida proporcionado pelo jiu-jítsu; b) Ser professor de jiu-jítsu; e, c) Ser competidor de jiu-jítsu.

A competição se destacou como inerente ao jiu-jítsu, assim como se faz inerente ao esporte. Os participantes desta pesquisa legitimam a competição e a experimentaram em algum nível durante o desenvolvimento de sua participação esportiva, seja participando de eventos regionais, ou mesmo de forma intrínseca, no próprio treinamento. Constatou-se que os participantes deste estudo estiveram sujeitos ainda, a experimentar transformações de seus objetivos pessoais ao longo de sua participação esportiva, principalmente à medida que demais esferas de sua vida pessoal e profissional passaram a demandar mais de sua atenção durante a idade adulta.

Conclui-se que o desenvolvimento da participação esportiva dos participantes do presente estudo se deu de forma não linear, individual e sofreu influência de um conjunto de variáveis dinâmicas no nível contextual, relacional e pessoal. Embora modelos descritivos como o DMSP contribuem fornecendo estruturas básicas para fomentar diretrizes sobre os processos de formação esportiva bem-sucedidos, as experiências esportivas devem ser interpretadas em sua complexidade, com o intuito de proporcionar experiências positivas para crianças, jovens e adultos envolvidos nestes processos.

Do ponto de vista da aplicação prática, a presente pesquisa contribuiu com a proposição de reflexões que se fazem pertinentes aos professores de jiu-jítsu, administradores de academias e gestores esportivos. Os resultados deste estudo podem subsidiar estes profissionais na proposição de processos pedagógicos mais bem-sucedidos no jiu-jítsu, oferecendo sua prática para mais pessoas, levando em consideração seus objetivos individuais, sendo capazes de promover a participação esportiva de longo prazo e construindo processos que inspirem mais praticantes a conquistarem a faixa preta e a manterem a sua prática.

Uma característica do estudo em questão é que – como em todo estudo qualitativo – não se deve buscar generalizar suas contribuições para a população como um todo, pois estas se remetem ao relato dos seis participantes investigados. Foi possível, portanto, identificar uma série de lacunas passíveis de inspirar investigações futuras sobre o jiu-jítsu, envolvendo diferentes contextos locais, número de participantes, referenciais teóricos e metodologias de pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBOTT, A.; COLLINS, D. Eliminating the dichotomy between theory and practice in talent identification and development: considering the role of psychology. **Journal of Sports Sciences**, v. 22, n. 5, p. 395-408, 2004.

ALFERMANN, D.; STAMBULOVA, N. Career transitions and career termination. **Handbook of Sport Psychology**. In: EKLUND, R.; TENENBAUM, G. (org.). Handbook of Sport Psychology. Hoboken: Ed. Wiley, 2007. p. 712-733.

ALFERMANN, D.; STAMBULOVA, N.; ZEMAITYTE, A. Reactions to sports career termination: A cross-national comparison of German, Lithuanian, and Russian athletes. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 5, n. 1, p. 61-75, 2004.

ARAUJO, D.; DAVIDS, K. Ecological approaches to cognition and action in sport and exercise: Ask not only what you do, but where you do it. **International Journal of Sport Psychology**, v. 40, n. 1, p. 5-37. 2009.

BAILEY, R.; MORLEY, D. Towards a model of talent development in physical education. **Sport, Education and Society**, v. 11, n. 3, p. 211-230, 2006.

BAKER, J.; CÔTÉ, J.; ABERNETHY, B. Sport-specific practice and the development of expert decision-making in team ball sports**. Journal of Applied Sport Psychology**, v. 15, n. 1, p. 12-25, 2003.

BAKER, J.; CÔTÉ, J.; DEAKIN, J. Expertise in ultra-endurance triathletes early sport involvement, training structure, and the theory of deliberate practice. **Journal of Applied Sport Psychology**, v. 17, n. 1, p. 64-78, 2005.

BAKER, J.; SHUISKIY, K; SCHORER, J. Does size of one's community affect likelihood of being drafted into the NHL? Analysis of 25 years of data. **Journal of Sports Sciencie**, v. 32, n. 16, p. 1570-1575, 2014.

BAKER, J.; YOUNG, B. 20 yers later: Deliberate practice and the development of expertise in sport. **International Review of Sport & Exercise Psychology**, v. 7, n. 1, p. 135-157, 2014.

BALISH, S. M.; RAINHAM, D.; BLANCHARD, C. Community size and sport participation across 22 countries. **Scandinavian Journal of Medicine and Science in Sports**, v. 25, n. 6, p. e576-e581, 2015.

BARBIERI, F. A.; BENITES, L. C.; MACHADO, A. A. Especialização precoce: algumas implicações relacionadas ao futebol e futsal. *In:* MACHADO, A. A. (org.). **Especialização esportiva precoce:** perspectivas atuais da psicologia do esporte. Jundiaí: Fontoura, 2008. p. 207-226.

BARKER, D. et al. 'Just do a little more': examining expertise in high performance sport from a sociocultural learning perspective. **Reflective Practice**, v. 15, n. 1, p. 92-105, 2014.

BARKER-RUCHTI, N. et al. "Gymnasts are like wine, they get better with age": Becoming and Developing Adult Women's Artistic Gymnasts. **Quest**, v. 68, p. 348-365, 2016.

BARREIROS, A.; CÔTÉ, J.; FONSECA, A. M. From early to adult sport success: Analysing athletes' progression in national squads. **European Journal of Sport Science**, v. 14, p. S178-S182, 2012.

BASS, B. M., RIGGI, R. E. **Transformational leadership.** 2. ed. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, 2006.

BECKER, A. Quality coaching behaviors. In P. POTRAC, W. GILBERT, J. DENISION (Eds.), **Routledge handbook of sports coaching**. New York: Routledge, p.184-195, 2013.

BENELI, L. M. **Trajetória esportiva de atletas de alto rendimento no basquetebol masculino e feminino no Brasil**: estudo retrospectivo. 2018. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.

BENELI, L. M.; GALATTI, L. R. ; MONTAGNER, P. C. Analysis of social-sportive characteristics of Brazil womens national basketball team players. **Revista de Psicologia del Deporte**, v. 26, suppl. 1, p. 133-137, 2017.

BIZZAR. K. **A história do jiu-jítsu brasileiro:** do jujutsu ao jiu-jítsu. 1. ed. Rio de Janeiro: Autografia, 2018. *E-book.* Disponível em: https://www.amazon.com.br/Hist%C3%B3ria-Jiu-J%C3%ADtsu-Brasileiro-Jujutsu-ebook/dp/B077SKGPSN/ref=sr_1_1?_encoding=UTF8&dchild=1&qid=1606740233&refinements=p_27%3A+Kau%C3%AA%5CcBizzar&s=digital-text&sr=1-1. Acesso: 30 mar. 2020.

BLOOM, B. S. **Developing talent in young people**. New York: Ballantine. 1985.

BOURDIEU, P. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. *In:* _____. **Escritos de educação**, 2. ed. Petrópolis: Vozes 1998. p. 39-69.

BOURDIEU, P. Compreender. *In:* _____. **A miséria do mundo**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 693-713.

BRASIL, Diesporte. **Diagnóstico nacional do esporte**, 2015. Disponível em: http://arquivo.esporte.gov.br/diesporte/2.html. Acesso 20 out. 2020.

BRASIL. **Atlas Do Desenvolvimento Humano No Brasil**. Disponível em: http://www.atlasbrasil.org.br/ranking. Acesso 20 out. 2020.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: Educação Física / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC / SEF, 1998.

BRAUN, V. CLARKE, V. WEATE, P. Using Thematic Analysis In Sport And Exercise Research. *In*: SMITH, B.; SPARKES, A. C. (org.). **Routledge Handbook of Qualitative Research in Sport and Exercise**. New York: Routledge, 2016. 191-205.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Reflecting on reflexive thematic analysis. **Qualitative Research in Sport, Exercise and Health**, v. 11, n. 4, p. 589-597, 2019.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006.

BRAUN, V; CLARKE, V. Thematic Analysis. *In:* COOPER, H. et al. (org.). **APA Handbook of Research Methods in Psychology:** Research designs: Quantitative, qualitative, neuropsychological, and biological. Washington: American Psychological Association, 2012. v. 2. cap. 4, p. 57-71.

BRUNER, M. W., et al. Tracing the origins of athlete development models in sport: a citation path analysis. **International Review of Sport and Exercise Psychology**, v. 2, n. 1, p. 23–37. 2009.

BRUNER, M. W.; BOARDLEY, I. D.; CÔTÉ, J. Social identity and prosocial and antisocial behavior in youth sport. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 15, n. 1, p. 56-64, 2014.

BUTCHER, J.; LINDNER, K. J.; JOHNS, D. P. Withdrawal from competitive youth sport: A retrospective ten-year study. **Journal of Sport Behavior**, v. 25, p. 145-163. 2002.

CAIRUS, J. Modernization, nationalism and the elite: The Genesis of Brazilian jiu-jitsu, 1905-1920. **Tempo e Argumento**, v. 3, n. 2, p. 100-121, 2011.

CARLSON, R. The socialization of elite tennis players in Sweden: An analysis of the players' backgrounds and development. **Sociology of Sport Journal**, v. 5, n. 3, p. 241-256, 1988.

CARVALHO, B. Jiu-Jitsu: Entenda a briga de Federações e os diversos "Campeonatos Mundiais**". Higa Jiu-jitsu Clube**, 2015. Disponível em: <https://higajiujitsuclube.wordpress.com/2015/06/23/jiu-jitsu-entenda-a-briga-de-federacoes-e-os-diversos-campeonatos-mundiais/>. Acesso em: 02 mar. 2018.

CBJ. **Regulamento para exame e outorga de faixas e graus**. Conselho nacional de graus 2018. 2018. Disponível em: https://cbj.com.br/painel/arquivos/normas_e_regulamentos/102518260318regulamento-outorga-de-faixa_2018.pdf. Acesso em: 02 mar. 2018.

CHANAL, J. P. et al. Big-fish-little-pond effects on gymnastics self-concept: Social comparison processes in a physical setting. **Journal of Sport and Exercise Psychology**, v. 27, n. 1, p. 53-70, 2005.

COATSWORTH, J. D., CONROY, D. E. The effects of autonomy-supportive coaching, need satisfaction, and self-perceptions on initiative and identity in youth swimmers. **Developmental Psychology**, v. 45, n. 2, p.320-328, 2009.

COELHO et al. Dual career in Brazil: analysis on men elite futsal players' academic degree, **Cultura, Ciencia y Deporte**. No prelo.

CORREIA, W. R.; FRANCHINI, E. Produção acadêmica em lutas, artes marciais e esportes de combate. **Motriz: Revista de Educação Física**. v. 16, p. 01-09, 2010.

CÔTÉ, J. et al. Athletes development and coaching. In: LYLE, J.; CUSHION, C. (Ed.). **Sport Coaching**: Professionalism and practice. Oxford: Elsevier, 2010, p. 63-83.

CÔTÉ, J. et al. Quadro teórico para o desenvolvimento de valores pessoais no processo dinâmico de desenvolvimento pelo esporte. In: GALATTI, L. R. et al. (Ed.). **Múltiplos cenários da prática esportiva**: Pedagogia do esporte. v.2 Campinas: Editora Unicamp, 2017.

CÔTÉ, J. et al. The benefits of sampling sports during childhood. **Physical and Health Education Journal**, v. 74, n. 4, p. 6–11. 2009.

CÔTÉ, J. et al. When ‘‘where’’ is more important than ‘‘when’’: Birthplace and birthdate effects on the achievement of sporting expertise. **Journal of Sports Sciences**, v. 24, n. 10, p.1065-1073, 2006.

CÔTÉ, J. The influence of the family in the development of talent in sport. **The Sport Psychologist**, v. 13, n. 4, p. 395-417, 1999.

CÔTÉ, J., ERICKSON, K. Diversification and deliberate play during the sampling years. *In:* BAKER, J.; FARROW, D. (orgs.), **The Routledge Handbook of Sport Expertise**, New York: Routledge, 2014. p. 305-316. *E-book*. Disponível em: https://www.amazon.com/Routledge-Handbook-Expertise-International-Handbooks/dp/0415839807. Acesso: 15 jun 2020.

CÔTÉ, J.; BAKER, J.; ABERNETHY, B. From play to practice: A developmental framework for the acquisition of expertise in team sport. In STARKES, J.; ERICSSON, K. A. (org.), **Expert performance in sports:** Advances in research on sport expertise. Champaign: Human Kinetics. 2003. p. 89-114.

CÔTÉ, J.; BAKER, J.; ABERNETHY, B. Practice and Play in the Development of Sport Expertise. In: EKLUND, R.; TENENBAUM, G. (org.). **Handbook of Sport Psychology**. Hoboken: Ed. Wiley, 2007. p. 184-202.

CÔTÉ, J.; ERICKSON, K. Diversification and deliberate play during the sampling years. In: BAKER, J.; FARROW, D. (Eds.). **The Routledge Handbook of Sport Expertise**. New York: Routledge, 2015. p. 305-316.

CÔTÉ, J.; ERICKSON, K.; ABERNETHY B. Play and practice during childhood. In: CÔTÉ, J.; LIDOR, R. (Ed.). **Conditions of children’s talent development in sport**. Morgantown: Fitness Information Technology, 2013. p. 9- 20.

CÔTÉ, J.; ERICSSON, K. A.; LAW, M. P. Tracing the development of athletes using retrospective interview methods: A proposed interview and validation procedure for reported information**. Journal of Applied Sport Psychology**, v. 17, n. 1, p. 1-19, 2005.

CÔTÉ, J.; GILBERT, W. An integrative definition of coaching effectiveness and expertise. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v. 4, n. 3, p. 307-323, 2009.

CÔTÉ, J.; HANCOCK, D. J. Evidence-based policies for youth sport programmes. **International Journal of Sport Policy and Politics**, v. 8, n. 1, p. 51-65, 2016.

CÔTÉ, J.; HAY, J. Children’s involvement in Sport: A developmental perspective. In: SILVA, J. M.; STEVENS, D. (org.) **Psychological foundations of sport**. 2. Ed . Boston: Merrill. 2002. P. 484-502.

CÔTÉ, J.; LIDOR, R.; HACKFORT, D. ISSP position stand: To sample or to specialize? Seven postulates about youth sport activities that lead to continued participation and elite performance. **International Journal of Sport and Exercise Psychology**, v. 7, n. 1, p. 7-17, 2009.

CÔTÉ, J.; TURNNIDGE, J.; EVANS, M. B. The dynamic process of development through sport. **Kinesiologia Slovenica**, v. 20, n. 3, p. 14–26, 2014.

CÔTÉ, J.; VIERIMAA, M. The developmental model of sport participation: 15 years after its first conceptualization. **Science & Sports**. v. 29, p. S63-S69, 2014.

CÔTÉ, J; FRASER-THOMAS, J. Youth involvement in sport. In: CROCKER, P. R. E. **Sport Psychology:** A Canadian perspective. Toronto: Pearson Prentice Hall. 2007. p. 270-298.

DALTON, S. E. Overuse injuries in adolescent athletes. **Sports Medicine**, v. 13, n. 1, p. 58-70, 1992.

DURAND-BUSH, N.; SALMELA, J. H. The development and maintenance of expert athletic performance: Perceptions of world and Olympic champions. **Journal of Applied Sport Psychology**, v. 14, n. 3, p. 154-171, 2002.

ERICKSON, K. et al. Examining coach–athlete interactions using state space grids: An observational analysis in competitive youth sport. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 12, n. 6, p. 645-654, 2011.

ERICSSON, K. A; KRAMPE, R. T.; TESCH-RÖMER, C. The role of deliberate practice in the acquisition of expert performance. **Psychological Review**, v. 100, n. 3, p. 363-406, 1993.

EVANS, M. Blair et al. Are all sport activities equal? A systematic review of how youth psychosocial experiences vary across differing sport activities. **British Journal of Sports Medicine**. v. 51, n. 3, p. 169-176, 2017.

FIGUEIREDO, M. J. G. et al. O efeito do local de nascimento como fator de influência para o alto rendimento em atletas da superliga de voleibol: Cenários masculino e feminino. In: VI Congresso Latino-Americanode Estudos Socioculturais do Esporte, 2018, Ribeirão Preto. **Anais do VI Congresso Latino-Americano de Estudos Socioculturais do Esporte**, 2018. v. 9. p. 144-147.

FLICK, U. Introdução à Pesquisa Qualitativa. 3. ed. **Artmed,** 2009.

FLICK. U. Pesquisa qualitativa: Porquê e como fazê-la. In: **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed editora, 2008.

FORD, P. R. et al. The role of deliberate practice and play in career progression in sport: the early engagement hypothesis. **High Ability Studies**, v. 20, n. 1, p. 65-75, 2009.

FORD, P. R.; WILLIAMS, A. M. The developmental activities engaged in by elite youth soccer players who progressed to professional status compared to those who did not. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 13, n. 3, p. 349–352, 2012.

FRASER-THOMAS, J.; CÔTÉ, J.; DEAKIN, J. Examining adolescent sport dropout and prolonged engagement from a developmental perspective. **Journal of Applied Sport Psychology**, v. 20, n. 3, p. 318-333, 2008a.

FRASER-THOMAS, J.; CÔTÉ, J.; DEAKIN, J. Understanding adolescents' positive and negative developmental experiences in sport. **The Sport Psychologist**, v. 23, n. 1, p. 3-23, 2009.

FRASER-THOMAS, J.; CÔTÉ, J.; DEAKIN, J. Understanding dropout and prolonged engagement in adolescent competitive sport. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 9, n. 5, p. 645-662, 2008b.

FRASER-THOMAS, J.; CÔTÉ, J.; DEAKIN, J. Youth sport programs: An avenue to foster positive youth development. **Physical Education & Sport Pedagogy**, v. 10, n. 1, p. 19-40, 2005.

FREDRICKS, J. A.; ECCLES, J. S. Extracurricular involvement and adolescent adjustment: impact of duration, number of activities, and breadth of participation. **Applied Developmental Science**, v. 10, n. 3, p. 132–146, 2006.

FREDRICKS, J. A.; ECCLES, J. S. Parental influences on youth involvement in sports. In: WEISS, M. R. (Ed.). **Developmental Sport and Exercise Psychology**: A lifespan perspective. Morgantown: Fitness Information Technology, 2004. p. 145-164.

FRIEDMANN, A. **Brincar: crescer e aprender**: o resgate do jogo infantil. Moderna, 2001.

GALAN, D.; GALAN, D. D. Ju-jitsu as a method of psycho-physical training in the contemporary age. **Arena-Journal of Physical Activities**. n. 3, p. 71-82. 2014.

GALATTI, L. et al. Fostering Elite Athlete Development and Recreational Sport Participation: a Successful Club Environment**. Motricidade**, v. 12, n. 3, p. 20-31, 2016.

GIUSTI, N. E. et al. Comparing burnout in sport-specializing versus sport-sampling adolescent athletes: a systematic review and meta-analysis. **Orthopaedic Journal of Sports Medicine**, v. 8, n. 3, p. 1-7, 2020.

GOMES, M. S. P. et al. Ensino das lutas: dos princípios condicionais aos grupos situacionais. **Movimento**, v. 16, n. 2, p. 207-227, 2010.

GOULD, D. et al. Burnout in competitive junior tennis players: I. A quantitative psychological assessment. **Sport Psychology**, v. 10, n. 4, p. 322-340, 1996.

GRACIE, H. **Gracie jiu-jitsu**. São Paulo: Gracie Publications, 2005.

GREEN, T. A.; SVINTH, J. R. **Martial Arts of the World:** an encyclopedia of history and innovation. Santa Barbara: ABC-CLIO, 2010.

GUIMARÃES DA SILVA, R. C. **Artes Marciais na pós modernidade**: Educação para o autoconhecimento e desenvolvimento da autonomia. São José dos Campos: Focus Vale, 2016.

HODGE, T.; DEAKIN J. Deliberate practice and expertise in the martial arts: The role of context in motor recall. **Journal of Sport and Exercise Psychology**. v. 20, p. 260-279, 1998.

HODGES, N. J.; STARKES, J. L. Wrestling with the nature expertise: a sport specific test of Ericsson, Krampe and Tesch-Römer's (1993) theory of" deliberate practice". International **Journal of Sport Psychology**. v.27, p. 200-424, 1996.

HORN, T. S. Coaching effectiveness in the sport domain. In: _____ (Ed.). **Advances in Sport Psychology**. 3rd ed. Champaign: Human Kinetics, 2008. p.239-268.

HUXLEY, D. J.; O'CONNOR, D.; BENNIE, A. Olympic and World Championship track and field athletes' experiences during the specialising and investment stages of development: a qualitative study with Australian male and female representatives. **Qualitative Research in Sport, Exercise and Health**, v. 10, n. 2, p. 256-272, 2018.

IBGE. **Censo Demográfico**, 2010. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: 11 dez. 2020.

IBJJF. **General system of graduation**. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: http://IBJJF.com/wpcontent/uploads/2016/11/20150210_GraduationIBJJF_EN_vs2.pdf. Acesso em fev. 2018.

IBJJF. **IBJJF**. Disponível em: http://IBJJF.com . Acesso em: 15 out. 2020.

IBJJF. **Rule book**: General competition guidelines; Competition Format Manual, 2018. Disponível em: http://IBJJF.com/wp-content/uploads/2015/04/RulesIBJJF_v4_en-US.pdf. Acesso em 20 abr. 2018.

JANUÁRIO, J. A.; MORBI, M. R.; MARQUES. R. F. R. A manifestação da herança familiar no campo esportivo: Apontamentos preliminares entre posições e subcampos distintos. In: WATANABE, G.; LEAL, S. H. B. S. **Educação Ciência e Sociedade**: Leituras bourdieusianas. Araraquara: Letraria, 2019. p. 144-162.

JAYANTHI, N. A. et al. Sports-specialized intensive training and the risk of injury in young athletes: a clinical case-control study. **The American Journal of Sports Medicine**, v. 43, n. 4, p. 794-801, 2015.

KEEGAN, R. J. et al. A qualitative investigation exploring the motivational climate in early career sports participants: Coach, parent and peer influences on sport motivation. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 10, n. 3, p. 361-372, 2009.

KRAMPE, R. T.; ERICSSON, K. A. Maintaining excellence: Deliberate practice and elite performance in young and older pianists. **Journal of Experimental Psychology: General**, v. 125, n. 4, p. 331-359, 1996.

LAW, M. P.; CÔTÉ, J.; ERICSSON, K. A. Characteristics of expert development in rhythmic gymnastics: A retrospective study. **International Journal of Sport and Exercise Psychology**, v. 5, n. 1, p. 82-103, 2007.

LERNER, R. M. **Concepts and theories of human development**. 3. ed. Mahwah: Erlbaum, 2002.

LERNER, R. M.; FISHER, C. B.; WEINBERG, R. A. Toward a science for and of the people: Promoting civil society through the application of developmental science. **Child Development**, v. 71, n. 1, p. 11-20, 2000.

LIDOR, R. et al. Relative age effect and birthplace effect in Division 1 female ballgame players—the relevance of sport-specific factors. **International Journal of Sport and Exercise Psychology**, v. 12, n. 1, p. 19-33, 2014.

LIDOR, R. et al. Relative age and birthplace effects in Division 1 players - Do they exist in a small country? **Talent Development & Excellence**, v. 2, n. 2, p. 181-192, 2010.

LISE, R. S. et al. A biografia escrita por Reila Gracie e as fontes jornalísticas: Revisando a história hegemônica. **Movimento,** v. 23, n. 4, p. 1149-1160, 2017.

MACDONALD, D. J. et al. Place but not date of birth influences the development and emergence of athletic talent in American football. **Journal of Applied Sport Psychology**, v. 21, n. 1, p.80-90, 2009.

MAGEAU, G.; VALLERAND, R. The coach-athlete relationship? A motivational model. **Journal of Sport Sciences**. v. 21, n. 11, p.883-904. 2003.

MARQUES, R. F. R. et al. Formação de jogadores profissionais de voleibol: relações entre atletas de elite e a especialização precoce. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 28, p. 293-304, 2014.

MARQUES, R. F. R. et al. The dual career: Experiences of Brazilian men elite futsal players. In: European Association for Sociology of Sport Conference, 14., 2017, Prague. ***Proceedings*** [...]. Prague: Charles University, 2017. p. 67.

MARQUES, R. F. R. O conceito de esporte como fenômeno globalizado: pluralidade e controvérsias. **Revista Observatorio del Deporte**, v. 1, p. 147-185, 2015.

MARQUES, R. F. R.; DE ALMEIDA, M. A. B.; GUTIERREZ, G. L. Esporte: um fenômeno heterogêneo: estudo sobre o esporte e suas manifestações na sociedade contemporânea. **Movimento**, v. 13, n. 3, p. 225-242, 2007.

MARQUES, R. F. R.; GUTIERREZ, G. L.; DE ALMEIDA, M. A. B. O esporte contemporâneo e o modelo de concepção das formas de manifestação do esporte. **Conexões**, v. 6, n. 2, p. 42-61, 2008.

MARSH, H. W. The big-fish-little-pond effect on academic self-concept. **Journal of Educational Psychology**, v. 79, n. 3, p.280-295, 1987.

MASCARIN, R. B.; VICENTINI, L.; MARQUES, R. F. R. Brazilian women elite futsal players' career development: diversified experiences and late sport specialization. **Motriz: Revista de Educação Física**, v. 25, n. 2, 2019.

MASSA, M. et al. Iniciação esportiva, tempo de prática e desenvolvimento de judocas olímpicos brasileiros, **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 36, n. 2, p.383-395, 2014.

MATVEEV, L. P. Treino Desportivo: metodologia e planejamento: Phorte. **São Paulo**, 1997.

MELO, L. B. S. et al. Jornada escolar versus tempo de treinamento: a profissionalização no futebol e a formação na escola básica. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 38, n. 4, p. 400-406, 2016.

MELO, L. B. S.; SOARES, A. J. G.; ROCHA, H. P. A. Perfil educacional de atletas em formação no futebol no Estado do Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 28, n. 4, p. 617-628, 2014.

MINAYO, M., et al. **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2002.

MORBI, M. R.; MARQUES, R. F. R. . Análise do local de nascimento como fator de influência na ascensão de atletas ao basquetebol masculino brasileiro. In: Congresso Internacional de Jogos Desportivos, 6., 2017, Porto. **Desafios da Excelência nos Jogos Desportivos Coletivos: da investigação à prática.** Porto: Universidade do Porto, 2017. p. 30.

MORGAN, T. K.; GIACOBBI J. R., Peter R. Toward two grounded theories of the talent development and social support process of highly successful collegiate athletes. **The Sport Psychologist**, v. 20, n. 3, p. 295-313, 2006.

NEGRINE A. Instrumentos de coleta de informação na pesquisa qualitativa. In: NETO V. M. et al. **A Pesquisa Qualitativa na Educação Física**: alternativas metodológicas. Porto Alegre: URGS, 1999.

PAIVA, L. A luta como um negócio. *In:* _____. **Pronto Pra Guerra**: Preparação física específica para luta e superação. Manaus: OMP EDITORA, 2009.

PAPA, F. Pancadarias de rua ofuscam as conquistas do clã. **Folha de São Paulo**, São Paulo, Caderno de Esporte, 5 out. 1997. Caderno de esportes. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1997/10/05/esporte/48.html#:~:text=Paulo%20%2D%20Pancadarias%20de%20rua%20ofuscam,cl%C3%A3%20%2D%205%2F10%2F1997&text=Rickson%2C%20Rorion%2C%20Relson%2C%20Rolker,%2C%20Rerika%2C%20Robin%20e%20Rissi.&text=Sobrenome%20Gracie%20%2Dsegundo%20o%20pai,s%C3%A3o%20especialistas%20em%20jiu%2Djitsu.

PETRY, S. Rivalidade entre academias de jiu jitsu provoca brigas, diz delegada. **Folha de São Paulo**, Rio de Janeiro, Cotidiano, 31 out. 2000. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u13465.shtml

PINTO, A. E. S. Jiu-jítsu brasileiro conquistou príncipe e virou febre em Abu Dhabi. **Folha de São Paulo**, São Paulo, Caderno de esportes, 25 de out. 2019. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2019/10/jiu-jitsu-brasileiro-conquistou-principe-e-virou-febre-em-abu-dhabi.shtml

PRICE, M. S.; WEISS, M. R.; Peer leadership in sport: Relationships among personal characteristics, leader behaviors, and team outcomes. **Journal of Applied Sport Psychology**, v23, n. 1, p.49-64, 2011.

ROBERTSON-WILSON, J. et al. Childhood physical activity involvement in active and inactive female adults. **AVANTE-ONTARIO**, v. 9, p. 1-8, 2003.

RODRIGUES, J. V. M. S. et al. Jiu-jitsu brasileiro: notas sobre a transposição da arte marcial para o esporte espetáculo. **Arquivos de Ciências do Esporte**, v. 6, n. 1, 2018.

ROWOLD, J. Transformational and transactional leadership in martial arts. **Journal of Applied Sport Psychology**, v. 18, n. 4, p. 312-325, 2006.

RUFINO, L. G. B. **A Pedagogia das Lutas**: caminhos e possibilidades. Jundiaí: Paco Editorial, 2012.

RUFINO, L. G. B.; DARIDO, S. C. O jiu jitsu brasileiro na visão dos não praticantes. **Coleção Pesquisa em Educação Física**, v. 9, n. 2, p. 181-188, 2010.

SALMELA, J. H. Phases and transitions across sports career. *In:* HACKFORT, D. (org.) **Psycho-social issues and interventions in elite sport**. Frankfurt: Lan. 1994. p. 11–28.

SCOGGIN III, J. F. et al. Assessment of injuries during Brazilian jiu-jitsu competition. **Orthopaedic Journal of Sports Medicine**, v. 2, n. 2, p. 1-7, 2014.

SERRANO, M. **Gênesis do Jiu-jitsu**: A história do nascimento das artes marciais. v. 1, 1 ed. São Paulo: Alpha Graphics, 2017.

SILVA, R. M. P.; GALATTI, L. R.; PAES, R. R. Pedagogia do esporte e iniciação esportiva tardia: perspectivas a partir da modalidade basquetebol. **Pensar a Prática**, v. 13, n. 1, p. 1-15, 2010.

SILVA, T. A.; SILVA, C. D.; PAOLI, P. B. Especialização no futebol: controvérsias entre as recomendações pedagógicas e as tendências atuais de seleção e formação de jogadores. Revista Brasileira de Futebol. **Revista Brasileira de Futebol**, v. 4, n. 1, p. 54-63, 2013.

SJJIF. **Sport Jiu-Jitsu International Federation**. Statutes & Bylaws. 2015. Disponível em: https://files.sjjif.com/public/assets/SEPT2017UPDATEDSJJIF_Statutes&Bylaws.pdf. Acesso: 17 jun. 2020.

SMITH, R. E.; SMOLL, F. L. Social-cognitive approach to coaching behaviors. In: JOWETT, S.; LAVALLEE, D. (Eds). **Social Psychology in Sport**. Champaign: Human Kinetics, 2007. p.75-90.

SOBERLAK, P.; CÔTÉ, J. The developmental activities of elite ice hockey players. **Journal of Applied Sport Psychology**, v. 15, n. 1, p. 41-49, 2003.

SOUCOMPETIDOR. ***Website***. Disponível em: www.soucompetidor.com.br. Acesso: 2 abr. 2020.

SOUZA, I. S.; VICENTINI, L.; MARQUES, R. F. R. As Múltiplas Facetas da Participação Esportiva: Contribuições de Jean Côté e Colaboradores. **Quaderns de Psicologia**. v. 22, n. 3, e1547, 2020.

STAMBULOVA, N. Athlete's crises: A developmental perspective. **International Journal of Sport Psychology**, v. 31 n. 4, p. 584-601, 2000.

STAMBULOVA, N. B.; RYBA, T. V. A critical review of career research and assistance through the cultural lens: towards cultural praxis of athletes' careers. **International Review of Sport and Exercise Psychology**, v. 7, n. 1, p. 1-17, 2014.

STAMBULOVA, N. Developmental sports career investigations in Russia: a post-Perestroika analysis. **The Sport Ppsychologist**, v. 8, n. 2, p. 221–237. 1994.

STAMBULOVA, N. et al. Searching for an optimal balance: Dual career experiences of Swedish adolescent athletes. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 21, p. 4-14, 2014.

STAMBULOVA, N. et al. ISSP position stand: Career development and transitions of athletes. **International Journal of Sport and Exercise Psychology**, v. 7, n. 4, p. 395-412, 2009.

STAMBULOVA, N. Symptoms of a crisis-transition: A grounded theory study. In: HASSMÉN, N. (ed.), **SIPF Yearbook**. Örebro: Örebro University Press, 2003. p. 97-109.

STAMBULOVA, N.; STEPHAN, Y.; JÄRPHAG, U. Athletic retirement: A cross-national comparison of elite French and Swedish athletes. **Psychology of Sport & Exercise**, v. 8, n. 1 p. 101-118, 2007.

STARKES, J. L. et al. Deliberate practice in sports: what is it anyway? In: Ericsson, K. (Ed.). **The Road to Excellence**: the acquisition of expert performance in the arts and sciences, sports, and games. Mahwah: Erlbaum; 1996. p. 81-106.

STARKES, J. L., HODGES, N. J. Team sports and the theory of deliberate practice. J **Journal of Sport and Exercise Psychology**. v. 20, p12-34, 1998.

STORM, L. K.; KRISTOFFER, H.; KROGH, C. M. K. Specialization pathways among elite Danish athletes: a look at the developmental model of sport participation from a cultural perspective. **International Journal of Sport Psychology**, v. 43, n. 3, p. 199-222, 2012.

STRACHAN, L.; CÔTÉ, J.; DEAKIN, J.. "Specializers" versus "samplers" in youth sport: comparing experiences and outcomes. **The Sport Psychologist**, v. 23, n. 1, p. 77-92, 2009.

TATAME. Maior premiação, novidades no absoluto e espaço para todos: saiba mais sobre o Mundial 2019 da SJJIF. **Tatame**, 2019. Disponível em: https://tatame.com.br/2019/06/com-maior-premiacao-novidades-no-absoluto-e-espaco-para-todos-saiba-mais-sobre-o-mundial-2019-da-sjjif/ . Acesso: 14 dez 2020.

THOMAS, J. R., NELSON, J. K.; SILVERMAN, S. J. **Métodos de pesquisa em Atividade Física.** Porto Alegre: Artmed, 2007.

TORREGROSSA, M.; CHAMORRO, J. L.; RAMIS, Y. Transición de júnior a sénior y promoción de carreras duales en el deporte: una revisión interpretativa. **Revista de Psicología Aplicada al Deporte y el Ejercicio Físico**, v.1, n. 1, p. 1-10, 2016.

TURNNIDGE, J., HANCOCK, D. J., CÔTÉ, J. The influence of birth date and place of development on youth sport participation. **Scandinavian Journal of Medicine and Science in Sports**, v24, p.461-468, 2012.

TURNNIDGE, J.; CÔTÉ, J. Applying transformational leadership theory to coaching research in youth sport: A systematic literature review. **International Journal of Sport and Exercise Psychology**, v. 16, n. 3, p. 327-342, 2018.

UAEFFJ. **UAE Jiu-Jitsu Federation**. Disponível em: https://uaejjf.com/en/Pages/UAEJJF.aspx. Acesso em: 15 out. 2020.

ULLRICH-FRENCH, S.; SMITH, A. L. Perceptions of relationships with parents and peers in youth sport: Independent and combined prediction of motivational outcomes. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 7, n. 2, p. 193-214, 2006.

VICENTINI, L. **A carreira esportiva de atletas brasileiros de alto rendimento de jiu-jitsu: a perspectiva dos próprios sujeitos**. 2016. 145 f. Trabalho de conclusão de Curso (Graduação em educação física) - Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2016.

VICENTINI, L.; MARQUES, R. F. R. Critérios de mudança de faixa no jiu-jítsu brasileiro: vivências de atletas de alto rendimento. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA DO ESPORTE, 6., 2015, Maringá. **Anais...** Maringá: UEM, 2015a.

VICENTINI, L.; MARQUES, R. F. R. Motivos de abandono da prática por praticantes de jiu-jítsu brasileiro: Ponto de vista dos instrutores de modalidade. **Motriz,** Rio Claro, v. 21. n. 1, p. 11-12. Supplement. 9nd. International Congress of Human Movement Sciences, 2015b.

VICENTINI, L.; MARQUES, R. F. R. A carreira profissional no jiu-jítsu brasileiro: A perspectiva de atletas de alto rendimento que atuam como professores. In: PAIVA, L. (Ed.). **Ciência aplicada às artes marciais**: Educação Física, Psicologia, Nutrição, Fisioterapia, Medicina, Pedagogia, Arqueologia e áreas afins. v. 2, 1ed. Manaus: OMP Editora, 2018a. p. 122-123.

VICENTINI, L.; MARQUES, R. F. R. A produção científica sobre o jiu-jítsu: análise dos artigos, teses e dissertações publicados entre 1996 e 2016. **Movimento**, v. 24, n. 4, p. 1335-1352, 2018b.

VICENTINI, L.; MARQUES, R. F. R. Formação esportiva no jiu-jítsu: generalizações e particularidades na perspectiva de atletas brasileiros de elite. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 32, n. 4, p. 655-670, 2018c.

VON SÖHSTEN, W. **A história do jiu-jitsu em Ribeirão Preto**. Ribeirão Preto: Publicação independente, 2018.

VON SÖHSTEN, W. Entenda o uso correto das ponteiras nas faixas de Jiu-Jitsu. **Gracie Mag**. Jun. 2017.

VON SÖHSTEN, W. Uma breve história das faixas. **Gracie Mag**. n. 222, p. 21, set. 2015.

WALL, M.; CÔTÉ, J. Developmental activities that lead to dropout and investment in sport. **Physical Education and Sport Pedagogy**, v. 12, p. 77-87, 2007.

WIERSMA, L. D. Risks and benefits of youth sport specialization: Perspectives and recommendations. **Pediatric Exercise Science**, v. 12, n. 1, p. 13-22, 2000.

WOOD, J. V.; WILSON, A. E. How important are social comparisons for self-evaluation? In: LEARY, M. R.; TANGNEY, J. P. **Handbook of self and identity**. 1. ed. New York: Guilford Press, 2003. p. 344-366.

WYLLEMAN, P.; LAVALLEE, D. A developmental perspective on transitions faced by athletes. In: WEISS, M. R. (org.) **Developmental Sport and Exercise Psychology**: a lifespan perspective. Morgantown: Fitness Information Technology. 2004. p. 507–527.

YOUNG, B. W.; SALMELA, J. H. Perceptions of training and deliberate practice of middle distance runners. **International Journal of Sport Psychology**. v. 33, p.167-181, 2002.

ZACHARATOS, A.; BARLING, J.; KELLOWAY, E. K. Development and effects of transformational leadership in adolescents. **Leadership Quarterly**, v. 11, n.2, p.211-226, 2000.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

1)Nome; 2) Data de nascimento; 3) Cidade de nascimento;
4) Nível de escolaridade; 5) Profissão

1. Você sempre viveu na sua cidade de nascimento? Se não, conte-me sobre as mudanças de cidade que viveu em toda a sua vida até os dias atuais.
2. Fale sobre sua relação com o esporte e atividade física desde a infância, passando pela adolescência até a idade adulta.
3. Fale sobre todas as suas experiências com modalidades esportivas diferentes do jiu-jítsu[48].
    a. Qual período que treinou cada?
    b. Você se lembra como era o treino e como era sua frequência semanal?
    c. Chegou a competir em alguma? Qual o nível competitivo?
    d. Você parou de treinar? Se sim, por quê?
    e. Como é sua relação atualmente com as modalidades esportivas que citou?
4. Conte como foi o seu início no jiu-jítsu.
    a. Onde?
    b. Como?
    c. Por quê?
    d. Com quem?
    e. Quando foi a primeira vez que você ouviu falar de jiu-jítsu?
5. Fale sobre as atividades que compuseram o treinamento de jiu-jítsu durante sua participação na modalidade esportiva.
6. Qual foi sua frequência semanal no treinamento de jiu-jítsu durante de sua participação na modalidade esportiva?
7. Fale sobre suas experiências envolvendo a competição no jiu-jítsu.
8. Fale sobre quais foram e quais são os seus objetivos em relação ao jiu-jítsu.
9. O que a conquista da faixa preta significou para você?
10. Fale sobre a participação de seus treinadores durante sua participação esportiva na infância, adolescência e idade adulta.
    a. Descreva eventos que você julgue importante quando pensa na sua relação com treinadores de outras modalidades esportivas durante sua participação esportiva.

[48] As questões que acompanham as perguntas principais sinalizadas por letras são “perguntas coringas” que foram feitas nos casos em que os participantes não mencionaram essas informações ao responder à pergunta principal.

b. Você já passou por quantos professores no jiu-jítsu? Fale sobre a participação dos professores na sua formação como faixa preta e como foi sua relação com cada um.

c. Descreva eventos que você julgue importante quando pensa na sua relação com professores de jiu-jítsu durante sua participação esportiva.

11. Fale sobre a participação de seus familiares durante sua participação esportiva na infância, adolescência e idade adulta.

    a. Descreva eventos que você julgue importante quando pensa na sua relação com seus familiares durante sua participação esportiva.

12. Fale sobre sua relação com os colegas de treino durante toda sua participação esportiva na infância, adolescência e idade adulta.

    a. Descreva eventos que você julgue importante quando pensa na sua relação com seus colegas de treino durante sua participação esportiva.

13. Fale sobre sua relação com as federações de jiu-jítsu durante sua participação na modalidade esportiva.

14. Fale sobre sua relação com as equipes de jiu-jítsu durante sua participação na modalidade esportiva.

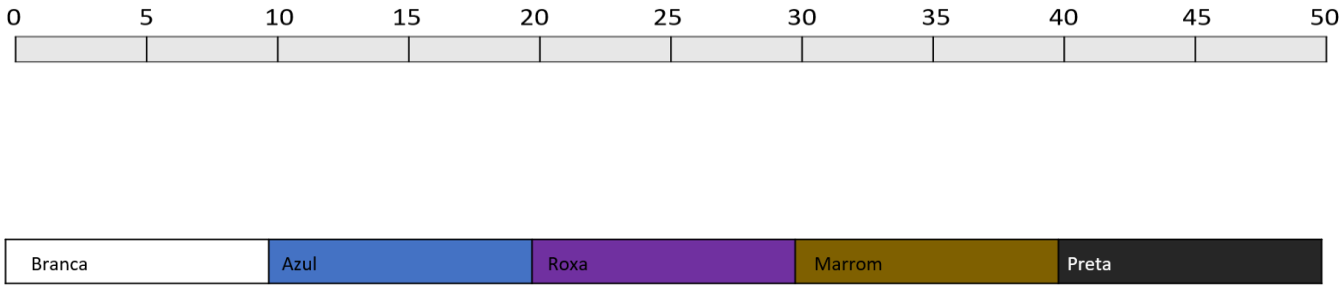
    a. Você já passou por mudanças de equipe no jiu-jítsu? Fale como foi esse processo e quais foram as diferenças percebidas.

15. Você se lembra das idades que tinha em cada mudança de faixa?

    a. Fale sobre os critérios para mudança de cada faixa adotados por seu(s) professor(es).

16. Você já interrompeu seu treinamento no jiu-jítsu por algum período? Se lembra dos motivos? Você já pensou em abandonar o Jiu-jítsu?

ANOTAÇÕES[49]



[49] Foi pensado em um espaço para anotações que permitiu que durante a entrevista se tomasse nota de pontos pertinentes da fala do entrevistado, havendo ainda a possibilidade de fazer uso das linhas do tempo (por idade e por graduação no jiu-jítsu), facilitando o trabalho de condução da entrevista.

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O (a) Sr (a). foi selecionado(a) e está sendo convidado(a) para participar da pesquisa intitulada **"Investigação sobre a trajetória esportiva de praticantes recreativos faixas pretas de jiu-jitsu",** que tem como **objetivo** investigar a trajetória esportiva de praticantes recreativos, graduados faixa preta de jiu-jitsu, da região de Ribeirão Preto/SP a partir da perspectiva dos próprios lutadores. Este estudo tem como **método** de coleta de dados a aplicação de uma entrevista.
Suas respostas serão tratadas de forma **anônima** e **confidencial**, isto é, em nenhum momento será divulgado o seu nome em qualquer fase do estudo. Quando for necessário exemplificar determinada situação, sua privacidade será assegurada uma vez que seu nome não aparecerá em qualquer momento. Os **dados coletados** serão utilizados apenas nesta pesquisa e os resultados divulgados em eventos e/ou revistas científicas.
Sua participação é **voluntária**, isto é, a qualquer momento você pode **recusar-se** a responder qualquer pergunta ou desistir de participar e **retirar seu consentimento**. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição que forneceu os seus dados.
Sua **participação** nesta pesquisa consistirá em responder à entrevista, que será gravada em áudio para posterior análise, visto que isso possibilita a preservação dos dados e análise sobre os temas tratados. Após a utilização do áudio e transcrição das entrevistas, os arquivos serão guardados por 5 anos e após este período serão descartados. O tempo de duração aproximado da entrevista é de 30 a 40 minutos. Esta será realizada pelo pesquisador responsável em local escolhido pelo Sr (a).
O(a) Sr(a). não terá nenhum **custo ou quaisquer compensações financeiras** e haverá garantia de indenização diante de eventuais danos decorrente da pesquisa**.** A pesquisa proposta não apresenta riscos previsíveis, porém a entrevista pode provocar sentimentos desagradáveis por lembranças de experiências negativas já vividas durante a trajetória esportiva. Os **benefícios** relacionados à sua participação serão de aumentar o conhecimento científico para a área de Educação Física e Esporte.
O(a) Sr(a). receberá uma via deste termo onde consta o telefone/e-mail do pesquisador responsável, podendo tirar as suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento. Desde já agradeço!

_____
Pesquisador responsável

Pesquisador responsável:
Lucas Vicentini
Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto. Universidade de São Paulo. Avenida Bandeirantes, 3900, Monte Alegre, Ribeirão Preto/SP.
(16) 994654630
e-mail: lucas.vicentini@usp.br

Declaro estar ciente do inteiro teor deste TERMO DE CONSENTIMENTO, e que minhas respostas à entrevista serão gravadas em áudio e estou de acordo em participar do estudo proposto sob tais condições, sabendo que dele poderei desistir a qualquer momento, sem sofrer qualquer punição ou constrangimento.

Sujeito da Pesquisa: _____
(nome por extenso e assinatura e data)[50]

_____

[50] Dados para possíveis esclarecimentos referentes aos aspectos éticos da pesquisa:
Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Educação Física e Esporte – EEFERP/USP
Avenida Bandeirantes, 3900 - 14040-907 - Ribeirão Preto - SP - Brasil
Fone: (16) 3315-0494
E-mail: cep90@.usp.br